UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

SERGIO RODRIGUES DE SANTANA



EPISTEMOLOGIA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO:
UMA ANÁLISE À LUZ DOS OBSTÁCULOS BACHELARDIANOS

JOÃO PESSOA
2023

SERGIO RODRIGUES DE SANTANA

EPISTEMOLOGIA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE À LUZ DOS OBSTÁCULOS BACHELARDIANOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Ciência da Informação.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientador: Prof. Dr. Edivanio Duarte Souza

Financiamento: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001.

JOÃO PESSOA
2023

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S232e Santana, Sergio Rodrigues de.
Epistemologia em Ciência da Informação : uma análise à luz dos obstáculos bachelardianos / Sergio Rodrigues de Santana. - João Pessoa, 2023.
312 f. : il.

Orientação: Edivanio Duarte de Souza.
Tese (Doutorado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da Informação. 2. Epistemologia. 3. Obstáculos epistemológicos. 4. Avanços epistemológicos. 5. Bachelard, Gaston. I. Souza, Edivanio Duarte de. II. Título.

UFPB/BC CDU 001.102(043)

Elaborado por WALQUELINE DA SILVA ARAUJO - CRB-15/514

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Defesa nº 081

Ata da Sessão Pública de Defesa de Tese do(a) Doutorando(a) **SÉRGIO RODRIGUES DE SANTANA** como requisito para obtenção do grau de Doutor(a) em Ciência da Informação, Área de Concentração em Informação, Conhecimento e Sociedade e com Linha de Pesquisa em Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e três (28/03/2023), das quatorze horas às dezessete horas e quarenta e um mintuso, na sala virtual do Google Meet, conectaram-se via videoconferência a banca examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação para avaliar o(a) candidato(a) ao Grau de Doutor(a) em Ciência da Informação na Área de Concentração Informação, Conhecimento e Sociedade, o(a) doutorando(a) **SÉRGIO RODRIGUES DE SANTANA.** A defesa ocorreu de forma remota, com acesso por meio do link meet.google.com/mcv-qneu-jdy. A banca examinadora foi composta pelos (as) professores(as): Dr. Edivanio Duarte de Souza – PPGCI/UFPB (Presidente/Orientador), Dra. Alzira Karla Araújo da Silva – PPGCI/UFPB (Examinadora interna), Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira – PPGCI/UFPB (Examinador interno), Dra. Ana Cristina de Albuquerque – UEL (Examinadora externa), Dr. Marivalde Moacir Francelin – USP (Examinador externo), Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire– PPGCI/UFPB (Suplente interno) e Dra. Vitória Gomes Almeida – UFCA (Suplente externa). Dando início aos trabalhos, o(a) Professor(a) Dr(a). Edivanio Duarte de Souza, Presidente(a) da Banca Examinadora, explicou aos presentes a finalidade da sessão e passou a palavra ao(a) discente para que fizesse oralmente a apresentação do trabalho de tese intitulado: **EPISTEMOLOGIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UMA ANÁLISE À LUZ DOS OBSTÁCULOS BACHELARDIANOS.** Após a apresentação, o(a) doutorando(a) foi arguido(a) na forma regimental pelos examinadores. Respondidas todas as arguições, o(a) Professor(a) Dr.(a). Edivanio Duarte de Souza, Presidente da Banca Examinadora, acatou todas as observações da banca e procedeu para o julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe o conceito:

(x) Aprovado ( ) Indeterminado ( ) Reprovado.

Observações da Banca:
A banca destacou a criatividade e a inovação de que se reveste a tese, sugerindo a publicação no formato de livro.

Proclamados os resultados e encerrados os trabalhos, eu, Professor(a) Dr. Edivanio Duarte de Souza, Presidente da Banca Examinadora, lavrei a presente ata que segue assinada digitalmente por mim e pelos demais membros, juntamente com os pareceres de avaliação da Tese e defesa de tese do(a) doutorando(a), devidamente assinados por seus respectivos avaliadores e em formato digital.

João Pessoa, 28 de março de 2023.

gov.br Documento assinado digitalmente
EDIVANIO DUARTE DE SOUZA
Data: 01/04/2023 14:52:35-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Edivanio Duarte de Souza
Orientador/Presidente – PPGCI/UFPB

gov.br Documento assinado digitalmente
ALZIRA KARLA ARAUJO DA SILVA
Data: 04/04/2023 13:25:15-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva
Examinadora Interna – PPGCI/UFPB

gov.br Documento assinado digitalmente
HENRY PONCIO CRUZ DE OLIVEIRA
Data: 20/04/2023 15:50:09-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Henry Poncio Cruz de Oliveira
Examinador Interno – PPGCI/UFPB

gov.br Documento assinado digitalmente
ANA CRISTINA DE ALBUQUERQUE
Data: 21/04/2023 19:39:59-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Profa. Dra. Ana Cristina de Albuquerque
Examinador Externo – UEL

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIVALDE MOACIR FRANCELIN
Data: 02/05/2023 13:34:21-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Marivalde Moaci Francelin
Examinador Externo – USP

Prof. Dr. Gustavo Henrique de Araújo Freire
Suplente interno – PPGCI/UFPB

Profa. Dra. Vitória Gomes Almeida
Suplente externa – UFCA

Sergio Rodrigues de Santana

Sérgio Rodrigues de Santana
Doutorando(a)

AGRADECIMENTOS

Mais uma, vez faço os agradecimentos de forma poética aos sujeitos importantes nos meus processos acadêmicos na graduação, no mestrado e, agora, no doutorado. Para isso, dediquei a cada pessoa uma canção da dupla sueca Roxette (Per Gessle e Marie Fredriksson – *In Memorian* - 2019), de quem realmente sou fã de paxião, de amor e de tesão; canções que marcaram quase quarenta temporadas de vida, e que pode representar os/as meus/minhas pares acadêmicos/as, familiares, amigos/as e amores de alma e carnais.

Em primeiro lugar, agradeço...

A Deus: *Living here without you; Is not an easy way of life; I spend my time without you; I try to make it all worthwhile; Standing in a rainfall; Coming down from the sky; Why should I cry over you? Why should I cry, cry, cry over you? (Cry, Roxette, Look Sharp!,* 1988).

Ao Meu Orientador, Edivanio Duarte de Souza, pela amizade científica, pelo acolhimento da temática e pela leveza: *Listen to your heart when he's calling for you, Listen to your heart, there's nothing else you can do, I don't know where you're going and I don't know why, But listen to your heart before you tell him goodbye (Listen To Your Heart, Roxette, Look Sharp!,* 1988).

Aos(às) professores(as)

À Joana Coeli Ribeiro Garcia, pelo carinho, pela consideração, pelos aprendizados e por acreditar em minha tese: *Since you're all on a ship;With the wind, and the sun; Here it goes, just one night; 'cause you're not really sure; If you want to be alone; Come on and check; Check it, come on over; There is something going on* (*Good karma, Roxette Good Karma*, 2016).

À Maria de Fátima Pereira Alberto, pelo carinho, pela consideração e pelos aprendizados: *Been living on my own*; *With just a fork and spoon*; *Keeping my mind tidy in my tidy room*; *All I*; *All I ever really wanted*; *All I ever really needed*; *Was a minute to find my space in the show, oh, oh*; *Then I suddenly got to know*; *I heard a voice singing high and low*; *And it sounded like a love song to me*; *I'm a sunflower (Sunflower, Roxette, Pop-Up Dynamo!,* 2022).

À Gracy Kelli Martins Goncalves, pela amizade, pelo carinho, pela consideração e pelo acolhimento: *Have you ever had the feeling; You take it all for granted; You wake up every morning; And expect to rise; Have you ever had a moment; To look into the mirror; To find a person; Who won't open her eyes; Have you ever felt a presence; (or is it all in the past, dear?);* (*No One Makes It On Her Own, Roxette, Charm School,* 2011).

À Maria Cleide Rodrigues Bernardino, pelo carinho, pela consideração, pela leveza e pelas oportunidades: *You keep on walkin' on the other side; Other side; Other side; You keep on walkin' on the other side; Other side; Other side; Wherever you go; I'm going with you; Shouldn't you know I'm bound to follow; Whatever you say; Whatever you do; I give you a clue; I'm gonna follow* (*Stars, Roxette, Heve A Nice Day*, 1999).

À Alzira Karla Araujo da Silva, pela doçura, pelo carinho e pelos aprendizados – *She's an angel passing through the room; (would you like to know her?); She's an angel passing through my room; (would you like to know her?); The red settin' sun feathers down in field of heather; Beautiful; She's then and now, forever* (*Angel Passing, Roxette, Travelling*, 2012).

Ao Henry Poncio Cruz de Oliveira, pelo apoio: *Now it's about time i wrote you a letter; Hey baby, it's me for worse or for better; Got nothing to waste in pace for another lane; No loss, only gain; I know all we had has dried like the desert(After All, Roxette, Charm School*, 2010).

À Clênia Maria Toledo de Santana: *Perfect Excuse; I wouldn't come alone; I took my memories along; If there's something that i've learned; You can't deny the way; The past dictates each dawn; It's not that i'm afraid; God knows i've made my set of rounds; It's just the way it feels tonight; That makes me lose the plot; What's really goin' down* (*Perfect Excuse, Roxette, Travelling*, 2012).

Aos Amores carnais e espirtuais

Ao Cleriston de Oliveira Rocha, pela aventura romântico-sexual transformada em amizade, carinho, consideração e risadas: *Things will never be the same. Can you hear me call your name? If we changed it back again, Things would never be... In your hand, babe, I don't understand, You've got the eyes of a child, But you hurt like a man always do, always do. Joyride* (*Things will never be the same, Roxette, Joyride*, 1991).

À Damiana Rodrigues de Santana – minha irmã – *She's so vulnerable, Like china in my hands, She's so vulnerable, And I don't understand, I could never hurt the one I love, She's all I've got, But she's so vulnerable, Oh, so vulnerable (Vulnerable, Roxette, Crash, Boom, Bang*, 1994).

À Izabel França, pela amizade, pelo carinho e pela consideração: *Love is all, love is all around you; Love is there in your laughter, in your hair, love flows everywhere; Love is old, love is older than you; But the light shining through, makes me see, your love is all new; Hey, sha la la; Shine a light, shine on me; Shine your light on me, sha la la* (*Love Is All/shine Your Light On Me, Roxette, Crash, boom, Bang*, 1994).

À Carla Daniella Teixeira Girard, pela amizade, pelo carinho, pelo acolhimento e pelas oportunidades: *Hello, you fool I love you! C'mon join the joyride; I hit the road out of nowhere; I had to jump in my car; And be a rider in a love game; Following the stars; Don't need no book of wisdom; I get no money talk at all; She has a train going downtown; She's got a club on the moon; And she's telling all her secrets* (*Joyride, Joyride,* 1992).

À Deise Santos, pela amizade, pelo carinho e pelo acolhimento: *Speak to me with tenderness; Speak to me with gracefulness; Speak to me with happiness and love; Speak to me in loneliness; Speak to me in bitterness; Speak to me in faithlessness with love; You want to hide when you're alone; Where do you run to when you're on your own?* (*Speak to me, Roxette, Charm School,* 2011).

À Patrícia Duarte, pela amizade: *From a Distance; Even if you spend time; I'm hard to find, in line; No tears for me; No hint of sadness inside; Though I'm angry, lonely; Got no life to live; And I'm hungry, thirsty; For all love can give; But I, won't show you any sign; Everything looks fine; From a distance* (*From a Distance, Roxette Good Karma*, 2016).

À Ozilma Freire, pela amizade: *She was the first girl on the moon; She didn't compromise; She didn't compromise; when she took off that cold afternoon; heading for the northern skies; I told her I could come, that I could come along; She was the first girl on the moon; I think I was her only friend; She brought her raygun, an old harpoon; just in case of accidents* (*She was the first girl on the moon, Roxette*, *Crash! Boom! Bang,* 1994).

À Delian Paulo, pela amizade, pelo carinho e pela consideração: *I once knew a girl; I can't remember her name; But I remember her face; Cos her sister looked the same; They both left school; But they couldn't find a job; So they said farewell; And stole a small town car; As they were riding; By the beach some; summer night; The Radio shouted out; one of those songs; that might just; change your life* (*Fireworks, Roxette, Crash! Boom! Bang,* 1994).

Aos(às) colegas da Pós-Graduação em Ciência da Informação

À Maytê Luanna Dias de Melo, pela amizade, pelo carinho e pelo coleguismo frutífero: *My papa told me to stay out of trouble, When you've found your man, make sure he's for real!, I've learned that nothing really lasts forever, I sleep with the scars I wear that won't heal, They won't heal,'Cause every time I seem to fall in love, Crash, boom, bang (Crash, boom, bang, Roxette, Crash, boom, Bang*, 1994).

À Raimunda Fernanda dos Santos, pela amizade, pelo carinho, pelo acolhimento e pela produção: *She's got nothing on but the radio, She's a passion play, And like the break of day, She takes my breath away, (She's Got Nothing On/But the Radio, Roxette, Charm School,* 2010).

À Denise Braga Sampaio, pela doçura: *I was alone; I told my mouth to shot up cos I was talking to myself; like I always do when I'm stuck; Well, I was crying; You could be crying too; I was screaming throungh the windown, I keep missing you; And the tears came down from the sky; And the rain feel hard on my eyes* (*Fool, Roxette, Room Service,* 2001).

Ao Levi Cadmiel Amaral da Costa, pela leveza e por trazer a Bibloteconomia de volta à minha vida: *The first time we met time stood still; You left me breathless; Suddenly speechless; Within the hour we were one; Two total strangers kissing the moonlight; Oh, you know I'm sorry I had to go; I'm really sorry it had to die; I'm really sorry I made you cry*(*I`m Sorry, Roxette, Crash, boom, Bang,* 1994).

À Walqueline da Silva Araújo, pela doçura do coleguismo: *In My Own Way; I gathered a mountain; An ocean of teardrops; A castle of break-ups; To hide myself in; I've waited a lifetime; For someone to find me; For someone to reach me; Somewhere to begin; Now I'm a woman; I can tell by the look in your eyes; We're no strangers; I can tell by the way that you smile* (*In My Own Way, Roxette, Charm School,* 2011).

À Pollianna Marys de Souza e Silva, pelo carinho e pelo acolhimento: *1-2-3-4 walking like a man, Hitting like a hammer, She's a juvenile scam, Never was a quitter, Tasty like a raindrop, She's got the look. Heavenly bound cause heaven's got a number, When she's spinning me around, Kissing is a colour, Her loving is a wild dog, She's got the look* (*The Look, Roxette, Look Sharp!* 1988).

Ao Rayan Aramis de Brito Feitoza, pelo acolhimento: *Beautiful things are comin' my way; Beautiful things, I want them to stay; But after a while my beautiful things; don't seem beautiful at all; Terrible things like when you wake up; and all of your dreams seem to crack up; Like things you have done; like breakin' my heart; For you don't seem terrible at all* (*Beautiful Things, Roxette, Heve A Nice Day,* 1999).

À Adelaide Helena Targino Casimiro, pelo acolhimento: *I left and wrote down this song cos my life looked so shattered; I thank the Lord I'm still strong like before; I picked myself up from the floor; I tried; I tried just a little bit harder, oh yeah; If someone wants you to bleed and it feels like your're dying; Don't make the moves you don't need*(*Try (Just A Little Bit Harder), Roxette, Room Service,* 2001).

À Fernanda Mirelle de Almeida Silva, pelo acolhimento e por facilitar minha vida: *There's a shadow on the terrace; A snowdance for the living; There's heavy weather on the way; I heard it on the news; And life's a tough principal who won't reward the losers; Your name is on the tea-cup; There's nothing I can do; But to wish you'd think about me before you go to sleep* (*Go To Sleep, Roxette, Crash, boom, Bang,* 1994).

À Anna Raquel de Lemos Viana, pelo coleguismo: *Some days are covered in rain; While other days are made for glory; And you are the summer sun; The only one who knows the story; Do you wanna talk about it? I don't know; Do you wanna say some words? Oh, I can't let go; I'm talking 'bout my world, my love, my life; Every time I try to close my eyes; You just enter my mind; And you lay yourself down beside me; Oh, why?* (*My World, My Love, My Life, Roxette, Room Service,* 2001).

Aos(às) amigos e amigas

À Eliane Epifane Martins, pela amizade e pela consideração: *Everything here, close to me; is just the way I want it to be; It's all about faith; it's all about trust; all about luck and all about lust; My wish comes true; my wish comes true; I don't mind showing for you; I reveal everything for you; Just about anything* (*Reveal, Roxette, A Collection of Roxette Hits: Their 20 Greatest Songs!,* 2007).

Ao Estanislau Brito, pela amizade e pela consideração: *What am I gonna do when I get a little excited; A little in pain, tell me; What am I gonna say when I find the centre of my heart; Is a suburb to the brain; You wear them so well; Those innocent eyes; You're putting on a wonderful disguise; I want you so bad; I'm pushing my luck* (*The Centre Of The Heart, Roxette, Room Service,* 2001).

Ao Daniel Jackson Estevam da Costa, pela amizade: *I've got a hot chilly feeling I don't understand; I've got to run through this minute like a hurricane*; *I've got to tighten my wire from the sense to the soul*; *I find my back to the wall when it's time to go*; *I've got to know is that your heartbeat?*; *Paint me right*; *Can you feel the heat in me tonight? Oh, I*; *I'm the pearl*; *Paint your love all over my world* (*Paint, Roxette, Look Sharp!* 1988).

Ao Sandro Paulino, pela amizade e pelos acolhimentos, nos momentos difíceis: *What's the time? Seems it's already morning; I see the sky, it's so beautiful and blue; The TV's on, but the only thing showing is a picture of you; Oh, I get up and make myself some coffee; I try to read a bit, but the story is too thin; I thank the Lord above*(*Spending My Time, Joyride,* 1992).

Ao Jhunho Barbalho Renor , pela amizade: *Why don't you take the rest of the day off you do deserve a break; follow that road, it ain't long; just cross that silver lake; yea, pass the pond, the off-white fence; when you see the mailbox to the left you've made it all right; no way to go wrong; all you do is blow that horn; it takes you no time to get here; just drive out of town today; it takes you no time to get here and when; you've arrived you might as well stay; you might as well stay* (*It Takes You No Time To Get Here, Roxette, Room Service,* 2001).

Ao Saulo Tasso de Menezes, pela amizade: *Halfway through the night; I wake up in a dream; Echoes in my head; Make every whisper turn into a scream; I dreamed I could fly; Out*

in the blue; Over this town; Following you; Over the trees; Subways and cars; I'd try to find out; Who you really are (*I Wish I Could Fly, Roxette, Heve A Nice Day,* 1999).

À Jeane Alves Araújo, pela amizade contruída na Biblioteconomia: *Going through the motions;Ending up; Nowhere at all; Can't see the sun on my wall; Going through emotions; Ending up; On a frozen morning; With a heart not even broken; Seems I've been running; All my life; All my life. (Watercolours In The Rain, Joyride*, 1992).

A todos e todas do GEINCOS, especialmente:

À Mirian de Albuquerque Aquino, por tudo: *If you really need some water, pray for rain; If you're waking up cold, make a fire inside; If you want a tree that leads to heaven, plant the seeds that grow; If you need something to believe in; To the turn of the tide; To the glow of the moon; To the sound of the rain; To the sweet scent of dew* (*Turn of the Tide, Roxette, Travelling*, 2012).

À Alba Cleide Calado Wanderley, pela amizade, pelo carinho, pela consideração e pela confiança: *She had those magic eyes you could see from miles Around; She wore her summer dresses bright; Quite like the sky; She always came in colours; All smiles in daffodils; She let her hair down in the breeze; But every little thing has changed today - little Miss Sorrow* (*Little Miss Sorrow, Roxette The Pop Hits*, 2002).

Ao Ewerton Alves, pela amizade e pela leveza: *There's a hidden meaning in everything he says; every close encounter, every kiss, every caress; Even the truth has got that bitter taste of a lie; Well, I can read his lips; but I can't read his mind; I can see him dance away now oh oh - oh oh oh; I can see him dance away now oh oh - oh oh oh; I can see him dance away; He was one of the kind that seems so hard to find* (*Dance Away, Roxette, Look Sharp!* 1988).

À Leyde Klebia Rodrigues da Silva, pelo apoio: *Dressed For Success, Tried to make it little by little, Tried to make it bit by bit on my own; I quit the job, the grey believers; Another town where I get close to the bone; What you're gonna tell your brother? Oh, oh, oh, What you're gonna tell your father? I don't know! What you're gonna tell your mother? Let me go; I'm gonna get dressed for success; Shaping me up for the big time, baby; Get dressed for success, Shaping it up for your love; For your love, yeah, yeah, yeah* (*Dressed For Success, Roxette, Look Sharp!* 1988).

Familiares

À Maria de Fátima de Freitas: *Breathe your life... I've got to come down; I've been awake for far too long; My eyes look torn, they were so strong; I wore the crown, I wrote the song; Now it's fading; My heart was open; Like a window to a summer breeze; I breaaaathed your*

love; I filled my lungs and veins; And I breaaathed your love; Until I felt the pain; And like rain it slipped away (*Breathe, Roxette The Ballad Hits*, 2002).

À Amanda Cristina Perigo de Freitas: *Once upon a time there was a little girl; Once she was mine; In my heart the only one; I wonder where you are; I know you're somewhere in me; I can see your smile when I close my eyes; Oh, little girl; Where did you go, little girl; I miss you so; I remember when she was mine* (*Little Girl, Roxette, Room Service,* 2001).

À Ananda Shirley Perigo de Freitas: *Puede ser; que la tonta sea yo; que sin saberlo algo falló; Puede que sí...puede que no; El caso es; que mi vida va al revés; que lo sinto siempre después; cuándo no hay nada que hacer; Soy una mujer y as veces me equivoco; porque me fío de mi corazón; Soy una mujer y por amor yo soy capaz de todo* (*Soy una mujer*, *Roxette, Baladas en Español.* 1996).

À Iaponira Henrique, por me ajudar a superar um momento díficil de minha vida: *I was rasied the Northern way; and my father had a Northern name; I did my crying out in the pouring rain; And a season turned into another one; I found a heart bright like the morning sun; He touched my lips, so softly, with his fingertips; But I kept the rain, falling down on me* (*The Rain, Roxette*, *Tourism,*1992).

Ao Ilderlândio Palmeira, por me ajudar a superar um momento difícil de minha vida: *You Make It Sound So Simple; The world looks complicated; The universe so frustrating; I wish I was blind, just for a moment; I'm having a hard time sleeping; I'm fighting a far light visions; Images in my mind; I'm saying my prayers; But you make it sound so simple, so simple; You make it sound so simple, so simple* (*You Make It Sound So Simple ,Roxette, Good Karma,* 2016).

À Iracy Palmeira, por me ajudar superar um momento difícil de minha vida: *Anyone who have a love close to this; Knows what I'm saying; Anyone who wants a dream to come true; Knows how I'm feeling; All I can think of is you and me; Doing the things I want to do; All I imagine is heaven on earth* (*Anyone,Roxette, Heve A Nice Day,* 1999).

Ao Osmar Caetano Xavier: *Can't we leave the world outside; Just for a while, just for a while? And spend some time, you and I; Under this bright glorious sky; It's been so long since I first saw you; But I still love that smile in your eyes; Yes it's true, right from the start; I believed in the church of your heart; Yes it's you that made me be part of; And believe in the church of your heart* (*Church Of Your Heart*, *Roxette*, *Joyride*, 1991).

Ao Carlos Augusto Diniz Ramalho: *You locked the door*; *Don't know why*; *You had to keep*; *It all inside*; *Just had to smell*; *That sweet perfume*; *And watch the stars*; *The soul, the room*; *Some other summer*; *Some other summer*; *You will do better* (*Some Other Summer (feat. Sebastien Drums, Roxette, Good Karma*, 2016).

O ser humano é naturalmente um fator de interiorização privilegiado. Parece que o homem pode sentir e conhecer diretamente as propriedades íntimas de seu ser físico. A obscuridade do eu sinto predomina sobre a clareza do eu vejo. O homem tem consciência de ser, por seu corpo tomado de um vago sentimento, uma substância.

(Bachelard, 1996, p. 14).

RESUMO

A ciência como fruto da inteligência é instanciada pelos fenômenos sociais e culturais contemporâneos conduzidos por pesquisador apaixonado e por pesquisador senciente. Essas interferências refletem nos domínios da razão, da filosofia e da epistemologia, e podem potencializar os obstáculos epistemológicos, que são entraves mentais e materiais que impedem o progresso da ciência, isso inclui a paixão e o amor, entre outros sentimentos, emoções e afetos que o cientista da informação direciona para a própria ciência a partir do pensar e do fazer. Assim, tem-se como objetivo geral investigar elemetnos da Ciência da Informação que potencializam os obstáculos epistemológicos, tomando como referências as condições históricas e conceituais que estão intersecionas e situadas entre a abordagem identitária e a abordagem epistemológica. Para tanto, buscou-se, especificamente, identificar os discursos epistêmicos pautados no campo; construir as redes epistêmicas dos estudos epistemológicos na produção científica da área; demarcar o conjunto fenômenotécnico no escopo dessa produção; delimitar os obstáculos epistemológicos; e descrever os avanços epistemológicos no âmbito Ciência da Informação. O referencial teórico-metodológico focou na triangulação de dados por meio do Método Quadripolar, da Análise do Discurso e do Método de Análise de Redes, a partir de uma abordagem quantitativo-qualitativa. O trabalho se direciona pela epistemologia histórico-crítica de Gaston Bachelard, operacionalizado a partir de discrições de acontecimentos para construção de um ideal de Ciência da Informação. Há condução das críticas através de suspensões, reconfigurações e rompimentos como ferramentas mentais, assim logo concebida crítica e mental, uma vez que foca na formação do espírito científico no âmbito da noção da Psicanálise do Conhecimento científico e seu alargamento teórico. O *lócus* de pesquisa foi a Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil, que inclui 18 programas, com recorte temporal delimitado no período de 2000 a 2022. O *corpus* foi constituído por 132 trabalhos, sendo 76 dissertações, que corresponderam a 58%, e 56 teses, que corresponderam a 42% dos trabalhos analisados. Dos 132 trabalhos, foram extraído um total de 274 ‘estrato-essências’, que se referem aos discursos científicos que possibilitaram a construção das micro-categorias de análise. Essas micro-categorias possibilitaram a construção das macro-categorias de análise que se referem aos obstáculos epistemológicos e aos avanços epistemológicos. Aqueles compreendem o *Looping*, o Eco, o *Delay* e o Bumerangue, ao passo, que estes contemplam o Avanço Pós-moderno, o Avanço Social, o Avanço Poli-Fenômenotécnico e Derivação do Objeto Científico. As redes epistêmicas sistematizadas evidenciam os construtos que refletem a conformação do campo da Ciência da Informação, a partir da fenomenotécnica que retratam tanto os obstáculos quanto os avanços epistemológicos. Esse conjunto fenomenotécnico inclui a falta de derivação, a ruminação teórica, a historização, a unanimidade apaixonante, a transferência inquestionável de constructos, a vigilância do objeto, o falso retorno e a comparação. Considera-se que todos esses tecnofenômenos configuram-se, direto e indiretamente, na busca da construção ideal de unidade e/ou identidade no campo da Ciência da Informação.

Palavras-chave: Ciência da Informação; Epistemologia; obstáculos epistemológicos; avanços epistemológicos; Gaston Bachelard.

ABSTRACT

Science as a fruit of intelligence is instantiated by contemporary social and cultural phenomena conducted by passionate researcher and by sentient researcher. These interferences reflect in the domains of reason, philosophy and epistemology, and can potentiate epistemological obstacles, which are mental and material obstacles that impede the progress of science, this includes passion and love, among other feelings, emotions and affections that the information scientist directs to science itself from thinking and doing. Thus, the general objective is to investigate elements of Information Science that enhance epistemological obstacles, taking as references the historical and conceptual conditions that are intersectional and located between the identity approach and the epistemological approach. For that, we specifically sought to identify the epistemic discourses based on the field; build the epistemic networks of epistemological studies in the scientific production of the area; demarcate the technical phenomenon set within the scope of this production; delimit the epistemological obstacles; and describe the epistemological advances in the field of Information Science. The theoretical-methodological framework focused on data triangulation through the Quadripolar Method, Discourse Analysis and the Network Analysis Method, based on a quantitative-qualitative approach. The work is guided by the historical-critical epistemology of Gaston Bachelard, operationalized from descriptions of events for the construction of an ideal of Information Science. There is conduction of criticism through suspensions, reconfigurations and disruptions as mental tools, thus conceived as critical and mental, since it focuses on the formation of the scientific spirit within the scope of the notion of Psychoanalysis of Scientific Knowledge and its theoretical extension. The locus of research was the Graduate Program in Information Science in Brazil, which includes 18 programs, with a time frame delimited in the period from 2000 to 2022. The corpus consisted of 132 works, of which 76 were dissertations, which corresponded to 58%, and 56 theses, which corresponded to 42% of the works analyzed. Of the 132 papers, a total of 274 'strata-essences' were extracted, which refer to the scientific discourses that enabled the construction of the micro-categories of analysis. These micro-categories enabled the construction of macro-categories of analysis that refer to epistemological obstacles and epistemological advances. Those include Looping, Echo, Delay and Boomerang, while the latter include Postmodern Advancement, Social Advancement, Poly-Phenomenontechnical Advancement and Derivation of the Scientific Object. The systematized epistemic networks show the constructs that reflect the conformation of the field of Information Science, from the phenomenological techniques that portray both the obstacles and the epistemological advances. This phenomenotechnical set includes the lack of derivation, theoretical rumination, historicization, passionate unanimity, the unquestionable transfer of constructs, surveillance of the object, false return and comparison. It is considered that all these technophenomena configure, directly and indirectly, the search for the ideal construction of unity and/or identity in the field of Information Science.

Keywords: Information Science; epistemology; epistemological obstacles; epistemological advances; Gaston Bachelard.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Marcha teórico-metodológica 36
Figura 2 - Triangulação metodológica de intermétodos 38
Figura 3 - Método quadripolar 39
Figura 4 - Orbita entre os polos 45
Figura 5 - Método de Análise de Redes Sociais 46
Figura 6 - Categorias de buscadores em torno da epistemologia da Ciência da Informação..... 50
Figura 7 - Análise do Discurso 52
Figura 8 – Fenômenotécnica 60
Figura 9 - Divergências e convergências nas condições de produção na Ciência da Informação..... 63
Figura 10 - Ciência da Informação 68
Figura 11 - Conceitos, áreas cientificas e tecnologias Ciência da Informação..... 69
Figura 12 – Empatia 77
Figura 13 – Ética 80
Figura 14 – Moral 82
Figura 15 – Responsabilidade 83
Figura 16 - O sujeito tácito 84
Figura 17 - O sujeito Informacional 85
Figura 18 - Psicanálise do conhecimento científico 86
Figura 19 - Psicanálise da Responsabilidade Social 87
Figura 20 - Obstáculo *looping* 121
Figura 21 - Obstáculo eco 125
Figura 22 - Representações esponjas 129
Figura 23 - Pontos estruturais, nucleares e transversos do kitsch..... 132
Figura 24 - Obstáculo *delay* 136
Figura 25 - Obstáculo bumerangue 140
Figura 26 - Avanço pós-moderno 155
Figura 27 - Avanço social 167
Figura 28 - Avanço poli-fenômenotécnico 182

Figura 29 - Carlos Cândido de Almeida 192
Figura 30 - Edivanio Duarte de Souza 193
Figura 31 - Gustavo Silva Saldanha 194
Figura 32 - Isa Maria Freire 195
Figura 33 - Lena Vânia Ribeiro Pinheiro 196
Figura 34 - Leilah Santiago Bufrem 197
Figura 35 - Maria Nélida González de Gómez 198
Figura 36 - Marlene Oliveira 199
Figura 37- A derivação do objeto científico 208

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 - Macro rede epistêmica 112
Grafo 2 - Obstáculos epistemológicos e avanços epistemológicos da Ciência da Informação 118
Grafo 3 - Micro rede azul claro - Biblioteconomia e Ciência da Informação 141
Grafo 4 - Micro rede verde - pós-modernidade 157
Grafo 5 - Micro rede vermelha 164
Grafo 6 - Micro rede vermelha - Responsabilidade Social 168
Grafo 7 - Micro rede vermelha - informação étnico-racial 170
Grafo 8 - Micro rede vermelha – mulher 172
Grafo 9 - Micro rede laranja - informação gênero-sexualidade 174
Grafo 10 - Micro rede vermelha – epistemicídio 176
Grafo 11 - Micro rede verde claro – avanço poli-fenômenotécnico 185
Grafo 12 - Epistemológos contemporâneos 191
Grafo 13 - Micro rede verde claro – produção científica (artigos, dissertações e teses) 201
Grafo 14 - Micro rede verde claro – indicadores 203
Grafo 15 - Micro rede verde claro – redes de colaboração cientifica 204
Grafo 16 - Micro rede roxo – informação 209

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - *Corpus* quantitativo 90
Gráfico 2 – Porcentagem do recorte temporal 91
Gráfico 3 – Produção de dissertações por região 92
Gráfico 4 - Produção de teses por região 93
Gráfico 5 - Produção de dissertações e teses por programas 94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil 49
Quadro 2 - Ciências da Informação (53001010018P0) – UNB 94
Quadro 3 - Ciência da Informação (33004110043P4) - UNESP-MARÍLIA 95
Quadro 4 - Ciência da Informação (24001015049P7) - UFPB-JP 98
Quadro 5 - Ciências da Informação (32001010028P2) – UFMG 99
Quadro 6 - Ciência da Informação (25001019077P3) – UFPE 101
Quadro 7 - Ciência da Informação (41001010052P0) – UFSC 102
Quadro 8 - Ciência da Informação (31001017138P0) - UFRJ - IBICT 103
Quadro 9 - Ciência da Informação (28001010041P0) – UFBA 107
Quadro 10 - Ciência da Informação (33001014052P3) – UFSCar 108
Quadro 11 - Ciência da Informação (31003010063P6) – UFF 108
Quadro 12 - Ciência da Informação (33002010195P5) – USP 109
Quadro 13 - Ciência da Informação (40002012048P2) – UEL 110
Quadro 14 - Ciência da Informação (15001016158P5) – UFPA 110
Quadro 15 - Ciência da Informação (26001012171P2) – UFAL 111
Quadro 16 - Ciência da Informação (22001018085P8) – UFC 111
Quadro 17 - Diversidade e inomogeneidade da interdisciplinaridade 151

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnias

APF - Avanço Poli-Fenômenotécnico

APM - Avanço Pós-Moderno

AS - Avanço Social

BG - Bumerangue

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCHL – Centro de Ciências Humanas e Letras

CCSA - Centro de Ciência Sociais Aplicas

CDC - Curso de Documentação Científica

CE- Centro de Educação

DL - Delay

DO – Doutorado

DOC - Derivação do Objeto Científico

EC - Eco

EUA – Estados Unidos da América

GEINCOS - Grupo de Pesquisa Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ISR - Information Systems Research

LGBTQIA+ - Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros: Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais e Assexuais

LGBT - Lésbicas, Bissexuais, Transgêneros: Transexuais e Travestis

LP – Looping

ME - Mestrado Acadêmico

MP - Mestrado Profissional

NBR – Norma Brasileira

RIS - Research Information Systems Document

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UFAL – Universidade Federal de Alagoas

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFC - Universidade Federal do Ceará

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

UFF - Universidade Federal Fluminense

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UnB - Universidade de Brasília

UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

USP – Univeridade de São Paulo

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	**24**
2	**REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO**	**35**
2.1	**Triangulação metodológica**	**37**
2.2	**Método quadripolar: método principal**	**39**
2.2.1	Polo epistemológico	40
2.2.2	Polo teórico	42
2.2.3	Polo técnico	42
2.2.4	Polo morfológico	44
2.3	**Análise de Redes Sociais: método de apoio**	**45**
2.4	**Análise do Discurso: método de apoio**	**51**
3	**RACIONALISMO APLICADO E FENÔMENOTÉCNICA**	**55**
4	**A TRÍADE EPISTÊMICA: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO**	**63**
5	**CONCEPÇÕES CONSONANTES E DISSONANTES SOBRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O SEU OBJETO CIENTÍFICO**	**67**
6	**A PSICANÁLISE DA RESPONSABILIDADE SOCIAL**	**74**
6.1	**O sujeito empático**	**77**
6.2	**O sujeito ético**	**80**
6.3	**O sujeito moral**	**81**
6.4	**O sujeito responsável**	**82**
6.5	**O sujeito tácito**	**84**
6.6	**O sujeito informacional**	**84**
7	**CONDIÇÕES GERAIS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA: O *CORPUS* QUANTITATIVO**	**90**
8	**CONJUNTO FENÔMENOTÉCNICO NO ESCOPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DOS OBSTÁCULOS AOS AVANÇOS EPISTMÊMICOS**	**112**
9	**OBSTÁCULOS EPISTEMICOS**	**121**
9.1	**Obstáculo *looping*: o mantra compulsivo**	**121**
9.2	**Obstáculo eco: a natureza *ipsis itteris***	**125**
9.3	**Obstáculo *delay*: para sempre jovem**	**136**
9.4	**Obstáculo bumerangue: Biblioteconomia e Ciência da Informação**	**139**

10 AVANÇO EPISTEMOLÓGICOS..... 154

10.1 Avanço pós-moderno 155

10.2 Avanço social: da Responsabilidade Social ao epsitemicidio 163

10.3 Avanço poli-fenômenotécnico 182

10.4 Derivação do objeto científico 202

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS 214

REFERÊNCIAS 218

APÊNDICE A– ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO *LOOPING* 244

APÊNDICE B – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO ECO 252

APÊNDICE C –ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO *DELAY* 260

APÊNDICE D – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO BUMERANGUE 258

APÊNDICE E – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO PÓS-MODERNO 270

APÊNDICE F – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO SOCIAL 277

APÊNDICE G –ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO POLI-FENOMENOTÉCNICO 290

APÊNDICE H –ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – DERIVAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO 309

1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como meta-objeto[1] os obstáculos epistemológicos, que, para Bachelard (1996), compreendem qualquer entrave da vida psíquica e comportamental que impede o progresso científico. Foca-se, especialmente, os obstáculos epistemológicos que estão fincados na Ciência da Informação, área que nesta pesquisa se figura como objeto de estudos. O interesse neles não tem cunho obscuro, com o objetivo de diminuir o valor deste campo científico, mas para colaborar de forma poli-epistemológica a partir da re-inscrição de uma direção não adotada, o de questionar seu próprio *Ethos*.

É exatamente na lógica inversa sem perder a cientificidade, saindo de uma tradição composta pelo habitual e/ou usual, em que todos os cientistas da informação tem feito a cada dia, por anos, atravessando décadas e mais de meio século de 'institucionalização' da Ciência da Informação.

Esse percurso epistêmico *avant-garde*, mas genuíno quando se pretende compreender a cientificidade dessa ciência, para além dos olhares apaixonados, via olhares sencientes, que é condição básica do epistemólogo, despir-se na medida do possível, do amor pela própria ciência, especialmente, se desvestir da paixão, e, se necessário, construir uma estratégia inédita para tal.

Com isso, pressupõe-se que há dois tipos de pesquisadores na Ciência da Informação, o pesquisador apaixonado e o pesquisador senciente. Supõem-se tais classificações, baseado em minhas vivências e experiências na Ciência da Informação, que contabiliza mais de uma década, um recorte temporal que me permitiu perceber uma narrativa muito comum do campo que soa como um mantra nas oralidades dos pesquisidores, a instaciação da paixão pelas temáticas, pesquisas, fazeres, e, especialmente, a informação, o objeto do desejo. É um fenômeno típico da Ciência da Informação, e quando questionado sobre a paixão surge um uma recusa do pesquisador apaixonado.

Não é proibido revelar a paixão pelo objeto cientifico, pois sabe-se que oralidade carrega fragilidades, ela jamais será a totalidade das ideias abstratas científicas, diferente da escrita científica que é mais elaborada, densa e instanciada com mais efetividade e compromisso com as luzes. Pensar sobre "a paixão pelo objeto científico" me faz refletir sobre dois pontos. O que tem de latente[2], de não manifestado, e não dito, o que está oculto nas entre linhas da paixão, e

[1] Se figura nesta pesquisa o fenômeno estudado que está em torno do objeto principal da tese.
[2] O conteúdo inconsciente. (ATKINSON *et al*., 2002).

o que está explícito[3], ou seja, o manifesto como essa paixão, e o que essa oralidade ruminante representa como problemática. Assim, suspender a paixão me permite fazer um mergulho na fenda entre a luz e a escridão mental, e de qualque forma me faz senciente.

Ao construir a categoria de pesquisador apaixonado, com base nas compreenções e direcionamentos de Bachelard (1996) quanto a gerencia das afetações mentais, não se tem como objetivo diminuir e/ou visibilizar os conhecimentos e as competências deste, mas apenas uma estratégia didática, pois a consciência de aceitar tal classificação é do próprio pesquisador, na medida em que neste ponto só se pode dar conta de si mesmo.

O pesquisador apaixonado tem tendência por operar mentalmente por um espectral psicótico[4] que o impede de ver a realidade e/ou as realidades, e mesmo que ocorra lampejos de consciência, em milésimos de segundos, o pesquisador apaixonado foge desta mesma realidade e retorna às obscuridades de sua paixão. Enquanto o senciente e libidinoso faz o caminho inverso, pois opera por um espectro neurótico[5], não uma neurose obsessiva-compulsiva, mas a neurose que promove desconfianças sadias e controladas. Isso significa ter
gerência das afetações mentais, essas apontadas por bachelard quando ele nos faz atentar para consciência delas.

Didaticamente, e nessa pesquisa, me classifico sem algum problema nesta segunda classificação, como também situo todos os epistemólogos, e faço sem medo da categorização, mesmo sabendo que toda classificação é uma controvérsia e que toda explicitação é uma forma de tipificação, segundo Capurro (2003), mas opto em desconfiar de qualquer fenômeno com potencial de ser um obstáculo epistemológico.

Diante do exposto, me encontro nessa classificação por algumas razões. Primeiro porque procuro delimitar o labor científico como um contexto hedonista[6], e porque também sou inquieto e desconfiado do que é negado como conhecimento científico, e, especialmente, acerca do que está estabelecido rigidamente como conhecimento científico, marcado, muitas vezes, pela inclinação da falta de questionamentos. Embora, saiba de forma consciente das consequências de inverter o caminho clássico e questionar o próprio *Ethos*, a morte acadêmica, que pode ameaçar o título de doutor, e me garantir o título de insano e pervertido.

[3] O conteúdo consciente (Atkinson *et al*., 2002).
[4] A Psicose é a fuga de realidade, assim, o sujeito não consegue atender mais às exigências da vida diária, pois perde capacidade subjetiva.
[5] A neurose diz acerca da ansiedade do comportamento de inadequação por criações catastróficas e sem lógica.
[6] É uma teoria filosófica que foca a busca pelo prazer, realizada, conforme uma doutrina, por meio de tarefas.

Mas um epistemólogo se lança na profundidade do abismo, porque essa é a verdade dele, ainda que doa, porque pensar e, especialmente, refletir dói. O epistemólogo é como um astronauta e/ou um escafandrista, são conscientes não apenas da dor, mas dos perigos do espaço e do oceano, mas a busca de conhecer o novo, o inédito, o não visto e o ignorado se apresenta como prazerosa.

O pesquisador senciente e libidinoso tem também um espectro de perversão, que precisa ser descortinado como delírios dos orgasmos e do gozo, pois goza executando sua pesquisa na medida que vai desconstruindo as suas próprias imagens simbólicas e estéticas, que diferem das imagens epistemológicas, pois, para Aumont (2012), as imagens simbólicas são carregadas de ideologias sacras, enquanto as imagens estéticas têm o objetivo de oferecer sensações de felicidade.

O pesquisador libidinoso se deleita, especialmente, quando desconstrói as imagens simbólicas e estéticas de seus pares, quando ver o desprazer no rosto do cientista pesquisador apaixonado, quando se faz um ataque direto ao conteúdo narcísico do pesquisador através da crítica como um mecanismo epistêmico. Com feito, para Bachelard (1996), a crítica é um elemento integrante do espírito científico.

Para o pesquisador senciente libidinoso e neurótico, essa imagem do pesquisador apaixonado, em ‘crise intima’, por assim dizer, é resultado de uma crítica lançada sobre ele, na medida em que é mais que uma imagem libidinosa, é o prazer em toda sua totalidade, é uma crise da revolução científica, como aponta Capurro (2003).

Com isso afirmo que, das emoções no âmbito da pesquisa científica, o tesão é mais estratégico de que a paixão, pois o gozo nos afasta do objeto do desejo até uma nova recarga de interesse. É muito comum alguém falar que há momentos em que perde o interesse pela própria pesquisa, um fenômeno de repulsa que parece ser problemático, mas frutífero para a pesquisa. Diferente da paixão, que se mantém apegada a beleza do objeto do desejo, neste caso do objeto científico, uma emoção que produz distanciamentos, o que diminui o processo de minimização das problemáticas e/ou erros da pesquisa. Para Bachelard (1996, p. 174). ‘*É a paixão verdadeira que constitui um obstáculo à correção da idéia falsa*.’

Com essas afirmações, por consequência, acabo delimitando a natureza de um epistemólogo, um espectral natural de todo pesquisador científico, pois este carrega um epistemólogo em si, mas o epistemólogo, para além de espectral, não se apega a beleza do seu experimento, mas se apega as dúvidas e as incógnitas que o orbitam. E, no caso da Ciência da

Informação, abarca a informação e todos os metas-objetos[7] que compõem o seu entorno, inclusive os obstáculos epistemológicos e, sobretudo, os avanços epistemológicos.

O epistemólogo por natureza e/ou em formação tem o espectro neurótico latente, que desconfia, tem um espectro libidinoso, que goza e não dá vazão à paixão, e nem ao amor incondicional pela sua ciência, pois com essa postura a análise, a crítica, a suspensão, a reconfiguração e o rompimento como ferramentas mentais não operam, essas que são os mecanismos primordiais de seu fazer, que opera no grau mais efetivo para além de qualquer espectro. E isso significa que, na prática senciente, esses instrumentos mentais operam de forma natural, pois reconhece a si e aos outros, é vigilante quanto aos dois.

Utilizo a senciência em postura dialética aos obstáculos epistemológicos, visto que é o mecanismo mais apropriado para a partida da pesquisa, pois reforça as noções de consciente e de inconsciente.

O termo senciência é um substantivo que ainda não faz parte no dicionário brasileiro, logo o termo senciente também não, e, ao percorrer sobre a história-critica da ciência através dos séculos no texto '**A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento', Bachelard (1996) faz nas entrelinhas um movimento de promoção da senciência.

Com efeito, esse texto não é apenas a narração da evolução da ciência por experimentos, teses equivocadas e uso de comparações feitas por cientistas, é, sobretudo, um manual que visualiza a responsabilidade do fazer científico.

A senciência pode ser conceituada como a capacidade de emoção, prazer e dor, e se relacionada a outras habilidades mentais como, por exemplo, inteligência e in-consciência. Assim, figura-se a capacidade de ter consciência de sensações, ou seja, possuir sentimentos subjetivos, a senciência engloba também outras formas de sentir, tais como ver, ouvir, cheirar, tocar, mover, querer, pensar e planejar. Cosidera-se, pois, que o epistemólogo precisa ser senciente, pois deve ter:

> [...] a capacidade de sentir, importa-se com o que sente e experimenta satisfação e frustração. Seres sencientes estão conscientes de como se sentem, onde e com quem estão e como são tratados. Possuem sensações, como dor, fome e frio, além de emoções, como medo, estresse e frustração. Percebem o que está acontecendo com eles, aprendem com a experiência, reconhecem seu ambiente, têm consciência de suas relações, são capazes de distinguir e escolher entre objetos, animais e situações diferentes, assim como avaliam aquilo que é visto e sentido e elaboram estratégias concretas para lidar com isso.[...] um ser **senciente é capaz de avaliar as ações de outros em relação a si e a terceiros**, de lembrar algumas de suas próprias ações e

[7] Nesta pesquisa, se entende como aquele que é estudado, focando e/ou evidenciado antes para se entender o objeto de estudo da pesquisa.

> suas consequências, de avaliar riscos e de ter sentimentos e consciência [...].(Silva; Ataíde Júnior, 2020, p. 158, grifo nosso).

O epistemólogo precisa equilibrar o espectro neurótico, transcender o espectro psicótico e suas perversões para promoção da senciência, assim satisfação e frustração são facetas deste ser. Compreender o termo e o conceito de senciência é imperativo para situar a pesquisa na abordagem bachelardiana, especialmente, com a problemática do "fazer" para uma ciência que se posiciona na prática pós-moderna, que assume a fluidez e a liquidez, mas que não perde sua característica de rigor científico.

A trajetória desta pesquisa, como o despertar do pesquisador senciente, especialmente crítico, como seus espectros psíquicos descortinados, se deu a partir das minhas vivências nas graduações, e se delimitou ainda mais no mestrado, e se edificaram no doutorado após a qualificação do projeto.

As vivências incluem a graduação em Biblioteconomia na condição de bolsista de iniciação cientifica, no Grupo de Pesquisa Integrando Competências, Construindo Saberes, Formando Cientistas da Universidade Federal da Paraíba (Geincos/UFPB), atualmente localizado no Centro de Educação (CE), de 2005 até o presente momento.

Incluiu-se nessa trajetória também a graduação de Psicologia na condição de bolsista de iniciação à docência no Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência do Centro de Ciências Humanas e Letras (NUPEDIA/CCHL/UFPB), entre 2009 e 2012.

Na graduação em Biblioteconomia no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), foi me apresentado as primeiras noções sobre a Ciência da Informação pela Profa. Dra. Mirian de Albuquerque Aquino, pesquisadora que me instigou a ser desconfiado e reflexivo sobre os fenômenos científicos, sobretudo, no domínio da epistemologia.

Na graduação de Psicologia em que também fui bolsista, a Profa. Dra. Maria de Fátima Pereira Alberto me instigou a procurar as imagens epistemológicas sobre os fenômenos científicos, especialmente, nas leituras críticas na disciplina **História da construção do Conhecimento em Psicologia,** no ano de 2011, período em que fui monitor. Foi também na graduação de Psicologia que me apropriei das noções de Psicanálise e Fenomenologia, no estágio clínico final em 2016, **Interseções Epistemológicas na Avaliação Psicológica Clínica: a fenomenologia como meta-conhecimento,** tendo como orientadora a Profa. Dra. Clênia Maria Toledo de Santana, que me ensinou sobre a intuição epistêmica, que me possibilitou

construir um ‘pré-*Know-how*’ para a proposta desta pesquisa, e construir os pilares teórico-epistêmicos.

Com efeito, foi a sensibilidade científica dessas três mulheres que resultou no condutor que promoveu o despertar de um epistemólogo ‘criogenado’ em mim desde a infância, período no qual começam as opressões e, por consequência, que reflete negativamente na capacidade de reflexão e do questionamento são minimizadas e adequadas à esfera do habitual-visível.

A delimitação da pesquisa no mestrado se intensificou com as inquietações vivenciadas pelas leituras, discussões e reflexões que aconteceram no âmbito da disciplina **Fundamentos da Ciência da Informação**, que ocorreu entre abril e julho de 2014, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, do Centro de Ciência Sociais Aplicas da UFPB (PPGCI/CCSA/UFPB), ministrada pelo Prof. Dr. Edivanio Duarte Souza.

A partir daí, emergiram outras inquietações que se deram em dois momentos. Primeiro, no percurso para entender as características que constituem a identidade e a institucionalização da Ciência da Informação, a partir das problematizações em sala de aula. Nesse contexto, destacam-se como leituras de referências o livro **A formação do espírito científico**: **contribuição para uma psicanálise do conhecimento** do epistemólogo Gaston Bachelard, que faz um traçado histórico-crítico do fazer científico através dos séculos, e a leitura complementar da tese **A Epistemologia Interdisciplinar na Ciência da Informação**: **dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar** do Prof. Dr. Edivanio Duarte Souza. E, segundo, na construção do artigo final da disciplina, na tentativa de estabelecer um conjunto de características que podem emergir da dialética entre estas características que atravessam a identidade e o processo de institucionalização do campo científico, considerando seus aspectos memorialísticos, epistemológicos, heurísticos, teóricos, práticos e técnicos.

Entender esse trajeto, entre o pesquisador apaixonado e o pesquisador senciente, é importante para identificar e procurar compreender os obstáculos epistemológicos que habitam, em maior ou menor medida, as construções científicas. É forçoso considerar que Bachelard (1996) apresenta os obstáculos epistemológicos como fenômenos inerentes à toda Ciência, na medida em que são as conduções físicas e metafisicas dos processos de produção de informação científica que são inseparáveis.

Nesse sentido, a ciência deve atentar para a senciência científica no paradigma sócio-tecnológico fluído como contexto fecundo, que potencializa os obstáculos epistemológicos, pois a senciência compreende a capacidade do sujeito ser consciente da vida psíquica[8],

[8] A vida afetiva, emocional e sentimental (sensação, percepção, simbolização e representação).

especialmente da pertença do poder, bem como os gozos, os delírios e os devaneios por aquele proporcionados.

A senciência delimitada nesta pesquisa é a capacidade de entender essas e outras forças psíquicas a serem consideradas no seu fazer, uma vez que ela é, em grande medida, a expressão da vigilância científica.

Avaliar a senciência no fazer científico é imperativo ao considerar a perspectiva de Foucault (2009), que considera a ciência como uma ferramenta de poder e da promoção da subjetivação. E, complementarmente, considerar que, no paradigma sócio-tecnológico, segundo Silveira (2000), o poder demanda a informação, considerando seus processos de produção, de acesso e de uso.

Considerar os obstáculos epistemológicos, então, significa compreender a ciência nas delimitações pré-científica ou, em outros termos, no estado cientifico em que os conceitos e as imagens simbólicas e estéticas que eram primordiais e fixadas não poderiam ser questionadas. Os obstáculos epistemológicos marcam, principalmente, o próprio ato de conhecer e se incide, sobretudo, nos sistemas de conceitos científicos. Ocorre que eles impedem a formação do espírito científico, ou seja, de situar a ciência e o cientista no novo espírito científico, estado que se inicia com o rompimento de ideia, conceitos e imagens simbólicas e estéticas fixas, fato que ocorreu com as teorias em qualquer campo científico.

Em tese, as imagens simbólicas têm um potencial infinito de derivação, e esse fato pode ser bastante problemático, em algumas situações, pois se inclina para a neurose na sua forma mais pura, a derivação catastrófica e insana, enquanto as imagens estéticas não têm a mínima possiblidade de derivação, fato também problemático, pois se inclina para a psicose, em que não se produz significados, a incapacidade de diferenciar a experiência subjetiva da realidade externa ou objetiva. Sendo assim, a imagem epistêmica é o equilíbrio entre esses dois domínios.

O novo espírito científico descarta a dimensão da palavra esponja, essa que é uma palavra autoexplicativa e que tem na sua base forças das imagens simbólica e estéticas. O novo espírito científico busca compreender as imagens epistemológicas, também trabalhada por Aumont (2012), que são carregadas de informação tanto na sua superfície quanto na sua profundidade.

O novo espírito científico afasta o cientista da alma pueril do estado pré-científico presente na Antigüidade clássica, no Renascimento e até mesmo em novas buscas dos séculos XVI, XVII e XVIII, bem como no segundo período, intitulado de estado científico, que correspondeu à preparação para o século XIX e início do século XX.

É importante considerar que há obstáculos epistemológicos comuns a qualquer ciência, contudo, é possível que determinada ciência apresentem nos seus processos de produção obstáculos orgânicos, que podem emergir de diversas condições e incluem, sobretudo, as condições fenomenotécnicas, na medida em que prolongam a fenomenologia, delimitam a suspenção e as condições tecnológicas e técnicas de realização científica na construção dos objetos científicos (Bachelard, 1996).

Então, conjeturar sobre essas condições, especialmente, no foco do fazer científico e de sua relação com a vida mental ou psíquica do pesquisador põe as vistas os (inter)discursos que compõem o *Ethos* científico, considerando os equívocos presentes em sua estrutura promovidos pelos obstáculos epistemológicos e vice-versa.

Neste sentido, no rol de obstáculos epistemológicos, na Ciência da Informação deve considerar a primeira impressão, decorrente da espiritualidade e do dogmatismo que, muitas vezes, são partes latentes do conhecimento que se manifestam na ânsia de conhecer, manifestando-se a partir do cientificismo. (Belklin, 1980; Bachelard, 1989, 1996).

Também deve-se considerar a generalização, que emerge da pressa que, na cultura digital, é um valor que reflete sobre o pesquisador que não dá tempo para suspender seus conhecimentos comuns, científicos e íntimos, e, por vezes, (in)conscientes, que o impede ver caraterísticas do objeto antes não vistas. Considera-se também a oralidade prosaica, como parte das imagens simbólicas e estéticas, palavras simples e frases prontas, que tendem a simplificar seu campo disciplinar e seu objeto científico como um dado claro, seguro e invariável. (Bachelard, 1996).

Ocorre que analisar a *priori* estes três obstáculos epistemológicos, denota ponderar as sutilezas do entorno do fazer científico, sobretudo, do discurso da Ciência da Informação como unidade científica que ocorre a partir de duas perspectivas do polo-epistemológico, a saber, a abordagem identitária, que foca nas discussões sobre o surgimento do campo científico, a sua essência, o seu papel e o seu futuro, e a abordagem epistemológica, que diz acerca da construção de seu conhecimento e seu progresso, especialmente, nos domínios teórico e metodológico.

Neste sentido, faz-se necessário que seus agentes se debrucem sobre essas dimensões dialógicas, procurando localizar a linha tênue entre a abordagem identitária e a abordagem epistemológica para visualizar possíveis equívocos, ou seja, os erros epistêmicos que entrava o processo de consolidação espistemológica, inclusive a partir de relações interdisciplinares com áreas diversas.

Isso requer visualizar os domínios em que estão presentes os silêncios, os esquecimentos, as omissões curriculares e os campos das felicidades que compõem os

(inter)discursos, em que os estudos sobre ética, gestão e políticas de informação, interseccionados à Psicanálise, emergem como abordagem crítica pertinente para manutenção da vigilância epistemológica.

Isso objetiva, entre outras questões, uma postura na Ciência da Informação que minimize as vicissitudes dos interesses, das intenções e das comodidades que emergem da vida psíquica e, por conseguinte, dos (inter)discursos que compõem o *Ethos* potencializados pelos emergentes fluxos de *bits*.

Ponderando tais aspectos, questiona: **quais são os tecnofenômenos que delimitam os obstáculos epistemológicos na Ciência da Informação?** Considerando a necessidade de responder ao problema de pesquisa delineado e dirigido pelo olhar científico, traçou-se como objetivo geral desta pesquisa investigar as condições de produção da Ciência da Informação que potencializam os obstáculos epistemológicos, tomando como referências as condições históricas e conceituais que estão intersecionas e situadas entre a abordagem identitária e a abordagem epistemológica que compõem a unidade científica da Ciência da Informação.

Para alcançar o objetivo geral da pesquisa, traçaram-se os seguintes objetivos específicos:

- identificar os discursos epistêmicos pautados no campo;
- demostrar as redes epistêmicas dos estudos epistemológicos na produção científica da área;
- demarcar o conjunto fenômenotécnico no escopo da produção do campo;
- delimitar os obstáculos epistemológicos; e descrever os avanços epistemológicos no âmbito Ciência da Informação.

Neste domínio, lança-se a seguinte hipótese: os obstáculos epistemológicos na Ciência da Informação emergem das discussões históricas e conceituais, que têm como bases estruturais e (in)conscientes os interesses, as intenções e as comodidades em torno da manutenção da identidade e, em última análise, da relativa unidade do campo científico.

Esta pesquisa parte da perspectiva que visa alcançar os modos de promoção e de manutenção de um Novo Espírito Científico na Ciência da Informação através da compreesão dos tecnofenômenos que se figuram os movimentos do fazer e a fenômenotécnica o olhar para esses movimentos do fazer, e nesta lógica foca-se os excedentes do fazer como a fluidez e a liquidez na formação discursiva dos pesquisadores.

As contribuições desta tese para Ciência da Informação versam em instaurar na sua produção científica os estudos meta-epistemológicos e poli-epistemológicos sobre a vigilância

intelectual, crítica e científica. Para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI-UFPB) as contribuições versam sobre visualizar o referencial teórico-metodológico para manutenção do Novo Pensamento Cientifico dos cientistas da Informação. Para linha Ética, Gestão e Políticas de Informação, sua contribuição versa nos aspectos metodológicos, técnicos, práticos que ancoram os estudos sobretudo da Ética.

A tese está estruturada em nove seções, a primeira seção, **Introdução**, que apresenta os limites contextuais e reflexivos, os antecedentes da pesquisa, a justificativa pessoal e cientifica, a formação do autor, os alinhamentos à problemática, as relações de poder e suas influências sobre o fazer científico.

A segunda seção, **Referencial teórico-metodológico**, discute as estratégias, os recursos técnicos-tecnológicos de investigação para a construção do objeto cientifico, focando a triangulação por meio do Método Quadripolar, da Análise do Discurso e do Método de Análise de Redes, a partir da intersecção das abordagens quantitativa e qualitativa.

A terceira seção, **Racionalismo aplicado e fenômenotécnica**, foca a vida psíquica comportamental do fazer científico a partir dos estímulos internos e externos referentes à sensação, à percepção, e à instanciação dos objetos científicos.

A quarta seção, **A tríade epistêmica: divergências e convergências nas condições de produção**, aborda a lógica da produção teórica, técnica e epistêmica da informação científica sob a lógica interseccional destas três perspectivas distintas, mas, ao mesmo tempo, interseccionadas.

A quinta seção, **Concepções consonantes e dissonantes sobre a Ciência da Informação e o seu objeto científico**, destaca a Ciência da Informação como objeto de análise e seus meta-objetos no entorno da informação. Discute sobre o lugar da informação no campo, as delimitações clássicas de pesquisadores conservadores às mudanças, e a quebra de paradigmas com a entrada de cientistas de outras áreas, que potencializam a interdisciplinaridade epistêmica em torno de teorias, campos e autores, suspendendo, em certa medida, a interdisciplinaridade identitária.

A sexta seção, **A psicanálise da Responsabilidade Social**, discute a Psicanálise no âmbito da Responsabilidade Social como vetor epistêmico por meio da suspensão da psique, na media em que as influências inconscientes, pré-consciente e conscientes dos pesquisadores, seniores e juniores, as estruturas psíquicas, ego, ideal de ego, super ego; os fluxos sinérgicos entre os sujeitos epistêmicos; a relação entre pesquisadores seniores e juniores; compreender as regras, leis, desejos e poder da relação seniores e juniores, e a conexão inter-subjetivas entres

os pesquisadores seniores e juniores. Entender esses pontos facilita a compreensão do sujeito ideológico que promovem os interesses, intenções e comodidades dissonantes e/ou consoantes na dimensão pessoal.

A sétima seção, **Condições gerais da produção científica: o *corpus* quantitativo**, evidencia os aspectos dos avanços quantitativos da Ciência da Informação no domínio dos estudos epistemológicos, na medida em que apresenta indicadores numéricos e estatísticos oriundos das informações coletadas das dissertações e das teses.

A oitava seção, **conjunto fenômenotécnico no escopo da ciência da informação: dos obstáculos aos avanços epistmêmicos**, analisa e discute as redes epistêmicas construídas a partir dos meta-dados do *corpus* organizados no *Zootero* e rodados no *Vosviwer*, compreendendo os obstáculos epistemológicos e conjunto fenômenotécnico que inclui a falta de derivação, a ruminação teórica, a historização, a unanimidade apaixonante, a transferência inquestionável de constructos, a vigilância do objeto, o falso retorno e a comparação.

A nona seção, **Obstáculos Epistêmicos** aponta e discute o *obstáculo looping: o mantra compulsivo*, ao abordar a 'oralidade/linguagem' dos cientistas da informação; o *obstáculo eco: a natureza ipsis litteris*, que tem o falso retorno e a transferência inquestionável de constructos como tecnofenômenos; o *obstáculo delay: para sempre jovem*, problematizando o construto 'juventude' que emerge através da historização e da transferência inquestionável de construto; e o *obstáculo bumerangue: Biblioteconomia e Ciência da Informação*, que versa sobre o pseudo retorno e a comparação como tecnofenômeno.

A décima seção, **Avanços Epistêmicos** aponta e discute o *avanço pós-moderno*, em que se discute o avanço da Ciência da Informação a partir de essencialidade básica a 'pós-modernidade'; o *avanço social: da Responsabilidade Social ao epsitemicidio*, que versa sobre o sujeito como sujeito de pesquisa e como pesquisador no entorno da produção e disseminação da informação; o *avanço poli-fenômenotécnico*, que opera pelo tecnofenômeno da vigilância do objeto; e a *derivação do objeto científico*, em torno da discussão sobre a derivação da informação, que se opera pelo tecnofenômeno da vigilância do objeto.

A décima-primeira seção, **Considerações finais**, compreende um retorno à contextualização e à problematização, as conclusões da pesquisa e algumas indicações para futuros estudos no domínio epistemológico da Ciência da Informação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Em uma pesquisa científica, o método e a sustentação teórica (Figura 1) dão-se na ordem da experiência e da técnica previamente realizada psicologicamente, mas que se instanciam e evoluem nos *lócus* de pesquisa, experimento de ação (Bachelard, 1996), tecnologia e resultado. Para Renault (2007), comumente os estudos epistemológicos se orientam por abordagens que inclui a epistemologia genética de Piaget, a epistemologia histórica de Bachelard, a epistemologia racionalista-crítica de Popper e epistemologia arqueológica de Foucault.

Neste estudo, as direções das discussões ocorrem através da epistemologia histórica de Bachelard, porém, não encerra em si em meras descrições de acontecimentos para construção e simulacros visando um ideal de Ciência da Informação. Há a condução das críticas, assim logo concebida de forma histórico-crítica e mental, uma vez que foca a formação do espírito científico no âmbito da noção da Psicanálise do Conhecimento. Para Portela Filho (2010, p. 102), Bachelard concebe que:

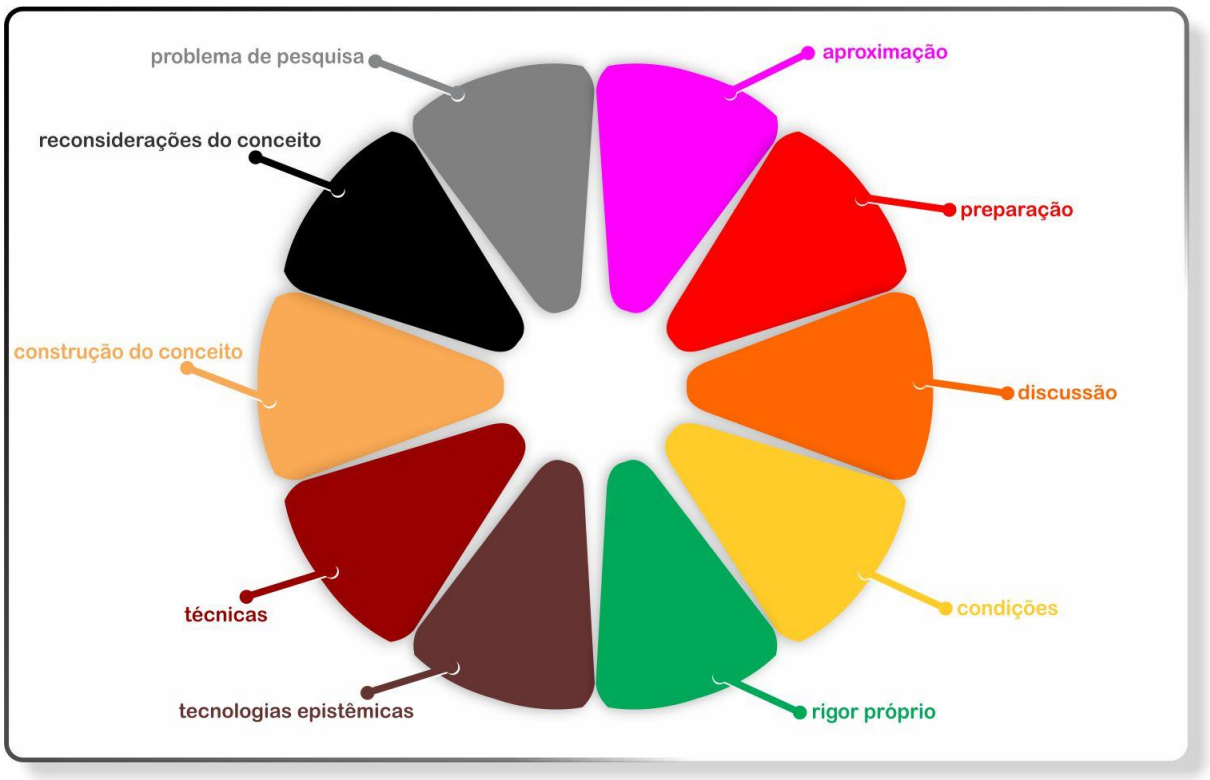
> [...] as ciências nascem e evoluem em circunstâncias históricas bem determinadas. Por isso, a epistemologia deverá interrogar-se sobre as relações suscetíveis de existir entre a ciência e a sociedade, entre a ciência e as diversas instituições científicas ou entre as várias ciências. O relevante é a descoberta da gênese, estrutura e funcionamento dos conhecimentos científicos. Daí a importância de questões, tais como: devem as ciências impor-se por si mesmas? Devem afirmar clara e triunfalmente seus resultados? São elas as verdades das sociedades atuais? Que necessidade temos de nos interrogar sobre a sua significação?

Dessa forma, ao destacar a descoberta da gênese, das estruturas e/ou dos funcionamentos da produção científica no processo histórico, aponta-se para o valor mental e a crítica direcionadas às intenções, às comodidades e aos apegos dos atos da *psiquê*, cujas forças psíquicas são postas como vetores intervenientes, em que possibilitam descrever o trajeto de sensações, percepções, simbolizações e representações consideradas exatas e inspiradas pelas contradições da razão como sendo uma das premissas da '**A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento' de Gaston Bachelard. Assim adota-se o viés diurno do epistemólogo, abordagem que possibilita ver também as mudanças de uma geração para outra, ou seja, o progresso e a estagnação científica da Ciência da Informação.

> Através de uma análise histórico-crítica podersei-a alcançar quais são ou quais podem ser os princípios essenciais do conhecimento que constrói representações sobre o espaço geográfico, porque os princípios de edificação e de função desse conhecimento podem ser os pontos estáveis, os pontos de conservação do conhecimento através desta história de transformações e de desenvolvimentos. (Castiglione, 2009, p. 57).

Assim, ancorado pela epistemologia histórica-crítica com espectro mental, o presente estudo adotou a Triangulação Metodológica (Figura 2), assim considerou o Método Quadripolar como principal método e a Análise de Redes Sociais e a Análise do Discurso como métodos de apoios. A Triangulação Metodológica (Figura 2) se esboçou como uma epistêmica pertinente posta em prática nesta pesquisa.

Figura 1 - Marcha teórico-metodológica



Fonte: Adaptado de Santana e Souza (2019), baseado em Bachelard (1996).

Quanto à marcha teórico-metodológica ela é composta por 10 (dez) elementos, como pode ser observado na Figura 1, conforme Bachelard (1996) e Santana e Souza (2019). A partir destas considerações e ainda visualizando a Figura 1, a instanciação do tema-eixo da Ciência da Informação, seus avanços e obstáculos epistêmicos partem de um problema de pesquisa, o primeiro elemento (parte cinza, Figura 1) que emerge da inquietação das estaturas psíquicas e vai tomando forma mais consistente ao longo do curso teórico-metodológico (Figura 1).

Assim, a estratégia teórico-metodológica e seus meta-processos, ainda visualizando a Figura 1, consideram como vetor a aproximação (parte rosa, Figura 1), que corresponde ao interesse do pesquisador pelo tema-eixo que envolve seu estudo. Considera-se também uma preparação (parte vermelha, Figura 1), que se trata da convergência do pensar e do agir, que nesta pesquisa refere-se à busca do conteúdo que compõe o *corpus* formado por teses e

dissertações. A discussão (parte laranja, Figura 1) também é um vetor importante, pois se refere às leituras teóricas como alicerces das ideias para as instanciações. Por sua vez, as condições (parte amarela, Figura 1) que abordam na análise das possibilidades da realização do estudo em andamento visualizando avanços ou recuos. Quanto ao rigor próprio (parte verde, Figura 1), trata-se do vetor vinculado às métricas e às reflexões intersubjetivas e subjetivas descortinadas do tema-eixo, do objeto de análise e dos constructos, bem como do descortinamento da individualidade do pesquisador.

Considera-se também, sobretudo, em uma perspectiva bachelardiana, as tecnologias epistêmicas (parte marrom escuro, Figura 1), que nesta pesquisa se refere aos *softwares* utilizados. Assim, ao mencionar as tecnologias, destacam-se as técnicas (parte vinho, Figura 1), que abordam as melhores formas de utilização do *software* escolhido para construção e análise do *corpus*.

E, neste contexto da pesquisa, considera-se a construção do conceito (parte sépia, Figura 1), do objeto científico novo e, em situações necessárias, as reconsiderações acerca dos conceitos antes construídos (parte preto, Figura 1), que se referem aos conceitos e/ou aos produtos restultantes dessas construções. (Bachelard, 1996; Santana; Souza, 2019).

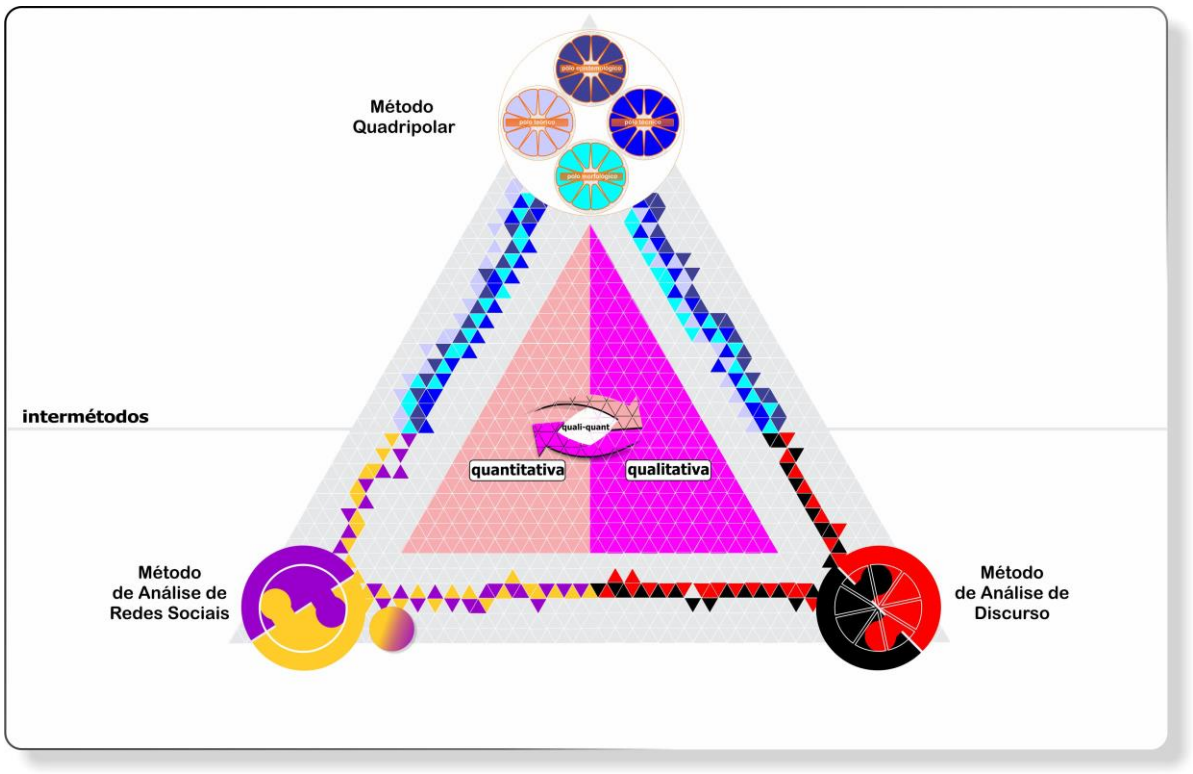
É subentendido que tais passos que compõem a marcha teórico-metodológica estão intrínsecos ao fazer científico, seja de forma inconsciente ou de forma operante, na medida em que no cotidiano não necessariamente os fazemos sem nos darmos conta, assim feitos por condicionamentos científicos que se iniciam no contexto da graduação. Contudo, pensar sobre esses passos se acomoda uma postura de ajuste epistêmico na formação de novo espírito científico, que forma um pesquisador comprometido com sua pesquisa. Considera-se o andamento, os reflexos dela para a comunidade científica e, especialmente, os reflexos de suas pesquisas para a sociedade regida cada vez mais por objetos informacionais.

2.1 Triangulação metodológica

A Triangulação metodológica (Figura 2) é uma estratégia epistêmica que possibilita amenizar problemas de credibilidade, assim os descortinam com mais eficácia da marcha teórico-metodológica. Nesta estratégia, podem-se integrar método principal (Método Quadripolar) e complementares (Análise de Redes Sociais e Análise do Discurso). Vale ressaltar, contudo, que existem diversos tipos de triangulação, em que as mais comuns são a triangulação teórica, a triangulação de investigadores, a triangulação de dados e a triangulação metodológica (triângulo superior, Figura 2) (Denzin, 2005; Duarte, 2009).

A Triangulação metodológica (Figura 2) surge a partir de duas perspectivas, quais sejam a necessidade de romper com as metodologias modernas (positivismo) e o desenvolvimento metodológico (construtivista) que, até então, se encontrava estancada por várias décadas pelas guerras de paradigmas. Ambas as perspectivas culminam na ruptura da hegemonia metodológica dos defensores do monométodo (Duarte, 2009). Ocorre que, para Duarte (2009), a triangulação de intermétodos considera, sobretudo, a combinação das lógicas quantitativa e qualitativa que passam a compor a abordagem mista quali-quanti desta pesquisa.

Figura 2 - Triangulação metodológica de intermétodos



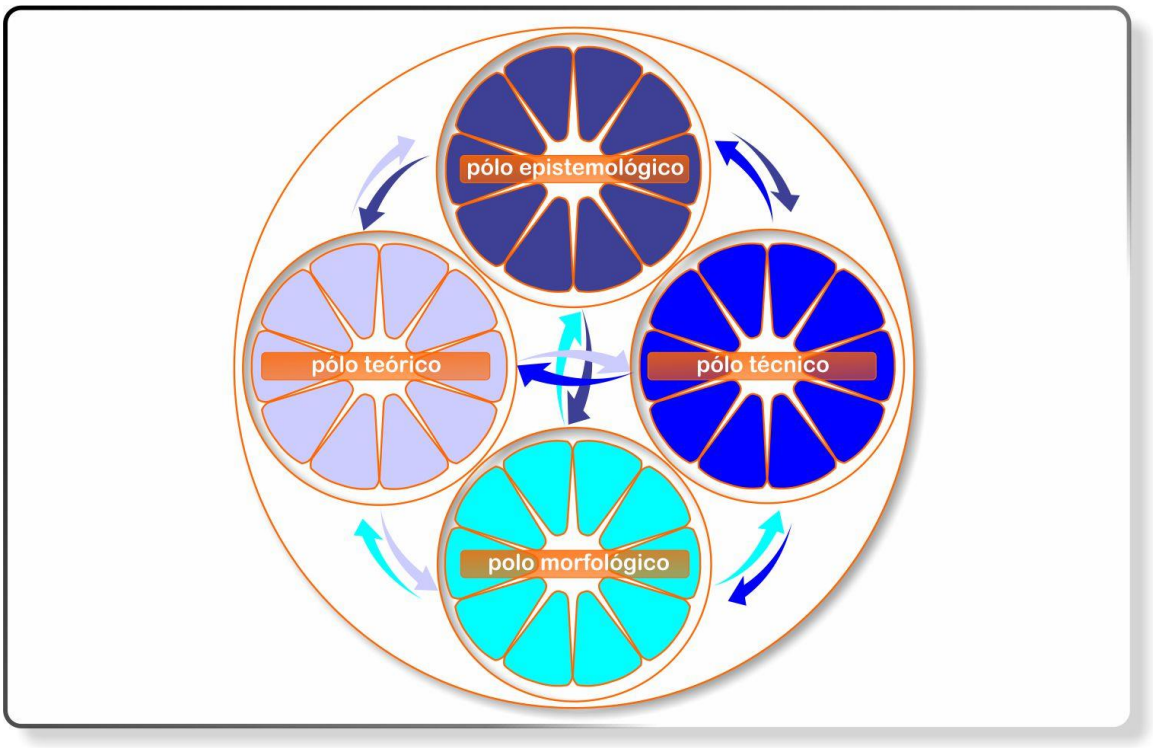
Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Portanto, conforme se observa na Figura 2, o Método Quadripolar se situa no topo da pirâmide, como método principal. E, como métodos auxiliares, a Análise de Redes Sociais, a esquerda da pirâmide abaixo da linha a intermétodos. No uso do método de Análise de Redes Sociais, destaca a natureza quantitativa, como o uso de *software* quanto aos números e às grandezas, diferente do método da Análise do Discurso, que, essencialmente, visualiza a faceta qualitativa para interpretação dos dados do *corpus* construído pelo método anterior, seja em termos semânticos, numéricos e probabilísticos.

2.2 Método quadripolar: método principal

O Método Quadripolar (Figura 3) de Paul De Bruyne, Jacques Herman e Marc de Schoutheete de 1974 é constituído por quatro dimensões (Figura 3), a saber: polo epistemológico, polo teórico, polo morfológico e polo técnico.

Figura 3 - Método quadripolar



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Cada polo, nesta pesquusa foicomposto por 10 partes da Marcha teórico-metodológica (Figura 1), desta maneira cada polo carrega, mais ou menos, consigo aspectos da marcha teórico-metodológica como representa a Figura 3, em que a intersecção da tríade tema-eixo, objeto de análise e construídos pode fazer emergir em um determinado polo um aspecto mais acentuado da marcha teórico-metodológica.

O Método quadripolar (Figura 3) pode ser uma articulação entre as Ciências Sociais Aplicadas, a investigação em Ciência da Informação e o contexto sócio-tecnológico contemporâneo, uma vez que se considera a intima relação entre o campo, a ciência e o paradigma social. É justamente nesta intersecção em que o Racionalismo Aplicado como corrente filosófica se torna pertinente, especialmente, pelo polo técnico, que toma contornos mais definidos, em que o método e a teoria do conhecimento ancoram o objeto científico, pois, segundo Bachelard (1996), este não é dado, pronto ou acabado, mas construído no seu tempo a

partir de aspectos tecnológicos e técnicos, nas lógicas quantitativa e qualitativa, e, como argumenta Oliveira (2013), sem os dogmas positivistas.

2.2.1 Polo epistemológico

No pólo epistemológico, desenvolve-se o senso crítico e questionador acerca dos fundamentos da produção científica em si, dos princípios e dos percursos da ciência em torno do objeto científico. Isso se refere à crítica questionadora sobre todos os aspectos da produção científica por menor que se pareça. (Bruyne; Herman; Schoutheete,1991; Oliveira, 2013).

O polo epistemológico pode confundir-se com a marcha teórica-metodológica, pois todas as dimensões da marcha permeiam o polo epistemológico, embora o que faz a diferença entre os dois é que na marcha se descreve os meta-processos e no polo epistemológico se reflete sobre este meta-processos.

Para Oliveira (2013), em termos práticos de uma pesquisa em desenvolvimento, o polo epistemológico diz, sobretudo, acerca da demarcação dos limites do problema de pesquisa fundamental na Fenomenotécnica, pois uma investigação torna-se científica na proporção em que ela se mostra técnica em sua realização. No pólo epistemológico, emergem os parâmetros discursivos teóricos, as regras, os padrões e outros critérios de cientificidade, que nesta pesquisa forma definidos como orientadores da objetividade (Bachelard, 1996).

É neste polo que o pesquisador desempenha uma função de vigilância crítica que garante a redução da subjetivação no percurso de construção do objeto científico. Apesar de a ciência ser a estética, ou seja, a instanciação da inteligência, isso implica considerar outras forças psíquicas, sendo fundamental a dimunição daquelas consideradas não frutíferas. No entendimento de Bachelard (1996), a crítica é um mecanismo integrante do novo espírito científico. E, de modo mais específico, Minayo (1996) a considera como mecanismo do rigor científico, pois, através dela se dão: a) o afastamento da especulação; b) a consistência, a qualidade argumentativa do discurso e os conceitos tecnicamente construídos; c) a originalidade para o avanço científico e a fuga do prolongamento ou da continuidade; e, por fim, d) a objetivação, que são as teorias, as metodologias e as tecnologias que dão conta do tecnofenômeno.

Quando se refere à objetividade e à crítica, a Fenomenotécnica de Bachelard mostra-se apropriada, pois, a partir dela, dá-se o uso das tecnologias e dos artefatos epistêmicos. Tratam-se das tecnologias de informação e comunicação e das técnicas que auxiliam de forma a descortinar o pensamento do pesquisador. Neste contexto, Souza (2011) considera que uma

análise na perspectiva da Fenomenotécnica seria importante para o campo Ciência da Informação, visto que pode ir além dos caminhos até então percorridos, da suspenção das psiques dos cientistas da informação. Com feito, a Fenomenotécnica de Bachelard (1996) pode descortinar a intersubjetividade e a subjetividade, e estabelecer a objetividade, pois, na suspenção deste constructo, questiona-se tudo que está estabelecido, objeto comum e objeto científico e se constrói o novo por meio de tecnologias epistêmicas e de técnicas atuais.

2.2.2 Polo teórico

No pólo teórico, se dá a elaboração de leis, hipóteses, teorias e conceitos operatórios que também incidem sobre as tecnologias e as técnicas na lógica da marcha teórico-metodológica. Para Bruyne, Herman e Schoutheete (1991) e Oliveira (2013), o polo teórico é ambiente da elaboração das linguagens científicas teóricas; assim, pode determinar o movimento da conceitualização e das terminologias, e se referir, em algum momento, às reconsiderações dos conceitos presentes na pesquisa. Nele, o pesquisador centra-se na racionalidade, visualizando, sobretudo, a confirmação e/ou a infirmação de leis, hipóteses, teorias e conceitos operatórios, o que se destaca na vigilância científica que conhece o seu objeto científico na marcha teórico-metodológica.

Para Santana e Souza (2019), ao se tratar de racionalidade e de vigilância científica, a sustentação teórica pode ser embasada pela Psicanálise do conhecimento científico sobre a confirmação e/ou a infirmação do pesquisador, pois esta Psicanálise pode detectar a ação na base dos valores (afetivo, emocional e sentimental), sobretudo, inconscientes e da conexão inconsciente da intersubjetividade e da subjetividade dos pesquisadores no ato conceituar e argumentar acerca de uma teoria utilizada em um estudo (Bachelard, 1996).

De tal modo, para Bachelard (1996) e Santana e Souza (2019), a Psicanálise do conhecimento científico é distinta da Psicanálise freudiana, pois aquela faz referência ao retorno e ao mergulho em si pela autocrítica à psique do pesquisador quanto ao inconsciente dele e das conexões de (in) conscientes da intersubjetividade e da subjetividade dos pesquisadores, em que busca alcançar a senciência. Portanto, a Psicanálise do conhecimento científico busca:

> [...] encontrar a ação dos valores [...] na própria base do conhecimento empírico e científico. Cumpre-nos, pois, mostrar a luz recíproca que vai constantemente dos conhecimentos objetivos e sociais aos acontecimentos subjetivos e pessoais, e vice-versa. Cumpre-se mostrar, na experiência científica, os vestígios da experiência infantil (Bachelard, 1996, p. 15).

Este retorno se insere na marcha teórico-metodológica e permeia, especialmente, o polo teórico, que se destaca como polo argumentativo em que se ancora a tríade tema-eixo, objeto científico investigado e, sobretudo, objetos científicos construídos. E, se a Psicanálise do conhecimento científico permeia a marcha teórico-metodológica, permeará também qualquer polo do método Quadripolar, pois é o caminho de volta ao mundo da experiência vivida pelo pesquisador no domíno dos interesses, das intenções e das comodidades conscientes e inconscientes desse mundo da vida, na medida em que suspende os aspectos axiológicos para alcançar a senciência.

2.2.3 Polo técnico

No polo técnico, emerge de forma mais efetiva os vetores condições, preparação e rigor, que, embora estejam presentes em outros polos, neste operam pelo uso das tecnologias e das técnicas. Neste polo, há tomada de consciência quanto ao contato com a realidade aplicada e à marcha metodológica-epistemológica, pois, para Barbosa (2003), na realidade aplicada demanda uma relação de imbricação entre o racional e o real. Neste sentido, neste domínio são realizados a coleta, a organização e o tratamento dos dados, por meio das tecnologias epistêmicas, compreendidas aqui as Tecnologia de informação e comunicação (TIC), os repositórios digitais institucionais e os *softwares*.

É oportuno observar que a tecnologia, para Bachelard (1996), é considerada como um vetor epistêmico fundamental que marca o pensamento da passagem da noção de ciência empirista para uma ciência racionalista, pois ele a visualizou de forma reflexiva, especialmente, no que se refer ao uso, ou seja, ao aspecto técnico. Isso ocorre quando o epistemólogo considera que a ciência é basicamente uma tecnociência em que “[...] todo real é uma realização (e não algo presente na natureza): os fatos científicos são produtos da técnica, e não objetos encontrados na realidade de apreensão imediata.” (Sisson; Winograd, 2012, p. 149 -150).

A ciência contemporânea considera as TIC como artefatos epistêmicos, porém, é preciso também refletir acerca dessa relação que produz usos questionáveis. Para isso, deve-se considerar a moda tecnológica no pensamento epistêmico, em que os usos são feitos de forma indiscriminadamente sem uma reflexão que a sustente como adequada à pesquisa. Sabe-se que as tecnologias são fenômenos de seu tempo e espaço como argumentam Valle, Pimenta e Schneider (2018, p. 355), ao revelarem que “[...] cada época histórica contou com suas próprias tecnologias, invenções e adaptações adequadas às necessidades de seu tempo.”

Assim sendo, deve-se atentar para estas questões do tempo e do espaço, que, muitas vezes, são desconsideradas pelo cientista quanto nas adaptações e no uso adequados do artefato, postura que se assemelha ao sujeito comum que as utilizam apenas pelos modismos tecnológicos de tempo e de espaço, valorizando a tecnologia em si a partir de imagem simbólica e/ou, às vezes, estéticas. Aumont (2012) as compreende, nesse contexto, como impressões estanques e reducionistas de um fenômeno, inclui as impressões da tecnologia.

O conceito de tecnologia carrega a polissemia, e, vendo pelo lado positivo, isso permite caminhar pela perspectiva reflexiva acadêmica, assim refletindo pela lógica de Aumont (2012) da imagem epistêmica que se refere a transcendências das impressões estanques e reducionistas de um fenômeno. Neste sentido, a categoria tecnologia pode ser também compreendida filosoficamente, epistemologicamente e pela cognição, conforme Musso (2010) e Parente (2010), visualizando uma perspectiva morfológica. Nos contornos da reflexão acadêmica da imagem epistêmica, o conceito de tecnologia é bem refletido pela filosofia, pela epistemologia e pela cognição das entrelinhas, no argumento de Leakey e Lewin (1982, p. 08), para os quais "[...] um ser humano primitivo pegou um seixo, e com alguns golpes habilidosos transformou-o num emplemento. O que antes fora um acidente da Natureza, era agora uma peça de deliberada tecnologia [...]."

A imagem de tecnologia vai além da noção de eletrônico e/ou engrenagens, como também da noção de saberes e de conhecimentos. A imagem epistemológica refletida por Leakey e Lewin (1982) tem sentidos mais profundos e vai além do artefato criado a partir de um conjunto de saberes científicos e saberes do senso comum para a resolução de problemas das atividades cotidianas humanas, embora, também utilizada para dificultar a sua existência, quando há uso perverso. A tecnologia compreende as TIC, que corresponde a um conjunto de artefatos e de informações epistêmicos, teóricos e técnicos que integram entre si por meio de estruturas materias, funcionais, lógicas e simbólicas e agregam *hardware*, *software* e telecomunicações, tais como o computador, a Internet e o hipertexto, entre outros.

No polo técnico, pode ser incluído estudos de caso, estudos comparativos, experimentações, mapeamentos e simulações. Porém, nesta tese foi utilizado o levantamento da produção no formato de teses e dissertações da Ciência da Informação acerca dos estudos epistemológicos no recorte temporal entre 2000 a 2022 no âmbito nacional.

Segundo Moraes, Mariano, Macedo e Mancebo (2012), os dados coletados devem estar em convergência com as hipóteses e, por conseguinte, compor a confirmação e a refutação que emergiram de teorias, leis e conceitos operatórios elaboradas anteriormente (Bruyne; Herman; Schoutheete, 1991). Assim, os objetos científicos são "[...] construídos, constatados e sua

própria natureza é instrumentada pelas técnicas que os coletaram, tornada significativa pelo sistema teórico que os produziu ou acolheu" (Bruyne *et al*., 1977, p. 203).

Neste polo, afere-se a capacidade de validação dos processos de coleta, de organização do *corpus* e do tratamento dos tecnofenômenos que serviram para a construção do objeto científico e de seus conceitos de/e para a Ciência da Informação e da informação. No polo técnico, verificam-se a confirmação, a refutação e as reconsiderações das leis e das teorias elaboradas anteriormente e dos conceitos operatórios formulados em torno desses dois domínios.

2.2.4 Polo morfológico

O polo morfológico, assim como a marcha teórico-metodológica, incide sobre os vetores conceito, preparação, discussão, condições e reconsideração do conceito, pois ele é o contexto de enunciação das regras de estruturação, e nele se elucida a causação e se impõe a objetivação. É o polo de onde emergem modelos, produtos, sistemas e simulacros como resultados.

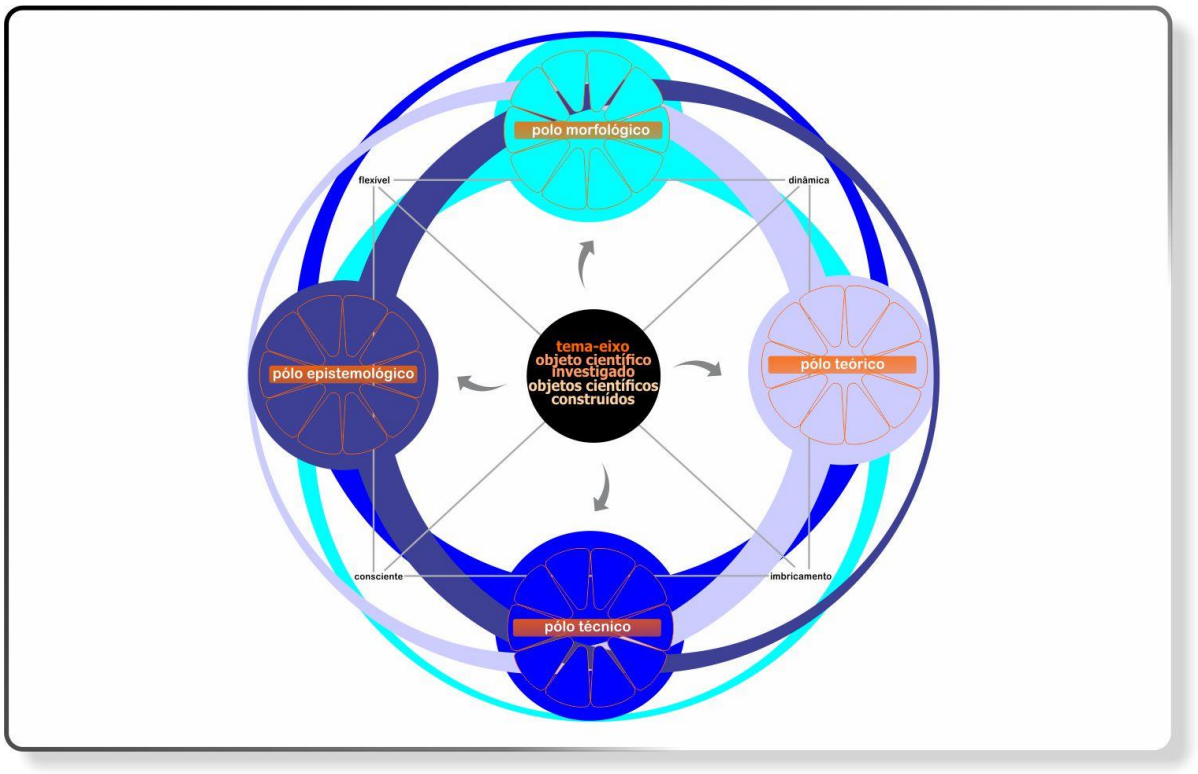
Este polo assume a competência discursiva da pesquisa por meio de relatórios e de outras produções técnico-científicas (Oliveira, 2013). Assim, o discurso destes documentos trata também da exposição de todo o processo de pesquisa que permitiu se debruçar sobre o objeto de estudo e a construção do objeto científico, tratando da apresentação discursiva dos tecnofenômenos que constituem esses objetos científicos, como também se tratou da apresentação do objeto científico em si por meio do conceito estruturado pela lógica da objetividade Fenomenotécnica.

O objeto científico fora descortinado no polo teórico e harmonizado no polo epistemológico, o que ilustra a dinâmica da investigação quadripolar. É no polo morfológico, contudo, que a marcha metodológico-epistemológica, que inclui aproximação, preparação, discursão, condições, objetividade, tecnologias e técnicas, é avaliada no processo de construção do objeto científico (Bruyne; Herman; Schoutheete, 1991).

Com evidencia a Figura 4, o Método Quadripolar se figura dinâmico, que tende a evoluir sem perder sua essencialidade; flexível, que se adapta com facilidade aos acontecimentos, e, sobretudo, consciente quanto ao novo espírito científico, pois ele rompe, parcialmente, com duas posturas filosóficas, o positivismo e o construtivismo. No primeiro caso, o Método Quadripolar se situa dentro das contribuições do positivismo, como a vigilância científica, sobretudo, fazendo a distinção entre o conhecimento do senso comum e conhecimento científico. E se situa nas condições das contribuições também da pesquisa contemporânea, com

a filosofia construtivista, no sentido da reflexão da desconstrução de verdade absoluta. (Souza; Bianco; Garcia, 2006).

Figura 4 - Orbita entre os polos



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

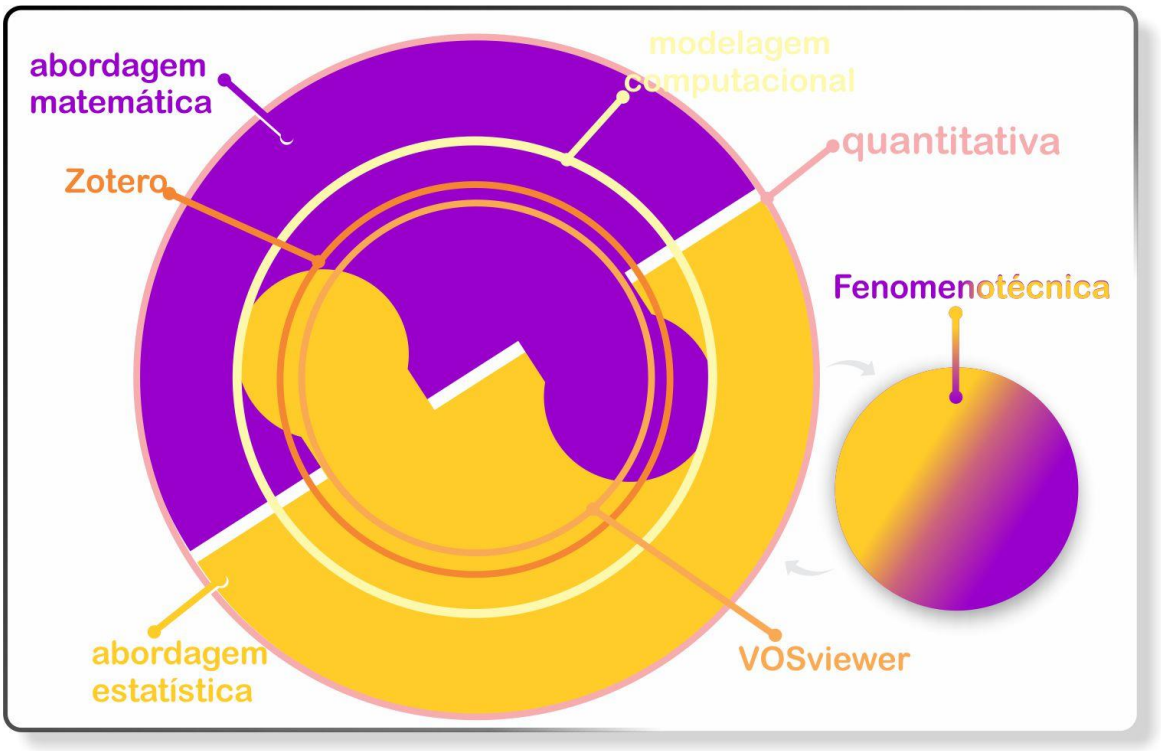
Além da lógica dinâmica, flexível e consciente, visualizada na Figura 4, percebem-se, na lógica dos polos do método Quadripolar, características de imbricamento parcial, sendo a ocasião em que é um polo é colocado sobre outro em órbita pela força da tríade, formando pelo tema-eixo, o objeto científico investigado e objetos científicos construídos. Igualmente, essa colocação entre polos constrói a noção de ligação ou de junção satisfatória. Isso ocorre quando os polos interagem entre si, ocorrendo de forma intensa ou tímida, o que determinará a força de órbita de um (alguns) o polo quanto a outro (os) são as forças promovidas a partir do objeto científico investigado e a marcha teórico-metodológica para alcança do objeto construído.

2.3 Análise de Redes Sociais: método de apoio

O método de Análise de Redes Sociais (Figura 5) atende essencialmente às demandas do polo técnico e às vicissitudes da marcha teórico-metodológica, através dos vetores do uso

das tecnologias, das técnicas e do rigor próprio, assim caminhando pela noção de Fenomenotécnica, sobretudo, no domínio da abordagem quantitativa.

Figura 5 - Método de Análise de Redes Sociais



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

O método de Análise de Redes Sociais (Figura 4), segundo Lara e Lima (2009), utiliza a abordagem matemática quanto às grandezas e quantidades dos números, e a abordagem estatística quanto à busca dos significados das grandezas e das quantidades dos números, em que a intersecção das duas abordagens se fundamenta no processamento técnico da modelagem computacional. Fundamentalmente, este método opera pela utilização de um ou mais *softwares*. O uso desta tecnologia epistêmica se caracteriza como premissa básica deste método, que, nesta pesquisa, optou-se por três *softwares*, a saber, *Zotero*, *VOSviewer* e o *CorelDraw*. As duas primeiras ferramentas citadas foram utilizadas pelo pesquisador para a construção da Macro Rede Epistêmica[9] e das Micro Redes Epistêmica[10] da produção dos estudos em epistemologia na Ciência da Informação. Assim, o uso da Análise de Redes Sociais por meio desses *softwares* foi utilizado essencilmente para visualização gráfica dos constructos teóricos, ou seja, da visualização e representação das temáticas e produção científica dos temas. O *CorelDraw*, por

[9] Rede composta por micro redes.
[10] Micro redes que formas a Rede Macro.

sua vez, para a vetoração e a criação de ilustrações epistêmicas, e também ajustes gráficos das redes.

O *Zotero* foi utilizado, em primeiro momento, para construção do banco de dados composto pelas dissertações e teses de todos os programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil, pois com esse *software* o pesquisador pode classificar os itens (arquivos) em coleções (pastas) e marcar com palavras-chave no processo de trabalho. Com efeito, o *Zotero* é um gerenciador de código aberto, cujas características principais são a integração com navegadores, a sincronização online, a geração de documentos PDFs, as citações em texto, os rodapés e as bibliografias (Zotero..., 2008; Zotero..., 2019; Yamakawa, 2014). Em um segundo momento, com o banco de dados estruturado, sobretudo, com o cuidado em relação aos meta-dados de cada arquivo, o *Zotero* possibilitou a produção[11] de um arquivo chamado *Research Information Systems Document*, ou seja, o formato RIS[12].

O *VOSviewer*, por sua vez, é um *software* utilizado para mineração, construção e visualização de redes bibliométricas, que emergem da ocorrência simultânea dos termos importantes extraídos de um corpo de literatura científica (Centre for Science and Technology STudies, Leiden University, 2019). A partir do arquivo formato *RIS* gerado pelo *Zotero*, o *VOSviewer* processa o arquivo *RIS* para construção dos Grafos, que são as redes de coautorias (autores e orientadores de dissertações e teses), de instituições e de temáticas que constituíram as macro-categorias e as micro-categorias de análises deste estudo. É através da teoria dos Grafos, elemento estético visual do resultado da modelagem computacional, que se estuda as relações entre os fenômenos de um determinado conjunto, ou seja, das propriedades da estrutura e funcionalidade de uma rede social (Lara; Lima, 2009; Recuero, 2009).

Complementarmente, optou-se pela versão 20/2018 do *software CorelDRAW* como tecnologia para produzir as representações estéticas de conceitos, sistemas e construção de tabelas, quadros, grafos e resultados. Esse *software* é produzido pela empresa *Corel Corporation*, uma empresa de *software* canadense com sede em Ottawa, Ontário, especializada em processamento gráfico. O *CorelDRAW* permite a criação de desenhos e/ou objetos vetoriais, ou seja, ilustrações (Coreldraw, 2019). A utilização das ilustrações serviu como estratégias

[11] Para produção do arquivo RIS seleciona-se todos os PDFs do banco de dados *Zotero*, em seguida clica sobre os 'PDFs selecionados' para logo após clicar na opção 'exportar itens selecionados' e busca o 'formato RIS' e a opção 'exportar notas', assim salvando na pasta de trabalho da sua pesquisa.

[12] O formato RIS produzido pelo *Zotero* é um de arquivo resumo do banco de dado construído nele. Assim no RIS contém os meta-dados de todos os PDFs em 4 funções em que o *Zotero* trabalha: 'Informações', 'Notas', 'Etiquetas' e 'Relacionamentos', ao qual o pesquisador pode acrescentar informações nestas funções. Na função "Informações' e 'Etiquetas' que marcam este estudo considerando as dissertações e teses localizadas, na função "Informações', entre outras, contém o título, autores, data, resumo, páginas, e em "Etiquetas' se refere as palavras-chave.

visuais que permite uma leitura com mais clareza das abstrações do campo epistêmico, enriquecendo o estudo e propondo uma experiência de leitura mais completa.

Com o uso dos *Zotero* e do *VOSviewer* o fazer científico caminhou pela perspectiva quantitativa da construção das redes e dos gráficos, e, posteriormente, pela vertente qualitativa ao refletir sobre as representações destas redes e desses gráficos, que, em última análise, constituíram a rede epistêmica dos estudos epistemológicos na Ciência da Informação. Baseado em Macedo e Jesus (2019), considerou-se que uma rede epistêmica compreende o uso interseccionado de tecnologias, técnicas, teorias, correntes epistêmicas e tendências, como também os diferentes corpos, intersubjetividades, subjetividades, temáticas, tempos e espaços. Esse fazer é representado, essencialmente, por grafos com auxílio de gráficos que evidenciam informações de intersecções qualitativas e quantitativas. Aqui, observa-se que é através do método de Análise de Redes Sociais que a Fenomenotécnica suspende o senso comum e o conhecimento científico e possibilita a imersão do cientista no pensamento racional aplicado, pois há a visualização dos tecnofenômenos que são os metadados das dissertações e das teses estruturados com o uso integrado do *Zotero* e do *VOSviewer,* matemática e estatisticamente, via processamento técnico da modelagem computacional.

O método de Análise de Redes Sociais tem um conjunto de terminologias utilizadas para denominar os tecnofenômenos[13] que se apresenta mediante a análise do Grafo. Silva *et al.* (2012) argumentam que os laços são as ligações existentes entre atores de uma determinada rede, que também pode apresentar uma centralidade de grau, que é o número de conexões de um nó ou nós a outros. A conexão entre dois nós, por sua vez, possui uma direção, o grau do nó é composto por grau de entrada e grau de saída (Ribeiro; Melo; Dantas; 2016). Ainda em relação à conexão entre nós, há a centralidade de intermediação dos nós que quantifica o número de vezes que um nó atua para conectar a nós de regiões diferentes da rede (Ribeiro; Melo; Dantas; 2016), como também a centralidade de proximidade que analisa a proximidade que um nó tem aos demais nós da rede (Garbado, 2015).

Em tese, ao destacar o tema-eixo epistemologia, os tecnofenômenos emergem por um interesse de intersubjetividade científica. Assim algumas terminologias e conceitos de redes estão intimamente ligados a essa lógica, como, por exemplo, comunidade de rede, configurações sociais e assoartiva. A comunidade de rede se refere à comunidade científica, que se destaca nesta lógica em que os agentes da Ciência da Informação, docentes e discentes, são os sujeitos que estão mais conectados entre si em relação a outras populações de sujeitos

[13] Entidades teóricas vistas pela técnica, que nesta pesquisa cotemplam os construtos e/ou os processos que conduziram a estes construtos.

conectados localizadas em outras partes da rede (Christakis; Fowler, 2010). As configurações sociais, por sua vez, embora não se referem apenas à comunidade e à intersubjetividade científicas, é formada a partir de padrões concretos de escolhas interpessoais das temáticas nas quais os discentes e os docentes estão envolvidos e representam a base sobre a qual há a agregação social de larga escala (Moreno, 1934; Scott, 2004). E, por fim, a assoartiva figura um tipo de ligação seletiva, onde os sujeitos escolhem se associar a outros por temáticas em comum (Newman, 2002).

Quadro 1 - Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação no Brasil

Programa - Repositório	IES	UF	ME	DO	MP	DP
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (27001016175P0) http://www.posgraduacao.ufs.br/ppgci https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=1051	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (FUFSE)	SE	-	-	3	-
CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO (53001010018P0) http://www.ppgcinf.fci.unb.br https://repositorio.unb.br/handle/10482/5363	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)	DF	5	5	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (33002010195P5) http://www3.eca.usp.br/pos/ppgci http://www3.eca.usp.br/pos/ppgci/teses	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)	SP	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (40002012048P2) http://www.uel.br/pos/ppgci http://www.uel.br/pos/ppgci/portal/pages/defesas-de-dissertacao/dissertacoes-defendidas.php	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA (UEL)	PR	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (33004110043P4) http://www.marilia.unesp.br/posci/ https://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-informacao/dissertacoes/ https://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencia-da-informacao/teses/	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO, MARÍLIA (UNESP-MAR)	SP	6	6	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (28001010041P0) http://www.posici.ufba.br/ https://ppgci.ufba.br/trabalhos-de-conclusao	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (UFBA)	BA	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (24001015049P7) http://ccsa.ufpb.br/ppgci http://www.ccsa.ufpb.br/ppgci/contents/menu/ppgci-ufpb/teses-e-dissertacoes	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA, JOÃO PESSOA (UFPB-JP)	PB	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (26001012171P2) http://www.ufal.edu.br/unidadeacademica/chca/pos-graduacao/ciencia-da-informacao	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS (UFAL)	AL	A	-	-	-
CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO (32001010028P2) http://ppgci.eci.ufmg.br/ http://ppgci.eci.ufmg.br/dissertacoes/http://ppgci.eci.ufmg.br/teses-defendidas/	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	MG	5	5	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (25001019077P3) http://www.ufpe.br/ppgci https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/161	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	PE	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (41001010052P0) http://pgcin.paginas.ufsc.br/ https://pgcin.ufsc.br/en/modelos-e-procedimentos/	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	SC	5	5	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (33001014052P3) http://www.ppgci.ufscar.br	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)	SP	3	-	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (22001018085P8) http://www.ppgci.ufc.br https://ppgci.ufc.br/dissertacoes/	UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)	CE	3	-	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (30001013108P0) http://www.cienciadainformacao.ufes.br/	UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)	ES	A	-	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (15001016158P5) http://ppgci.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/apresentacao http://ppgci.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)	PA	3	-	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UFRJ - IBICT (31001017138P0) http://www.ppgci.ufrj.br/pt/ http://www.ppgci.ufrj.br/teses-de-doutorado/	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	RJ	4	4	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (42001013176P0) http://www.inf.ufrgs.br/	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	RS	A	-	-	-
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (31003010063P6) http://www.ci.uff.br/ppgci/	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF)	RJ	4	4	-	-

Mestrado Acadêmico (ME), Doutorado (DO), Mestrado Profissional (MP)

Fonte: Plataforma Sucupira (2022).

Conforme o Quadro 1, o domínio da pesquisa foi o conjunto formado por 18 programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil registados na Plataforma Sucupira (2020), conforme o Quadro 1, em que foram considerados os programas de nível Mestrado Acadêmico (ME), Doutorado (DO) e Mestrado Profissional (MP).

O recorte temporal compreendeu o período do ano de 2000 ao ano de 2022, e sua delimitação se deu por que ele compreende quase a metade da institucionalização e percurso

histórico-epistêmico da Ciência da Informação, o que infere que as transformações e evoluções sociais, culturas e tecnológicas refletiram sobre o seu fazer científico.

Para busca das dissertações e teses (os produtos de onde naturalmente surgem os artigos e comunicações) nos repositórios institucionais e temáticos da Ciência da Informação, foi construído três grupos de buscadores em que as palavras que constituem esses grupos orbitem essencialmente em torno da 'epistemologia' (Figura 6, esfera laranja), que se figura o epicentro da pesquisa.

Figura 6 - Categorias de buscadores em torno da epistemologia da Ciência da Informação.



Fonte: Pesquisa, 2022.

A construção dos três grupos teve como 'busca pré-teste' realizada na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) que tem o objetivo de subsidiar os estudos na área de Ciência da Informação, em que os artigos e comunicações são provenientes de pesquisas em Ciência da Informação em andamento.

Assim, o Grupo 1 (Figura 6, esferas amarelas), se refere aos conteúdos que orbitam mais próximo do epicentro, o Grupo 2 (Figura 6, esferas azuis) se refere as temáticas que orbitam mais distante em volta do epicentro, o que ocorre com o Grupo 3 (Ilustração 1, esferas cinzas), que se refere às discussões epistemológicas à luz de um determinado teórico.

Assim, a busca pode ser dividida em duas partes, os conteúdos densos, que referem à ligação direta entre 'epistemologia+Ciência da Informação' delineado assim a dimensão Poli-epistemológico (Figura 6, esferas amarelas) da Ciência da Informação, e os conteúdos esparsos, que é a ligação indireta, pois a conexão é feita entre 'temática e/ou teórico+epistemologia+Ciência da Informação', que esboça a dimensão meta-epistemológico (Figura 6, esferas azuis), que são as discussões epistemológicas a partir de outros fenômenos, meta-objetos que delimitam em segunda instância a Ciência da Informação.

A busca ocorreu em paralelo com o auxílio do *software Zotero,* e, para preparação de etiquetagem no *Zotero,* adotou-se o procedimento de análise do conteúdo baseada na NBR 12676/1992 da Associação Brasileira de Normas Técnias (ABNT). Esse é um procedimento para análises de documentos – determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação, que visa apresentar as orientações necessárias para o exame de conteúdos de documentos a partir de uma leitura técnica, devendo considerar os seguintes elementos: título e subtítulo; resumo; sumário; palavras ou grupos de palavras em destaque; considerações finais e referências.

Esses elementos foram, portanto, considerados nas análises das dissertações e teses com vistas a identificar questões concernentes aos seus enfoques e às suas discussões. Então, foi realizado o procedimento de meta-análise baseada na referida norma com vistas a diluir o teor generalista e polissêmico da palavra 'epistemologia' e também dos buscadores que constituem as três categorias. Esse procedimento possibilitou a adoção de palavras-chaves que não foram contempladas pelos autores nos resumos das dissertações e das teses, mas que são importantes na etiquetagem no *Zotero*.

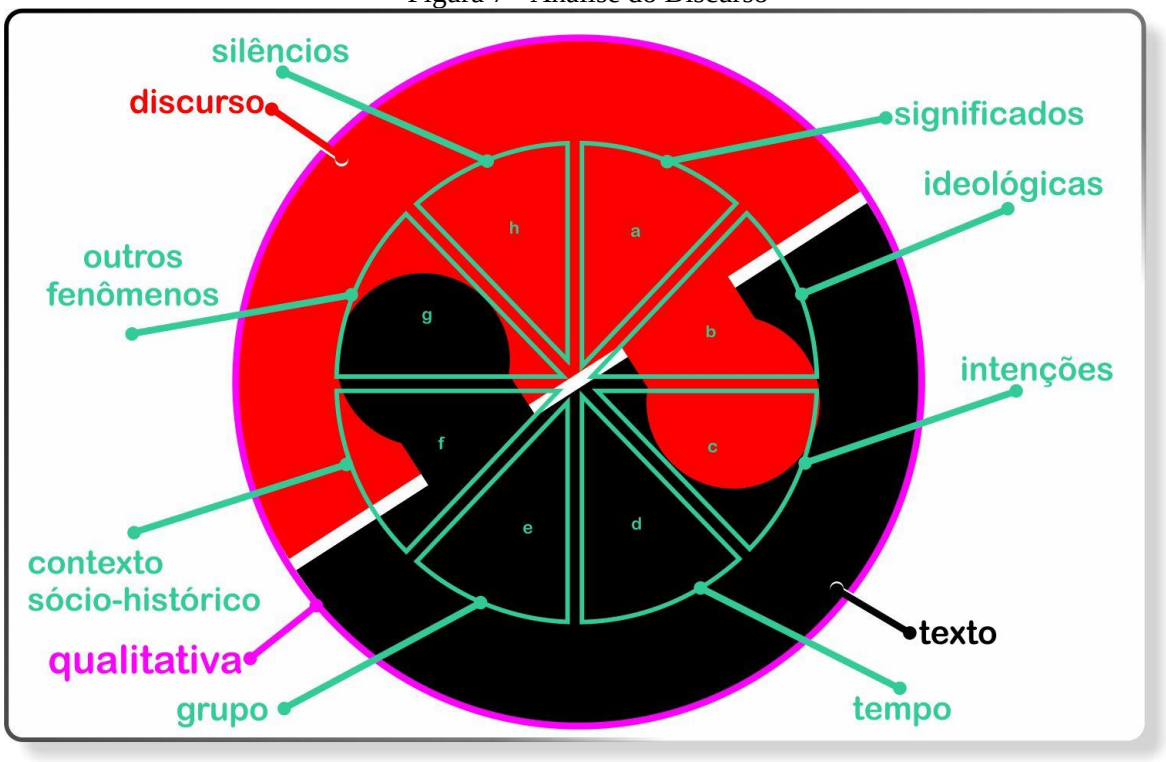
2.4 Análise do Discurso: método de apoio

Complementando a triangulação, adotou-se a Análise do Discurso como método de apoio para o fortalecimento da abordagem qualitativa, a partir da abordagem de Michel Pêcheux, de vertente francesa, que resgata a interdisciplinaridade de campos e teorias através da Linguística como foco no texto como unidade estrutural; o marxismo com foco na dimensão ideológica; e a Psicanálise com foco nas dimensões Id, Ego, Superego e sujeitos inconscientes,

pré-consciente e conscientes (Souza Filho, 2014) e os sujeitos sinérgicos epistêmicos, esse último construído nesta pesquisa.

Segundo Mussalin (2006), essas concepções sustentam que a Análise do Discurso francesa parte da intersubjetividade, ou seja, dos interdiscursos ideológicos e históricos que compõem um sujeito fragmentado entre o consciente e o inconsciente quanto às suas representações. Ela surgiu nos anos 60 na Escola francesa de Análise de Discurso, que tem como objeto de estudo o discurso. Na sua lógica, o método de Análise de Análise do Discurso (Figura 7) atendente às demandas dos polos teórico, epistêmico e morfológico. Contudo, caminhando pela reflexão epistêmica, a Análise do Discurso também atende ao polo técnico, pois pode ser uma tecnologia e/ou técnica de tratamento do pensamento humano instanciado pela linguagem, mas caminhando essencialmente pela abordagem qualitativa.

Figura 7 - Análise do Discurso



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Assim, o *corpus* de análise foi composto pelos textos completos das dissertações e das teses do banco de dados construído pelo *Zotero* em análise parcial quantitativa por análise baseada na norma ABNT NBR 12676/1992 para a análise qualitativa interpretativa que se iniciou pelo *VOSviewer* a partir dos Grafos. Na lógica qualitativa do *corpus* da pesquisa, a Análise do Discurso debruçou sobre os estratos-essenciais[14], e verificou as condições de

[14] Os discursos científicos (Estrato-essência) retirados das dissertações e teses.

produção e de apreensão dos significados da intersecção do discurso, produzidos nos campos social e também institucional, assim considerando, respectivamente, uma abordagem macro e uma abordagem micro, visando compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social do sentido (Minayo, 1996, p. 211). Na Análise de Discurso, se analisou as construções ideológicas, as intenções presentes em um texto marcada pelo tempo, grupo e contexto sócio-histórico do sujeito que fala, ou seja, os epistemólogos em formação (autores das dissertações e teses). Assim, dentro deste procedimento metodológico, o texto foi elencado como parte fundamental que se compreende uma unidade analítica, uma palavra ou um conjunto de frases que formam os estratos-essências. No texto, o pesquisador se volta para as relações de forças – lugares sociais e os posicionamentos dos sujeitos (Mazzola, 2009).

Assim sendo, na Análise do Discurso procurou-se verificar a relação de sentido, que é a convergências dos vários discursos, o coro das vozes dos epistemólogos, o que inclui as condições epistêmicas e conceituais de um sistema de conhecimento, e considera a relação de antecipação, que são experiências do locutor em relação ao lugar e a percepção do ouvinte. Além de atentar para o silêncio dos epistemólogos, que são as relações do dito e não-dito; os silêncios que expressam algo, que também soa significados como as falas silenciadas (Orlandi, 2001; Mazzola, 2009).

Quanto ao não-dito, Orlandi (2001) destacou duas formas, o pressuposto e o subentendido. No primeiro caso, aborda-se a linguagem em si, correspondendo ao implícito que - embora não-dito - faz-se presente no próprio dito. No segundo, considera-se a forma de implícito que depende do contexto, não podendo ser apontado como necessariamente ligado ao dito. Quanto às falas silenciadas que se conformam no espaço dos não-ditos, Orlandi (1992, 2007) aborda também duas formas de silêncios, o silêncio propriamente dito, que se caracteriza como silêncio fundador, e à política de silêncio. Para a autora, há diferença entre o implícito e o silêncio, uma vez que este não nutre uma relação de amarração com o dito para significar, o que significa afirmar que o sentido do silêncio não deriva das palavras para significar algo. O silêncio tem significação própria, em que ele não é o vazio, o sem sentido, mas é o início de uma totalidade de significação, pois não reside entre as palavras, ele as atravessa (Orlandi, 2007).

Procedimentalmente, com o apoio da Análise do Discurso, apartir das categorias de análises indicadas pelo *VOSviewer* representada nos Grafos, verificaram-se as estratégias linguístico-discursivas utilizadas pelos epistemólogos na construção de seus argumentos acerca destas categorias de analises; verificaram-se os sentidos já-ditos (conteúdo explícito), que

perpassam os enunciados produzidos sobre a Ciência da Informação; identificaram-se os termos, as expressões e as palavras que os epistemólogos empregaram para se referirem à Ciência da Informação nos enunciados que produzem; e detectaram-se, na implementação das estratégias linguístico-discursivas, os não-ditos (conteúdo latente) também no fluxo da cosmovisão no que versa a Ciência da Informação, transcreveram-se os trechos Estratos-Essências para destacar os aspectos de linguagem relevantes para o que se objetivou.

3 RACIONALISMO APLICADO E FENÔMENOTÉCNICA

É desafiador manter a racionalidade quanto ao ciclo da produção da informação científica no contexto sócio-tecnológico atual, que tem também como fenômenos a fluidez e a liquidez, que podem refletir de forma negativa nas sensações, percepções, simbolizações e representações. Focar as atenções nesses dois fenômenos significa compreender os corpos e as subjetividades que se inserem e reagem na experiência contemporânea de estar-no-mundo da materialidade de átomos e de células, principalmente, dos fluxos de *bits*.

Considerando os autores Berman (1982), Bauman (2001), Johnson (2001), Alves, Mancebo (2006) e Felinto (2007), observa-se que isso ocorre porque as lógicas digital e virtual têm orientado os destinos do mundo e promove a simbiose entre humano e máquina, como argumentaram Siqueira, Medeiros (2011) e Matos, Jacintho, Alvarez (2019). Para Coimbra (1995), os corpos, e, especialmente, as subjetividades (discursos) e a intersubjetividades (interdiscursos) enquanto fenômenos sincrônicos no tempo e no espaço, podem ser afetados pela fluidez e liquidez. Deste modo, a ciência como uma instância da sociedade contemporânea também sofre interferências nos seus (inter)discursos. Com efeito, segundo Câmara (2017), a razão e a filosofia têm perdido espaço na época dos algoritmos, e, entre outros desdobramentos, essas interferências nos domínios da razão e da filosofia podem potencializar os obstáculos epistemológicos, uma vez que esses domínios são bases da consciência científica.

Portanto, o Racionalismo aplicado é um espectro epistêmico e, conjugado à Fenômenotécnica, ambos auxiliam na compressão das sensações, percepções, simbolizações e representações, especialmente, dos objetos científicos. O Racionalismo aplicado, como discurso publicado em 1949, nessa pesquisa se estabelece como corrente possível para compreender as fluidez e as liquidez problemáticas como característica do contexto sócio-tecnológico atual, pois essa corrente pode dar conta da vida psíquica destes corpos na interseção entre intersubjetividades e subjetividades, especialmente, fluídas, utilizando a concepção de Bachelard (1996) de que não basta raciocinar, cogitar sobre os fenômenos, mas considerar caminhos técnico-epistêmicos para ir além da percepção e da significação dos corpos e das subjetividades (Barbosa, 2003).

> O Racionalismo aplicado, proposto por Bachelard para dar conta das ciências contemporâneas, surge a partir do momento em que o Racionalismo e o Empirismo, filosofias que fundamentavam as Teorias científicas dos Séculos XVII ao XIX, não conseguem mais explicar as ciências contemporâneas na sua complexidade e fugacidade (Barbosa, 2003, p.33).

O Racionalismo aplicado, além de refletir sobre essas fugacidades excedentes das TIC, que produzem corpos e psiques fluidos, delineia a realidade do objeto científico, a base onde as experiências do sujeito acontecem, está e/ou é. Em outros termos, ela pode ser o *lócus* de pesquisa, onde ocorre os experimentos, a prática e o fazer da ação. Considerar o Racionalismo aplicado não significa descredenciar o raciocínio sobre os fenômenos e os objetos, mas sobre sua valorização, uma vez que se destaca no andamento de uma pesquisa uma fenomenotécnica, que permite a ciência experimentar. Com efeito, no Racionalismo aplicado, o racionalismo e o empirismo se convergem em um diálogo constante, assim desconstruindo a relação de antagonismo ou polarização entre às duas perspectivas como era visto até então (Barbosa, 2003).

Neste sentido, experiência, vivencia, percepção, significação e instanciação dos pesquisadores sobre a noção de objeto científico devem ser sempre consideradas e postas em suspensão científica, sobretudo, no que se refere à formação do novo espírito cientifico, considerando os três estados que delimita a vida psíquica. O primeiro estado denominado de concreto, o espírito do sujeito cognoscente se entretém com as primeiras impressões do dado, assim se constrói imagens simbólicas e estéticas do objeto, em que o pesquisador irá se ancorar na literatura filosófica que exalta a natureza como algo divino, enaltecendo curiosamente, em simultâneo, a unidade do mundo e sua rica diversidade (Bachelard, 1996). O segundo, concreto-abstrato, que corresponde à fonte das imagens simbólicas e estéticas destinadas a agradar.

Nesta dimensão, o espírito do sujeito cognoscente acrescenta ao dado esquemas geométricos e se ancora na filosofia da simplicidade. O espírito está numa situação paradoxal, na medida em que o sujeito cognoscente se sente tanto mais seguro de sua abstração, quanto mais claramente essa abstração for representada por uma intuição sensível (Bachelard, 1996). E, por fim, o terceiro, estado abstrato, em que o espírito do sujeito cognoscente adota informações voluntariamente subtraídas à intuição do espaço real, voluntariamente desligadas da experiência imediata e até em polêmica declarada com a realidade primeira, sempre impura, sempre informe. Nesta dimensão, o cientista moderno está mais interessado em limitar seu campo experimental do que em multiplicar as instâncias (Bachelard, 1996).

Os três estados de Bachelard (1996) têm uma relação íntima com o vetor percepção/sensação para a instanciação de conhecimento e de aprendizagem efetiva, em que ela é imprescindível para a atividade filosófica, e, sobretudo, epistemológica. Nas condições dos três estados, o Racionalismo aplicado se mostra uma filosofia que dialogada tanto na cisão quanto no encontro entre uma racionalidade que visa organizar as teorias e as experiências científicas a aplicabilidade destas mesmas teorias e experiências no real (Sá, 2018). O

Racionalismo aplicado, além de dar conta do transe, do estado alterado da consciência, das fendas e dos espaços vazios, dá conta da experiência única do sujeito, fruto do desejo íntimo que percorre a catarse de seu corpo e de sua subjetividade ao encontro de um objeto da arte, da fé e/ou da ciência.

E, nestas condições, as imagens simbólicas, estéticas e epistemológicas dos objetos científicos são instanciadas, e a fonte pode ser uma construção pessoal e única de um ego e/ou do ethos que pode ser parcialmente transferido. Desde modo, considerar essa lógica é permitir fazer definições como estratégia mental de partida para compreender a noção de realidade, e, sobretudo, do objeto da ciência, que parte da experiência imediata e vai se constituindo também por meios dos tecnofenômenos. Assim, em tese, a Ciência da Informação pode se figurar o objeto científico apreendido deste estudo, na medida que se considera a dimensão poli-epistemológica, que se dá na experiência imediata do pesquisador. O objeto científico apreendido é a priori único do sujeito pesquisador, apreendido a partir dos aspectos subjetivos da experiência e da sua relação mútua com seu mundo interno (Araújo, 2009). Essas percepções sobre o objeto são transferidas parcialmente entre os pares científicos quando compartilham discussões e representações sobre elas, ou seja, por meio os (inter)discursos na formação discursiva (Mussalin, 2006).

Nesta pesquisa, a Ciência da Informação é objeto científico apreendido na experiência primeira do pesquisador, que, como argumenta Bachelard (1996), ocorre por primeiros contatos com o objeto. O fato é que essa experiência primeira deve ser avaliada para que seja transcendida pela lógica poli-epistemológica. Isso não quer dizer que o pesquisador em Ciência da Informação não é capaz de conduzi-la como objeto, mas é preciso sempre um olhar externo para dimensioná-lo de forma pertinente como campo de conhecimento com o progresso da ciência. O objeto científico real, por sua vez, trata-se daquele que contem dimensões não percebidas pelo consciente da experiência, remove-se o sujeito da experiência e toda a ênfase se dá em torno do objeto no mundo externo (Araújo, 2009). Assim, as características não apreendidas pelo sujeito com auxílio da experiência são passadas para os sujeitos que não veem.

O objeto científico de análise é aquele que se escolhe com e sem julgamentos, ele vai transcender a experiência imediata e o real. O objeto científico analisado está em processo e transcende o objeto apreendido, do real e da análise, dele irá surgir os objetos científicos construídos, que são os resultados da fenomenotécnica ou de outro método científico. Para Bachelard (1996), são aqueles construídos na realidade aplicada, são, por conseguinte, constituídos de essências e de tecnofenômenos. Considerar essas definições de objetos possibilita compreender o Racionalismo aplicado em sua prática, e significa minimizar as

influências do ego do cientista e do *ethos* científico, considerado os saberes do espírito pueril e do espírito professoral.

> No primeiro caso se tem dinâmica impulsionada pela: curiosidade ingênua, cheia de assombro diante do mínimo fenômeno instrumentado, brincando com a física para se distrair e conseguir um pretexto para uma atitude séria, acolhendo as ocasiões do colecionador, passiva até na vontade de pensar [...] Quanto à denominada Alma professoral, será aquela movida por seu: dogmatismo, imóvel na sua primeira abstração, fixada para sempre nos êxitos escolares da juventude, repetindo ano após ano o seu saber, impondo as suas demonstrações, voltada para o interesse dedutivo, sustentáculo tão cômodo da autoridade [...] (Marcon, 2012).

Essa atenção quanto ao senso comum e ao científico significa lançar luz à percepção e à significação humanas no âmbito do Racionalismo aplicado, pois naturalmente elas são impressas em qualquer contexto, inclusive na construção do *ethos* científico, ou seja, uma forma de pensar comum a todos. Isso se refere prodecimentalmente à suspensão de qualquer dado de alcance do sujeito, especialmente o dado como estímulo, que reflete sobre a mente humana, que, por sua vez, reflete sobre o ego, o *ethos* e a ciência.

Alves (1981) revela que a ciência é uma função da vida, isso diz acerca da sobrevivência do sujeito das experiências e vivências do corpo, enquanto Bachelard (1996) argumenta que a ciência é a estética da inteligência, isso significa que elas são abstrações. A partir disso, considerando os pensamentos dos autores, a ciência é uma instanciação de um sujeito cognoscente que vive e sente, assim como revela Smiraglia (2005), que indica as instanciações humanas como realizações da percepção e da significação na organização dos saberes.

Em suma, é a partir do Racionalismo aplicado que se visualiza o sujeito cognoscente na construção dos conhecimentos, isso ocorre através do fluxo que compõe o objeto percebido, o objeto real, o objeto científico construído ou em construção e o objeto científico de análise. Nesse contexto, se destaca o *status* de cientista e sua relação com os esses objetos científicos de forma simbólica, estética[15] ou epistemológica, as três formas de imagens que podem emergir na produção científica em que o espírito do pesquisador os visualiza com base em seus interesses, suas intenções e suas comodidades da fenômenotécnica construída, que podem se confirmar como três foças para o entrave científico.

Para Sisson e Winograd (2012), toda Ciência é por consequência uma tecnociência, assim os fatos, os produtos, as teorias e os conceitos científicos são construídos da técnica, não são encontrados flutuando na realidade e percebido a partir da apreensão imediata do sujeito.

---

[15] A palavra estética é a tradução da palavra grega *aesthesis*, que significa conhecimento sensorial, experiência e sensibilidade. A estética estuda as sensações que a arte provoca no ser humano, desde sensações boas até sensações que causam desconforto, inquietude, aflição etc. (Konell, 2020).

Ao abordar o termo Fenômenotécnica, Bachelard (1996) pretende justificar a tese de que os fatos científicos nesta condição não são naturais, mas ela surge com o de objetivo de:

> [...] renovar o espírito do cientista, uma mais alargada fenomenologia do "sujeito que trabalha" - desenvolvendo, se quisermos, esta intuição de Husserl acima referida. Retirar as máscaras psicológicas, as seduções inconscientes, a logomaquia gratuita, o "complexo do filósofo realista" que imagina, sem querer, a realidade como se ela lhe pertencesse. Daí toda a teorização de uma fenomenotécnica. Entende-se esta igualmente como fenomenologia mas uma fenomenologia no seu sentido lato e voluntariamente alargada ao trabalho técnico-científico, como já também referimos, "uma fenomenologia científica" (Bachelard, 1996, p. 60, grifos do autores).

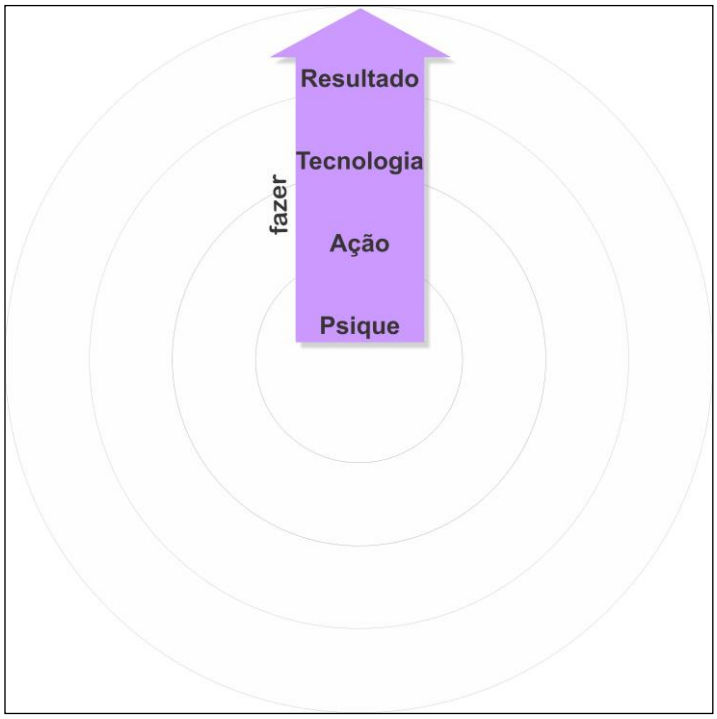
Pensado, entre as décadas e 1920 e 1930 pelo filósofo francês Gaston Bachelard, o termo Fenômenotécnica carrega estranheza e neologismo. Bachelard apenas afirma que Fenômenotécnica prolonga a fenomenologia, e, como fenomenologia, analisa o conjunto de fenômenos que manifestam no tempo e no espaço. A Fenômenotécnica é a análise de conjunto de tecnofenômenos que manifestam no tempo e no espaço de uma determinada ciência. Assim, no primeiro caso, os fenômenos são naturais e espontâneos, na ciência os fenômenos são produzidos para alcance de um objetivo.

Há pouco aprofundamento do termo, e, por consequência, acaba sendo um terreno arenoso para entendê-la, pois é essencialmente um termo fluido.

> A fenômenotécnica é um conceito **que varia de significação** em alguns contextos, no presente contexto, o saber comum é fenômeno, o conhecimento científico fenômenotécnico, num contexto meta-estético e espacial, esse conceito opera entre **pensamento**, **razão**, **criação** e **sensibilidade espacial intuitiva** na criação dos fenômenos científicos a serem desvelados pela ontologia a posteriori (Rocha, 2020, p. 52, grifo nosso).

Mas, é possível fazer alguns apontamentos que se interseccionam sobre a Fenômenotécnica enquanto conceito, pois como método, filosofia ou até mesmo abordagem mental, como no caso da Fenomenologia que se apresenta nestas facetas, é preciso mais empenho. Os pontos se referem à recorrência, como a *psique*, a ação, a tecnologia e resultado que constituem o 'fazer', como esquematizado na Figura 8.

Figura 8 – Fenômenotécnica



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Na epistemologia de Bachelard (1996), destacar a *psique* (Figura 8) é fundamental para compreender o Racionalismo aplicado. Com efeito, a *psique* se refere a todos os fenômenos que ocorrem na mente e que permite o sujeito se relacionar e adaptar-se por meio do imbricamento das incitações internas e externas, ou seja, na percepção e na significação da construção do conhecimento, que tem o Racionalismo aplicado no fluxo que emerge entre o racional e o real, se considera o transe, o estado alterado da consciência, as fendas e os espaços vazios da natureza líquida das mentes descentralizadas que têm tornado um mundo kitsch. A percepção e a significação são vetores formados por duas forças distintas e complementares de construção dos conhecimentos, um elemento que nos faz sujeitos cognoscente, de tal modo que nos diferencia de outras espécies de animais.

A percepção é um fenômeno de interpretação simbólica de dados colhidos das impressões pelas vias das sensações, já que ela considera as experiências e as vivências do sujeito cognoscente. A sensação, por sua vez, que também marca a existência das espécies mais simples, diz acerca dos dados colhidos pelos sentidos que não necessariamente são submetidos à interpretação simbólica como naturalmente ocorre com espécie simples (Araújo, 2014). Uma *Aplysia*[16], quando submetida ao simples toque como estímulo, se retrai e sua retração ao

[16] É uma lesma marinha pertence à família *Aplysiidae*.

estímulo fora somente mecânica, sem significado algum para o organismo, em que a retração da *Aplysiidae* está estruturada no código genético da espécie que entra em operação apenas pela sensação e percepção.

O mesmo ocorre com o *Furnarius rufus* (João-de-barro), que tem seus saberes sobre arquitetura, constrói sua casa mediante a programação genética de sua espécie e sem a relação dialógica com a precepção no tempo, no espaço, nas satisfações, nas utilidades e nas aplicações que, em seguida, produz no sujeito cognoscente um ciclo de signficação, reflexão e mudança, ou seja, de ação e/ou de instaciação. Importante esclarecer, com base em Smiraglia (2005), que é a partir da imbricação entre percepção e significação ocorre a instanciação, que se refere a uma concretização e/ou realização de uma abstração. Assim, emerge o terceiro elemento que constitui a tríade que promove a consciência, os *insights*, figurando o sujeito criador de conhecimentos, aquele que apreende enquanto aprende, sobretudo, no *status* de cientista que pode ser capaz de romper com os conhecimentos aprendidos e apreendidos, quando estes se tornam estanques pela via do sacralíssimo (Mathias; Valls; Crespo, 2017; Silva, 2019). Neste sentido, quando os cientistas constroem seus conhecimentos e os instanciam fazem da mesma forma que o trovador ao apreender as aflições e os deleites do amor ao instanciar através de sua obra.

A arte e a ciência, como tudo que é percebido, significado e instanciado da natureza humana emerge de um corpo e de uma subjetividade na variação dos interesses, das intenções e das comodidades, ambos imbricados no tempo e no espaço e que emergem por imagens simbólicas, estéticas e epistêmicas (Alves, 1981; Valentim; Ançanello, 2018). Além disso, as imagens simbólicas e estéticas são abstrações nebulosas de interesses, de intenções e de comodidades, enquanto as imagens epistemológicas são fenômenos claros e efetivos da instanciação, ou seja, da construção do conhecimento científico (Aumont, 2012).

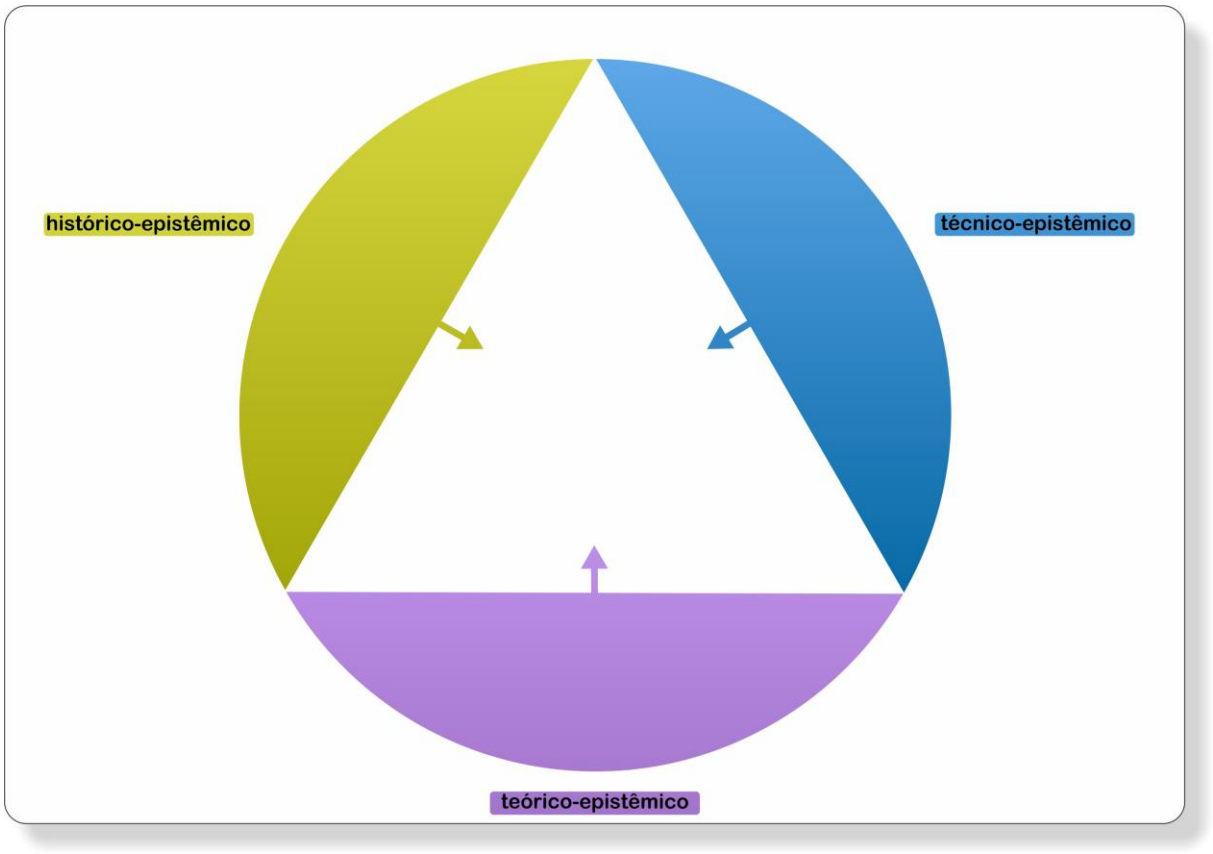
Aqui destaca-se a ‘ação’ como dimensão da Fenômenotécnica, na medida em que essa abstração vai de encontro ao ponto de vista hermenêutico de Capurro (1985), pois este revela que o conhecimento está ligado à ação, mostrando os pressupostos e as consequências a respeito dos processos cognitivos e práticos. A ‘Tecnologia’, por sua vez, não se refere à sua escolha, vai para além disso, se refere aos excedentes de seu uso, como, por exemplo, o fogo que foi figurado uma das primeiras tecnologias dominadas pelo sujeito humano, e, como tal pode ser usado para fazer o bem ou para fazer o mal. Assim, versa sobre seu acesso e uso com o potencial de provocar mudanças no corpo e na subjetividade dos sujeitos contemporâneos no contexto espaço-temporal e na própria ciência. Em última análise, a Fenomenotécnica versa também

sobre os resultados, o ponto visível de um percurso de uma intersecção de tecnofenômenos e acerca das entidades teóricas vistas pela técnica.

4 A TRÍADE EPISTÊMICA: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS NAS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

A produção da informação científica pode caminhar por três perspectivas distintas, mas que, ao mesmo tempo se relacionam, como demonstra a Figura 9. Assim, esta abordagem crítica é constituída a partir da perceptiva histórico-epistêmica, que se refere à memória da ciência; da perspectiva teórico-epistêmica, que concerne aos discursos; e da perspectiva técnico-epistêmica, que se refere à demanda de materiais, procedimentos e métodos, embora, a teoria e a prática ganham mais destaques nos discursos científicos, o que impede, muitas vezes, o pesquisador visualizar o que pode estar entre elas.

Figura 9 - Divergências e convergências nas condições de produção na Ciência da Informação



Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

As abordagens crítica e dialética da tríade epistêmica tem como horizonte desvelar o oculto, clarificar as relações de poder, a cultura e a ideologia, considerar as diferenças culturais individuais dos agentes da ciência que embasam os interesses, as intenções e as comodidades (in-pré) conscientes.

A introdução de perspectiva histórico-epistêmica no ensino de ciência foi feita de forma marginal, para, entre outras questões, negar as apresentações estereotipadas e tradicionais do método científico contemplados nos livros didáticos, em que se destacaram nesta estratégia autores como Thomas Kuhn, Karl Popper e Gaston Bachelard. No seu próprio livro "A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento" Bachelard (1996) adota, sobretudo, uma perspectiva histórico-epistêmica, uma vez que ela narra o fazer científico, fornece uma ideia do que foi a ciência em tempos mais remotos, evidenciando o entendimento acerca das imagens simbólicas e estéticas das realidades que foram produzidas e que, por um determinado tempo, foram disseminadas em tempo e espaços assincrônicos.

Trazendo Thomas Kunh para discussão, Oliveira (2002), ao considerar as discussões epistemológicas do século XX, no ensino de ciência, foram importantes para a demolição de pelo menos dois obstáculos.

> O primeiro, puramente epistemológico, impedia de se analisar a ciência como uma empreitada humana, sujeita a erros e acertos e fortemente influenciada pelo contexto socio-cultural. O segundo, de natureza pedagógica, determinava que o ensino de ciências deveria se restringir a oferecer os produtos da atividade científica. Ultrapassar estes dois obstáculos permitiu a adoção de novos posicionamentos para com o ensino aprendizagem da ciência (Oliveira, 2002, p. 9).

Assim, a perspectiva histórico-epistêmica foi imprescindível na didática de ensinos na pós-graduação, sobretudo, no que se refere ao descortinamento interno do cientista e à ruptura como verdade absoluta e atemporal e com a hegemonia da posição positivista e empiricista que desenham o cientificismo.

Considerando os argumentos de Oliveira (2002), na Ciência da Informação, a perspectiva histórico-epistêmica pode ser visualizada por dois pontos, o valor transitório que agregam as discussões sobre identidade quando se busca fortalecer o entendimento unitário e *status* sobre o campo. E pode ser visualizada pelo valor transitório ou pós-transitório, quando as discussões que vão além das condições de identidade e de unidade na episteme do conhecimento incluem também os estudos que busca entender o valor transitório.

Na transformação desta perspectiva do pós-transitório, o objetivo é revelar que a produção científica é um produto de um complexo processo de construção. Assim, considerar a perspectiva histórico-epistêmica significa, sobretudo, afirmar que a construção dos objetos científicos não é simples. Essa postura ajuda a visualizar as imagens, muitas vezes, distorcidas produzidas por análises superficiais e caducas sobre a ciência e seus respectivos objetos.

Como afirma Oliveira (2002), a lógica da abordagem histórico-epistêmica mostra a decorrência da organização da produção científica que se manifesta para além dos conjuntos de

conceitos, de teorias e das redes das quais emergem os significados e as decodificações. Essa abordagem somente se torna fecunda para o avanço científico quando refle sobre os fatos acerca dos conjuntos, indo além da descrição deles, e, contrariamente, quando isso não ocorre, essa perspectiva torna-se um obstáculo, em que a memória científica evocada acaba fazendo apenas a manutenção de um mantra do *ethos* científico, e o pensamento pode permanecer imóvel. Neste sentido, não situar essa pesquisa dentro de uma linha que articula memória e história fora imprescindível para romper com o mantra que faz a manutenção das ruminações e a inercia científica que imobiliza o pensamento.

A perspectiva teórico-epistêmica também serve para compreender a ciência como um sistema de produção de informação e uma atividade humana e histórica, que se relacionam aos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais (Brasil, 1998). E nesta abordagem se incluem as perspectivas histórico-epistêmica e técnico-epistêmica, pois ela considera o valor transitório e o valor pós-transitório, na medida em que expressa os objetivos e as finalidades, se posicionando a respeito dos rumos das ações que permitem mudar as realidades, podendo, assim, ser o ponto de partida e o ponto de chegada. Para o Tardif (2002), aquilo que se chama de teoria do saber ou de conhecimento existe somente por meio de um sistema de práticas e de atores que as produzem e as assumem.

A abordagem teórico-epistêmica emerge da intuição, da especulação e da observação não sistêmica, e, no campo científico, ela pode ser uma ideia que fora posta em prática ou não, ou seja, ela pode ser um resultado, uma teoria ou qualquer outro fenômeno de um processo que envolveu um objeto científico em determinados tempo e espaço. Porém, vale ressaltar que um objeto científico construído e toda sua fenômenotécnica sofrem mutações, especialmente os objetos das ciências sociais e humanas, devido às mudanças do mundo. Ou seja, tudo é nascido com base em alguma hipótese, conjectura, ou suposição, mesmo abstrata, sobre a realidade.

Quanto à abordagem técnico-epistêmica (Figura 9, fatia azul), embora, de menos valia em termos de discussões epistêmicas, talvez por ser visualizada pelas sobras tecnicista e positivista, que denotam movimento de desvalida da condução humanidade no ciclo fenomenológico da informação científica. Vale lembrar que técnica e tecnologia não são sinônimas, embora, mantenha uma íntima relação. A técnica compreende um conjunto de regras, protocolos e modos de agir diante das potencialidades da tecnologia, ou seja, trata-se de um conjunto de elementos destinado ao uso e à diminuição de problemáticas relacionadas à tecnologia. Assim, a técnica pode emergir como saber vulgar tradicional, mas eventualmente impregnado na produção de saberes científicos, é a primeira condição para visualizar a abordagem técnico-epistêmica, assim a técnica não é reconhecida como vetor epistêmico. Na

ciência, técnica e tecnologia supõem um objetivo preciso, supõem saberes científicos, já disponíveis ou novos. Na ciência, a produção e o uso da técnica ou da tecnologia contém regras, ou seja, instruções para alcançar um número finito de atos numa ordem dada e com também um objetivo definido. Assim, técnica e tecnologia implicam, portanto, valores, “tal coisa é útil ou adequada para tal outra” (Cupani, 2004; Assunção, 2014).

Assim, considerar a abordagem técnico-epistêmica de forma profunda em uma pesquisa, para muitos cientistas, significa convidar o positivismo para pesquisa e para as ciências sociais e humanas, sendo esse um equívoco, um erro epistêmico, considerando que a abordagem técnico-epistêmica não emerge sozinha, e, muito menos, se matem como tal. As perceptivas histórico-epistêmica e teórico-epistêmica estão definitivamente encrustadas em sua natureza, assim a abordagem técnico-epistêmica irá considerar os aspectos teóricos e históricos no uso da técnica e dos artefatos tecnológicos para construção de conhecimento, definindo reflexões básicas porque o uso desta técnica, tais como os alcances dela, as problemáticas e os erros cometidos nos processos. Além de ser considerada a partir daqueles aspectos, a abordagem técnico-epistêmica pode ser visualizada pela filosofia da tecnologia a partir de três questionamentos básicos: O que é tecnologia? Como é a tecnologia? E por que usá-la? Essas questões devem ser feitas e respondidas como condições que auxiliam o sujeito na construção da informação científica, adaptada à área de conhecimento, à pesquisa e ao objeto de estudo (CUPANI, 2013)

5 CONCEPÇÕES CONSONANTES E DISSONANTE SOBRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E O SEU OBJETO CIENTÍFICO

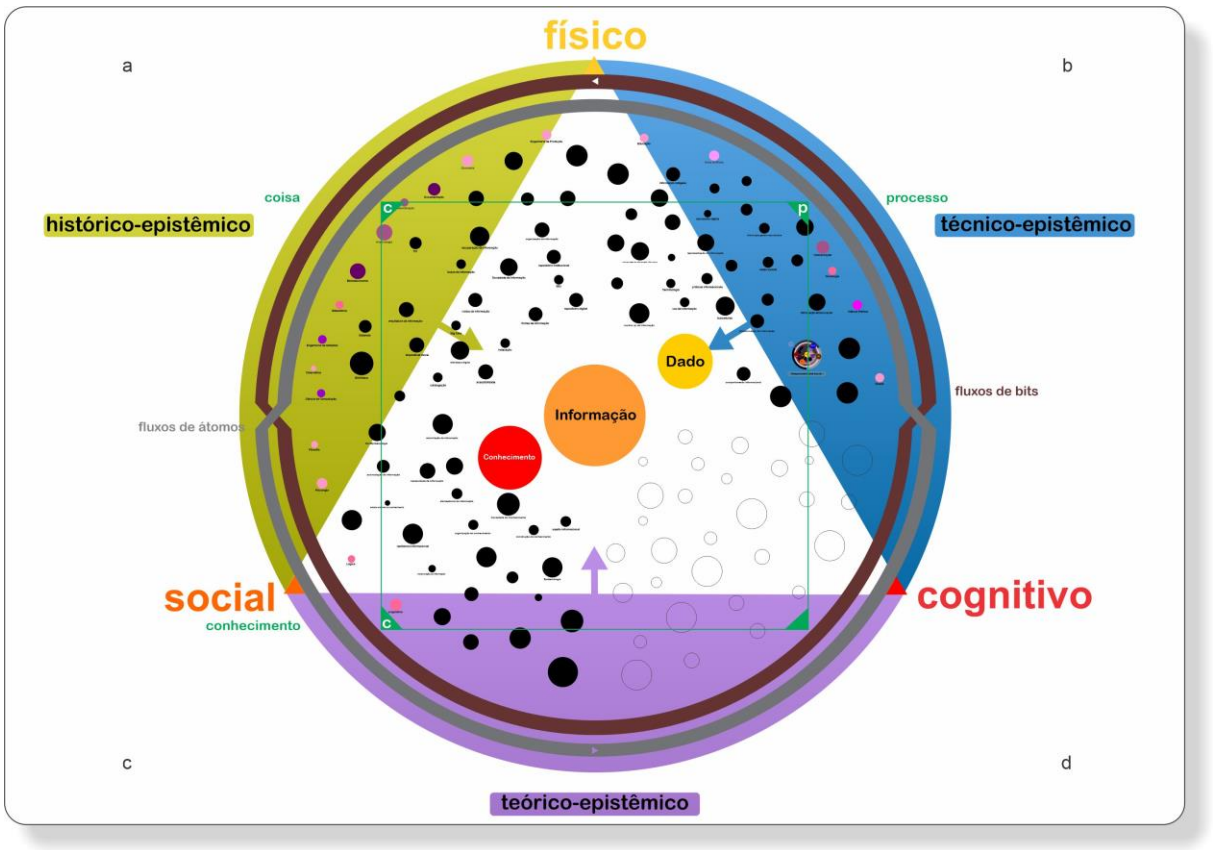
Na Ciência da Informação, como evidencia a Figura 10 criada a partir dos discusos de Buckland (2010), Capurro (1985) Setzer (1999), há consenso de que a informação é o objeto de estudo.

Essa constatação se dá pelo empenho dos estudos de derivação e de aplicabilidade dos diversos conceitos, teorias, metodologias, tecnologias e processos, entre outros, relacionados à informação.

Além disso, para Dantas e Garcia (2013), o que determina a informação como objeto científico e seus lugares se constituem por processos que partem de sua gênese até a função da disposição para o uso parte da percepção, significação e instanciação do pesquisador, como também dos meta-objetos[17] que orbitam a informação e que podem ser determinantes quanto à percepção, à significação e à instanciação do pesquisador, tais como dado e conhecimento.

[17] A Figura 10 esta esquematizada com um sistema solar em tudo orbita a informação. Assim, na Ciência da Informação, o conhecimento e o dado que são dois meta-objetos estão representados de forma maiores uma vez que eles estão em destaque na discussão. Isso significa dizer que o tamanho dos meta-objetos não se refere à importância, mas a sua evidência no texto.

Figura 10 - Ciência da Informação.

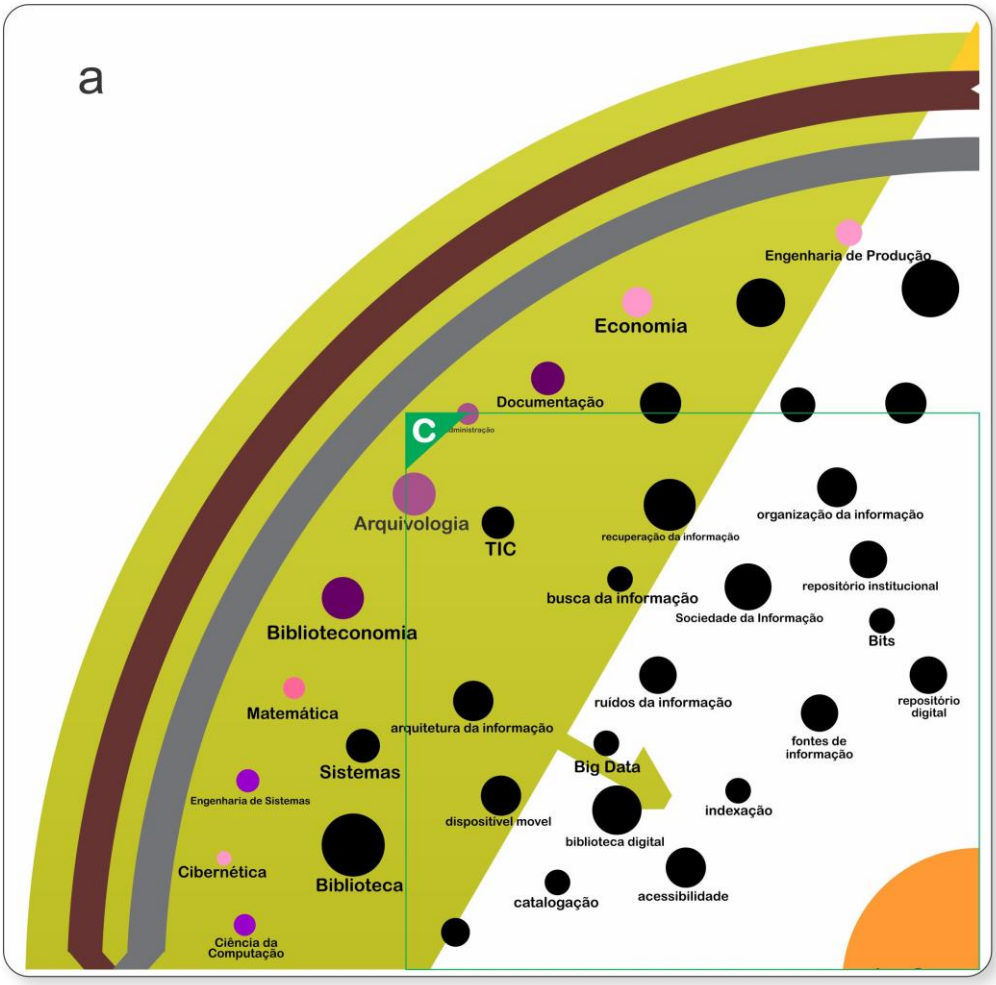


Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Assim, o dado e o conhecimento são alguns dos meta-objetos que emergem em orbita para compreensão da natureza, das forças, das propriedades, dos comportamentos e dos reflexos da informação.

Os meta-objetos podem emergir por meio de conceitos, outras vezes por áreas cientificas, como, por exemplo, Biblioteconomia e Ciência da Computação, que agregam a representação cíclica da Ciência da Informação. Além disso, inclui processos (organização e busca da informação), tecnologias (repositórios digitais, institucionais e temáticos), TIC, *bits*; como corrobora a Figura 11 que representa o quadrante A da Figura 10.

Figura 11 - Conceitos, áreas cientificas e tecnologias Ciência da Informação.



Fonte: Elaborado pelo autor, (2020).

A visualização dos meta-objetos, conforme a Figura 11, se caracteriza como um dos avanços epistêmicos na Ciência da Informação, pois, através dessa prática, os cientistas conseguem identificar fenômenos que refletem diretamente na informação, assim os separam como variáeis para controle, contorno e domínio da informação. Essa ocorrência pode ser designada uma suspensão e um distanciamento parcial do objeto, do entorno da informação ou da Ciência da Informação, pois debruçar sobre o entorno permite buscar as essências ou tecnofenômenos.

> Se, por um lado, as abstrações, os conceitos se distanciam do objeto, por outro lado, nada há mais apto para se aproximar da sua essencialidade, uma vez que o verdadeiro conhecimento não nos é dado pela contemplação viva ou pelo contato imediato. (Abrantes; Martins, 2007, p.317).

Sendo assim, de acordo com a Figura 10, os giros orbitais em trono da informação feitos pelo meta-objetos podem ser orientados pela abordagem histórico-epistêmica (fatia verde,

Figura 10), a abordagem teórico-epistêmica (fatia roxa, Figura 10) e a abordagem técnico-epistêmica (fatia azul, Figura 10), na medida em que essas perspectivas abarcam a informação e a Ciência da Informação através dos fluxo de átomos (círculo cinza vazado, Figura 10), que se refere aos suportes informacionais palpáveis, como também o fluxo de *bits* (círculo marrom vazado, Figura 10), que se refere aos fluxos informacionais de naturezas digital e virtual que compõem o acesso remoto.

Pensar a informação e a Ciência da Informação através da tríade epistêmica que se apresenta como dimensões distintas, embora, conectadas entre si, trata-se de formar um triângulo onde a informação está no estafe e possibilita considerar os três paradigmas de Capurro (1985), a saber, o paradigma físico, o paradigma cognitivo e paradigma social, bem como as dimensões da informação sob a ótica de Buckland (2010).

O paradigma físico (triângulo amarelo) parte essencialmente da abordagem técnico-epistêmica (fatia azul, Figura 10); enquanto o paradigma cognitivo (triângulo vermelho) parte da abordagem teórico-epistêmica (fatia amarela, Figura 10) e o paradigma social (triângulo laranja) parte da abordagem histórico-epistêmica (fatia verde, Figura 10).

Os três paradigmas de Capurro (1985) ancoram a tríade epistêmica ao mesmo tempo em que esta ancora aqueles, numa perspectiva de constitutividade. Contudo, nem a tríade epistêmica e nem os paradigmas se finalizam em si mesmos, é preciso que os estudiosos procurem alcançar o transcendental da tríade epistêmica e dos paradigmas. O transcendental refere-se à promoção de rupturas das comparações, assim promovendo suspensão epistêmica, especialmente, no caso dos paradigmas.

> Não se trata, pois, de comparar os paradigmas para determinar qual o melhor. Cada modelo teórico apreende alguns aspectos da realidade e deixa de fora outros. Aquilo que não era respondido pelo paradigma físico da CI tornou-se parte das preocupações do paradigma cognitivo. Igualmente, o paradigma social surgiu para iluminar questões não compreendidas pelo cognitivo (Araújo, 2010, p. 36).

O reflexo mais positivo da promoção das rupturas, visualizando a transcendência para imagens epistemológicas, é identificar os meta-objetos do entorno da informação, podendo considerar um ponto fixo um paradigma ou uma abordagem, embora, considerando outros pontos. E isso se considera também sobre as noções de informação de Buckland (2010).

O paradigma físico tem o potencial de direcionar os cientistas na visualização da imagem tanto mental e tangível de informação como coisa (Figura 11, superior esquerdo letra C), por sua vez, o paradigma cognitivo visualizar a informação como processo (Figura 11, superior direito letra P), enquanto o paradigma social o de visualizar o conhecimento como um fenômeno

cognitivo, pois na abordagem social ele ganha validade com os arranjos grupais e culturas, na medida em que, antes de ser um fenômeno subjetivo, o conhecimento é intersubjetivo.

O quadro que evidencia estas três dimensões demonstra um quadrante vazio que simboliza outras possibilidades de informação além das formas de apresentação, como coisa, processo e conhecimento a que refere Buckland (2010). Ao destaca o "processamento", Buckland (2010) faz a diferença entre "processo" (internalização) e "processamento" (externalização), porém, o termo processamento diz acera de algo a se formar ou reunir, algo mais ou menos definido, no sentido de assimilação, acomodação e apropriação, ou seja, na perspectiva de um sistema cognitivo ou de um sistema eletrônico.

Embora, um determinado meta-objeto venha condicionar à percepção, à significação e à instanciação do pesquisador sobre objeto científico e ciência, as reflexões e as discussões sobre a informação e, especialmente, a Ciência da Informação tendem a ocorrer por duas passagens: a) visualização e aceitação incondicional das imagens simbólicas e estéticas da nuvem carregada de adjetivos da felicidade que a descreve e a delimita a partri de diversos conceitos, incluindo terminologias que emergem como construtos[18] fascinantes que flutuam no âmbito da condição histórico-epistêmica; e b) visualização e questionamentos acerca da nuvem de adjetivos da felicidade sobre a informação e seu campo científico, em que o pesquisador figura essa nuvem como imagem epistemológica, descortinando o teor ameaçador que impede a fertilização do campo da Ciência da Informação, que flui apenas pela abordagem histórico-epistêmica, em que a abordagem técnico-epistêmico e teórico-epistêmico são auxiliadas para a transcendência.

No primeiro caso, em tese ocorre por uma perpetuação tanto de pesquisadores juniores que chegam à Ciência da Informação a *priori* através da interdisciplinaridade de campo, essa ao qual pesquisadores seniores comungam. Quanto aos juniores, em um primeiro momento, situados no campo da Ciência da Informação o estado de conhecimento emerge como primeira condição para delimitar mentalmente o objeto da Ciência da Informação, de forma que há um desejo de modelar a informação para não a perder de vista. É perfeitamente aceitável esse comportamente junto aos "estranhos do ninho", é assim que as maiorias sentem, pois, muitas vezes, eles vêm de áreas distintas para resolver problemas informacionais de suas ciências bases, então o básico é ter definido o que é informação.

Quanto aos pesquisadores seniores – e em tese questionar o estabelecido significa essencialmente mexer com conteúdo narcísicos dos egos, mas, sobretudo, com o *ethos* da

[18] Modelo criado mentalmente que estabelece entre a observação e a teoria.

Ciência da Informação, pois, como ocorre em todas as ciências, nesta, seus cientistas podem estar presos in-conscientemente às imagens simbólicas e estéticas do objeto informação por uma determinada abordagem, considerando, por exemplo, os paradigmas de Capurro (2003) ou as abordagens de infomação de Buckland (2010). Essa perspectiva promove o incomodo, caminho árduo que gera dor pela ruptura das imagens simbólicas e estéticas acomodadas e empoeiradas no ego do sujeito cognoscente. Refletir sobre 'a primeira impressão é a que fica' provoca não apenas incomodo, mas gera conflito e discórdia entre os cientistas, porque gera drama, porque gera rupturas dos apegos da infância científica.

Quando se refere às imagens simbólicas e estéticas, ou seja, 'a primeira impressão é a que fica', isso significa que alguns conhecimentos adquiridos ao longo da jornada na Ciência da Informação já não dão mais conta das ordens cultural e tecnológica que permeiam a própria ciência, assim tanto o conhecimento em si como também os cientistas presos inconscientemente a ele emergem como obstáculos epistemológico. O ato de conhecer pode se figurar um obstáculo na mediada que ele faz emergir a arrogância narcísica de alguns de conhecer mais sobre um fenômeno que já compreendido pelos cientistas antecessores da infância científica, assim eles não se colocam no lugar de aprendentes, o que se torna fundamental exame psicanalítico.

> Tal teoria da racionalização discursiva e complexa tem, contra si, as convicções primeiras, a necessidade de certeza imediata, a necessidade de partir do certo e a doce crença na recíproca, que pretende que o conhecimento do qual se partiu era certo. Por isso, é grande nosso mau humor quando vêm contradizer nossos conhecimentos primários, quando querem mexer no tesouro pueril obtido por nosso esforço escolar! (Bachelard, 1996, p 51).

E nesse arranjo tudo pode ser um obstáculo, pois, frente ao fenômeno captado por esses mestres e ao que eles julgam conhecer claramente, pode ofuscar o que eles deveriam conhecer mais sobre o fenômeno.

O movimento dissonante parte essencialmente dos juniores que trazem consigo conhecimentos que enriquecem o debate na Ciência da Informação, pois são aqueles que ousam questionar, mas não desconstruindo o objeto científico e o campo por perversão. Eles promovem dissonâncias e conflitos cognitivos na escala habitual de raciocínio dos agentes da Ciência da Informação, utilizando questões ou problemas provocadores, assim, abrindo novos horizontes e desestabilizando pressupostos nunca ou pouco questionados.

Isso motiva rever as emoções, as crenças, os interesses, as intenções e as comodidades (in)conscientes estabelecidos por anos na Ciência da Informação. Essa ocorrência é fundamenta no desejo e na disposição de 'aprender a aprender' sobre o novo ninho científico, e que, por

consequência, veem algo mais a partir de seus conhecimentos, e, nesse caso, a interdisciplinaridade materializada em teorias, áreas e autores. Em conexão, passam a operar sobre uma mesma problemática, "O que é a Ciência da Informação?" ou, até mesmo, "O que é informação?". Sendo assim, essa é a grande contribuição da interdisciplinaridade para Ciência da Informação, quando os sujeitos vão além de resolver os problemas de informação de sua área, e deixam algo que reestrutura positivamente o *Ethos* da Ciência da Informação.

> Os maiores pensadores de qualquer época são aqueles que não apenas fazem descoberta importantes – essa é a tarefa de qualquer cientista, mas também aqueles que causam ao que estão à sua volta uma mudança no modo de pensar, indagar e escrever (Wacquant, 2002, p. 7).

Assim, em ambos os casos, é preciso manter o espírito crítico no decorrer das reflexões e discussões nos domínios da abordagem histórico-epistêmica que em um primeiro momento tem tendência de marcar o objeto, e avaliar os cursos excedentes que fazem apenas a manutenção do mantra que representa a informação como um objeto prosaico.

Isso não significa desvalidar os estudos terminológicos e conceituais no curso da abordagem histórico-epistêmica da Ciência da Informação promovidos pelos estranhos no ninho e os seniores, pois essa perspectiva é importante para situar o sujeito cognoscente, os juniores no caso dos seniores na manutenção da identidade científica da Ciência da Informação, que é também importante para uma ciência, mas que não seja apresentada de forma prosaica por imagens simbólicas e estética.

Fazer uma listagem indentitária sem discuti-las também emerge como obstáculo, pois promove uma ideia de que o campo de estudo é superficial. Os adjetivos e os conceitos têm o objetivo de construir formas e pontos de partidas, assim representar não é necessariamente um obstáculo, é um caminho de construção dos saberes, porém, pode emergir como obstáculo quando há apego a eles, fazendo com que o sujeito cognoscente permeasse imóvel mentalmente nas construções simbólicas e estéticas acerca da informação e do campo científico. Assim, quando destaca 'visualização e aceitação incondicional' e 'visualização e questionamentos' se refere à construção de um olhar epistêmico para visualização do novo espírito científico na Ciência da Informação ou, em outras palavras, para seu avanço.

6 A PSICANÁLISE DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

Na Ciência da Informação, os estudos sobre a Responsabilidade Social focam na perspectiva teórico-epistêmica, apesar de caminhar pela abordagem histórico-epistêmica para figurar em evidência os aspectos dos primeiros estudos acerca desta abordagem, e destacam os Estados Unidos da América (EUA), início do século XX e a década de 50 do século como espaço-temporal, e como agentes estudiosos Charles Eliot, Arthur Hakley e John Clarck (Garcia; Targino; Dantas, 2012).

A Responsabilidade Social é um meta-objeto da Ciência da Informação, ela surge como fenômeno *mass media* e marca também a dinâmica do contexto sócio-tecnológico atual em decorrência de mutações de caráter social, cultural, político, científico, e, sobretudo, tecnológico (Targino; Garcia, 2008; Garcia; Silva, 2017). Porém, para Garcia, Targino e Dantas (2012), a Responsabilidade Social é um fenômeno que, além de estar em evidência nesse contexto sócio-tecnológico, no campo científico emerge por meio de estudos, pesquisas e perspectivas epistemológicas, que pode ser abrigada em qualquer área do conhecimento, o que inclui aquelas que têm interesses na sua gênese e no caminho evolutivo, cujo foco é sua natureza como objeto científico e/ou estratégia para compreensão da informação. Para as autoras, ela diz acerca de qualquer ação que objetiva a melhoria da qualidade de vida de um sujeito no contexto sócio-tecnológico. Silva (2020) destaca o profissional da informação como executor desta ação. Com efeito, a responsabilidade social:

> [...] envolve um conjunto de ações adotadas pelo profissional da informação em benefício da sociedade. Isso significa que, quando esse profissional faz seu trabalho respeitando os preceitos da ética, ele coopera para que tenhamos uma sociedade mais justa, igualitária e solidária. Assim, a responsabilidade social da informação é uma estratégia de política informacional, como, por exemplo, tratar com dignidade e fornecer a informação ao usuário e contribuir, de forma eficaz, para organizar a informação nas unidades (Silva, 2020, p. 10).

Nesta lógica, a Responsabilidade Social da informação engendra um meta-objeto da Ciência da Informação, e, para Dantas e Garcia (2013), cada campo científico se inclina para delimitar a temática na área. Porém, embora situada no campo da informação, ela não se diferencia de um conceito específico de uma determinada ciência, pois foca a informação como *input*, seja em qualquer área científica, como também as suas dimensões, o contexto ambiental, o contexto social e o contexto econômico.

A Responsabilidade Social é concebida no campo científico através da vigilância do lado externo quando os pares científicos e a sociedade em geral valida os fazeres e os resultados científicos, especialmente no caso das ciências do homem (Bourdieu, 1999). No lado interno,

diz sobre a minimização dos conchaves, as manipulações e as paixões decorrentes de interesses, intenções, comodidades e apegos de um sujeito ideológico do pesquisador apaixonado e o pesquisador senciente, às vezes fragmentados, que Foucault (2009) revela ser de controle e de dependência. No campo ideológico da Responsabilidade Social, destaca-se o discurso da empatia, da ética, da moral e da responsabilidade, que são discursos únicos, mas que intersecionam na formação discursiva do pesquisador, e que afeta, sobretudo, os resultados de pesquisas, o conteúdo informacional produzido e disseminado que sejam benéficos, democráticos e acessíveis para o usuário da informação.

A Responsabilidade Social, é, sobretudo, resultado da *psiquê*, porém, produzido a partir das forças do contexto social. Nela reside luz e sombra promovidas pelas trocas sinérgicas mobilizadas pelos sujeitos epistêmicos, em que essas sinérgicas são potencializas pelo ego, ideal de ego e superego. Desta maneira, para compreendê-la como vetor epistêmico no fluxo da Psicanálise do conhecimento científico, segundo proposta por Bachelard (1996), como retorno e/ou mergulho de si, está nas entre linhas a emergência de suspender a *psique*, e isso inclui a compreensão do próprio pesquisador a partir de várias pontos: a) as influências inconscientes, pré-consciente e conscientes dos pesquisadores seniores e juniores na primeira tópica dos estudos de Freud; b) as estruturas psíquicas, ego, ideal de ego, super ego - segunda tópica de seus estudos; c) os fluxos sinérgicos entre os sujeitos epistêmicos; d) a relação entre pesquisadores seniores e juniores; e) compreender as regras, as leis, os desejos e o poder da relação entre seniores e juniores; e f) a conexão inter-subjetivas entres os pesquisadores seniores e juniores. Ocorre que entender esses pontos facilita a compreensão do sujeito ideológico que promovem os interesses, intenções e comodidades dissonantes e/ou consoantes na dimensão pessoal. Por mais que haja diferenças entre a Psicanálise de Bachelard e de Freud, ainda se trata de Psicanálise, e, nesse sentido, a essência é a mesma, a vida psíquica e a influência dela. Porém, a Freudiana é *lato*, ela reflete todas as esferas, e a bachelardiana é *stricto*, pois reflete exclusivamente o fazer no contexto científico.

A primeira tópica e segunda tópica são as duas fases de teorização da obra Freudiana para compreender os territórios, os processos e os fluxos da *psiquê*. Na primeira tópica, Freud tralhou as influências do pré-consciente, do consciente e do inconsciente como os territórios onde se localizam os conteúdos mentais. Aplicado à vida psíquica dos pesquisadores seniores e juniores, o consciente se refere ao acesso direito do conteúdo dos pesquisadores; o pré-consciente, ao potencial do acesso do conteúdo; e o inconsciente, aos conteúdos reprimidos dos pesquisadores.

Assim, a primeira tópica se refere aos territórios de guarda, mas não a quem faz a guarda destes conteúdos nestes territórios, assim como os motivos, as formas, a agilidade, o tempo de guarda e a recuperação. Por isso Freud desenvolveu a segunda tópica, como dialética à primeira, pois ele passa a compreender a energia e a sinergia de quem faz a guarda dos conteúdos nestes territórios mentais, assim ela cunha o Ego, Ideal de Ego, Superego. Segundo Freud, o Ego é fortalecido pela razão, e está preso entre os desejos, os planos e/ou os objetivos do Id de Ego e as regras ditadas pelo Superego. O Ideal de Ego estimula o desejo no Ego, e o Superego diz para o Ego se é pertinente realizar ou não esse desejo. O Ego pode trabalhar ou desejar de forma inconsciente, e, principalmente, de forma consciente. E, neste jogo de equilíbrio da psique, na regulação dos impulsos do Ego promovido do Ideal de Ego, o superego trabalha incessantemente.

O pesquisador junior (Ego), muitas vezes, traz em sua estrutura mental vieses ou imagens simbólicas e estéticas sobre o fazer, os resultados e o objeto científico. O pesquisador veterano, por seu turno, mais experiente funciona como o superego apontando essa problemática, porém, este é regulado, por exemplo, por regras e leis das agências de fomento, que emergem também com superego, pela crítica dos colegas, pela avaliação dos pares e pela análise de sua produção de forma quantitativa. Assim, as relações entre pesquisadores seniores e junior sempre serão tensionadas, e esse força de colisão é importante para o avanço científico, mesmo que eles sejam considerados tradicionais. O fato é que a relação entre progressistas e tradicionais é um fenômeno polar que contribue, em certa medida, no domínio de regras, leis, desejos e poder das agências de fomentos e institucionais. Essas condições produzem conexões intersubjetivas entres pesquisadores seniores e junior.

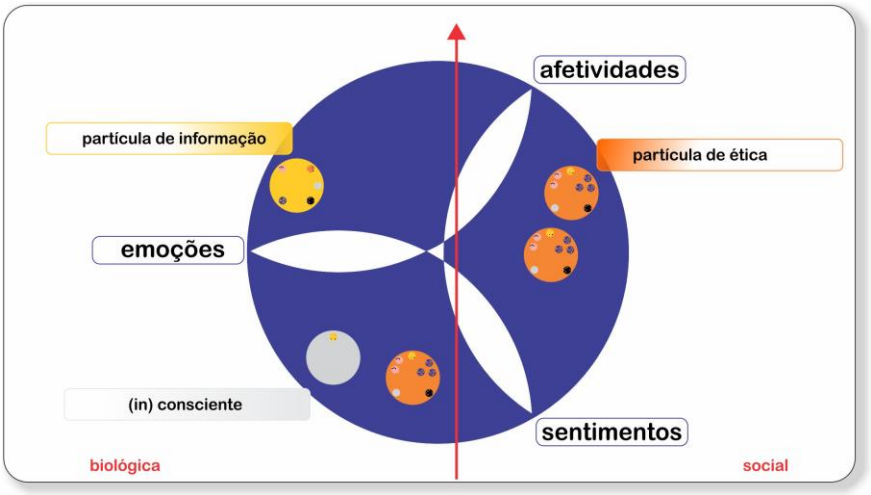
O fluxo sinérgico faz a interação entre o ego, o id e o superego do pesquisador, isso porque a sinergia é o conjunto de forças agindo simultaneamente para um propósito. Assim, o sinérgico promove a ação, cooperativa e simultaneamente, sobre si ou sobre outros sujeitos para o mesmo fim. Ou seja, essa relação constitui os sujeitos ideológicos do pesquisador apaixonado e do pesquisador senciente, que se dividem em duas espécies, o ideológico que orienta e ideológico que atende às orientações, no primeiro caso se destaca o sujeito no topo da hierarquia e o que ficam na base. O sujeito ideológico é que põe em prática a Responsabilidade Social e suas respectivas forças através dos sujeitos epistêmicos, assim analisando a relação entre o sujeito empático, o sujeito ético, o sujeito moral, o sujeito responsável com o sujeito tácito que se situa no inconsciente e sua ligação, e com o sujeito informacional que é consciente. Nessa relação entre os sujeitos epistêmicos na construção do sujeito ideológico se considera a interação de forças sinérgicas que ocorrerem através trocas de partículas, ou seja, uma

‘cooperação’ através do inconsciente e do consciente, como as suas potencialidades para promoção dos obstáculos epistemológicos, pois cada sujeito epistêmico é resultado de uma formação discursiva e ideológica, e são todos frutos da cultura, o que compõe o sujeito fragmentado descrito por Mussalin (2006), que põe em prática na pesquisa.

6.1 O sujeito empático

A empatia, conforme a Figura 12, é uma chave que pode abrir duas portas, uma que leva à harmonia social e outra que promove o caos social da degradação dos corpos e das psiques (Targino *et al*., 2019).

Figura 12 – Empatia



Fonte: Adaptado de Targino *et al*. (2019).

A empatia para Atkinson e colaboradores (2002) é a capacidade de um sujeito se colocar no lugar do outro. Essa capacidade ocorre de forma psicológica por forças de afetividades, sentimentos e emoções, assim ocorre a *priori* no nível metafísico, pois corresponde a uma explicação racional da realidade mental. A empatia torna-se geográfica à medida que ela sai da realidade mental do sentir para agir interseccionado na busca de soluções das problemáticas de outro sujeito, assim se conformando a ‘empatia ativa’, conforme Von Krogh, Ichijo, Nonaka (2001). Os estudos da empatia podem focar aspectos de bases biológica e também social. A segunda abordagem é utilizada neste trabalho.

Conforme a Figura 12, percebe-se que a empatia faz trocas de forças pelas partículas de informação e partículas de ética, isso significa dizer que a empatia também é constituída pela ética em algum nível, como também pela informação. Nota-se também que a empatia é

constituída por uma partícula de inconsciente que emergem em algum nível de sua atuação, pois nela o sujeito tácito pode envolver a empatia. Quanto à interseção das forças de afetividades, sentimentos e emoções, que são três fenômenos distintos, cada um pode emergir por um estímulo contextual específico que irá acioná-lo, e, por consequência, irá promover os interesses, as intenções e as comodidades dissonantes com a missão cientifica e consoantes na dimensão pessoal.

O afeto é um termo mais genérico, algo mais íntimo no sujeito, e, muitas vezes, imperceptível, que agrega e abrange as sensações vivenciadas e experimentadas que engloba tanto os cursos de emoções e de sentimentos. Um rancor acadêmico, por exemplo, é um sentimento que ilustra bem a dimensão do afeto. Os sentimentos, por sua vez, são estados afetivos, assim podendo ser o rancor e a ternura em si, esses são menos intensos e mais duráveis do que as emoções, que é uma explosão de excitação, rubor e/ou tremores, ou seja, as emoções lidam essencialmente com as respostas fisiológicas.

De acordo com a Figura 12, segundo de Targino e colaboradores (2019) as afetividades e os sentimentos estão situados no lado social da empatia, enquanto as emoções no lado biológico da empatia. Nota-se que as afetividades e os sentimentos podem ser situados entre o biológico e o social. E as emoções localizadas mais no lado biológico da empatia. Isso ocorre porque a vida psíquica necessita de um equipamento orgânico, mas o orgânico necessita da intervenção da cultura para se atualizar (La Taille, 1992). Segundo Chabet (2004), em termos de excitações, é importante considerar que a excitação que vem de fora do social provoca as excitações internas, emergindo a base social da empatia.

Baseado em Targino e colaboradores (2019), em tese a emersão das afetividades ocorre quando há uma ligação entre o sujeito empático e o sujeito provocador da energia empática, assim a empatia passa a operar por uma base social. Quanto pela via dos sentimentos, isso acontece quando há ou já houve uma ligação entre o sujeito empático e o sujeito provocador da energia empática, assim, a empatia também opera essencialmente pela base social. As emoções, por sua vez, ocorrem de forma visceral, fisiológica, automáticas e geralmente surgem do inconsciente. Elas emergem por reações orgânicas, segundo Wallon (1995), por diversos estímulos exteriores, e quando há ou não uma relação entre o sujeito empático e o sujeito provocador da energia empática.

Discutir sobre a empatia é confiá-la como meta-objeto de estudo, como temática preliminar e fundante, de qualquer reflexão sobre o mundo circundante comum, a comunicação interpessoal, as diversas formas de associação humana e sobre o valor da relação ética, segundo Ranieri e Barreira (2012), e presentes também no contexto acadêmico. Deve-se considerar a

empatia no contexto acadêmico como meta-objeto de análise que dá condições para entender, além da ética, a moral e a responsabilidade que são variáveis que fazem emergir, ao mesmo tempo, a Responsabilidade Social nas organizações (Mayernyik; Oliveira, 2016; Targino *et al*., 2019).

No contexto científico, a empatia pode facilitar a interação em grupos distintos que compõem a comunidade científica, pesquisadores de diferentes culturas que, muitas vezes, é uma tarefa difícil de promover a harmonia de pensamentos e de comportamentos, assim o contexto acadêmico se transforma, muitas vezes, em um campo de batalha (Fonseca *et al*. 2016). Bauman (2001) argumenta que é um desafio exercê-la neste, pois, no do contexto sócio-tecnológico atual, não há esforços de negociações de compreensão, concessões e empatia. Isso ocorre também por meio da multiculturalidade-grupal, em que diversos grupos étnico-raciais e culturais coexistem em um mesmo espaço geográfico. Como também pelo acesso e uso das TIC, que promovem cada vez mais a fragmentação do território geográfico (Kropotkin, 2012).

Focando os aspectos sociais da empatia, Ranieri e Barreira (2012) acreditam que é possível facilitar a tomada de consciência da empatia como elemento intersubjetivo, ou seja, como um valor cultural, onde esse valor pode ser difundido pela educação letrada, grupal, familiar. E uma vez tornado a empatia intersubjetiva por meio de práticas educacionais e a disseminação da informação tendo como agente facilitador o sujeito informacional, famílias, comunidades e grupos, em tese desenvolverão o pensamento empático subjetivo (Schutz, 1967). Isso ocorre porque os aspectos biológicos e sociais são alternados, assim a dimensão orgânica e cultural são duas instâncias íntimas, segundo Chabet (2004), assim o sujeito submetido à excitação da realidade externa (famílias, comunidades e grupos) constrói a representação da empatia como valor positivo, e possível de pôr em pratica.

Levando em consideração estes apontamentos na Ciência da Informação, a empatia social se compreende como fenômeno humano que surge das afetividades, dos sentimentos e das emoções e que faz parte do nível da intersubjetividade para o nível da subjetividade e tem a Responsabilidade Social como fenômeno de instanciação. Assim, no andamento da empatia, os pesquisadores devem considerar o cuidado íntimo, promovendo o autoconhecimento, para alcançar e entender o outro e sua realidade que emergem na fluidez (Bachelard, 1996; Hessen, 2003).

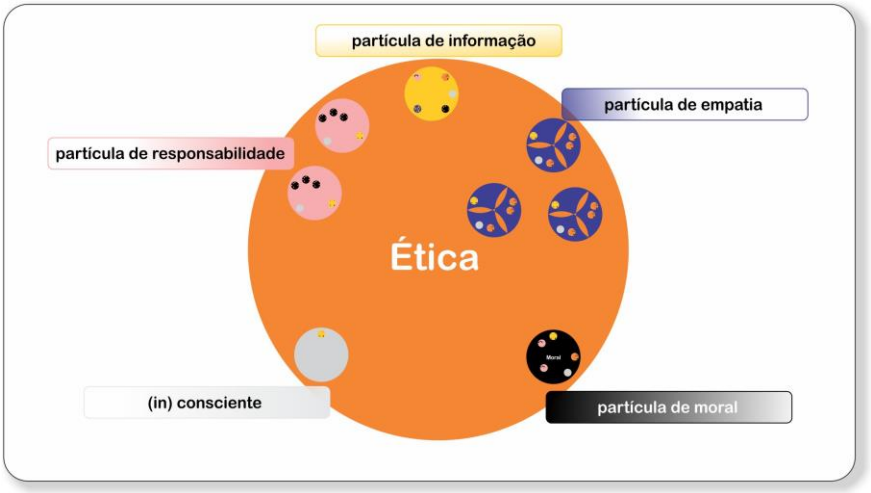
Porém, é preciso que o sujeito informacional avalie com cuidado o sujeito empático, pois ele é tomado por influências das paixões sentimentalistas do assistencialismo, da filantropia e/ou do altruísmo, fatores que podem impedir um crescimento individual, uma vez que pode impedir o movimento do sujeito na descoberta do mundo, de si e das coisas que o

cerca. E, no domínio da Responsabilidade social, as paixões do sujeito empático afetam diretamente a ação do pesquisador do objeto percebido.

6.2 O sujeito ético

Quanto à ética (Figura 13), essa tem em sua estrutura partículas de empatia em maior quantidade, a ética é composta essencialmente por partículas de empatia. Contudo também possui partículas de responsabilidade, da moral, como também de informação, e fenômenos provocados pelo sujeito tácito, ou seja, das questões do inconsciente que cortinam o fluxo da ética, como os silenciamentos, esquecimentos, e etc., e um quantidade menor de partículas de reponsabilidade, e uma partícula de moral.

Figura 13 – Ética



Fonte: Adaptado de Targino *et al*. (2019).

Compreende-se a ética como um fenômeno inacabado e engendra uma reflexão teórica, científica e filosófica do comportamento individual do sujeito em sociedade quanto à racionalidade dos comportamentos, costumes, hábitos e ideais. A ética parte de uma força intersubjetiva para uma subjetiva, pois o sujeito ético lida com a decisão em conjunto da interdiscursividade com ele mesmo na avaliação do seu caráter quanto aos princípios que fundamentam as ações e as relações humanas (Outhwaite; Bottomore, 1996; Valls, 2004).

> [...] crítica na medida em que se assume que os seres humanos não estão soltos no vazio, mas se encontram condicionados por diversas situações psíquicas, econômicas, culturais e sociais que tem impacto na maneira como seria possível construir um comportamento ético (Tabosa, 2020, s/p).

Baseado em Tabosa (2020), pensar em ética na pesquisa científica significa o direcionamento das condições psíquicas, econômicas, culturais e sociais para o direcionamento do pensamento epistemológico dos pesquisadores. Garcia, Targino e Dantas (2012) argumentam que a ética deve permear o centro de qualquer processo de desenvolvimento de povos, de nações, e, principalmente, da produção da informação científica. Em Platão, o sujeito ético é aquele que pratica em sua vida as virtudes como temperança, da fortaleza, da prudência e da justiça. A temperança é a calma e o domínio das paixões, a fortaleza é a resiliência ou a capacidade de fazer sacrifícios para atingir um bem maior, a prudência é a previsão e a cautela ao agir e a justiça é a harmonia, a racionalidade e o equilíbrio. Para Platão, a prática da virtude significa atingir a harmonia e o equilíbrio em suas relações aos outros, os concidadãos, assim ela é a maneira através da qual o sujeito controla suas paixões e seus interesses egoístas de forma a alcançar uma vida equilibrada e racional (Tabosa, 2020).

E, quando o foco é o contexto acadêmico, a ética passa a operar a partir do momento em que o cientista da informação reflete sobre a temperança, a fortaleza, a prudência e a justiça quanto à "[...] gênese, do fluxo e/ou da utilização da informação e privilegia, de forma consciente, os aspectos sociais que envolvem a própria informação e seu ciclo" (Garcia; Targino; Dantas, 2012, p. 21). Sendo assim, a ética é um conceito-chave e epistemológico fundamental para a atuação do profissional da informação e para a Ciência da Informação, quando tem Responsabilidade Social como meta-objeto científico (Silva; Garcia, 2017).

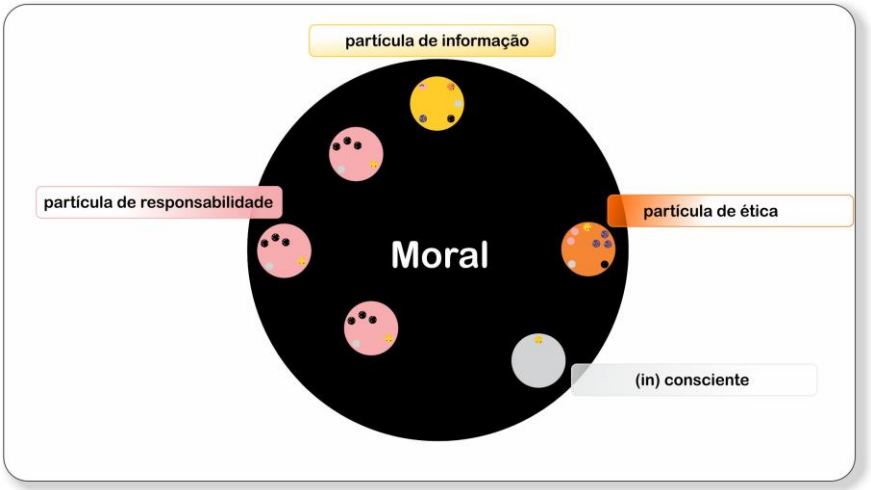
6.3 O sujeito moral

Pensar em ética é pensar em liberdade, mas, como consequência, alcança outro fenômeno que, às vezes, é residual nas discussões, a moral, que se trata de um construto que se refere também aos costumes e hábitos em si de uma dada sociedade em um dado período da história. Porém, a moral expressa cárcere, pois o sujeito moral é escravo dos costumes e dos hábitos caducos que tecnicamente foram e são construídos pela religião, o que torna a moral filha dos credos religiosos (Targino *et al*. 2019).

Visualizando a Figura 14, nota-se que a moral é composta de forma significativa por partículas de responsabilidade, de ética e de informação. Como a moral varia no espaço e no tempo, infere-se que ela varia de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, assim de sujeito para sujeito e também muda ao longo da história (Tabosa, 2020). Embora distinto da ética, mas, ao mesmo tempo relacionada a ela e vice-versa, na moral há partícula de ética de

forma insignificante, mas há, e isso faz com que a moral seja confundida com ética em qualquer sistema de produção de conhecimento.

Figura 14 – Moral



Fonte: Adaptado de Targino *et al*. (2019).

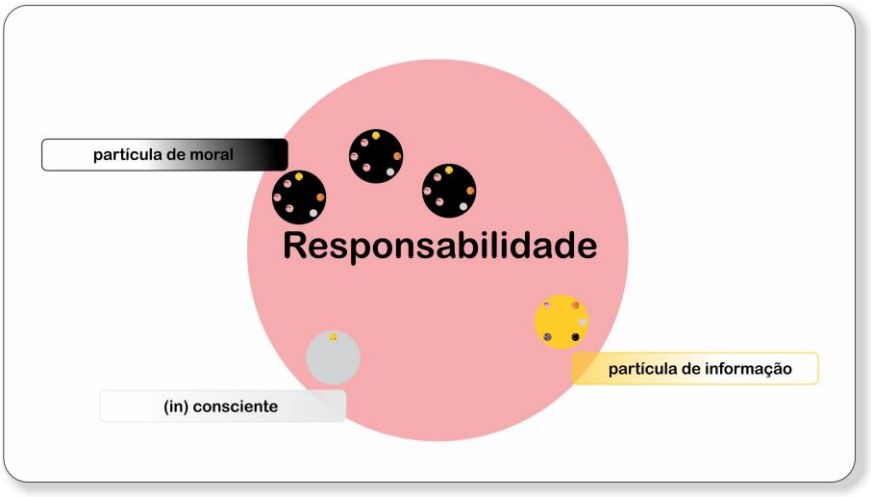
A moral não tem força empática, pois o sujeito moral não se coloca no lugar do outro, mas permanece no lugar psicológico e geográfico dele (Karnal, 2016; Hessen, 2003). Enquanto na ética o sujeito ético age com liberdade, por si, individualmente por meio da perspectiva da subjetividade, por meio do valor em si, tendo a empatia como aliada, na moral, o sujeito moral age pela intersubjetividade, por estar sendo obrigado, sendo escravo psicologicamente de um valor divino, cultural e/ou social.

O sujeito moralista, muitas vezes, age por força narcísica desequilibrada por uma maior preocupação consigo mesmo. Assim, não há deslocamento psicológico de sofrimento empático, mas apenas geográfico e sofrimento moral egocêntrico narcísico emergindo em um curso estratégico para mais tarde não sofrer pena e estar no lugar da coerção, crítica ou de ser queimado pelo fogo do inferno, ou para obter algo (Targino *et al*., 2019).

6.3 O sujeito responsável

O sujeito responsável é íntimo do sujeito moral, ambos se relacionam discursivamente, e essa intimidade diz acerca da formação discursiva do “dever”, que é uma ideia socialmente validada de que um sujeito A é obrigado a responder por seus atos, mas, principalmente, pelos atos de um sujeito B, de uma coisa ou ato do sujeito B confiada ao sujeito responsável (Normando, 2012).

Figura 15 – Responsabilidade



Fonte: Adaptado de Targino *et al.* (2019).

Nesta lógica, o sujeito responsável não é atravessado pela empatia e nem pela Ética, como evidencia a Figura 14, assim o sujeito responsável é quem põe em prática a obrigação, e ele o faz porque estar mais preocupado com o juízo de valor que um cidadão e/ou a sociedade fará dele, uma vez que ele deu conta do algo que lhe fora confiado. Assim, em tese, o sujeito responsável tem a obrigação de responder pela conduta na lógica de Thiry-Cherques (2003), ele se aproxima do sujeito moral e se distancia do sujeito empático.

6.4 O sujeito tácito

Considerando Polanyi (1966), o sujeito tácito é aquele que não consegue formalizar, comunicar ou compartilhar seus conhecimentos, logo sua ação pode ser problemática. O conhecimento tácito é aquele que o sujeito tem dificuldades de formalizar, então, é difícil de ser instanciado em textos, desenhos, diagramas e até mesmo pela via oral. Ou seja, sujeito tácito detém o conhecimento e, em tese, trabalha com o consciente e o inconsciente, sendo que, no primeiro caso, ele tem consciência do que detém como conhecimento, mas algo que está situado na instância do inconsciente que o impede, e esse fato pode trazer confusão na troca de forças o que faz o sujeito informacional vigiá-lo com mais empenho.

Figura 16 - O sujeito tácito



Fonte: Adaptado de Targino *et al*. (2019).

O sujeito tácito pode atravessar qualquer sujeito epistêmico da Responsabilidade Social e as trocas de forças sinérgicas o que torna o processo delicado, pois e pode dificultar a ação dos sujeitos epistêmicos pelos esquecimentos e/ou silenciamentos. E, no segundo caso, porque tem movimento sinérgico com o sujeito moral, uma vez que é também opressor e repressor e ajudar a manter o sujeito tácito como é.

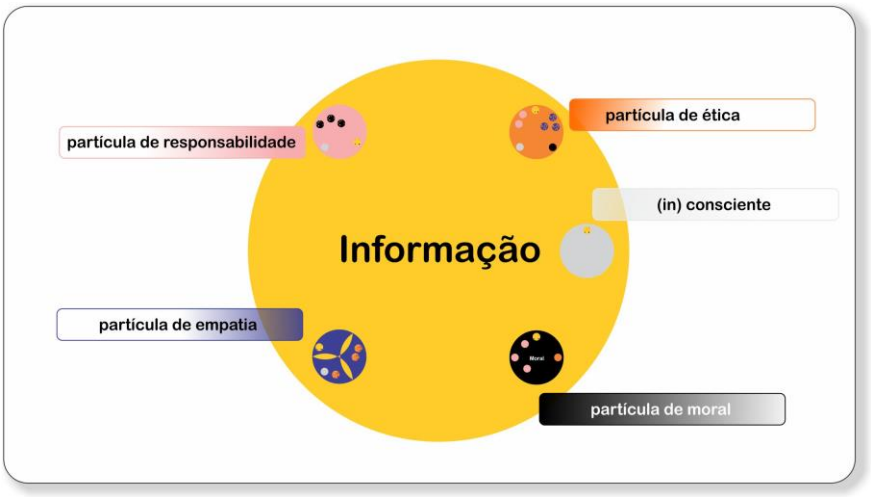
6.5 O sujeito informacional

Tanto as reflexões como as decisões requerem um conjunto de informações que se caracterize como parâmetro. Frente aos sujeitos epistêmicos citados e, no que se refere às trocas

de forças sinérgicas por partículas, é encarregado ao sujeito informacional (Figura 17) fazer a vigilância sobre as trocas de forças, o que inclui neste movimento atentar para a presença do sujeito tácito[19], Figura 17, movido pela força, sobretudo, do inconsciente. Considerando Polanyi (1966), o sujeito informacional é de certo modo o sujeito explícito, pois ele sabe o que fazer, especialmente, como e quando formalizar o conhecimento.

O sujeito informacional visualiza a ética na medida que a define como um saber fundamental na produção científica, pois o sujeito ético é quem pode promover com mais eficiência a Responsabilidade Social, isso no nível mais descortinado dos interesses, das intenções e das comodidades (in)conscientes decorrentes do sujeito ético como dos outros sujeitos. Nesse sentido, emerge a segunda noção do sujeito da consciência/autocognomino de Foucault (2009), tanto na relação de poder quanto nos delírios, nos devaneios e nas fantasias da vida psíquica inconsciente.

Figura 17 - O sujeito Informacional



Fonte: Adaptado de Targino et al. (2019).

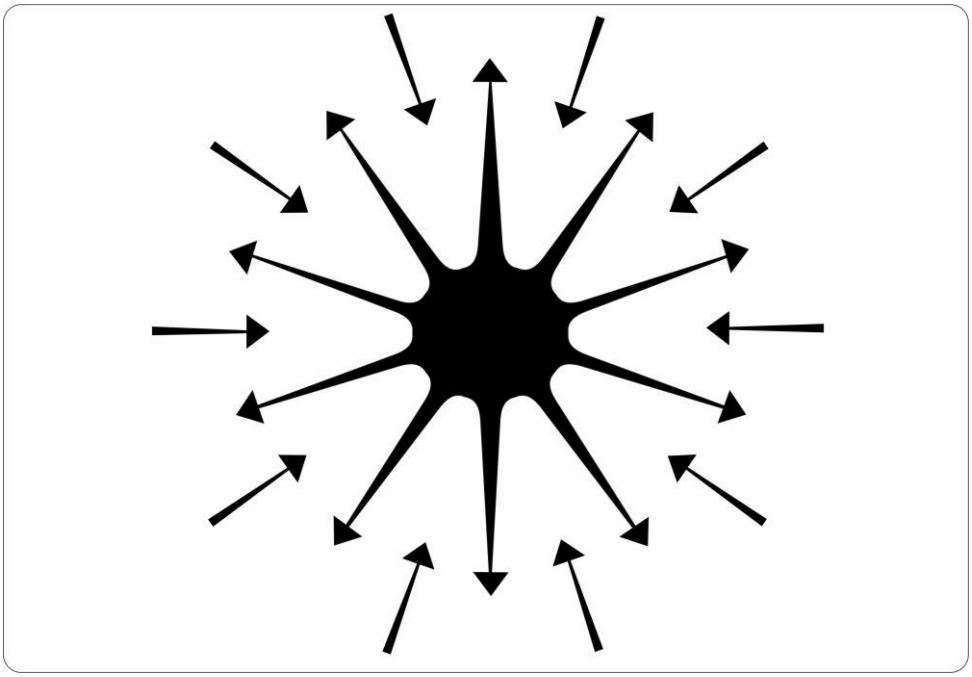
O sujeito informacional considera os conteúdos manifestos e os conteúdos latentes nas trocas de forças sinérgicas entre os sujeitos epistêmicos. Isso significa que o pesquisador está efetuando a autocrítica no seu fazer científico. O conteúdo manifesto é essencialmente consciente, são imagens e ideais instanciadas pelo sujeito na comunicação verbal e corporal, enquanto o conteúdo latente é inconsciente como também consciente, é algo que não é formalizado por opção do sujeito ou bloqueado pelo sujeito do inconsciente (Atkinson, 2002).

[19] Tácito vem do latim que quer dizer silencioso.

Aqui é importante destacar o momvimento que objetiva visualizar como descartar os excedentes simbólicos, ou seja, as imagens simbólicas e estéticas para alcançar as imagens epistemológicas pelas quais a pesquisa tem interesse. Para Bachelard (1996), esse movimento é entendido como processo da Psicanálise do conhecimento científico no curso da formação do novo espírito científico.

Conforme a Figura 17, a Psicanálise de contexto clínico investiga os fatores da constituição dos sujeitos, visualizando o autoconhecimento, as angústias, os pensamentos e as ações, porém não busca compreender como estes fatores refletem no fazer científico, ou seja, o retorno fenomenológico (Figura 18), que significa o encontro de si mesmo no contexto científico (BACHELARD, 1996).

Figura 18 - Psicanálise do conhecimento científico



Fonte: Targino *et al.* (2019).

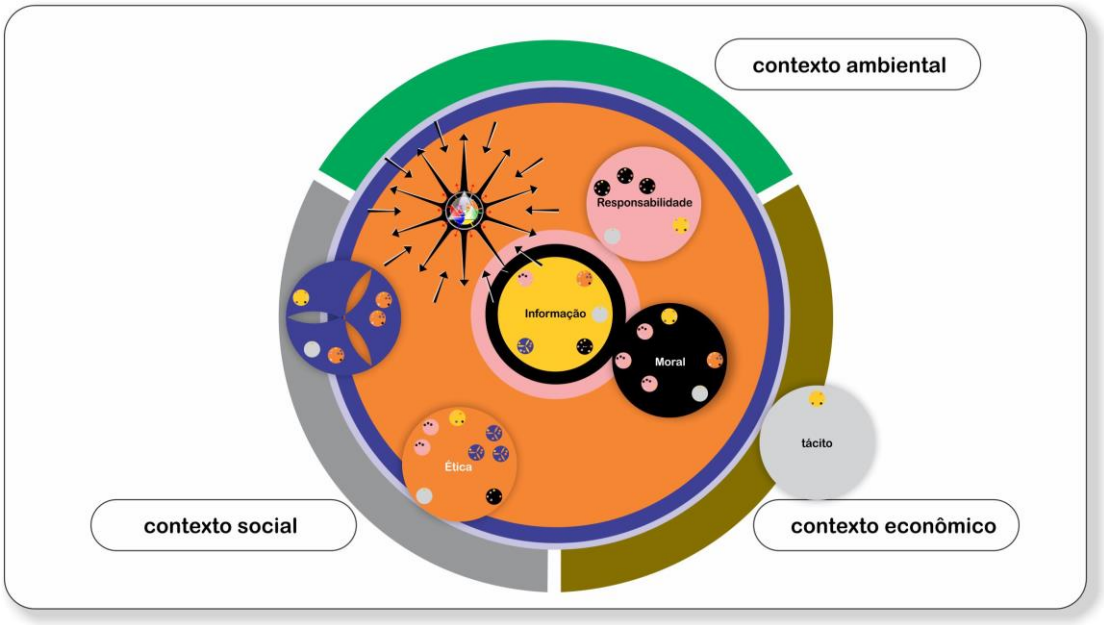
No caminho de volta às coisas em si mesmas, ao mundo da experiência vivida cientifica, como ilustrado na Figura 18, o pesquisador pode visualizar, como considerar os conteúdos manifestos e os conteúdos latentes, pois a psicanálise suspende os aspectos axiológicos.

Assim, observando a Figura 19, contata-se que ela engendra o modelo da Responsabilidade Social operante no campo da Ciência da Informação, às vezes, intitulada de Responsabilidade Social da informação como menciona Silva (2020). Para Foucault (2009), o

poder refere-se à relação entre parceiros e ação que visa consumir e destruir, o que ocorre com os sujeitos epistêmico na Responsabilidade Social enquanto um sistema metafísico.

Esse sistema tem o sujeito informacional na estafe, o agente consciente e vigilante, aquele que orienta todos os sujeitos epistêmicos e seus respectivos conhecimentos, pois para cada sujeito epistêmico seu respectivo conhecimento é ideológico, e as trocas de forças a partir de seu conhecimento perpassa as três estruturas básicas, a saber, o contexto ambiental, o contexto social e o contexto econômico.

Figura 19 - Psicanálise da Responsabilidade Social



Fonte: Targino *et al.* (2019).

Esse modelo proposto pela Ciência da Informação não se aplica apenas ao seu campo, ele pode ser aplicado ao qualquer sistema de produção científica, uma vez que todas as ciências lidam como as relações de poder e os fluxos informacionais, seja informação como como coisa, informação como processo ou informação como conhecimento (Buckland, 1991), especialmente, os interesses, as intenções e as comodidades que emergem da relação de poder intrínsecas no ciclo fenomenológico informacional, uma vez que o acesso e o uso da informação científica para tomadas de decisões por agentes institucionais e individuais diz se ditua nos contextos ambiental, social e econômico.

Ainda se percebe que a ligação da psicanálise do conhecimento científico se situa na ética no campo mais amplo da Responsabilidade Social (Figura 19), tocando os outros sujeitos epistêmicos, isso ocorre uma vez que a ética é caracterizada pelos pesquisadores como

essencial. Um exemplo prático, neste contexto, corresponde à dependência dos comitês de ética, especialmente, das ciências humanas e sociais aplicadas.

O sujeito informacional age sobre a empatia porque entende que o sujeito empático pode se movimentar de forma romântica pelo viés da filantropia e das ações assistencialistas, já que, segundo Formiga (2012), a empatia é altruísta. O sujeito empático também tem a inclinação para promover a experiência primeira, entendida por Bachelard (1996) como obstáculo que faz com que o pesquisador fique mais apegado à beleza do objeto em detrimento de uma explicação científica sobre ele, ou seja, em tese, o pesquisador pode ser conduzido pelo sujeito empático que se impressiona com a experiência imediata. Além da experiência primeira, o sujeito informacional também vigia outra fragilidade do sujeito empático, a de ser manipulado, pois a empatia é um fenômeno usado para comover os sujeitos. Quando se diz que ela abre uma porta para o caos isso se refere a uso dela para a manipulação que objetiva ganhos por alguns sujeitos de poder que a determina ferramenta de sobrevivência, ação muito utilizada pelos psicopatas/sociopatas que não a sentem, mas jogam com ela. A empatia pode refletir negativamente no sentido do desencadeamento do preconceito, da discriminação e da violência, pois sempre haverá líderes que irão jogar com o mapa da empatia. No contexto guerra o jogo da empatia sempre é utilizado como estratégia, assim quem promeve a guerra faz com o inimigo seja visto como o mau a ser eliminado.

Na ética, que representa o campo maior no sistema da Responsabilidade Social (Figura 19), o sujeito informacional atentar para a dimensão do poder de fazer justiça do sujeito ético, que é valorativo, inatingível e mutável, isso porque a ética pode mudar de sociedade para sociedade, de cultura para cultura, assim sendo um desafio gerenciá-la e se apresentando de forma prosaica.

A atuação do sujeito informacional sobre o sujeito moral recai sobre a egocentricidade, quando o sujeito se coloca em primeiro lugar em relação ao mundo regido pelas regras que pode quebrar, porém, ao quebrá-las, esconde que o fez. O sujeito moral tem uma inclinação para promover o obstáculo generalista, pois o generalista tem o pensamento imóvel (Bachelard,1996).

O sujeito moral também tem inclinação para o obstáculo realista, da mesma forma que o sujeito responsável, pois ambos são rígidos e se recusam voltar atrás de sua palavra dada, mesmo que eles passem a não concordar, pois, declinar significa perder o poder da palavra que é sua moeda. O sujeito responsável é essencialmente facilitador do obstáculo realista, pois é uma mente deslumbrada com o real baseado essencialmente em suas impressões pessoais.

Segundo Bachelard (1996), o realista pega logo o objeto particular porque o possui; além disso, as suas certezas e interpretações são positivas e empíricas, e decorrem de uma alegria avarenta.

Quanto aos ruídos de comunicação, destaca-se o sujeito tácito que é incapaz, e sua incapacidade impede os fluxos da informação, assim inclina para o obstáculo verbal, não no sentido genuíno de Bachelard (1996, p. 61), em que reside nos hábitos orais de sujeitos, palavras esponjas e filosofias fáceis para simplificar. O sujeito tácito tem dificuldade de construir simples representações, mesmo que através de palavras esponjas, de filosofias fáceis e de discursos orais simples.

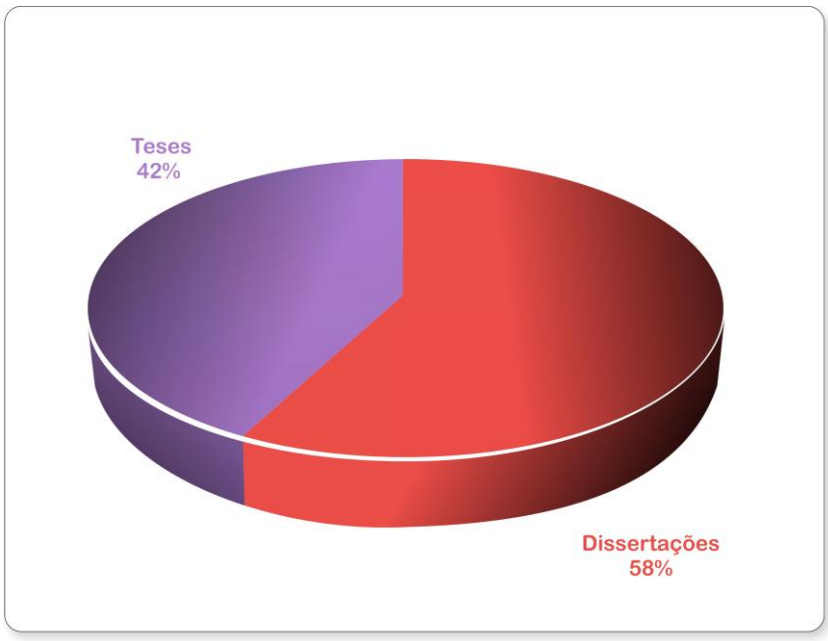
Quanto ao sujeito informacional, lhe é dado o poder da comunicação, uma vez que tem a informação para refletir e agir, e isso o torna arrogante, sendo um agente que promove alguns obstáculos. A partir da perspectiva do poder e do desejo de dominar os outros sujeitos epistêmicos, o sujeito informacional tem pensamentos sexuais, assim destaca-se o obstáculo da libido. Segundo Bachelard (1996), a libido no fluxo de um gozo efetuado a satisfação dura pouco tempo, mas ela reaparece rapidamente.

O sujeito informacional declina também para o obstáculo unitário e pragmático, tenta simplificar qualquer realidade e deseja explicar os fenômenos de forma satisfatória. Se apega ao conceito de unidades harmônicas e à unificação delas para explicar toda a realidade, o que se torna arriscado porque dá imediatamente explicação para o que é de algum modo útil. Como ele tenta descrever as realidades, inclina-se também para o obstáculo verbal, no sentido genuíno dee Bachelard (1996), em que se tem hábitos orais, palavras esponjas e filosofias fáceis para simplificar. Observando as potencialidades do sujeito informacional, verifica-se que este vigiado pelo sentimento de pertença do pesquisador da vigilância crítica, que promovida pela senciência científica.

7 CONDIÇÕES GERAIS DA PODUÇÃO CIENTÍFICA: O *CORPUS* QUANTITATIVO

Preliminarmente, na compreensão dos obstáculos epistemológicos, é importante considerar as características da produção científica estudada que evienciam, em maior ou menor medida, as condições gerais a partir das quais emergem estes fenômenos científicos. As dimenssões quantitativas apresentam, com efeito, indicadores numérico-estatísticos oriundos dos dados coletados que evidenciam a contribuição de programas, instituições e regiões do Brasil com mais desempenho. Tratam-se de dados descritivos, que, segundo Vanz e Stumpf (2010), essa dimensão é uma característica dos estudos é importante para conhecer o avanço dos produtos científicos.

Gráfico 1 - *Corpus* Quantitativo



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

O *corpus* foi constituído por 132 trabalhos no domíno da epistemologia da Ciência da Informação, sendo 76 dissertações, que correspondeu a 58%, e 56 teses, que correspondeu a 42% os trabalhos, como demostra o Gráfico 1. O resultado evidencia o fluxo esperado quanto ao número maior de dissertações, visto o tempo menor do mestrado, bem como a menor quantidade de cursos de doutorado no país.

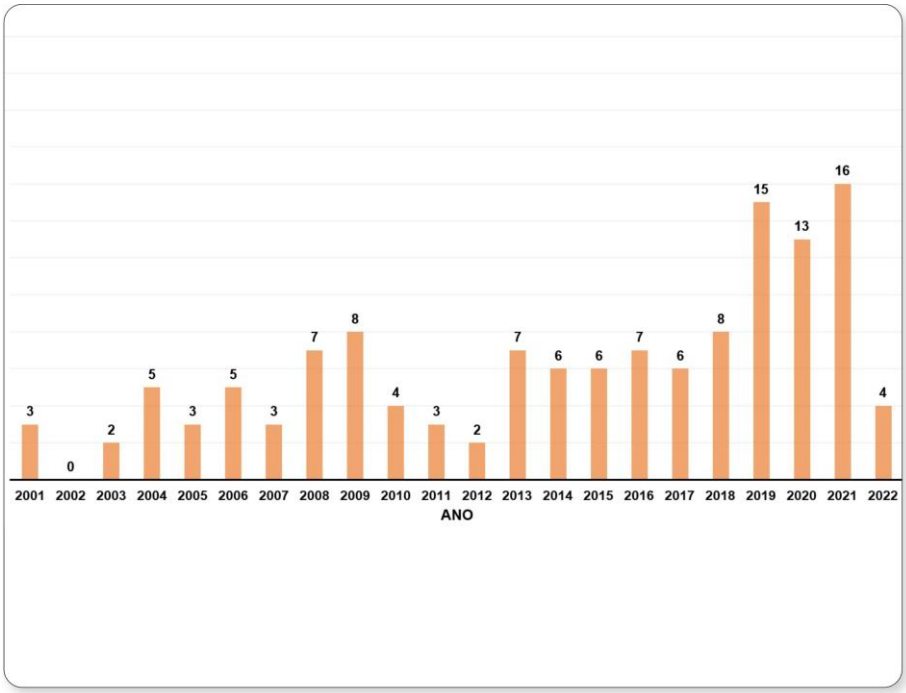
Assim, desses 132 trabalhos foi extraído um total de 173 ‘estrato-essências’, que possibilitaram a construção de 17 micro-categorias de análise, em que essas 17 micro-categorias de análise, são elas: ‘natureza interdisciplinar’, ‘juventude’, ‘Biblioteconomia’, ‘pós-

modernidade', 'Responsabilidade social', 'informação étnico-racial', 'mulher', 'informação gênero-sexualidade', 'epistemicídio, 'produção científica (análises de artigos e dissertações e teses)', 'indicadores', 'redes de colaboração científica', 'análise temática', 'informação', 'desinformação', 'meta-informação' e 'Informação científica e tecnológica,' que foram discutidas posteriormente na análise qualitativa.

Assim, as 17 micro-categorias de análise foram compostas pela frequência quantitativa e manifestadada (visível) da atribuição das palavras-chave das dissertações e teses, e também como a frequência qualitativa dos conteudo das dissertações e teses, frequência marcadas pelos os interesses, intenções e comodidades dos conteúdos latentes (invisível).

A partir dos dados quantitativos, percebe-se no Gráfico 2 um aumento gradativo, no âmbito dos estudos epistemológicos, que, associado às evoluções sociais, culturais e tecnológicas, refletem sobre o fazer científico nesta subárea do conhecimento em informação.

Gráfico 2 – Porcentagem do recorte temporal

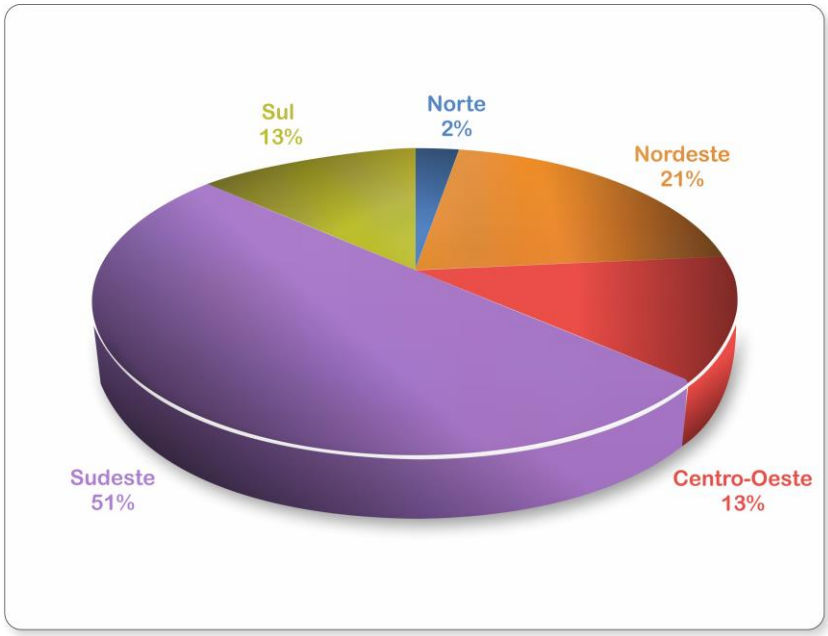


Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Como pode ser observado no Gráfico 2, a preocupação com os estudos epistemológicos vem subindo, fato que se visualiza na produção com picos entre os anos de 2018 e 2021, com alcance de maior índice neste ano, que representa mais do tríplo da produção realizada no ano de 2004, o primeiro período que evidencia um movimento de crescimento em termo de aumento do recorte temporal.

Quanto às estatísticas por região, observa-se no Gráfico 3 e no Gráfico 4, respectivamente, a produção dos estudos epistemológicos, nas pesquisas de mestrado e doutorado, com destaque para as regiões o Nordeste e Sudeste, que se apresentam como as mais produtivas.

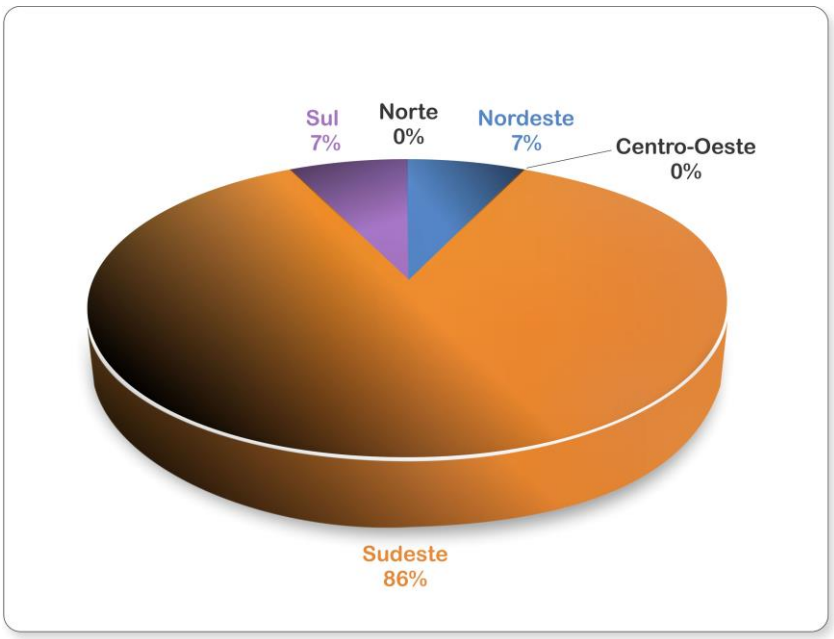
Gráfico 3 – Produção de dissertações por região.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

De modo mais preciso, observa-se no Gráfico 3 indicadores da produção das dissertações, nas cinco regiões do país, sendo que a Sudeste tem 51%, a Nordeste, 21%, a Sul, 13%, e Centro-Oeste 13% e a região Norte, com apenas 2%.

Gráfico 4 - Produção de teses por região.



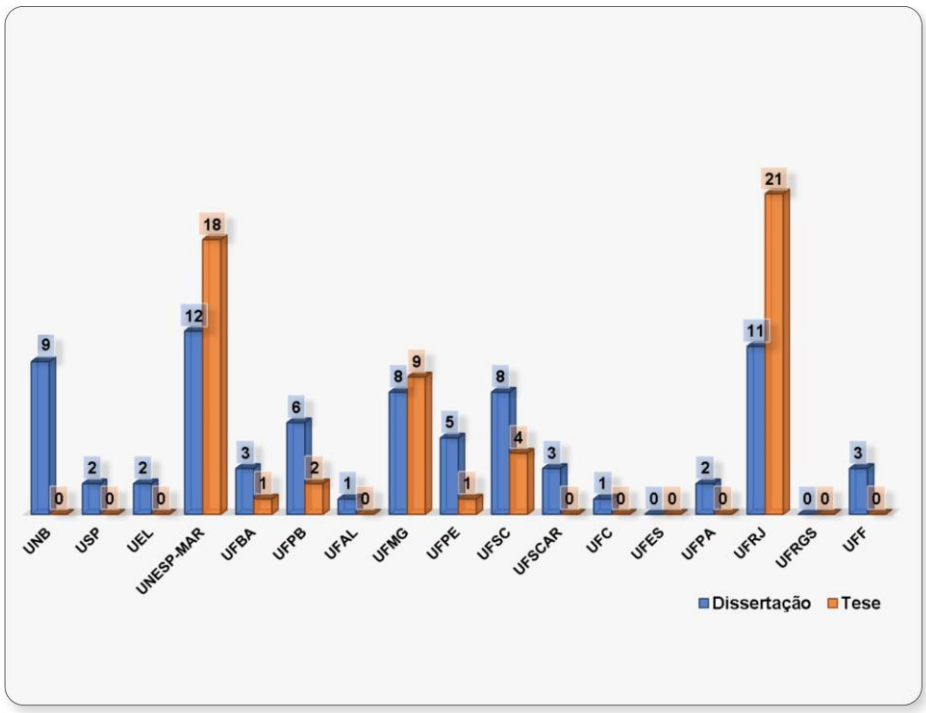
Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Ao destacar a produção das teses, no Gráfico 04, observa-se que a região Sudeste tem 86% da produção, a Nordeste e a Sul, 7%, e Centro-Oeste e Norte sem publicação. Importante frisar que, nestas duas últimas regiões, não há cursos de doutorado em Ciência da Informação.

Os achados científicos demonstram nas regiões Centro-Oeste e Norte não foram identificadas produção de teses, isso ocorreu porque, no Centro-Oeste não há Pós-Graduação em Ciência da Informação, e na região há Norte o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em Ciência da Informação (15001016158P5), na Universidade Federal do Pará (UFPA), a produção é menor porque o curso de mestrado acadêmico em Ciência da Informação foi aprovado pela CAPES em 2016.

Como demostra o Gráfico 5, as universidades que mais produziram trabalhos foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com 32 trabalhos; a Universidade Estadual Paulista (UNESP-MARÍLIA), com 30 trabalhos; a UFMG, com 17 trabalhos; a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 12 trabalhos; a Universidade de Brasília (UnB), com nove trabalhos; a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), com oito trabalhos; e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), com seis trabalhos.

Gráfico 5 - Produção de dissertações e teses por programas.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação (53001010018P0) da UnB, conforme Quadro 2, no ranque desta pesquisa fica em quinta posição em produção. O Programa oferece cursos em nível de mestrado e doutorado, em apenas uma área de concentração ‘Gestão da Informação’, assim arranjada em duas linhas de pesquisas, a saber, ‘Produção, socialização e usos da informação e do conhecimento’ e ‘Gestão, tecnologias e organização da informação e do conhecimento’.

Quadro 2 - Ciência da Informação (53001010018P0) - UnB

Site: http://www.ppgcinf.fci.unb.br/pt/ **Repositório:** https://repositorio.unb.br/handle/10482/5363				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação https://repositorio.unb.br/handle/10482/34570	ZANDONADE, Tarcísio	2003	X	
Arquitetura da informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos https://repositorio.unb.br/handle/10482/35858	MACEDO, Flávia Lacerda Oliveira de	2005	X	
Segurança da informação: uma abordagem social https://repositorio.unb.br/handle/10482/1943	MARCIANO, João Luiz Pereira	2006	X	
Proteção ao conhecimento: uma proposta de fundamentação teórica https://repositorio.unb.br/handle/10482/5286	NASCIMENTO, Marta Sianes Oliveira do	2008	X	
Uma proposta de arquitetura genética da informação https://repositorio.unb.br/handle/10482/12910	PEREIRA JÚNIOR, Romualdo Alves	2013	X	

Proposta de fundamentação teórica para o Problema do Entendimento Humano https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17570/1/2014_GilbertoLourencoFernandes.pdf	FERNANDES, Gilberto Lourenço	2014	X	
Modelo de ação comunicativa e de informação para redes sociais em ambientes digitais	MARQUES, Márcia	2015	X	
A lógica e a linguagem como fundamentos da arquitetura da informação https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3185/1/Dissert_AndreHenriqueSilveira.pdf	SIQUEIRA, André Henrique de	2018	X	
Bases conceituais da gestão do conhecimento https://repositorio.unb.br/handle/10482/35030?locale=es	FERNANDES, Jainne Aragão Carvalho	2019	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Essa pesquisa não localizou nenhuma produção de tese na temática dos estudos epsitemlogicos, apenas 9 dissertações. A dissertação intitulada '**As implicações da epistemologia social para uma teoria da recuperação da informação**' da autoria de Tarcísi Zandonade, defendida em 2003, foi utilizada apenas para embasar os dados quantitativos, pois não foi localizada na busca desta pequisa. O destaque da produção nesta pós-graduação é do epistemólogo Mamede Lima-Marques, pois ele orientou seis dissertações.

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (33004110043P4) da UNESP-MARÍLIA, conforme Quadro 3, no ranque desta pesquisa, fica em segundo lugar. Esse Progama foi criado em 1998 e autorizado a funcionar em 2001 pela CAPES. O curso de mestrado tem como área de concentração 'Informação, Tecnologia e Conhecimento' e duas Linhas de Pesquisa 'Informação e Tecnologia' e 'Organização da Informação', elas se configuraram como norteadoras de suas pesquisas. O curso de doutorado foi aprovado pela CAPES em 2005, e em 2009 houve a criação de uma nova linha de pesquisa 'Gestão, Mediação e Uso da Informação'.

Quadro 3 - Ciência da Informação (33004110043P4) - UNESP-MARÍLIA

Site: https://www.marilia.unesp.br/#!/posci/ **Repositório:** https://repositorio.unesp.br/handle/11449/61308 https://repositorio.unesp.br/handle/11449/60543				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio Garcia Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93693	PINHO, Fábio Assis	2006	X	
Epistemologia da ciência da informação: um estudo das comunicações da GT1 do ENANCIB https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93663	NUNES, Lucilene	2009	X	
Peirce e a organização da informação: contribuições teóricas da semiótica e do pragmatismo https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103380	GUIMARÃES, José Augusto Chaves	2009		X
A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93672	DAL' EVEDOVE, Paula Regina	2010	X	

A Ciência da Informação e os espaços antropológicos: uma aproximação possível? https://repositorio.unesp.br/handle/11449/93657	BEMBEM, Angela Halen Claro	2013	X	
Encontrabilidade da informação: contributo para uma conceituação no campo da Ciência da Informação https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103365	VECHIATO, Fernando Luiz	2013		X
Dados, informação e conhecimento enquanto elementos de compreensão do universo conceitual da ciência da informação: contribuições teóricas https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110783	SEMIDÃO, Rafael Aparecido Moron	2014	X	
Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110387	OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de	2014		X
Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil	MARTINS, Gracy Kelli	2014		X
Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação: estudo aplicado à base de dados BRAPCI https://repositorio.unesp.br/handle/11449/123338	GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino	2014		X
O campo da Ciência da Informação: contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126578	NHACUONGUE, Januário Albino	2015		X
Perspectivas transdisciplinares de aproximação com a ciência sob o olhar da Ciência da Informação: uma metodologia bottom-up para a TV Unesp https://repositorio.unesp.br/handle/11449/133978	LEMOS, Joana Gusmão	2016		X
A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do GT1 ENANCIB em sua primeira década https://repositorio.unesp.br/handle/11449/149763	LIMA, Larissa de Mello	2017	X	
Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional https://repositorio.unesp.br/handle/11449/150534	SANTOS, Cassia Dias	2017		X
Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152680	MATOS, Gislaine Imaculada de	2018	X	
Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153395	PANDO, Daniel Abraão	2018		X
Sociologia de Pierre Bourdieu e os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Ciência da Informação https://repositorio.unesp.br/handle/11449/152704	ALVES, Bruno Henrique	2018		X
As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil: uma análise cientométrica https://repositorio.unesp.br/handle/11449/154015	CUSTÓDIO, Pollyana Ágata Gomes da Rocha	2018		X
Análise do discurso na perspectiva da ciência da informação: dialogicidade epistemológica da organização do conhecimento com Foucault, Pêcheux e a sociolinguística https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181107	TERRA, Marcos Vinícius Santos de Carvalho	2019	X	
Acoplamento bibliográfico como proposta metodológica para a mensuração da intensidade das ligações em genealogia acadêmica: a influência teórica de Aldo Barreto na ciência da informação https://repositorio.unesp.br/handle/11449/180987	CASTANHA, Rafael Gutierres	2019	X	

Epistemologia da organização do conhecimento: um estudo metateórico https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181617	ARAÚJO, Paula Carina de	2019	X	
O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181525	SANTOS Neto, João Arlindo dos	2019		X
Inter-relações entre ciência da informação e filosofia da ciência: reflexões histórico-epistemológicas https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193249	MELLO, Mariana Rodrigues Gomes de	2020	X	
A configuração interdisciplinar da ciência da informação pelo olhar da análise de citações https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193488	MORAES, Marcos Antonio de	2020		X
Pragmatismo peirceano e a concepção de informação: contribuições à ciência da informação e a organização da informação https://repositorio.unesp.br/handle/11449/197761	MORAES, Sônia Cristina Bocardi de	2020		X
A natureza fenomenológica da mediação: contribuições para a mediação da informação https://repositorio.unesp.br/handle/11449/194518	OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo de	2020		X
Epistemologia social e organização do conhecimento: contribuições às abordagens culturais	VERONEZ JÚNIOR, Wilson Roberto	2021	X	
Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área https://repositorio.unesp.br/handle/11449/204149	EVANGELISTA, Isadora Victorino	2021		X
Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento https://repositorio.unesp.br/handle/11449/216385	VIGNOLI, Richele Grenge	2021		X
Nomear, classificar, existir: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+ https://repositorio.unesp.br/handle/11449/211026	NASCIMENTO, Francisco Arrais	2021		X

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

De acordo com o Quadro 3, a UNESP-MARÍLIA produziu 18 dissertações e 12 teses, que correspondeu a 30 trabalhos. Além da contribuição do epistemólogo Carlos Cândido de Almeida, que orientou cinco trabalhos, sendo 2 dissertações e três teses, destacam-se a atuação de José Augusto Chaves Guimarães, com quatro orientações, Ely Francina Tannuri de Oliveira, com três orientações; e João Batista Ernesto de Moraes e de Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, ambos com dois trabalhos cada.

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (24001015049P7) da UFPB-JP, conforme Quadro 4, fica em sexto lugar. O programa foi credenciado pela CAPES, no dia 14 de julho de 2006, como a primeira turma de mestrado dos ingressados em 2007. Em 2010, o Programa obteve conceito quatro, o que motivou o envio da Proposta do curso no nível de doutorado, que foi aprovado pela CAPES em abril de 2012.

Quadro 4 - Ciência da Informação (24001015049P7) - UFPB-JP

Site: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/portal.jsf?id=1871 **Repositório:** https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3899				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
O perfil temático, teórico e metodológico das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba período 2008/2010. https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/3918	SOUSA, Ana Claudia Medeiros de	2012	X	
A ciência da informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5893	MENEZES, Ivandro Pinto de	2013	X	
Produção interdisciplinar na ciência da informação: abordagem nos domínios da Arquitetura da Informação https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8850	SILVA, Zayr Claúdio Gomes da	2016	X	
Programas disciplinares da Ciência da Informação: conformação do campo epistemológico no Brasil https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12413	MELO, Maytê Luanna Dias de	2017	X	
Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18843	SILVA, Tiago José da	2019		X
Institucionalização científica da economia política da informação: contributos sociais e cognitivos na produção científica do campo da Ciência da Informação no Brasil https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18301	CÂMARA, Rafael Silva da	2020		X
A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração	PADILHA Neto, José Domingos	2020	X	
A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB	ALVES, Felipe Arthur Cordeiro	2021	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

De acordo com o Quadro 4, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (24001015049P7) da UFPB-JP produziu seis dissertações e duas teses, que correspondeu a oito trabalhos. Destaca nesta produção a epistemóloga Isa Maria Freire, com a arientação de uma tese, intitulada '**Historiografia e Epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira** (Tiago José da Silva)', e Edivanio Duarte de Souza, com com a orientação de duas dissertações, intituladas '**Produção interdisciplinar na Ciência da Informação: abordagem nos domínios da arquitetura da informação'** (Zayr Cláudio Gomes da Silva) e '**Programas disciplinares da Ciência da Informação: conformação do campo epistemológico no Brasil'** (Maytê Luanna Dias de Melo).

Destaca-se ainda a contribuição do professor Edvaldo Carvalho Alves com a orientação de dois trabalhos, sendo uma dissertação intitulada '**A Ciência da Informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas'** (Ivandro Pinto de Menezes), e uma tese intitulada '**Institucionalização Científica da economia política da informação: contributos sociais e**

cognitivos na produção científica do campo da Ciência da Informação no Brasil' (Rafael Silva da Câmara).

E, complementarmente, destaca-se também a contribuição da professora Gisele Rocha Côrtes com a orientação de uma dissertação, intitulada **'A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des]colonialidade nos anais do ENANCIB'** (Felipe Arthur Cordeiro Alves).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (32001010028P2) da UFMG fica em terceiro lugar em produção, que tem como área de concentração 'Informação, Mediação e Cultura' e se estrutura em três linhas de pesquisa, a saber, 'Memória social, patrimônio e produção do conhecimento'; 'Políticas públicas e organização da informação' e 'Usuários, gestão do conhecimento e práticas informacionais'.

De acordo com o Quadro 5, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (32001010028P2) da UFMG produziu oito dissertações e nove teses, que correspondeu a um total de 17 trabalhos, assim ocupando o terceiro lugar na produção. Destaca nesta produção a epistemóloga Marlene Oliveira com a orientação de uma dissertação e três teses. Neste domínio, destacam-se as teses '**As relações interdisciplinares refletidas na Ciência da Informação** (Lucinéia Maria Bicalho) e '**A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas' (**Dalgiza Andrade Oliveira).

Quadro 5 - Ciência da Informação (32001010028P2) – UFMG

Site: http://ppgci.eci.ufmg.br/ **Repositório:** http://ppgci.eci.ufmg.br/dissertacoes/ http://ppgci.eci.ufmg.br/teses-defendidas/				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Recentes tentativas de consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico no contexto das reflexões sobre a ciência https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LHLS-69UR8M	DUARTE, Andre Felipe Pinto	2001	X	
Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação: estudo dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005 https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VALA-6T7QSW	SANTOS, Joefisson Saldanha dos	2006	X	
A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VALA-74QJ66	RENAULT, Leonardo Vasconcelos	2007	X	
O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa: uma proposta de resignificação para o nsino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil	RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca	2008		X

https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECID-7NRQJ2/1/tese_mara_eliane_f_rodrigues.pdf				
Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7NXH5S	SALDANHA, Gustavo Silva	2008	X	
Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECIC-7Y6N3G	ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes	2009		X
As relações interdisciplinares refletidas na Ciência da Informação https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7UUQ69	BICALHO, Lucineia Maria	2009		X
Análise da produção científica dos pesquisadores em Ciência da Informação nos periódicos brasileiros https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECIC-86XH82	CASTRO, Julio Vitor Rodrigues de	2009	X	
Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-7UUQGN	ARAUJO, Ronaldo Ferreira de	2009	X	
Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-88MHR9	MARTINS, Ana Amelia Lage	2010	X	
A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar	SOUZA, Edivanio Duarte de	2011		X
A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-8LXK8F	OLIVEIRA, Dalgiza Andrade	2011		X
Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECID-8LHGZS	HIGINO, Anderson Fabian Ferreira	2011		X
Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AM2NWX	ARAUJO, Ronaldo Ferreira de	2015		X
Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da ciência da informação: uma análise a partir da Marcha das Vadias	MARTINS, Ana Amelia Lage	2015		X
A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AV2FZ5	VIANA, Azilton Ferreira	2017	X	
Práticas de compartilhamento do conhecimento na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36760	SÁ, Rosilene Moreira Coelho de	2021		X

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Destacam-se ainda as professoras Alcenir Soares dos Reis, com duas dissertações e uma tese **Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da ciência da informação**: **uma análise a partir da Marcha das Vadias'** (Amelia Lage Martins); Ana Maria Rezende Cabral com as dissertações '**A ciência da informação e sua configuração**

epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área' (Leonardo Vasconcelos Renault) e '**Recentes tentativas de consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico no contexto das reflexões sobre a ciência'** (Andre Felipe Pinto Duarte); e Lígia Maria Moreira Dumont, com as teses '**Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**: **uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB'** (Anderson Fabian Ferreira Higino) e '**O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa**: **uma proposta de resignificação para o ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação**' (Mara Eliane Fonseca Rodrigues).

Em sétima posição em produção está o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Ciência Da Informação (25001019077P3) da UFPE. Ele foi criado no ano de 2008 e autorizado pela CAPES em 2009, e oferece os cursos de mestrado acadêmico e também de doutorado acadêmico. Sua área de concentração é "Informação, Memória e Tecnologias", com duas linhas de pesquisa "Memória da Informação Científica e Tecnológica" e "Comunicação e Visualização da Memória".

Conforme o Quadro 6, o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação Ciência Da Informação (25001019077P3) da UFPE produziu cinco dissertações e uma tese, que correspondeu a seis trabalhos, porem a dissertação intitulada '**Perspectivas epistemológico-filosóficas para o selo postal na Ciência da Informação**: **uma visão do usuário pós-moderno para o REFIBRA'** (Pablo Vinícius D'Oliveira Menezes), defendida em 2021, embasou apenas os dados quantitativos, pois seu acesso não foi possível. Nesse Programa, destaca na produção a epistemóloga Leilah Santiago Bufrem na orientação da tese '**O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil**: **um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista'** (Willian Lima Melo), defendia em 2020.

Quadro 6 - Ciência da Informação (25001019077P3) - UFPE

Site: https://www.ufpe.br/ppgci Repositório: https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/161				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
A natureza da produção acadêmica em Ciência da Informação: um estudo dos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos das dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (2011 a 2013) https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/26450	LOPES, Hyllane Maria Salgueiro	2014	X	
A Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17213	REVOREDO, Túlio de Morais	2015	X	

Epistemografia Interativa como prática em ambientes digitais: um protótipo no Repositório Filatélico Brasileiro https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39457	BEZERRA, Vinícius Cabral Accioly	2019	X	
O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/39303	MELO, Willian Lima	2020		x
Perspectivas epistemológico-filosóficas para o selo postal na Ciência da Informação : uma visão do usuário pós-moderno para o REFIBRA https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/40289	MENEZES, Pablo Vinícius D'Oliveira	2021	X	
Trajetória epistemológica dos estudos de usuários de serviços de informação no Brasil (1972-2020) https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/44983	ALMEIDA, Suzane Cavalcanti de	2022	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (41001010052P0) da UFSC, conforme Quadro 7, ocupa o quarto lugar em produção. O Programa foi criado no ano de 2003, com curso de estrado em Ciência da Informação, e como parte do processo evolutivo o curso de doutorado foi também reconhecido pela.

O Quadro 7 evidencia que Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (41001010052P0) da UFSC produziu oito dissertações e quatro teses, que correspondeu a 12 trabalhos. Nesta produção, destaca-se Cezar Karpisnki e Adilson Luiz Pinto cada pesquisador com uma dissertação e uma tese. Destaca-se também o professor Rodrigo de Sales que orientou a dissertação **'Informação e emancipação social: representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro' (**Priscila Rufino Fevrier), em 2021.

Quadro 7 - Ciência da Informação (41001010052P0) – UFSC

Site: https://pgcin.ufsc.br/ **Repositório:** https://pgcin.ufsc.br/modelos-e-procedimentos/				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
O campo da ciência da informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo do Brasil https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/102010	ALMEIDA, Carlos Cândido de	2005	X	
As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/90314	PINHEIRO, Liliane Vieira	2007	X	
Relações interdisciplinares da ciência da informação refletidas na literatura da área e nos periódicos indexados na base de dados Scopus https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/168247	STUBERT, Daniela	2016	X	
Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da ciência da informação: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198504	GARCIA, Cristiane Luiza Salazar	2018		X

Estudos de gênero na ciência da informação: análises dos anais do ENANCIB https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204536	PASSOS, Mariana Faustino dos	2019	X	
As contribuições da Escola de Chicago para a Ciência da Informação https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/204479	VIEIRA, Keitty Rodrigues	2019	X	
Análise dos estudos retóricos de gênero como abordagem para a análise de domínio https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/216643	HERNANDEZ, Bianca Ferreira	2020	X	
Informação e emancipação social: representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/231173	FEVRIER, Priscila Rufino	2021	X	
Mortimer Taube: discussões epistemológicas de um cientista da informação https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/222018	VIEIRA, Keitty Rodrigues	2021		X
A análise de domínio em questão: um estudo sobre seus fundamentos e aplicações https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/227106	AMORIM, Igor Soares	2021		X
Uma análise da participação curricular da Lógica no ensino de Ciência da Informação no Brasil https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/229083	MATOS, José Claudio Morelli	2021		X
Indicadores de produção intelectual na Ciência da Informação: perspectivas para o Sistema de Avaliação da Capes https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234795	NASCIMENTO, Mateus Rebouças	2022	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Em primeiro lugar na produção, destaca-se o Programa de Pós-Graduação Ciência da Informação (31001017138P0) do convênio UFRJ – IBICT, conforme o Quadro 8, que oferece cursos de mestrado e doutorado em Ciência da Informação. O Program, que tem origem no Curso de Documentação Científica (CDC), em nível de especialização, criado pelo IBICT em 1955, sendo oferecido por cerca de 35 anos sem interrupção. Em 1970, o IBICT deu início ao curso de mestrado em Ciência na Informação, pioneiro na introdução desse campo do conhecimento no Brasil e na América Latina, e em 1994 foi criado o doutorado.

Quadro 8 - Ciência da Informação (31001017138P0) - UFRJ – IBICT

Site: http://www.ppgci.ufrj.br/pt/ **Repositório:** http://www.ppgci.ufrj.br/dissertacoes-de-mestrado/ http://www.ppgci.ufrj.br/teses-de-doutorado/				
Titulo	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Binômio Lingüistica – Ciência da Informação: abordagem teórica para elaboração de metafiltro de recuperação da informação http://ibict.phlnet.com.br/anexos/evelynorrico2001.pdf	ORRICO, Evelyn Goyannes Dill	2001		X
A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico http://biblioteca.ibict.br	FREIRE, Isa Maria.	2001		X

Ciência da Informação, museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber http://biblioteca.ibict.br	LIMA, Diana Farjalla Correia.	2003		X
Análise de discurso e Ciência da Informação: Ensaio Sobre Uma Possibilidade Metodológica	CORDEIRO, Pedro Aurelio Cerveira	2004	X	
Pela reconstrução epistemológica do direito à informação: um estudo metainformacional da "opinis juris" brasileira contemporânea http://tededep.ibict.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=9	LIMA, Márcia Heloísa Tavares de Figueiredo.	2004		X
Arquivologia e Ciência da Informação: (RE) definição de Marcos interdisciplinares https://ridi.ibict.br/handle/123456789/696	FONSECA, Maria Odila Kahl.	2004		X
Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação (Brasil, 1930-1970) https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1069114	Oddone, Nanci Elizabeth.	2004		X
A Ciência da Informação e o paradigma holográfico: a utopia de Vannevar Bush https://ridi.ibict.br/handle/123456789/698	SANTOS, Nilton Bahlis dos.	2005		X
Pesquisando sobre pesquisa: as configurações epistemológicas da Ciência da informação nas teses de doutorado convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO	Mendonça, Ercília Severina	2006	X	
Pesquisando sobre pesquisa: as configurações epistemológicas da Ciência da informação nas teses de doutorado convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO	MENDONÇA, Ercilia	2006	X	
Ciência da Informação e Ciência da Administração: questões epistemológicas e o fenômeno da informação https://repositorioslatinoamericanos.uchile.cl/handle/2250/1069304	ALVES, José Alexandre da Costa.	2008	X	
Faces e interfaces "na poesia nas coisas": exposições museológicas sob olhar interdisciplina da Ciência da Informação e da Museologia	MORAES, Julia Nolasco Leitão de	2008	X	
Diretrizes para o projeto de portais de informação: uma proposta interdisciplinar baseada na análise de domínio e arquitetura da informação http://arq.3rengtt.com.br/wp-content/uploads/2015/03/tese-ClaudioJoseSilvaRibeiro.pdf	RIBEIRO, Cláudio José Silva.	2008		X
Filosofia da linguagem e ciência da informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais https://app.uff.br/riuff/handle/1/18127?mode=full	GRACIOSO, Luciana de Souza.	2008		X
Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação: cartografia das práticas discursivas http://www.referenciasarquivisticas.fci.unb.br:8080/jspui/handle/123456789/12249	SILVA, Welder Antonio.	2009	X	
Epistemologia da geoinformação: uma análise histórico-crítica https://app.uff.br/riuff/handle/1/24599?locale-attribute=es	CASTIGLIONE, Luiz Henrique Guimarães.	2009		X
A interdisciplinaridade na formação do administrador: um dueto entre Ciência da Informação e Ciência da Administração	OLIVEIRA, Joaquim Francisco Cavalcante de	2010		X
Uma filosofia da Ciência da Informação: organização dos saberes, linguagem e transgramáticas. http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/667/1/saldanha2012.pdf	SALDANHA, Gustavo Silva.	2012		X

A contribuição do conceito do bit quântico(q-bit) para os fundamentos teóricos da ciência da informação http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/670/1/pimentelsobrinho2013.pdf.	PIMENTEL SOBRINHO, Alvaro Caetano	2013		X
Ciência da Informação e web design: interseções teóricas em busca de melhores práticas. http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/889/1/DissertacaoCompleta.pdf.	RODRIGUES, Diogo Duarte	2016	X	
As relações entre informação, linguagem e símbolo: A filosofia da Ciência da Informação entre a realidade e idealidade https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/862/1/Miguez,%20G.%20Disserta%c3%a7%c3%a3o.%20Rela%c3%a7%c3%b5es%20entre%20informa%c3%a7%c3%a3o,%20linguagem%20e%20s%c3%admbolo%20-%20vers%c3%a3o%20final.pdf	SILVA, Giovani Miguez da.	2016	X	
Lei de Acesso à Informação no contexto dos Tribunais de Contas: a pragmática da transparência a partir da filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein. https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/953/1/Deila%20Batista%20Salino-Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mestrada-IBICT-UFRJ-2016.pdf	SALINO, Deila Batista.	2016	X	
Novos cadernos de laboratório e novas culturas epistêmicas: entre a política do experimento e o experimento da política http://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/943/1/anne_clinio_doutorado_final_14-06-17.pdf	SANTOS, Anne Danielle Soares Clinio dos	2016		X
A transposição científica da Física para a Ciência da Informação. http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/958/1/Mois%C3%A9s.pdf	NISENBAUM, Moisés André.	2017		X
Rasum tabulae: um limiar metafórico-escritural dos estudos da informação, ou, Le Livre. http://ridi.ibict.br/handle/123456789/944	MENEZES, Vinicios Souza de.	2017		X
As bibliotecas nacionais na perspectiva do regime de informação: um diálogo epistemológico e político http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1031	BARBOSA, Carolina de Paula.	2019	X	
Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1042	SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da	2019	X	
Os loci epistêmicos e o método analítico como forma de compreensão do ensino e da pesquisa em organização do conhecimento no Brasil do século XXI http://ridi.ibict.br/handle/123456789/1042.	ALMEIDA, Tatiana de.	2019		X
Condicionantes sociopolíticos das teses e dissertações na contemporaneidade no Brasil: teoria do conhecimento, documento registrado e as políticas orientadas para os documentos epistêmicos https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1095	CAJÉ, Bruna Carla Muniz.	2020		X
Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1166	SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da	2020		X
Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas. https://ridi.ibict.br/handle/123456789/1165	BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S.	2021		X

Epistemologias Negro-Africanas em Biblioteconomia e Ciência Da Informação: um olhar da teoria crítica racial	SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da	2022		X

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Quadro 8 evidencia que o Programa de Pós-Graduação Ciência da Informação (31001017138P0) do convênio UFRJ - IBICT produziu 11 dissertações e 21 teses, que correspondeu a 32 trabalhos. Esse total é justificado porque ele é o primeiro programa a ser implatatado no Brasil, nesta área de conhecimento, e também pela tradição dos estudos epistemológicos, assim demostrando o maior número na produção de dissertações e teses.

A dissertação '**Pesquisando sobre pesquisa: as configurações epistemológicas da Ciência da informação nas teses de doutorado convênio CNPq/IBICT-UFRJ/ECO'** (Ercilia Mendonça), e as teses **'A interdisciplinaridade na formação do administrador: um dueto entre Ciência da Informação e Ciência da Administração'** (Joaquim Francisco Cavalcante de Oliveira) e **'Arquivologia e Ciência da Informação: (RE) definição de Marcos interdisciplinares'** (Maria Odila Kahl Fonseca) embasaram apenas os dados quantitativos, pois seus respectivos acessos não foram possíveis.

Na produção do Programa, destaca-se a epistemóloga Maria Nélida González de Gómez, que orientou uma dissertação e sete teses, assim contribuindo com oito trabalhos. Entre esses trabalhos destaca-se a tese '**Filosofia da linguagem e Ciência da Informação**: **jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais'** (Luciana de Souza Gracioso).

Em segundo lugar, destaca-se também o epistemólogo Gustavo Silva Saldanha, que orientou três dissertação e quatro teses, assim contribuindo com sete trabalhos. Entre esses, destaca-se a dissertação '**Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**' (Franciéle Carneiro Garcês da Silva) e a tese '**Feminismo negro e epistemologia social**: **trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação'** (Leyde Klebia Rodrigues Silva).

Em seguida em produção vem a epistemóloga Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, que orientou duas dissertações e três teses, assim contribuindo com cinco trabalhos. Entre esses, destaca-se a dissertação '**Ciência da Informação e Ciência da Administração**: **questões epistemológicas e o fenômeno da informação'** (José Alexandre da Costa) e a tese '**A contribuição do conceito do bit quântico(q-bit) para os fundamentos teóricos da ciência da informação**' (Alvaro Caetano Pimentel Sobrinho).

Entre os Programas como publicação abaixo de cinco trabalhos, destaca o Pós-Graduação Ciência da Informação (28001010041P0) - Universidade Federal da Bahia (UFBA),

conforme Quadro 9. As primeiras articulações para o estabelecimento do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação na UFBA, aconteceu em 1996, assim o mestrado foi aprovado no ano de 1997. Considerando que este programa tem 26 anos de funcionamento, a produção no domínio de estudos epistemológicos é considerada baixa, embora se deva considerar as temáticas centrais das linhas de pesquisa.

Quadro 9 - Ciência da Informação (28001010041P0) – UFBA

Site: https://ppgci.ufba.br/ **Repositório:** https://ppgci.ufba.br/pt-br/trabalhos-de-conclusao				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Os livros nas teses: implicações político-epistemológicas no saber da Ciência da Informação https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7904	MENEZES, Vinícios Souza de	2013	X	
Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos https://repositorio.ufba.br/handle/ri/17065	SILVA, Jonathas Luiz Carvalho	2015		X
Multi, Inter e Transdiciplinaridade (MIT) na Ciência da Informação: Análise de Conteúdos das Produções Cientificas do Evento ENANCIB e dos periódicos Qualis A1 Nacionais 2012-2016 https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/32057/1/Multi,%20Inter%20e%20Transdisciplinaridade%20(MIT)%20na%20CI%20-%20Gustavo%20Alpoim%20de%20Santana.pdf	SANTANA, Gustavo Alpoim de	2019	X	
A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30429?locale=pt_BR	REIS, Vanessa Jamile Santana dos	2019	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Na produção do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (28001010041P0) da UFBA, conforme Quadro 9, destaca-se a dissertação '**Invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: uma Abordagem de Representatividade Social'** (Vanessa Jamile Santana dos Reis), sob a orientação de José Carlos Sales dos Santos, e a tese '**Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos**' (Jonathas Luiz Carvalho Silva), com orientação da professora Henriette Ferreira Gomes.

Quadro 10 - Ciência da Informação (33001014052P3) – UFSCar.

Site: https://www.ppgci.ufscar.br/ **Repositório:** https://www.ppgci.ufscar.br/academico/dissertacoes				
Titulo	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Multi e interdisciplinaridade nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação: estudo bibliométrico com dados da Plataforma Lattes https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/10582	LANÇA, Tamie Aline	2018	X	
Análise da Colaboração Científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação Brasileiros https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12058	JUSTINO, Thais da Silva	2019	X	
Mapeamento semântico do conceito de inovação para a Ciência da informação: uma análise Gramático-Sistêmico Funcional https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/12463	MATUI, Natália da Conceição	2020	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Entre os Programas como a produção de três trabalhos, destaca a Pós-Graduação em Ciência da Informação Ciência da Informação (33001014052P3) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Quadro 10, e a Pós-Graduação em Ciência da Informação (31003010063p6) da Universidade Federal Fluminense (UFF), Quadro 11.

Quadro 11 - Ciência da Informação (31003010063p6) – UFF.

Site: http://ppgci-uff.com.br/ **Repositório:** http://ppgci-uff.com.br/dissertacoes/ http://ppgci-uff.com.br/teses/				
Titulo	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
A cultura na ciência da informação: temáticas culturais na pós-graduação do campo informacional brasileiro – 1970-2012 https://app.uff.br/riuff/handle/1/20755	ROSA, Berta Jaqueline	2013	X	
As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico https://app.uff.br/riuff/handle/1/23206	SOUZA, Luana Quintal de	2021	X	
A produção sobre ciência aberta na área da Ciência da Informação no Brasil: análise no mapa temático das publicações da BRAPCI – 2015 a 2019 https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/25280/SANTOS%2c%20V.R.S.%20dos%20%282022%29%20-%20A%20PRODU%c3%87%c3%83O%20SOBRE%20CI%c3%8aNCIA%20ABERTA%20NA%20%c3%81REA%20DE%20CI%c3%8aNCIA%20DA%20INFORMA%c3%87%c3%83O%20NO%20BRASIL.pdf?sequence=1&isAllowed=y	SANTOS, Vinicius Ribeiro Soares dos	2022	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (31003010063p6) da UFF foi criado em 2009 com o mestrado acadêmico, e o doutorado foi instituído no ano de 2015.

Entre os Programas como publicação com apenas dois trabalhos, destaca a Pós-Graduação Ciência da Informação (33002010195P5) da USP, Quadro 12; a Pós-Graduação Ciência da Informação (40002012048P2) da Universidade Estadual de Londrina (UEL),

Quadro 13, e a Pós-Graduação em Ciência da Informação (15001016158P5) da UFPA, Quadro 14.

O Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (33002010195P5) - Universidade de São Paulo (USP), Quadro 12: foi criado em 2006. Ele tem uma área de concentração, Cultura e Informação, e a escopo de desenvolver referenciais teórico-metodológicos nas temáticas relativas as suas três linhas de pesquisa: Apropriação Social da Informação; Gestão de Dispositivos de Informação; e Organização da Informação e do Conhecimento.

Quadro 12 - Ciência da Informação (33002010195P5) – USP.

Site: https://www3.eca.usp.br/pos/ppgci **Repositório:** https://www3.eca.usp.br/pos/ppgci/teses				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Dspace e archivematica: concepção e criação de um protótipo de repositório digital aplicado no domínio da SBPC: sob uma perspectiva interdisciplinar entre Arquivística e Organização e Represetação do Conheciimento https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-11092018-095527/pt-br.php	AGUIAR, Francisco Lopes de	2018	X	
Documentação musical: Discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar https://teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-05072009-190855/pt-br.php	MATOS, Alexandra Linda Herbst	2007	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (40002012048P2) da UEL teve início em 2012, com o curso de mestrado acadêmico. A implantação do doutorado ocorreu no ano de 2018, com a primeira turma em 2019. Assim, considerando a sua história relativamente recente, a sua produção está em consonância com seu tempo de funcionamento, conforme o Quadro 13.

Os dois trabalhos que contribuíram para os estudos epistemológicos nessa pós-graduação foram orientados, respectivamente, pelas professoras Ana Cristina de Albuquerque e Ana Esmeralda Carelli, a saber, a dissertação '**Ciência Da informação e Filosofia da Informação: perspectivas de relação A Partir do estudo das publicações do GT1 do ENANCIB'** (Aline Laureano Suave), e a dissertação '**A interdisciplinaridade na Ciência da Informação: investigações bibliométricas'** (Marcos Antonio de Moraes).

Quadro 13 - Ciência da Informação (40002012048P2) – UEL.

Site: http://www.uel.br/pos/ppgci/portal/ **Repositório:** http://www.uel.br/pos/ppgci/portal/pages/defesas.php				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
A interdisciplinaridade na Ciência da Informação: investigações bibliométricas http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000197928	MORAES, Marcos Antonio de	2014	X	
Ciência da informação e filosofia da informação: perspectivas de relação a partir do estudo das publicações do GT1 do ENANCIB http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000232766	SUAVE, Aline Laureano	2021	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em Ciência da Informação (15001016158P5) da UFPA, Quadro 14, foi aprovado pela CAPES em 2016 como curso de mestrado acadêmico em Ciência da Informação. Considerando a história recente desse programa, os dois trabalhos que contribuíram para os estudos epistemológicos estão em consonância com seu tempo de funcionamento.

Quadro 14 - Ciência da Informação (15001016158P5) – UFPA.

Site: https://ppgci.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/apresentacao **Repositório:** https://ppgci.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes				
Titulo	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
A exclusão de gênero em ciência e tecnologia na perspectiva da ciência da informação: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14151	SILVA, Ester Ferreira da	2020	X	
Intersecções entre a ciência da informação e a ciência de dados: contribuições para os sistemas de informação governamentais http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14141	MATOS, Maurício Torres de.	2021	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Entre os Programas como publicação com apenas um trabalho, destaca a Pós-Graduação em (26001012171P2) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Quadro 15. O programa foi reconhecido pela CAPES em 2019, e tem área de concentração ‘Informação, Tecnologia e Inovação’, e duas linhas de pesquisa, a saber, ‘Produção, Mediação e Gestão da Informação’ e ‘Informação, Comunicação e Processos Tecnológicos’.

Quadro 15 - Ciência da Informação (26001012171P2) – UFAL.

Site: https://ichca.ufal.br/pos-graduacao/ciencia-da-informacao **Repositório:** https://ichca.ufal.br/pos-graduacao/ciencia-da-informacao/defesas-e-qualificacoes/defesas-de-dissertacoes				
Título	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Rede de colaboração científica: panorama da produção científica dos docentes da ciência da informação no Nordeste no período de 2010-2019 https://sigaa.sig.ufal.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=2085&noticia=2521682	MELO, Janyelle Mayara Bento de	2021	X	

Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (22001018085P8) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Quadro 16, tem área de concentração ‘Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento’, com duas linhas de pesquisa, saber, ‘Representação da Informação e do Conhecimento e Tecnologia’ e ‘Mediação e Gestão da Informação e do Conhecimento’.

Quadro 16 - Ciência da Informação (22001018085P8) – UFC.

Site: https://ppgci.ufc.br/ **Repositório:** https://ppgci.ufc.br/dissertacoes/				
Titulo	**Autor**	**Ano**	**D**	**T**
Informação científica e tecnológica no Brasil: análise da produção periódica da Ciência da Informação	VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento	2020	X	

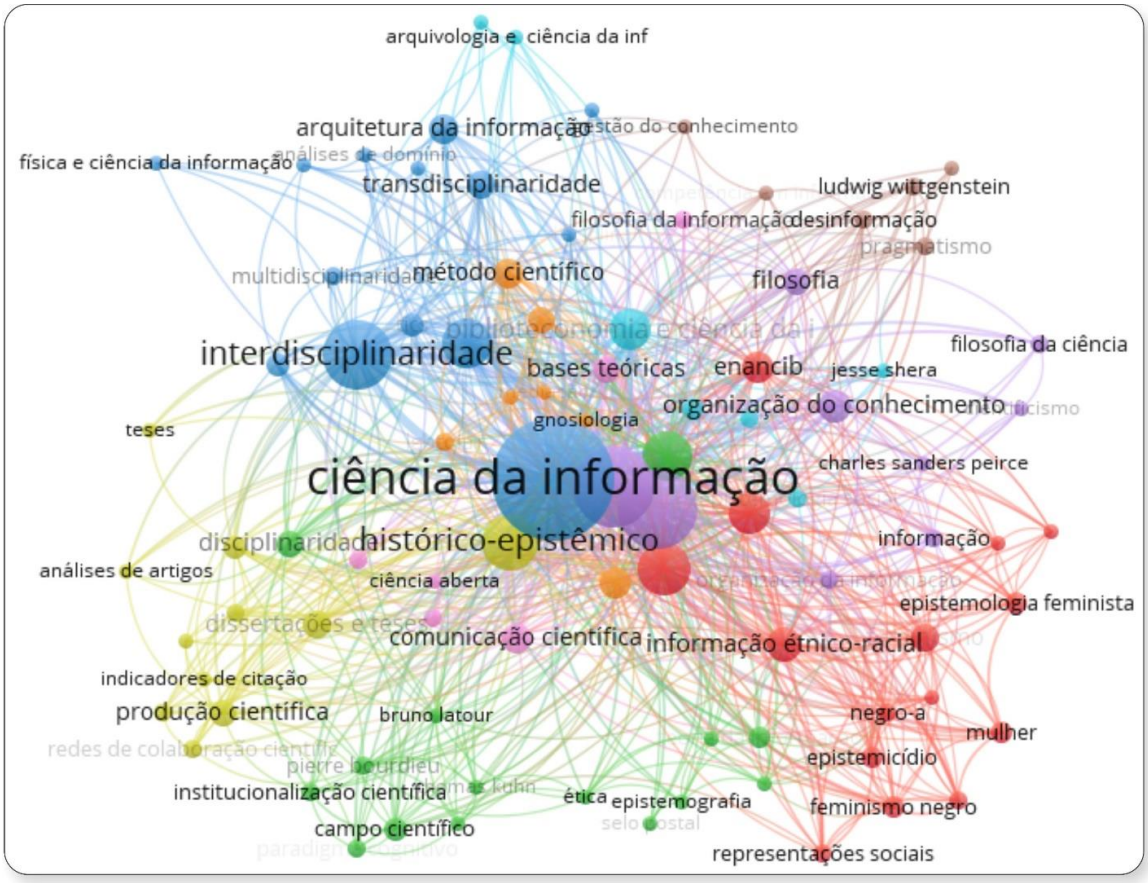
Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Entre os Programas sem nenhum trabalho, tem a Pós-Graduação em Ciência Da Informação (30001013108P0) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e a Pós-Graduação em Ciência da Informação (42001013176P0) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É importante frisar que a criação destes programas ocorreu em 2018, o que justifica em parte a produção sem nenhum trabalho sobre os estudos epistemológicos, além de considerar também as especificidades das respectivas áreas de concentraão e linhas de pesquisa.

8 CONJUNTO FENÔMENOTÉCNICO NO ESCOPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: DOS OBSTÁCULOS AOS AVANÇOS EPISTMÊMICOS

Tomando como base o *corpus* de teses e dissertações descrito na seção anterior, inicialmente apresenta-se a Macro Rede Epistêmica, que compõem o Grafo 1. Nela são visualizados os construtos[20] que esboçam a Ciência da Informação no âmbito dos estudos epistêmicos, tanto na perspectiva poli-epistêmico quanto na perspectiva meta-epistêmico. Pode-se observar que a Macro Rede Epistêmica se constitui de diversas micro-redes, em que algumas delas foram analisadas, de modo desmembrado, para permitir a melhor compreensão ao longo das discussões.

Gráfico 1 - Macro rede epistêmica.



Fonte: Dados da Pesquisa, (2022).

[20] Se figura um modelo criado mentalmente com a observação e uma teoria, e nesta pesquisa e de acordo como o direcionamento teórico técnico-cientifico o construto pode se tornar um meta-objeto, um vetor epistêmico e um tema de interesse, como por exemplo a 'Responsabilidade Social' que transita neste processo de *status*, de sigficação.

Esses construtos se dividem em Temáticas, tais como ‘organização do conhecimento’, ‘competência em informação’, ‘recuperação da informação’, ‘arquitetura da informação’; teorias, como ‘filosofia da informação’, ‘epistemografia’, ‘epistemicídio’; autores, como ‘Jesse Shera’ e ‘Ludwig Wittgenstein’; além de abordagens, métodos, orientações epistêmicas, disciplinaridade, interdisciplinaridade, conceitos, produtos, paradigmas e eventos, entre outros. É imprescindível compreender que essa pluralidasde representa, em certa medida, os ‘avanços epistemológicos’ e os ‘obstáculos epistemológicos’ se relacionam entre si pelos construtos do Grafo 1, e o que define as relações presentes é a ênfase do cientista da informação em relação ao construto.

Para Bourdieu (1989, p. 67), “toda a tradição epistemológica reconhece a analogia”. Nessa perspectiva, como estratégia didática para diferenciar os ‘avanços epistemológicos’ e os ‘obstáculos epistemológicos’ (Grafo 2) adota-se a analogia da engrenagem e o fractal espiral como construções epistêmicas. Os ‘obstáculos epistemológicos’ (Grafo 2), em particular, são alinhamentos de engrenagens que produzem sempre os mesmos resultados, como comando algoritmo, sem derivação, e, assim como engrenagens, esses têm suas rotações em torno dos seus próprios eixos. Nos ‘avanços epistemológicos’ (Grafo 2), por seu turno os resultados são diversos, pois os movimentos são infinitos, há derivações diversas.

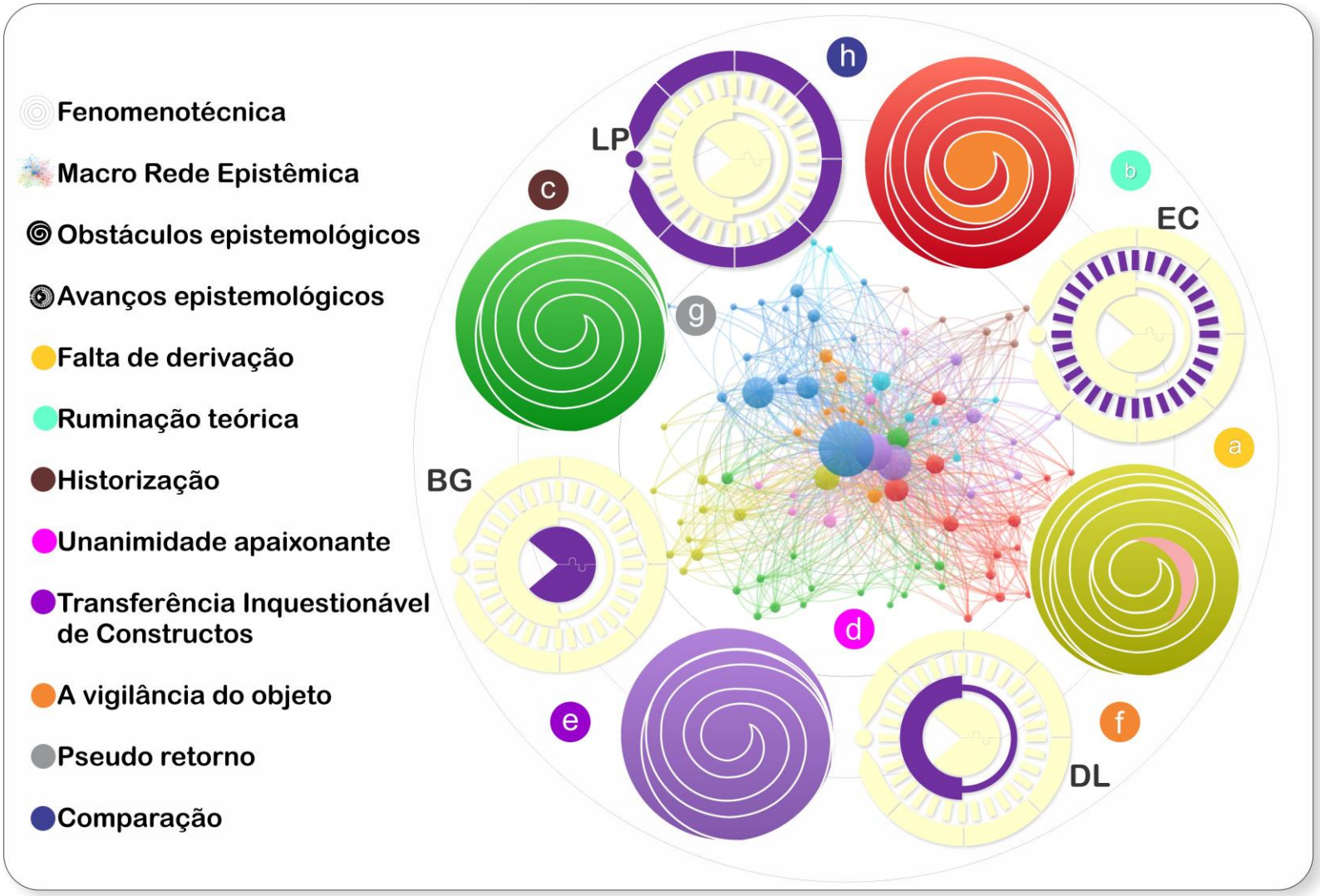
Nonaka e Takeuchi (1997), definem o espiral como uma representação da construção do conhecimento e o conhecimento em si, pois ambos funcionam de forma contínua. Assim, os ‘avanços epistemológicos’ se comportam como movimentos de derivação, enquanto os ‘obstáculos epistemológicos’ são limitantes e encerram em si, como demostra o Sistema 1.

Como se observa em torno da Macro Rede Epistêmica no Sistema 1, os potenciais ‘obstáculos epistemológicos’ ou engrenagens são intitulados de L*ooping* (LP), Eco (EC), *Delay* (DL) e Bumerangue (BG), enquanto os avanços epistemológicos ou espirais são o Avanço Pós-Moderno (APM), o Avanço Social (AS), o Avanço Poli-Fenômenotécnico (APF) e a Derivação do Objeto Científico (DOC).

Os construtos do Grafo 1 são considerados pontos comuns que ligam e diferem os ‘avanços epistemológicos’ e os ‘obstáculos epistemológicos’, porém, cada um deles tem uma fenomenotécnica ou interseção de duas com predominância em uma, que produz um tecnofenômeno como força motriz. Esse conjunto fenomenotécnico inclui os seguintes tecnofenômenos: a) a falta de derivação, b) a ruminação teórica, c) a historização, d) a unanimidade apaixonante, e) a transferência inquestionável de constructos, f) a vigilância do objeto, g) o pseudo retorno e h) a comparação. Além disso, todos refletem a busca da construção ideal de unidade e/ou identidade do campo da Ciênica da Informação. Contudo, embora tanto

os ‘avanços epistemológicos’ quanto os ‘obstáculos epistemológicos’ tenham um tecnofenômeno como força motriz e interseção de dois com predominância em um, todos apresentam, em menor grau, a influência de todos os tecnofenômenos.

Grafo 2 - Obstáculos epistemológicos e avanços epistemológicos da Ciência da Informação.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Para compreender a fenomenotécnica e os tecnofenômenos como forças motrizes, a força de inclinação dos pontos (construtos) comuns tanto para os avanços, como para os obstáculos, considera-se o sujeito informacional através da vigilância e da crítica, buscando alcançar como cada fator se comporta no conjunto fenômenotécnico particular da Ciência da informação. Na prática da Responsabilidade Social, o sujeito informacional avalia antes de tudo os outros sujeitos epistêmicos para, em seguida, pôr em prática sua vigilância sobre o fazer científico. Vechiato (2013) utiliza o termo sujeito informacional em substituição ao termo usuário, mas independente da filosofia do termo e a derivação de sua ideia, ele diz acerca de um sujeito capaz de ver além do estabelecido.

> É assim que, em todas as ciências rigorosas, um pensamento inquieto desconfia das *identidades* mais ou menos aparentes e exige sem cessar mais precisão e, por conseguinte, mais ocasiões de distinguir. Precisar, retificar, diversificar são tipos de pensamento dinâmico que fogem da certeza e da unidade, e que encontram nos sistemas homogêneos mais obstáculos do que estímulo. Em resumo, o homem movido pelo espírito científico deseja saber, mas para, imediatamente, melhor questionar. (Bachelard, 1996).

Assim, para Vechiato (2013), o sujeito informacional possui experiências, comportamentos e competências em relação à informação que precisam ser observados no projeto de um ambiente e/ou sistema de informação, e isso se aplica a ciência como sistema ou ambiente. Neste sentido, observar a fenômenotécnica criticamente no domínio das experiências, dos comportamentos e das competências, sem romantismo ou culpa, é fundamental para visualizar e avalizar, especialmente, as sombras e/ou as cortinas sobre o fazer da Ciência da informação.

Nesta pesquisa, a falta de derivação é um tecnofenômeno comum, pois a derivação é procedimento epistêmico, o ato semiótico de questionar, desconfiar e, sobretudo, a ressignificação das estruturas estabelecidas. Trata-se, em última análsie, de descortinar a superficialidade dos pontos. A derivação é o processo de construção de novos morfemas e números a partir de um morfema e/ou número base. Na Linguística, a ‘derivação’ se refere a um processo de formação de novas palavras, e na Física corresponde a um valor a partir de outro valor, como, por exemplo, a ‘velocidade’ que é o resultado da relação entre tempo e espaço (Rigonatto, 2023). Com feito, a base filosófica da ‘derivação’ é a criação de novas abstrações a partir de uma abstração inicial e/ou base. Neste sentido, na Ciência da Informação e neste discurso a ‘derivação’ se refere à inclinação de uma ideia pouco e mal explorada, embora, flutuante e nunca abandonada nos discursos epistêmicos, ou até mesmo mal interpretada.

A ruminação teórica, por sua vez, é a reafirmação sincrônica do que acorre em tempo presente mais sem acréscimos epistêmicos, é um tecnofenômeno que se esconde na ideia básica da ‘justificativa teórica’ e que, muitas vezes, descarta a derivação, que também ocorre na historização, que é uma necessidade de reafirmar o percurso histórico da Ciência da Informação, ela liga o tempo passado ao tempo presente.

A historização pode ser vista nas dissertações e nas teses, por exemplo, a partir da tradição da escrita de um capítulo sobre a história da Ciência da Informação, a reafirmação do que já fora dito sem a possibilidade de ver algo mais, muitas vezes, sem a aplicabilidade da abordagem histórico-critico.

A unanimidade apaixonante é um tecnofenômeno sobre um fato, um comportamento social, científico e político, em que todos concordam com algo sem questionamentos, e, por consequência, ocorre a transferência inquestionável de constructos, quando a visão sobre um fato é disseminada para os novos pesquisadores e estudiosos da Ciência da Informação, e estes aceitam por dificuldades de refletir ou por ser imposto aos mesmos a proibição de refletir.

A vigilância do objeto é uma tecnofenômeno importante, na medida em que se trata da preocupação com seu objeto científico. É importante considerar que, em um primeiro momento, este estado de ânimo pode parecer uma neurose dos cientistas da informação, mas essa promove os sentidos da informação no fluxo do tempo e do espeço.

O pseudo retorno significa o retorno às bases, e, por conseguinte, tem caraterísticas a historização e a ruminação teórica, o do retorno fortalece ruminação, pois o pseudo retorno é vazio também sem acréscimos, muitas vezes, retorna fenômenos superados da ciência.

A comparação, por fim, é um tecnofenômeno que precisa mais atenção, ela poder ser uma analogia a uma estratégia epistemológica possível, mas perigosa, quando o ponto de referência é destoante e não permite a abstração da base análoga, como, por exemplo, fazer comparações entre ciências clássicas e pós-modernas torna-se essa ação problemática, pois nessa comparação sempre há um componente de diminuição, principalmente, porque deveria ter como fundamento um conjunto de categorias distintas.

Assim, conforme o Grafo 2, as 8 (oito) macro-cateorias que se figuram entre obstáculos e avanços: *Looping*, Eco, *Delay*, Bumerangue, Avanço Pós-moderno, o Avanço Social, Avanço Poli-Fenômenotécnico e Derivação do Objeto Científico; como as e 17 micro-categorias, essas ultimas que estruturam as macro-cateorias foram construídas na frequência do conteúdo manifestado apresentado pela Macro rede epistêmica (visível); e na frequência dos interesses, intenções e comodidades dos conteúdos latentes (invisível).

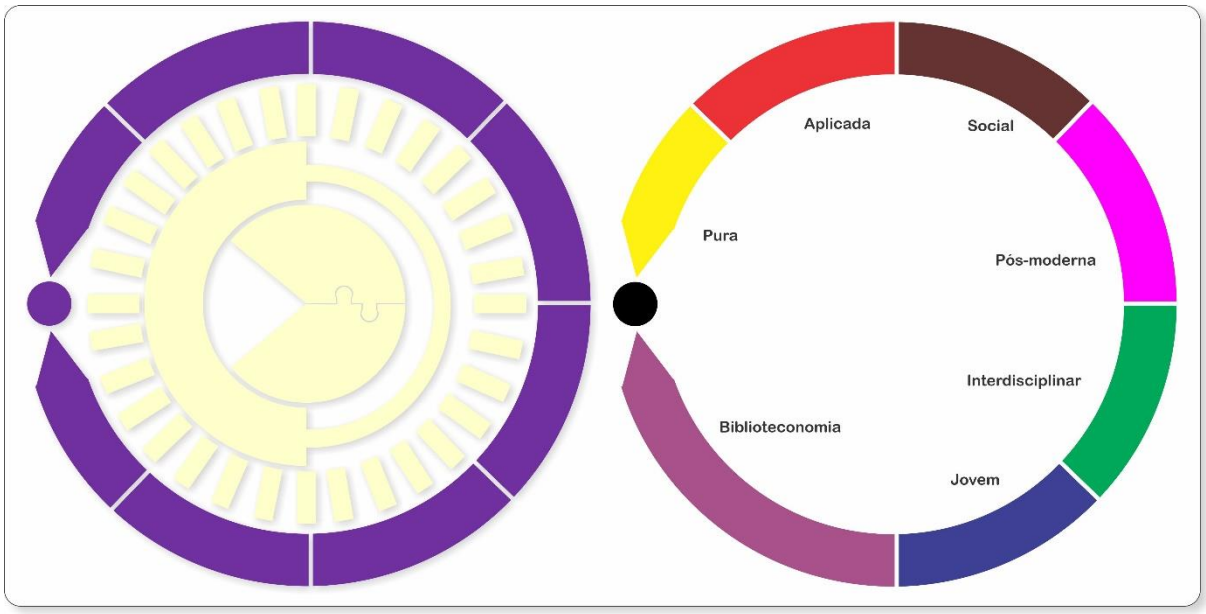
9 OBSTÁCULOS EPISTEMICOS

Os avaços da ciência somente podem aocrre quando há reconhecimento dos obstáculos pelo sujeito informacional, para a posteriori superá-los na medidade do tempo, estetegia em que cada um foi cultivado .Para Bachelard (1996) detectar obstáculos epistemológicos é um passo para fundamentar os elementos da psicanálise da razão./isso sigfica dizer que o epsitemolgo deve juntos aos seus pares desmontar quais os esquemas mentais, as ideias pré-concebidas, as opiniões infundadas, as causas de estagnação e, regressão em inércia para toda comunidade cientifica que compõe a Ciência da Informação.

9.1 Obstáculo *looping*: o mantra compulsivo

O *LP*, ilustrado na Figura 20, se refere a uma repetição, seja ela do passo, da dica e da instrução sobre um determinada fenômeno que se inicia e se encera em si. É propriamente um "automatismo" condicionado pelo hábito que pode acontecer de forma consciente ou inconsciente. Assim, a intersubjetividade científica pode potencializar esses hábitos, pois eles são validados. Como pode ser observado na Figura 20, há um ponto fixo do qual parte o fenômeno, na medida que volta a esse mesmo ponto fixo.

Figura 20 - Obstáculo *looping*.



Fonte: Elaborado pelo autor, (2022).

O *LP* na Ciência da Informação pode ser considerado como um eterno retorno validado por essa intersubjetividade científica, em que esse retorno ocorre por si só, sem contribuições e sem avanços. Assim, o *Looping* versa sobre a oralidade dos cientistas da informação e tem como base os tecnofenômenos historização e pseudo retorno, ele é a fonte dos desdobramentos dos obstáculos epistemológicos.

Na perspectiva psicanalista, o eterno retorno trata-se da compulsão à repetição, (Freud, 1996), que é também a rememoração das experiências passadas, e se situa no limiar do prazer e do desprazer dos sujeitos epistêmicos. Assim, a compulsão à repetição que promove o *Looping* provém dos impulsos primitivos/instintuais reprimidos que ainda habitam no presente, assim a compulsão à repetição é uma ideia de profundidade. Porém, neste trabalho ele se refere às forças sinérgicas, pois para Freud a satisfação de prazer para um dos sistemas e, simultaneamente, desprazer para outro, e no primeiro caso o prazer atravessa o sujeito tácito em torno do ego do pesquisador. É prazeroso para o cientista da informação estar envolvido por esse eterno retorno por meio do sujeito tácito que interrompe sua insegurança de não saber em profanidade, ou seja, não ter condições de derivar, e, no segundo caso, o desprazer é experimentado pelo sujeito informacional apto em derivar.

O *Looping* tem o potencial de 'obstáculo epistemológico' na Ciência da informação e ocorre com a marcação de um mantra, ou seja, uma ruminação, muitas vezes, *ipsis litteris* em torno da condição identitária científica, o que implica na construção de uma unidade. Para Coelho (1934), a identitária científica se figura expressão de uma luta pela composição de um regime de produção e difusão disciplinar de uma ciência, que aos poucos vai se autonomizando. Assim, o *Looping* tem como força motriz a crise disciplinar que flutua na Ciência da Informação, no gasto de energia do sujeito informacional no movimento de concentração para a construção de identidade (unidade) de seu domínio disciplinar, pois, segundo Souza (2011), há esse movimento, que, ao mesmo tempo, é positivo, mas produz outros elementos, incluindo um mantra e, consequentemente, o *Looping.*

Portanto, o mantra que estrutura o *Looping* que é esse movimento que contempla os construtos que qualifica a Ciência da Informação como uma ciência **pura, aplicada, social, pós-moderna, interdisciplinar, jovem e a ligada à Biblioteconomia**. Para Saldanha (2008) a Ciência da Informação é uma ciência das narrativas e jogos de linguagens, e que a partir de 1968, na pós-modernidade somos permanentemente convocados a nomeá-la. Ancorado em Guy Debord (1997), Jimenez (1994) e Rolnik (1997), pare ele:

> É o grande espetáculo da representação, como colocado por Guy Debord (1997), marcado por uma descontrolada produção de conceitos (Jimenez, 1994). Há uma

> permanente corrida por identidades, por imagens que nos representem cada vez com maior acuidade e precisão (Rolnik, 1997, p. 24).

Como condição básica do sujeito, nomear é uma premissa básica e uma ação humana, como na premissa "Seio bom, seio mau" de Melanie Klein, que estrutura o sujeito e sua estrutura psíquica. Logo as narrativas e jogos de linguagens, e construção de imagens, a corrida por construir as identidades, são essenciais. O que problemático ao retorno do "Seio bom, seio mau", em que o mantra é o elemento de ruminação. Como mantra se configura um instrumento de pensamento do sujeito ético pela ingenuidade do desejo de formalizar, e do sujeito moral pela aceitação do estabelecido, e juntos em sinergia eles projetam realizar esses desejos. Assim, os sons, sílabas, palavras ou frases são os mecanismos usados pelos cientistas da informação para realizar esses desejos, mas por outro lado se há desejos infere-se que de fato ciência não é **pura, aplicada, social, pós-moderna, interdisciplinar, jovem e a ligada à Biblioteconomia**.

Neste sentido, se configura o *Looping* quando essas palavras e/ou ideias são postas juntas em ruminação, formando uma como ideia simples, uma ideia esponja constituídos de palavras esponjas. Ou seja, o *Looping* da Ciência da informação tem forte influência do obstáculo verbal de Bachelard. E neste campo o *Looping* tem estruturas ideológicas modernas e pós-modernas, em que a intersecção é características essencial na formação Ciência da informação, fato mais detalhada no avanço pós-moderno. Porém, a suspenção desta relação é importante para entender a relação infrutífera:

> A separação entre a ciência **pura** e a **aplicada** também foi fortemente cultivada pelo iluminismo na idade moderna. Para Harvey (2004) o iluminismo determinava os modos de produção da ciência, especificando as condições para o exercício da razão. Por isso que o pensamento pós-modernista destaca-se pela crítica ao iluminismo, com ideologias sobre a individualidade e liberdade. Tais ideias pós-modernistas estiveram na origem de campos científicos como CI, voltada para a peculiaridade na qual se circunscreve a individualidade de cada usuário (Nhacuongue, 2015 p. 62).

Porém, há algo positivo no *Looping* quando, pois de forma geral o *Looping* tem uma força motriz, o erro. Esse fenômeno é o responsável por iniciar e reiniciar o *Looping*, assim buscando o acerto pela repetição. Em tese, a repetição pode promover apuro, a correção das falhas epistêmicas, porém é preciso que o sujeito informacional se encarregue de analisar o fluxo no ponto inicial e a volta a ele, na tentativa de localiza e corrigir os erros para que o *Looping* não se efetive como obstáculo epistemológico e sim como mecanismo de refinamento epistêmico.

Os interesses, as intenções e as comodidades que produzem o *Looping*, conforme o Apêndice A, podem ser vistos entre o Estrato-Essência 01 a 42. Vale destacar que os interesses

e as intenções partem de uma mente consciente, e as comodidades operam por uma mente inconsciente. Assim, ao visualizar os *Estrato-Essências* deve-se considerar a *priori* os interesses, as intenções e as comodidades como norteadores para identificar os obstáculos. No conjunto desses estratos, destaque para o *Estrato-Essência* 01, 05 e 36.

> São bastante comuns indicações de que a **interdisciplinaridade** é mencionada desde as primeiras tentativas de definição da área. Com efeito, Borko (1968) considera-a uma **ciência interdisciplinar** originada de e relacionada a uma vasta gama de campos do conhecimento e com características tanto de **ciência pura** quanto de **ciência aplicada**. Entretanto, previne o leitor quanto a que o caráter possivelmente complicado da definição decorre de sua tentativa de ser abrangente perante uma questão complexa e multidimensional (Higino, 2011.p. 71).

Assim, em Higino (2011), o interesse e a intenção do autor versam em figurar essa volta ao ponto, dando ênfase no que é comum, ele promove o mantra quando vincula a **interdisciplinaridade a outros construtos**. Quanta à comodidade, fica claro que autor pouco deriva, pois as ideias do trecho já são validades. Silva (2019), por sua vez, faz o mesmo, ao afirmar através do mantra, que área:

> É uma ciência **interdisciplinar** derivada de campos relacionados, tais como [...] **Biblioteconomia**, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de **ciência pura** visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de **ciência aplicada**, visto que desenvolve serviços e produtos (Silva, 2019).

Os interesses, intenções e ascomodidades de Lança (2018) também estão em comunhão com Higino (2011) e Silva (2019), mas ele traz no *Looping* a evolução cronológica e não lógica da Ciência da Informação, assim afirmando que o mantra foi construído ao longo do tempo.

> Numa discussão acerca da cientificidade da Ciência da Informação e sua natureza interdisciplinar, Ricken (2006) levanta seus diferentes aspectos, variáveis de acordo com a formação dos autores pesquisados. Percepções de estudiosos sobre a área, baseadas em suas obras, são apresentadas em ordem cronológica, o que ilustra sua evolução. São elas: disciplina científica e **social**; disciplina **empírica**; ciência que possui aspectos **básicos** e **aplicados**; disciplina científica **interdisciplinar**; disciplina propósito-orientada; ciência atípica; disciplina **emergente**; disciplina **prática** e tecnológica: disciplina **empírica**; **interdisciplina**; ciência **pura** e **aplicada**; **nova ciência**; e ciência proveniente da ciência das **bibliotecas** [...] (Lança, 2018).

Lança (2018) consegue reforçar o mantra e, por consequência, o *Looping*, além de agregar o construto apaixonante ao afirmar que a Ciência da Informação é uma disciplina emergente. A partir dos estrato-essências do Apêndice A, que abordam a ‘linguagem’ como micro-categoria de análises, através do mantra ‘ciência pura, aplicada, social, pós-moderna, interdisciplinar, jovem e ligada à Biblioteconomia’, o obstáculo *Looping* demonstra que a Ciência da informação está evolvida por esses jogos de linguagens e narrativas em pleno

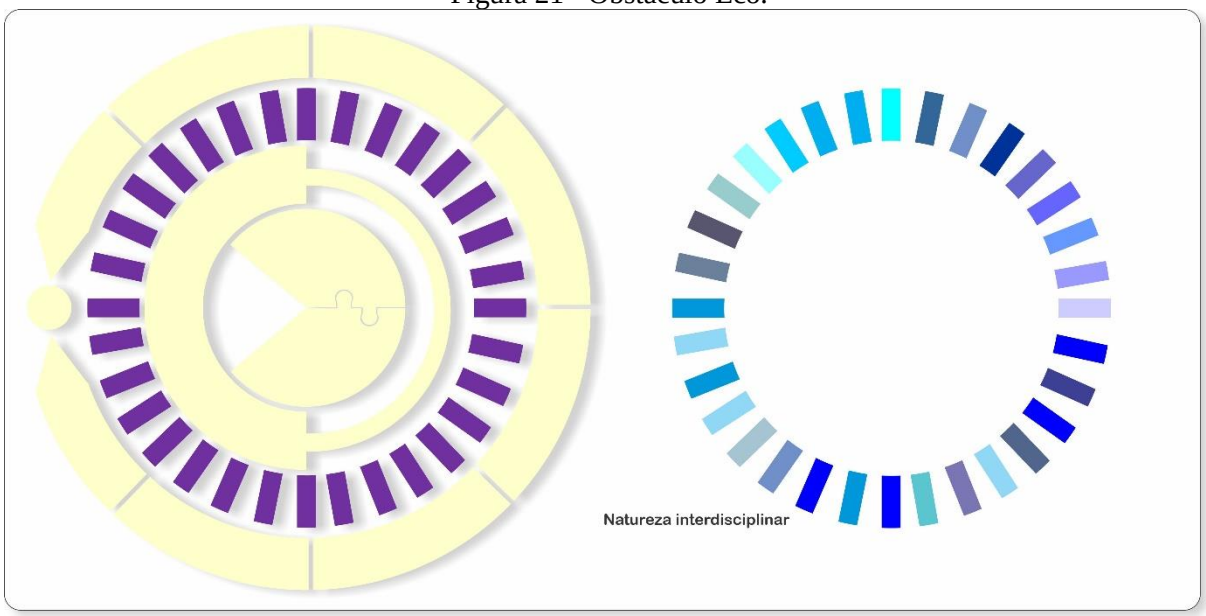
processamento e efetivada pelo mantra desde 1968, por meio de interesses, intenções e comodidades. Assim, um dos desafios da Ciência da Informação é a gerência deste mantra, a construção de discursos que agreguem a vigilância quanto a estes construtos.

9.2 Obstáculo eco: a natureza *ipsis litteris*

O Eco se figura como repetição de determinado som que reflete por ondas sonoras, assim como demonstra a Figura Figura 21. Os fragmentos (ondas sonoras) iguais, embora de tons diferentes, produzem um campo sem conexões que impede a construção de uma abstração, de um discurso e/ou de uma derivação. O Eco tem como protagonista o sujeito moral, uma vez que é uma postura natural dele repetir regras e normas sem questionar, como a filosofia fácil 'faça o que digo e não o que eu faço'. O Eco tem o pseudo retorno e a transferência inquestionável de constructos como tecnofenômenos.

Nesta construção, não há questionamentos, ele impede os pesquisadores de adquirir os conhecimentos através das suas próprias experiências, assim esses mesmos sujeitos optaram por passar adiante o que está ecoando. A premissa 'faça o que digo e não o que eu faço' também alerta os pesquisadores que não estão preparados para desbravar o desconhecido, ou seja, a sua essência é limitante, e é assim porque ele é encorajado a isso.

Figura 21 - Obstáculo Eco.



Fonte: Elaborado pelo autor, (2022).

Como potencial obstáculo epistemológico na Ciência da Informação, o Eco emerge através dos trechos *ipsis litteris* sem derivação, que, em geral, ocorre através de uma das

primeiras afirmações, como, por exemplo, a utilização da expressão “natureza interdisciplinar”. Desta forma, o Eco tem a conexão entre primeiro plano com a experiência primeira da Ciência da Informação e também com o obstáculo verbal de Bachelard (1996). No primeiro caso, os cientistas da informação estão apegados à beleza do construto “natureza interdisciplinar”, em detrimento de sua explicação científica, e, no segundo, caso os cientistas da informação utilizam a palavra interdisciplinaridade de forma simples para ancorar esse construto na Ciência da Informação.

Como demonstra o Grafo 1 (esfera) a interdisciplinaridade é fator basilar, e o uso do construto “natureza interdisciplinar’, na atualidade, marca tanto a oralidade dos cientistas como também as análises científicas construídas nas dissertações e nas teses (outros documentos como ementas), e tem como base o texto *Interdisciplinary nature of information Science* de Tefko Saracevic publicado em 1995. Esse texto acaba sendo uma lanterna comumente utilizada por muitos pesquisadores da Ciência da informação, mas a “natureza interdisciplinar’ como construto, muitas vezes, impossibilita o cientista da informação escutar outras vozes, pois o Eco emerge como um ruído, especialmente, sobre o fenômeno interdisciplinaridade. Saldanha (2008) questiona essa construção, na medida em que examina a “natureza interdisciplinar”, argumentando que ela é frágil, pois se apresenta como uma noção reduzida, simplificada e obscura. Ancorado em Bachelard (1996) e Goffman (1970), Saldanha (2008, p. 11) afirma que:

> [...] a transformação de nomenclaturas verificada pela promessa política de um paradigma – e não pela transformação, a priori, dos próprios pesquisadores da casa que se quer múltipla – bem como a **afirmação rasa de uma “natureza interdisciplinar”** são exatamente pontos críticos que a epistemologia bachelardiana e o pragmatismo wittgensteiniano nos trazem. Sem uma hermenêutica da **interdisciplinaridade**, como nos convoca o pragmatismo informacional, a “natureza interdisciplinar” ficará para CI como nosso mais belo e frágil **mito de origem**. A sensibilidade compartilhada por Goffman (1970), logo após as primeiras alterações que mais influenciarão o restante das instituições da área, em forma de interrogação, acreditamos, quase quarenta anos depois, ainda é contemporânea de nossas próprias origens e vivências nebulosas: “Ciência da Informação: disciplina ou desaparecimento?” Na verdade, desde a institucionalização deste nome, a indagação goffmaniana é uma angústia que nos cerca, que nos incomoda, que questiona nossa pretensa identidade.

Ao afirmar a “natureza interdisciplinar”, Tefko Saracevic (1992) faz um movimento de derivação simbólica de seu próprio construto, em que essa derivação também é posta de forma *Ipsis Litteris*, como é visto na tradução de Moraes (2020, p. 19):

> A **natureza interdisciplinar** da área fundamenta-se em três principais características: a primeira é justamente devida à complexidade do objeto da informação e os processos e fluxos que a envolvem; a segunda relaciona-se com a formação diversa dos pesquisadores que dedicaram seus estudos aos problemas informacionais durante o

> surgimento da área; por fim, a terceira característica relaciona-se com as diversas disciplinas que convergiram para a formação da área..[21]

Embora, não se analisou as oralidades dos cientistas, no seu uso cotidiano, as análises quantitativas do trecho ‘natureza interdisciplinar’ aparece como frequência, como demostram os *Estrato-Essências* 43 a 83 das dissertações e das teses, conforme o Apêndice B. No Obstáculo eco: a natureza *ipsis litteris*, a comodidade se figura como o aspecto mais determinante, em seguida vem os interesses e as intenções de não derivar esse construto, principalmente, quando sãos analisados os *Estrato-Essência* 56 e 69.

Martins, (2014, p. 61) citando Rayward (1997, p.3) figura a “natureza interdisciplinar’ com uma ideia comum e aceita.

> Perceptivelmente, a Documentação, dada a época, ainda no cerne do modernismo, é definida como uma “ciência prática com um componente teórico constituído por princípios e um componente constituído por técnicas”, a cargo que a Informática dedica-se aos estudos da informação científica, sem desconsiderar seu viés social. A CI surge com um desdobramento de **ciência pós-moderna**, composta, como coloca Rayward (1997, p.3), de pedaços disciplinares e embasada na falta de acordo ao que constitui precisamente sua “**natureza interdisciplinar comumente aceita**”. (Martins, 2014, p.61).

Araujo (2009), por sua vez, acredita que a Ciência da Informação já nasceu com a natureza interdisciplinar, pois:

> Várias áreas do conhecimento discutem suas fronteiras disciplinares com outros campos, a Ciência da Informação já “nasce” com **natureza interdisciplinar**, o que se justificaria primeiramente por ela não poder resolver seus problemas a partir de abordagens ou construtos de uma única disciplina [...] (Araujo, 2009, p. 9).

Os autores transmitem ideias congênitas e de certeza da natureza interdisciplinar, assim se fecha ainda mais na derivação de fato natural e politicamente construído. A partir dos estrato-essências, conforme o Apêndice B, que abordam a ‘natureza interdisciplinar’ como micro-categoria de analises do obstáculo Eco, como marco-categoria de análises, reforçam um pensamento fixo, e tem a transferência inquestionável de constructos como tecnofenômeno. Assim, ‘a natureza interdisciplinar’ emerge como construto *ipsis litteris*, as vezes kitsch e outras

[21] *Information science has three general characteristics that are the leit-motifs of its very evolution and existence. These are shared with many modern fields. First, information science is interdisciplinar in nature, however, the relations with various disciplines are changing. The interdisciplinary evolution is far from over. Second, information science is inexorably connected to information technology. A technological imperative is compelling and constraining the evolution of information science, as is the evolution of information society. Third, information science is, with may other fields, an active participant in the evolution of information society. Information science has a strong social and human dimension, above and beyond the technology. These characteristics are a framework for understanding the past, present ant future of information science. In this paper I will concentrate on the intertisciplinary relations of information science. Much of what is discussed here is an extension of thoughts presented in Saracevic (1992), where other characteristics of information science are discussed as well.*

vezes escalar. O sujeito moral conduz a “natureza interdisciplinar” como ponto central do Eco, e, como categoria de análise, a palavra interdisciplinaridade é conduzida pelo sujeito tácito, o maior responsável por conduzir a interdisciplinaridade na relação com os ‘silêncios’ e ‘não-ditos’, especialmente as questões ligadas às essencialidades da interdisciplinaridade e do seu lugar na Ciência da informação.

Para Santana (2019) e Vinck (2016), embora existam muitas publicações abordando a interdisciplinaridade de forma geral e filosófica, observa-se que são insipientes as publicações sobre as práticas da interdisciplinaridade. O que se pode afirmar é que a interdisciplinaridade é banalizada pelos ‘não-ditos’ e pelos ‘silêncios’, pois, a partir das análises, percebe-se que na Ciência da informação as construções sobre a interdisciplinaridade são tratadas apenas com comprimento, uma vez que se discute muito seus conceitos e o sentido da interdisciplinaridade neste campo.

Nesta pesquisa, se localizou apenas um estudo que deriva a interdisciplinariade, trata-se da dissertação intitulada ‘**Bases conceituais da Gestão do Conhecimento**’, de autoria de Jainne Aragão Carvalho Fernandes defendida, defendida em 2019. Além disso, outras se aproximam este exercício epistêmico, como, por exemplo, a dissertação intitulada ‘**Multi, Inter e Transdisciplinaridade (MIT) na Ciência da Informação**: **análise de conteúdo das produções científicas do evento científico Enancib e dos Periódicos Qualis A1 nacionais 2012 -2016**’, de autoria de Gustavo Alpoim de Santana defendida, defendida em 2019, que faz uma discussão abordando a interdisciplinaridade como prática baseada em Pombo (2003, 2006), por meio de práticas de importação, cruzamento, convergência, descentração e comprometimento; e a dissertação initulada ‘**Produção interdisciplinar na Ciência da Informação: abordagem nos domínios da arquitetura da informação’**, de autoria de Zayr Cláudio Gomes da Silva, defendida em 2016, que discute a produção interdisciplinar através da colaboração de diferentes conceitos e métodos. Trata-se do trabalho que se aproxima mais dos tipos e dos protocolos da interdisciplinaridade apontados, respectivamente, por Carlos (2007) e Teixeira (2004).

> Entende-se o conhecimento interdisciplinar como um movimento de compreensão da prática científica que se constitui como elo de comunicação para os cientistas, auxiliando-os no diálogo, por que não, a criar conceitos e métodos de forma mais relacionantes, percebendo fronteiras e limites em objetos e campos interdisciplinares. (Silva, 2016, p. 29).

Ao focar os conceitos, destacam o protocolo e os métodos que se referem à dimensão de interdisciplinaridade unificadora proposta por Japiassú (1976). Para além das citadas, de forma geral, as pesquisas sobre interdisciplinaridade na Ciência da Informação não discutem

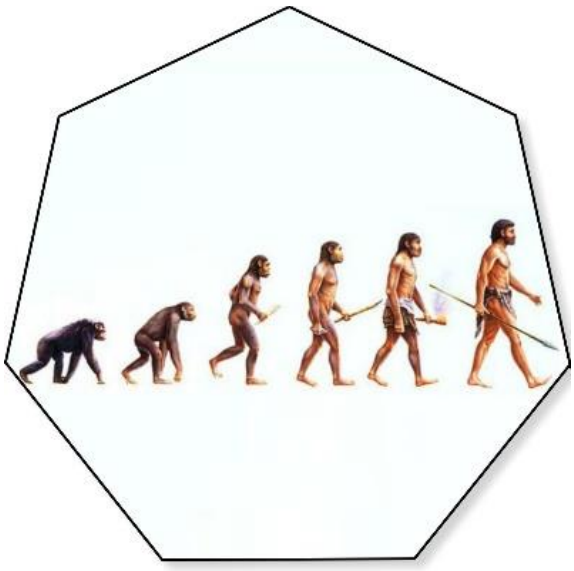
com profundidade, para configurá-la como meta-objeto, e os ‘não-ditos’ e os ‘silêncios’ dizem acerca das essências que a compõem, assim não abordam os tipos, as aplicabilidades e os protocolos da interdisciplinaridade no fluxo da fenômenotécnica**,** se efetuando a interseção dos ‘silêncios’ e dos ‘não-ditos’ pela falta de interesses.

Os tipos e as aplicabilidades de **interdisciplinaridades** são apontados por Carlos (2007) no texto “**Interdisciplinaridade no Ensino Médio: desafios e potencialidades**” e os protocolos são salientados por Teixeira (2004) no texto “**Interdisciplinaridade: problemas e desafios**”. Ambos os textos não destacam formulas e/ou receitas seguras, mas orientam para convergências entre práticas e discursos no fazer em Interdisciplinaridade, assim alinhando parâmetros de partidas que não deixam a interdisciplinaridade flutuante e esvaziada em si.

Assim, no fluxo dos trechos *Ipsis Litteris* baseados nos ‘silêncios’ e nos ‘não-ditos’, se percebe que o comprimento emerge ora como uma ‘palavra esponja’ para definir a Ciência da informação de forma simples, ora como um fenômeno kitsch quando se refere apenas ao agregado, especialmente de disciplinas, que promovem a ideia de união de coisas. Com efeito, no obstáculo Eco, a Interdisciplinaridade é um termo kitsch esponja, extremamente visível na Ciência da informação. Mas como isso ocorre?

Confúcio estabeleceu o pensamento que uma simples imagem vale mais que mil palavras, uma expressão que se tornou popular e usual no ramo do *marketing* e do senso comum. Isso não é uma afirmativa que descarta as imagens como representações, mas interrompe seus usos sempre que eles emergirem de formar prosaica e leviana.

Figura 22 - Representações esponjas.



Fonte: Pesquisa (2021).

Isso ocorre com a Teoria da Evolução, por exemplo, que é comumente representa de forma banal e imprudente. Essa teoria científica por uma imagem esponja que explica e resume todos os argumentos e pontos da evolução humana, conforme Figura 22.

Esse fenômeno é problemático porque simplifica a Teoria da Evolução, e, quando Charles Robert Darwin, a usou como método foi para comunicá-la e não reduzí-la em si. Esse método, contudo, ganhou força no mundo digital devido à fugacidade de extraterritorialidade cada vez mais marcantes.

Porém, é preciso atenção quanto à aplicação deste método que dimensiona as palavras e as imagens esponjas no campo científico, pois, para Bachelard (1996), o uso da palavra esponja pode imobilizar o pensamento científico na medida que essa única palavra constitui toda a explicação, prontamente que a função dela é de uma evidência clara, a tal ponto que não se sente a necessidade de explicá-la. Bachelard (1996) usa esse conceito para ilustrar como os cientistas fazem explicações de diferentes teorias ou conceitos sem a racionalização dos mesmos, assim criando uma imagem generalizada.

> Nesse caso, tratar-se-á de uma explicação verbal com referência a um substantivo carregado de adjetivos, substituto de uma substância com ricos poderes. Aqui, vamos tomar a simples palavra *esponja* e veremos que ela permite *expressar* os fenômenos mais variados. Os fenômenos são expressados: já parece que foram explicados. São reconhecidos: já parece que são conhecidos. Nos fenômenos designados pela palavra *esponja*, o espírito não está sendo iludido por uma potência substancial.

É forçoso considerar ainda que as palavras e as imagens esponjas tomaram novos contornos no contexto sócio-tecnológico, através da cultura de *meme*, *fake news* e *iconorreia*, pois elas são linguagens simples, que valem mais que mil palavras. Candau (2012) chama atenção para a *iconorreia* no que se refere ao fluxo vertiginoso de informação e à diversidade de símbolos e de ícones. Para ele, a profusão de ícones desenha momento digital paradoxal por bombardeamentos de imagens e de símbolos de forma rápida, fugaz e vertiginosa.

Tanto a *iconorreia* como a cultura *meme* e as *fakes news* simplificam e tornam aparentemente mais fácil o entendimento do que é transmitido, ou seja, são marcadas por interpretação fácil, inequívoca e imediata, com gratificação e instantaneidade, dispensando qualquer esforço intelectual, assim, não há derivação de profundidade. Na Ciência da Informação, a ausência da derivação de profundidade da interdisciplinaridade pode ser vista na citação *ipsis litteris* da ideia ‘natureza interdisciplinar’ como nos argumentos de Bicalho e Oliveira (2011, p. 58-59).

> Saracevic (1995), [...] dizia que a interdisciplinaridade da CI “[...] não **precisa ser procurada**, está lá, no âmago do próprio campo científico”. A CI é “uma área do conhecimento **tipicamente interdisciplinar**”, afirmam Dumond e Bruno (2003, p.

> 32). Gomes (2001, p. 5) diz que não é **necessário refletir sobre a característica interdisciplinar** da CI para confirmá-la, "porque seu próprio objeto de estudo aponta para a relevância deste seu caráter". Targino (1995, p. 14) vai além e afirma que "diante dessa **interdisciplinaridade irrefutável** [...].

Assim, o *ipsis litteris* e o argumento mostram essa imobilização de pensamento científico na Ciência a Informação, através do apego à beleza do construto e da simplificação da interdisciplinaridade. No Eco, se dispensa mil palavras, que podem constituir um argumento e uma justificava sobre a 'natureza interdisciplinar', e, por consequência, a interdisciplinaridade como única palavra e/ou imagem mental se apresenta de modo bastante forte.

As palavras esponjas podem ser compreendidas como imagens/palavras simbólicas e estéticas que são essencialmente contidas de ideologias sacras, como imagens/palavras estéticas que proporcionam sensações de prazer, de felicidade e de satisfação, menos reflexão (AUMONT, 2012), assim se aproximando do kitsch, fenômeno que também tem essa lógica. Isso ocorre por que o kitsch se apresenta como uma filosofia e uma força criativa que, carregada fugacidade, fluidez e liberdade, valores que podem ser questionáveis na ciência, uma vez ela tem seus protocolos e regras. Assim, o kitsch acaba dando mais contornos à simplificação da interdisciplinaridade na Ciência a Informação. Na pós-modernidade, com o acesso e o uso da Internet e das redes sociais digitais, o kitsch tem sido cada vez mais marcado, caracterizando o mundo digital como território kitsch (Kaeser, 2013; Radfahrer, 2016).

Neste sentido, o kitsch se aplica a qualquer dimensão: mundo real e digital, o sagrado, profano e científico, ao mesmo tempo ele é um fenômeno tangível, como um objeto de arte e de consumo, e, também intangível, como o desejo do objeto inacessível, um desejo mentalmente aliviado pelo objeto simulado. Clement Greenberg, em seu ensaio *The Avant-Garde and Kitsch* de 1939, argumenta que o kitsch atravessa também a ciência, esclarecendo todo kitsch é acadêmico, e, inversamente, tudo o que é acadêmico é kitsch, pois a ciência não existe de forma independente (Greenberg, 1997).

Pode-se ver que na Ciência da Informação o pensamento de Clement Greenberg fica muito demarcado, especialmente, quando há distração do cuidado epistêmico, e, por consequência, o kitsch passa a ter o potencial de delimitar a interdisciplinaridade como imagem e palavra esponja, especialmente, quando ela se assenta na ideia de união de coisas

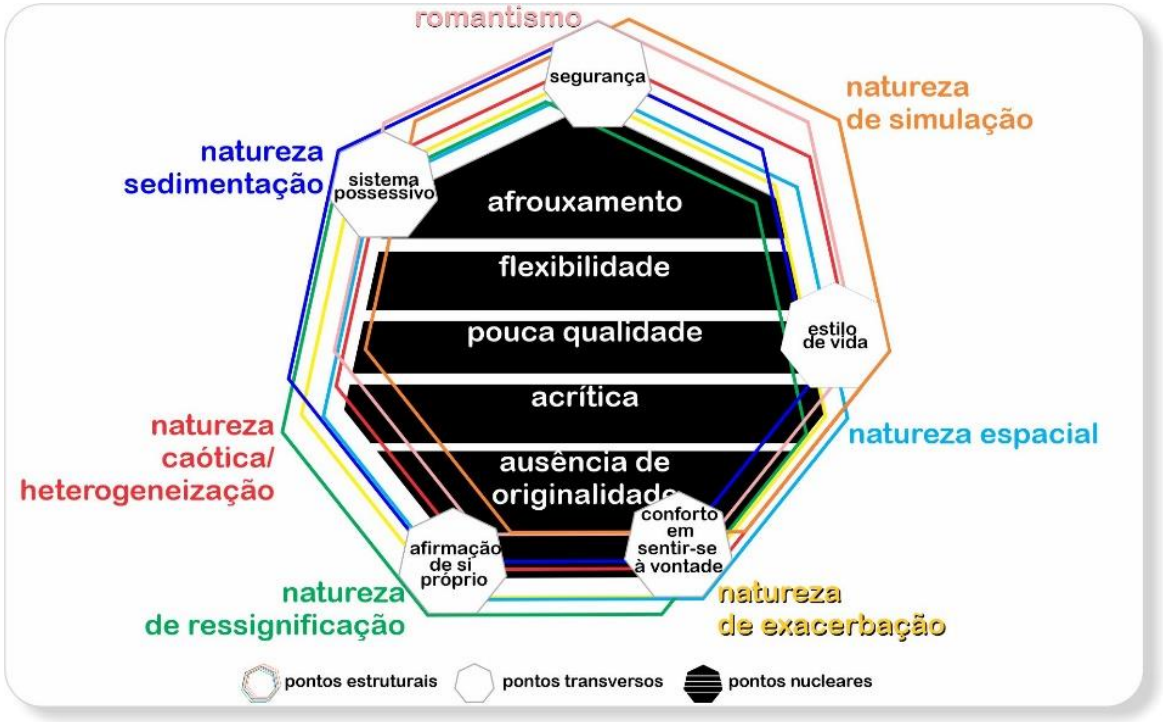
A palavra kitsch surgiu pela primeira vez em 1888, porém, foi visualizada em 1930 com os discursos de Theodor Adorno, Hermann Broch e Clement Greenberg (Moles, 1975). Ao situá-la, nesta tese, não é com objetivo de delimitada como um projeto artística com objetivos bem definidos, mas emerge como um fenômeno excedente da atual conjuntura social e tecnológica. Então, como estratégia para identificá-lo, no entorno da **interdisciplinaridade**, é

preciso compreender suas estruturas essenciais e seus alcances e quais delas tem afetado a interdisciplinaridade na Ciência da Informação.

O kitsch foi identificado como fenômeno na polarização entre pobres e ricos, assim como reposta de um sujeito da classe desvalida para se assemelhar ao sujeito das classes elitistas. Essa polarização é uma característica como fenômeno artístico, que está situado entre o feio e o belo, o chique e o cafona/brega, o caro e o barato, o novo e o velho, o falso e o verdadeiro/original. Porém, atualmente, ele se apropria de qualquer corpo e psique, não escolhe sujeito, pois se tornou também uma das características do mundo pós-moderno, ao mesmo tempo que se tornou um fenômeno pós-moderno (Sêga, 2008).

Enquanto viés artístico, o kitsch é a libertação, especialmente da estética constituída na modernidade, ele torna problemático no campo da ciência porque essa libertação é um fluxo de fugacidade e de fluidez que ocorre por três grupos de questões essenciais que se regulam para manter coesa sua natureza, sendo estas, os pontos estruturais, nucleares e transversos, conforme Figura 23. Os pontos estruturais são as ações de simulação, exacerbação, espacial, ressignificação, caótica/heterogeneização, sedimentação e romantismo. Os pontos nucleares são as ideologias, ou seja, o afrouxamento, a flexibilidade, a pouca qualidade, a acrítica e a ausência de originalidade. Apresenta também os pontos transversais, que são as forças do ego, do ideal de ego e do superego, assim contemplam a segurança, o sistema possessivo, a afirmação de si próprio, p conforto em sentir-se à vontade e o estilo de vida, que são as sensações, as percepções e as simbolizações que regulam os pontos estruturais e nucleares.

Figura 23 - Pontos estruturais, nucleares e transversos do Kitsch.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Ao apontar as dimensões, Sêga (2008) e Wajnman (2019) destacam a simulação, que é a transformações do sentido original, como a falsificação de uma obra/objeto, quando um sujeito que adquirir uma peça de roupa falsificada, esse mesmo saboreia com um gozo promovido por obtenção de um objeto falso do desejo material. Sêga (2008) aponta a dimensão da exacerbação que se refere ao exagero expressado nas linguagens visual e verbal, cores afetadas e adjetivos dramáticos que expressam o fenômeno brega/cafona. Há também a sua dimensão espacial, que se refere ao preenchimento de espaço errado, pregadores de roupas, ou outros objetos usados em outros espaços e função. E a dimensão ressignificação, que se refere às transposições de um meio a outro, como as garrafas de vinho que são usadas como castiçal, pois o uso original a priori era para guardar um líquido.

Wajnman (2019) aponta a dimensão heterogeneização, que refere ao empilhamento dos fenômenos/objetos sem noção de classificação ou de seleção, muitas vezes, diversificados, mas empilhados. Wajnman (2019) aponta também a sedimentação, dimensão que se efere a um produto de um vagaroso desenvolvimento que visa o empilhamento em si do que um projeto que visa o significado/objetivo de um conjunto, ou seja, a lógica os acumuladores. Por sua vez, Harte e Newton (1997) destacam a dimensão do romantismo, uma prática tendenciosa de fundamentar as atitudes e as posturas baseadas nas emoções, nos sentimentos e nas afetividades em oposição à reflexão e à razão.

Isso significa que um fenômeno e/ou objeto se caracteriza kitsch quando ele apresenta, pelo menos, uma destas estruturas em combinação, na arte e/ou na ciência. A interdisciplinaridade na Ciência da Informação, muitas vezes, aparece na conexão do afrouxamento e da flexibilidade, pois tudo é passível de ser interdisciplinar; na pouca qualidade e na acrítica, pois se alguns teóricos argumentam que não se questiona a interdisciplinaridade, por consequência, não se promove profundidade; na ausência de originalidade, não se busca o tipo de interdisciplinaridade que delimita a Ciência da Informação.

Nos pontos transversais, a interdisciplinaridade é lugar de segurança; no sistema possessivo, a interdisciplinaridade é intocável; na afirmação de si próprio, conforto em sentir-se à vontade, a interdisciplinaridade é um elixir da felicidade; no estilo de vida, a interdisciplinaridade é fundamental. Quanto aos pontos estruturais, a interdisciplinaridade é atravessada pela exacerbação, uma necessidade constante de demarcá-la, especialmente, oralmente; caótica/heterogeneização e sedimentação se referem ao empilhamento dos métodos, das disciplinas, das técnicas e das teorias sem a reflexão, trata-se de empilhamento sem significado, que forma um conjunto, ou seja, a lógica dos acumuladores. E, no romantismo, a interdisciplinaridade é figurada na Ciência da Informação de forma tendenciosa e fundamenta as atitudes e as posturas nas emoções, nos sentimentos e nas afetividades em oposição à reflexão e à razão.

Esse movimento kitsch espoja promove uma interdisciplinaridade identitária, e inviabiliza a interdisciplinaridade epistêmica, a de profundidade em si, essa que reflete sobre a união de coisas, ou seja, a interdisciplinaridade efetivada e que se atualiza no campo das abstrações (Gomes, 2018). A interdisciplinaridade identitária é genuína para Ciência da Informação, tem importância, porém, não atende às abstrações teórico-epistêmicas.

O que delimita a ‘interdisciplinar indenitária’ e ‘epistêmica’ baseia-se no argumento de Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, apresentado em sua tese ‘A ciência da informação entre sombra e luz: domínio epistemológico e campo interdisciplinar’, quando ela menciona a complexidade da passagem da informação para o conhecimento. Ou seja, há uma sombra entre a ‘interdisciplinar indenitária’ e ‘interdisciplinar epistêmica’, como se fosse uma linha tênue da mesma natureza, quando se discute informação e conhecimento, demora hoje essas discussões estão avançadas e se quer faz sombra.

A interdisciplinar kitsch na Ciência da informação é figurada apenas como a ‘reunião’ de disciplinas científicas, ideia comumente abordada porque não há profundidade da interdisciplinar como fenômeno.

Vieira (2021) traz a luz a questão da “natureza interdisciplinar”, no trabalho ‘Mortimer Taube: discussões epistemológicas de um Cientista da Informação’, ao afirmar que:

> [...] a Ciência da Informação é **interdisciplinar não “por natureza”,** mas por “**necessidade**”. Característica posta pelo seu objeto de estudo, a informação, que é um fenômeno complexo, transpassado por dimensões éticas, políticas, sociais e históricas que exige uma compreensão a partir da perspectiva e colaboração entre diferentes saberes científicos. E além de contribuir com a resolução de problemas teórico-práticos provenientes de seu objeto de estudo, estas áreas acabam por influenciar a própria constituição epistemológica do campo da Ciência da Informação.

Embora Vieira (2021) suspenda essa ideia ligando a complexidade do objeto de estudo da Ciência da Informação, e ao construir tal teoria, põe em xeque que os objetos científicos de outras ciências são triviais. A inclinação epistêmica interdisciplinar se figurar uma condição sincrônica de uma ciência pós-moderna e/ou pós-positivista e não de ‘necessidade’, por isso Tefko Saracevic usou essa ideia de “natureza interdisciplinar”.

Porém, essa natureza deve e pode ser explicada, derivada ou dissecada, para que se possa dimensionar o tipo de interdisciplinaridade e visualizar os protocolos e as aplicações de forma mais eficiente e eficaz nas pesquisas na Ciência a Informação, para que sejam envolvidas de forma epistêmica, e não apenas como uma ideia flutuante e frouxa. Essa inclinação inclui outros fatores, uma vez que, segundo Melo (2017), o lugar da interdisciplinaridade vai além das intenções, propostas e identificações com o objeto de estudo, deve-se às condições científicas institucionais e também políticas.

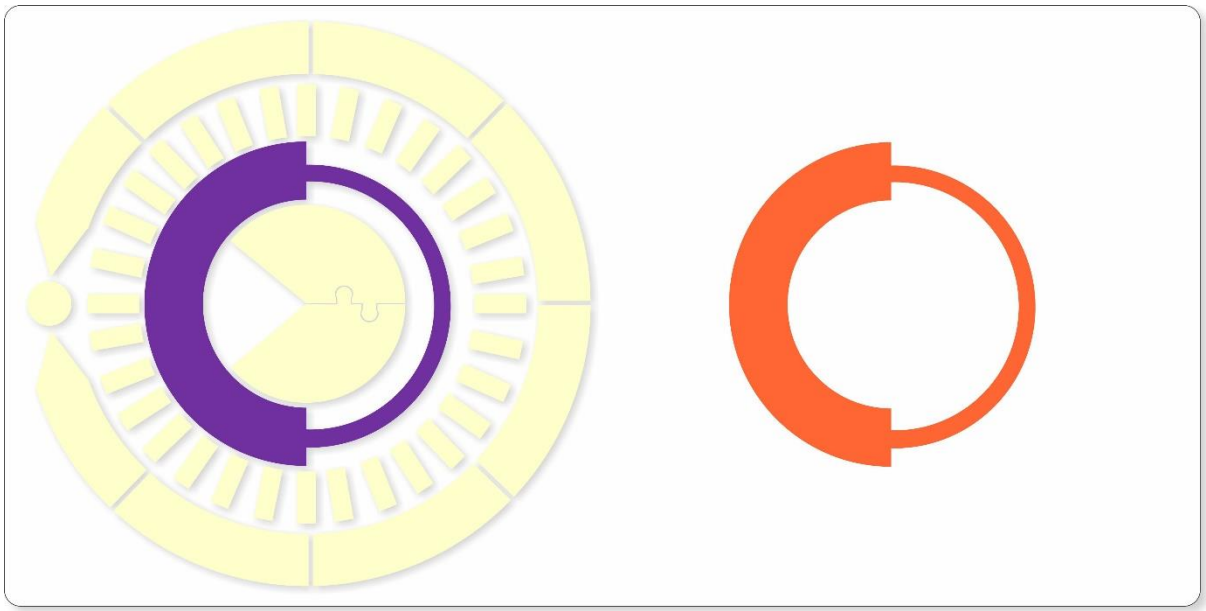
> Muitos cientistas discordam do conceito de interdisciplinaridade, principalmente, como ele é situado, normalmente, no rol das ciências. De acordo com Paviani (2008), nas instituições de ensino e de pesquisa, são realizadas muitas práticas identificadas como interdisciplinares, mas nem sempre essas práticas são efetivamente interdisciplinares. Em vista disso, estas vivências precisam ser descritas, analisadas e interpretadas, dado que estão dispersas e possuem níveis e graus diferentes, sendo que nestes últimos se encontram as diferenças entre a verdadeira da falsa interdisciplinaridade (Melo, 2017, p. 23).

Aceitar essa “natureza interdisciplinar” de olhos fechados e ouvidos abertos e repassá-la, sem pensar a forma indenitária se figura no mínimo uma postura positivista e/ou como uma inclinação pseud-epistêmico, uma vez que ela é comumente aceita, e ambos se referem ao ato de que, se alguém pensou e refletiu sobre a “natureza interdisciplinar” não se precisa gastar mais tempo e energia com tal tarefa. Talvez visualizar a interdisciplinaridade sob a ótica da Gestalt possa ser uma estratégia epistêmica pertinente para dissecar sua unidade em partes, sobretudo, para compreender o kitsch como impureza.

9.3 Obstáculo *delay*: para sempre jovem

O *Delay* significa atraso, ele representa a diferença de tempo e ação entre a emissão e o recebimento da informação. Assim, como demostra a Figura 24, no círculo que representa *Delay* há uma dimensão mais afinada que representa a parte do canal que promove o atraso. E tem o sujeito tácito como agente que promove esse movimento por suas fragilidades de comunicar, assim ele surge através da Historização e a transferência inquestionável de construto.

Figura 24 - Obstáculo *Delay*.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

O *Delay* como potencial obstáculo epistemológico na Ciência da Informação emerge pela juventude, uma caraterística indenitária. A juventude é uma categoria senso comum flutuante na Ciência da Informação, não é usada como termo para representar as dissertações e teses, e nunca foi derivada como meta-objeto de estudo, assim ela é uma representação simbólica e estética muito disseminada na oralidade, e em termos de visibilidade na escrita ela vem sendo disseminada nos tralhados, e parece estar em acessão.

Esse fato é preocupante, pois ela somente fragiliza a Ciência da Informação e configura como eterna adolescente em puberdade, diferente de uma ciência iluminada de sapiência. Bufrem e Nascimento, 2012 cita Capurro (2003) como responsável pela disseminação deste construto na comunicação **A Questão do Gênero na Literatura Em Ciência da Informação**

apresentado em Gramado em agosto de 2012, trabalho que se reconfigurou mais um artigo publicado no periódico em Questão, em dezembro de 2012.

> Segundo Capurro (2003), a CI, por ser uma **ciência jovem**, ainda busca sedimentar-se ante a comunidade científica e, para tanto, trabalha na construção e fortalecimento de seus objetos de estudo. Dentre esses objetos, destaca-se a pesquisa das relações entre as mais diferentes áreas do saber e entre os discursos delas provenientes.

Porém, a menção desta ideia não fica visível no discurso de Capurro no texto '**Epistemologia e Ciência da Informação'** de 2003, referência usada por Bufrem e Nascimento em mãos os textos de 2012, em que o alcance desta pesquisa cita o texto ***Information Science: What Is It?*** de H. Borko de 1968, como a referência base deste construto, no trecho:

> *The **field is too young**, and it is too soon to standardize on a single curriculum, for a variety of programs encourages exploration and growth. As students graduate, they will exert a unifying and maturing influence on the educational program*[22]. (Borko, 1968).

Em tese, esse fenômeno se define também por ser um retorno as primeiras experiências da Ciência da Informação, uma construção de quarenta e cinco anos, o que se procede, pois, em 1968 a Ciência da Informação era de fato jovem, ela não tinha condições de padronizar seu arcabouço teórico, logo muito menos sua fenômenotécnica, o que definitivamente não ocorre na atualidade, em que dependendo do estudo uma fenômenotécnica é pensada para obter melhores resultados científicos.

Esse retorno a juventude nos faz avaliar que tipo de regresso epistêmico a Ciência da Informação tem feito para situar as pesquisas atuais, pois se entende o retorno as bases quando se propõe investigar as construções nunca antes derivadas que nunca foram alargados e aprofundados, e não apenas mera *ipsis litteris*, e quando elas perturbam o fazer atual de forma efetiva e não justificativa.

No Obstáculo *Delay*: para sempre jovem os interesses, as intenções e comodidades obscuras, pois o construto juventude em derivação ou não é algo não que nem deveria ser mencionada, se deriva ser veria para que? E algo que a Ciência da Informação precisa literalmente romper, porém esse construto forma um conjunto de *Estrato-Essências* de 84 a 101, conforme o Apêndice C.

Há um trabalho que valoriza muito essa característica, de base a transferência inquestionável de constructos como força motriz. A dissertação intitulada '**A ciência da**

[22] O campo é muito jovem, e é muito cedo para padronizar em um único currículo, pois uma variedade de programas incentiva a exploração e crescimento. À medida que os alunos se formam, eles exercerão uma influência unificadora e amadurecida na educação do programa.

informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área', da autoria de Leonardo Vasconcelos Renault e defendida em 2007.

> A ciência da informação pode ser considerada uma **disciplina jovem**, um campo do conhecimento ainda em estruturação. Em princípio, podemos dizer que a premência pelo desenvolvimento de soluções técnicas impulsionou o crescimento da CI (ciência da informação). O contexto que envolve o seu surgimento, que é de pós-guerra (II Guerra Mundial) explica, em parte, esse desenvolvimento de ferramentas para se lidar com o conhecimento. Sobretudo, porque foi nesse ambiente que surgiu a tão propalada "explosão da informação". Em virtude da ênfase no desenvolvimento de técnicas, a discussão teórica ficou, inicialmente, relegada a segundo plano. Contudo, a retomada dessas questões se fez evidente e necessária, resultando no aumento de trabalhos que abordam o tema. A informação, segundo GONZÁLEZ DE GOMÉZ (2005), pode atuar como elemento de religação face à fragmentação do conhecimento, na medida em que fornece insumos para avaliação, controle e gestão da ciência. Apropriadamente, a proposta de discussão da ciência da informação, tendo como cerne o conhecimento produzido pelos seus pesquisadores, é um bom ponto de partida para se entender melhor essa "**jovem**" disciplina científica. Isso porque o seu objeto de pesquisa representa para outros sujeitos (pesquisadores de outras áreas do conhecimento) uma maneira de se entender melhor aquilo que fazem. É claro que esse instrumento (a informação) tem sido mais usado para se moldar, manter, gerir e controlar o andamento da ciência. p. 32. Talvez tenhamos aberto, ao contrário, a possibilidade de se fazer mais perguntas sobre essa **jovem**, **instigante** e **sedutora** ciência da informação. Cabe, por fim, o questionamento final sobre a possibilidade de desenvolvimento dessas perspectivas apresentadas no trabalho. Desafio esse, que apresentamos aos sujeitos construtores do conhecimento da área de ciência da informação. Pois, perguntaria um "**jovem**" principiante artífice do conhecimento, estaríamos realmente sendo compreendidos? (Renault, 2007. p. 3 -137).

O autor romanceia essa característica agregando ainda a ela os adjetivos **instigante** e **sedutora**. A referida dissertação inicia se argumentos visualizando a juventude e finaliza com ela, o que infere que o pesquisador configura a juventude como uma imagem simbólica e estética da ciência da informação, e fica aquém da imagem epistemológico, pois não há derivação do verbete, o que faltou a vigilância do sujeito informacional nesta construção.

A partir dos estrato-essências que abordam a 'juventude' como micro-categoria de analises do Obstáculo *Delay* como marco-categoria de análises, eles reforçam que sua historiografia é confusa, que essa ciência ainda apresenta questões fundamentais a serem resolvidas, como, por exemplo, sua autonomia e consolidação que parecem processos de longo prazo, como também demarca sua incapacidade. E como tal se produz uma sombra, a endogenia, como argumenta Custódio (2018) ao comparar a Ciência da Informação com outro campo.

> A **endogenia** presente [...] pode ser reflexo da condição da CI enquanto campo científico **em desenvolvimento**. Como não uma **"tradição clássica"** de pensadores, como no caso das Ciências Sociais, por exemplo, as pesquisas em Ciência da Informação apresentam como característica o auto referência da produção cientifica local, de grupos de pesquisas locais, principalmente, de orientadores e orientados do programa como produção relevante.

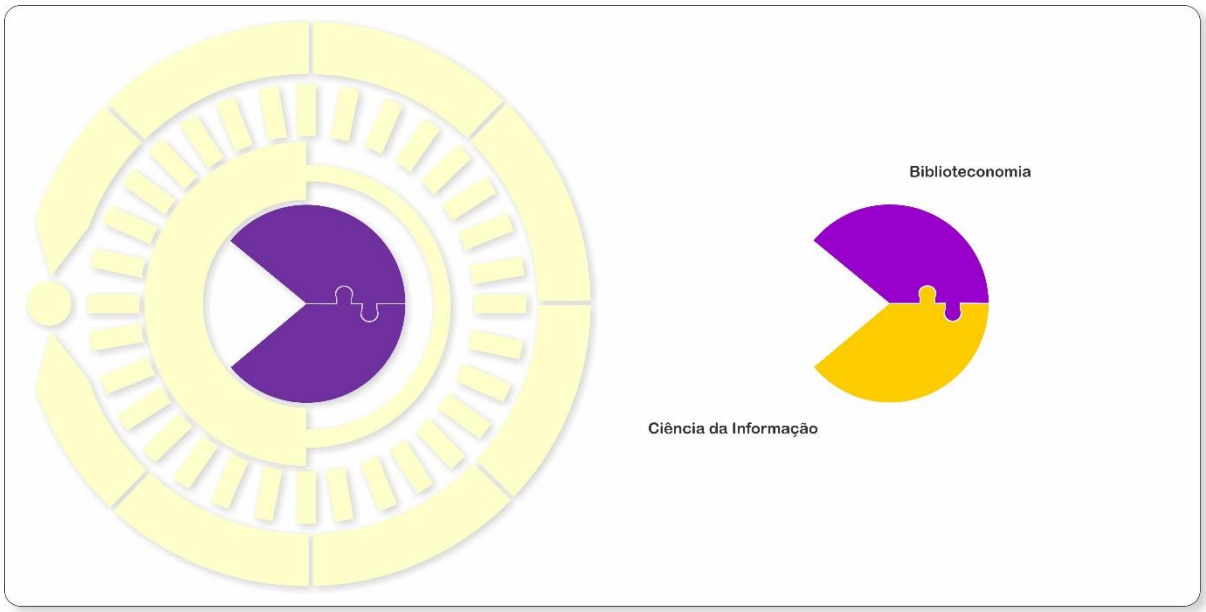
O movimento de comparação é a fenomenotécnica base no Obstáculo *Delay*, assim nota-se que na Ciência da informação o que não ocorre no tempo e espaço cronológico baseado nos parâmetros das ‘ciências clássicas’, assim se demarca uma incapacidade. A Ciência da Informação surgiu no momento dela, quando as condições emergiram, e se interseccionaram no tempo e espaço lógicos que formaram sua unidade. Para Araújo (2002) a lei do discurso científico determina uma experiência instrumental, assim uma fenomenotécnica, uma vez que a idade de uma determina ciência é a idade da sua instrumentalização técnica, assim, pode se dizer que isso não aplica mais a Ciência da informação, pois ela tem uma fenômenotécnica padronizada e coerente, sobretudo, com sua essencialidade pós-moderna.

Assim, o obstáculo epistemológico *Delay* natural do campo fragiliza a Ciência da informação é um depoimento contra os próprios cientistas da informação, o campo e especialmente, seus respectivos avanços histórico-epistêmico, técnico-epistêmico e teórico-epistêmico.

9.4 Obstáculo bumerangue: Biblioteconomia e Ciência da Informação

O Bumerangue tem a forma de ângulo obtuso, ele é o exemplo mais ilustrativo para representar o ‘momento’, uma das grandezas da mecânica/física, pois o ‘momento’ é a representação da força aplicada a um sistema rotacional a uma determinada distância de um eixo de rotação. O Bumerangue faz dois movimentos, o de rotação e o de translação, pois como objeto faz o movimento em torno de seu próprio eixo que se figura a rotação, e o segundo que é translação e movimento de sua trajetória completa saindo de sua origem e retorna a mesma, ou seja, a translação se refere à abordagem histórico-epistêmico.

Figura 25 - Obstáculo bumerangue.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Assim, o Bumerangue, conforme Figura 25, refere-se à relação mais íntima entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação, de modo que configura essas áreas como duas dimensões com uma mesma coluna, ou seja, um mesmo ponto eixo, e nesta relação, às vezes, fica difícil de visualizá-la em termos teórico-epistemológicos. Isso ocorre no movimento produzido pelo pseudo retorno e a comparação como tecnofenômenos que entrelaçam a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Assim, o objeto Bumerangue como vetor no espaço, tem movimento circular no eixo comum, que produz uma percepção de desconstrução de limites e/ou de fronteiras entre elas, e ainda retorna ao ponto histórico-epistemológico que, ao mesmo tempo, reflete no obstáculo *Looping*.

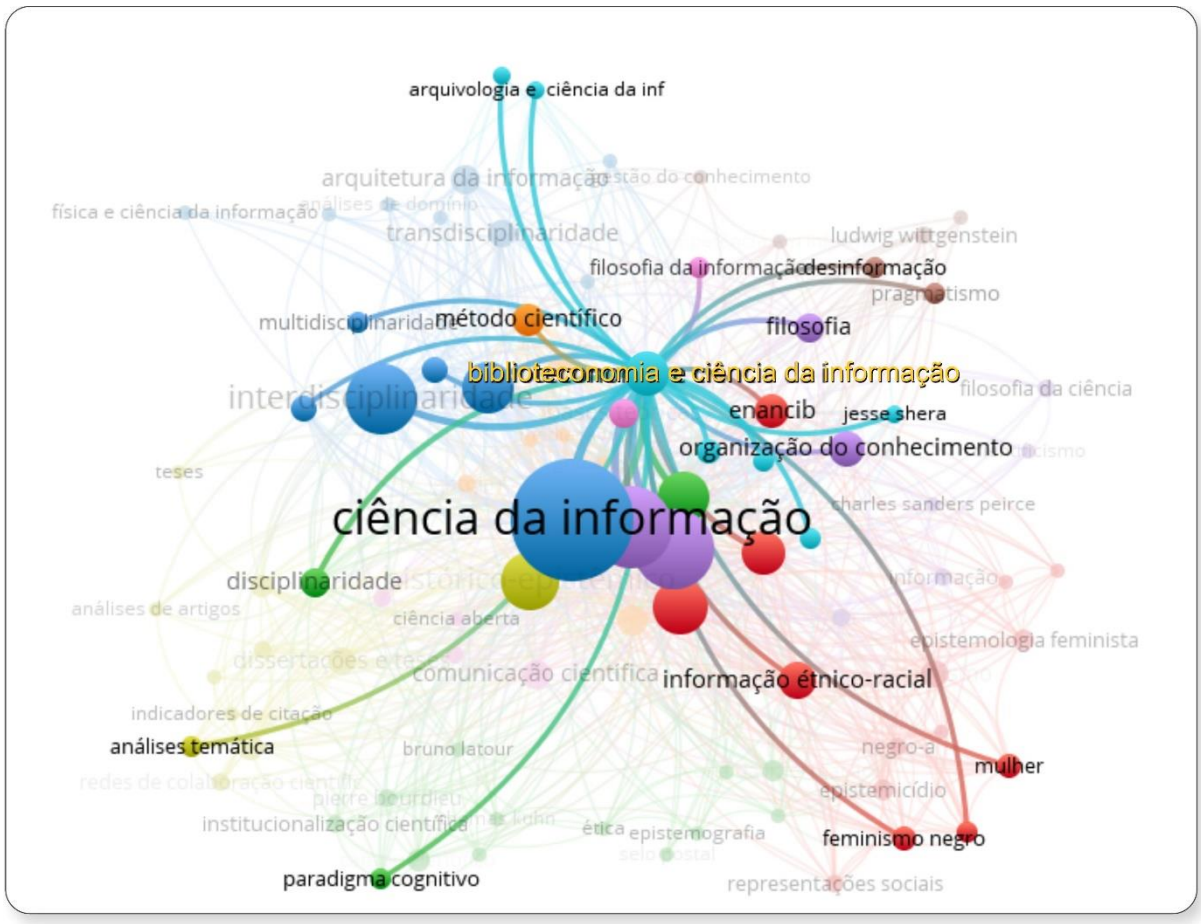
A Arquivologia e a Museologia também têm relação muito forte com a Ciência da Informação. Mas a diferença é simples, um bibliotecário pode até ser um cientista da informação, mas nem sempre um cientista da informação é um bibliotecário, pois o foco da Biblioteconomia é a Biblioteca e o foco da Ciência da informação é a informação e tudo que está em torno dela que permite dissecá-la. Assim, Ciência da Informação é uma área onde transita muito mais do que bibliotecários, pois a informação é de interesses de outras categorias. Essa premissa é compreendida por Silva (2009) que se apoia em Robredo (2003, p. 148) sobre ampla e variedade de estudiosos, pesquisadores e especialistas que lidam com a informação, assim a Ciência da Informação:

> [...] não pode restringir seu escopo e abrangência ao campo exclusivo da biblioteconomia e ciência da informação, mesmo que com ele se identifique sua

> origem histórica.” Ele aponta que todas aquelas áreas que integram a Ciência da Informação e que até pouco tempo eram tratadas “como ilhas independentes e praticamente incomunicáveis, vêm se beneficiando de um arcabouço teórico cada vez mais forte que favorece a mútua fertilização conceitual (Robredo, 2003, p. 148).

A aproximação entre as duas áreas ocorre através dos fenômenos que giram em torno da Biblioteca e da informação, como por exemplo a ‘representação do conhecimento’, ‘cultura digital’ ou até mesmo as ‘relações políticas’que fortalecem essa relação, e que aparece com um construto visível no Grafo 3.

Grafo 3 - Micro rede azul claro - Biblioteconomia e Ciência da Informação.



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Barbosa (2019, p. 104) resgata o pensamento de Mostafa (2012) que apresenta entrelaçar o pensamento de Gilles Deleuze e Félix Guatarri quanto à relação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação.

> [...] teriam muito a ganhar ao se aproximarem da filosofia da diferença proposta por esses autores - possibilidade de novos mapas, novos percursos e novos encaminhamentos. Os autores, inspirados em Spinoza e Nietzsche, valorizam o **corpo** e o **encontro de corpos**; esses encontros acontecem no mundo em que vivemos, nesse sentido, quebra-se a visão platônica de mundo ideal e verdadeiro. Para a autora,

> trazendo o conceito de corpo e geofilosofia [...] para a CI, seria possível pensar a "informação" e o "documento" como corpos em movimento. Essa visão poderia contribuir, conforme ressaltado por Mostafa (2012), para que uma nova ética da informação não seja focada nos sujeitos ou na própria informação e suas agências institucionais, mas nos **encontros**, nos **movimentos** e nos **afetos** (Barbosa, 2019, p. 104).

O foco da Biblioteconomia é a biblioteca, seja ela, tradicional, digital, virtual e/ou híbrida. Independentemente de sua natureza, espaço físico ou temporal, ela continua sendo um organismo (5) em constante transformação, e que essas transformações se referem também da forma átomos/física para forma *bits*, ou seja, o digital e o virtual. Ela ainda é um espaço que constitui esse organismo há os itens constituídos por átomos e *bits* que estão catalogados (Representação Descritiva) e indexados (Representação Temática/Classificação) ao qual esse (1) material é para uso (2) pois é destinado a um usuário específico e/ou quando este mesmo material pode estar na busca deste usuário (Ranganathan, 2009). Esses conteúdos informacionais podem ser acessados de (4) de forma mais ou menos rápida de forma presencial e remota com auxílio do bibliotecário.

A Biblioteconômica antecede a sua própria definição com o termo 'Biblioteconômica', como também antecede os cientistas da informação, a própria Ciência da Informação, a impressa e a cultura digital. Segundo Romeiro (2019), era os monges copistas os responsáveis por promovê-la através das práticas do armazenamento, acondicionamento, preservação e conservação dos livros, assim, em segunda instância da informação, e esse fato por si so, é um ponto epistêmico na rede da abordagem histórica-epistêmica. Pode-se visualizar a Biblioteconomia através de três prismas, a guarda, o acesso e o fazer, em que essas três essências podem ser inseridas dentro de uma proposta de investigação epistêmica para o próprio campo. Nesta lógica, a guarda, o acesso e o fazer se destacam nas perspectivas da Biblioteconomia pré-científica, que vai da Antiguidade ao final da Idade Média; o segundo momento, da Biblioteconomia proto-científica que vai da Idade Moderna ao século XVIII; e o terceiro momento, inaugurado na Idade Contemporânea, no século XIX, nomeado de Biblioteconomia científica (Tanus, 2018).

Na Biblioteconomia pré-científica, a 'guarda', esse era o valor cultural mais demarcado, culturalmente aceito da Antiguidade ao final da Idade Média, pois:

> A expansão do Renascimento e da cultura laica despertou também a importância dos livros, aumentando as atividades de **colecionadores**, bibliófilos, e, consequentemente, um crescimento das bibliotecas particulares. Para a organização dos livros foram acentuadas certas atividades como produção de bibliografias, de catálogos e das classificações impressas. Nesse momento, destacam-se as ações de "bibliotecários" e filósofos a favor de bibliotecas abertas para todos e com coleções organizadas. Assim, **as bibliotecas deixaram, paulatinamente, de serem vistas como meros depósitos**

> **dos registros**, dando espaço a imagem da biblioteca como uma instituição capaz de disponibilizar os registros do conhecimento para os leitores, aliada a essa mudança está o aumento da complexidade do pensamento, da produção de obras específicas, que marca a configuração de uma Biblioteconomia protocientífica [...] (Tanus, 2018, p. 257).

O segundo momento, da Biblioteconomia proto-científica que vai da Idade Moderna ao século XVIII a Biblioteconomia pré-científico, o 'acesso' tem contornos mais definidos, pois:

> Como efeito, é devido às transformações e consequências geradas pelas revoluções burguesas e industriais, que as **bibliotecas tornam-se espaços públicos** e **abertos** para a sociedade, para o povo, conduzindo a uma mudança na função social da biblioteca bem distinta de outros tempos, convocando a uma discussão cada vez mais intensa sobre a função das bibliotecas. No ramo científico a Biblioteconomia, por sua vez, parece seguir os caminhos das ciências exatas e naturais, com seus métodos e rigores científicos, tendo como forte influência o pensamento positivista (Araújo, 2017). Inspirada naquelas ciências, o positivismo, primeira corrente de pensamento das Ciências Sociais e Humanas, iniciada no século XIX, por Augusto Comte, defendia também o rigor do método, da observação, da acumulação dos fatos, de uma realidade pronta e objetiva, afastando-se assim da teologia, da metafísica e de aspectos subjetivos (Tanus, 2018, p. 257).

E o terceiro momento, inaugurado na Idade Contemporânea, no século XIX, nomeado de Biblioteconomia científica (Tanus, 2018), a fenômenotécnica bibliotecária está em evidenciam, ou seja, e preciso suspender o fazer, pois ao:

> [...] longo percurso de séculos de história possibilita afirmar que **as bibliotecas acompanham as mudanças de seu tempo e os diferentes contextos em que se inserem**: **social, político, econômico, cultural e científico**. [...] Nessa direção, busca-se trazer mais acontecimentos relacionados com essa história, bem como demonstrar outras produções que fazem parte da construção de uma prática desenvolvida ao longo dos séculos, e que contribuem para a consolidação posteriormente da Biblioteconomia como campo científico, especificamente, no século XIX [...] (Tanus, 2018, p. 258).

Isso significa afirmar que a Biblioteconomia é fruto do meio e do tempo, independentemente de sua ligação com a Ciência da Informação e/ou outra área, é nesse fluxo da interseção é possível pôr em prática os estudos epistemológicos, sendo preciso apenas empenho para romper com herança positivista dos bibliotecários para compreender profundamente as estruturas, os meandros, os nãos ditos e silêncios da fenômenotécnica bibliotecária tanto pré-científica, quanto proto-científica, mas científica.

> A Biblioteconomia, como é possível ver, é uma ciência da empiria, uma ciência que ainda não vai além da consolidação e registro das experiências positivas no uso, organização e sistematização de instrumentos de controle para identificação, localização e recuperação de documentos, ou seja, é, ainda, uma quase ciência que pouco extrapola o bom senso codificado (Souza, 1996, s/p).

O fazer baseado nas experiências positivistas da Biblioteconomia, ou seja, da fenômenotécnica tradicional é sempre tencionada por bibliotecários progressistas, especialmente quando se pretende se inclinar por uma perspectiva interdisciplinar e seus tipos e protocolos. Para Matos (2007) a Biblioteconomia com ideal de abrangência teórica e interdisciplinar não está preparada para tratar com a necessária especificidade de alguns itens, por exemplo como das partituras, um tipo de documento. Mas, esse fato pode ser alargado para qualquer objeto e inclui o livro, pois experiências positivistas ainda imperam, e essa interdisciplinaridade da Biblioteconomia ainda é mais frágil do que no campo da Ciência da Informação, onde a Biblioteconomia põe em prática seu projeto interdisciplinar –, uma espécie e interdisciplinaridade política com espectro escalar, ou vice-versa? Discutido mais à frente.

A tensão do fazer como dimensão em evidência é *lócus* de investigação epistêmica revela nas entre linha um projeto de estagnação epistêmica da própria área, plantado com sucesso. Isso ocorre por que os bibliotecários progressistas promovem pressão na compreensão de uma Biblioteconomia de aplicação física, mas sobretudo de metafisica, visualizando assim a pluralidade que contempla a derivação da dimensão histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica.

Para Macedo (2005), a noção da unidade do conhecimento que era defendida pela ciência moderna que defende aos valores de universalidade e certeza, tem sido repensada, e a pluralidade emerge como fundamental, especialmente se visualiza um mundo complexo. Porém, esse projeto de estagnação epistêmica fica visível pois está aquém desta possiblidade, e ainda que apareça apenas por indícios, ele incomoda os bibliotecários tradicionais.

Essa pluralidade como vetor de descortiçamento da estagnação epistêmica se efetiva dependendo do interesse e sensibilidade do bibliotecário sobre a mudança da função social, cultural e informacional da biblioteca, assim, por consequência da Biblioteconomia, pois é de fora para dentro. Essa pressão apresenta uma Biblioteconomia de diversas configurações, entre ela a perspectiva ‘Arte’, segundo Foskett (1980), uma velha arte ou decrepita? Pode até ser velha, mas decrepita se constituir também a partir das práticas apenas analógicas.

Essa Biblioteconomia velha arte, mas atualizada volta-se na inclinação técnico-epistêmica, em que a premissa “a arte de organizar” impera, em que as técnicas e ações criativas transformam o espaço biblioteca em um lugar visível, muito mais accessível e acolhedor para sociedade, em que os estudos do *marketing* bibliotecário é o reforço teórico desta dimensão. Segundo Mattos (2020) utilizar os pressupostos teóricos e técnicos do *Marketing* melhora a

imagem da Biblioteca, além de agregar qualidade nos serviços oferecidos da intuição e valoriza a imagem do Bibliotecário.

Os bibliotecários progressistas não negam a Biblioteconomia como área técnica, essa essencialmente de inclinação técnico-epistêmica, em que as técnicas e o 'tecnicismo' referem-se à necessidade de otimização quando qualquer aspecto social e de cultura seja impensável. Os bibliotecários progressistas também compreendem a Biblioteconomia como 'Campo científico', localizada na dimensão teórico-epistêmica, pois ela conglomera as reflexões, suspenções, reconfigurações e os rompimentos de qualquer entrave que impede o avanço da área. E, especialmente, os bibliotecários progressistas propõem a Biblioteconomia como campo político empático-ético, essa que é fruto da interseção histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica, é voltada para o povo, os sujeitos carentes de informação, como argumenta Moraes (2019).

Esses são os gozos dos bibliotecários progressistas, que contrariando os bibliotecários tradicionalistas tomados pela paixão e nunca gozos, eles são tencionados por gozos esporádicos, os orgasmos reprimidos a espera de uma *performance* fenômenotécnica bibliotecária positivista. Em tese, há recusa a qualquer evolução da Biblioteconomia alimentado por lógica dogma da Biblioteconomia tem características do pensamento *Amish*, uma comunidade religiosa cristã anabatista localizada nos Estados Unidos e Canadá, que desvalorização a inovação, o empreendedorismo e progresso, especialmente tecnológico. Mas, os esforços dos bibliotecários não progressistas têm um valor epistêmico para a área de manter a essência da biblioteconomia de forma rígida, e esse valor epistêmico é muito bem conduzido por ele, com maestria, e isso significa dizer a força e colisão é frutífera produz um excedente, pois a postura de manter uma identidade rígida provoca incômodos e isso gera movimentos.

Intercalar e intersecionar a episteme das dimensões histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica potencializa essencialidade da Biblioteconomia, versa na reavaliação epistêmica na Biblioteconomia quanto as dimensões espaças, tempo, forma, clareza, mudança e equilíbrio/harmonia, enquanto forças que atravessam e ao mesmo tempo são atravessadas pela Biblioteconomia, e isso pode ser visto também nas 5 leis da Biblioteconomia, inventadas por Ranganathan, como exemplo. Ranganathan fez isso no período pré-Segunda Guerra Mundial, quando ele visualizou essa instituição biblioteca tradicional como contexto social, e o usurário da informação real e potencial, o sujeito natural dela que age para realizar o desejo informacional. Essas é a imagem estética que os bibliotecários fazem do conhecimento produzido pelo esse intelectual.

Nessa época a informação chegava em nossas casas, sobretudo, em nossas mãos por meio de átomos, através de cartas, jornais, revistas, e, sobretudo, por livros, como bem destaca Negroponte (1995), que se refere a natureza do átomo enquanto massa, propriedade física dos corpos e partículas sujeito à forma, peso e medida. As leis da Biblioteconomia transcendem o modelo físico de agrupamento de átomos, se estendendo a qualquer unidade de informação, pois essas têm além da lógica da existencialidade, se fundamentam na lógico do universo que é fluido, que se expande e se transformação e se imbricam, todos em um movimento espiral. Essas leis são conhecimentos postos, e segundo Campos (2021), Ranganathan consegui apontá-las por que usou "Método Científico em Espiral' que visualiza [...] o conhecimento como uma espiral em eterno desenvolvimento, onde uma dada ação interfere na ação subsequente e assim sucessivamente. Assim, cada lei desencadeará a próxima lei fazendo com que ocorra um processo cíclico e dinâmico.

Contudo, apesar de postas elas não são estanques, continuam atuais como o universo e envolvem a informação na dimensão de *bits*, fenômeno que é muito mais de que um sinal eletrônico, e no espaço-temporal atual é uma interseção da dimensão tecnológica, cultural, social, individual e também política.

Nesse sentido, pode-se afirmar que as 5 leis da Biblioteconomia têm alcances dos limites e das interseções entre o dado, a informação e conhecimento no fluxo de sete grandezas: o 'tempo', 'espaço', 'forma', 'clareza', 'mudança' e 'equilíbrio/harmonia.' As grandezas 'tempo', 'espaço' e 'forma' se referem ao contexto externo do usuário de informação, enquanto as grandezas 'clareza', 'mudança' e 'equilíbrio/harmonia' refere ao interno.

A grandeza 'tempo' se refere ao passado, presente e futuro, o curso dos acontecimentos sem interrupções, em que a conexão entre essas três instâncias ocorre pelo processo de acesso de algo que fora guardado e recuperado no fluxo dos acontecimentos.

A grandeza 'espaço' se refere a dimensão física de lugar/localização geografia e/ou digital que contém limites e não limites em que corpos existem. Por sua vez a grandeza 'forma' é uma configuração estética/ física, mas também pode ser metafisica, pois ela diz acera da estruturação de partes, formato, feito e sentido, assim ela pode ser a configuração das coisas percebidas pelos olhos humanos, em átomos e muito além deles.

Assim, a forma, as partes e o todo, o que vai além átomos abarcando o pensamento, assim me refiro à forma intangível como uma representação mental. Já grandeza 'clareza' diz acerca dos *insights*, do entendimento de um fenômeno após o progresso de acesso da informação, sua assimilação e acomodação, assim há uma formação de conhecimento na estrutura cognitiva permitindo que os sujeitos fechem seus estados anômalos do conhecimento.

Quanto à grandeza ‘mudança’, ela se refere a ação que ocorre depois da assimilação e acomodação, através do pertencimento informacional, que implica na grandeza ‘equilíbrio e harmonia’, e que não são eternos, mas apenas transitórios.

No obstáculo ‘Bumerangue: Biblioteconomia e a Ciência da Informação’ os interesses e as intenções que são políticas, predominam. O conjunto de *Estrato-Essências* 102 a 126, conforme o ‘APÊNDICE E’ demostra essa força política, principalmente nos estratos 103, 109, 118 e 124.

> Há certo consenso entre os pesquisadores e profissionais da **Ciência da Informação e da Biblioteconomia** em buscar soluções para alguns problemas comuns às duas áreas. Conforme Oliveira (2005), a **Biblioteconomia e a Ciência da Informação** trabalham juntas na busca de solução para o mesmo problema que orienta a CI, ou seja, organizar e disponibilizar para **uso informações** pertinentes às necessidades dos usuários (Oliveira, 2011, p. 73).

Oliveira (2011) em seu discurso agrega apenas os pesquisadores e profissionais da Ciência da Informação e da Biblioteconomia em buscar soluções, pois ambas trabalham juntas, o autor denota sempre a exclusão de outras áreas, assim avigorando a força política.

> Para os autores, o conteúdo tem uma materialidade capaz substanciar o ambiente de informação digital, o facetamento proposto evidencia a necessidade de representar de forma adequada os conteúdos informacionais para que a recuperação aconteça em função das necessidades de informação dos usuários. Analisando as facetas propostas por Morville e Rosenfeld (2006) percebemos um diálogo dos autores com elementos da representação descritiva e temática, estudadas na **Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Os núcleos conceituais propriedade, formato, estrutura, metadados, volume e dinamismo servem para descrever os conteúdos de forma significativa e facilitar a recuperação dos recursos disponíveis nos ambientes de informação digital. (Oliveira, 2014, p.104).

Oliveira (2014) dá ênfase aos diálogos dos autores nos estudos Biblioteconomia e Ciência da Informação, assim a autora delimita o direto dos discursos.

> No que concerne a esta relação da **ciência da informação** com outras áreas, a partir de propostas de junção de nomes, temos que a denominação de **Biblioteconomia** e **Ciência da Informação (B & CI)** não é a única. Encontra-se também outras junções como a Ciência da Informação e Comunicação, o que chega a ser defendido como uma grande área, podendo ser chamada de ‘Ciências da Informação e da Comunicação’. Esta defesa pode ser observada no trabalho de Paiva (2002), quando o mesmo coloca que [...] (Santos, 2006, p. 49).

> A indexação desses periódicos em uma área faria com que a Língua e Linguística estivesse entre as 10 áreas que mais indexam periódicos junto à CI, portanto evidencia equívocos na classificação dos periódicos, por exemplo, os títulos Journal of Scholarly Publishing, Journal of the American Society for Information Science and Technology e Information and Management, segundo Jacsó (2013) são revistas nucleares da CI, portanto deveriam estar indexadas **na área Biblioteconomia e Ciência da Informação**, mas não estão indexadas na área **BCI** como mostram as figuras 8, 9 e 10, a seguir (Stubert, 2016, p. 119).

Já Santos (2006) e Stubert (2016) produzem e disseminam a forma mais simbólica da força política das duas áreas, o uso das siglas ‘BCI’ e/ou ‘B & CI’. Assim, a relação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação é politicamente aumenta, e algumas vezes parece de dependência, especialmente quando o discurso é proferido por bibliotecários, é uma relação é tão confortável.

A filosofia da diferença pode se debruça sobre a singularidades e a particularidades das áreas inferindo que há diferenças, mas, se é preciso fazer essa ligação Biblioteconomia e a Ciência da Informação, ela dever ser para além da ideia simplista do conceito de Interdisciplinaridade de Japiassú (1976, p. 81), ‘duas ou a mais disciplinas integradas’, é preciso derivar esse pilar do conceito, pois é apenas um dos pontos de direção, pois o processo interativo é de:

> [...] pé de igualdade. Não há supremacia de uma sobre as demais**. As trocas são recíprocas. O enriquecimento é mútuo.** São colocados em comum não somente os axiomas e os conceitos fundamentais, mas os próprios métodos. **Entre elas há uma espécie de fecundação recíproca.** Fecundação esta que dá origem a uma nova disciplina: bioquímica, geopolítica, psicossociologia, biofísica etc. Trata-se de um tipo de interdisciplinaridade que não se efetua por simples adição nem tão pouco por mistura. O que há é uma combinação das disciplinas correspondendo ao estudo de novos campos de problemas (Japiassú, 1976, p. 81).

Assim, muito mais que a ideia e duas disciplinas juntas, mais importante é o enriquecimento mútuo, a fecundação e as trocas recíprocas, assim como todas as áreas eu buscam na Ciência da Informação resolver seus problemas infracionais, a biblioteconomia faz o mesmo, e o que ela deixa para Ciência da Informação contribuição? Essa relação, que também parece de subserviência, produz na prática pseud-interdisciplinaridades, pois a ligação está aquém dos protocolos epistêmicos e das dimensões, ou seja, do rigor quanto ao lugar da interdisciplinaridade e sua condição esvaziada, flutuante e indireta. Nisenbaum (2017) reconhece uma interdisciplinaridade frágil no campo da Ciência da Informação, a existência de interdisciplinaridade indireta nesta relação entre Física e Ciência da Informação.

Mas, se há indícios de interdisciplinaridade é sempre necessária é possível demarcar qual tipo interdisciplinaridade protocolar epistêmica, pois indicar uma espécie de interdisciplinaridade indireta, ou seja, uma pseud-interdisciplinaridade não contribui muito para o campo científico, essa construção emerge como névoa. Os resultados da pesquisa de Nisenbaum (2017) se torna importante pois emerge como fato que revela a falta de conhecimento acerca das dimensões de interdisciplinaridades e direcionamento protocolares e dimensional.

Teixeira (2004) faz um direcionamento protocolar que podem fortalecer as análises e as construções epistemológicas acerca da interdisciplinaridade que pode também subsidiar a relação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação, como também outros fenômenos que se aponta para a inclinação interdisciplinar.

O conjunto protocolar deve ser orientado pelo sujeito informacional, pois ele é composto pontos que exigem reflexões mediante ações do pesquisador, e inclui a 'gerenciamento', a 'comunicação e linguagem', a 'certificação' a 'inclinação Epistemica', como também o protocolo 'diversidade e inomogeneidade'. Compreender o direcionamento de Teixeira (2004) torna-se imperativo para os cientistas da informação entender os pressupostos que configura as nuances da interdisciplinaridade, inclusive compreendê-la como um fenômeno que se encontra em constantes transformações, característica apontada por Saracevic (1992).

Para Teixeira (2004) ao considerar a gestão dos projetos, pesquisas e discursos interdisciplinares, a organização e coordenação são facetas do gerenciamento, é fundamental, pois:

> Em termos do funcionamento da organização da pesquisa e de sua gestão, diversos estudos constatam a centralidade do papel da coordenação na aventura interdisciplinar. Entre outros, poderiam ser resgatados os seguintes aspectos da função de coordenação: a centralização e finalização da redação do projeto coletivo; o acompanhamento permanente da metodologia interdisciplinar; a formação dos pesquisadores para o trabalho coletivo, a intersecção nos conflitos e a explicitação das controvérsias entre as disciplinas; a animação e a síntese dos trabalhos (Teixeira, 2004, p .61).

A autoridade é fundamental, pois o coordenador é o mentor de elaborar uma fenômenotécnica alinhada as preocupações, os interesses, o *status* hierárquicos dos pesquisadores envolvidos; o tamanho da equipe; os fluxos informacionais entre pesquisadores; abertura de espírito; curiosidade intelectual, voluntarismo, indisciplina (vontade de transgredir fronteiras), e o tempo para o desenvolvimento e sínteses e balanços do caminho percorrido. (Teixeira, 2004). Percebe-se neste protocolo a condição humana, o gerenciamento das questões de cognição, social e cultural-cientifica dos cientistas, a suspenção dos sujeitos epistêmicos deve ser considerada no fazer interdisciplinar como ponto de partida da psique.

Descortinar a vida psique dos cientistas da informação quanto à relação Biblioteconomia e a Ciência da Informação se promove também através da 'comunicação e linguagem' que devem também ser descortinada. Nesse protocolo observar os desafios da comunicação entre pesquisadores de disciplinas diferentes, mas principalmente entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação, pois há comodidades nesta relação, e isso refletes sobre as terminologias e os conceitos científicos que comumente utilizadas pela Biblioteconomia e a Ciência da

Informação, as unidades epistêmicas básicas do campo científico, as representações mais básicas do entrecorte da sensação, percepção e simbolização, assim carregados de conhecimento ao mesmo tempo de polissemia.

> A dificuldade de comunicação em função da questão dos conceitos é portanto um problema crucial das pesquisas interdisciplinares. Esta questão tem sido enfrentada de duas maneiras centrais: pelo "empréstimo de termos" que são próprios a uma disciplina por uma outra; e pelo "emprego comum" de um mesmo termo por várias disciplinas. Tanto num como noutro caso, a utilização comum não quer indubitavelmente dizer que a interpretação, a definição e os procedimentos metodológicos inerentes aos conceitos sejam também comuns (Teixeira, 2004, p. 61-62).

Neste protocolo deve-se entender que o uso das terminologias e os conceitos utilizadas pela Biblioteconomia e a Ciência da Informação não são suficientes para a promoção de conexão interdisciplinar.

Quanto à 'inclinação Epistêmica', essa dimensão parte da reflexão sobre a interdisciplinaridade em todos os aspectos dos projetos, pesquisas e discursos interdisciplinares, como os acertos, erros, ajustes, confrontos, etc. É justamente neste fluxo que se avalia os limites, os alcances, as problemáticas e os desafios dos métodos, das técnicas e das tecnologias epistêmicas que as disciplinas aparelham para abordar os objetos científicos (Teixeira, 2004), o elemento básico à pergunta da pesquisa pois:

> A problemática comum é progressiva e deve ser entendida como o fio condutor da interdisciplinaridade. Isto é, a problemática comum deve ser percebida como um conjunto articulado de questões formuladas pelas diferentes disciplinas envolvendo um tema e um objeto comum (Teixeira, 2004, p. 64).

Ao se tratar de ciência à 'certificação' é um mecanismo epistêmicos básico, um fator que distingue o conhecimento científico e conhecimento senso comum, especialmente, por pesquisadores especialistas em interdisciplinaridade, agentes que acompanham e compreendem as transformações da interdisciplinaridade. A avaliação entre os pares através da crítica assume um papel fundamental quanto também dos critérios, em um primeiro momento, pois a:

> A avaliação científica faz, intrinsecamente, parte da metodologia e da prática científica. A avaliação assegura, ainda que seja discutível, a qualidade do trabalho de pesquisa: dos pesquisadores, da equipe, da organização, e de todas as outras instâncias que envolvem o mundo da pesquisa. Nesse sentido, a avaliação científica assume um caráter de prova e relembra o "tribunal de pares", onde os "caros colegas" são os juízes do processo [...]. Mas a avaliação científica pode também representar um momento positivo do processo de pesquisa. Isto é, um momento de reflexão sobre a evolução de uma discussão, de uma questão, de um método. A questão da avaliação científica é um problema incontornável e deve, por isso, ser enfrentado pela pesquisa interdisciplinar (Teixeira, 2004, p. 65).

Em outras palavras, é preciso construir um inventário dos preceitos internos como ponto de partida no campo interdisciplinar, muito mais do eu dizer que há interdisciplinaridade entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação é pertinente certificá-la. Deve-se adotar um estado da arte das normas para que cada cientista não tenha um parâmetro distante e/ou equivocado de interdisciplinaridade (Teixeira, 2004).

Quanto à diversidade e à inomogeneidade são dimensões que emergem nesta pesquisa pelo discurso de Carlos (2007), baseado nos argumentos acerca das diversas formas de interdisciplinaridade como demostra o Quadro 17, e que curiosamente fica aquém das pesquisas sobre a interdisciplinaridade, especialmente, na Ciência da Informação.

Quadro 17 - Diversidade e inomogeneidade da interdisciplinaridade

Formas de interdisciplinaridade	Características
Interdisciplinaridade heterogênea (Heckhausen, Scurati)	Caráter enciclopédico
Pseudo-interdisciplinaridade (Heckhausen, Scurati)	Uso de instrumentos neutros (teorias, métodos) aplicáveis diversas disciplinas.
Interdisciplinaridade auxiliar (Heckhausen, Scurati) ou Interdisciplinaridade linear (Boisot)	Emprego de métodos e teorias de uma ciência em outra.
Interdisciplinaridade compósita (Heckhausen) ou composta (Scurati) ou Interdisciplinaridade restritiva (Boisot) ou Interdisciplinaridade instrumental (Etges)	Caráter utilitário. Voltada para a solução de problemas específicos ou de situações concretas.
Interdisciplinaridade unificadora (Heckhausen, Scurati) ou Interdisciplinaridade estrutural (Boisot) ou Interdisciplinaridade forte (Sinaceur)	Tipo de associação que culmina na descoberta de um novo campo científico (ou disciplina) do saber.
Interdisciplinaridade complementar (Scurati)	Sobreposição de trabalhos entre especialidades que coincidem em um mesmo objeto de estudo.
Interdisciplinaridade generalizadora (Etges)	Busca de um saber geral.
Interdisciplinaridade administrativa ou externa (Etges) ou Interdisciplinaridade decisional (Sinaceur)	Interdisciplinaridade como instrumento de decisão ou planejamento.
Interdisciplinaridade de geometria variável (Sinaceur)	Engloba a interdisciplinaridade auxiliar e a interdisciplinaridade composta ou instrumental dentre outras variantes.

Fonte: Adaptado de Carlos (2007).

Assim, ao considerando a diversidade no Quadro 19, pode-se assegurar que cada forma interdisciplinar tem na sua constituição elementos próprios, isso significa dizer que a relação entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação pode ser epistemologicamente explicada e sobretudo delimitada, o que possibilita conhecer as contribuições mutuas.

É preciso uma atenção para esse estudo, pois a atenção por meio de reflexões e ações sob esses aspectos significa manter além de tudo, o estado de vigilância científica quanto ao movimento que produz uma interdisciplinaridade frágil flutuante me todo campo da Ciência da Informação, e especialmente, entre a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. Como demostra o Quadro 17, Carlos (2007) aponta Interdisciplinaridade Linear que se refere a uma:

> [...] modalidade de intercâmbio interdisciplinar na qual uma ou mais **leis tomadas** de uma disciplina **são utilizadas para explicar fenômenos de outra**; mediante alguma redefinição das variáveis e parâmetros, ela seria ajustada ao novo contexto disciplinar. (Carlos, 2007, p. 46).

A dimensão Interdisciplinaridade Linear a *priori* pode estimular o cientista da informação na ancoragem teórico-epistêmica da ligação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação, distanciando essa relação do *status* especulativo, especialmente, quando essa ligação é feita através do acesso e uso da informação e das TIC como marcadores simples, mas que em tese podem ter as mesmas leis como norteadoras. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação são das áreas com interesses distintos, na Biblioteconomia todas as articulações históricas, teóricas e técnicas visam o usuário da informação, e a Ciência da Informação por sua vez canaliza todos seus esforços para à Informação como fim, e nessa área o ‘usuário da informação’ é apenas mais um dos interesses dos cientistas da informação. Assim, tanto o ‘usuário da informação’ quanto a ‘informação’ se interacionam e essa relação essa intimamente ligadas às TIC.

Ao considerar a Interdisciplinaridade Linear na relação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação tem o potencial de diluir na prática a pseud-interdisciplinaridade escalar e a pseud-interdisciplinaridade Kitsch na íntima relação com o ‘usuário da informação’, informação e TIC, pois ela visualiza as leis. Isso ocorre por que a Interdisciplinaridade Linear recai sobre leis de uma disciplina que podem ser transferidas e aplicadas com êxito a outra e vice-versa, ainda que de forma consciente e/ou inconscientes pelos pesquisadores e/ou por consequências dos interesses e comodidades, e que em tese pode permear a relação entre Biblioteconomia e a Ciência da Informação na sua relação com a informação e das TIC.

Na interdisciplinaridade escalar, o projeto interdisciplinar da Biblioteconomia**,** isso pode ações políticas que reflete o uso da medida, pois a escala é a razão constante entre qualquer

grandeza física ou química de forma qualitativa (regular, médio, bom, excelente, ruim e péssimo) como também quantitativa (0,1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9) e que permite a comparação. Ou seja, entende-se a interdisciplinaridade escalar como aquela que faz a comparação qualitativa e/ou quantitativa entre as disciplinas que ajuda a manter a unidade de uma ciência, as organizando em pódio. E no caso na Ciência da Informação, a Biblioteconomia sempre está no topo, e por consequência produz a ideia de que a Ciência da Informação é propriedade da Biblioteconomia e vice-versa.

A organização das disciplinas em pódio ocorre por meio de *escore*[23] para as produções de bibliotecários e a próprio formação em Biblioteconomia nos processos de seleção e concurso no âmbito da Ciência da Informação tem mais importância e impacto, logo tem pontuação maior sendo mais relevante para Ciência da Informação. O fato que sustenta essa tese, se dá através dos periódicos e pós-graduações de 'Biblioteconomia e Ciência da Informação' marcam esse efeito Bumerangue.

A interdisciplinaridade Kitsch isso pode ter corrido por meio do amontoado e/ou sedimentação de coisas, assim a ligação da Biblioteconomia e a Ciência da Informação por si basta como ligação interdisciplinar, especialmente, quando se considera os acessos e os usos da informação e das TIC. A relação comum com as TIC tem a década de noventa como marco temporal que passou a justificar essa relação, apesar de que se teorizou nessa mesma década o declínio da Biblioteconomia pelos adventos das TIC, mas que atualmente tem a perspectiva técnica que engloba as formas de controle, de processar e armazenar a informação, linguagens documentárias, ao qual as TIC se destacam como vetores que ancora este controle,

Ao trazer as TIC como básico como ligação interdisciplinaridade não é errado, mas é preciso trabalhar os aspectos epistemológicos que ligam está duas disciplinas através TIC, o que carece mais de inclinação para a Filosofia da Tecnologia. Como viés teórico- epistêmico, a Filosofia da Tecnologia é um campo que debruça sobre a natureza da tecnologia e seus efeitos, pois ela alinhar e explicar a relação destas duas disciplinas, possibilitando diluir qualquer pseud-interdisciplinaridade e/ou ambiguidade possível, pois ela pode envolver as das áreas nas discussões de seus três pilares básicos: o que é uma tecnologia? Como os bibliotecários e cientistas da informação utilizam a tecnologia? E como os bibliotecários e cientistas da informação agem sobre os reflexos da tecnologia? (Cupani, 2016; Cosentino, 2006). Pois a partir destas reflexões é possível descrever quais são os excedentes da construção, acesso e uso da tecnologia por bibliotecários e cientistas da informação.

[23] Número de pontos.

Quanto a informação, a Filosofia da Informação, pode ser utilizado como viés teórico-epistêmico, pois volta-se para a investigação crítica da estrutura conceitual e dos princípios básicos da informação. Assim, se estaca o trabalho '**A filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira:** uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi' da autoria de Túlio de Morais Revoredo defendida em 2015 que apresenta os princípios básicos da teoria, e o texto '**Ciência da Informação e Filosofia da Informação:** perspectivas de relação a partir do estudo das publicações do GT1 DO ENANCIB' da autoria de ALINE LAUREANO SUAVE defendida em 2020, que Buscou compreender como a Filosofia da Informação tornou-se aliada para assim conseguir configurar a informação e seu entorno, como essência, métodos de compressão, realidades/contextos, ação, TIC e outros. A filosofia da Informação é uma:

> [...] nova empreitada filosófica da **pós-modernidade**. No contexto da realidade de informações, um conjunto de problemas filosóficos clássicos, como os princípios, as origens e estruturas de conhecimento, a natureza da existência, os problemas da mente, as estruturas lógicas da linguagem e do sentido, os princípios de raciocínio lógico e pensamento crítico, as teorias da verdade, e questões éticas (por exemplo, Floridi 2002, 2004a, 2004b) **contribuem para visão da Ciência da Informação também é relativamente nova no campo científico**. A CI desenvolve-se em direções diferentes e, portanto, analisa diferentes aspectos da realidade de informação, tais como - para citar apenas alguns dos aspectos relevantes - a recuperação da informação, sistemas de informação, organização do conhecimento, gestão da informação/conhecimento, o comportamento da informação, estudos métricos, inteligência artificial, entre outros (Tomic, 2010. p. 9, tradução nossa).

Para Suave (2020), a Filosofia da Informação mostra-se importante e necessária para a Ciência da Informação, uma vez que a informação é um objeto mutante, assim possibilitando o exercício constante reflexivo na Ciência da Informação a beneficiando, e sobretudo, nesta relação que promove o obstáculo Bumerangue que tem a Informação como vetor.

10 AVANÇO EPISTEMOLÓGICOS

Mas do que reconhecer os obstáculos epistemológicos pela perspectiva do sujeito informacional, e promover estratégias de superação, como também de análises, críticas, suspensões e reconfigurações, é imperativo reconhecer os Avanços epistemológicos, esse que tem como sujeito ético aliado ao sujeito informacional para conduzir tal tarefa, sem deixar o espectro neurótico do pesquisador sensciente deixe essa neurose torna-se obsessiva-compulsiva.

O Avanço epistemológico se compreende que os resultados mentais e materiais são positivos, especialmente dos esforços dos cientistas na gerência do fazer cientifico através do fluxo independente ou interseccional das abordagens histórico-epistêmica, teórico-epistêmica

e técnico-epistêmica. E isso significa afirmar que o pesquisador senciente que reconhece que si e aos outros quanto aos obstáculos epistemológicos, reconhece também os avanços epistemológicos, é um ato ético reconhece-los, pois somente que poder recohcer o valor de sua própria ciencia é seu nativo.

10.1 O Avanço pós-moderno

O Avanço pós-moderno (Figura 26) se figura a condição mais básica da Ciência da Informação, ela ocorre com mais visibilidade, na prática do que teoricamente, ou seja, as discussões ainda são incipientes. A pós-modernidade é a compreensão da forma aplicada e teórica da abertura de pensamento cientifico, o fazer social, as ações em consonância com as transformações culturais, sociais, tecnológicas, e, sobretudo, informacional. O Avanço Pós-Moderno opera pelo tecnofenômeno A vigilância do objeto, e como tal tudo é refletido.

Para compreender o liminar da fluidez frutífera e científica da Ciência da Informação quanto ao Avanço pós-moderno, é preciso entender antes de tudo o gene de algumas essências da pós-modernidade.

Figura 26 - Avanço pós-moderno



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Isso possibilita compreender em seguida algumas das características postas em prática pelos cientistas da informação através do sujeito ético, empático e informacional quanto aos pontos de luz, como a vigilância e avanço científico; e os pontos de escuridão como o *pastiche* e o fenômeno kitsch que coabitam no campo da Ciência da Informação, especialmente, a filosofia desprendida kitsch que promove fluidez, fragmentação e rompimento de regras e protocolos. Menezes (2013) apoiado em Jamenson (2006) afirmar que:

> Em verdade, o mundo pós-moderno, com ares de intelectualidade, ataca ferrenhamente tudo que foi posto pela modernidade, sem que sequer proponha nada em substituição. Nesse sentido, Jamenson (2006, p. 21ss.) ataca a pós-modernidade arguindo que em sua busca por construir algo termina por produzir apenas o pastiche, definido como uma espécie de paródia ("pálida") que perdeu o seu referencial e, portanto, se esvaziou de sua graça ou ironia. Perdeu o respeito pelo estilo sobre o qual deveria se referir.

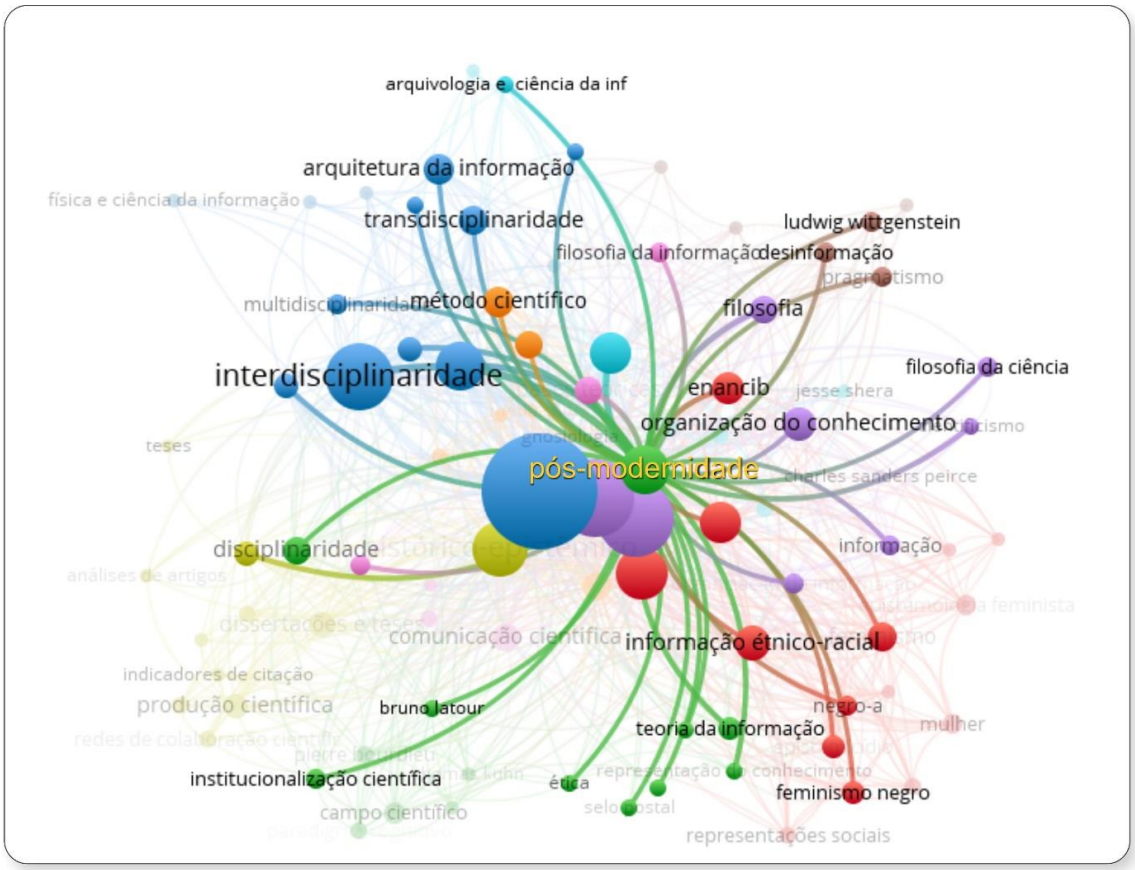
Nesta Logica Martins (2010, p. 86), diante desta fluidez, fragmentação e rompimento de regras e protocolos, sugere a prática interdisciplinar, pois:

> A crítica endereçada a área da Ciência da Informação, assenta-se na perspectiva de que o campo apoiou-se na interdisciplinaridade, em consonância com a proposta cientifica da pós-modernidade, sem se ate e refletir criticamente sobre sua própria trajetória de constituição disciplinar (Martins, 2010, p. 86).

Assim, sem a atenção para e refletir criticamente sobre sua própria trajetória de constituição disciplinar diante desta fluidez, fragmentação e rompimento de regras e protocolos, sugere a prática interdisciplinar nestes moldes um ponto de escuridão permanece. Ao se referir aos pontos de luz como o coro de vozes, por sua vez a escuridão está no entorno deste coro. Ao mesmo tempo que o sujeito ético e sujeito empático confirmam o Avanço Pós-moderno, ele é bem-querido ao mesmo tempo que é questionado, e isso vale também para a interdisciplinaridade.

Para Reis (2019) há dois pequenos obstáculos presentes no contexto da pós-modernidade na ciência, logo ele se reflete na Ciência da Informação, pois a pós-modernidade ainda é dominada pelas vozes masculinas da branquitude formada pela elite que constroem suas representações estereotipadas de um outro sujeito. Isso se refere a falta de referenciais que mencionem a produção e as experiências negras, LGBTQIA+, mulheres, povos originários, entre outros. Assim, o Avanço pós-moderno se promove desta forma, promovendo a compreensão da forma teórica, aplicada e refletida, não basta somente aceitar por unanimidade apaixonante e por transferência inquestionável de constructos.

Gráfico 4 - Micro rede verde - pós-modernidade.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

A pós-modernidade é um construto visível na produção meta e poli-epistemológica na ciência da informação, ela se localiza no centro como demostra o Grafo 4, assim ligadas as esferas maiores, que inclui as condições histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica.

A pós-modernidade nasceu do pós-modernismo, em que a segunda se figura a crise da estética universal, essa sempre amparada por verdade, beleza e bem/bondade, ou seja, a crise do resultado da criação e produção, seja de elementos tangíveis e/ou intangíveis, como, por exemplo, a estranheza da arte kitsch e a "morte de Deus", essa mudado por Nietzsche. Isso significa dizer que a pós-modernidade e pós-modernismo são duas ideias diferentes, embora, ligadas intimamente, e, para Eagleton (1996, p.3) o "[...] *pós-modernismo refere-se em geral a uma forma de cultura contemporânea, enquanto o termo pós-modernidade alude a um período histórico específico*".

Em termos gerais, a pós-modernidade defende a diversidade, a existência do caos e do conflito, a aceitação de que nada é absoluto, condições como vetores viáveis, assim se incluem a recusa de normas tradicionais e recusa do cumprimento delas; não existe uma verdade única;

a verdade é apenas uma perspectiva; a realidade é uma construção conceitual; considera os aspectos psicológicos dos humanos e crise do pensamento metafísico moderno. Porém, essas ideias produzem fluidez e confundem os sujeitos, e acaba de certa maneira pondo em xeque o rigor e vigilância científica, que é quando os cientistas se prendem a elas de forma ingênua.

O avanço pós-moderno é uma dimensão importante que configura o progresso da Ciência da Informação como campo científico, pois a pós-modernidade é a condição de produção e de criação que atravessa também a ciência, mas sempre atentando pela rigidez e a fluidez como problemáticas. Neste sentido, o avanço pós-moderno da Ciência da Informação é a promoção do novo pensamento científico quanto à produção e criação da nova estética cientifica através da abertura do pensamento, e essa relação sintoniza a ciência com as transformações em curso, sem perder de vista o rigor cientifico. Wersig (1993) atribui-se à pós-modernidade a sustentação de cientificidade da Ciência da Informação, apesar das décadas de 1980 e 1990 serem bastante marcadas pela crítica a objetividade moderna (Wersig; 1993).

Assim, as condições de produção e apreensão dos significados da intersecção produzidos no campo social e também institucional o jeito de funcionamento, os princípios de organização e as maneiras de produção social do sentido. Assim, a parti da Análise de discurso das dissertações e teses verifica-se que as construções ideológicas em ação por meio da fenômenotécnica, as intenções são pós-modernos que liga, assim tempo, grupo e contexto sócio-histórico do sujeito pesquisador estão em convergência. A relação de sentido, que é a convergências dos vários discursos, o coro das vozes, o que inclui as condições epistêmicas e conceituais marcam o avanço pós-moderno como um sistema de conhecimento. Isso significa dizer que o avanço pós-moderno não é apenas uma característica indenitária, embora, muitas vezes reduzida pelos cientistas a informação como tal, e também utilizada para os afrouxamentos, pois nele se produz equívocos e excessos ao acreditar que a filosofia pós-moderna é desprendida. Para além, das problemáticas como equívocos e excessos, o avanço pós-moderno nesta pesquisa é visualizado em termos práticos e técnico-epistêmico, no sentido do fazer pós-moderno que tem ocorrido, embora não se discute como isso ocorre. Ou seja, em termos teórico-epistêmicos a dimensão pós-moderna é coadjuvante e não epistêmico, e como temática nas discussões na Ciência da Informação tem status de temática de apoio, sem comprimento e profundidade, e visibilidade mais ou menos flutuante, o que carece de interesse dos cientistas da informação.

As discussões são tímidas com referências insipientes, é compreendê-la em profundidade possibilita o cientista da informação compreender o liminar da fluidez frutífera e cientifica da Ciência da Informação.

Contudo, diante desta insuficiente teórico-epistêmico, destaca algumas trabalhos fundantes como meta-conhecimento, como a Dissertação ‘Inter-relações entre ciência da informação e filosofia da ciência: reflexões histórico-epistemológicas’ da autoria de Mariana Rodrigues Gomes de Mello, 2020, com o capítulo ‘**Pós-Modernidade e Ciência:** Era Marcada Por Incertezas E Transitoriedade**’ como elementos** do processo histórico da Teoria do Conhecimento no **campo da Ciência da Informação;** ‘**O campo da Ciência da Informação:** contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno’ da autoria de Januário Albino Nhacuongue, que faz entre outras faz a distinção e aproximações entre pós-modernismo e pós-modernidade; ‘**O campo da Ciência da Informação:** contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno’ da autoria de Januário Albino Nhacuongue de 2015; a dissertação ‘**A Interdisciplinaridade na Ciência da Informação:** investigações bibliométricas’ da autoria de Marcos Antônio de Moraes , com o tópico **Ciência, Ciência Moderna e Ciência Pós-Moderna**, que faz a diferenças entre o moderno e o pós-moderno e a valor de cada uma; a dissertação ‘**Apropriações de Bruno Latour pela ciência da informação no Brasil**: descrição, explicação e interpretação da autoria de Ronaldo Ferreira de Araújo defendida em 2009, que no âmbito epistêmico problematiza pontos comuns e distantes entre modernidade, pós-modernidade e não-modernidade com vistas a compreensão do contexto e conteúdo de produção do campo; a dissertação ‘**A Ciência da Informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas’** da autoria de Ivandro Pinto de Menezes defendida em 2013, que tem como um dos objetivos específicos identificar os critérios que a caracteriza a Ciência **pervasiva: contribuições conceituais’** da Informação como pós-moderna; e a tese ‘**Arquitetura da informação** da autoria de Henry Poncio Cruz de Oliveira que dedica um tópico ‘Cientificidade Pós-Moderna’ para além da pós-modernidade como característica indenitária da Ciência da Informação, em que para o autor a:

> Pós-modernidade trata-se de um estado de contínua e complexa tentativa de ruptura com as visões iluministas e da revolução industrial, que estruturaram o modelo moderno de pensar, de fazer ciência, de racionalizar educação, de organizar a sociedade, de disseminar informação e de produzir tecnologia. [...]. Pensar em pós-modernidade significa contrapor, desconstruir, desamarrar, (re)pensar as noções de tempo e espaço, sujeito e objeto, técnica e tecnologia, objetividade e subjetividade, identidade, arte, ciência e senso comume revisar o modo binarista de categorizar o que se apresenta como realidade (Oliveira, 2013, p. 43- 44).

A complexa tentativa de ruptura das formas de fazer/produzir, educar, organizar a sociedade, disseminar informação, mas, sobretudo de pensar e racionalizar mencionadas para

Oliveira (2013), são pré-supostos das posturas epistemológicas e promoção do Avanço pós-moderno. Esse avanço é o condutor base que favorece as pluralidades epistemológicas, fato observado por Francelin (2018, p. 100), ao destacar que os autores da Ciência da Informação que cultivam o espírito da pluralidade epistemológica, a natureza complexa do pensamento, e especialmente, o respeito a liberdade das formas de pensar.

A condição pós-moderna é a essencialidade epistêmica desta ciência, pois ela suspende o tempo, espaço, a razão, as regras e verdade, em que essas suspenções são ‘momentos’ que versa em transformações. E nesta lógica a Ciência da Informação se inseriu no fluxo frenéticas de propostas de transformações que se deu no pós-guerra, atravessou a guerra-fria, e acentuou na afirmação das TIC como elementos que dimensionou negativamente em uma sociedade líquida, porém liberadora em os sentidos, especialmente, para a dimensão científica. Matui (2020) argumenta que a cientificidade pós-moderna da Ciência da Informação foi marcada pela crítica a nas das décadas de 1980 e 1990 quanto a objetividade moderna, Isso significa dizer que Ciência da Informação experimenta forças opostas, mas, há uma equação de equilíbrio, uma vez ela se insere entre a corrente positivista e pós-positivista que valorizam o rigor e a sistematicidade dos procedimentos metódicos (Amorim, 2021), em que o racionalismo aplicado de Gaston Bachelard se insere como encaixe.

A Ciência da Informação vive essa polaridade positiva de forças opostas, pois ela experimentou nos seus primeiros anos e décadas, a racionalidade, consistência e a ideal de verdade absoluta restante do positivismo. Essa premissa é assegurada por ‘[...] ao se pensar em qual configuração epistemológica a CI se enquadra e, assim, ao se refletir se seria ela uma ciência moderna, pós-moderna ou, mesmo, uma ciência de transição (que combina aspectos de ambos).’ (Araújo, 2009, p. 11).

A segunda metade até os anos correntes experimenta o pós-positivista em que a realidade não poder ser apreendida de forma perfeita ainda que o rigor e a sistematicidade dos procedimentos metódicos, ou seja, de sua fenômenotécnica. Assim, a racionalidade aplicada entre outras correntes influenciadas pelas ideias culturais e filosófico do pensamento crítico de 1960, mais precisamente nos anos setenta, quando em Jean François Lyotard principiava seu livro o pós-moderno, um:

> [...] estudo tem por objeto a posição do saber nas sociedades mais desenvolvidas. Decidiu-se chamá-la de 'pós-moderna'. A palavra é usada, no continente americano, por sociólogos e críticos. Designa o estado da cultura após as transformações que afetaram as regras dos jogos da ciência, da literatura e das artes a partir do final do século XIX.

Isso significa dizer que a Ciência da Informação se constitui na fenda entre a modernidade e pós-modernidade, e nela há resquícios das duas vertentes das fenômenotécnicas positivistas e as fenômenotécnicas construtivistas e/ou pós-positivistas, como, por exemplo, a inclinação epistêmica interdisciplinar, um valor pós-moderno. Há também os critérios de imaginação cientifica, pois, para Santos (2008) e Terra (2019), a ciência pós-moderna não é unidimensional, assim não se observa um fenômeno apenas por uma lente ou debate, no fazer pós-moderno há coro de vozes e esse mesmo coro de vozes retornam aos egos e *ethos* que produzem essas vozes em conjunto.

Quando não há esse movimento, há cientificismo que se enquadra como um obstáculo epistemológico, em que os cientistas da informação, para afirmar a ciência da informação como ciência, mais precisamente para afirmar a si mesmos como cientistas e sujeitos fundamentais para o caminhar da humanidade, especialmente em termos da informação.

Os interesses, intenções e comodidades que produzem o Avanço pós-moderno conforme o Apêndice E podem ser vistos entre os Estrato-Essências 127 a 147. Vale destacar que os interesses e as intenções que provem o Avanço pós-moderno são conscientes na prática, enquanto as comodidades podem operar inconscientemente sobre o construto pós-moderno no *status* teórico. Assim, ao visualizar os *Estrato-Essências* do Apêndice E deve-se considerar a *priori* os interesses e intenções como norteadores para identificar o Avanço pós-moderno. O conjunto dos *Estrato-Essências* que forma o ‘APÊNDICE E’ destaque para o *Estrato-Essência* 132, 135 e 145.

> [...] a perspectiva social da ciência da informação reacende a questão da área como **ciência pós-moderna**, como aquela que se afasta de aportes **positivistas** e enseja sua evolução científica, mas, sobretudo, que enaltece e valoriza o papel do sujeito e seus contextos como parte integrante e fundamental de seus estudos. Talvez o apontamento mais reluzente do paradigma social da ciência da informação seja possibilitar elementos de inclusão social por meio de responsabilidade social (FREIRE, 2006; WERSIG; NEVELING, 1975) **e na tangente da informação ao alcance de todos**. De toda forma, compreender a ciência da informação como uma ciência social que é, fortalece suas características vitais como área com demandas e contextos sociais. Contudo, a necessidade de pesquisas que fortaleçam seu status social, em específico em estudos aplicados é uma carência da ciência da informação e de afirmação de seu suposto paradigma social **(**Vignoli**,** 2021**,** p.336.**).**

Vignoli (2021) configura a Ciência da Informação como ciência pós-moderna através de um ponto básico, o afastamento de pensamento positivista. Vale ressaltar que não estamos figurando o positivismo em um problema, ele é uma corrente como outra, tem problemáticas e pontos positivos. Por sua vez, Moraes (2020, p. 89) faz uma argumentação mais epistêmica no sentido prático ao revelar que:

> A Ciência da Informação **é pós-moderna:** "Assim, o que definiria um objeto de estudo é, antes, uma forma específica de olhar, de enxergar os fenômenos da realidade [...] maneira específica, mobilizando determinados conceitos e métodos, naquilo que foi progressivamente sendo entendido como o olhar informacional sobre o real." (ARAÚJO, 2014, p. 15). [...] A necessidade de **descolonizar** os saberes e a forma de pensar e interpretar o mundo a fim de condicionar estruturas de representatividade da informação que possibilitem reconhecimento e afinidade aos sujeitos é o maior desafio da ciência **pós-moderna**. Sueli Carneiro (2005) denuncia a perspectiva teórica **epistemológica** de domínio baseada na racialidade do poder com fins de supremacia e controle de saberes e práticas educativas.A desconsideração da produção **intelectual negra** situa-se a partir dos **pequenos obstáculos** presente no contexto da **pós-modernidade** na ciência. A autora bell hooks ativista e teórica feminista estadunidense retrata os aspectos da **negritude** no contexto da pós-modernidade e como essa articula as experiências negras sob amparos culturais e estéticos questionáveis. O uso do bell hooks (1996), como prefere ser chamada pela adoção desse pseudônimo, afirma que os discursos pós-modernos apresentam uma excludência característica, apropriando-se das experiências de diferença e alteridade com o intuito de atribuição de significado político de oposição, legitimidade e falta de oportunidade (Moraes, 2020, p. 89)**.**

Em sua análise epistêmica mais prática Moraes (2020, p.89) destaca necessidade de descolonizar os saberes e a forma de pensar e interpretar o mundo, e a estética, e intelectual negra que definitivamente não são verdades do positivismo. Assim, na inclinação pós-moderna o sujeito pode ser figurado como objeto de investigação, independente sua estética e verdade. Terra (2019, p. 28) traz um componente importante sobre estéticas e verdades pre-estabelecidas, ao assinalar que:

> [...] a Ciência da Informação [...] não se trata de uma ciência clássica, nem de uma ciência básica. É relevante pontuar que, conforme Santos (2008), a **ciência pós-moderna não segue uma linha unidimensional**. Seu estilo, por conseguinte, não é facilmente identificável, pois adota uma configuração de estilos, a partir do critério e da imaginação do pesquisador (Terra, 2019, p. 28).

Terra (2019, p. 28) da ênfase a criatividade cientifica, pois na inclinação pós-moderna pode-se usar modelos estruturados e semi-estruturadas. Ainda a partir dos *Estrato-Essências* que abordam a Pós-Modernidade como micro-categoria de análise do Avanço Pós-Modernidade no Apêndice E, infere-se que a compreensão da Pós-Modernidade como características para além de um marcador da identidade da Ciência da Informação. Os cientistas da informação veem a interdisciplinaridade como uma característica da pós-modernidade e isso implica na compreensão de viés epistêmico importante para a área. Há uma consciência e senciência sobre rompimento com o ideal universalista, assim a inclinação de pensar o mundo de uma única maneira também é superada, e que os objetos científicos da Ciência da Informação advêm do senso comum, pois a Pós-Modernidade o configura também como *lócus*.

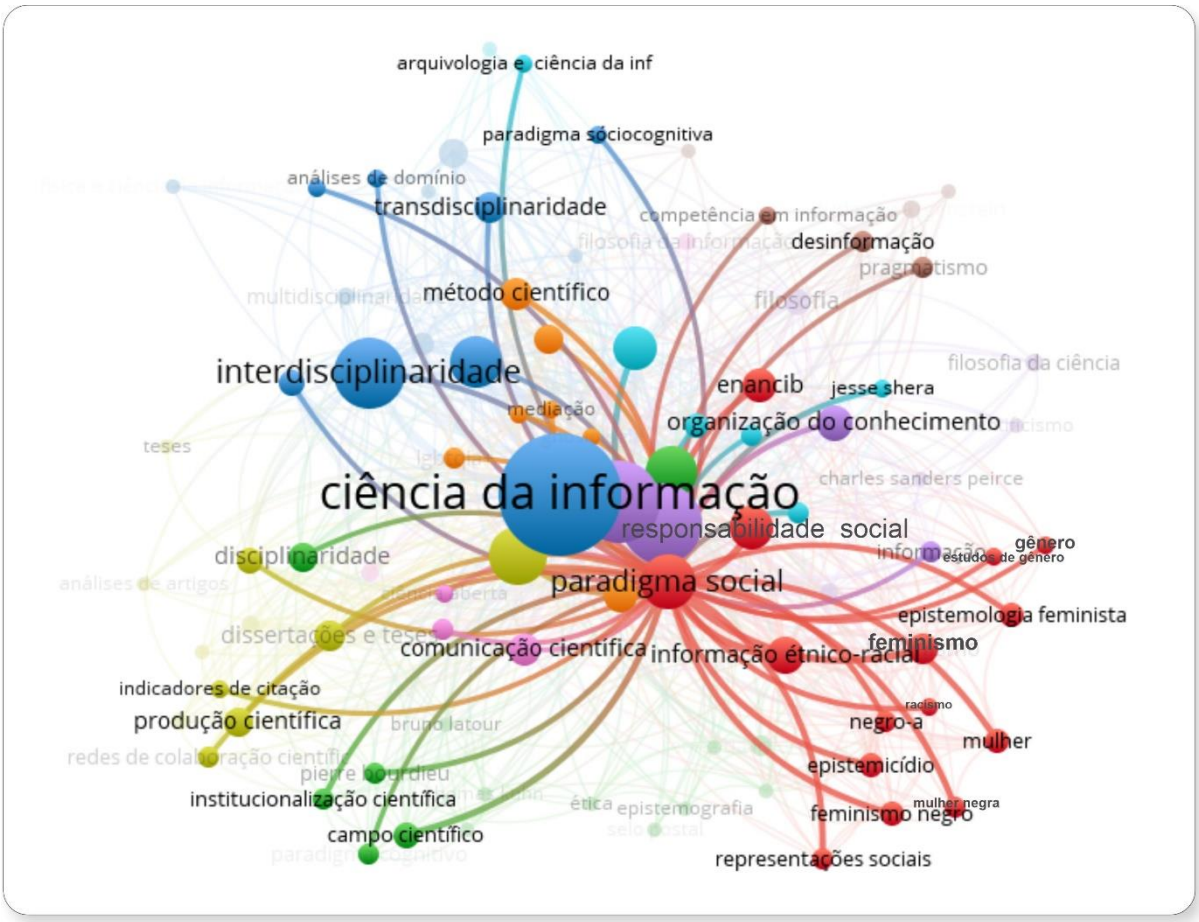
Assim, rompe-se com a estética moderna que apenas incluía os corpos e subjetividades quanto a masculinidade, branquitude, cis-gênero e heterossexuais. Ao romper como as normas tradicionais, potencializa-se a inclinação de questionar e propor desconstrução de valores tradicionais e desmonta por consequência o aparato cultural moderno herdado que atravessa as mentalidades atuais de forma consciente e inconsciente que ainda promove limitações, fraturas, arbitrariedade e erros. Assim, ao apontar a recusa das normas tradicionais, dilui-se a ideia de que não existe uma verdade única, e com exemplo, os Estudos de Usuários é a abordagem teórica que dissemina a ideia que existem diferentes maneiras de saber a partir de um corpo e subjetividade específicos. Neste sentido, a verdade é apenas uma perspectiva, em que ela é ponto intencional entre sensação, percepção, simbolização e representação, isso se refere as novas táticas em acessão.

E entre esse fluxo, por consequência entende-se que a realidade é uma construção conceitual e não existem realidades e/ou verdades objetivas naturais independentes do ser humano e da vida em sociedade, onde a representação da informação e do conhecimento emergem como estudos. As representações da informação emergem no fluxo da linguagem, e sua ligação se tronam uma mesma coisa, o pensamento não pode existir sem a linguagem no fluxo da sensação, percepção, simbolização e representação. Isso infere-se que os aspectos psicológicos dos humanos atravessam todos os aspectos citados assim emergindo a representação do conhecimento, e todos esses pontos que promovem a crise do pensamento metafísico moderno.

10.2 Avanço social: da Responsabilidade Social ao Epsitemicidio

Cajé (2020) argumenta que a instituição Ciência da Informação não segue à risca um dos determinados paradigmas epistemológicos de Capurro como um projeto delimitado. Porém, a autora afirma que o Paradigma Social está atualmente em voga na Ciência da Informação, mas isso não significa afirmar que o paradigma físico e paradigma cognitivo são menos importantes, assim descartados.

Grafo 5 - Micro rede vermelha.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Na dissertação intitulada ‘**As relações entre informação, linguagem e símbolo: a filosofia da Ciência da Informação entre a realidade e a idealidade’** de Giovani Miguez da Silva, defendida em 2016, o autor aponta que o Paradigma Social favorece tanto o desdobramento da Ciência da Informação em uma inclinação hermenêutica e da Filosofia da Ciência da Informação em uma antropologia filosófica. Para Francelin (2017) e Garcia (2018) o Paradigma Social não acontece sozinho, ele incorporar influências dos paradigmas físico e cognitivo. Em termos fenômenotécnicos o Avanço Social é inferido por meio do conjunto de construtos que constitui a rede-vermelha do Grafo 1, como demonstra o Grafo 1, ligado ao Paradigma Social.

Assim, os construtos ‘Responsabilidade Social’, ‘Representações sociais’, ‘feminismo’, ‘feminismo negro’, ‘epistemologia feminista’, ‘mulher’, ‘mulher negra’, ‘gênero’, ‘estudos de gênero’, ‘epsitemicidio’, ‘racismo’ , ‘negro’ e ‘informação étnico-racial’, evidencia que Ciência da Informação tem avanço quanto ao Paradigma Social (esfera maior da Micro Rede vermelha)

em que esse avanço pode ter a sinergia entre o sujeito ético, sujeito empático e sujeito informacional que compõe a Responsabilidade Social (a segunda esfera maior da Micro Rede vermelha), sujeitos sinérgicos que fazem força de colisão com o sujeito moral, isso por que o "paradigma social" tem colocado '[...] o sujeito enquanto ator social no cerne dos processos informacionais, não mais delegando à informação o status de "coisa", ou restringido-a as formações cognitivas individuais.' (MARTINS, 2010, p. 24).

Isso significa dizer que há forças de colisão ocorre entre pesquisadores seniores tradicionalistas apegados as grandes narrativas modernas e os pesquisadores juniores pós-positivistas como sujeitos negros e mulheres (originários, LGBTQIA+) e reconfiguração de mentalidades de pesquisadores seniores com sujeitos sensíveis a estes estudos. Essa premissa fica claro no apanhado de Vignoli (2017) dos argumentos de Araújo (2004, 2009, 2014, 2018), Freire (2006) e Wersig e Neveling (1975), ao evidencia que:

> [...] a perspectiva social da ciência da informação reacende a questão da área como ciência pós-moderna, como aquela que se afasta de aportes positivistas e enseja sua evolução científica, mas, sobretudo, que enaltece e valoriza o **papel do sujeito** e seus contextos como parte integrante e fundamental de seus estudos. Talvez o apontamento mais reluzente do paradigma social da ciência da informação seja possibilitar elementos de inclusão social por meio de responsabilidade social [...] e na tangente da informação ao alcance de todos. De toda forma, compreender a ciência da informação como uma ciência social que é, fortalece suas características vitais como área com demandas e contextos sociais. Contudo, a necessidade de pesquisas que fortaleçam seu status social, em específico em estudos aplicados é uma carência da ciência da informação e de afirmação de seu suposto paradigma social.

Para Oliveira (2014) o avanço do Paradigma Social é fundamental pois ele ocorre em relação a informação, que é ampliado com estudos voltados para as relações que agregam discursos, áreas do conhecimento e documentos, e seus acesso e uso em relação ao distintas que fazem as comunidades de sujeitos. Ou seja, esse avanço começou a emergir através da Responsabilidade Social como vetor epistêmico, por meio da ação do sujeito ético, sujeito empático e sujeito informacional na busca de compreender a descriminação e o preconceito como estruturas flutuantes no entono da informação que afetam as propriedades gerais da informação, natureza, gênese e efeitos, esses destacados por Le Coadic (1996), que reflete especialmente, nos processos de sua produção, representação e disseminação da informação da própria Ciência da Informação.

Myers (2014) conceitua o preconceito como um julgamento negativo que operar pela falta de informação. Martins (2021) destaca o preconceito como fenômeno que também pela opera pela desinformação, mentiras, mensagens reducionistas que ancoram uma opinião irracional e valores e crenças preconcebida de um sujeito para outro seito de outra comunidade,

grupo e/ou (perfil) sujeito. Ele acredita que a falta de informação se estrutura ainda nos primeiros anos escolares, porem essa fase é sempre superada na a vida adulta como a reconfiguração cognitiva pelo acesso e uso de novas informações. Porém, quando o sujeito mantém suas posturas preconceituosas elas podem estarem atreladas o caráter perverso, quando há acesso a informação, porem ela não é processada. Ou seja, o preconceito pode operar pela rejeição da informação nova, assim ocorrendo dificuldades do sujeito de acomodar e assimilar a informação uma vez que esse está apegado as suas fontes de informações cognitivas desatualizadas. Esse fato é relatado por Costa e Melo (2021), ao ilustrar o racismo como preconceito, para as autoras, ele não emerge por falta de informação. Elas destacam que tanto a informação e a desinformação não podem ser consideradas vetores de promoção do racismo, assim, nem do sexíssimo, LGBTfobia, entre outras formas de preconceito.

A discriminação, por sua vez, é a ação do sujeito informado ou desinformado baseada no preconceito, como que é um sentimento exagerado de medo e aversão por algo ou alguém, assim para Martins (2021, p.108) “Discriminar é o ato de separar, que tanto pode ser para privilegiar uma pessoa ou grupo como para prejudicá-lo.” A Homofobia, LGBThomofobia, Transfobia em que o sujeito recebe um tratamento injusto, prejudicado este sujeito, sobretudo, do acesso à informação, e quando a mesma é acessada pelo sujeito LGBTQIA+ é hierarquizada, outras vezes equivocada e essas lógicas operam em todas as dimensões, ao qual a Martins (2021) destaca a violência econômica, simbólica e afetiva.

A partir da visualização da Figura 27, percebe-se que o Avanço Social como macro-categoria tem como predominante entre outros, os estudos da ‘Responsabilidade Social’, ‘informação étnico-racial’, ‘Mulher’, ‘Informação Gênero-Sexualidade’ e ‘Epistemicídio’. Conforme a Figura 27, essas micro-categorias se imbricam, e essa imbricação são visualizadas nos estratos-essências das dissertações e teses selecionados neste estudo.

Figura 27 - Avanço social.

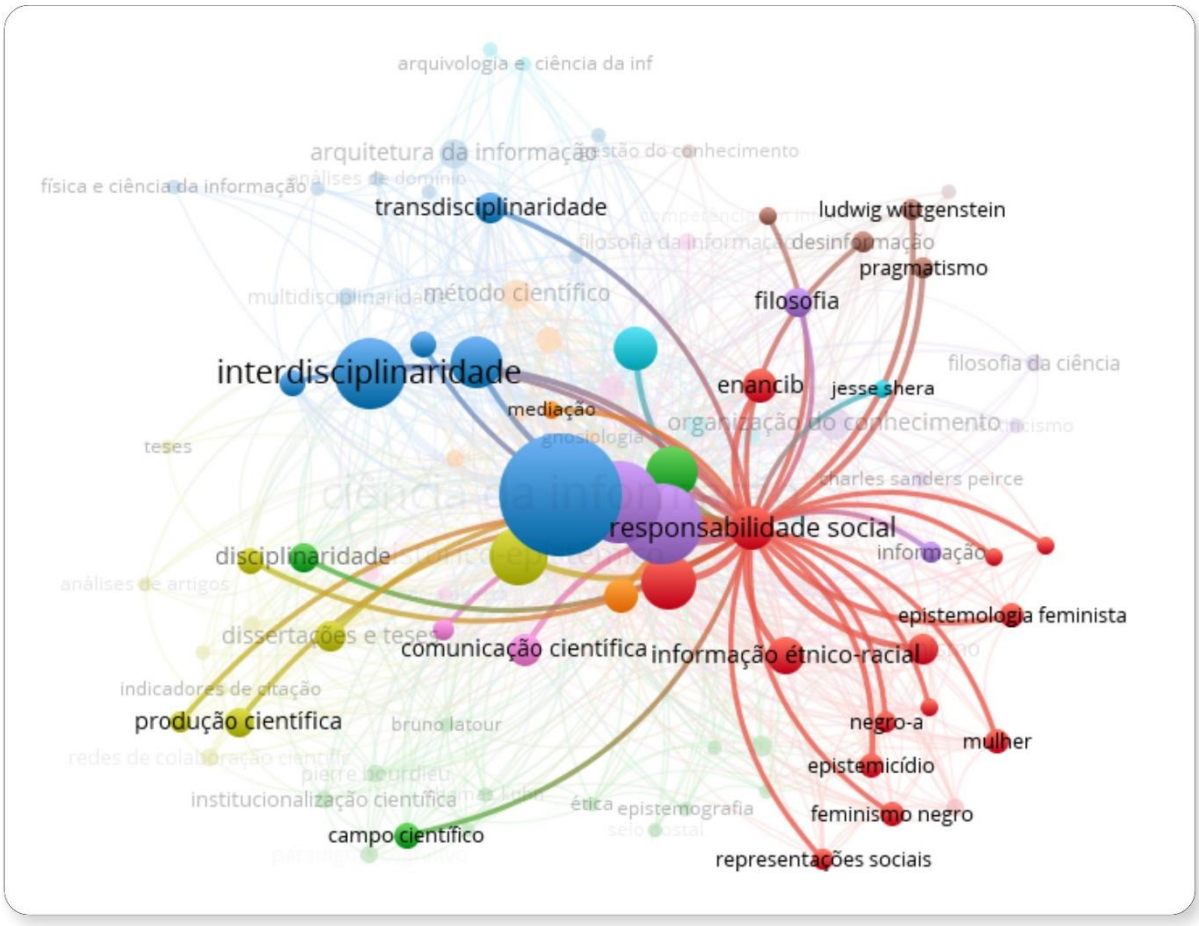


Fonte: Elaborado pelo autor, (2022).

A Responsabilidade Social emerge como fundamental na Micro Rede vermelha, (Grafo 6). Ela está representada pela segunda esfera maior e vermelha, o que infere que seu lugar é reservado na Ciência da Informação por diversos prismas, como um construto, meta-objeto de estudos, campo de estudo e micro-categoria de análises que sustenta o Avanço Social.

A Responsabilidade Social se figura até como estímulo que promove reflexões, fato que ocorreu no texto *The phenomena of interest to Information Science* de Gemot Wersig e Ulrich Neveling em 1975. Ao fazer uma análise da relevância da ciência para o desenvolvimento industrial no século XIX, os processos de divisão do trabalho, o surgimento das pessoas da informação, ou seja, dos profissionais com títulos diferentes em diferentes países, mas que desenvolvem semelhantes funções, pensa na consequência desta intersecção e fatores, significa pensar no problema de transmissão do conhecimento e da informação, assim a Responsabilidade Social emerge como estratégia, como demonstra o Grafo 6.

Grafo 6 - Micro rede vermelha - Responsabilidade Social



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

> *[...] a new necessity to study a problem which had completely changed its relevance for society. Nowadays the problem of transmitting knowledge to those who need it is a social responsibility, and this social responsibility seems to be the real background of "information science*".[24]

Com isso, a Responsabilidade Social instaura um movimento de senciência na Ciência da Informação, pois busca uma abstração científica a partir das condições internas e externas ainda que nas entre linhas, mas evidenciado por Freire (2001), na tese **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico** defendida em 2001, que foca Responsabilidade Social através do conceito de consciência possível, de Lucien Goldmann, ao qual para ela '[...] *é saber o que pensa um grupo [um receptor de mensagens] mas quais são as mudanças suscetíveis de serem produzidas em sua consciência, sem que haja modificação na natureza essencial do grupo.*' (FREIRE 2001, p. 70). E retomando Freire (2001), Silva (2019, p. 8) argumenta que:

[24] [...] uma nova necessidade de estudar um problema que havia mudou sua relevância para a sociedade. Nos dias de hoje o problema de transmitir o conhecimento a quem dele necessita é uma responsabilidade social, e essa responsabilidade social parece ser o verdadeiro pano de fundo da "ciência da informação".

> [...] a consciência possível possibilita pensar nas visões de mundo, e esses olhares estão dentro da própria Ciência da Informação nas expressões dos intersujeitos/usuários que pensam sobre a realidade de sua comunidade, ou seja, a consciência que se forma dentro do contexto da Ciência da Informação individualizada ou coletiva.

Portanto, Responsabilidade Social é tratada a partir de uma tomada de consciência dos pesquisadores, em que Freire (2001) destaca uma rede composta de problemáticas como os fluxos comunicacionais e/ou à transmissão de informações; a visão de mundo baseado na ciência, no conhecimento científico e sociedade capitalista; a função social da Ciência da Informação; a informação como força de transformação social. Esses pontos transcendem o conceito de consciência e instaura a noção de senciência, pois a senciência é poder sentir o ambiente à sua volta e estar alerta, na própria Ciência da Informação individualizada ou coletiva, como em frisa Silva (2019).

Os interesses, intenções que produzem o Avanço Social através da Responsabilidade Social conforme o Apêndice F podem ser vistos entre os *Estrato-Essências* 148 a 160, porem destaca-se o *Estrato-Essência* 159 e 160. Conforme Silva (2020. p. 39), lida como a democratização:

> A CI, ao procurar saber como as pessoas buscam, usam e se relacionam com as informações, conecta-se à tecnologia mantendo o foco no comportamento informacional das pessoas. "O comportamento informacional humano refere-se a uma ampla gama de processos que as pessoas empregam quando se envolvem com informações e com estados e efeitos cognitivos e sociais relacionados" (SARACEVIC, 2009, p. 2577). A exclusão da mulher do conhecimento na criação (ciência) e mediação (tecnologia) informacional impacta os fluxos informacionais, e as suas estruturas de comportamento informacional e cognitivo, indo na contramão da **responsabilidade social** da CI e da sua função social de democratização do conhecimento (Silva, 2020. p. 39).

Assim, quando Silva (2020, p. 39), destaca a democratização, com foco o conhecimento, por consequência destaca-se a cognição e o comportamento informacional como pontos da Responsabilidade Social como função social. E ao focar a função social, Alves (2021, p. 75) corrobora com o pensamento de Silva (2020. p. 39), pois:

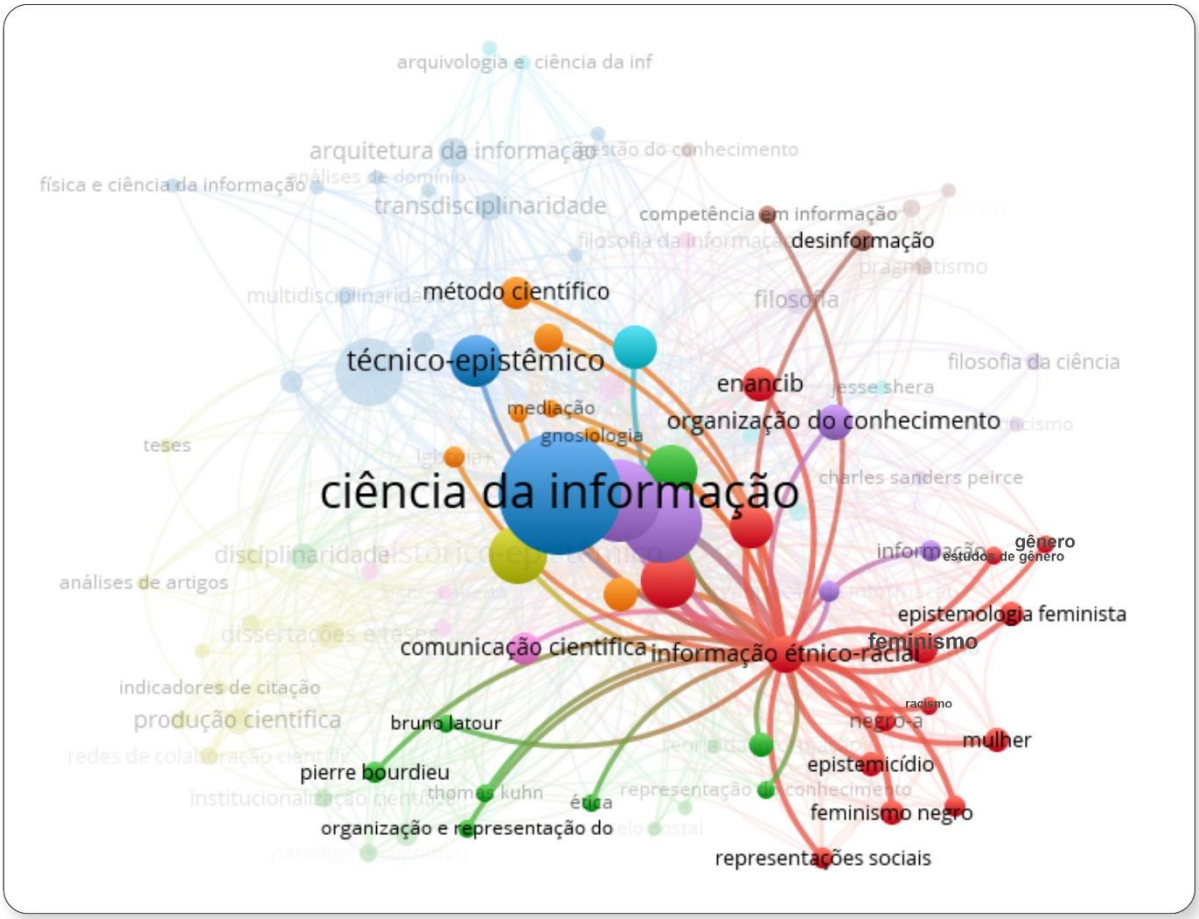
> No que tange a **responsabilidade social** da Ciência da Informação, corroboramos com Alba Silva e Mirian Aquino (2011) que consideram que área enquanto ciência social não pode ficar alheia aos interesses dos grupos sociais, especialmente, da população negra. Diante disso, evidencia-se a importância da disseminação de informações étnico-raciais nas produções científicas (Alves, 2021, p. 75).

Ainda A partir dos *Estrato-Essências* do Apêndice F que aborda a Responsabilidade Social como micro-categoria do Avanço Social, infere-se que seu lugar vai além das dimensões clássicas: ambiental, social e econômica, ou seja, ela é derivada de forma teórica e prática, é um vetor de reflexão sobre o fazer da própria ciência da informação. Ela é um campo importante

para a Ciência da Informação ao mesmo tempo que afirma o compromisso social-política da Ciência da Informação com a sociedade, esse compromisso e contribuição tem a informação como link. Para efetivação da contribuição através da informação, os estudos da Responsabilidade Social focam a humanidade como cerne das discussões, um novo humanismo baseado na produção e disseminação da informação para equalizar as ações dos sujeitos no alcance de resultados positivos independente em que lugar caótico esse sujeito está inserido. E nesta lógica que, a Responsabilidade Social da informação é uma derivação, um meta-objeto que serve como estratégia para compreender as condições social-política informacional (Silva, 2020).

Além dos estudos sobre a Responsabilidade Social, percebe-se que o Avanço Social tem como micro-categoria fundante a ‘informação étnico-racial’, com estudos que focam a população negra com ênfase na mulher negra. Assim, nela agregam-se os construtos ‘Representações sociais’, ‘feminismo negro’, ‘epistemologia feminista’, ‘mulher negra’, ‘racismo’ e ‘negro(a)’, como visualiza o Grafo 7.

Grafo 7 - Micro rede vermelha - informação étnico-racial.



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O conceito de informação étnico-racial elaborado por de Henry Pôncio Cruz de Oliveira e Mirian de Albuquerque de Aquino rompe a hegemonia na Ciência da Informação que não considerava ‘a militância’ e temáticas relacionadas como meta-objetos de estudos na na área. Até então a visão hegemônica dos cientistas da informação, a maioria seniores através do fluxo sinérgico do sujeito moral, que compreendia os estudos da ‘Representações sociais’, ‘feminismo negro’, ‘epistemologia feminista’, ‘racismo’ e sujeitos ‘negro(a)’ como impurezas, e muitos vezes deslocadas, urgindo a necessidade direcioná-las para outras ciências como Sociologia, Psicologia, História.

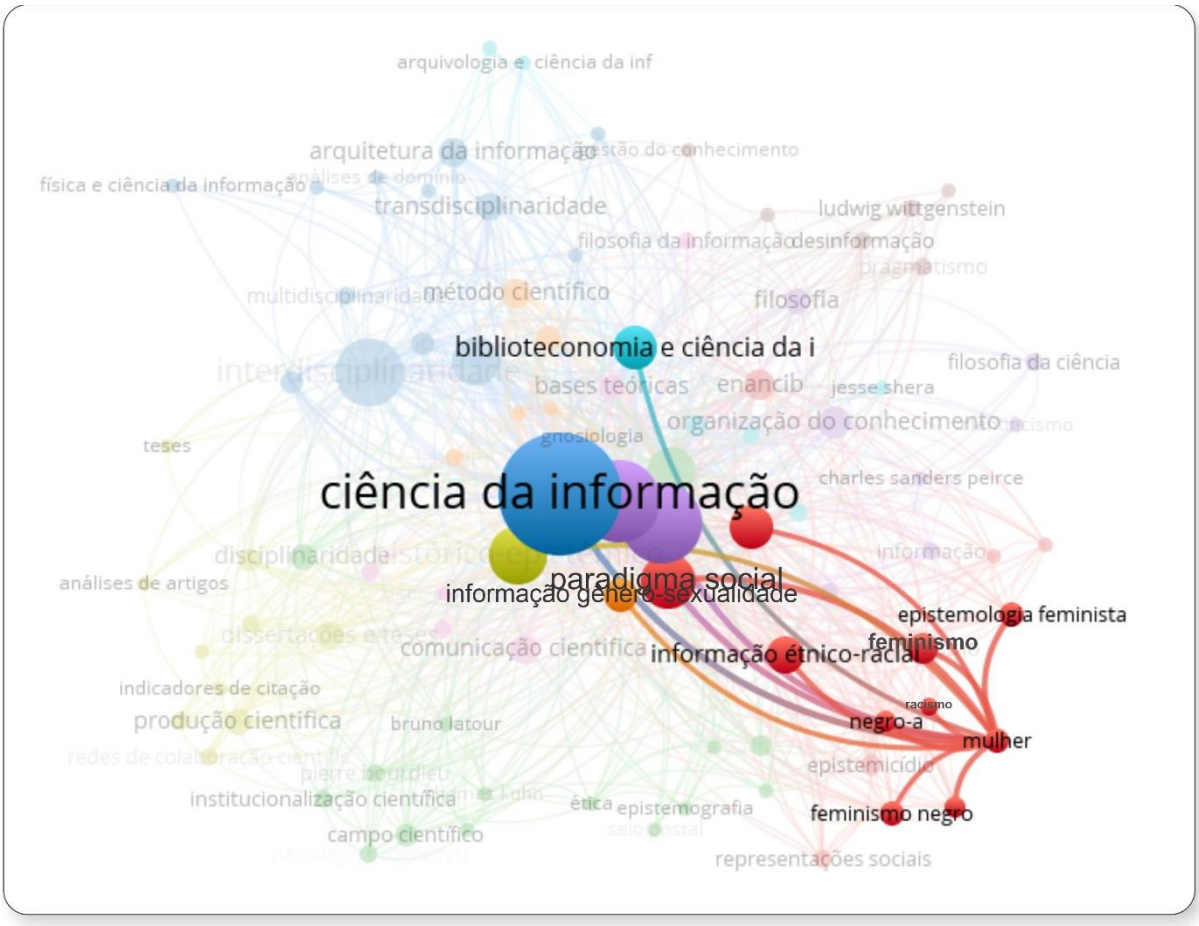
Quando Henry Pôncio Cruz de Oliveira e Mirian de Albuquerque de Aquino (2012) define o conceito de informação étnico-racial, os dois pesquisadores visualizam o sujeito humano, independentemente de qualquer etnia-raça invisibilizada nas confrarias acadêmicas, em especial, na Ciência da Informação. Eles demarcam um lugar de fala e/ou lugar de fala, e por consequência demarcam na Ciência da Informação os primeiros passos das Epistemologias do Sul, pois os lugares de fala visibilizaram o conhecimento produzido por corpos e subjetividade específicas, estes inseridos nas lutas sociais e colide com a opressão do capitalismo, do colonialismo e o patriarcado instaurados na modernidade, três vetores que promovem manutenção do status quo na Ciência da Informação.

O Avanço Social através da Informação Étnico-Racial conforme o Apêndice F podem ser vistos entre os Estrato-Essências 161 a 178. Silva (2020, p. 177-178) aponta o Avanço Social em termos quantitativos da produção da Informação Étnico-Racial.

> Na sua vasta produção bibliográfica, com 70 artigos publicados em periódicos, destacamos as produções sobre a produção científica sobre e **por autores e autoras negras e negros**, que representam uma quantidade significativa da sua produção no campo. Dentre elas destacamos: “A construção da identidade profissional de **mulheres negras** na carreira acadêmica de ensino superior” (2015); “A **inclusão étnico-racial na era da informação**” (2013); “Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural” (2010) e “A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo” (2007), essas individuais. Algumas em colaboração com suas orientandas e orientandos, ressaltamos: “Imagens de exclusão de negros/as em produção de conhecimento em universidades públicas” (2014) com Jobson Francisco da Silva Júnior e Ronhely Pereira Severo; “Práticas de organização e representação da **informação étnico-racial** em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negro” (2014) com Vanessa Alves Santana; “Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba” (2014) com Leyde Klebia Rodrigues da Silva; “**O conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação**” (2012) com Henry Pôncio Cruz de Oliveira; “A (in)visibilidade de negros(as) na produção de conhecimento em programas de pós-graduação da UFPB” (2011) com Alba Lígia Almeida Silva e “A informação que circula sobre a política de cotas no ensino superior” (2010) com Izabel França de Lima (Silva, 2020, p. 177-178).

Os *Estrato-Essênciais* que abordam a informação étnico-racial ainda revelam que o novo humanismo proposto pela Responsabilidade Social foca os recursos informacionais que compõe os aspetos culturais, identitários, individuais e coletivas, as lutas e o lugar da população negra na sociedade e na Ciência da Informação. Isso significa afirmar que a informação étnico-racial como mecanismo tem o potencial de modificar ações internas e externas, e como meta-objeto de estudo na Ciência da Informação as discussões se estende aos aspectos cotidianos e científicos. E nesta lógica a informação étnico-racial emergem como vetor epistémico, pois ela tem o potencial de fazer com que os pesquisadores reflitam as problemáticas sociais e como elas são situadas no contexto científico pelo pensamento colonial operante. Quanto a população originária, os estudos ainda são incipientes, a professora Eliane Bezerra Paiva (2013) é apontada como um dos poucos estudiosos, e essa parcela é apenas citada, mas nunca derivada ou/e aprofundaras. Porém, essa indicação dos estudos acerca da população originária comprova a inclinação social-política da Ciência da Informação para a sociedade.

Grafo 8 - Micro rede vermelha – mulher



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Os estudos sobre a ‘Mulher’, especialmente, sobre as mulheres cis, também avançaram no paradigma social, e na Ciência da Informação eles são ancorados sobretudo por duas facetas, o marcador negritude (informação étnico-racial) e marcador LGBTQIA+ (informação gênero-sexualidade), como evidência o Grafo 8.

Assim, estes estudos focam a ‘Mulher’ como sujeito de pesquisa e perquisidoras e seus enfrentamentos no âmbito da ciência, ou seja, as diferenças nas relações com seus pares e gestores que as fazem vítimas de preconceitos e discriminações promovendo obstáculos na carreira que intercala seu cotidiano docente e de pesquisa (Silva, 2020). Para Passos (2019) esses estudos reconhecem a hegemonia, e além dos marcadores negritude e LGBTQIA+, essa hegemonia é também estruturada pelas problemáticas de gênero e classe que fazem da mulher cis e de seu corpo invisível.

Quanto a micro-categoria Mulher conforme o Apêndice F pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 179 a 184, embora, destaca-se o *Estrato-Essência* 182.

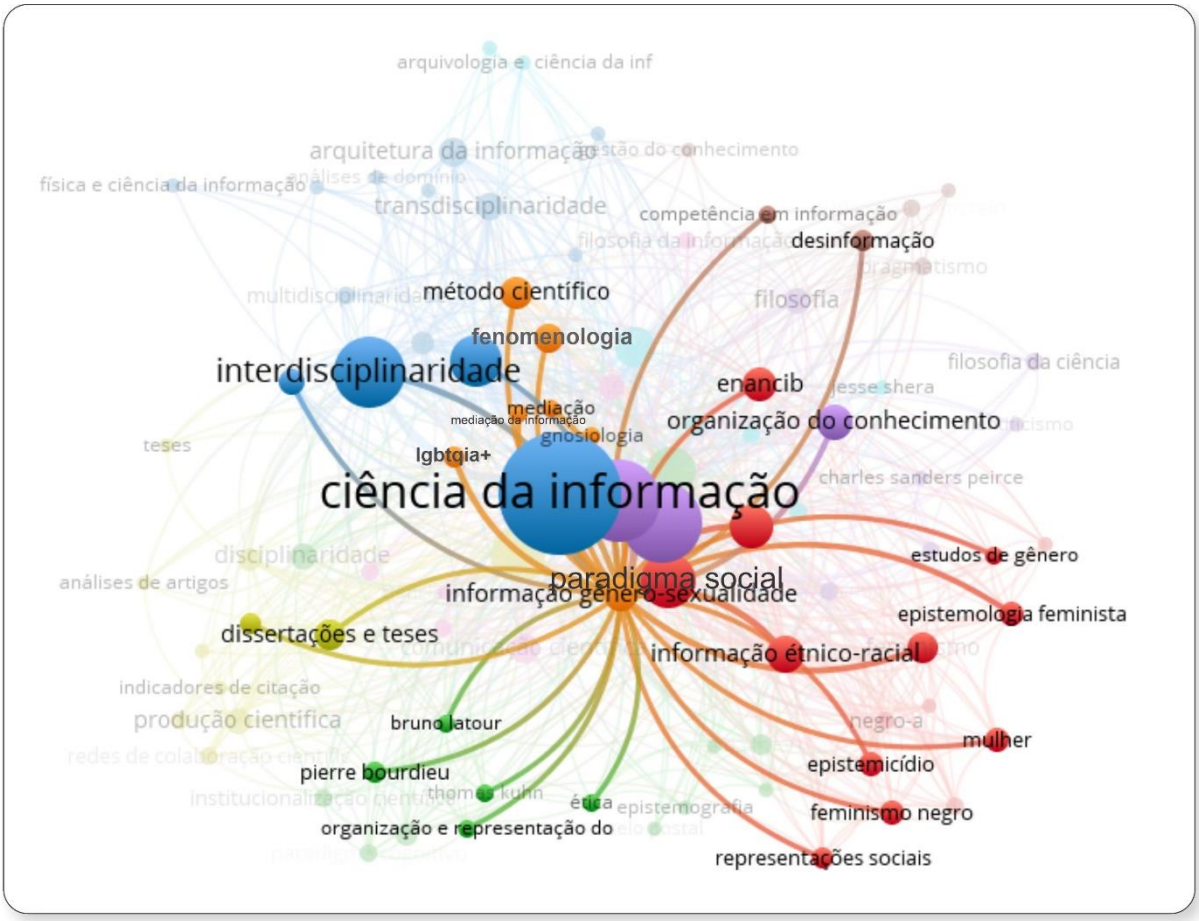
> **Feminismo radical**: Ganha relevância nos anos 1970 e considera que, para libertar as mulheres, é necessário derrotar o patriarcado. Isso só seria possível se as mulheres adquirissem o controle sobre a reprodução (PISCITELLI, 2002). O termo “radical” não remete ao extremismo, mas sim ao fato de que as fundadoras dessa vertente acreditaram ter encontrado a “raíz” da dominação masculina, que seria o patriarcado2. p. 18. **Feminismo negro**: A mulher negra sofre dupla opressão (por ser mulher e negra). Assim como o transfeminismo (abaixo), o feminismo surge da ideia de que a mulher negra não é representada pelos outros feminismos, produzindo um debate mais profundo sobre raça e gênero. Inclui pautas como o genocídio da juventude negra, intolerância religiosa e a não valorização das religiões de matriz africana.**Transfeminismo**: Voltado especialmente às questões de transgeneridade, o transfeminismo surge do feminismo negro, visto que as mulheres trans não se sentem contempladas pelos outros feminismos, trazendo como um de seus conceitos centrais a interseccionalidade. **Feminismo interseccional (pós-moderno)**: Procuram conciliar as demandas de gênero com as de outras minorias, como classe social, orientação sexual, raça, deficiência física. Esse é o feminismo que mais aceita a participação dos homens no movimento, contrariando as feministas radicais, que consideram os homens opressores por natureza. São exemplos de feminismo interseccional os já citados **transfeminismo**, feminismo negro e também o eminismo **lésbico** (Matos, 2018, p. 18-20).

Assim, conforme Matos (2018), pode-se afirmar que o Avanço Social é descortinado do machismo. As análises do *Estrato-Essência* 182, como também do conjunto deles que compõe a micro-categoria ‘mulher’ é atravessada por questões de gênero e raça-etnia, isso corre porque as discussões têm as pesquisidoras mulheres cis e negras que compõe o lugar de fala. Ainda que de forma sutil, destaca também a mulher no foco da dimensão de gênero-sexualidade que se refere as mulheres trans, embora isso problemáticas, mas o que é mais importante há na ciência da informação há uma discussão que caminha para feminismos plurais. Assim, destaca

as mulheres nos espaços de trabalhos ampliados pelas TIC, e o avanço, e ocupação embora o preconceito e a discriminação emergem como espectros operantes.

Como macro-cateogoria de análise do Avanço Social destaca-se a Informação Gênero-Sexualidade que compõe o Grafo 9 - Micro rede laranja. Para Santana, Melo e Silva, (2020), a informação gênero-sexualidade versa nos conteúdos informacionais, comunicacionais e científicos produzidos e disseminados pelas redes LGBTQIA+ e que tem a potencialidade de orientar e/ou gerenciar as demandas dos corpos e psiques LGBTQIA+.

Grafo 9 - Micro rede laranja - Informação gênero-sexualidade



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

A Informação Gênero-Sexualidade não nega o uso da sigla LGBTQIA+ (Grafo 9), como suas antecessoras, e muito menos as que serão criadas a partir das lutas políticas no epicentro da comunidade LGBTQIA+. É um termo e conceito estratégico que minimiza o teor ambíguo, polissêmico e fluido da sigla LGBTQIA+ no âmbito da organização, representação, disseminação e recuperação da informação acerca desta comunidade, com mais eficiência e eficácia.

A Informação Gênero-Sexualidade não se refere ao conceito de ‘gênero’, pois o conceito de ‘gênero’ também abarca os corpos e *psiquês* que não são LGBTQIA+, ele relaciona a relação de poder entre homens e mulheres cis quanto ao genital, enquanto o ‘gênero’ como dimensão da Informação Gênero-Sexualidade tem a relação de poder entre homens e mulheres LGBTQIA+ cis e/ou trans quanto a performance sexual. Neste sentido, a Informação Gênero-Sexualidade apenas visualiza os corpos e *psiquês* LGBTQIA+ no conflito da incongruência entre gênero e sexualidade que não necessariamente facetas de um mesmo corpos e *psiquês* LGBTQIA+, como se figura a congruência que cristaliza a sexualidade e gênero dos corpos heterossexuais. Assim, a dimensão ‘gênero’ e ‘sexualidade’ se intersecciona informacionalmente com as dimensões étnico-racial e classe econômica, ou seja, há forças intervenientes em que uma reflete diretamente sobre a outra.

Quanto a micro-categoria Informação Gênero-Sexualidade que endossa o Avanço Social, conforme o Apêndice F pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 185 a 193, embora destaca-se o *Estrato-Essência* 189.

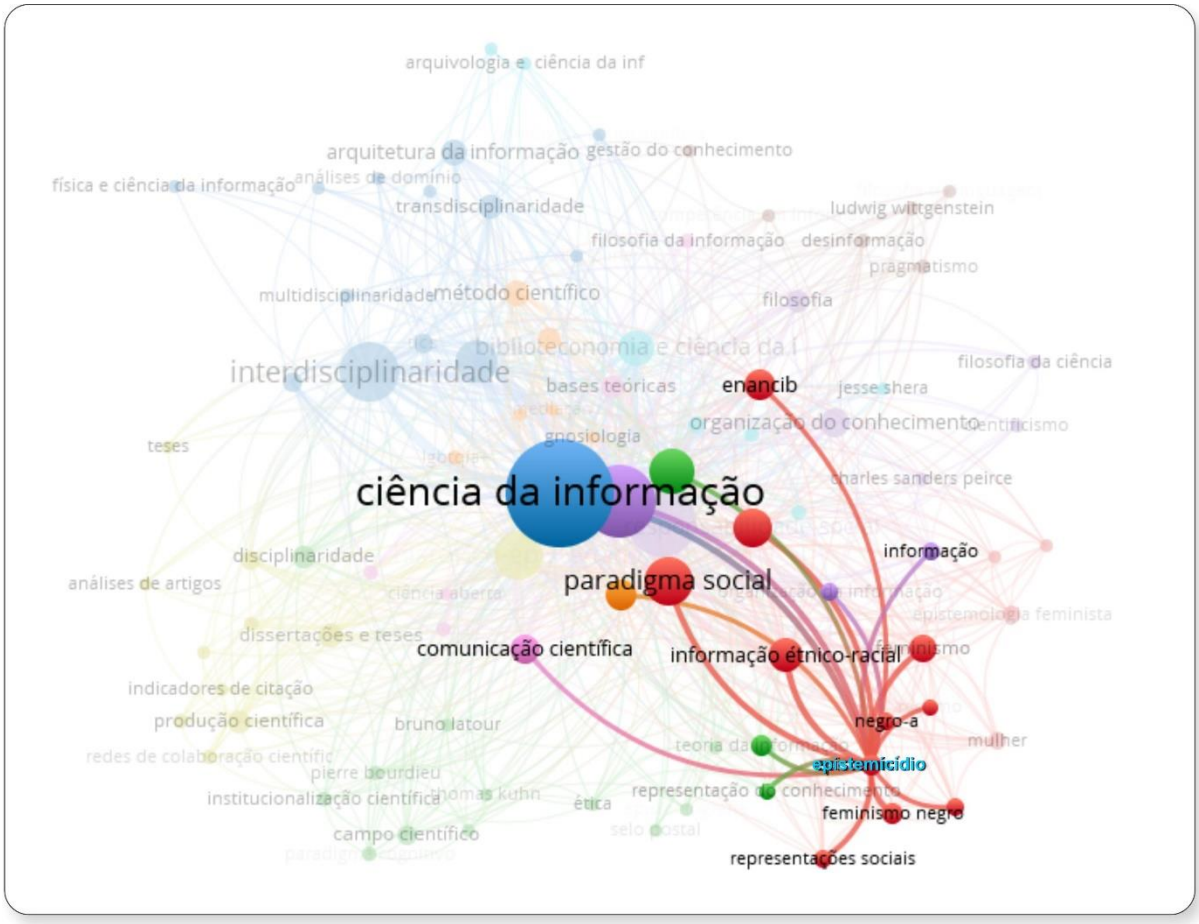
> [...] consideram que, apesar de variações por ano, a produção sobre questões raciais tem crescido na Ciência da Informação do Brasil juntamente com estudos sobre mulheres e **Lésbicas**, **Gays**, **Bissexuais**, **Transexuais, Queers, Interseccionais (LGBTQI+)**. Os autores situam essas pesquisas dentro do **paradigma social** da área, pois concebem a informação e os processos que a envolvem, bem como suas práticas sociais (Alves, 2021, p. 112).

Deste modo, para Alves (2021, p. 112), houve um avanço quantitativos na produção Informação Gênero-Sexualidade. As análises dos *Estrato-Essências* que compõe a micro-categoria informação gênero-sexualidade, como também da informação étnico-racial e mulher são atravessados pelo novo humanismo proposto em prática pela Responsabilidade Social, na medida que estas temáticas são inseridas na Ciência da Informação. Nas três micro-categorias, informação étnico-racial e mulher, elas estão relacionadas indiretamente em essência com o lugar de fala, uma vez em que essas comunidades produzem um conhecimento próprio.

Por sua vez, a micro-categoria informação gênero-sexualidade emergiu na efervescência das bases teórico-epistêmica do lugar de fala, pois essas bases são inseridas Ciência da Informação nos últimos cinco anos e tem caminhado para sua consolidação. Assim, na micro-categoria informação gênero-sexualidade essa base teórico-epistêmica tem sido adotada. Os estudos sobre a informação gênero-sexualidade mostram a preocupação dasclassificação e representação do conhecimento equivocados que sustenta o preconceito e a discriminação da comunidade LGBTQIA+, assim a inclusão no âmbito da Responsabilidade Social era inexistente na literatura brasileira da Ciência da Informação.

O Epistemicídio conforme o Grafo 10, se figura a morte do pensamento pelo sujeito moral que usa a estratégias do estrangulamento, invisibilização e negação das falas. É a forma que os grupos hegemônicos agem para manter científico os seus domínios, pois o contexto científico é um espaço de disputas políticas e relações de poder, assim o sujeito moral trabalha como o sujeito ético e sujeito empático.

Grafo 10 - Micro rede vermelha – epistemicídio



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

O Epistemicídio na Ciência da Informação emergiu com base a informação étnico-racial, é uma dimensão emergente na Ciência da informação, e como demostra o Grafo 10: ela está ligada a Responsabilidade Social.

No que versa a micro-categoria ‘Epistemicídio’ que defende o Avanço Social, conforme o Apêndice F pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 194 a 198. A micro-categoria ‘Epistemicídio’ emergiu a partir de dissertação ‘**A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento**: uma abordagem de representatividade social’ defendida em 2019, da autoria de Vanessa Jamile Santana dos Reis, e se intensificou

com a tese '**Feminismo negro e epistemologia social**: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação' em 2020 da autoria de Leyde Klebia Rodrigues Silva, e tomou contorno mais definidos com a dissertação '**A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB**, em 2021, da autoria de Felipe Arthur Cordeiro Alves. O **Epistemicídio** se figura um fator determinante para as próximas evoluções e consolidação do Avanço Social, pois é:

> [...] conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam a condição de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologia de saberes (Santos; Meneses, 2009, p. 07).

Assim, o foco no Epistemicídio é imperativo para focar os olhares no lugar de fala, Decolonidade, Epistemologias do Sul, três dimensões que se conectam, em que estas duas últimas ainda são tímidas nos estudos epistemológicos na Ciência da Informação. Para Alves (2021), a Ciência da Informação precisa ser descolonizada, e a abordagem das "epistemologias do sul" é estratégico para a construção de uma Ciência da Informação fora do eixo norte-americano e europeu.

O Paradigma Social tem a Responsabilidade Social como ponto crucial, desde foi que apontada por Wersig e Neveling (1975), resgatada por Saracevic (1996) e Freire (2001), revigorada por Garcia, Targino e Dantas (2012, p. 20), e, sobretudo redimensionada epsitemolgicamente por Targino, Santana, Garcia e Souza (2019) por meio, de entre outros, do sujeito ético, sujeito empático e sujeito informacional quanto à discriminação e o preconceito.

O Paradigma Social se demarca ainda mais pela fenômenotécnica que inclui os estudos do Epistemicídio como meta-objeto que promovem uma atualização, assim no fluxo composto da Responsabilidade Social ao Epistemicídio o Avanço Social é consequência, sustentada por alguns pontos-epistémicos que se entrelaçaram, implicando assim em uma nova reconfiguração do Paradigma Social da Ciência da Informação, especialmente, no Brasil. Esses pontos são: a visualização de meta-objetos, os marcadores sociais da diferença, loci epistêmico, os lugares epistêmicos, os nomes dos autores, as comunidades epistêmicas e redes epistêmicas. Esses pontos descortinam a Ciência da Informação que tem nas suas bases, o preconceito e a discriminação.

A visualização dos meta-objetos de estudos, que se compreende nesta pesquisa como qualquer fenômeno que exerce forças e efeitos sobre a informação, que ajudam compreender os aspectos de sua gênese, natureza e de suas propriedades (Le coadic, 1996). Assim, um meta-

objetos pode ser reconfigurado com termo e conceito, como, por exemplo, a “Epistemologia social feminista negra” em que destaca Silva (2020), e ao evidenciar esse termo e conceito, evidencia-se por consequência os marcadores sociais da diferença na construção entre o *loci* epistêmico e os lugares epistêmicos. O campo dos marcadores sociais da diferença é relativamente recente na Ciência da Informação, e tem como agente de promoção a professora Gisele Rocha Côrtes.

Os marcadores sociais da diferença emergem como vetores potencializadores para uma representação social do conhecimento, com aspecto de contribuir para o fortalecimento da agenda sociopolítica epistêmica da Ciência da Informação. Assim, tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre os sujeitos que são negros, originários, mulheres e LGBTQIA+, assim tornando visíveis as formas como são agregadas as estratégias de violências simbólicas a partir das relações de poder. E como antidoto epistêmico eles reveladores dos fluxos de poder e contra poder, de luta hegemônica e contra hegemônica, entre incluídos e excluídos, na própria Ciência da Informação (Gaudêncio; Albuquerque; Côrtes, 2018).

O *loci* epistêmico se refere aos contextos geográficos e sociais, abordagem que procura deslocar o conceito em uma dinâmica discursiva que descortina suas ações como fruto de um dado coletivo social e nos leva ao plano da relação que avança no espaço e tempo, e com isso visualiza os ambientes de formação, de sedimentação, de dispersão, apropriação e os modos (locais) de constituição do conceito, o onde-como-quando se constitui a elaboração conceitual (Almeida, 2019).

Diferente do *loci* epistêmico, os lugares epistêmicos se referem ao lado de dentro, e não significa excluir e/ou calar outras vozes existentes, pois na Ciência da Informação há acordos das vozes, como, por exemplo, entre sujeitos LGBTQIA+ e não LGBTQIA+, o que se figura um avanço na produção o conhecimento de forma democrática. Na Ciência da Informação os lugares epistêmicos demarca o novo espírito científico, pois eles têm o potencial de promover a reconfiguração político-cognitivo dos pesquisadores e/ou teóricos sênior, uma vez que, na prática, eles têm o objetivo de desconstruir o olhar hegemônico que não consideram ‘a militância’ e temáticas relacionadas a ela como meta-objetos de estudos na Ciência da Informação, ao mesmo tempo que essa visão hegemônico comparam como impurezas e as direcionam para outras ciência como sociologia, psicologia, história entre outras.

Os lugares epistêmicos estão fincados na dimensão de sujeito do discurso, aquele que se mobiliza comunicação por referências inter-subjetivas, em que as sensações, percepções, simbolizações e representações individuais e grupais são creditadas na produção científica.

Nesta pesquisa, os lugares epistêmicos são, o lugar de fala, o lugar de subalternidade, lugar de sensibilidade, lugar de oportunidade, lugar de privilégio, lugar de oportunismo, em que eles são movidos pelos sujeitos epistêmicos da Responsabilidade Social.

O lugar de fala é um marco epistêmico, pois ele romper com o estrangulamento, a invisibilização e negação das falas de quem foram subalternizadas, assim romper a hierarquia cientifica (Ribeiro, 2017, p. 90), e faz com que os pesquisadores pensam em lugares em que nunca estiveram e, ao mesmo tempo, os lugares que sempre estiveram. Ele se fundamenta nos argumentos de Spivak (2010), assim intimamente está ligado ao Lugar de subalternidade, que se figura aquele sujeito com fala negada para reivindicar seus direitos, luta pela igualdade, evocar sua memória, fortalecer identidade.

O lugar de subalternidade opera pelo sujeito tácito que o impedido de falar, e que o sujeito tácito foi enredado pelo imperialismo e colonialismo que incentivaram a violência epistêmica, assim a priori ele não está inserido na dimensão de sujeito do discurso, visto que ele é impedido de falar, pois os grupos dominadores se encarregam de fazer manutenção deste lugar (Spivak, 2010), e quando tal fato se rompe, se efetiva o lugar de fala, pois algo foi comunicado. Para Sampaio e Lima (2018), o lugar de fala versa no processo de estrangulamento, a invisibilização e negação das memórias, identidade daquele e daquela que é considerado subalterno na Sociedade da.

Na ciência pós-moderna o lugar de fala é uma reparação epistêmica, é um dos antídotos do Epistemicídio em que corpos e inter-subjetividades específicas foram afogados e/ou estrangulados, pois, o Epistemicídio definido por Santos (1998, p. 208, tradução nossa) como:

> [...] processo político-cultural através do qual conhecimento produzido por grupos é morto ou destruído subordinados sociais, como forma de manter ou aprofundar essa subordinação. Historicamente, o genocídio foi frequentemente associado ao epistemicídio. Por exemplo, no epistemicídio da expansão europeia (destruição de conhecimento indígena) foi necessário para 'justificar' a genocídio de que os indígenas foram vítimas.

Ou seja, o Epistemicídio sempre valorizou o ponto de vista universal, inviabilizou as vivências, experiências e silenciou as vozes invidiais de grupos específicos, e esse era um movimento da ciência de formal geral, no âmbito do Brasil essa inclinação é dimensionada. O lugar de fala, que de acordo com Ribeiro (2017), se figura um local social, não se limitando especificamente às falas dos sujeitos que compõem os chamados grupos subrepresentados, mas também considerando as localizações sociais que estas determinadas comunidades, grupos sociais ocupam, para que se possa compreender de que forma tais localizações limitam as oportunidades de quem se encontra nelas. A argumentação do termo e conceito que apenas os

sujeitos que sofrem determinado preconceito e discriminação podem falas sobre as sensações, percepções, simbolizações e representações, e como estas as estruturas afetam a qualidade de vida, sendo, neste sentido, o oprimido protagonista legítimo de suas lutas.

Como dito antes, o lugar de fala não cala outras vozes existentes na Ciência da Informação, a exemplo o lugar de sensibilidade e/ou escuta, de oportunidade e de privilégio. A lugar de fala é movido pelo sujeito empático e sujeito ético, e como indica Djamila Ribeiro é o lugar dos aliados, isso quando um pesquisador não negro se põe no lugar do sujeito negro através de experiências e vivências, da dororidade e/ou sororidade. Assim há um esforço do pesquisador para promoção de oportunidades de outras parcelas da sociedade. Isso somente ocorre quando esse pesquisador reconhecer seu lugar de privilégio como ser um pesquisador branco e com outros marcadores sociais do privilegio (Santana; Melo, Silva; 2020; Aquino, 2012).

O lugar de privilégio na Ciência da Informação emerge por duas possibilidades, quando um pesquisador branco acha que sujeitos negros e povos originários têm as mesmas oportunidades, inclusive informacionais, e concluem irrelevante as pesquisas que tratam da informação entico-racial, e/ou quando o pesquisador branco sabe que não sofre repressão, opressão, violência, assédio, falta de oportunidade por sua branquitude. Mas especialmente quando o pesquisador branco tem consciência das desigualdades étnico-raciais, como de outras como sociais, econômicas, sexual e de gênero (Aquino, 2012).

Em parceria como o lugar de sensibilidade e/ou escuta há lugar de oportunidade**,** esse é movido pelo sujeito informacional, uma vez que o pesquisar em Ciência da Informação procuram aprender, entender e localizar no entorno da informação os atravessamentos dos aspectos da culturais, memoriais e as identidades múltiplas e suas complexidades para descontruir os aspectos reducionistas e estigmas construídos a partir da relação branco, homem, cisgênero, heterossexual, crista e afins. Neste lugar surge o sujeito informacional emerge pelo estado anômalo do conhecimento, que corresponde a necessidade o pesquisador de rever o que fora aprendido sobre seus costumes, hábitos, ideias e filosofia científicos. O lugar de oportunidade pode ocorrer quando é oferecido ao pesquisador um discurso e/ou produção de uma pesquisa, assim visualizado um grupo em que ele não tem pertença, mas ele observar como constrói esses conhecimentos.

Porém, é preciso estar atento entre os pesquisadores sem lugar de fala no processo de produção científica, assim se destaca o lugar de oportunismo, pesquisador que objetivo obscuro de tirar proveitos, sendo ele movido pelo sujeito moral e responsável. Esse fato fica muito

evidente na dissonância entre as teorias, falas e as práticas do pesquisador, os hábitos e costumes coloniais que emergem por atos alhos.

O fenômeno *Pink Money* é um bom exemplo para ilustra o lugar de oportunismo, é fenômeno que liga a comunidade LGBTQIA+ e não LGBTQIA+ pelos aspectos da comercialização, principalmente o poder de compra e influência da comunidade LGBTQIA+, fatores que estimulam o olhar externo tanto de políticos como também dos artistas que não são LGBTQIA+, mas, que busca neste domínio econômico e influente o lucro. (ALVES, 2019). Quando se destacam estes sujeitos e suas intenções, por consequência significa destaca que ele se elas não estão no lugar de sensibilidade e nem no lugar de oportunidade, pois os objetivos destes sujeitos é tirar proveitos econômicos e de influência.

No ponto nomes dos autores, se figura fundamental que demarca as identidades, os lugares epistêmicos, as redes epistêmicas. O ponto nomes dos autores que ajuda a diluir a hegemonia e humaniza mais ainda a Ciência da Informação, mas sobretudo, demarca a democratização dos gêneros na ciência a informação como condição básica, que por sua vez embasam tanto as comunidades epistêmicas quanto as redes epistêmicas. Para Haas (1992), as comunidades epistêmicas, são definidas como uma rede de profissionais e estudiosos, os sujeitos, com expertise e competências sob um determinado domínio, com autoridade e conhecimento relevante em políticas dentro desse domínio.

As comunidades epistêmicas que se refere à rede de especialistas em determinadas temáticas, que se exprimem a invisibilidade por produções em periódicos, eventos, ocupação de departamentos de universidades e outros espaços, onde pesquisadores se reúnem para trabalhar sobre problemas intelectuais e suas possíveis soluções (Gomes *et al*. 2018). Enquanto as redes epistêmicas além de agregara esses sujeitos que são os autores e co-autorias, inclui ainda eventos, instituições, as temáticas, e outras estratégias desenvolvidas e visíveis.

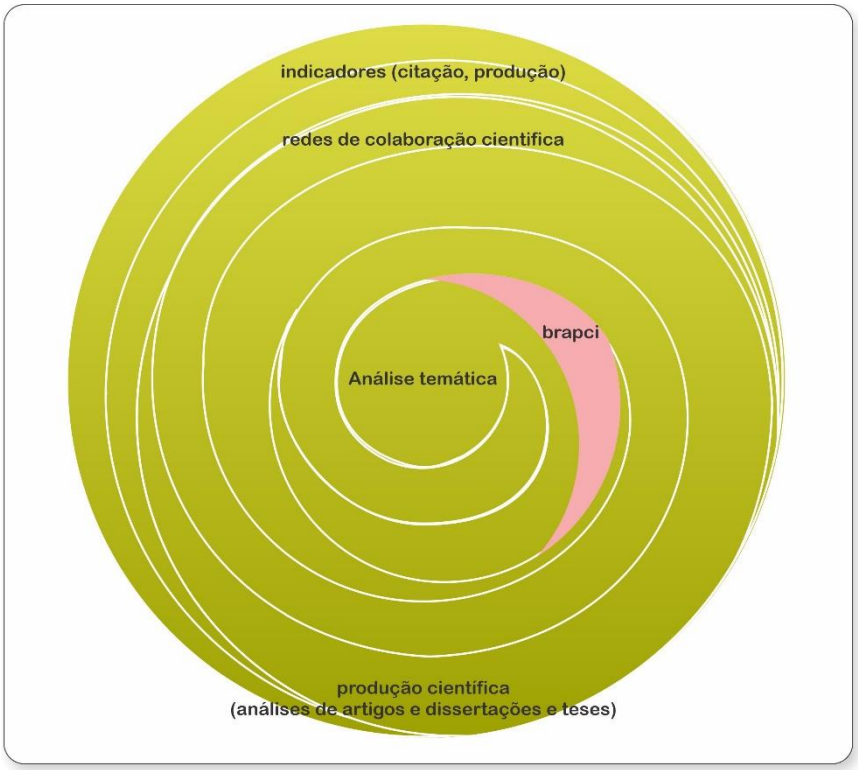
Evidenciar o Avanço Social é um movimento dos epistemólogos inquietos e desconfiados sobre o que é negado como conhecimento científico na Ciência da Informação. Assim, ele é o resultado inverso dos cientistas apegados e apaixonados as grandes narrativas, mas isso não necessariamente é um problema, as bases primeiras sempre são pontos de retornos, porém deve visualizar a voltar dessas bases para ver os fenômenos incomuns, o ‘exótico‘ transformado em ‘familiar’, pois as experiências ‘excêntricas’, são as que vão contar as nossas expectativas quotidianas em curso, especialmente nas relações sociais entre pares sujeito e sujeito (social), sujeito e tecnologia(físico), sujeito e informação(cognitivo). O Avanço Social é o descortinamento do preconceito e da discriminação da fenômenotécnica Ciência da Informação. Vale salientar que os cientistas apegados as grandes narrativas não

necessariamente são um problema, as bases primeiras sempre são pontos de retornos, porém deve visualizar a voltar dessas bases para ver os fenômenos incomuns, como o exótico para transformado em familiar.

10. 3 O avanço poli-fenômenotécnico

O Avanço Poli-Fenômenotécnico Figura 28, não se refere a promoção de métodos, metodologias e controle nas suas dimensões mais puras, mas emerge como um cuidado genuíno do fazer poli e meta-epistemológico na Ciência da Informação baseado nas transformações sociais, culturais e tecnológica, tanto para o seu avanço enquanto ciência quanto para a melhoria da sociedade em termos de produção, representação, organização e disseminação informação, e a Responsabilidade Social quanto aos excedentes dentro da própria ciência como para a sociedade civil.

Figura 28 - Avanço Poli-Fenômenotécnico.



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Assim, para compreender esse fazer e excedentes, é preciso evidenciar a relação causalidades e efeitos, um exercício importante no fazer científico, pois ela revela o lugar dos excedentes científicos, ou seja, a gerência sobre eles.

Um fenômeno pode emergir de um evento A, esse evento B é a consequência, é ao mesmo o esperado do evento A. Porém, o evento A também pode produzir excedente, o evento C, aquele que não é esperado, não visto e/ou ignorado. Esse trabalho, é, especialmente, uma reflexão *Lato* sobre a fenômenotécnica e tecnofenômenos da Ciência da Informação, uma análise sobre do fazer (A) e dos resultados (B) de pesquisas desejados e os excedentes (C), sendo esses excedentes positivos e negativos. O avanço Poli-Fenômenotécnico é uma reflexão *stricto* da fenômenotécnica da Ciência da Informação, em que essa reflexão objetiva entender as ações e/ou práticas no processo de apropriação e condição destes excedentes e seus impactos para a própria Ciência da Informação e para a divisão social. Essa preocupação quanto a causalidades e efeitos foi refletida Capurro (2003), especialmente quanto a epistemoprática:

> É claro que a rede digital provocou uma revolução não apenas mediática mas também epistêmica com relação à sociedade dos meios de comunicação de massa do século XX. Mas é claro também que essa estrutura, que permite não só a distribuição hierárquica, ou *one-to-many*, das mensagens, mas também um modelo interativo que vai além das tecnologias de intercâmbio de mensagens meramente individual, como otelefone, **cria novos problemas sociais, econômicos, técnicos, culturais e políticos, os quais mal começamosa enfrentar teórica e práticamente**. Esse é, ao meu ver, o grande desafio epistemológico e epistemoprático quea tecnologia moderna apresenta a uma ciência da informação que aspira a tomar consciência, sempre parcial, de seus pressupostos.

Para compreender a relação entre causalidades, efeitos e excedentes e os novos problemas, mencionado por Capurro (2003), sejam estes excedentes positivos e negativos, é pertinente fazer um movimento epistemológico e epistemoprático sobre o fazer humano de forma geral como refletida Capurro (2003), para além do resultado na forma de átomos, ou seja, da maternidade sentida, percebida, simbolizada e representada.

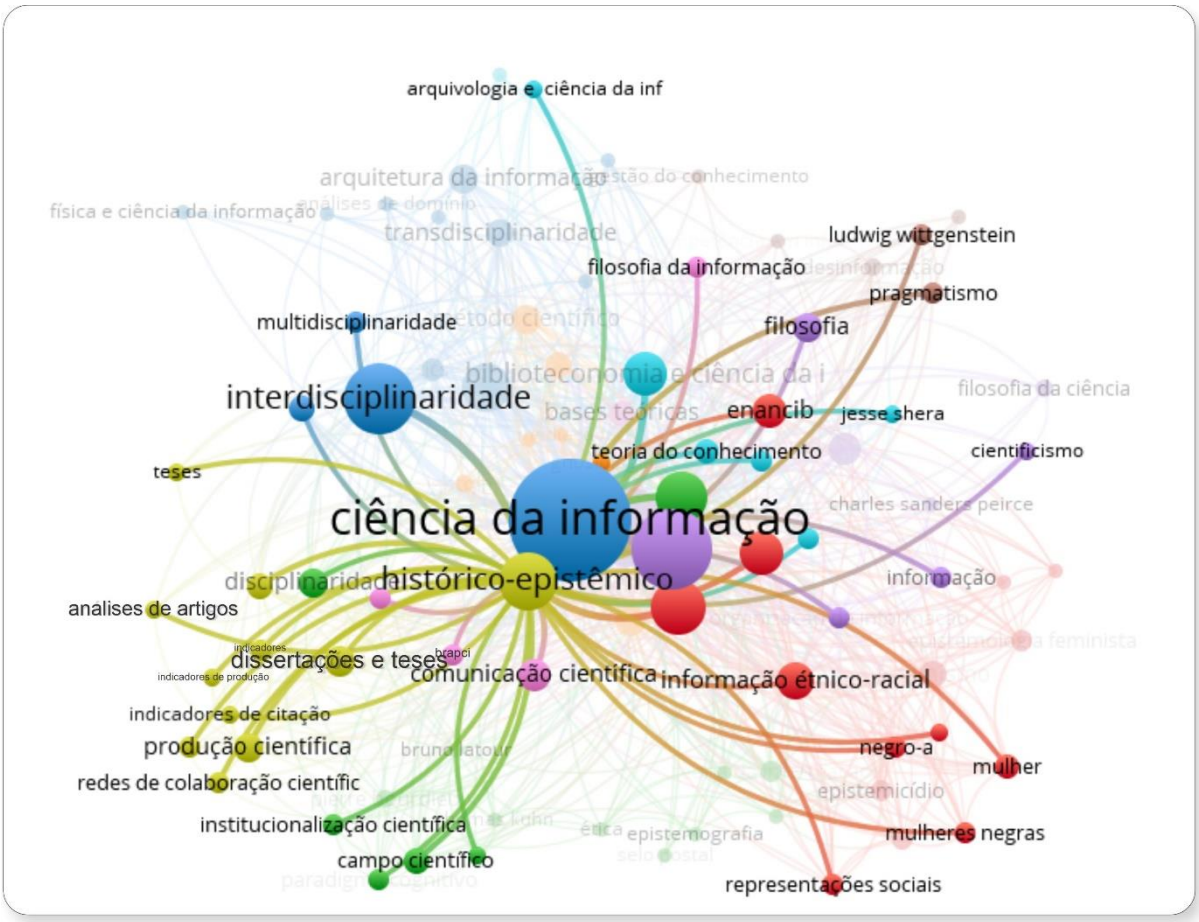
O fazer humano é em essência um ato para si, voltado para suas dimensões corporais e mentais, muitas vezes básica, assim como objetivo de adequar, melhorar e compreender a vida em todos os sentidos. Superar a maternidade é entender que o fazer humano são construções que se estruturam como redes de fenômenos intangíveis que se formam e se convergem, transformando o cotidiano humano em um fenômeno complexo e ao mesmo sem controle, porem possível de minimizar e ter uma cera gerencia. Por exemplo, o naufrágio é excedente da invenção da canoa, o acidente automobilístico e o aéreo são excedentes respectivamente da invenção de máquinas como o automóvel e avião. Até mesmo a Penicilina ‘uma invenção’ que mudou o mundo é excedente, pois em 1928, o médico e microbiologista escocês, Alexandre

Fleming, encontrou mofo crescendo em uma placa de Petri de bactérias estafilococos, e assim percebeu que as bactérias próximas ao mofo estavam todas mortas, o que o levou o médico a compreender que um produto químico específico do mofo poderia se proteger contra infecções bacterianas (Pereira; Pita, 2005).

Assim, ainda refletindo de forma prosaica sob estes fazeres e excedentes, essa reflexão nos leva a pensar e compreender o avanço Poli-Fenômenotécnico (Grafo 11) de uma ciência, especialmente, em tempos de cólera, como no caso da Pandemia, um acontecimento que mudou o mundo acelerou as mudanças já em curso, em que o negaciosismo científico está em alta, e que serviu como mecanismo para reavaliar a ciência, especialmente no Brasil, especialmente na comunicação dos resultados e produtos, pois:

> A comunicação sobre a pandemia da COVID-19 amplia a crise político-econômica do Brasil, na medida em que desencadeia disputas discursivas entre ciência, governo e imprensa causando incertezas e insegurança sobre prevenção, proteção e procedimentos adequados. O tema toma conta dos noticiários, mídias e redes que, ininterruptamente, oferecem dados, opiniões e conselhos, de fácil acesso aos cidadãos. A competição sobre qual é a verdade vem sendo acirrada proporcionalmente à ampliação da polarização político-discursiva (Baumgarten; Weber, 2021, p. 15).

Grafo 11 - Micro rede verde claro – avanço poli-fenômenotécnico



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Essas reflexões sobre os fazeres científicos e que tem como vetor o 'negacionismo' servem especialmente para compreender o fazer da Ciência da Informação e seu lugar no Brasil atual. Esse fazer da Ciência da Informação pode ser observando através dos construtos do Grafo 11 que demarcam o arranjo da Ciência da Informação.

Como comprova o Grafo 11, o Avanço Poli-Fenômenotécnico tem uma relação muito íntima com a dimensão histórico-epistêmica, isso ocorre por que quando se faz avaliação do fazer científico o caminho histórico é natural. O Avanço Poli-Fenômenotécnico como macro-categoria tem entre outras as micro-categorias de analises os construtos da Micro Rede Verde Claro – Avanço Poli-Fenômenotécnico (Grafo 11): ‘indicadores (citação, produção)’, ‘produção científica’ (análises de artigos e dissertações e teses), ‘redes de colaboração cientifica’, ‘Análise temática’ e ‘Brapci’, em que esse avanço pode ter a sinergia entre o sujeito ético e o sujeito informacional.

O fazer cientifico é foco das reflexões de Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003, p. 422), as profundas alterações ‘[...] *no mundo contemporâneo criaram um novo contexto de produção*

científica, caracterizado pela desconstrução de antigas teorias e pela construção de uma nova rede de conhecimentos.', e quando essas profundas alterações são dimensionadas pela Pandemia, a reavaliação dos fazeres científicos é uma inclinação mais do que urgente. As considerações de Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003), que visam o fazer cientifico, afirmam que muitas ciências modernas, pós-modernas como outras, ainda continuam observando, mesurando, descrevendo/categorizando, interpretando e 'compreendendo' os fenômenos atuais - tangíveis e/ou intangíveis - com fenômenotécnica que não dão mais conta do novo, o que pode produzir mais erros epistêmicos do que acertos na ciência.

Para Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003) é preciso superar os obstáculos epistemológicos que surgem no fluxo do uso das teorias clássicas, especialmente, nas ciências sociais. Os autores afirmam que quando possível e necessário, deve-se pôr em suspensão as antigas referências e teóricas clássicas, para visualizar os novos conhecimentos construídos no mundo globalizado, conhecimentos estes que permitam compreender as urgências do mundo globalizado. Os epistemólogos, mas do que outros agentes sociais são convidados a refletir sobre estes aspectos, mas por práticas as estratégias, uma vez que eles devem desconfiar sempre dos que está estabelecido. Neste processo, Leitão e Nicolaci-Da-Costa (2003) apontam três correntes teóricas pertinentes em que os epistemólogos podem promover em primeira instância a revisão do fazer cientifico, como as teorias da modernização reflexiva, as teorias pós-modernas, e a teoria da revolução das TIC, em que ambas analisam a contemporaneidade para além de ideias decrépitas. As teorias da modernização reflexiva surgem na discussão dos conceitos de Modernidade versus Pós-Modernidade, ela envolve a mudança estrutural de nível individual e social através da reflexão de forma sistemática e consciente sobre os conhecimentos, especialmente, dos conhecimentos científicos. Assim, como teoria, termo e/ou conceito é utilizado por Anthony Giddens, Ulrich Beck e Scott Lash para caracterizar o que se desenhava, a sociedade pós-moderna ou contemporânea, ou seja, versa sobre:

> [...] o conflito - dos antigos temas da Modernidade (organização capitalista, produção e consumo, conflitos sociais, etc.) com os novos riscos para a humanidade (destruição do meio-ambiente, catástrofes nucleares, etc.). Não temos uma mera substituição das questões modernas por problemas contemporâneos (Leitão; Nicolaci-da-Costa, 2003, p. 425).

De tal modo, a teoria de modernização reflexiva relaciona-se à qualificação e ao engajamento dos membros da sociedade nessa rede global de comunicação que são diferentemente distribuídas tanto espacial quanto social na relação que produz desigualdade de classe, etnia-raça, gênero-sexualidade. Quanto as teorias pós-modernas, ela não faz reflexão

sobre o fazer e refazer, mas executa, o fazer e refazer são processos, esse fazer e refazer se detecta por duas posições principais.

> A primeira refere-se à ênfase dada à discussão das **condições contemporâneas de produção de conhecimento**, tendo Lyotard e, mais recentemente, o filósofo Gianni Vattimo como seus representantes mais significativos. Já a segunda dá maior destaque às **condições de produção da ordem capitalista contemporânea** (Leitão; Nicolaci-da-Costa, 2003, p. 422).

Quanto as teorias da revolução das TIC, se considerar Castells (1999) por sua aproximação do conceito de ruptura dos teóricos da Pós-modernidade, embora, ocorrera críticas de Castells (1999) do uso do conceito de fragmentação pós-moderna. Bachelard (1996) dá ênfase ao papel da tecnologia como fator na prática científica, para ele cada século tem sua própria escala de precisão e seus instrumentos específicos, logo a técnica, e a realização dela é fundamental. Para Castells, nos contextos científicos, as TIC são importantes, pois elas formam um '[...]*conjunto integrado de instrumentos com o objetivo de coletar, processar, transmitir e reprogramar informações*. [...] *possibilita uma melhor compreensão da sociedade contemporânea*.' (Leitão; Nicolaci-da-Costa, 2003, p. 426).

Assim, o avanço Poli-Fenômenotécnico da Ciência da Informação se dá através da guarda de fronte imbuídos destas três teorias, pois essa vanguarda científica da Ciência da Informação tem procurado compreender e descrever como a informação se situa nestas profundas alterações promovidas por fenômenos contemporâneos, assim abrindo mão das antigas teorias a partir da construção de novos conhecimentos, visualizando as temáticas trabalhadas, os métodos pioneiros. Ou seja, a guarda de fronte tem uma produção que inclui os objetos refletidos dos fenômenos atuais, e essa realidade comungam com Bachelard (1996) quando ele afirma que os objetos científicos nunca são encontrados prontos, especialmente, se considera o sujeito pós-moderno, ao qual para Oliveira esse é a tessitura de diversos fragmentos indentitários. Assim, o avanço Poli-Fenômenotécnico atende ao:

> [...] pensamento pós-moderno, é apresentado então que a Ciência da Informação não possui uma teoria mas sim uma estrutura que reflete a relação com este sistema complexo em que as peças se ajustam e adaptam de acordo com as imprevisibilidades. (Lima, 2017, p. 46).

Porém, é preciso sempre focar o olhar inverso ao valor genuíno da Fenômenotécnica, assim o avanço Poli-Fenômenotécnico se figura essa vigilância sobre os fazer na Ciência da Informação e está em consonância como o avanço pós-moderno, pois, as ciências pós-modernas geralmente não possuem objetos e métodos únicos e são orientadas para criar estratégias para

resolver problemas (Moraes, 2020, p. 36), inclusive produzir tecnologias de mensuração quando as atuais e habituais não dão conta dos fenômenos investigados.

O avanço Poli-Fenômenotécnico na Ciência da Informação tem consonância com o Avanço pós-moderno, e o Avanço social e derivação de seu objeto, e sua reflexão *stricto* ocorre em sua essência através da integração entre os estudos poli-epistemológicos, as ações e os agentes que conectam os construtos da Micro Rede Verde Claro – Avanço Poli-Fenômenotécnico (Grafo 11): 'análises de artigos', 'indicadores (citação, produção)', 'produção científica', 'redes de colaboração cientifica', 'Análise temática' e 'brapci'.

Para Fernandes (2010)[25] e Aguiar (2013), os estudos poli-epistemológicos se referem aos resultados do conhecimento produzido na Ciência da Informação a partir de suas atividades, da informação científica e tecnológica que promove a manutenção do próprio campo científico e da sociedade, pois a:

> [...] é aquela que sendo resultado de uma pesquisa científica cumpre as seguintes funções, a) divulgação de novo conhecimento resultado de uma pesquisa científica, garantia da autoria intelectual e disseminação do conhecimento com fins de compreensão geral dos fenômenos naturais e sociais; b) possibilitar a evolução da ciência por meio da constituição de insumo para uma nova pesquisa científica; c) deixar claro os procedimentos metodológicos utilizados no projeto de pesquisa a fim de possibilitar a repetição por outros pesquisadores com o intuito de comprovar ou refutar os resultados (Vasconcelos, 2020, p. 25-26).

Assim, é inegável o papel da informação científica e tecnológica para o progresso, pois ela tem em essências não apenas os aspectos quantitativos, mas também aspectos qualitativos contextuais políticos, sociais, cognitivos e também culturais (Vasconcelos, 2020). Nas ações, destaca-se a Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), e o GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), ambos conduzidos pelos epistemológos da área. A Brapci é:

> [...] é o produto de informação do projeto de pesquisa "Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior", cujo objetivo é subsidiar estudos e propostas na área de Ciência da Informação, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. Com esse propósito, foram identificados os títulos de periódicos da área de Ciência da Informação (CI) e indexados seus artigos, constituindo-se a base de dados referenciais. A Brapci amplia o espaço documentário permitido ao pesquisador, facilita a visão de conjunto da produção na área, ao mesmo tempo, que revela especificidades do domínio científico. Atualmente disponibiliza referências e resumos de 19.255 textos publicados em 57 periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI. Dos periódicos disponíveis 40 estão ativos e 17 históricos

[25] Retirado das Notas de Aula de Geni Chaves Fernandes na disciplina Introdução à Ciência da Informação, ministrada na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio.

> (descontinuados). Além de tudo isso, a BRAPCI está fazendo uma pesquisa online com os seus usuários com a finalidade de avaliar a base de pesquisa BRAPCI da Universidade Federal do Paraná criado sob o ponto de vista do usuário para a possibilidade de implementar futuras melhorias de interface, conteúdo e nível de satisfação (Bufrem; Costa; Gabriel Junior; Pinto, 2010, s/p).

Neste sentido, a Brapci é o mecanismo de ação epistêmica que visualiza os fazeres da área através os diversos produtos como artigos, comunicações, editoriais, resumos de teses e dissertações. Quanto ao GT 1**,** como extensão do ENANCIB, se figura uma ação importante que ancoram o avanço Poli-Fenômenotécnico, pois o:

> GT1 do ENANCIB representa um espaço que propicia os avanços do pensamento científico da área. Como forum de debates, desempenha um papel fundamental para o desenvolvimento não só do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), como também para o crescimento da área como um todo e suas discussões enriquecem e ajudam a desenvolver o campo (Nunes, 2009, p. 23).

A temática "Epistemologia da Ciência da Informação" foi cunhada na 4º edição do ENANCIB eu fora realizado no ano 2000 como GT8. Posteriormente, em 2005, essa temática migra para a primeira posição nos grupos (GT1) e passa a se chamar "Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação" (Nunes, 2009). O primeiro ENANCIB foi realizado em Belo Horizonte, de 8 a 10 de abril de 1994, e foi organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG.

A criação de grupos se dá através da necessidade de novos espaços temáticos identificados por pesquisadores (Martins, 2010)**.** O GT 1, nele são apresentados as comunicações e os registros delas através os anais, as pesquisas em andamento no fluxo das reflexões, especialmente da inovação temática, conceitual, teórica e metodológica do campo científico ciência da informação.

O GT 1 articula-se através das três perspectivas distintas, que se ancoram mutuamente, a perceptiva histórico-epistêmica a inclinação que foca a memória também do fazer; a teórico-epistêmica que focaliza os discursos em tese para o fazer, e a técnico-epistêmica que se envereda para o acesso e uso dos materiais. Neste GT se promove os exercícios básicos dos epistemológicos são postos em prática nas três perspectivas histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica o ato de suspender, configurar e romper para construir os contextos de antecipação cientifica.

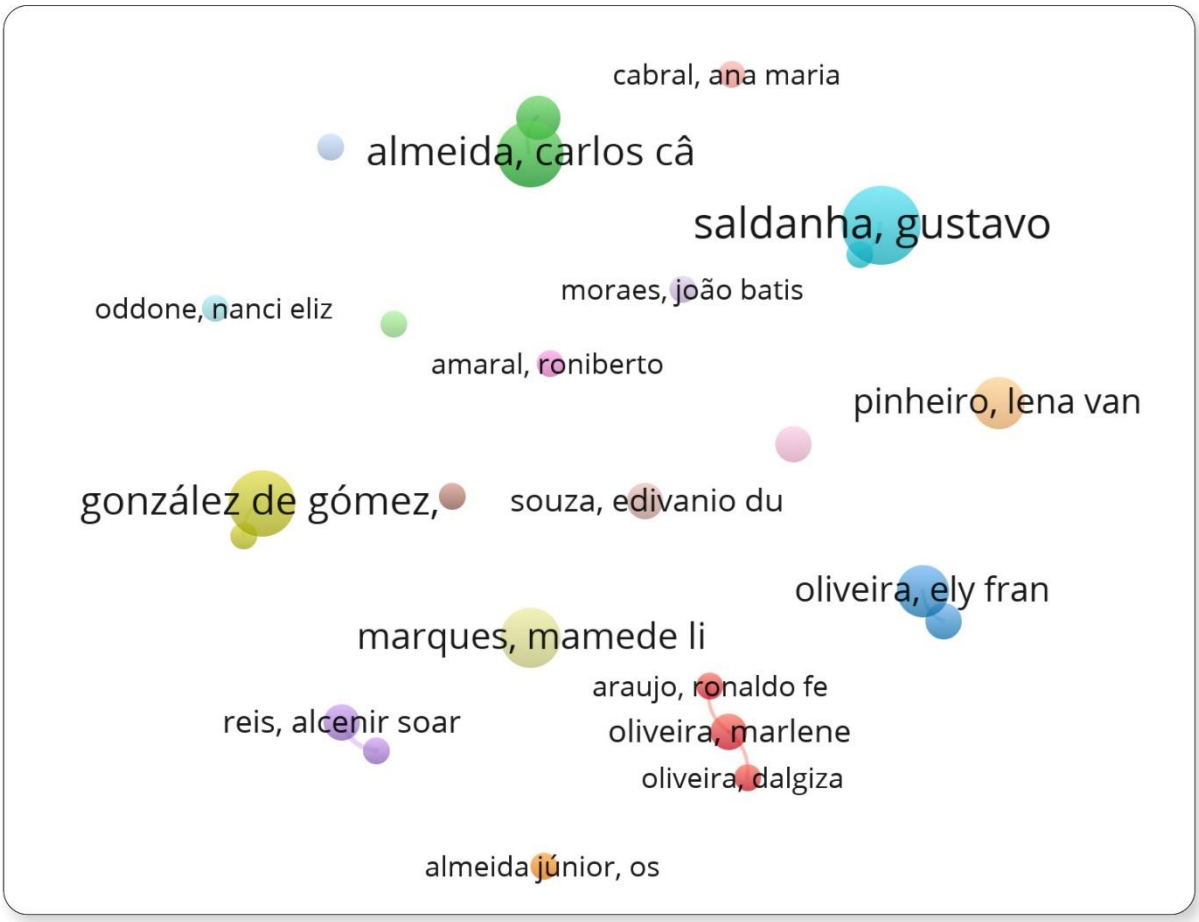
Os agentes são os epistemológos contemporâneos que refletem e põem em prática essas reflexões, pois:

> O epistemólogo deve, portanto, fazer uma escolha nos documentos coligidos pelo historiador. Deve julgá-los da perspectiva da razão, e até da perspectiva da razão evoluída, porque é só com as luzes atuais que podemos julgar com plenitude os erros do passado espiritual. [...] Percebe-se assim a diferença entre o ofício de epistemólogo e o de historiador da ciência. O historiador da ciência deve tomar as idéias como se fossem fatos. O epistemólogo deve tomar os fatos como se fossem idéias, inserindo-as num sistema de pensamento. Um fato mal interpretado por uma época permanece, para o historiador, um fato. Para o epistemólogo, é um obstáculo, um contra-pensamento (Bachelard, 1996, p. 21-22).

A guarda de fronte é um conjunto de epistemológos contemporâneos (em formação) sob a orientação dos epistemológos seniores, em que estes últimos estão ligados aos estudos e ações, os orientadores especialistas em teoria do conhecimento que se dedicam as bases deste conhecimento, em que neste trabalho são os orientadores das dissertações e teses como demostra o Grafo 12, embora, ligados a outras atividades e reflexões que envolvem os estudos da área.

No conjunto de epistemólogos destacam-se os agentes evolvidos em ações, por exemplo, a participação no GT 1 como coordenadores e vice-coordenadores. Assim, destaca-se em orem alfabética; Carlos Cândido de Almeida (Grafo 12), Edivanio Duarte de Souza (Grafo 12), Gustavo Silva Saldanha (Grafo 12), Isa Maria Freire (Grafo 12), Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (Grafo 12), Leilah Santiago Bufrem (Grafo 12), Maria Nélida González de Gómez (Grafo 12), Marlene Oliveira (Grafo 12), entre outros como demonstra o Grafo 12 que expressam a relevância estes sujeitos pragmáticos.

Grafo 12 - Epistemológos contemporâneos



Fonte: Dados da Pesquisa, (2022).

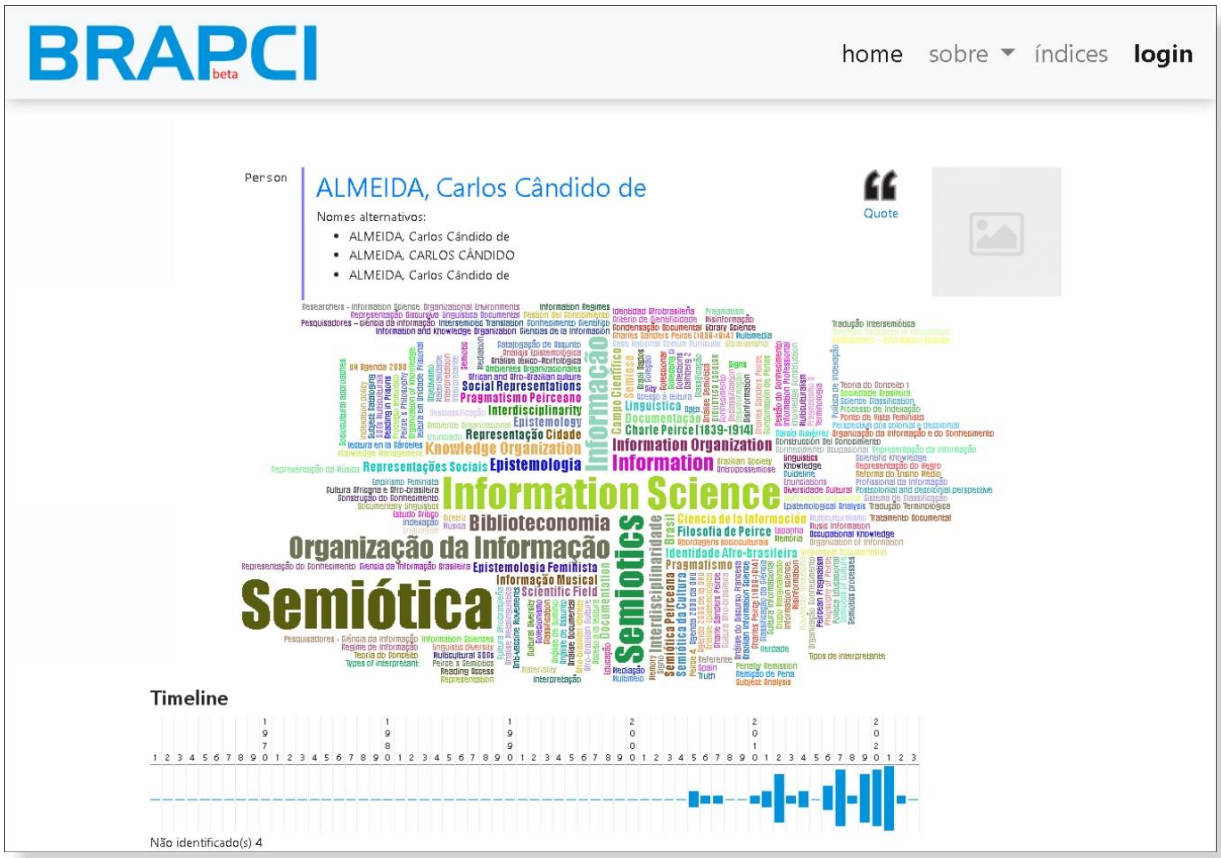
Naturalmente todos os epistemológos têm em comum a ‘Epistemologia’ como tema central e/ou como base das discussões das temáticas naturais através das três abordagens, histórico-epistêmica, teórico-epistêmica e técnico-epistêmica como demonstram as nuvens de tags da página da BRAPCI de cada sujeito pragmático. No âmbito da Ciência da Informação, a maioria dos epistemológos também tem em comum a coordenação do GT 1 – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB).

Carlos Cândido de Almeida é docente do departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista - UNESP, campus de Marília. Ele desenvolve estudos nas áreas de ‘Epistemologia’, ‘Epistemologias feministas’, especialmente em ‘Semiótica’ como demostra a Figura 29.

Para esse epistemólogo, as epistemologias feministas tem como base os diversos feminismos existentes, e baseado em Serret Bravo (2000). Almeida destaca três pontos

> A primeira é que a teoria tradicional, fundada na epistemologia moderna, não permite conhecer a realidade humana porque oculta o ponto de vista da metade da população. A segunda consideração é que a linguagem, os conceitos e as perspectivas tornam invisíveis expressiva parte dos seres humanos. Terceira: o modelo de ser humano centra-se nos homens, brancos e heterossexuais. Por último, a perspectiva feminista pretende abarcar de maneira mais correta a realidade humana (Almeida, 2021, p. 56).

Figura 29 - Carlos Cândido de Almeida



Fonte: BRAPCI (2022).

Assim, Carlos Cândido de Almeida tem contribuído para o avanço Avanço Poli-Fenômenotécnico quando revela que fazer moderno entre perspectivas e linguagens são condições hegemônicas.

Destaca-se também, o epistemólogo Edivanio Duarte de Souza é Doutor em Ciência da Informação e Líder do Grupo de Pesquisa Observinter - Observatório de Estudos Interdisciplinares da Informação e Coordenador do GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) entre 2018 a 2022 com que divide os trabalhos com o epistemólogo Marivalde Moacir Francelin, professor da Universidade de São Paulo, com tem experiência nos estudos epistemológicos e metodológicos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

Edivanio Duarte de Souza é um dos colaboradores dos estudos epistemológicos e ação da Ciência da Informação como demonstra a Figura 30, ele tem interesse da ‘epistemologia da ciência da informação’’ como campo maior, como o interesse na ‘Interdisciplinaridade’.

Figura 30 - Edivanio Duarte de Souza



Fonte: BRAPCI (2022).

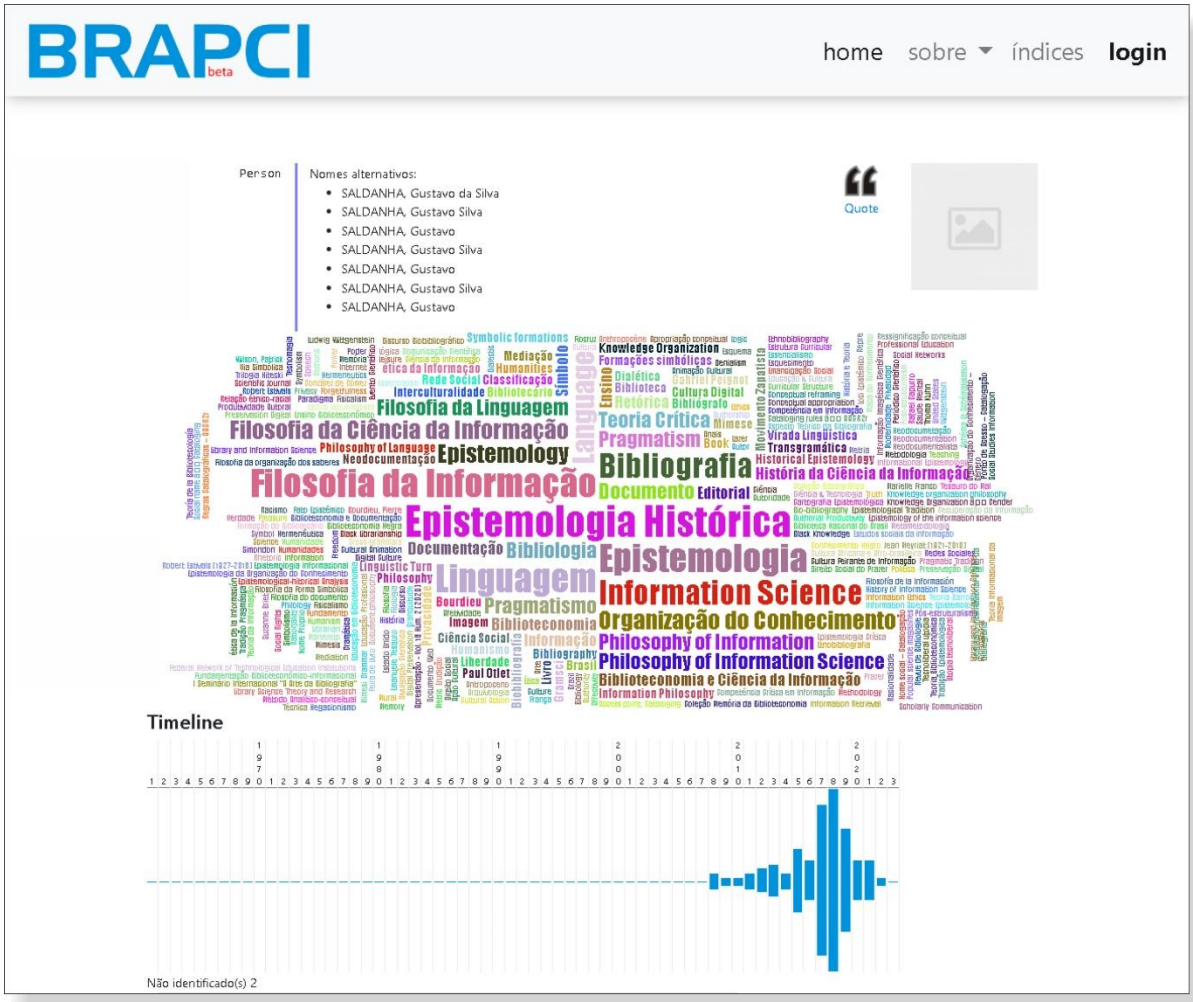
Ele é autor da tese **‘A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar’** defendida em 2011 na UFMG, e orientou trabalhos sore a inclinação epistêmica interdisciplinar, que incluí a dissertação intitulada ‘**Programas disciplinares da Ciência da Informação: conformação do campo epistemológico no Brasil**’ da autoria de Maytê Luanna Dias de Melo, defendida em 2017; e a dissertação “**Produção interdisciplinar na ciência da informação**: abordagem nos domínios da Arquitetura da Informação’ da Zayr Claúdio Gomes da Silva, defendida em 2016, e ambas as dissertações importantes no âmbito da epistemologia no PPGCI-UFPB devido à carência de pesquisa nesta temática no referido programa, onde ele é professor colaborador.

Como demostra a Figura 30, além dá interdisciplinaridade, ele trabalha com a temática ‘produção cientifica’, ‘produção colaborativa’, como temáticas que fortalecem os estdos das

Epistemologias do Sul como as redes epistêmicas e dimensões da informação gênero-sexualidade.

Destaca-se também o epistemólogo Gustavo Silva Saldanha, pesquisador Titular do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Ele foi vice-coordenador na gestão 2015-2016 do GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB).

Figura 31 - Gustavo Silva Saldanha



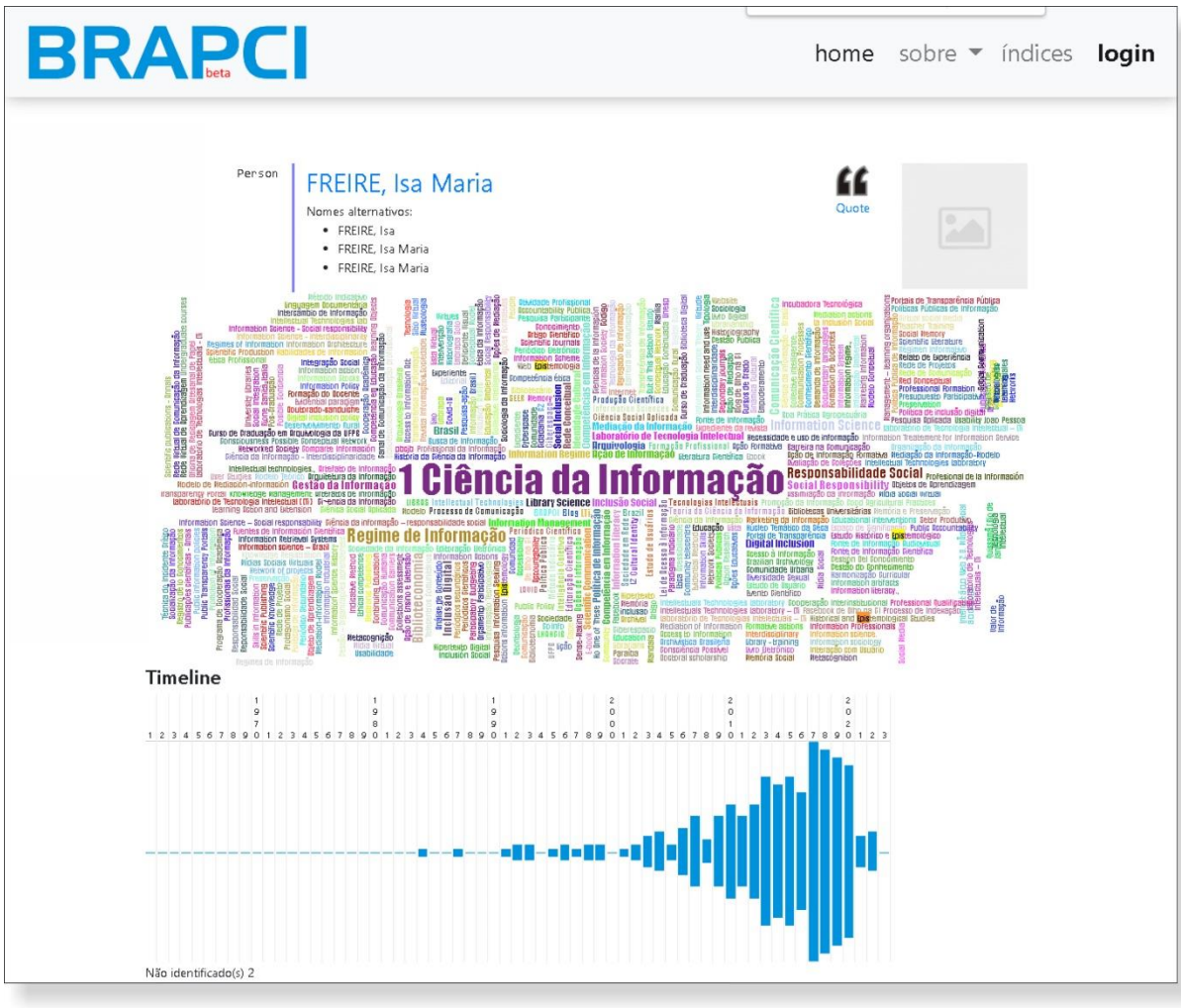
Fonte: BRAPCI (2022).

Gustavo Silva Saldanha desenvolveu trabalhos na perceptiva histórico-epistêmica, como ‘filosofia da informação’, ‘teoria crítica’, ‘filosofia da linguagem’, ‘linguagem’, ‘Informação entico-racial’, entre outros, como demostra a Figura 31, além de temáticas ligadas a epistemologia social como a informação étnico-racial.

Isa Maria Freire, conforme Figura 32, ela é Doutora e mestre em Ciência da Informação pelo convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a

Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ela coordenou o GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB).de 2014 a 2018.

Figura 32 - Isa Maria Freire



Fonte: BRAPCI (2022).

Presidente do Conselho Municipal de Transparência Pública e Combate à Corrupção de João Pessoa de 2019 a 2021. Foi Editora científica da revista Informação & Sociedade: Estudos de 2009 a 2021. Produziu trabalhos na temática ‘Responsabilidade social’, ‘regime de informação’, entre outros, como demostra a Figura 32.

Lena Vânia Ribeiro Pinheiro (Figura 33) é doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ (1997), mestre em Ciência da Informação pela mesma Universidade, em convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT (1982). Ela coordenou o GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da

Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) entre 2007 e 2010 (ANCIB, 2022).

Desenvolveu estudos sobre ‘divulgação científica’, ‘interdisciplinaridade’, ‘produtividade científica’, ‘epistemologia da ciência da informação’, entre outros, como demostra a Figura 33.

Figura 33 - Lena Vânia Ribeiro Pinheiro

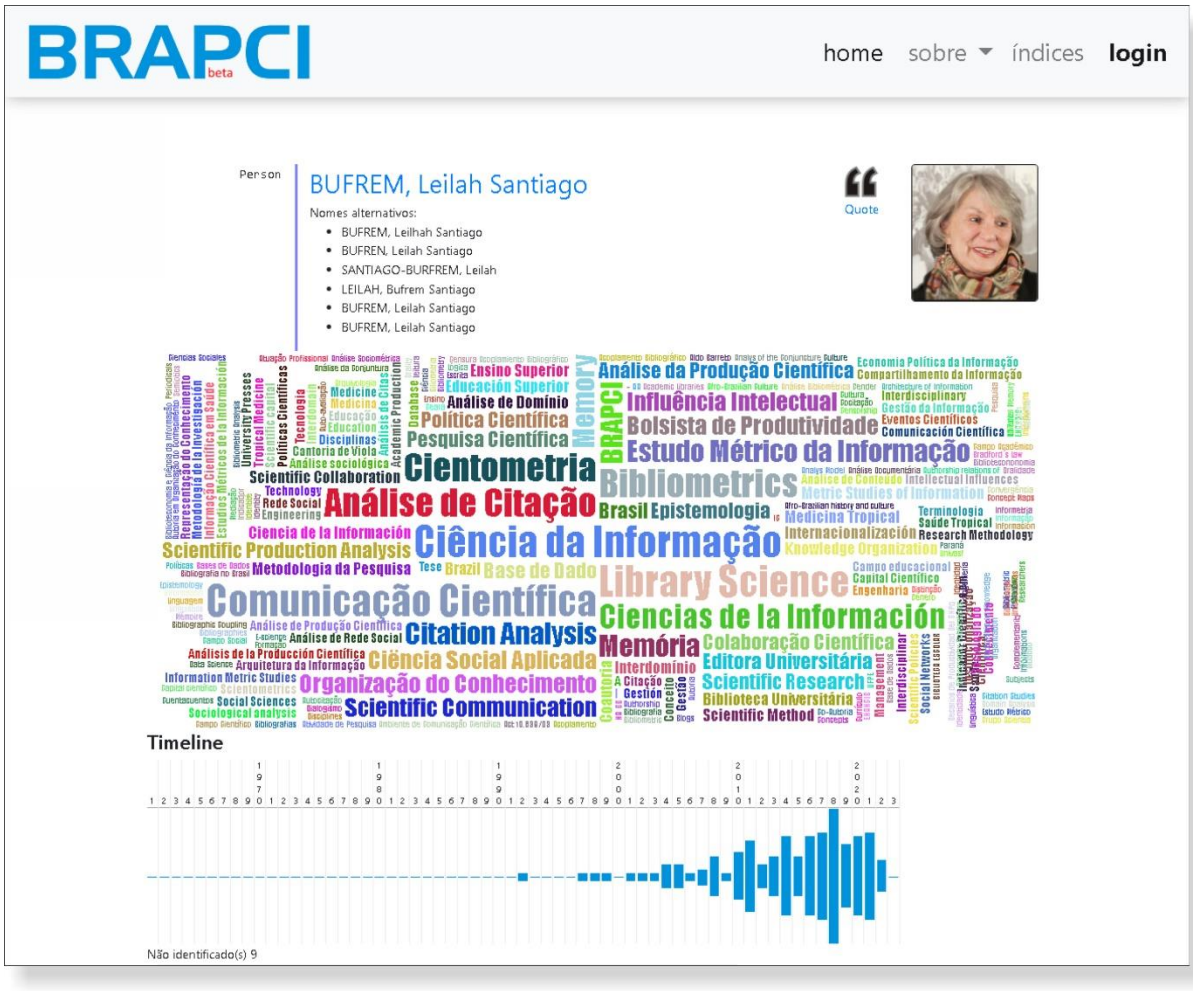


Fonte: BRAPCI (2022).

É graduada e licenciada em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1964), graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Paraná (1963).

Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná (1981), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1991), pós-doutora pela Universidad Autónoma de Madrid (1995). Leilah Santiago Bufrem é a epistemologia idealizadora da Brapci, e atualmente coordena a base em parceria com Rene Faustino Gabriel Júnior. Tem produção sobre ‘análise de citação’, ‘cientometria’, ‘comunicação científica’, ‘epistemologia’, ‘política científica’, entre outros, como demostra a Figura 34.

Figura 34 - Leilah Santiago Bufrem

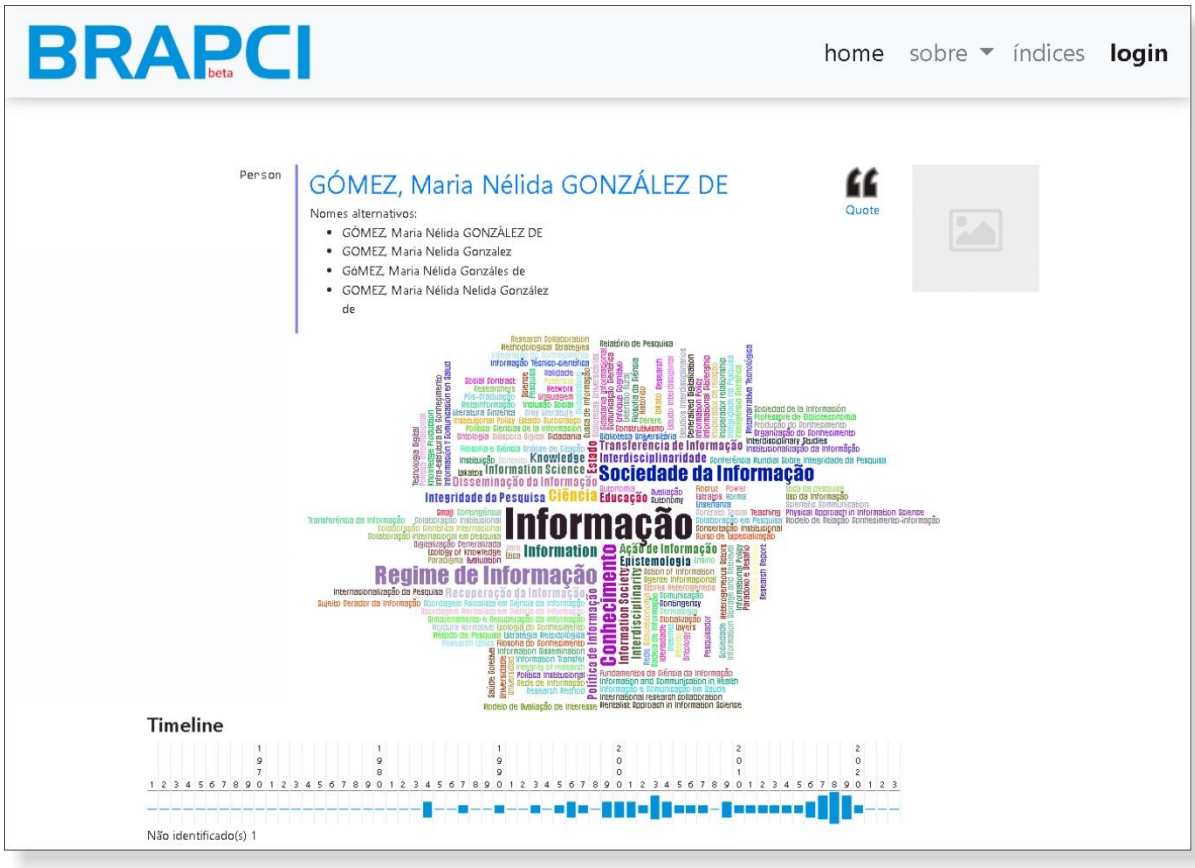


Fonte: BRAPCI (2022).

Maria Nélida González de Gómez (Figura 35) é doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1992), mestre em Ciência da Informação pela mesma universidade, em Convênio com o IBICT (1982), graduada em Filosofia pela Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Ela coordenou o GT 1 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) entre 2005 e 2006 (Ancib, 2022).

Suas Áreas principais de pesquisa: ‘Filosofia da informação’, ‘epistemologia’, ‘interdisciplinaridade’, ‘ética’, ‘políticas da informação’, ‘regimes de informação’, entre outros, como demostra a Figura 35.

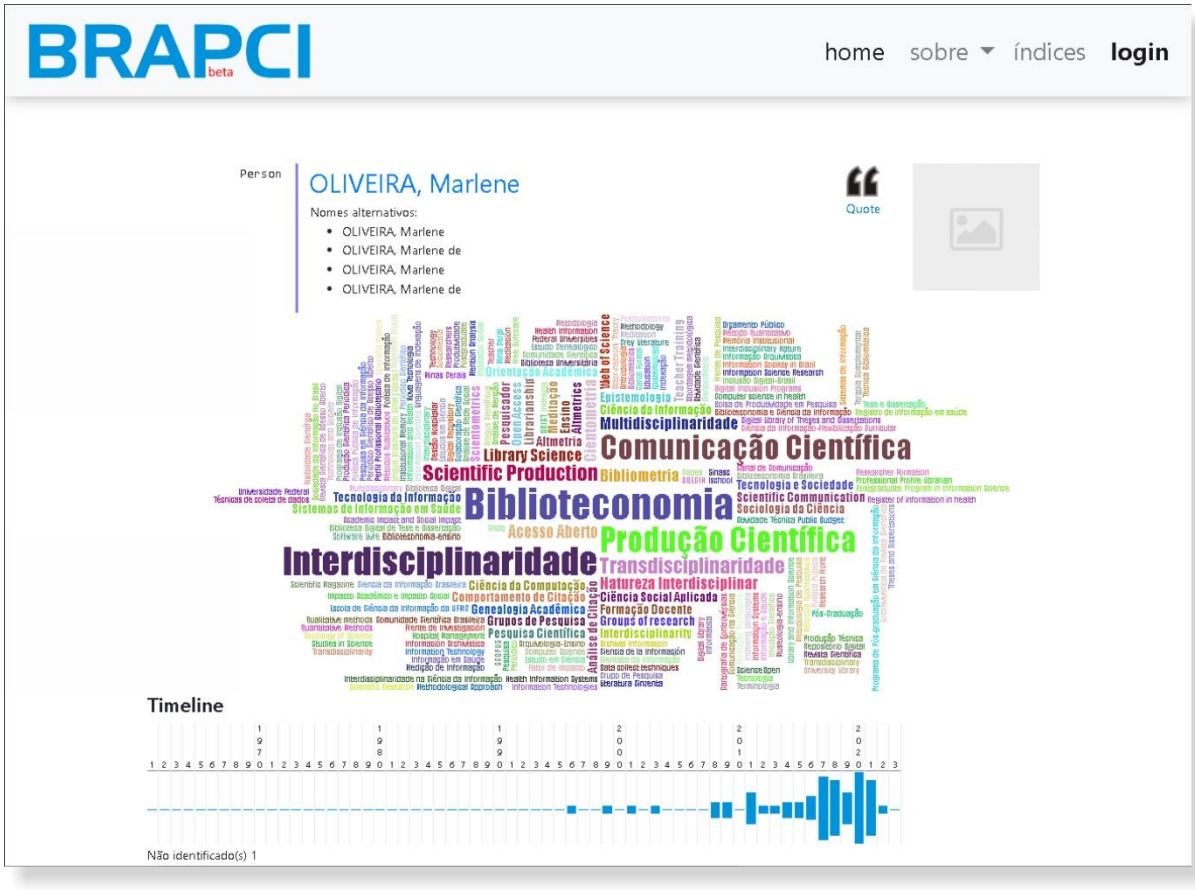
Figura 35 - Maria Nélida González de Gómez



Fonte: BRAPCI, (2022).

Marlene Oliveira (Figura 36) é doutora pela Universidade de Brasília, mestre pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia -RJ e tem graduadação em Biblioteconomia pela FUOM/MG. Atualmente exerce atividades de ensino e pesquisa na Escola de Ciência da Informação- ECI da UFMG como Professor associado II. Ministra aulas na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Gestão e Organização do Conhecimento para turmas de mestrado e doutorado. Orienta bolsistas de iniciação científicas, mestrandos e doutorandos. Líder do Grupo de pesquisa Fundamentos epistemológicos da Ciência da Informação e pesquisadora do Núcleo de pesquisa e tecnologia em Comunicação científica.

Figura 36 - Marlene Oliveira



Fonte: BRAPCI (2022).

Atualmente Marlene Oliveira (Figura 36) desenvolve pesquisas sobre o ensino na Ciência da Informação, fundamentos teóricos e interdisciplinaridade, comunicação científica em temas específicos, produtividade, autores e visibilidade científica, estudo de citações.

Vale destacar que, além dos epistemológicos apresentados a partir do alcance desta pesquisa, destaca-se ainda na integração dos estudos epistemológicos, ações e grupo de epistemológicos, os epistemológos Marivalde Moacir Francelin, Carlos Alberto Avila Araújo e outros. O fato destes e outros não aparecerem versa em uma das problemáticas da pequisa, e que um estudo no foco o conjunto dos epistemólogos emerge como sugestão para alcance de forma afetiva.

O *status* de epistemológos tem como base a promoção de rupturas no pensamento axiomático, ou seja, quando ele e elas agenciam os deslocamentos dos cientistas da informação quanto à dimensão inquestionável/incontestável na reavaliação do fazer e o refinamento de suas pesquisas.

Através desta integração ocorre naturalmente além reflexão, a busca de novas teorias, métodos, procedimentos, materiais, técnicas e tecnologias.

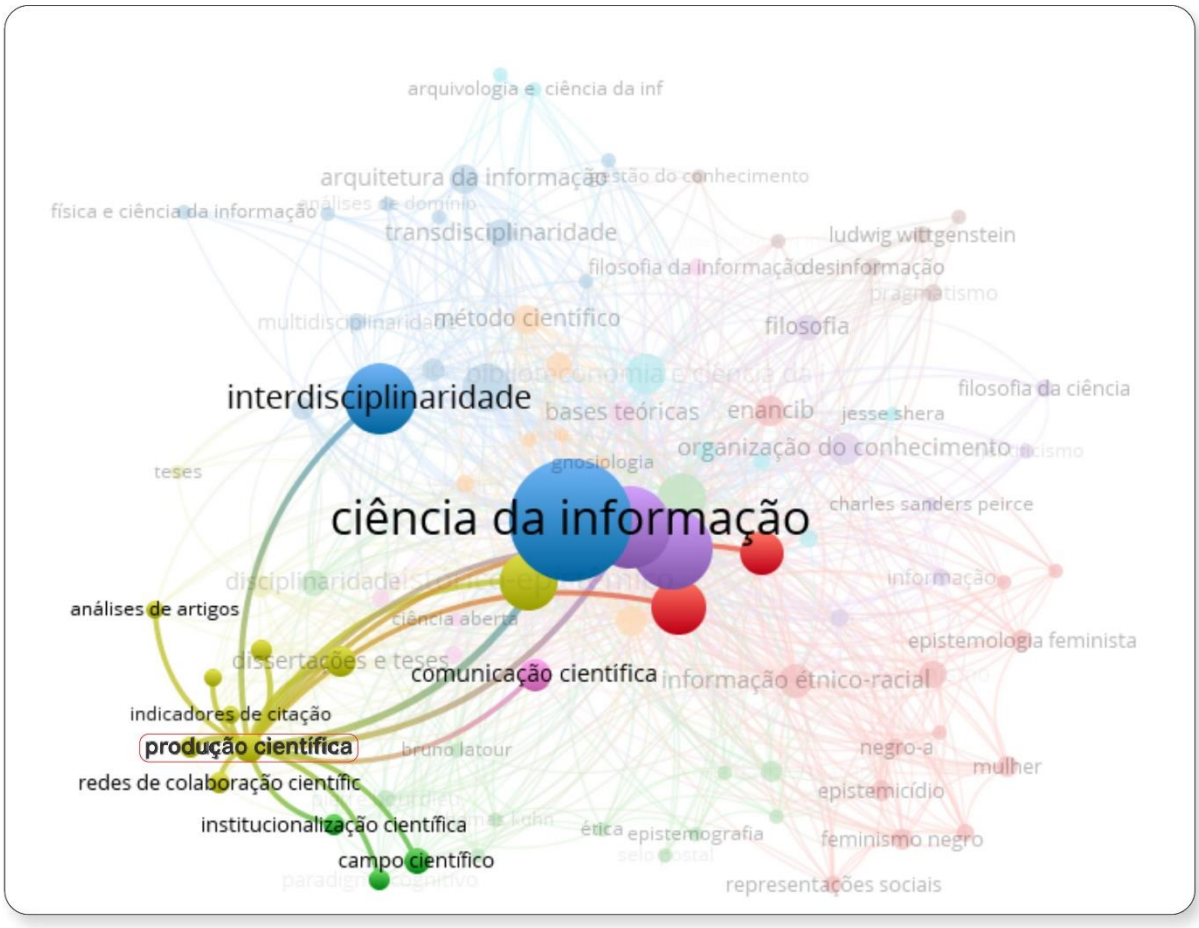
> No ponto de evolução em que se encontra a ciência contemporânea, o cientista vê-se diante da necessidade, sempre renascente, de renunciar à sua própria intelectualidade. Sem essa renúncia explícita, sem esse despojamento da intuição, sem esse abandono das imagens preferidas, a pesquisa objetiva não tarda a perder não só sua fecundidade mas o próprio vetor da descoberta, o ímpeto indutivo. Viver e reviver o momento de objetividade, estar sempre no estado nascente de objetivação, é coisa que exige um esforço constante de **dessubjetivação**. Alegria suprema de oscilar entre a extroversão e a introversão, na mente liberada psicanaliticamente das duas escravidões — a do sujeito e a do objeto! Uma descoberta objetiva é logo uma retificação subjetiva. Se o objeto me instrui, ele me modifica. Do objeto, como principal lucro, exijo uma modificação espiritual. Quando é bem realizada a psicanálise do pragmatismo, quero saber para poder saber, nunca para *utilizar* (Bachelard, 1996, p.305).

A renunciar da intelectualidade é a liberdade psicanalítica das duas escravidões promovias pelos sujeitos sinérgicos, e o retorno de si do pesquisador, sobre o limiar da dessubjetivação e objetivação e vice-versa é postura importante para a ciência. Assim, o avanço Poli-Fenômenotécnico se promove através de rupturas do pensamento axiomático, da liberdade psicanalítica das duas escravidões dessubjetivação e objetivação promovias pelos sujeitos sinérgicos quanto ocorre através dos sujeitos pragmáticos, mas visualmente comprovados na prática e fazer.

Para Mikhailov, Cherney e Giliarevski (1980), a produção científica (Grafo 13), é uma instanciação cognitiva do investigador, e como tal ela não é fechada, sendo passível de interpretações, reconfigurações, e até críticas.

A produção científica está ligada a essencialmente a perspectiva histórico-epistêmica que representa a esfera verde maior da micro-rede do Grafo 13. A produção científica é reapresentada pela segunda esfera maior verde e a ela está agregada (artigos), teses, dissertações e comunicações em que se destaca as análises das Redes de colaboração científica e indicadores, e ambas tratam e uma essência as análises temáticas do conteúdo dessa produção.

Grafo 13 - Micro rede verde claro – produção científica (artigos, dissertações e teses)



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

A Produção científica é conjunto dos produtos, uma prova do avanço da ciência seja em termos quantitativo e/ou qualitativo. Manter a vigilância sobre a produção científica através de análises das Redes de colaboração científica, indicadores e das temáticas do conteúdo pode visibilizar em que ponto ela não é endógena (qualitativa) e camuflada (quantitativa) quando um mesmo trabalho é publicado mais de uma vez camuflado por um título diferente.

> Os artigos publicados e as teses defendidas, considerados isoladamente, talvez não sejam muito importantes. Mas, no seu conjunto, a literatura científica forma a base que permite o avanço da ciência. Periódicos, livros, teses e dissertações, anais de reuniões científicas, informações veiculadas em redes eletrônicas e revistas de popularização da ciência, artigos de jornal em seções especializadas e outros tipos de publicações divulgam a ciência e funcionam como meio de comunicação. (Mueller; Campello; Dias, 1996).

Assim, os estudos sobre produção científica tanto auxiliam na construção de composição da ciência, mas, em especialmente quanto na vigilância dos comportamentos e características dos pesquisadores (Moraes, 2020). Essas análises garantem que a produção

acadêmica se mantenha como uma importante fonte de informação de registro das características que compõem uma área, como argumenta Lopes (2014).

> Dados da produção científica, revelados por meio de índices de citações à autores e à periódicos, além de listagens de temas de interesse e disciplinas são abordagens a apropriadas aos estudos das relações da CI com outras áreas do conhecimento. Desse modo, o periódico científico desponta como fonte fundamental para o desenvolvimento dessas pesquisas (Moraes, 2020).

Os estudos de produção científica que antes se detiam sobre aos aspectos quantitativos da produção, consideram os aspectos qualitativo das pesquisas. (MORAES, 2020). No que versa a micro-categoria 'Produção científica (análises de artigos e dissertações e teses)' que defende o Avanço Poli-Fenômenotécnico, conforme o Apêndice G pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 199 a 210.

> De acordo com Abbaszadeh, Hosseini e Aghajani (2019) "muito tempo e energia são dedicados nos centros educacionais para ensinar aos alunos de pós-graduação como desenvolver uma **tese**, portanto, qualquer investigação sobre a escrita de teses é de grande importância" (2019, p. 486, tradução nossa). Para Igami, Funaro e Bressini (2014, p. 686), "as **dissertações e teses** constituem matéria-prima de qualidade para a elaboração de indicadores científicos, o que comprova o potencial desse tipo de literatura" (Souza, 2021, p. 15).
>
> Percebe-se um aumento expressivo de **dissertações e teses** sobre LGBT nos diferentes programas de pós-graduação do primeiro para o segundo período, o que pode ser explicado pela implementação de políticas públicas pelo governo federal, a partir de 2003, na lógica de fortalecimento da cidadania e do respeito para com a comunidade LGBT, conforme requisitado por Almeida (2009) e Mott (2006) (Viana, 2017, p .96).

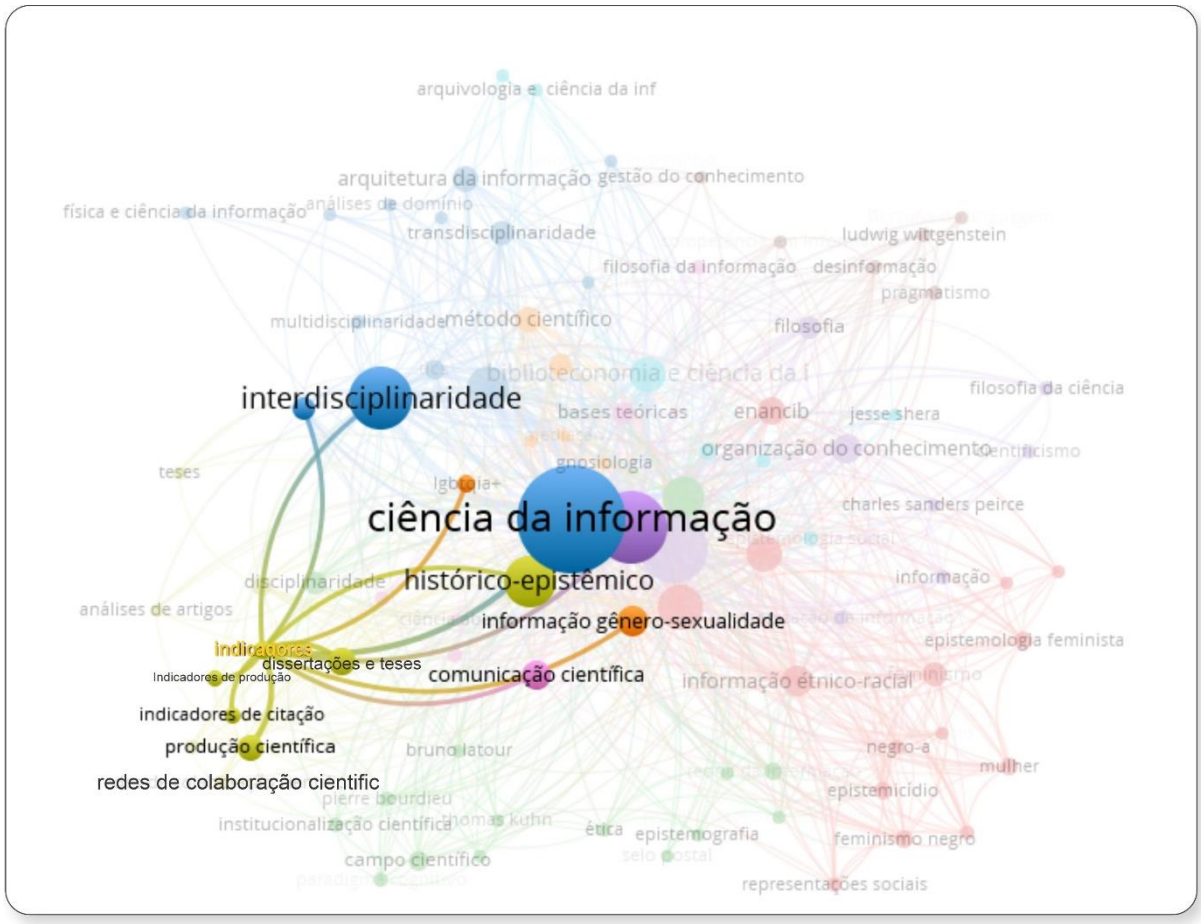
Souza (2021) e Viana, (2017) destacam as dissertações e teses como fundamentais no avanço cientifico, o primeiro constitui esse produtor como matéria-prima quanto a qualidade dos indicadores científicos, e segundo aumento expressivo de dissertações e teses em uma temática especifica. As análises dos estrato-essências que compõe a micro-categoria 'Produção científica' conforme o Apêndice G, retratam os artigos, dissertações e teses como produtos epistêmicos importantes que visualizam os avanços científicos. Assim, a 'Produção científica' como herança das primeiras experiências da Ciência da Informação ainda se tornou uma intra-pratica que constituem o fazer da área.

Algumas dissertações e teses têm como objetivo de investigar o desempenho da produção cientifica, e para Batista (2011), por consequência se constata o desempenho científico dos cientistas e da própria ciência, tanto quantitativo como também e qualitativo.

Os indicadores são entendidos como dados estatísticos utilizados para mensurar algo intangível, e no contexto cientifico, os indicadores com *status* de indicadores de produção científica, conforem o Grafo 14, é utilizado para o planejamento e a execução da

fenômenotécnica, ou seja, a produtividade e gestão científica (Fapesp, 2005; Silva; Pedroza; Sobral; Bufrem, 2018).

Grafo 14 - Micro rede verde claro – indicadores



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

Como destaca o Grafo 14, é visível o ‘Indicadores de citação’ e os ‘Indicadores de produção’. No primeiro caso, os indicadores de citação fundamentam-se no número de citações que um documento ou pesquisador ganha em um período e mostram, como também o impacto e visibilidade dentro de determinado campo científico. (FAPESP, 2005). No que versa a micro-categoria ‘Indicadores’ que defende o Avanço Poli-Fenômenotécnico, conforme o Apêndice G pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 211 a 220.

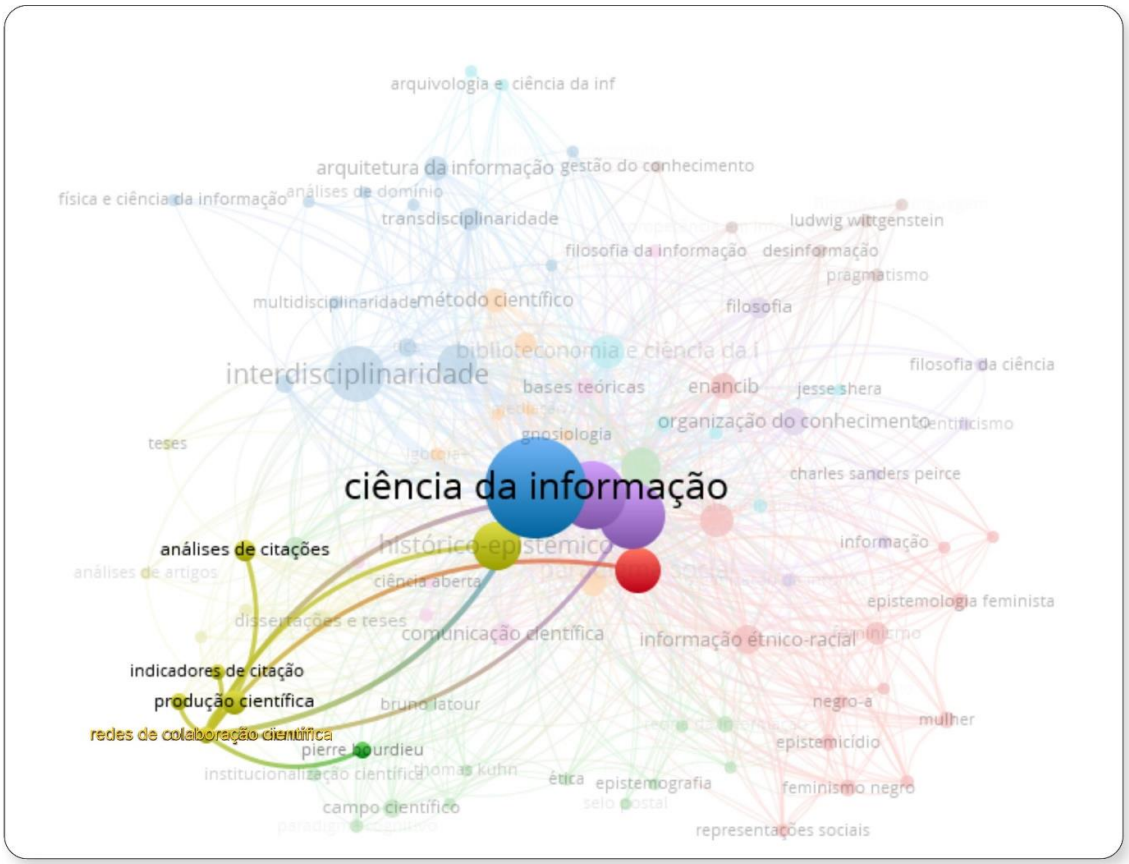
> A produção de **indicadores** tendo como fonte de informação bases brasileiras é importante para a representação da estrutura da ciência nacional, das relações existentes entre periódicos, instituições e pesquisadores, além de explicitar as pesquisas e os cientistas de destaque. **Acompanhar a evolução da área**, o comportamento e o progresso das pesquisas brasileiras em relação a outros países é uma possibilidade que pode ser gerada a partir deste trabalho, tomando-se para isso a ciência aqui produzida como elemento de análise. Acrescente-se, ainda, que a produção de **indicadores** científicos tem sido incentivada por órgãos internacionais e

> nacionais de fomento à pesquisa como meio para se obter compreensão mais acurada da orientação e **da dinâmica da ciência**, de forma a subsidiar o planejamento de políticas científicas e avaliar seus resultados (Fapesp, 2005). A (Gabriel Júnior, 2014, p. 33).

Para Gabriel Júnior (2014, p. 33) através dos indicadores se pode acompanhar a evolução da área, ele visualiza as tomadas de decisões, como também evidenciam quem são os pesquisadores, temáticas, as redes de colaboração entre cientistas e as redes de citação ou cocitação na Ciência da Informação (Fapesp, 2005). As análises dos estrato-essências que compõe a micro-categoria ‘indicadores’, revelam ainda que eles compõem uma fonte de informação quantitativa, que funciona como mecanismo que avalia a Ciência da Informação no nível nacional, sobretudo, internacional.

Para Vanz (2009), uma rede de colaboração científica (Gráfico 15) se figura um mecanismo que promove a interação entre os cientistas, ou seja, entre a intelectualidade de pesquisador cientistas é representado na rede por um nó (Mena-Chalco; Digiampietri; Cesar-Jr, 2012).

Grafo 15 - Micro rede verde claro – redes de colaboração cientifica



Fonte: Dados da Pesquisa (2022).

A rede de colaboração é uma estratégia que permite o aprofundamento do estudo das comunidades e colégios invisíveis, em que a essência são os olhares diversos da co-autoria sob um mesmo objeto científico. Para Alves, Pavanelli e Oliveira (2014, p. 74):

> As pesquisas sobre colaboração e coautoria vêm se consolidando rapidamente nos últimos anos com a aplicação da metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), ou *Social Network Analysis* (SNA). Na análise das redes, por meio de subsídios matemáticos, estatísticos e computacionais, são calculados os indicadores das redes, em que cada elemento-instituição da rede pode ser avaliado segundo sua relevância, ao se conectar com maior número de "nós" – outras instituições-, intermediar ou estar mais próxima dos demais da rede.

Assim, o método de Análise de Redes Sociais é o mecanismo que permite visualizar os olhares diversos da co-autoria, pois as pesquisas realizadas sob esse método ocorrem a partir do ponto quantitativo que visualiza a quantidade de produtos e seu impacto, mas como mecanismo quantitativo permite pôr em prática a crítica através das análises quantitativas.

Configura-se em segundo plano a abordagem qualitativa, em que a co-autoria é a essência, possível de visualizar o quanto a co-autoria vale para a ciência não apenas em termos quantitativos mais sobretudo qualitativos.

O método de Análise de Redes Sociais é sincrônico a cultura digital, uma vez que as TIC possibilitaram a disseminação da informação através dos ambientes digitais e a construção de *software* que permitem interseccionar os metadados dos conteúdos destes ambientes digitais como os periódicos eletrônicos e as bases de dados referenciais de artigos de periódicos.

Deste modo, por meio do método de Análise de Redes Sociais se visualizando as redes de colaboração, e sua pertinência é também sincrônica a interdisciplinaridade, logo a pós-modernidade, e pode ser aparada pela interdisciplinaridade de autoria, ou seja, a 'interdisciplinaridade decisional', pois se refere aos estímulos do pensamento e conexão deles, uma vez que uma determinada temática é abordada por diferentes lugares epistêmicos, especialmente, por que na Ciência da Informação transitam cientistas da informação de diversas formações, o que molda a história de vida de cada um e reflete nas pesquisas.

A interdisciplinaridade decisional é uma ferramenta de decisão que determina conhecer as informações pertencentes a diversos saberes, como também da ação e da reflexão da co-autoria. A co-autoria leva em consideração as 'dimensões múltiplas de uma mesma situação', para evitar tanto o erro tecnicista e o erro irrealista. Para Sinaceur (1995) é possível atenuar as diversas insuficiências intelectuais ou psicológicas, porem na perspectiva organizacional:

> [...]tudo depende dos meios. Mas a dificuldade principal e inerente ao mundo interdisciplinar provém do fato de que a interdisciplinaridade supõe a convergência

> de conexões [...] que não se articulam nem naturalmente nem mecanicamente, problema que se agrava quando se tem em vista os liames entre coisas tão heterogêneas quanto disciplinas e setores, conceitos e homens (SINACEUR, 1995, p. 44).

A prática da interdisciplinaridade é desafiadora também sob a Análise de Redes Sociais, Redes de colaboração cientifica e co-autoria, pois não se trata apenas de uma exploração das possibilidades de interação entre saberes; mas, antes de tudo, da interação entre sujeitos portadores de desses saberes.

Assim, o sucesso de cooperação dos sujeitos na perspectiva interdisciplinar de autoria depende das capacidades intelectuais como parte de um conjunto delimitado por Carlos (2007) que contempla a disponibilidade de recursos materiais e a dinâmica da interação social da co-autoria. Quanto à micro-categoria ‘Redes de colaboração científica” que também define o Avanço Poli-Fenômenotécnico, conforme o Apêndice G pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 221 a 231.

> A partir da década de 90 os estudos passaram a evidenciar a importância das **colaborações científicas** internacionais, pois identificou-se que artigos co-autorados por países diferentes recebem duas vezes mais citações em relação os artigos de um único país. Entretanto, um estudo apontou que as colaborações internacionais decresciam exponencialmente por conta da distância geográfica. Também foi identificado que pesquisas de caráter teórico produzem artigos com menos coautores em relação aos trabalhos experimentais. A **colaboração científica** passou a ser vista sob diferentes níveis de colaboração, entre pesquisadores, grupos, departamentos, instituições e setores, dentro de um mesmo país ou envolvendo diversos países. (Justino, 2019, p. 34-35).

Para Justino (2019) a Redes de colaboração científica inseria na ciência na década de 90 foi importante, e isso se refletiu positivamente na Ciência da Informação. As análises dos estrato-essências, as micro-categorias ‘Redes de colaboração científica’, se considerara a colaboração científica como um dos pilares fenômenotécnicos da Ciência da Informação, pois os estudos na área de colaboração científica tiveram início na década de 60, pois eles já surgem de um pensamento pós-moderno.

Assim sendo, o avanço desta colaboração como mecanismo prático até sua atual configura por meio das TIC que atualizaram o método de Análise de Redes. Neste sentido, através dessa atualização digital por meio das TIC ficou mais fácil ver com mais rapidez e detalhes as essencialidades da colaboração da relação acadêmica entre docentes e discentes, entre docentes de diferentes instituições e a colaboração com instituições.

Ao destacar a ‘Produção científica’ mediante as ‘Redes de colaboração cientifica’ quanto as análises de dissertações, teses, artigos, como também comunicações através da

‘Análise temática’, essa última é a essência de conexão dessas três micro-categoais. Em seu cerne, à ‘Análise temática’ é um espectro da pesquisa qualitativa, mas na Ciência da Informação ela não se figura exatamente um método como análise de um texto, mas de um conjunto dele, e pode ser ligada a prática por diversos pontos qualitativos. Assim, nesse campo ela pode ser abordada pela reapresentação temática, tesauros, analises de conteúdo, análise do discurso, terminologia, bibliometria, entre outras possibilidades. Ela abarca todo tipo de produção científica, teses, dissertações, artigos e comunicações, e através dela na Ciência da Informação ela é uma possibilidade epistêmica de fazer inferências de como ocorrem os avanços da ciência da informação em termos teóricos, técnico e epistemológicos.

Por fim, A micro-categoria ‘Análise temática’ que também define o Avanço Poli-Fenômenotécnico, como demostra o Apêndice G pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 232 a Essência 249. Para Viana (2017, p. 48), a ‘Análise temática’, de ‘Análise temática’, é fundamental para o progresso e desenvolvimento das diferentes áreas.

> Falar em **produção científica**, [...], significa refletir sobre as formas de divulgação, elemento necessário para tornarem-se públicas as contribuições de determinada investigação numa **temática específica**. Isto significa dizer que, ao mesmo tempo em que garante a guarda e registro das pesquisas ao longo do tempo, permite a publicação de seus resultados, atualiza as revisões realizadas pelos pares e ainda oferece acesso das pesquisas à sociedade. Como se nota, as contribuições são fundamentais para o progresso e desenvolvimento das diferentes áreas do conhecimento (Viana, 2017, p. 48).

As análises dos estrato-essências que compõe a micro-categoria a ‘Análise temática’, além de visualizar o papel social da Ciência da Informação, em termos epistemológicos ela possibilita identificar também as linhas de pesquisa dos programas e as relações interdisciplinares, como também as relações teóricas.

Assim sendo, a ‘produção científica’, as ‘Redes de colaboração científica’, os ‘indicadores’ e a ‘análise temática’ que compõe o Avanço Poli-Fenômenotécnico, estas são ações conduzidas pelo sujeito informacional quanto à vigilância do próprio campo, mas também do sujeito ético que busca nestas ações as condições para manutenção social na perspectiva da equidade. Ambos os sujeitos se inspiram na herança técnico-epistêmica das primeiras experiências da Ciência da Informação, porem atualizadas pela TIC, quando ela se debruçava para atender as demandas de outras ciências, em que o sujeito responsável era o protagonista que conduzia a Ciência da Informação nas primeiras experiências.

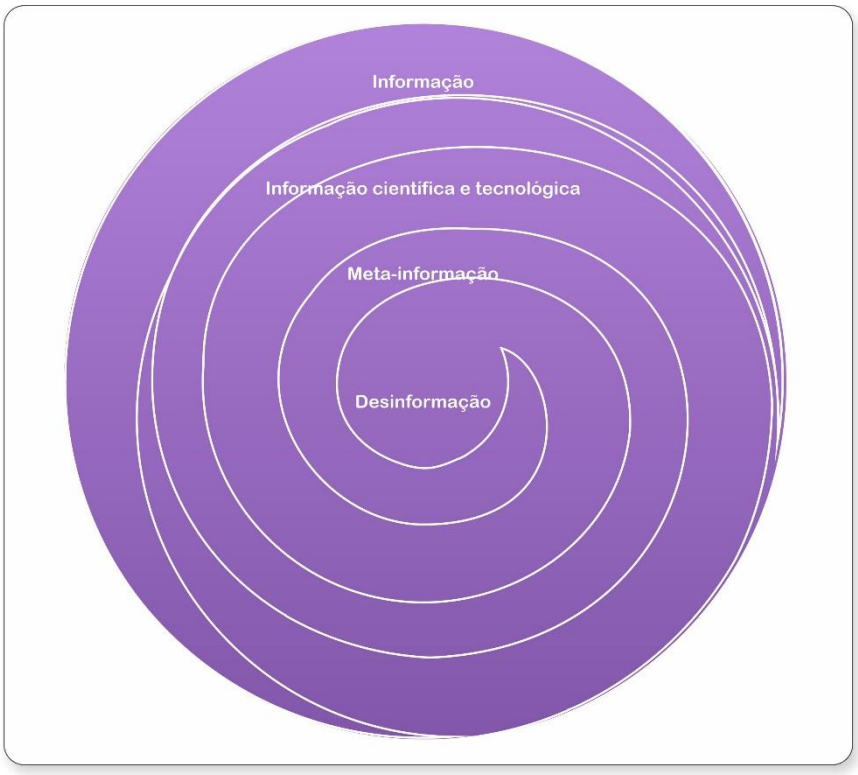
A Ciência da Informação ainda promove estudos que visualizam as problemáticas informacionais de outras ciências, porém os esforços dessa inclinação são direcionados ao

próprio campo cientifico, como mais uma possibilidade de auto avaliação permanente em que os estudos epistemológicos e os epistemólogos contribui com essa atualização.

10. 4 A derivação do objeto científico

A derivação do Objeto Científico (Figura 37), tem como força motriz o tecnofenômeno a vigilância do objeto, um fenômeno particular da Ciência da Informação. Pode parecer uma neurose obsessiva compulsiva do *Ethos* no primeiro momento, porém, o fato é revelador. A derivação do Objeto Científico infere que um objeto cientifico é complexo e mutável, e isso se aplica a informação, e esse olhar faz parte de um conjunto de hábitos ou crenças que definem a Ciência da Informação, pois é possessível que nenhuma outra ciência tenha tanto cuidado com seu objeto de estudo.

Figura 37 - A derivação do objeto científico

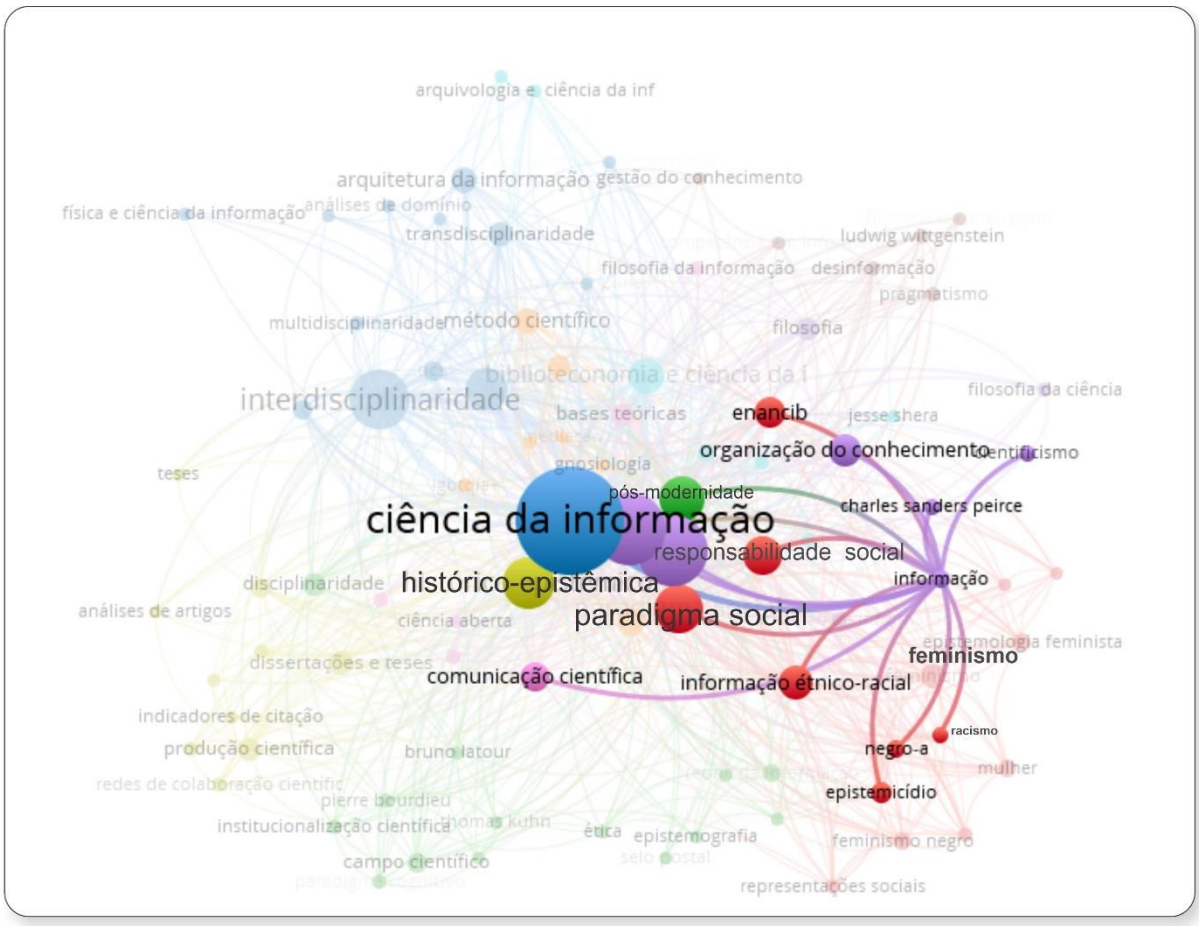


Fonte: Dados da Pesquisa (2022)

A macro-categoria Derivação do Objeto Científico (Figura 37), é constituída pela micro-categoria ‘informação’(Grafo 16), ‘informação científica e tecnológica’, ‘meta-informação’ e ‘desinformação’.

Assim, essa derivação que recai sobre a dimensão complexa e mutável, ocorre sobre muitos aspectos das formas, propriedades, forças, comportamentos e reflexos que compõe o fenômeno informação, ela é dissecada e exposta através de muitos conceitos e cada conceito atende as demandas de investigações poli-epistemologica, como também de qualquer área e/ou problemática, necessidade do usuário, espaço e temporalidade.

Grafo 16 - Micro rede roxo – Informação



Fonte: Dados da Pesquisa,(2022)

Como demonstra a Micro Rede Roxo (Grafo 16), a micro-catoegoria ‘Informação’ está ligada a abordagem histórico-epistêmica (esfera verde claro, Grafo 16) e teórico-epistêmica (esfera maior roxa, Grafo 16). Assim, as discussões são distintas e de alto nível, conectadas e, ao mesmo tempo desconectadas a dimensão física, biológica, social, cultural, político, psicológica e quântica.

A micro-categoria ‘Informação’ que define a Derivação do Objeto Científico, como demostra o ‘APÊNDICE H’ pode ser vista entre os *Estrato-Essências* 250 a 267. As análises

dos estrato-essências que compõe a micro-categoria a ‘informação’, a derivação por meio da discussão dos conceitos se refere a duas problemática ‘O que é informação, e para que serve?’ e ‘Qual é tipo de informação e para quem serve?’. No primeiro caso:

> [Informação no sentido restrito] consiste em sinais ou mensagens envolvendo pequeno ou nenhum processamento cognitivo (ou, então, tal processamento pode ser expresso em termos de algoritmos ou probabilidades). Informação é então a propriedade de uma mensagem, que pode ser estimada por uma probabilidade. (Saracevic, 1999 apud Araújo, 2014, p. 18).

> [...] a distinção mais importante é informação como objeto ou coisa (por exemplo, número de bits) e informação como conceito subjetivo, informação como signo; isto é, como dependente da interpretação de um agente cognitivo. A visão interpretativa desloca a atenção dos atributos das coisas para os mecanismos deliberação para os quais aqueles atributos são relevantes (Capurro; Hjørland, 2007, p. 193).

> A **informação líquida** é disforme, atemporal e desmaterializada. É híbrida, ubíqua, aberta, rizomática e incomensurável. A informação líquida é de produção e de interesse de todo indivíduo e sujeito da informação, póshumano e líquido. Em sua organização, fechamentos ou restrições classistas, físicos e semânticos são inadmissíveis. A informação líquida visa representar o conhecimento e a informação nos movimentos e fluxos da sociedade em todo espaço, lugar e não lugar que possa ocupar, tem elevada capilaridade e penetração social. Sua condição é temporária, instável, flexível e fugidia. Está essencialmente no polo virtual, é uma entidade sem corpo, maquinicamente hibridizada, desterritorializada e desmaterializada.

A outra abordagem do conceito se referem a problemática ‘Qual é tipo de informação e para quem serve? O intraconceito carrega em si fenômenos próprios que o faz um único, e isso inclui as necessidades específicas e intraespecíficas de um grupo e/ou comunidades.

> [...] **informação gênero-sexualidade** [...] são os [...] conteúdos informacionais que promovem o fechamento dos estados anômalos do conhecimento, com o potencial de promover a ressignificação e harmonização dos corpos e psiques quanto à orientação sexual, a identidade sexual e de gênero que se distanciam do binarismo imposto. Pautando-se [...] por duas possibilidades: a) os conteúdos informacionais/comunicacionais oficiais produzidos e disseminados pelas redes LGBTQIA+ que são constituídas por Ongs, centro culturais LGBTQIA+, paradas do orgulho LGBTQIA+, casas de acolhimentos LGBTQIA+, Mães pela diversidade, mecanismos jurídicos, alas de presídio destinadas às travestis, entre outras, e b) os conteúdos informacionais científicos produzidos e disseminados – que também orientam, pois agregam aos conteúdos informacionais/comunicacionais – mas, que essencialmente visibilizam a comunidade LGBTQIA+ positivamente. (Santana, Mello; Silva, 2020, p. 69).

> Entendo a **informação indígena** como aquela que engloba diversos tipos de textos, independentemente do suporte, que trata do conhecimento dos indígenas e sobre eles" (Paiva, 2013, p. 48).

> [...] a **informação étnico-racial** é informação; é inscrita num suporte físico; os suportes físicos são diversos (tradicionais ou digitais); é passiva de significação; a significação é feita pelos sujeitos; é mediada pela linguagem; pode produzir conhecimento; diz respeito a um grupo étnico; etnia contém elementos históricos e culturais; afirmação da história e cultura de uma etnia (Oliveira; Aquino, 2012, p. 484-485).

Assim, a informação étnico-racial e informação indígena atendem à necessidade específicas da população negra e indígena, enquanto a informação gênero-sexualidade as necessidades são intraespecíficas, pois a comunidade LGBTQIA+ é formada por múltiplos grupos, como também por perfis e também amplitude espectral que demandam necessidades informacionais distintas. Mas, não se encerra nas dimensões e extensões da informação, há debates sobre o que não se confira informação, ou seja, desinformação e *fake news*, e todas as discussões se localizam nos tempos-espaços e transformações.

Ao ponto que se discute profundidade e comprimento da informação, um novo desafio quanto aos estudos da informação emerge, o campo da pós-verdade e seu entrelaço com as *Fake News*. Os estrato-essências que compõe a micro-categoria ‘Desinformação’ são reveladores no atrelamento da pós-verdade e *Fake News*, como demostra Vignoli (2021, p.518):

> A respeito dos fenômenos das **fakes news**, **desinformação**, **misinformação**, **pós-verdade** e outros, a ciência da informação tem colocado em sua agenda de pesquisa as discussões de como conter, coibir ou proporcionar uma informação verídica aos seus sujeitos da informação. Mas não pode, contudo, impedir sua produção e dissipação – não pode controlar sua proliferação (Vignoli, 2021, p. 518).

As análises dos estrato-essências que compõe a micro-categoria ‘Desinformação’, da o ‘APÊNDICE H’ inferem as discussões acerca da desinformação no contexto social, cultural e tecnológico atual e o lugar dos sujeitos, grupos instituições na lógica inversa pavimentada por fenômenos como a fofoca, deturpação, manipulação, mentira (*fake news*), omissão (o não dito) e simulação, fenômenos tem o potencial de fazer o sujeito romper a conexão com a realidade, ou seja, com a ‘conexão de conscientes, pela lógica da ‘Desinformação’.

Há uma ruptura da lógica que configurava o do contexto sócio-tecnológico atual como paraíso informacional, ponto positivo, pois a paixão foi superada, dando lugar a consciência de que nela a ‘Desinformação’ vale muito mais do que a informação, ou seja, a pós-verdade impera.

A micro-categoria ‘Meta-informação’ emergiu recentemente, assim é uma tendência, como também um indício da derivação do objeto da Ciência da Informação, e exige uma inclinação filosófica, precisamente da filosofia da Informação. Apesar das análises de apenas dois estrato-essências que compõe a micro-categoria ‘Meta-informação’ conforme o Apêndice H, as análises inferem a derivação e vigilância do objeto científicos, a inclinação e antecipação das próximas discussões a informação.

Um dos fatores histórico-epistêmico que constituem a formação da Ciência da Informação foi a 'Informação científica e tecnológica', assim antes de ser uma Ciência da Informação, era uma Ciência da Informação científica e tecnológica, em que a ‘demanda dos cientistas’ era o vetor predominante antes mesmo de qualquer problemática institucional e filosófica que esbasava a Ciência da Informação, como as problemáticas ‘O que é informação, e para que serve?’ e ‘Qual é tipo de informação e para quem serve?’. Essa realidade ainda é vista nos ‘Estrato-Essências’:

> A **informação científica e tecnológica** (ICT) desempenha um papel significativo no desenvolvimento das nações em diversos momentos históricos da humanidade, podendo ser utilizada tanto para dominação e repressão quanto para promoção da paz. O anseio para se ter o controle desse tipo de informação foi um dos motivos impulsionadores para o surgimento da Ciência da Informação durante o conturbado período da segunda grande guerra mundial. Desde sua concepção a área preocupou-se com questões relacionadas à ICT, como destaques tem-se os estudos sobre os fluxos, a comunicação e o uso dessa informação tanto no meio organizacional como para o desenvolvimento de um país. Informação essa que é “alimento” para a produção da comunidade científica e para o desenvolvimento da ciência e sociedade. É inegável que **a informação científica e tecnológica é imprescindível para o progresso das sociedades e** é por meio das pesquisas que visam a avaliação desse tipo de atividade que as políticas para investimentos são direcionadas (Vasconcelos, 2020, p.14).

O que é informação e para que serve, a informação científica e tecnológica serve para desenvolvimento das nações. Assim, os ‘estrato-essências’ conforme o Apêndice H reconhecem o papel a ‘Informação científica e tecnológica’ na Ciência da Informação como vetor histórico-epistêmico, porem pouco explorado na contemporaneidade, especialmente, porque a informação científica e tecnológica sofre com a onda negacionista.

Há tensões entre as abordagens objetiva, subjetiva e intersubjetiva visando as diversidades de pensamentos para compreender o objeto da Ciência da Informação, que é um ponto positivo e que configura a informação um fenômeno ‘gestáltico’, pois para a compreensão de suas naturezas, forças, propriedades, comportamentos, reflexos e dos meta-objetos que orbitam seu campo gravitacional, as leis da Gestalt se aplica a ela, ainda que seu receptor de codificação seja biológico e/ou mecãnico.

Há reflexões epistemológicas quanto aos modelos, sistemas e métodos epistêmicos criados para processar a compreensão da informação, que se inclina atualmente para fenômenos como a ‘meta-informação’ e ‘desinformação’ como meta-objetos, com o olhar ainda para a ‘Informação científica e tecnológica’ como meta-objeto que antecede too legado da Ciência da Informação e pouco explorado teoricamente, uma vez que essa ciência tem o potencial de

resolver problemáticas informacionais de outras, pois ela visa processos como tratamento, armazenamento, representação e disseminação como etapas do ciclo da informação.

Esses pesamentos, modelos, sistemas e métodos constituem o arsenal epistêmico da Ciência da Informação. Ao mesmo tempo que as discussões são distintas e de alto nível, o desafio não se encerra na compreensão da informação quando ela carrega o espectral de natureza física, biológica, social, cultural, política, psicológica e/ou quântica, mas seus pontos de conexões e fronteiras destes espectrais, o que demandará uma revolução no fazer da Ciência da Informação.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A racionalização é uma construção que emerge da conexão entre a sensação, percepção e a simbolização, e perpassa a Epistemologia. No âmbito da Epistemologia, as afetações são minimizadas por que além da desconfiança que é a disposição para ver os outros lados, a Epistemologia também agrega um ciclo que inclui a análise, crítica, suspensão, a reconfiguração, e o rompimento, estratégias fundamentais do fazer.

A ciência é um advento exclusivo da humanidade, fruto da inteligência, um advento amparado pela tecnologia, pela teoria, criatividade e sentimento de antecedência, essa última que são as desconfianças sobre as problemáticas do futuro. Assim, no contexto da ciência a Epistemologia é a estratégia utilizada para descortinar o fazer e o conhecimento de qualquer fenômeno, o que inclui também a emoção, como, por exemplo, a paixão que alucina o objeto científico; o sentimento, como o amor que embriaga as análises sobre objeto científico; e o afeto, como o ranço que impede a formação de conexões frutíferas e enfraquece a crítica dos pares científicos e que impende a comunhão de um grupo nas análises de um mesmo objeto científico.

Ao figurar a tríade sentimentos, emoções e afetos, construções que marcam epistemologicamente essa pesquisa, não foi como objetivo de invalidá-las, mas valorizar a gerência sobre elas, pois a ciência se faz também com esses vetores que são inerentes a inteligência humana. A suspensão destas construções através de um olhar técnico bachelardiano na Ciência da informação possibilitou verificar seus respectivos alcances, sendo assim foi possível fazer a diferença, como de entendê-las ao mesmo tempo, na mediada em que elas operaram às vezes como vetores epistêmicos, e muitas vezes como devaneios e/ou delírios. Assim, a suspensão começou de dentro para fora do próprio pesquisador na compreensão dos discursos de seus pares, pois para conhecer de forma profunda é preciso desvestir dos conhecimentos que suponhamos termos, como, por exemplo, o cientista da informação que tem a certeza de conhecer sua própria ciência. Neste sentido, a Epistemologia, sob a ótica de Bacherlard permitiu promover essa senciência do *Ethos* da Ciência da Informação através das análises discursivas dos egos dos cientistas da informação impressas nas dissertações e teses.

Considerando os aspectos que compreende os vetores epistêmicos e devaneios e/ou delírios, aponta-se didaticamente nessa pesquisa dois tipos de pesquisadores que se afetam mutumente, o pesquisador apaixonado e o pesquisador senciente que se reservam no fazer do campo. Esse fato vem à baila pela Responsabilidade Social que distingue ambos os pesquisadores, pois ela analisa o grau da sensação, percepção e a simbolização dos dois, e como

eles representam sua ciência. Isso significa também dizer que na Ciência da Informação a Responsabilidade Social vai além de uma característica, ela é um vetor epistêmico para compreender as estruturas organizacionais e cognitivas da Ciência da Informação.

A existência do pesquisador apaixonado e o pesquisador senciente é um fato particular da Ciência da Informação, ambos têm suas estruturas psicológicas operando através da relação entre ego, ideal de ego e superego, esses que são afetados pelas trocas in-conscientes e sinérgicas dos sujeitos epistêmicos, como o sujeito ético, empático, responsável, moral, tácito e informacional que constitui a Responsabilidade social. Assim, a Psicanálise do Conhecimento científico operou na relação pesquisadores, estruturas psíquicas, energia sinérgicas, em que se produz os interesses, intenções e comodidades, ou seja, os valores.

O foco na formação do pesquisador possibilitou, entre outras, concluir que é preciso priorizar a distinção entre os ‘estudos teóricos da Ciência da Informação’ e ‘estudos epistemológicos da Ciência da Informação’, pois nas discussões das dissertações e teses essa demarcação é dúbia, talvez pela íntima relação entre as duas disciplinas.

Nos ‘estudos teóricos da Ciência da Informação’ foca-se na discrição, assim representa os objetos exaustivamente, como faz também a manutenção e controles dos simulacros e construtos, com uma narrativa que ora opera por perspectiva histórica, ora por memorialística como intenção de chegar ao epistêmico. E um esforço genuíno e importante para essa ciência, mas muitos pesquisadores se perdem no percurso, e por consequência chegam a conhecimentos óbvios no âmbito da ciência. E exatamente neste ponto onde paira uma sombra que o pesquisador apaixonado tem habitado, o fascínio pelo percurso e não pelo conhecimento que dele pode emergir.

Na segunda perspectiva, nos ‘estudos epistemológicos da Ciência da Informação’ foca-se a dimensão interpretativa e compreensiva, ela visa a formação de novas derivações para além da manutenção e controles dos simulacros, como pode romper com estes, nele pesquisadores apaixonados cedem espaço para o pesquisador senciente, há o desconhecimento no horizonte dos discursos e narrativas que fazem os apaixonados temam e recuem ao que é apenas familiar. A consciência na distinção entre os ‘estudos teóricos da Ciência da Informação’ e ‘estudos epistemológicos da Ciência da Informação’ pode também ser usado para promoção novas revoluções da Ciência da Informação, como um direcionamento mais elaborado.

A fenômenotécnica lato da Ciência da Informação promove avanços, mas por consequências também os obstáculos epistemológicos. Através das análises dos discursos epistêmicas pautadas no campo da Ciência da Informação, o primeiro objetivo da pesquisa, infere-se que fenômenotécnica lato do campo opera por duas dimensões, a unidade científica e

identidade científica. Ambas interagem mutuamente, alterando suas forças mediantes os interesses, intenções e comodidades que emergem dos valores dos cientistas da informação, em que os construtos promovem resultados diferentes nas duas dimensões. Por exemplo, a interdisciplinaridade, pós-modernidade, responsabilidade social a biblioteconomia são os construtos mais visíveis das redes epistêmicas e seus respectivos significados, funções e valores diferem, assim na narrativa histórico-memorialística eles promovem a manutenção do status quo do passado no âmbito da cosmovisão dos cientistas, e no epistêmico objetiva a rupturas que inclui também a ruptura do status quo do passado.

Ainda através redes epistêmicas dos estudos epistemológicos da Ciência da Informação, se visualiza um grupo de epistemólogos que inclui os pesquisadores, Carlos Cândido de Almeida, Edivanio Duarte de Souza, Gustavo Silva Saldanha, Isa Maria Freire, Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, Leilah Santiago Bufrem, Maria Nélida González de Gómez, Marlene Oliveira, entre outros. Porém, a rede específica dos epistemológicos visualiza os mais ativos, como foco nas orientações das dissertações e teses, mas a listagem é bem maior do que a representação feita pela rede. Os epistemólogos da rede têm promovidos estudos através da suspensão, reflexão e análises dos construtos que estruturam a unidade científica e identidade científica, em que o objetivo é o avanço cientifico através do fazer. A formação de um grupo de epistemólogos por meio de um grupo de discussão é uma das estratégias mais elaboradas da Ciência da Informação, pois ele representa a intersecção entre a senciência e a vigilância científica no campo de forma prática. Percebe-se que a formação e coesão deste grupo e para além da demarcação da afirmação e/ou validação da ciência na sociedade, o grupo é uma articulação sem tempo validade, ele é um dos pilares da Ciência da Informação.

Quanto ao objetivo que demarcou o conjunto fenômenotécnico do escopo da Ciência da Informação, os tecnofenômenos são desconhecidos pelos cientistas da informação, com a exceção da vigilância do objeto. Os outros são produzidos inconscientemente, eles também são excedentes do fazer e não resultados esperados de um esforço para de manutenção do campo cientifica da informação. Compreender cada tecnofenômeno que compõe o conjunto fenômenotécnico pode ser um mais uma estratégia de avaliação para pensar o destino da Ciência da Informação, o futuro de suas práticas, teorias e alcances.

A descrição dos avanços epistemológicos no âmbito Ciência da Informação, como objetivo, também foi alcançado, os achados revelam que eles são oriundos em essência na dimensão unidade científica da ação do pesquisador senciente. Isso ocorre porque esses pesquisadores trabalham com os focos: a delimitação das fronteiras que são os alcances; o caráter disciplinar, que versa na inclinação epistêmica; o seu papel social e a serventia prática.

Os avanços epistemológicos têm em comum o presente, a preparação para o futuro, a antecipação. Na unidade científica se fertiliza com mais sinergia os Avanços Epistemológicos, mas essa busca na dimensão unitária reflete em menor grau a construção dos obstáculos epistemológicos, quando os sentimentos, emoções e os afetos são latejantes e não configurados como vetores epistêmicos. Isso ocorre quando essas bases são figuradas apenas como características prosaicas, como, por exemplo, a pós-modernidade que é o epicentro do Avanço Pós-moderno sendo o primeiro avanço e a fonte primária que gera o avanço social, o poli-fenomenotécnico e a derivação do objeto.

Apesar da preparação da antecipação para o futuro, os cientistas da informação não têm consciência do Avanço Pós-Moderno como característica identitária, mas não na prática, e no âmbito epistemológico, pois ele é pouco explorado epistemologicamente, e por conhecê-lo de forma tão superficial se constrói a ideia que a Ciência da Informação é um contexto onde a vigilância cientifica não opera, no sentido de que não há rigor cientifico. Isso pode ser visto por cientistas da informação com base na formação positivista, e os próprios bibliotecários podem se encaixam nesta lógica, e esse é o desafio cotidiano da ciência da informação de ser pós-moderna e acolher e gerenciar o pensamento moderno e pós-moderno.

A essência filosófica da inclinação pós-moderna é a mesma, mas os aspectos teóricos, técnicos e históricos epistêmicos diferem de quando ela foi instituída. À inclinação pós-moderna atual é constituída na Ciência da Informação por autores que desconstrem o pós-moderno erguido de uma cultura hegemônica, essa é um dos pontos da gerência da Ciência da Informação, lidar com o pensamento moderno como meta-conhecimento com inclinação pós-moderna. Esse fato ocorre literalmente no Avanço Social, quando esses autores de lugar de fala, como os LGBTQIA+, as mulheres e os negros, entre outros, requerem figurar suas emoções, seus sentimentos e seus afetos como vetores epistêmicos. Assim, há uma constante negociação e tensão entre os sujeitos de lugar de fala, os aliados e os não aliados, estes últimos que ainda acreditam que suas emoções, seus sentimentos e seus afetos são vetores epistêmicos para discursarem sob as comunidades sub-representadas, quando, no mínimo, essa representação é apenas um fino e frágil espectro das realidades alheias, e, outras vezes, delírios.

Apesar de se discutir há décadas sobre uma Epistemologia Social, ela também foi erguida a partir de uma cultura hegemônica. O Avanço Social, na prática, é relativamente recente, porque somente agora as comunidades sub-representadas aparecem nas pesquisas como pesquisadores e sujeitos de pesquisa através de sua própria perspectiva no campo. O Avanço Social somente é possível porque se rompeu com a Epistemologia Social promovida por corpos cis, branco, heterossexual, cristão, etc., e esse rompimento foi a força motriz que

promoveu o Avanço Social, ainda em evolução. Por muito tempo, a Epistemologia Social foi um engodo, promovia a sensação de inclusão e diminui as percepções das comunidades sub-representadas, funcionava como uma forma de colonização, se é para transformar o exótico em familiar, faremos nós, os normais.

O Avanço Poli-Fenômenotécnico, por sua vez, também versa sobre a inclinação pós-moderna, pois o fazer acompanha as transformações e o alcance social, e, sobretudo, individual, assim ele se liga também em segundo plano ao Avanço Social. A inclinação pós-moderna rompe com as noções de verdade, de estética e de rigidez como dinâmicas da modernidade, esse rompimento não é estanque, uma vez que o movimento de rompimento é cotidiano, não diz acerca de uma ideia de ruptura no determinado tempo e espaço, ela ocorre na medida que as reconfigurações temporais espaciais também acontecem.

O avanço Poli-Fenômenotécnico diz acerca do direcionamento das teorias, dos métodos e do olhar descortinado, sobretudo, exótico, para dar conta das demandas sociais e individuais, e a reavaliação da noção Pós-Moderna e Epistemologia Social, pois se inclina o pensar (*psique*), ação, como o foco na tecnologia para resultado que constituem do 'fazer' seja congruente a essa demanda. Assim, no avanço Poli-Fenômenotécnico, o cientista da informação é senciente destas questões, e se sente empático e ético, e exerce sua Responsabilidade Social no fazer, nas teorias e nos métodos.

A partir do objetivo que visou compreender a delimitação dos obstáculos epistemológicos, infere-se que ele emerge na dimensão da identidade científica, porém, com esforços empreendidos também pela estruturação da unidade, embora em segundo plano, uma vez que ao buscra construir essa unidade, os aspectos identitários estão presentes. Os obstáculos epistemológicos têm o passado como um denominador comum, os cientistas da informação fazem esse retorno, esse movimento típico que atravessas décadas está entranhado no fazer dessa ciência. A ligação com o passado é mais nostálgica que epistêmica, pois descreve uma sensação de saudade e não entendimento do ocorrido e suas implicações para o futuro, assim não tem o caráter de contexto de antecipação das problemáticas futuras, mas uma sensação de felicidade do vivido.

O primeiro deles, intitulado *Looping*, é a engrenagem maior que emerge da oralidade e da escrita dos cientistas da informação. A adjetivação é o resultado do convite aceito para nomear sua ciência, uma prática que remonta o início, o resgate das primeiras concepções da Ciência da Informação. O mantra emerge como fenômeno que serve para juntar os adjetivos fazendo com que eles sejam o tempo todo lembrados. Assim, na Ciência da Informação, o mantra é um fenômeno obscuro, representa um desejo que ainda não realizou, é como se os

cientistas da informação sentissem segurança da efetividade do uso dos adjetivos, mas pode ir mais além, na medida em que reforça a tese de que eles não tenham o conhecimento e/ou a certeza de sua própria ciência, assim a repetição serve para camuflar sua incerteza de pertença de sua própria ciência, e server para fazer o outro acreditar, é uma necessidade de aprovação. A atenção mais efetiva no *Looping* é importante, pois a superação dele pode minimizar os outros obstáculos epistemológicos, eles se fragilizaram.

Do *Looping* emerge o Eco que passa a operar sozinho, da mesma forma faz o *Delay* e o Bumerangue. O Eco impede os sujeitos de escutar outras vozes, inclusive das análises feitas por pesquisadores juniores sobre os construtos cristalizados, pois há um processo de manutenção deles, e tem como processos dessa manter o som ecoando, ou seja, manter as ideias sobre determinados construtos sem questionamentos, pois eles foram apontados por teóricos renomados. O Eco acaba por reforçar o mantra e, por conseguinte, são duas forças que passam a interagir, essa relação é tão efetiva que os pretensos a ingressar na Ciência da Informação se armam através do Eco, quando fazem as justificativas de seus projetos de submissão para ingresso no campo. O Eco não somente produz ondas sonoras no âmbito da Ciência da Informação, mas ultrapassa suas fronteiras chegando outros campos, o uso do construto ‘natureza interdisciplinar’ é o exemplo mais ilustrativo.

O *Delay* é obstáculo epistemológico que representa literalmente a fragilidade do Ethos da Ciência da Informação, pois demarca uma incapacidade do fazer. O que se figura mais curioso quanto a essa incapacidade é a sua justificativa, há um consenso de nível cognitivo e institucionalizado desse fenômeno que não existe e/ou é apenas um delírio. Todo sistema de conhecimento científico tem suas problemáticas, porém, na Ciência da Informação algumas são superdimensionadas e a jovialidade que conduz o *Delay* pode ser apenas uma que não incapacita. A Ciência da Informação vem evoluindo há quase cinco décadas, o que comprova que essa problemática superdimensionada é incongruente ao processo. E se de fato ela existisse haveria estratégias para superá-la, isso não é visível nos discursos, ela é apenas referenciada a todo momento como problema. Assim, a ideia de superação não é de uma problemática, mas da ideia de jovialidade que se figura mais um devaneio do que um fato. É preciso valorizar o desenvolvimento e os avanços lógicos da Ciência da Informação e não cronológicos.

O Bumerangue é o mais delicado dos obstáculos, em termos de reflexão, porque é ele um posicionamento político e nele habita controvérsias oriundas dessa força, em que os bibliotecários são os donos dessa força política. Apontar em status de problemática da relação Biblioteconomia e Ciência da Informação é uma afronta, um golpe certeiro nos egos dos Bibliotecários cientistas da informação apaixonados por este construto bem definindo em temos

de força política, e, sobretudo, de diplomática. Mas, como dito inúmeras vezes, o Bumerangue é grande provocação deste estudo, assim não é de verdade absoluta, tudo depende do encaminhamento mental da cosmovisão política. O fato que mais contorna essa controvérsia versa na força política positivista da Biblioteconomia, operando, ainda que discretamente, no epicentro de uma ciência que nasceu pós-moderna. Assim, o Bumerangue é a representação da tensão de forças modernas e pós-moderna da institucionalização cognitiva da Ciência da Informação. Vale destacar que essa colisão de força difere do acolhimento e do gerenciamento dos pensamentos da inclinação epistêmica oposta que ocorre no cotidiano da Ciência da Informação localizada no Avanço Pós-moderno. No Bumerangue, as trocas de forças ocorrem da direção mental à física, na fusão de suas dimensões que causa discrepância e confusão, pois as agendas, o foco e os objetos são diferentes. No Avanço Pós-moderno, a colisão faz o inverso, ocorre na direção da força física para as forças mentais, em que se visualizam os bibliotecários e os estranhos no ninho. Ou seja, há duas Ciências da Informação, uma claramente bibliotecária e outra não-bibliotecária, em que a segunda é protagonizada pelos estranhos no ninho que sentem um desconforto físico-mental nas primeiras experiências vivenciadas na Ciência da Informação, e ambas demoram a codificar seus respectivos corpos, discursos e cosmovisão, e interseção destes.

A partir dos achados, concluiu-se que os obstáculos epistemológicos na Ciência da Informação emergem das discussões históricas e conceituais que delimitam a unidade científica e a identidade científica, e tem a segunda como terreno fértil, pois ela empreende forças para valorização do *Ethos*. Isso ocorre de forma inconsciente pelos cientistas da informação, quando os interesses, as intenções e as comodidades são empreendidos para fazer a manutenção de se campo científico, e, neste fluxo, emergem com excedentes no fluxo dos tecnofenômenos. O apontamento dos avanços epistemológicos e dos obstáculos epistemológicos nesta pesquisa se figuram apenas dois pontos de partidas, é preciso mais empenho para destrinchá-los por estudos posteriores, para que eles não se transformem em construtos cristalizados e novos objetos dos cientistas apaixonados. É preciso incidir sobre os mesmos a desconfiança e a derivação, apontá-las é um exercício de provocação para manter a reflexão como fator importante e operante, e não estabelece uma verdade. Tanto nos avanços epistemológicos quanto os obstáculos epistemológicos são possíveis, além disso, que nos próximos anos, ocorra um estancamento dos avanços epistemológicos e a delimitação mais rígida dos obstáculos.

Uma das problemáticas desta pequisa versou no alcance limitado do conjunto de epistemológicos, assim uma pequisa com foco e com mais profundidade sobre o conjunto dos epistemólogos emerge como sugestão.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, A. A.; MARTINS, L. M. A produção do conhecimento científico: relação sujeito-objeto e desenvolvimento do pensamento. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. Botucatu, v. 11 n. 22, maio/ago. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832007000200010&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 14 jul. 2020.

AGUIAR, A. F. S. **Representação da informação arquivística**: diálogos e conexões interdisciplinares, 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ALMEIDA, C. C. Epistemologias feministas e ciência da informação: notas introdutórias. **Informação & Informação**, v. 26, n. 4, p. 48-75, 2021. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/196287. Acesso em: 21 fev. 2022.

ALMEIDA, T. **Os *loci* epistêmicos e o método analítico como forma de compreensão do ensino e da pesquisa em organização do conhecimento no Brasil do século XXI**. 2019. 430 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2019.

ALVES, M. F. **Olhares cruzados:** o Pink Money e o Movimento LGBT. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Comunicação Social) - Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2019.Disponível em: https://repositorio.unisc.br/jspui/bitstream/11624/2490/1/Mateus%20Felipe%20Alves.pdf. Acesso em: 21 fev. 2022.

ALVES, F.A. C. **A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB.** 2021**.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2021.

ALVES, R. **Filosofia da ciência introdução ao jogo e suas regras**. Editora Brasiliense, 1981.

ALVES, P. P.; MANCEBO, D. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.11 n.1, jan. /par. 2006.Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2006000100006&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 jul. 2020.

ALVES, B. H.; PAVANELLI, M. A.; OLIVEIRA, E. F. T. Rede de coautoria institucional em Ciência da Informação: uma comparação entre indicadores de rede e os conceitos CAPES. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 20, n. 3, 2014.

AMORM, I. S. **A análise de domínio em questão**: um estudo sobre seus fundamentos e aplicações. 2021.Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2021.

ANCIB. História do GT 01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. **Ancib**. Disponível em: http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-01. Acesso em: 21 jul. 2022.

AQUINO, M. A. **Conhecimento prudente para uma vida decente**: uma análise da temática étnico-racial na produção de conhecimento em Ciência da Informação/Biblioteconomia período 2000-2012. Projeto de pesquisa, 2012.

ARAÚJO, C. A. A. Estudos de usuários conforme o paradigma social da ciência da informação: desafios teóricos e práticos de pesquisa. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 2, p. 23 - 39, jul./dez. 2010.

ARAÚJO, C. A. A. O fenômeno da pós-verdade e suas implicações para a agenda de pesquisa na ciência da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 25, p. 1-17, 2020.Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e72673/43144. Acesso em: 21 jul. 2020.

ARAÚJO, C. A. A. O que é ciência da informação?. **Informação & Informação**, v. 19, n. 1, 2014. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45435 . Acesso em: 4 Jun. 2022.

ARAUJO, S. F. Uma visão panorâmica da psicologia científica de Wilhelm Wundt. **Scientiæ Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 2, , 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ss/v7n2/v7n2a03.pdf. Acesso em: 21 jul. 2020.

ARAÚJO, E. A. POR UMA CIÊNCIA FORMATIVA E INDICIÁRIA: proposta epistemológica para a ciência da informação. **Encontros Bibli**, Florianópolis, n. esp., 2006. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p1/382. Acesso em: 10 fev. 2020.

ARAÚJO, J. C. A fenomenologia cientifica de Bachelard. **Phainomenon**, Lisboa, n. 4, 2002. Disponível em: https://sciendo.com/article/10.2478/phainomenon-2002-0004. Acesso em: 21 fev. 2022.

ARAÚJO, H. F. Uma filosofia da percepção em Platão. **Archai**, n. 13, jul/dez, 2014. Disponível em: file:///D:/doutorado%2007.02.2020/Tese/percep%C3%A7%C3%A3o%20-%20textos%20bases/UMA%20FILOSOFIA%20DA%20percep%C3%A7%C3%A3o%20de%20plat%C3%A3o.pdf. Acesso em: 13 fev. 2020.

ARAÚJO, R. F. **Apropriações de Bruno Latour pela ciência da informação no Brasil:** descrição, explicação e interpretação. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2009.

ASSUNÇÃO, A. V. A poética do intelecto: relações entre o imaginário e a tecnologia na formação técnico-profissional. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 48, maio/ago. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/4758/3541. Acesso em: 20 jun. 2020.

ATKINSON, L. R. **Introdução à psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

AUMONT, J. **A imagem**. São Paulo. Editora Papirus, 2012.

BACHA, M. L.; FIGUEIREDO NETO, C.; SCHAUN, A. Celular: o gadget da inclusãosocial para a baixa renda. **Rev. Estud. Comun**., Curitiba, v. 14, n. 35, p. 377-397 set./dez. 2013. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22441/21532. Acesso em: 21 set. 2019.

BACHELARD, G. A **epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2003.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BACHELARD, G. **A psicanálise do fogo**. Lisboa: Litoral, 1989.

BARBOSA, E. Gaston Bachelard e o racionalismo aplicado. **Cronos**, Natal-RN, v. 4, n. 1/2, p. 33-37, jan./dez. 2003. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3265. Acesso em: 1 ago. 2022.

BARRETO, A. A. O mercado de informação no Brasil. **Informação e Informação**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 25-34, jan./jun. 2000. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/fd7a/15473f760fba20bf0f652db2824f82f50675.pdf. Acesso em: 18 jul. 2019.

BATISTA, P. D. Ainda é possível pensar o índice h como um indicador quantitativo, qualitativo, fracionário?. **Ponto de Acesso**, v. 5, n. 3, p. 57-71, 2011. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86061. Acesso em: 11 ago. 2022.

BAUDRILLARD, J. A brancura operacional. In: BAUDRILLARD, J. **A transparência do mal**: ensaios sobre os fenômenos extremos. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2003.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMGARTEN, M.; WEBER, M. H. Ciência, informação e política na pandemia brasileira. **Liinc em revista**, v. 17, 2021. Disponivel em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/169577. Acesso em: 30 out. 2022.

BELKLIN, N. J. Anomalous States For Knowledge As Bases For Information. **The Canadian Journal of Information Science**, v. 5, p. 133-143, 1980.

BERMAN, M. **tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo. Companhia de Letras, 1986.

BRASIL, Ministério da Educação. **Resultados Nacionais** – PISA 2006. Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa). Brasília: INEP, 2008.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science (JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991. Disponível em: http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf. Acesso em 22 abr. 2015.

BUFREM, L. S.; COSTA, F. D. O.; GABRIEL JUNIOR, R. F.; PINTO, J. S. P. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010.

BUFREM, L. S.; NASCIMENTO, B. S. A Questão Do Gênero Na Literatura Em Ciência Da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, Edição Especial, dez. 2012. Disponível em https://www.redalyc.org/pdf/4656/465645976013.pdf. Acesso em 22 abr. 2022.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. **A profissão de Sociólogo: preliminares epistemológicas**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BORKO, H. Information Science: whats is it? **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, jan.1968.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em Ciências Sociais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

BRUYNE, P. *at al*. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais:** os polos da prática metodológica. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BOCK, A. M. B. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CAJÉ, Bruna Carla Muniz. **Condicionantes sociopolíticas das teses e dissertações na contemporaneidade no Brasil**: teoria do conhecimento, conhecimento registrado e as políticas orientadas para os documentos epistêmicos. Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha. 2020. 176f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

CÂMARA, F. P. A ERA DOS ALGORITMOS. **Polbr,** v.22, n. 9, set. 2017. Disponível em: https://www.polbr.med.br/ano17/cpc0917.php. Acesso em: 21 jul. 2020.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da Informação. *In:* ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais** [...] Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

CAPURRO, R. **Epistemology and Information Science**. Royal Institute of Technology Library, Stockholm, August 1985, Report TRITA-LIB-6023, 1985.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, p. 148-207, jan/abr.2007.

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. **The concept of information. Annual Review of Information Science of Technology**, New York, v. 37, p. 343-411, 2003. Disponível em:

http://www.capurro.de/infoconcept.html. Acesso em: 19 out. 2022,

CARDOSO, A. M. Pós-Modernidade e informação: conceitos complementares? **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 1 n. 1, p. 63-79, jan/jul. 1996.

CARLOS, J. G. **Interdisciplinaridade no Ensino Médio:** desafios e potencialidades. Dissertação. (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade de Brasília, 2007.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTIGLIONE, L. H. G. **Epistemologia da geoinformação**: Uma análise histórico-crítica. 2009. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2009.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus, 2000. 287p.

CHABET, C. **Psicanálise e métodos projetivos**. São Paulo: Vetor, 2004.

CHOO, C. W. **A organização do conhecimento:** como as organizações usam a informação para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. São Paulo: Ed. SENAC, 2003. cap. 1,2,3. p.17-178.

CHRISTAKIS, N. A.; FOWLER, J. H. **O poder das conexões**: connected. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

COELHO, A. B. **Posturas epistemológicas de Mario Schenberg e o processo de institucionalização da Física no Brasil (1934-1944):** relações entre concepção de ciência e contexto científico. 2018. Dissertação (Mestrado em Física) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação, Instituto de Física, Instituto de Química e Instituto de Biociências, São Paulo, 2018.

COIMBRA, C. M. B. **Guardiães da ordem**: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Miligagre". Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1995.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR. CAPES. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoIes.jsf?areaAvaliacao=31&areaConhecimento=60700009. Acesso em: 15 jan. 2022.

CORELDRAW. **Corel Corporation**.Disponível em: https://www.coreldraw.com/br/product/coreldraw/?x-vehicle=ppc_brkws&msclkid=b92aceeab6b11e200404ad09d25bb748&utm_source=bing&utm_medium=cpc&utm_campaign=Text_CDGS_All_PT_BR_New&utm_term=coreldraw&utm_content=Corel%2FCD%20-%20Core. Acesso em: 13 dez. 2019.

COSENTINO, L. A. M. Aspectos Evolutivos da Mediação Homem Máquina: tecnologia, computador e evolução humana In: PRADO, Oliver Zancul; FORTIM, Ivelise, CONSENTINO, Leonardo (Orgs.).Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. **Psicologia**

& informática: produções do III Psicoinfo e II Jornada do NPPI. São Paulo: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo: CRP/SP, 2006. Disponível em: https://www.crpsp.org/uploads/impresso/100/Rw-2D5CQHpu-4UvBLrkGZ_lRfRpMg6EI.pdf#page=62. Acesso em: 13 maio 2016.

CUPANI, A. **Filosofia da tecnologia**: um convite. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

CUSTÓDIO, P. Á. G. R. **As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil**: uma análise cientométrica. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

DANTAS, E. R. F.; GARCIA, J. C. R. Do tradicional ao atual conceito de responsabilidade social da ciência da informação. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 2, 2013. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/40270. Acesso em: 18 mai. 2020.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DEMO, P. Ambivalências da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000. Disponível em: http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/885/920. Acesso em: 18 jun. 2020.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introduction: The discipline and practice of qualitative research. *In*: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S (ed.). **The Sage Handbook of qualitative research.** 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

DIAS, E, W. Biblioteconomia e ciência da informação: natureza e relações. **Perspectiva em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 5, n. especial, p. 67 - 80, jan./jun, 2000. Disponível em:portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/download/556/338. Acesso em: 1 ago. 2017.

DOS REIS, V. J. S. **A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento**: Uma abordagem de representatividade social, 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Instituto em Ciência Da Informação, Salvador, 2019.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). *In*: **CIES e-WORKING PAPER,** LISBOA, N. 60, 2009. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf. Acesso em: 22 dez. 2019.

DUNKER. C. Subjetividade em tempos de pós-verdades. *In*: DUNKER, C. et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

EAGLETON, T. **As Ilusões do pós-modernismo**. Tradução de Barbosa, E: Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

EMPATIA nos torna pessoas piores, diz psicólogo norte-americano. **Psi Br**, Disponível em:https://psibr.com.br/noticias/empatia-nos-torna-pessoas-piores-diz-psicologo-norte-americano. Acesso em: 7 mai. 2020.

EVANGELISTA, I. V. **Comunidades Epistêmicas no campo da Ética em Organização e Representação do Conhecimento**: uma análise de literatura da área, Marília. 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Programa De Pós-Graduação Em Ciência Da Informação, Marília, 2021.

FAPESP. **Indicadores de Ciência, Tecnologia e Inovação em São Paulo - 2004. v. 1. FAPESP**. São Paulo, Brasil. Capítulos 1, 2, 3 e 4. 2005.

FELINTO, E. **Passeando no Labirinto**. Ensaios sobre as tecnologias e as materialidades da comunicação. Porto Alegre, Ed.PUCRS, 116 p. 2007.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário de língua portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FONSECA, L.; VALLE, T. M. ; REIS, R.; MESQUITA, K. Inteligência emocional: uma competência da atualidade. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO & III INOVARSE, 3., 2016, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro: FIRJAN-RJ, 2016. Disponível em: http://www.inovarse.org/sites/default/files/T16_216.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

FORMIGA, N. S. Os estudos sobre a empatia: reflexões sobre um construto psicológico em diversas áreas científica. **O portal os Psicologos**, 2012. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0639.pdf . Acesso em: 20 jan. 2021.

FORTES, L. R. S. **O Iluminismo e os reis filósofos**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FOSKETT, D. J. **A ciência da informação como disciplina emergente:** implicações educacionais: ciência da informação ou informática Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

FRANCELIN, M. M. Domínio, Crise e Emergência de Paradigmas: discursos sobre as ciências na Ciência da Informação**. Ciência da Informação Rev**., Maceió, v. 4, n. 2, p. 3-14, maio/ago. 2017. Disponível em: http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/3575. Acesso em: 09 ago. 2022.

FRANCELIN, M. M. Epistemologia da Ciência da Informação: evolução da pesquisa e suas bases referenciais. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 89-103, jul./out. 2018. Disponível em: https://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/3135. Acesso em: 15 ago. 2019.

FREIRE, I.M. **A responsabilidade social da ciência da informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação da UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.

FREUD, S. **Zur auffassung der aphasien:** eine kritische studie. Leipzig: Franz Deuticke, 1891.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), 1914. In: FREUD, S. **O caso de Schreber e artigos sobre técnica**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 159-172.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. Michel Foucault: uma trajetória filosófica. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. p. 231-249.

GABRIEL JUNIOR, R. F. **Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação**: estudo aplicado à base de dados BRAPCI, 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) –Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014.

GARBADO, A. C. Análise de Redes Sociais. **Uma visão computacional.** Novatec. São Paulo, 2015.

GARCIA, C. L. S. **Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da ciência da informação**: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018.

GARCIA, J. C. R.; FERNANDES, T. F. de S.; SILVA, J. R. da; FERREIRA, Josivan de O. Responsabilidade social: a favor ou contra? **Informação & Informação**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 303 - 318, jan. / abr. 2015.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G.; DANTAS, E. R. F. Conceito de Responsabilidade Social da Ciência da Informação. **Informação & Informação,** Londrina, v. 17, n. 1, p.1 – 25, jan./jun. 2012. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/12309/11372 pdf. Acesso em: 1 jan. 2017.

GAUDÊNCIO, S. M.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C.; CÔRTES, G. R. Expandindo o cosmos da representação social do conhecimento por meio da categorização de marcadores sociais da diferença. **Liinc Em Revista**, Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p. 295-317, nov/. 2018. Disponível em: https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4297. Acesso em: 1 jan. 2022.

GOMES, H. F. Interdisciplinaridade e ciência da informação: de característica a critério delineador de seu núcleo principal**. DataGramaZero**, v. 2, n. 4, 2001. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/v/a/1242. Acesso em: 21 mar. 2018.

GOMES, P. H. C.; EVANGELISTA, I. V.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D.; GRÁCIO, M. C. C. A dimensão cultural da organização do conhecimento: análise das comunidades epistêmicas a partir dos congressos da ISKO-Brasil. **ISKO Brasil**, v. 5, p. 383-393, 2017; v. 24, n. 2, p. 393-383, 2018.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. G. Metodologia da pesquisa no campo da ciência da informação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 23-24, n. 3, 2000. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/76536. Acesso em: 31 ago. 2022.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HIGINO, A. F. F. **Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade**: uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB. 2011.
Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2011.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro:Imago, 1976.

JOHNSON, S. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JUSTINO, T. S. **Análise da Colaboração Científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação Brasileiros, 2019**.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos, 2019.

KAESER, E. Science kitsch and pop science: **Public Understanding of Science**, v. 22, jun. 2013. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0963662513489390?journalCode=pusa. Acesso em: 24 jun. 2020.
.
KAFURE DA ROCHA G, UMA TOPO-ONTOLOGIA DE HEIDEGGER E BACHELARD. **Ideas y Valores,** Bogotá, vol. 69, n. 172, jan/abr , 2020.Disponível emhttps://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80966858003. Acesso em: 21 dez. 2022.

KOBASHI, N. Y.; SMIT, Y. W.; TÁLAMO, M. F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Data grama zero - revista de Ciência da Informação**, v. 2, n. 2, abr. 2001. Disponível em: http://www.dgz.org.br/abr01/Art_03.htm. Acesso em: 25 ago. 2009.

KONELL, V. **Cidadania e sociedade**. Curso sobre Cidadania e Sociedade - Centro Universitário Leonardo da Vinci, Uniasselvi. Disponível em: https://portaldoalunoead.uniasselvi.com.br/ava/cursos_livres/cursos_livres.php. Acesso em: 10 set. 2020.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução a terminologia.** São Paulo: Contexto, 2004.

KROPOTKIN, P. **Apoio Mútuo:** um fato de evolução. Porto Alegre, São Sebastião: Editora Deriva, A Senhora Editora, 2012.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007. 260p.

KUSCHNAROFF, N. Por que cometemos atos falhos? **Super Interessante**, 2011. Disponível em:https://super.abril.com.br/saude/por-que-cometemos-atos-falhos/. Acesso em: 10 set. 2019.

LANÇA, T A. **Multi e interdisciplinaridade nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação: estudo bibliométrico com dados da Plataforma Lattes, 2018.**

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2018.

LARA, M. L. G.; LIMA, V. M. A. Termos e conceitos sobre redes sociais colaborativas. In: POBLACIÓN, Dinah Aguiar (Org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellarra, 2009. p. 605-637.

LA TAILLE. Y. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogênicas em discussão. *In*: DNTA, H. **Do ato motor ao ato mental**: a gênese da inteligência segundo Wallon. São Paulo: Summus, 1992.

LEAKEY, R. E.; LEWIN, R. **Origens**. 4. ed. São Paulo, Melhoramentos, 1982.

LE COADIC, Y. F. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LEITÃO, C. F.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A Psicologia no novo contexto mundial. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 3, p. 421-430, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n3/19964.pdf. Acesso em: 05 mai. 2022.

LIMA, L. M. **A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil**: uma análise discursiva com base nos anais do gt1 ENANCIB em sua primeira década, 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2017.

LOPES, H. M. S. **A natureza da produção acadêmica em Ciência da Informação**: um estudo dos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos das dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (2011 a 2013), 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Recife, 2014.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. 3. ed. Tradução de Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio J.O. Editora, 1988.

MACEDO, F. L. O. Arquitetura da Informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação da Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

MACEDO, T.; JESUS, L. R. V. A rede epistêmica virtual da Amazônia: o papel da cibercultura na ampliação dos meios de produção epistêmica. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 22, 2019. Disponível em: https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/43462. Acesso em: 24 jul. 2020.

MALHEIRO, A. O Fyborg e a ética da informação: os limites de uma ética antropocêntrica**. Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG**, 2018. Disponível em: https://www.ufmg.br/ieat/2018/08/armando-malheiro/. Acesso em: 10 set. 2019.

MARCON, G. B. O método científico e o cientista em Gaston Bachelard. *In:* CONGRESSO DE PÓS-GRADUAÇÃO UNIMEP, 10., 2012, Piracicaba. **Anais** [...] Piracicaba, UNIMEP,

2012. Disponível em: http://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/10mostra/5/42.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022.

MATHIAS, T. B.; VALLS, V. M.; CRESPO, M. R.Prática pedagógica no ensino de biblioteconomia: a experiência do trabalho temático da FABCI/FESPSP. **REBECIN**, v. 4, n. 2, p. 77-97, jul./dez. 2017. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/download/87249. Acesso em: 17 fev. 2020.

MARTINS, A. A. L. **Mediação**: reflexões no campo da Ciência da Informação. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2010.

MARTINS, G. K. **Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil**, 2014. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2014.

MARTINS, T. **Psicologia e comunidade**. Indaial: Uniasselvi, 2021.

MATOS, A. L. H. **Documentação Musical**: discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar. 2007. Dissertação (mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, 2007.

MATOS, G. I. **Estudos de gênero e feminismos:** uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas, 2018.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) -Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

MATOS, J. C. M.; JACINTHO, E. M. D. S. B.; ALVAREZ, E. B. Humanidades digitais e a simbiose entre humano e máquina: algumas reflexões comparativas entre a interpretação e a mineração de textos. **Logeion: filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 126-145, 2019. Disponível em: http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4841. Acesso em: 21 jul. 2020.

MATTOS, M. C. C. M. **Ações culturais e sociais em biblioteconomia**. Indaial: UNIASSELVI, 2020.

MATUI, N. C. **Mapeamento semântico do conceito de inovação para a Ciência da informação:** uma análise Gramático-Sistêmico Funcional. 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de São Carlos, Programa de Pós-Graduação Em Ciência da Informação, São Carlos, 2020.

MAYERNYIK, M. A.; OLIVEIRA, F. A. G.O Cuidado Empático: Contribuições para a Ética e Sua Interface com a Educação Moral na Formação em Saúde. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 40, n. 1, 2016, p. 11-20. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rbem/v40n1/1981-5271-rbem-40-1-0011.pdf. Acesso em: 20 jul. 2019.

MAZZOLA, R. B. Análise do discurso: um campo de reformulações. *In*: MILANEZ, N.; SANTOS, J. J. (org). **Análise do dicurso**: sujeitos, lugares e olhares. São Carlos: Claraluz, 2009. Disponível em: http://www2.uesb.br/labedisco/wp-

content/uploads/2013/04/An%C3%A1lise-do-Discurso-objeto-sujeitos-e-olhares.pdf. Acesso em: 06 abr. 2017.

MCINTYRE, L. **Posverdad**. Madrid: Cátedra, 2018.

MELO, M. L. D. **Programas disciplinares da Ciência da Informação**: conformação do campo epistemológico no Brasil. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2017.

MENA-CHALCO, J. P.; DIGIAMPIETRI, L. A.; CESAR-JUNIOR, R. M.. Caracterizando as redes de coautoria de currículos Lattes. *In*: BRAZILIAN WORKSHOP ON SOCIAL NETWORK ANALYSIS AND MINING, 2012, Curitiba. **Anais** [...] Curitiba: UFPR, 2012.

MENEZES, I. P. **A ciência da informação**: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2013.

MENEZES, V. S. **Os livros nas teses: implicações político-epistemológicas no saber da Ciência da Informação.** 2012. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

MIKHAILOV, A.I.; CHERNIY, A.I.; GILIAREVSKI, R.S. Estruturas e principais propriedades da informação científica**.** *In:* GOMES, Hagar Espanha (org.) **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 197-247.

MORAES, J; MARIANO, S. R. H.; MACEDO, A. B. R.; MANCEBO, R. C. Uma proposição epistêmica quadripolar do constructo empreendedorismo. ENCONTRO DA ANPAD, 36., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/2012_ESO1457.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

MORAES, M. A. **A configuração interdisciplinar da Ciência da Informação pelo olhar da análise de citações**. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2020.

MORAES, M. B. Biblioteconomia Progressista: elementos para repensar a formação. **Folha de Rosto**, v. 4, n. Especial, p. 5-14, 18 jul. 2019.Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/350. Acesso em: 24 ago. 2022.

MORAES, S. C. B. **Pragmatismo peirceano e a concepção de informação**: contribuições à ciência da informação e a organização da informação, 2020.Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2020.

MORENO, J. **Who shall survive?** New York: Beacon Press, 1934.

MUELLER, S. P. M.; CAMPELLO, B. S. C.; DIAS, E. J. W. Disseminação da pesquisa em Ciência da Informação e biblioteconomia no Brasil**.** In: **Ciência da Informação**, v. 5, n. 3, p. 1- 23, 1996.

MYERS, D. G. **Preconceito**: desgostar dos outros. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

MUSSO, P. A filosofia da rede *In*: PARENTE, A. (org.) **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010. Cap. 1, p. 17-38.

MUSSALIN, F. Análise do Discurso. *In*: MUSSALIN, F; BENTES, A. (org). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 101-142.

NEGROPONTE, N. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NELSON, P.; ROSSATO, S. M. **Psicologia da aprendizagem:** da teoria do condicionamento ao construtivismo. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NEWMAN, M. E. J.; FORREST, S.; BALTHROP, J. Email networks and the spread of computer viruses. **Physical Review E**, v. 66, n. 035101, 2002.

NHACUONGUE, J. A. **O campo da Ciência da Informação**: contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno. 2015. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Marília, 2015.

NISENBAUM, M. A. **A transposição científica da física para a ciência da informação**, 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2017.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação de conhecimento na empresa**. 19. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

NORMANDO, P. Um breve estudo sobre o conceito de responsabilidade. **Intuitivo**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 249-265, nov. 2012.

NUNES, L. **Epistemologia e Ciência da Informação:** um estudo das comunicações do GT1 do ENANCIB. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista, Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2009.

OFFIAL, P. C. P.; LEYSER, K. D. S. **A produção do conhecimento no ambiente escolar**. Indaial: UNIASSELVI, 2018.

OLIVEIRA, D. A. **A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil**: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas,

2011.Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, H. P. C.; AQUINO, M. A. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, v. 8, n. 2, p. 466-492, 2012. Disponível em: http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3336. Acesso em: 23 dez. 2022.

OLIVEIRA, H. P. C. **Arquitetura da Informação Pervasiva:** contribuições conceituais. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Inforação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio De Mesquita Filho" Faculdade de Filosofia e Ciências Programa de Pós-Graduação Em Ciência da Informação, Marília, SP, 2013.

OLIVEIRA, M. P. A história e a epistemologia no ensino das ciências: dos processos aos modelos de realidade na educação científica. *In*: ANDRADE, A. M. R. (org.). **A ciência em perspectiva**: Estudos, ensaios e debates. Rio de Janeiro: MAST: SBHC, 2002. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2319266/mod_resource/content/1/Mesa%20redonda%20SBH%20vf%20c%C3%B3pia.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

OUTHWAITE, W. BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 278.

PAIVA, E. B. **Narrativas indígenas:** construindo identidades e constituindo-se em fontes de informação. 2013. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de PósGraduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PARENTE, André (org.). **Tramas da rede**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PASSOS, M. F**. Estudos de Gênero na Ciência da Informação**: análises dos anais do Enancib. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina , Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

PEIXOTO, J. M.; MOURA, E. P. Health Empathy Map: Creation of an Instrument for Empathy Development. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, v. 44 n. 1, mar., 2020. Disponível em: https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.1-20190151.ing. Acesso em: 28 jun. 2020.

PEREIRA, A. L.; PITA, J. R. Alexander Fleming (1881-1955) Da descoberta da penicilina (1928) ao Prémio Nobel (1945). **Revista da Faculdade de Letras, História**, Porto, III Série, 6, 2005.

PIERITZ, V. L. H. **Relações humanas e sociais**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

POLANYI, M. **The tacit dimension**. London: Routdedge & Kegan Paul, 1966.

POMBO, O. Epistemologia da Interdisciplinaridade. *In*: PIMENTA, C. **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade**. Porto: Campo das Letras, 2004.

PORTELA FILHO, R N. A. A EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA DE GASTON BACHELARD. **Revista Pesquisa em Foco**: Educação e Filosofia, v. 3, n. 3, a. 3, set., 2010. Disponível em: http://pablo.deassis.net.br/wp-content/uploads/bachelard.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

RADFAHRER, L. O mundo digital é 'kitsch '. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 19 jan. 2016 Disponível em: https://repositorio.usp.br/item/002785933. Acesso em: 14 abr. 2021.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A empatia como vivência. **Memorandum**, Belo Horizonte, v. 23, p. 12-31. out. 2012.
Disponível em: https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6553. Acesso em: 28 dez. 2019.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Editora Meridional, 2009.

REIS, V. J. S. **A Invisibilidade do Feminismo Negro nos instrumentos de Representação do Conhecimento:** uma abordagem de representatividade social. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2019.

RENAULT, L. V. **A ciência da informação e sua configuração epistemológica:** análise com base nas linhas de pesquisa da área. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2007.

REVOREDO, T. M. **A filosofia da informação na ciência da informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi**. 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, Recife, 2015.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 201

RIBEIRO, E. N.; MELO, R.D. R.; DANTAS, M. J. P. Aplicação da análise de redes sociais nos dados de um curso à distância: estudo de métricas e visualização de grafos. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. 36., João Pessoa, PB. out. 2016.

RIGONATTO, M. Derivação. **Portugues.** Disponível em: https://www.portugues.com.br/gramatica/derivacao.html. Acesso em: 2 maio. 2023.

ROBREDO, J. **Da ciência da informação revisitada aos sistemas humanos de informação.** Brasília, DF: Thesaurus; 2003.

ROCHA, G. K. Uma topo-ontologia de Heidegger e Bachelard. **Ideas Y Valores**, Bogotá, v. l, n. 172, 2020. Disponível em:

https://www.redalyc.org/journal/809/80966858003/80966858003.pdf. Acesso em: 28 dez. 2022.

ROMEIRO, N. L. **Vamos fazer um escândalo:** a trajetória da desnaturalização da violência contra a mulher e a folksonomia como ativismo em oposição a violência sexual no Brasil. 2019. 168 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SÁ, J. A noção de racionalismo aplicado na obra de Gastón Bachelard. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa, v. 17, n. 1, p. 134-153, jun. 2018. Disponível em:https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/804. Acesso em: 25 jun. 2016.

SALDANHA, G. S. **Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação:** uma leitura em diálogo com Wittgenstein. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2008.

SAMPAIO, D. B..; LIMA, I.F.. Lugar de fala, representações e representatividade de mulheres e LGBTQ+ na biblioteconomia a partir das ações extensionistas e de pesquisa no brasil. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. especial, p. 34-49, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/361. Acesso em: 7 fev. 2022.

SANTOS, B. S. **La Globalización del derecho:** los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Bogotá, Colombia: IlSA; Universidad Nacional de Colombia, 1998. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/La_globalizacion_del_derecho_Los_nuevos_caminos_de_la_regulacion_y_la_emancipacion.pdf. Acesso em: 28 dez. 2022.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (org.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, J. S. **Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação**: estudo dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005, 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2006.

SANTANA, G. A. **Multi, inter e transdisciplinaridade (MIT) na ciência da informação:** análise de conteúdos das produções científicas do evento científico ENANCIB e dos periódicos Qualis A1nacionais 2012 -2016. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, 2019.

SANTANA, S. R.; MELO, M. L. D.; SILVA, M. B.A cena Drag & DJ no contexto da pandemia: lugar de fala, informação e coletividade. *In*: Lives e olhares livres: a população

LGBTQIA+ no contexto da pandemia da Covid-19, 2020, **Anais**[...]. João Pessoa: UFPB, 2020. Disponível em: https://liveseolhareslivres.wordpress.com/caderno-de-resumos. Acesso em: 16 nov. 2022.

SANTANA, S. R.; SOUZA, E. D. A formação do espírito científico na ciência da informação: contribuições da psicanálise do conhecimento e da responsabilidade social. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019. Disponível em: http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/123732. Acesso em: 14 jan. 2020.

SARACEVIC, T. Information Science: origin, evolution and relations. In: VAKKARI, Pertti, CRONIN, B. (Eds.). Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives. THE INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES OF UNIVERSITY OF TAMPERE, 1991, Proceedings… Finland. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 5-27. Disponível em: http://comminfo.rutgers.edu/~kantor/601/Readings2004/Week2/w2R1.PDF. Acesso em: 13 abr. 2022.

SETZER, V. W. Dado, informação, conhecimento e competência. **DataGramaZero:** Revista de Ciência da Informação, dez. 1999. Disponível em: http://www.dgz.org.br/dez99/Art_01.htm. Acesso em: 13 abr. 2015.

SCOTT, J. **Social NetworK Analysis**: a handbook. 2. ed. London: Thousands Oaks; Califónia: Sage Publications, 2004.

SCHUTZ, A. **Phenomenology of the social world.** Evanston, Northwestern, 1967.

SILVA; ATAÍDE JÚNIOR, Consciência e Senciência Como Fundamentos do Direito Animal. **Revista Brasileira de Direito e Justiça**, Ponta Grossa , v. 4, jan./dez, 2020,Disponível em: https://institutopiracema.com.br/wp-content/uploads/2021/10/RBDJ-UEPG-Consciencia-e-senciencia-como-fundamentos-do-DAnimal.pdf. Acesso em: 20 jun. 2022.

SILVA, A. C. B. M.; GARCIA, J. C. R. Responsabilidade ética e social do arquivista e a lei de acesso à informação. **ÁGORA**, Florianópolis, v. 27, n. 55, p. 539-565, jul./dez. 2017.

SILVA, A. M. O Método Quadripolar e a Pesquisa em Ciência da Informação. **Prisma**.**COM**, 2014. Disponível em: http://revistas.ua.pt/index.php/prismacom/article/view/3097. Acesso em: 20 jun. 2017.

SILVA, A. O.; FRANÇA, A. L. D.; BELLINI, C. G. P.; DIAS, G. A.; SILVA ,P. M.;ARAÚJO, W. J. Colaboração entre programas de pós-graduação brasileiros em Ciência da Informação: modelagem baseada em grafos. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 1-22, set./dez. 2012. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/8814. Acesso em: 28 jul. 2020.

SILVA, A. P. L.; PEDROZA, F. J. A.; SOBRAL, N. V.; BUFREM, L. S. Indicadores científicos, tecnológicos e acadêmicos: uma proposta para a univasf a partir das demandas institucionais. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 3, 2018. Disponível em: https://brapci.inf.br/index.php/res/download/108512. Acesso em: 28 dez. 2022.

SILVA, E. F. **A exclusão de gênero em ciência e tecnologia na perspectiva da ciência da informação**: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará, 2020.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciência Da Informação, Belém, 2020.

SILVA, E. L. PANORAMA DA PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.16, n.1, p.159-177, jan./jun. 2006. Disponível em: http://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/viewFile/451/1503. Acesso em: 1 ago. 2020.

SILVA, F. C. G. **Acessibilidade e inclusão digital**. Indaial: Uniasselvi, 2019.

SILVA, G. M. **As relações entre informação, linguagem e símbolo**: a filosofia da Ciência da Informação entre a realidade e a idealidade. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

SILVA, J. L. C. A subjetividade no discurso da sociedade da informação. In: MOTA, A. R. *et al*. **Versados em Ciência da Informação**. João Pessoa: Imprell, 2014.

SILVA, L. E. F. Do "eu penso" da Ciência Moderna à consciência possível na Ciência da Informação: uma relação possível sob a égide da responsabilidade social da informação. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 3-14, set./dez. 2019. Disponível em: http://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/6167/6810. Acesso em: 12 set. 2022.

SILVA, L. K.R. **Feminismo negro e epistemologia social**: trajetórias de vida de pesquisadoras
negras em biblioteconomia e ciência da informação, 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, T. J. **Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira,** 2019.
Tese (doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019.

SILVA, W. A. **Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação**: cartografia das práticas discursivas. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2009.

SILVA, Z. C. G. **Produção interdisciplinar na Ciência da Informação: abordagem nos domínios da arquitetura da informação.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, João Pessoa, 2016.

SILVEIRA, H. F. R.Um estudo do poder na sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, set./dez. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a08v29n3.pdf . Acesso em: 28 fev. 2021.

SIQUEIRA, H. S. G. ; MEDEIROS, M. F. S. Somos todos ciborgues: aspectos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. **Revista de Sociologia,** n. 8, 2011. Disponível em: https://journals.openedition.org/configuracoes/882. Acesso: 10 jul. 2020.

SISSON, N.; WINOGRAD, M. Bachelard e Freud: fenomenotécnica e psicanálise. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 64 n. 3, dez., 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672012000300010. Acesso em: 13 dez. 2019.

SMIRAGLIA, R.P. **Instatiation**: Toward a Theory. Proceedings of the Conference of Canadian Association for Information Science/L'Association canadienne des sciences de l'information, London, Ontario, Canada, 2005.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SOUZA, E. M.; BIANCO, M. F. ; GARCIA, A. Pesquisa Pós-Moderna: a fragmentação e o devir no campo organizacional. *In*: ENCONTRO DA ANPAD, 30., 2006, Salvador. **Anais** [...] Salvador: ANPAD, 2006. Disponível em: http://www.anpad.org.br/admin/pdf/enanpad2006-epqa-0306.pdf. Acesso em: 22 dez. 2019.

SOUZA, E. D. A. **A Epistemologia Interdisciplinar na Ciência da Informação:** dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, Belo Horizonte, 2011.

SOUZA, F. C. Os Paradigmas da Biblioteconomia e suas implicações no Ensino desta Ciência. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 2, set., 1996. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/5/45. Acesso em: 30 out. 2022.

SOUZA FILHO, M. C. Análise do discurso: o que é? Como se faz? Para quê serve? **Revista Gestão Universitária**, Belo Horizonte, p. 114 - 122, 6 mar. 2014.

SOUZA, L. Q. **As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF**: um estudo bibliométrico, 2021.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

STUBERT, D. **Relações interdisciplinares da ciência da informação refletidas na literatura da área e nos periódicos indexados na base de dados Scopus**, 2016. Dissertação (Mestrado em Ciência da Inforação) - Universidade Federal de Santa Catarina, programa de pós-graduação em ciência da informação, 2016.

SUAVE, A. L. **Ciência da informação e filosofia da informação**: perspectivas de relação a partir do estudo das publicações do GT1 do ENANCIB. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual de Londrina, PósGraduação em Ciência da Informação, Londrina, 2020.

SWALES, J. M. The concept of discourse community. In: SWALES, J. M. **Genre analysis.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990. p. 21-32.

TABOSA, H. R. **Biblioteconomia, ética, responsabilidade social e cidadania.**

TAKAHASHI, T. (Org.). **Sociedade da informação no Brasil**: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

TANUS, G. F. Da prática à produção do conhecimento: bibliotecas e biblioteconomia pré-científica. **RDBCI:** Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 16 n.3, set./dez. 2018.

TARDIF, M. Os professores enquanto sujeitos do conhecimento: subjetividade, prática e saberes no magistério. In: CANDAU, V.M. (org.) Didática, currículo e saberes escolares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 16.

TARGINO, M. G.; SANTANA, S. R. ;GARCIA, J. C. R. ;SOUZA, E. D. Do Sujeito Empático ao Sujeito Informacional: Relações Epistemológicas Acerca da Responsabilidade Social na Ciência da Informação. **Rev. FSA**, Teresina, v. 16, n. 3, p. 265-282, maio/jun. 2019. Disponível em: http://www4.fsanet.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1807/491491877. Acesso: 10 jul. 2020.

TEIXEIRA, O. A. Interdisciplinaridade: problemas e desafios. **RBPG. Revista Brasileira de Pós-Graduação**, n 1, jul. 2004. Disponível em: http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/22. Acesso em: 20 dez. 2019.

TERRA, M.V. S. C. **Análise do Discurso na perspectiva da Ciência da Informação :** dialogicidade epistemológica da Organização do Conhecimento com Foucault, Pêcheux e a Sociolinguística, 2019. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2019.

THIRY-CHERQUES, H. R. Responsabilidade moral e identidade empresarial **Revista de Administração Contemporânea,** Curitiba, v.7, n.spe , 2003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552003000500003. Acesso em: 20 mar. 2021.

VALLE, F.; PIMENTA R.; SCHNEIDER, M. Tecnologia e validação científica: um dilema ético e epistemológico. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19,. 2018, Londrina. **Anais** [...] Londrina: UEL, 2018. Disponível em: http://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102993. Acesso em: 11 jan. 2020.

VALENTIM, M. L. P.; ANÇANELLO, J. V. Análise de conceitos sobre valor da informação no âmbito da ciência da informação. **ConCI:** Conv. Ciênc. Inform., São Cristovão/SE, v. 1, n. 1, p. 26-46, jan./abr. 2018. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/9343. Acesso em: 17 fev. 2020.

VALLS, Á. L. M. **O que é ética**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

VANZ, S. A. S. **As redes de colaboração científica no Brasil (2004-2006)**. 2009. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

VANZ, S. A. S.; STUMPF, I. R. C. Procedimentos e ferramentas aplicados aos estudos bibliométricos. **Informação & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 67–75, 2010.

VASCONCELOS, M. C. N. **Informação Científica e Tecnológica no Brasil**: análise da produção periódica da Ciência Da Informação, 2020. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pos-Graduação em Ciência da Informação, Fortaleza, 2019.

VECHIATO, F. L. **Encontrabilidade da informação:** contributo para uma conceituação no campo da ciência da informação. 2013. 206 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

VIANA, A. F. **A produção científica acerca da temática LGBT**: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2021.

VIEIRA, K. R. **Mortimer Taube:** Discussões Epistemológicas de um Cientista da Informação, 2021. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de SantaCatarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2021.

VIGNOLI, R. G. **Informação líquida:** contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2021.

VINCK, Dominique. El papel de los objetos intermediadores en la interdisciplinariedad. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B7rxeg_cwHajMW9ZV0xFZHBhTnc/view?resourcekey=0-EMQFOeq47ZMhU1vdbSOP_A. Acesso em: 23 fev. 2022.

VON KROGH, GEORG; ICHIJO, K.; NONAKA, I . Facilitando a criação de conhecimento: reinventando a empresa com o poder da inovação continua. Oxford university press, 2001.

YAMAKAWA, Eduardo Kazumi *et al.* Comparativo dos softwares de gerenciamento de referências bibliográficas: Mendeley, EndNote e Zotero. **Transinformação**, Campinas, v. 26, n. 2, maio/agos., 2014. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/0103-37862014000200006. Acesso em: 13 dez. 2019.

WACQUANT, W. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 19, nov. 2002.

WAJNMAN, S. “Forma” Kitsch e teoria pós-moderna. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 19., 1996, Londrina. **Anais** [...] Londrina , 1996. Disponível em:

http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/14ebf240799aaebd92e6c316903e56b6.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1995.

WELCOME to VOSviewer. Centre for Science and Technology Studies, Leiden University, The Netherlands. Disponível em: https://www.vosviewer.com/. Acesso em: 13 dez. 2019.

WERSIG, G. Information science and theory: a weaver bird's perspective. In: VAKKARI, P; CRONIN, Blaise (Eds.). Conceptions of library and information science: historical, empirical and theoretical perspectives. London: Taylor Graham,1992.

ZOTERO: un gestor de referencias bibliográficas libre. **ACIMED** v.18 n.6 Ciudad de La Habana dic. 2008. Disponível em: http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1024-94352008001200018&lang=pt. Acesso em: 13 dez. 2019.

ZOTERO, Your personal research assistant. Disponível em: https://www.zotero.org/. Acesso em: 13 dez. 2019.

APÊNDICE

APÊNDICE A– ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO *LOOPING*

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - OBSTÁCULO *LOOPING*: O MANTRA COMPULSIVO		
Estrato-Essência 01	**Tese**	**HIGINO, Anderson Fabian Ferreira. Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB. 2011.**
São bastante comuns indicações de que a **interdisciplinaridade** é mencionada desde as primeiras tentativas de definição da área. Com efeito, Borko (1968) considera-a uma **ciência interdisciplinar** originada de e relacionada a uma vasta gama de campos do conhecimento e com características tanto de **ciência pura** quanto de **ciência aplicada**. Entretanto, previne o leitor quanto a que o caráter possivelmente complicado da definição decorre de sua tentativa de ser abrangente perante uma questão complexa e multidimensional. p. 71.		
Estrato-Essência 02	**Tese**	**RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa: uma proposta de resignificação para o nsino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, 2008.**
Borko (1968) entende que a ciência da informação tanto tem um componente de **ciência pura**, como campo de pesquisa dos fundamentos da informação, quanto um componente de **ciência aplicada**, quando desenvolve produtos e serviços. Mas, considera a biblioteconomia um aspecto aplicado da ciência da informação. Nesse sentido, a conceituação do CNPq está em consonância com a visão de Borko.		
Estrato-Essência 03	**Tese**	**RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa: uma proposta de resignificação para o nsino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, 2008.**
Na realidade, Wersig (1993) considera que a ciência da informação não é uma ciência clássica, imaginando-a como um protótipo de ciência **pós-moderna**. O autor entende que a emergência do campo decorre da necessidade de se criar estratégias para solucionar problemas causados pela ciência e tecnologia. A visão de Wersig está pautada na importância que o conhecimento passa a exercer no mundo contemporâneo, principalmente nas dimensões científica e tecnológica. Nesse contexto, considera a ciência da informação um novo tipo de disciplina e questiona sua organização como disciplina tradicional, enfatizando a necessidade de uma construção teórica que dê conta dessa nova complexidade. As idéias de Wersig estão, portanto, alinhadas com a visão do paradigma emergente que preconiza o afastamento do modelo positivista de ciência e a configuração de um novo tipo de ciência. p. 63. Citação Durante vinte anos de estudos de Ciência da Informação nossa percepção é de que a Ciência da Informação tem seu estatuto científico e que como **ciência social** que é, portanto, **interdisciplinar**por natureza, apresenta interface com a **Biblioteconomia,** Ciência da Computação, Ciência Cognitiva, Sociologia da Ciência e Comunicação, entre outras áreas ... (PINHEIRO, 1997, p.1).p.93.		
Estrato-Essência 04	**Tese**	**SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. Práticas de compartilhamento do conhecimento na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação,2021.**
Assim como Le Coadic (2004), Wersig (1993) considerou a CI uma ciência **pós-moderna** que evoluiu, especialmente, após da década de 1960 e busca o desenvolvimento de recursos para aprimorar as questões relacionadas à informação, ciência e tecnologia. p. 33. Trata-se de uma ciência **pós-moderna**, que aflora após a Segunda Guerra Mundial. p.74.		
Estrato-Essência 05	**Tese**	**Silva, Tiago José da. Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira, 2019.**
Citação É uma ciência interdisciplinar derivada de campos relacionados, tais como [...] Biblioteconomia, Administração, e outros campos científicos semelhantes. Têm ambos componentes, de ciência pura visto que investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de ciência aplicada, visto que desenvolve serviços e produtos.		
Estrato-Essência 06	**Tese**	**MELO, Willian Lima. O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista, 2020.**
Sobre o que venha ser Ciência da Informação, Borko (1968) apresenta as seguintes propostas: definição, com a síntese de ideias e conceitos que venham a identificar essa **nova ciência**; a necessidade da Ciência da Informação, que, segundo Borko (1968, p. 2, grifo do autor, tradução nossa), teria como meta "[...] fornecer um corpus teórico sobre informação em prol da melhoria de várias instituições e procedimentos dedicados à		

acumulação e transmissão do conhecimento"; e a harmoniosa dicotomia da CI como **ciência pura** e aplicada. p. 86.		
Estrato-Essência 07	**Tese**	**PIMENTEL SOBRINHO, Alvaro Caetano. A contribuição do conceito do bit quântico(q-bit) para os fundamentos teóricos da ciência da informação, 2013.**
Éo que Borko (1968) explica como "**componente da ciência pura**", a qual questiona um sujeito sem pensar na aplicação e o "**componente da ciência aplicada**", que desenvolve produtos e serviços.p. 80.		
Estrato-Essência 08	**Tese**	**NISENBAUM, Moisés André. A transposição científica da Física para a Ciência da Informação,2017.**
A **interdisciplinaridade** é característica de ciências **pós-modernas** (WERSIG, 1993) mas, no caso da CI, esta característica se potencializa porque seu objeto de estudo é a Informação, qualificado como "obscuro" por Pinheiro (2004) por sua "complexidade e riqueza semântica". p. 41. A Física é uma ciência clássica, com inúmeras especialidades e objetos de estudo bem definidos, enquanto a CI é uma **ciência pós-moderna** (WERSIG, 1993), cujo objeto de estudo é a Informação, que lida com problemas complexos e **interdisciplinares**. p. 58		
Estrato-Essência 09	**Tese**	**VIEIRA, Keitty Rodrigues. Mortimer Taube: discussões epistemológicas de um cientista da informação, 2021.**
A **Ciência da Informação** se constitui como uma ciência **interdisciplinar** tendo em vista a complexidade de seu objeto de estudo: a informação. Neste sentido, é comum que a discussão acerca dos fundamentos **históricos e epistemológicos** da área aconteça sob diferentes perspectivas. Redón-Rojas (2008) ao tratar a epistemologia a partir das Ciências Sociais e Humanas, destaca que esta área do saber é caracterizada por um conjunto de conhecimentos e uma estrutura teórica para compreensão de seus objetos de estudo. Além disso, ao considerar a Ciência da Informação pertencente a esta área, afirma que a **interdisciplinaridade** existente nas ciências diz respeito a um conjunto de disciplinas que dialogam entre si, com o foco no fenômeno a ser estudado devido sua complexidade, não como uma estrutura onde uma disciplina se sobrepõe à outra. p.15-16.		
Estrato-Essência 10	**Tese**	**FREIRE, Isa Maria. A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico, 2001.**
A Pinheiro assinala que o primeiro artigo de revisão da literatura da área [...] foi publicado nove anos depois que o American Documentation Institute (ADI) mudou seu nome para American Society for Information Science (ASIS), e a denominação "ciência da informação" já estava consolidada. Naquele mesmo ano, 1968, Borko publicou um artigo no periódico American Documentation onde se questiona sobre a ciência da informação indagando: "O que é isto ?"[...] Para definí-la, ele busca apoio em artigo publicado no número inicial do Annual Review of Information Science (ARIST), propondo uma síntese entre as três definições ali apresentadas[..]. Citação "Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem seu fluxo e os métodos para processá-la, a fim de obter acessibilidade e utilização ótimas. Está interessada num conjunto de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Inclui a investigação das representações da informação nos sistemas naturais e artificiais, a utilização de códigos para transmissão eficiente da mensagem, o estudo de instrumentos e técnicas de processamento da informação, tais como computadores e seus sistemas de programação. É uma ciência **interdisciplinar** ... relacionada com a matemática, a lógica, a lingüística, a psicologia, a tecnologia de computação, a pesquisa operacional, as artes gráficas, a comunicação, a biblioteconomia, a administração ... Tem componentes de uma **ciência pura**, que investiga o assunto sem relação com sua aplicação, e componentes de uma **ciência aplicada**, que cria serviços e produtos" [...].		
Estrato-Essência 11	**Tese**	**MARTINS, Gracy Kelli. Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, 2014.**
No ano de 1968, a definição de CI recebe nova reformulação através de um artigo de Borko (1968, p.03, tradução nossa), intitulado *Information Sience – What is it?*, que vem a cristalizar-se e tornar-se referência para as publicações acerca da CI: Citação A Ciência da Informação – a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo da informação e os meios de processamento para acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange à origem, coleta, organização, armazenagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação, as representações da informação tanto no sistema natural, como artificial, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens e o estudo dos serviços e técnicas de processamento da informação e seus sistemas		

de programação. Trata-se de uma ciência **interdisciplinar** derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia computacional, as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a **Biblioteconomia**, a gestão e outros campos similares. Tem tanto um componente de **ciência pura**, que indaga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como um componente de ciência aplicada, que desenvolve serviços e produtos. (...) a Biblioteconomia e a Documentação são aspectos aplicados da Ciência da Informação. Perceptivelmente, a Documentação, dada a época, ainda no cerne do modernismo, é definida como uma "ciência prática com um componente teórico constituído por princípios e um componente constituído por técnicas", a cargo que a Informática dedica-se aos estudos da informação científica, sem desconsiderar seu viés social. A CI surge com um desdobramento de **ciência pós-moderna**, composta, como coloca Rayward (1997, p.3), de pedaços disciplinares e embasada na falta de acordo ao que constitui precisamente sua "**natureza interdisciplinar comumente aceita**". p.61.
Estrato-Essência 12 | **Tese** | **SANTOS Neto, João Arlindo dos. O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos,2019.**
Após explicitar as principais características da CI: **ciência pós-moderna**, **social** e **interdisciplinar**, apresenta-se algumas definições para as relações disciplinares que podem ser estabelecidas em uma ciência: pluri ou multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. p.55.
Estrato-Essência 13 | **Tese** | **MORAES, Marcos Antonio de. A configuração interdisciplinar da ciência da informação pelo olhar da análise de citações, 2020.**
Segundo Wersig (1993), a CI é uma ciência que, não pode ser vista como **clássica**, mas sim como um protótipo de **um novo tipo**, o que indica que a área seria uma **ciência pós-moderna**. O mesmo autor afirma que as **ciências pós-modernas** não podem ser vistas como as **ciências clássicas** que buscam entendimento do funcionamento do mundo, mas sim como novos tipos de ciência que busca resolver problemas causados justamente pelas **ciências clássicas** e pelos avanços tecnológicos. No entanto, a construção de uma ciência **pós-moderna** pautada fora dos moldes das **ciências tradicionais**, como é o caso da CI, põe em xeque o status de ciência. As **ciências pós-modernas** geralmente não possuem objetos e métodos únicos e são orientadas para criar estratégias para resolver problemas. Além disso, assim como a CI, elas têm fortes **características interdisciplinares**, o que pressupõe,em linhas gerais, constantes diálogos com diversas áreas de conhecimento. No caso da CI, um breve estudo epistemológico da área pode mostrar evidências desses diálogos com outras áreas.
Estrato-Essência 14 | **Tese** | **SANTOS, Cassia Dias. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional, 2017.**
Percebe-se que, mesmo o campo científico se desenvolvendo no escopo dos sistemas de informação com uma visão restrita do objeto de estudo, Borko (1968, p.3) ponderava que a **Ciência da Informação** poderia se apresentar, tanto como uma **Ciência Pura**, por analisar conceitos sem pensar numa possível **aplicação**, quanto como uma **Ciência Aplicada**, relacionada à prática voltada aos serviços e produtos de informação, visando atender as necessidades de uma dada sociedade.
Estrato-Essência 15 | **Tese** | **VECHIATO, Fernando LuizEncontrabilidade da informação: contributo para uma conceituação no campo da Ciência da Informação, 2013.**
Harold Borko formulou uma das primeiras definições para a Ciência da Informação a partir das discussões realizadas nessas conferências, aperfeiçoando a definição apresentada anteriormente por Taylor [...]: Citação Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo de informação e os significados de processamento da informação, com vistas à otimização do acesso e do uso. Ela está preocupada com esse corpo de conhecimentos relacionados com a origem, coleção, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação. Isto inclui a investigação sobre representação da informação em sistemas naturais e artificiais, o uso de códigos para a transmissão eficiente da mensagem, bem como o estudo de dispositivos e técnicas de processamento da informação como computadores e seus sistemas de programação. [...] Ela tem tanto um componente de **ciência pura**, porquanto investiga seu objeto sem considerar sua aplicação, e um componente de **ciência aplicada**, visto que desenvolve serviços e produtos. (BORKO, 1968, p. 3, tradução nossa42). p.72.
Estrato-Essência 16 | **Tese** | **VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.**
Segundo López Yepes (1995), a American Documentation Institute fomentou o desenvolvimento do Symposium on Education for Information Sciences para revisar a necessidade de investigar a área e suas relações entre homem e máquina, homem e homem e homem e documento. Assim, sob liderança da American Documentation Institute e com o objetivo de estabelecer uma definição para o desenvolvimento da information science, outro conceito para a ciência da informação foi definido: Citação

Information science se refere, em particular, às mensagens armazenadas ou registradas, sua criação como marcas ou documentos distinguíveis, sua disseminação e uso. A disciplina alcança dois níveis de ciência: um componente da **ciência pura** que investiga o assunto sem considerar sua **aplicação** e um componente da **ciência aplicada** desenvolvida em serviços e produtos.134 (TAYLOR, 1966, p. 68 citado por LÓPEZ YEPES, 1995, p. 164, grifo nosso,tradução nossa). p.209. Assim como Taylor (1966), Ress e Saracevic (1967) e Borko (1968) demonstram que a ciência da informação tem componentes de ciência pura e aplicada, pois consideram sua aplicação em serviços e produtos aprofundados com base em pesquisa básica. Por isso, Borko (1968) explica que a área tanto é considerada como **ciência pura** ou básica baseada em aportes teóricos, quanto é aplicada, destinada a atender demandas. p.211-212.		
Estrato-Essência 17	**Tese**	**NASCIMENTO, Francisco Arrais. Nomear, classificar, existir: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+, 2021.**
Por fim, a estrutura discursiva finalística proposta por Silva (2016), indica que a Ciência da Informação "[...] tem tanto um componente de **ciência pura**, através de pesquisa dos fundamentos, sem atentar para sua aplicação, quanto um componente de **ciência aplicada**, ao desenvolver produtos e serviços" (BORKO, 1968, p. 3). 39.		
Estrato-Essência 18	**Tese**	**MORAES, Sônia Cristina Bocardi. Pragmatismo peirceano e a concepção de informação: contribuições à ciência da informação e a organização da informação,2020.**
Tendências contemporâneas são de tratamento sistêmico e condições interativas entre os acervos "e as relações sociais, econômicas, culturais, políticas, administrativas e outras que constituem a realidade humana" (ARAUJO, 2014b, p. 6). Citação Trata-se de uma ciência **interdisciplinar** [...]. Tem tanto um componente de **ciência pura**, que indaga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como um componente de **ciência aplicada**, que desenvolve serviços e produtos. […] a biblioteconomia e a documentação são aspectos aplicados da Ciência da Informação (BORKO, 1968, p. 4). p. 59.		
Estrato-Essência 19	**Dissertação**	**SANTANA, Gustavo Alpoim. De Multi, Inter e Transdiciplinaridade (MIT) na Ciência da Informação: Análise de Conteúdos das Produções Cientificas do Evento ENANCIB e dos periódicos Qualis A1 Nacionais 2012-2016, 2019**.
Este autor ressalta ainda que esta presença podetambém ser constatada na versão ampliada desta definição do campo realizada por Borko(1968, p. 2): Citação Ciência da Informação é a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que regem o fluxo informacional e os meios de processamento da informação para a optimização do acesso e uso. Está relacionada com um corpo de conhecimento que abrange origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação (grifo nosso). Isto inclui a investigação, as representações da informação tanto em sistema natural, como no artificial, o uso de códigos para uma eficiente transmissão de mensagens e o estudo dos serviços e técnicas de processamento da informação e seus sistemas de programação. Trata-se de uma ciência interdisciplinar derivada e relacionada com vários campos como a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a ciência da computação (grifo nosso), as operações de pesquisa, as artes gráficas, as comunicações, a biblioteconomia, a administração e outros campos similares. Tem tanto uma componente de **ciência pura**, que indaga o assunto sem ter em conta a sua aplicação, como uma componente de **ciência aplicada**, que desenvolve serviços e produtos[...]. p. 28. As práticas apontadas por Pombo (2003,2006) podem ser observadas na produção de variadas classes de experimentos "**interdisciplinares** de investigação (**pura** e **aplicada**) em universidades, laboratórios, departamento técnicos; na experimentação e institucionalização de novos sistemas de organização, programas interdepartamentais, redes e grupos interuniversitários [...]" POMBO (2006, p 225). P. 52.		
Estrato-Essência 20	**Dissertação**	**SANTOS, Vinicius Ribeiro Soares. A produção sobre ciência aberta na área da Ciência da Informação no Brasil: análise no mapa temático das publicações da BRAPCI – 2015 a 2019, 2022.**
A Ciência da Informação é uma disciplina **pura** – por estudar o objeto informação sem pô-lo em prática e **aplicada** – por desenvolver produtos oriundos da aplicação da informação (BORKO, 1968) relativamente recente, datando do pós-Segunda Guerra Mundial e oriunda da necessidade de se lidar com a explosão documental ocorrida à época, em decorrência dos grandes avanços científicos (BUSH, 1945; SARACEVIC, 1996). p.22 Pinheiro (1999) destaca três pontos que caracterizam a Ciência da Informação enquanto **interdisciplinar**: por conta de seu estatuto científico de ciência **social**, por suas interfaces com outros campos – tais como		

Biblioteconomia, Ciência da Computação e Comunicação e possui objeto de estudo de difícil apreensão, enquanto complexo na dimensão abstrata. p.24.		
Estrato-Essência 21	**Dissertação**	**RENAULT, Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área, 2007.**
Outra possibilidade seria considerar a ciência da informação como um advento da **pós-modernidade**, ou **ciência pós-moderna**, tal qual WERSIG (1993) propõe. p. 19. Resta-nos então, identificar o modelo com o qual se trabalha nesta linha de pesquisa. Pinheiro (1997) lança mão da idéia de uma informação tecnológica que diz respeito à uma racionalização do conhecimento, fazendo inclusive uma aproximação com Wersig e o seu modelo de **ciência pós-moderna** para a CI. p. 113. Pois, a ciência da informação, de modo particular, é considerada ciência "**jovem**" (embora sedutora) e sua cientificidade é colocada em questão quando se trata de discutir os seus fundamentos. No entanto, para nós, na medida em que se afirma como **ciência social** e, portanto, amplia a dimensão da produção e uso de suas técnicas, a ciência da informação se aproxima mais de uma consolidação científica. p 132 -133.		
Estrato-Essência 22	**Dissertação**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação, 2009.**
Algumas dessas questões aqui brevemente comentadas estão refletidas nos resultados da pesquisa4 de Araújo et al. (2007, p. 107), que abordaram questões concernentes à temática da "Ciência da Informação como: uma **ciência social**; uma **ciência interdisciplinar**; uma **ciência pós-moderna**; e a natureza de sua relação com a **Biblioteconomia**". p. 13.		
Estrato-Essência 23	**Dissertação**	**SANTOS, Joefisson Saldanha. Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação: estudo dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005, 2006.**
Para Borko (1968) a ciência da informação tem um aspecto de ciência **pura** quando questiona o assunto sem se preocupar com sua **aplicação**, e um aspecto de ciência **aplicada** quando desenvolve produtos e serviços. p. 54. Nesta análise evidencia-se a contradição anteriormente indicada em relação ao caráter tanto prático como teórico. Isso se deve, talvez, pelo fato de a ciência da informação ser considerada uma disciplina que congrega aspectos tanto práticos quanto teóricos, ou seja, um quê de ciência **aplicada** e outro de ciência **pura** (Borko, 1968). p. 80.		
Estrato-Essência 24	**Dissertação**	**DUARTE, Andre Felipe Pinto. Recentes tentativas de consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico no contexto das reflexões sobre a ciência,2001.**
Tanto a design science, de SIMON, quanto a **ciência pós-moderna**, de WERSIG, guardam estreita semelhança com a idéia de prática profissional ou de **ciência aplicada**. Em ambas, o objetivo é lidar com problemas específicos identificados na prática profissional. p.71.		
Estrato-Essência 25	**Dissertação**	**SALDANHA, Gustavo Silva. Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein, 2008.**
A **pós-modernidade**, manifestada por alguns teóricos da CI como justificativa para a imagem que revela seu caráter de **ciência diferente**, ou **nova ciência**, ou **ciência emergente**, ou **interdisciplinar**, configura-se, dentre outras caracterizações, por uma busca desenfreada por uma imagem ideal – nas palavras de Rolnik (1997, p. 21), uma "toxicomania generalizada" de identidades, um vício por encontrar uma representação fiel – a linguagem ideal - para seus fundamentos. p. 94.		
Estrato-Essência 26	**Dissertação**	**MENEZES, Ivandro Pinto. A ciência da informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas, 2013.**
Nesse sentido, fala-se em Ciência da Informação11, que na definição de Borko (1968, p. 3). Citação [...] É uma ciência **interdisciplinar** relacionada a diversos campos do conhecimento científico como matemática, lógica, linguística, psicologia, ciências da computação, pesquisa de operações, as artes gráficas, comunicações, ciência de **biblioteconomia**, gestão [Administração], e outros campos semelhantes. Tem tanto um componente de ciência **pura**, que investiga e se submete à sua aplicação, como um componente de **ciência aplicada**, que desenvolve serviços e produtos.12 (tradução livre).p.10.		
Estrato-Essência 27	**Dissertação**	**PADILHA NETO, José Domingos. A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração, 2020.**
A CI possui, em seu campo de estudo, uma forte orientação para a **interdisciplinaridade**, tanto por estar inserida em um contexto científico **pós-moderno** como, principalmente, por ser uma ciência que utiliza dos		

aportes teóricos de outras áreas do conhecimento para atender às suas situações-problemas diante da multiplicidade temática que possui. p.26		
Estrato-Essência 28	**Dissertação**	**SOUSA, Ana Claudia Medeiros. O perfil temático, teórico e metodológico das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba período 2008/2010, 2012.**
Assim se configura a CI, com autores concordando e discordando, identificando nessa ciência paradigmas, características e teorias. Aqui, pode-se citar o exemplo de Borko (1968), que define a CI como uma disciplina que estuda as propriedades e o fluxo das informações, destacando também sua **interdisciplinaridade** e relação com outras ciências, enfatizando, ainda, que a mesma pode ser considerada tanto uma **ciência pura**, como também uma **ciência aplicada**. p.31.		
Estrato-Essência 29	**Dissertação**	**BEZERRA, Vinícius Cabral Accioly. Epistemografia Interativa como prática em ambientes digitais : um protótipo no Repositório Filatélico Brasileiro, 2019.**
Em consonância com as características **pura** e **aplicada** da Ciência da Informação (BORKO, 1968), esta pesquisa realizou extenso levantamento bibliográfico, discussão teórica e indicação da aplicabilidade das ideias fundantes do projeto para a realização de um protótipo para experienciar a Epistemografia Interativa, utilizando tecnologias da Web Semântica e selos postais como itens informacionais no ambiente digital do REFIBRA, assim caracterizando-se como uma pesquisa teórico-prática. p.53.		
Estrato-Essência 30	**Dissertação**	**BARBOSA, Carolina de Paula. As bibliotecas nacionais na perspectiva do regime de informação: um diálogo epistemológico e político, 2019.**
Citação É uma ciência **interdisciplinar** [...] relacionada com a matemática, a lógica, a linguística, a psicologia, a tecnologia de computação, a pesquisa operacional, as artes gráficas, a comunicação, a **biblioteconomia**, a administração [...] Tem componentes de uma **ciência pura**, que investiga o assunto sem relação com sua aplicação, e componentes de uma **ciência aplicada**, que cria serviços e produtos" (BORKO, 1968, p. 3). p.53.		
Estrato-Essência 31	**Dissertação**	**ALVES, José Alexandre da Costa.Ciência da Informação e Ciência da Administração: questões epistemológicas e o fenômeno da informação, 2008.**
Diante desta discussão, Caravantes (2005) afirma que quando usamos a expressão "**ciência pura**", isso significa dizer que esta limita-se à descrição do fenômeno, à sua compreensão, simplesmente. No entanto, quando utilizamos este conhecimento para agir, passamos para o campo das "**ciências aplicadas**". O autor enquadra, ainda, como "**ciência social**", todas as atividades nas quais os pesquisadores estão preocupados em sistematicamente investigar e explicar aspectos da relação entre o indivíduo e a sociedade da qual é parte integrante. Esse conceito inclui, necessariamente, além da Administração – uma das ciências mais novas, a Sociologia, a Antropologia Social, a Psicologia e as Ciências Políticas, entre outras, inclusive a Ciência da Informação. p. 48.		
Estrato-Essência 32	**Dissertação**	**ALVES, José Alexandre da Costa.Ciência da Informação e Ciência da Administração: questões epistemológicas e o fenômeno da informação, 2008.**
Diante desta discussão, Caravantes (2005) afirma que quando usamos a expressão "**ciência pura**", isso significa dizer que esta limita-se à descrição do fenômeno, à sua compreensão, simplesmente. No entanto, quando utilizamos este conhecimento para agir, passamos para o campo das "**ciências aplicadas**". O autor enquadra, ainda, como "**ciência social**", todas as atividades nas quais os pesquisadores estão preocupados em sistematicamente investigar e explicar aspectos da relação entre o indivíduo e a sociedade da qual é parte integrante. Esse conceito inclui, necessariamente, além da Administração – uma das ciências mais novas, a Sociologia, a Antropologia Social, a Psicologia e as Ciências Políticas, entre outras, inclusive a Ciência da Informação. p. 48.		
Estrato-Essência 33	**Dissertação**	**PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área, 2007.**
A Ciência da Informação é um campo que possui componentes de uma **ciência pura**, na medida em que investiga os assuntos sem relação com a aplicação, e componentes de uma **ciência aplicada**, na medida em que cria serviços e produtos (BORKO, 1968). No seu surgimento, as investigações na Ciência da Informação estavam direcionadas para as propriedades e o comportamento da informação, desde o seu fluxo, processamento, acesso e uso (BORKO, 1968; SARACEVIC, 1996). Wersig e Nevelling (1975) consideram a Ciência da Informação como uma disciplina propósito-orientada ou problema-orientada, uma vez que se preocupa com a transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam. É também considerada uma **ciência social**, por se preocupar com o esclarecimento de um problema social concreto, ou seja, o problema da informação, mais especificamente do ser **social** que procura a informação. Por isso, seu cenário real está vinculado à responsabilidade social (WERSIG; NEVELLING, 1975). p.14.		

Estrato-Essência 34	**Dissertação**	**STUBERT, Daniela.Relações interdisciplinares da ciência da informação refletidas na literatura da área e nos periódicos indexados na base de dados Scopus, 2016.**
Explicam Bicalho e Oliveira (2011) que a CI encontrou em sua **natureza interdisciplinar** uma maneira de desenvolver-se e tem avançado por meio de duas vertentes aparentemente conflituosas, a necessidade de fortalecer sua base teórica e de interagir com outras áreas (BICALHO; OLIVEIRA, 2011, p. 57). Pinheiro (1999) ressalta que a CI tem seu próprio estatuto cientifico, como **ciência social**, portanto interdisciplinar por natureza, mas precisa consolidar suas teorias e construir metodologias próprias que lhe garantam maturidade para interagir com outras áreas.		
Estrato-Essência 35	**Dissertação**	**ALMEIDA, Carlos Cândido. O campo da ciência da informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo do Brasil, 2005.**
Por um lado, na concepção da ciência da informação não se constatam observações desse tipo. A definição de Borko (2001) reproduz a essência das idealizações construídas no Georgia Tech. O autor separa a ciência da informação em **ciência pura** e **ciência aplicada**. Por outro lado, Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi (1980, p. 72) são bem específicos quanto à abrangência, ao programa de estudo da informática e ao significado concedido à palavra "informação"[...]. p.89.A expressão "ciência da informação" pode levar a entendê-la enquanto ciência autônoma e independente, ao contrário de informática. Mikhailov, Chernyi e Gilyarevskyi (1980, p. 72-73) esclarecem que informática é uma **disciplina social** e estuda todos os processos de comunicação científica, nos canais formais e nos informais. p.89. Nessa mesma direção, Carvalho (1999) explora o pressuposto de que a ciência da informação tem uma natureza interdisciplinar e social, pois faz interface com as ciências sociais, além de dar conta de um fenômeno social, o da informação, que, conseqüentemente, requer várias abordagens. Orientado, substancialmente, pelos autores Santos e Wersig, Carvalho (1999, p. 58-60) conclui que a ciência da informação é **interdisciplinar** por natureza, insere-se plenamente no contexto das ciências sociais, orienta-se por problemas e deve ser considerada como uma **ciência nova** ou **pós-moderna**. p.116.		
Estrato-Essência 36	**Dissertação**	**LANÇA, Tamie Aline. Multi e interdisciplinaridade nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação: estudo bibliométrico com dados da Plataforma Lattes, 2018.**
Numa discussão acerca da cientificidade da Ciência da Informação e sua natureza interdisciplinar, Ricken (2006) levanta seus diferentes aspectos, variáveis de acordo com a formação dos autores pesquisados. Percepções de estudiosos sobre a área, baseadas em suas obras, são apresentadas em ordem cronológica, o que ilustra sua evolução. São elas: disciplina científica e **social**; disciplina **empírica**; ciência que possui aspectos **básicos** e **aplicados**; disciplina científica **interdisciplinar**; disciplina propósito-orientada; ciência atípica; disciplina **emergente**; disciplina **prática** e tecnológica: disciplina **empírica**; **interdisciplina**; ciência **pura** e **aplicada**; **nova ciência**; e ciência proveniente da ciência das **bibliotecas** (RICKEN, 2006).		
Estrato-Essência 37	**Dissertação**	**MARQUES, Márcia. Modelo de ação comunicativa e de informação para redes sociais em ambientes digitais, 2015.**
Nascida em torno dos anos 1950, a Ciência da Informação tem componente de **ciência pura**, na pesquisa dos fundamentos, e componente de ciência aplicada, no desenvolvimento de produtos e serviços. p.57.		
Estrato-Essência 38	**Dissertação**	**NASCIMENTO, Marta Sianes Oliveira. Proteção ao conhecimento: uma proposta de fundamentação teórica, 2008.**
Wersig (1993) propõe a Ciência da Informação como uma **ciência pós-moderna**, **interdisciplinar por natureza**, e que objetiva solucionar os problemas causados pelas ciências clássicas e pelas tecnologias. Está orientada para a transferência da informação e utiliza conceitos das ciências sociais, da comunicação, da psicologia, da lingüística e, ainda, reforça o papel desempenhado pelas tecnologias da informação nesse contexto. p.87.		
Estrato-Essência 39	**Dissertação**	**BEMBEM, Angela Halen Claro. A Ciência da Informação e os espaços antropológicos: uma aproximação possível? 2013.**
A ciência da informação, como ciência **social aplicada**, direciona-se a compreender a problemática social da informação, e é voltada para o ser social e porá e necessita dessa informação[....]. p.8.		
Estrato-Essência 40	**Dissertação**	**DAL' EVEDOVE, Paula Regina. A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional, 2010.**
Inicialmente, tem-se a Ciência da Informação como um campo do saber que possui componentes de uma **ciência pura**, na medida em que investiga os assuntos sem relação com a **aplicação**, e componentes de uma **ciência aplicada** ao criar serviços e produtos (BORKO, 1968). Devido a sua preocupação com a construção de abordagens específicas, enfrenta problemas devido ao fracionamento de seu campo científico em inúmeras disciplinas, o que obriga os cientistas da informação a lidarem com dados fragmentados de natureza empírica e teórica. p.56.		

Estrato-Essência 41	**Dissertação**	**NUNES, Lucilene. Epistemologia da ciência da informação: um estudo das comunicações da GT1 do ENANCIB, 2009**.
Tendo em vista o exposto acima, muitos autores parecem concordar que a Ciência da Informação não se enquadra nos parâmetros de uma ciência clássica, mas corresponde a uma **nova ciência** ou uma "**ciência pós-moderna**", como já vimos. Para Wersig (1993, apud PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p.44), "a Ciência da Informação não deve ser pensada em termos de uma ciência clássica, mas como protótipo de uma **nova ciência**". Para ele essa **nova ciência** se construiria por meio de abordagens estratégicas voltadas para a solução ou trato de problemas. Loureiro (1995) compartilha dessa posição quando afirma que: [...] p.42.		
Estrato-Essência 42	**Dissertação**	**NUNES, Lucilene. Epistemologia da ciência da informação: um estudo das comunicações da GT1 do ENANCIB, 2009.**
Entre as características dessas "ciências pós-modernas" estaria a natureza interdisciplinar. O diálogo com várias disciplinas forneceria enriquecimento mútuo, resultando na criação de um objeto novo, mas que preservaria, no entanto, os interesses bem como a autonomia e identidade de cada uma delas. 42.Atualmente, na definição de CI de Saracevic, percebemos argumentos, a nosso ver, muito mais centrados, concretos, podemos dizer até mais confiantes. Isso é demonstrado tanto em sua conceituação quanto na divisão da área em três características básicas: **natureza interdisciplinar**; ligação com a tecnologia da informação; participação na sociedade da informação principalmente em dimensão social e humana. 46. O mesmo Saracevic (1996), delimita a Ciência da Informação com três características básicas. A primeira é sua **natureza interdisciplinar**, a segunda sua ligação direta com a tecnologia da informação e a terceira diz respeito a sua "participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação", lembrando, principalmente, sua forte dimensão social e humana. Para o autor, essas três características constituem um modelo para a compreensão da área e dos problemas que ela enfrenta. 40		

APÊNDICE B – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO ECO

.

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - OBSTÁCULO ECO: A NATUREZA *IPSIS LITTERIS*		
Estrato-Essência 43	**Tese**	**A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar /SOUZA, Edivanio Duarte de, 2011.**
Segundo Saracevic (1992, 1995), a Ciência da Informação tem três características gerais apresentadas por muitos outros campos, mas que corresponde à matriz de sua evolução e de sua própria existência: a sua **natureza interdisciplinar**, o vínculo necessário com a tecnologia da informação e a participação ativa na sociedade da informação. Essas características amplas se apresentam como condições para a emergência e evolução do campo científico, na medida em que são condições gerais da própria estrutura social e do modo de conhecimento científico. Elas vão permear todas as discussões e tentativas de estabelecimento do domínio disciplinar da Ciência da Informação. p.120.		
Estrato-Essência 44	**Tese**	**OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas, 2011.**
Em seus estudos, Saracevic (1996) assegura que são três as características gerais que constituem a razão da existência e da evolução da Ciência da Informação. Afirma que, apesar das relações da Ciência da Informação com outras disciplinas estarem em processo de mudança, ela é por **natureza interdisciplinar** e sua evolução nesse aspecto está longe de ser completada; que a CI está inegavelmente ligada à tecnologia da informação, sendo que o imperativo tecnológico é determinante na CI [...]. p.70.		
Estrato-Essência 45	**Tese**	**HIGINO, Anderson Fabian Ferreira. Ciência da Informação, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade: uma análise do contexto brasileiro com foco no ENANCIB, 2011.**
Apesar de assumirem como pressupostos a "**marcada natureza interdisciplinar**" e as "características de ciência pós-moderna" da Ciência da Informação (p. 2), as autoras admitem que a metodologia "reconhecidamente interdisciplinar" da área "tem se pautado mais pela apropriação e utilização de métodos de outras disciplinas do que propriamente pelo intercâmbio com estas" p. 297.		
Estrato-Essência 46	**Tese**	**ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica, 2009.**
Saracevic (1995, 1996) vê na Ciência da Informação três características que constituem a razão de sua existência e evolução: 1) sua **natureza interdisciplinar**; 2) uma inexorável ligação à tecnologia da informação; e 3) a participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. p. 75. E Saldanha (2008) critica a afirmação de que a Ciência da Informação nasce interdisciplinar, por considerá-la, na realidade, uma construção social baseada na especialização no trato da informação. Para esse autor, o termo interdisciplinaridade ganhou importância na Ciência da Informação ao mesmo tempo que no discurso de outros campos, como uma forma de garantir a "sobrevivência tanto dos 'novos' quanto dos 'antigos' saberes" (SALDANHA, 2008, p.93), em reação à desmistificação da ciência que ocorreu no século XX. Segundo Saldanha, o "recurso teórico adotado de imputar à Ciência da Informação uma **'natureza interdisciplinar'** é, antes, uma argumentaçãoxpolítica de implantação de um discurso que se fazia presente já em diferentes escopos de estudo" (SALDANHA, 2008, p.93). p. 76.		
Estrato-Essência 47	**Tese**	**SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. Práticas de compartilhamento do conhecimento na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação, 2021.**
O desenvolvimento da CI decorre de três períodos importantes segundo Pinheiro (1997). O primeiro, na década de 1960, quando apareceu o termo CI e seus primeiros conceitos e definições; o segundo, entre as décadas de 1970 e 1980, quando houve o empenho da área em estabelecer as metodologias e delimitar seu campo epistemológico, tudo isso sob a égide das novas tecnologias; por fim, enfatizou que a década de 1990 se tratou de consolidar a CI e suas teorias, além das discussões sobre a **natureza interdisciplinar** da área. p. 31.		
Estrato-Essência 48	**Tese**	**SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos ,2015.**
É muito comum ver estudos sobre a **natureza interdisciplinar** da CI que culminam por caracterizar a informação naturalmente como fenômeno interdisciplinar em face da relação objeto-campo do conhecimento		

(PALMER;NEUMANN, 2002; PINHEIRO, 2004; PREBOR, 2010; CHERRY et al, 2011; BICALHO; OLIVEIRA, 2011; CHANG; HUANG, 2012) p. 388.		
Estrato-Essência 49	**Tese**	**SILVA, Tiago José da. Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira, 2019.**
No entendimento de Pinheiro (2005), a Ciência da Informação é social e também de **natureza interdisciplinar**, de forma que seus pressupostos disciplinares tendem a definir suas fronteiras constituintes. p. 39.		
Estrato-Essência 50	**Tese**	**BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas, 2021.**
A Teoria Crítica colabora com a Ciência da Informação, inclusive por sua **natureza interdisciplinar**, na formação de seus pesquisadores, para que, independentemente de suas áreas de origem, possam aplicar o viés sociológico crítico, acrescentando, mesmo às pesquisas técnicas e mais exatas, a crítica e a percepção da influência de poderes e questões históricas, políticas, sociais e culturais, que perpassam suas pesquisas. p. 187.		
Estrato-Essência 51	**Tese**	**ALMEIDA, Tatiana de. Os loci epistêmicos e o método analítico como forma de compreensão do ensino e da pesquisa em organização do conhecimento no Brasil do século XXI, 2019.**
A primeira é a dimensão epistemológica onde se concentram os estudos sobre suas bases conceituais, históricas e metodológicas, além de seus diálogos interdisciplinares. De acordo com a ISKO, essa é a dimensão na qual é discutida a **natureza interdisciplinar** da organização e representação do conhecimento bem como os impactos decorrentes do avanço das tecnologias da informação. p. 55.		
Estrato-Essência 52	**Tese**	**NISENBAUM, Moisés André. A transposição científica da Física para a Ciência da Informação,2017.**
A ciência da informação é uma "área do conhecimento autônoma, com seu próprio estatuto científico e cuja **natureza interdisciplinar** é evidenciada com distintos campos" (PINHEIRO; LOUREIRO, 1995). p. 41.		
Estrato-Essência 53	**Tese**	**GARCIA, Cristiane Luiza Salazar. Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da ciência da informação: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação, 2018.**
Considerando a informação registrada e institucionalizada como insumo básico para a construção do conhecimento no contexto da Ciência da Informação, destaca-se o desenvolvimento de referenciais teóricos e aplicados, de **natureza interdisciplinar**, acerca da produção e da organização da informação. A produção da informação é abordada sob os eixos da produção científica (avaliação do comportamento da ciência) e da produção documental (Diplomática contemporânea) e a organização da informação é abordada a partir dos processos de análise, síntese, condensação, representação, e recuperação do conteúdo informacional, bem como das competências e comportamentos informacionais do usuário inerentes a tais processos.p 170.		
Estrato-Essência 54	**Tese**	**VIEIRA, Keitty Rodrigues. Mortimer Taube: discussões epistemológicas de um cientista da informação, 2021.**
A **Ciência da Informação** se constitui como uma ciência **interdisciplinar** tendo em vista a complexidade de seu objeto de estudo: a informação. Neste sentido, é comum que a discussão acerca dos fundamentos **históricos e epistemológicos** da área aconteça sob diferentes perspectivas. Redón-Rojas (2008) ao tratar a epistemologia a partir das Ciências Sociais e Humanas, destaca que esta área do saber é caracterizada por um conjunto de conhecimentos e uma estrutura teórica para compreensão de seus objetos de estudo. Além disso, ao considerar a Ciência da Informação pertencente a esta área, afirma que a **interdisciplinaridade** existente nas ciências diz respeito a um conjunto de disciplinas que dialogam entre si, com o foco no fenômeno a ser estudado devido sua complexidade, não como uma estrutura onde uma disciplina se sobrepõe à outra. p.15-16.		
Estrato-Essência 55	**Tese**	**MATOS, José Claudio Morelli.Uma análise da participação curricular da Lógica no ensino de Ciência da Informação no Brasil, 2021.**
Le Coadic (1996, p. 22) segue em uma direção similar quando define a CI: Citação A ciência da informação é uma dessas novas interdisciplinas, um desses novos campos de conhecimento onde colaboram entre si, principalmente, a psicologia, a linguística, a sociologia, a informática, a matemática, a lógica, a estatística, a eletrônica, a economia, o direito, a filosofia, a política e as telecomunicações. Repare-se que o autor alude à colaboração entre essas diversas áreas. Esta colaboração é uma das formas assumidas pela **natureza interdisciplinar** da CI. **Isso não implica necessariamente em algum problema de demarcação de fronteiras ou de identidade própria da ciência da informação**. Tendo sido reconhecida sua temática principal na necessidade de lidar com o volume de informação sendo produzida e comunicada na infosfera, sua natureza interdisciplinar parece antes uma estratégia que reforça sua missão teórica e aplicada. p.18.		
Estrato-Essência 56	**Tese**	**MARTINS, Gracy Kelli. Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, 2014.**

Perceptivelmente, a Documentação, dada a época, ainda no cerne do modernismo, é definida como uma "ciência prática com um componente teórico constituído por princípios e um componente constituído por técnicas", a cargo que a Informática dedica-se aos estudos da informação científica, sem desconsiderar seu viés social. A CI surge com um desdobramento de **ciência pós-moderna**, composta, como coloca Rayward (1997, p.3), de pedaços disciplinares e embasada na falta de acordo ao que constitui precisamente sua "**natureza interdisciplinar comumente aceita**". p.61.		
Estrato-Essência 57	**Tese**	**SANTOS Neto, João Arlindo dos. O estado da arte da mediação da informação: uma análise histórica da constituição e desenvolvimento dos conceitos,2019.**
Nunes e Cavalcante (2017) também enfatizam uma **natureza interdisciplinar** na constituição do arcabouço teórico da mediação. Em contrapartida e complementando o exposto, Santos (2015) e Moraes (2017) advogam que a mediação se constitui como um conceito transdisciplinar, em que as fronteiras disciplinares estão diluídas e há uma integração homogênea entre elas, numa espécie de unidade do conhecimento. p.344.		
Estrato-Essência 58	**Tese**	**MORAES, Marcos Antonio de. A configuração interdisciplinar da ciência da informação pelo olhar da análise de citações, 2020.**
A **natureza interdisciplinar** da área fundamenta-se em três principais características: a primeira é justamente devida à complexidade do objeto da informação e os processos e fluxos que a envolvem; a segunda relaciona-se com a formação diversa dos pesquisadores que dedicaram seus estudos aos problemas informacionais durante o surgimento da área; por fim, a terceira característica relaciona-se com as diversas disciplinas que convergiram para a formação da [...]. 19 **Natureza interdisciplinar**, em sua relação com outras disciplinas;Ligação com as tecnologias da informação;Participação ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação, com forte dimensão social e humana que está acima e além da tecnologia [...].p.19. É por esse motivo que estudos epistemológicos e históricos dessa ciência apontam que trata-se de um campo **interdisciplinar por natureza**, a qual, segundo estudiosos do tema (SARACEVIC, 1994; 1994, BARRETO, 2007), tem origem, sobretudo, na complexidade de seu objeto principal de estudo. Logo, a informação é tida como um importante elemento para o caminho da ciência e, porque não dizer, da humanidade na contemporaneidade. p.18. No campo da Ciência da Informação, a interdisciplinaridade tem sido abordada por grande parte da produção científica da área como algo natural: "**interdisciplinar por natureza**" (SARACEVIC, 1192). Dados da produção científica, revelados por meio de índices de citações à autores e à periódicos, além de listagens de temas de interesse e disciplinas são abordagens a apropriadas aos estudos das relações da CI com outras áreas do conhecimento. Desse modo, o periódico científico desponta como fonte fundamental para o desenvolvimento dessas pesquisas. p.42.		
Estrato-Essência 59	**Tese**	**CUSTÓDIO, Pollyana Ágata Gomes da Rocha As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil: uma análise cientométrica, 2018.**
O cientista da computação italiano Nicola Guarino (47 citações), do Istituto di scienze e tecnologie cognitive (ISTC), cujos estudos são desenvolvidos na temática de tecnologias da informação a partir da ontologia computacional, bem como em análise conceitual e representação do conhecimento, **apresenta pesquisa de natureza interdisciplinar**, envolvendo contribuições da computação, da linguística, da lógica e da filosofia. p.58. As dimensões teórica, epistemológica e aplicada da linha de pesquisa em produção e organização da informação considera a construção do conhecimento no contexto da Ciência da Informação, os eixos da produção científica (avaliação do comportamento da ciência) e da produção documental (Diplomática contemporânea) e a organização da informação, a **natureza interdisciplinar** e o uso das metodologias a partir dos estudos métricos e seus subcampos:Informetria, Cienciometria, Bibliometria e Webometria. p.66. A análise dos referentes teóricos por instituição e no conjunto das instituições reitera a **natureza interdisciplinar**, revelando interfaces com outras áreas de conhecimento, como se pode observar, com a Filosofia, a Sociologia, a Administração, a Comunicação, a Computação, das quais a CI importa conceitos para a sua consolidação enquanto área de conhecimento. p.121. A análise dos referentes teóricos por instituição e no conjunto das instituições reitera a **natureza interdisciplinar**, revelando interfaces com outras áreas de conhecimento, como se pode observar, com a Filosofia, a Sociologia, a Administração, a Comunicação, a Computação, das quais a CI importa conceitos para a sua consolidação enquanto área de conhecimento. p.121.		
Estrato-Essência 60	**Tese**	**SANTOS, Cassia Dias. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional, 2017.**
De acordo com Saracevic (1995), a Ciência da Informação é composta por três características básicas: sua **natureza interdisciplinar**; sua conexão com as tecnologias da informação; e sua participação ativa na Sociedade da Informação. Mais especificamente, a Ciência da Informação é vista como um campo que emergiu		

de um processo interativo com várias disciplinas, tracejado pela forte emergência da sociedade em lidar adequadamente com a crescente massa informacional gerada, incluindo as tecnologias como ferramenta essencial para esse contexto. p.98. Assim, é possível evidenciar teóricos como: Goffman (1970) sobre **a natureza interdisciplinar**; Harmon (1971) ressaltando cronologicamente a evolução de disciplinas; Wersing e Nevelling (1975) e Brookes (1981) discutindo o objeto da área; Herner (1984) destacando as atividades práticas da área; entre outros. p.116. Shera (1980, p.99) desconhece que a Ciência da Informação tenha uma base teórica própria, defendendo que a mesma pode ser encontrada no seio de outras disciplinas em que se ampara, como a prática biblioteconômica. Pinheiro e Loureiro (1995, p.43) também reconhecem a importância da Biblioteconomia, além da Informática para a Ciência da Informação, porém, não compartilham a ideia de que este campo é uma evolução delas, pois a reconhecem: "[...] como [uma] área do conhecimento autônoma e com seu próprio estatuto científico e cuja **natureza interdisciplinar** é evidenciada com distintos campos". p.126.		
Estrato-Essência 61	**Tese**	**VECHIATO, Fernando LuizEncontrabilidade da informação: contributo para uma conceituação no campo da Ciência da Informação, 2013.**
Nesta subseção, buscaremos caracterizar preliminarmente a Ciência da Informação nos apoiando em Tefko Saracevic (1996), que aponta como principais características do campo científico: sua **natureza interdisciplinar**; a importância das TIC para a área; e sua participação efetiva na evolução da sociedade da informação. No tocante à necessidade da interdisciplinaridade da Ciência da Informação, Saracevic (1996) enfatiza que os problemas complexos que permeiam o campo científico, como a compreensão das manifestações da informação e da comunicação, do comportamento informacional humano e dos aspectos que permitem tornar o conhecimento humano mais acessível, incluindo os ajustes tecnológicos, não podem ser resolvidos no âmbito de uma só disciplina, demandando enfoques interdisciplinares e soluções **multidisciplinares**.		
Estrato-Essência 62	**Tese**	**VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.**
Quanto a sua **natureza interdisciplinar**, para Borko (1968), a ciência da informação é uma ciência derivada de áreas como a matemática, lógica, linguística, psicologia, ciência da computação, engenharia da produção, artes gráficas, comunicação, biblioteconomia, administração e outras. Apesar de possuir proximidades com uma variedade de outras áreas, Borko (1968) buscou também enfatizar esse quesito da ciência da informação, sempre eminente em sua trajetória histórica e científica. p.211. Por conseguinte, Saracevic (1995, 1996) divide a ciência da informação, que surge na revolução científica do pós-guerra, em três características gerais: 1) por sua **natureza interdisciplinar**; 2) por sua conexão inexorável com a tecnologia da informação; e 3) em sua participação ativa na evolução da sociedade da informação. Fica claro que o autor evidencia não somente o uso das tecnologias da informação na ciência da informação, mas os indivíduos e seus contextos em suas necessidades na sociedade da informação, o que possui aspecto social. p.312.		
Estrato-Essência 63	**Tese**	**NASCIMENTO, Francisco Arrais. Nomear, classificar, existir: um estudo das práticas discursivas como contribuição para a organização do conhecimento produzido por comunidades LGBTQIAP+, 2021.**
Logo, para que se possa compreender a atuação de tal pesquisa no âmbito da Ciência da Informação (CI), alicerça-se o argumento na **natureza interdisciplinar** da CI (LE COADIC, 2004; SARACEVIC, 1996), uma vez que a CI responde aos problemas informacionais da sociedade, de sua origem voltada ao uso da informação nos diferentes contextos humanos. De modo a maximizar o entendimento acerca do estudo na área, adotou-se a perspectiva proposta por Silva (2016) que divide o conceito da área proposto por Borko (1968) em três "estruturas discursivas", a saber: estrutura discursiva conceitual, estrutura discursiva acerca a dinâmica da área e estrutura discursiva finalística. p.38.		
Estrato-Essência 64	**Tese**	**NHACUONGUE, Januário Albino. O campo da Ciência da Informação: contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno, 2015.**
Saracevic (1992) traçou o perfil da CI a partir da sua **natureza interdisciplinar** e principalmente com base na sua estreita ligação com a tecnologia da informação e na sua peculiaridade do comprometimento pela responsabilidade social de transmissão de conhecimento, num aspecto que transcende a tecnologia. Esta linha de pensamento coaduna com o entendimento de Le Coadic (2004), ao afirmar que, preocupada em esclarecer o problema social da informação, a CI situa-se no campo das ciências sociais que permitem uma compreensão social e cultural, com recurso à interdisciplinaridade. Assim, mesmo que as informações do Facebook ou Twitter, na sua maioria, sejam singelas, existe a necessidade da sua preservação e recuperação para o usuário, pois a Ciência da Informação é eminentimente social e a sua contribuição é voltada para a sociedade em todas as suas dimensões. A sociedade visada pelos olhares e fazeres da CI é simultanêamente fator e produto do **pós-modernismo.** p.17. A CI contribui significativamente para a transferência da informação, através de processos e métodos que permitem a disseminação e o compartilhamento de informações para a construção de conhecimento, por meio		

de estruturas cognitivas dos indivíduos situados em todas as áreas do saber. Como campo científico, a CI tem uma **natureza interdisciplinar** e estreita ligação com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). p.19. Em síntese, a CI é um campo de conhecimento que se situa no rol das ciências emergentes, frutos da Revolução Científica e Tecnológica. A maioria dos aspectos abordados na área são anteriores ao período pós-guerra, mas este período é considerado como principal marco pela institucionalização da CI como campo científico. A CI tem uma **natureza interdisciplinar**, **tecnológica** e **social**, justificadas pelo objeto de estudo a "informação", visando à recuperação e usabilidade, por isso, está inserida no paradigma da complexidade, como ciência em constante transformação em função das situações concretas de cada estágio da sociedade. O comprometimento com a dimensão social do usuário é frequente e notório através das respectivas linhas de pesquisa, em observância às especificidades e contextos de comunicação e interação, para uma efetiva transformação ou conhecimento em ação. O Capítulo 4 analisa algumas questões relacionadas com a dimensão social do usuário, envolvidas na representação da informação. p.83.

Estrato-Essência 65	**Dissertação**	**SANTANA, Gustavo Alpoim. De Multi, Inter e Transdiciplinaridade (MIT) na Ciência da Informação: Análise de Conteúdos das Produções Cientificas do Evento ENANCIB e dos periódicos Qualis A1 Nacionais 2012-2016, 2019.**
Saracevic (1996, p. 42), adiciona que várias forças compelem ao reexame de diversos problemas na área, para o autor, "a ciência da informação parece estar atingindo uma conjuntura crítica em sua evolução". O autor ainda elenca 03 (três) fatores que constituem tanto a razão da existência quanto a evolução da CI: a sua **natureza interdisciplinar** em constante mutação e longe de se tornar estável; a sua ligação inexorável com a Tecnologia da Informação, sendo o imperativo tecnológico elemento que determina esse campo, facilitando e impulsionando o surgimento de uma gama variada de novos serviços, produtos, sistemas e redes de informação com competividade crescente; e, como ocorre em outros campos – a CI é uma participante presente e determinada da Sociedade da Informação1, em plena expansão. p. 18. A CI, desde suas fases iniciais, foi pautada pelo reconhecimento da sua **natureza interdisciplinar** e discussões sobre o tema possibilitaram o estabelecimento de conceitos-chave que são pertinentes a qualquer área do conhecimento conforme aludem Barbosa e Bax (2013, p. 1). Citação Em todo campo científico e especialmente na Ciência da Informação (CI), por sua **natureza interdisciplinar**, é crucial discutir as fundamentações teóricas e disciplinares de referência. A pesquisa interdisciplinar é um modo de investigação científica que integra duas ou mais disciplinas para avançar na compreensão e resolver problemas cujas soluções estão fora do escopo de uma única disciplina. p. 42. De acordo com Coneglian, Gonçalvez e Segundo (2017, p. 131), frente a evolução em direção à Sociedade da Informação a CI, por sua **natureza interdisciplinar**, observa alterações também nos profissionais da informação. Para os autores, o profissional da informação é o [...] "indivíduo que recebeu formação específica para trabalhar com dados, informação e conhecimento, bem como sua mediação" (VALETIM APUD CONEGLIAN, GONÇALVEZ e SEGUNDO, 2017, p. 131). p. 75.		
Estrato-Essência 66	**Dissertação**	**SANTOS, Vinicius Ribeiro Soares. A produção sobre ciência aberta na área da Ciência da Informação no Brasil: análise no mapa temático das publicações da BRAPCI – 2015 a 2019, 2022.**
Saracevic (1995; 1996) sintetiza três elementos como os principais constituintes da Ciência da Informação: o campo é, por **natureza, interdisciplinar5**, está conectado diretamente à tecnologia da informação e participa de maneira destacada no desenvolvimento da Sociedade da Informação. p.24.		
Estrato-Essência 67	**Dissertação**	**RENAULT, Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área, 2007.**
Quando, de fato, realizamos a análise das linhas de pesquisa, bem como da literatura (recortada) da área de ciência da informação, as possibilidades se multiplicaram. A ciência da informação se mostrou afeita a inúmeros paradigmas e abordagens localizadas em diversas linhas e autores. A pretensão "totalizadora" se mostrou mais uma vez inviável, pois, a multiplicidade de conceitos e teorias inviabilizaria e corroboraria a **natureza interdisciplinar** da ciência da informação. Entretanto, os "paradigmas-objeto" por nós encontrados na análise das linhas de pesquisa, assim como na análise do texto de Capurro (2003), tiveram o cuidado de preservar a relação disciplinar necessária para se dizer que uma ciência possui determinado objeto. p. 133.		
Estrato-Essência 68	**Dissertação**	**RENAULT , Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área, 2007.**
A ciência da informação se mostrou afeita a inúmeros paradigmas e abordagens localizadas em diversas linhas e autores. A **pretensão "totalizadora"** se mostrou mais uma vez inviável, pois, a multiplicidade de conceitos e teorias inviabilizaria e corroboraria a **natureza interdisciplinar** da ciência da informação. Entretanto, os		

"paradigmas-objeto" por nós encontrados na análise das linhas de pesquisa, assim como na análise do texto de Capurro (2003), tiveram o cuidado de preservar a relação disciplinar necessária para se dizer que uma ciência possui determinado objeto. p. 133.		
Estrato-Essência 69	**Dissertação**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação, 2009.**
Várias áreas do conhecimento discutem suas fronteiras disciplinares com outros campos, a Ciência da Informação já "nasce" com **natureza interdisciplinar**, o que se justificaria primeiramente por ela não poder resolver seus problemas a partir de abordagens ou construtos de uma única disciplina (cf., SARACEVIC, 1995, 1996; PINHEIRO; LOUREIRO, 1995; PINHEIRO, 1999, 2002, 2005).		
Estrato-Essência 70	**Dissertação**	**MARTINS, Ana Amelia Lage.Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação, 2010.**
Almeida (2005), em seu trabalho de dissertação sobre o discurso coletivo dos pesquisadores em Ciência da Informação28 a respeito da área, mostra que **a natureza interdisciplinar** da Ciência da Informação opera de modo significativo nas representações produzidas pelos autores brasileiros relativas ao campo. p.80. Buscando mapear os desdobramentos disciplinares da Ciência da Informação, Pinheiro (2003) estabelece que as considerações acerca do caráter interdisciplinar do campo deram-se a partir da década de 1960. Para a autora a natureza interdisciplinar do campo foi "reconhecida" pelos autores, o que ratifica a característica interdisciplinar como algo supostamente "imanente" à Ciência da Informação. p. 81-82. Em seu texto já clássico na área "Ciência da Informação: origem, evolução e relações", publicado originalmente em 1991, o autor trabalha três premissas principais: a) a Ciência da Informação é, por **natureza, interdisciplinar**, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando; b) a evolução interdisciplinar está longe de ser completada; c) a Ciência da Informação está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação, sendo o "imperativo tecnológico determinante da C.I" (SARACEVIC, 1996, p.42). p. 84.		
Estrato-Essência 71	**Dissertação**	**MATOS, Maurício Torres. Intersecções entre a ciência da informação e a ciência de dados: contribuições para os sistemas de informação governamentais, 2021.**
Agarwal e Dhar (2014) relacionam ainda a Ciência de Dados à disciplina de Sistemas de Informação, destacando o papel histórico desta última na condução de pesquisas relacionando tecnologia e dados a atividades organizacionais e à sociedade, preocupando-se com aspectos tais como o armazenamento, gerenciamento e processamento de dados, assim como sua estruturação. Para os autores, a **natureza interdisciplinar** e transdisciplinar de SI em conjunto com as perspectivas, técnicas e ferramentas desenvolvidas pela área representam uma vantagem para a compreensão das questões relacionadas à Ciência de Dados. p. 36.		
Estrato-Essência 72	**Dissertação**	**PADILHA NETO, José Domingos. A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração, 2020.**
Fernandes, Cendón e Araújo (2011) apresentam, como uma das questões que está relacionada com a **natureza interdisciplinar** da CI, o fato de a área estar, também, em busca de identidade em relação à identificação das principais disciplinas que possuem interface com o campo. p. 26.		
Estrato-Essência 73	**Dissertação**	**ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.**
Os estudos desenvolvidos na Ciência da Informação sob a égide do paradigma social requerem o estabelecimento de uma relação interdisciplinar com outras áreas do conhecimento: Tecnologia da Informação, Ciência Política, Psicologia e, sobretudo, com a Sociologia. Saracevic (1995) aponta três características da Ciência da Informação: **natureza interdisciplinar**, sua relação com as tecnologias da informação e uma forte dimensão social e humana. p. 28.		
Estrato-Essência 74	**Dissertação**	**SOUSA, Ana Claudia Medeiros. O perfil temático, teórico e metodológico das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba período 2008/2010, 2012.**
Dentre esses autores apresentados acima, percebe-se ainda, que os mais abordados foram Saracevic e Borko. Esses dois últimos autores são reconhecidos na Ciência da Informação por suas produções e contribuições para área. Saracevic descreve a CI como de **natureza interdisciplinar**, com uma conexão inexorável com a tecnologia da informação e participante ativa na evolução da sociedade da informação. Já Borko, afirma que os estudos da Ciência da Informação buscam pesquisar as propriedades e o comportamento da informação. p. 137.		
Estrato-Essência 75	**Dissertação**	**MELO, Maytê Luanna Dias. Programas disciplinares da Ciência da Informação: conformação do campo epistemológico no Brasil, 2017.**
Tomando como referência esse contexto, Saracevic (1996) esclarece que a Ciência da Informação possui três características que correspondem à matriz de sua evolução e existência, a saber, a **natureza interdisciplinar**, o vínculo com a Tecnologia da Informação e a participação deliberada na Sociedade Informacional. Essas		

características permeiam as discussões e tentativas de estabelecimento do domínio disciplinar da Ciência da Informação, nos últimos anos. p.13.
Em virtude dos problemas tratados em torno do seu objeto de estudo, a Ciência da Informação é um campo científico em que as práticas interdisciplinares estão muito presentes. Segundo Saracevic (1996), a Ciência da Informação é por **natureza interdisciplinar**, surgiu no berço da revolução científica e, portanto, está seguindo os mesmos passos evolutivos de outros campos. p.23.
A **natureza interdisciplinar**, o vínculo com a tecnologia da informação e a participação deliberada na Sociedade Informacional são características que, segundo Saracevic (1996), constituem o tripé de existência e evolução da Ciência da Informação. Nos últimos anos, essas características permeiam os debates em torno do estabelecimento do domínio disciplinar da área. p.93.

Estrato-Essência 76	**Dissertação**	**REVOREDO, Túlio de Morais. A Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi, 2015.**

Constituir um estudo da epistemologia, de modo geral, ou especificamente, para tentar encaixar a discussão em uma disciplina científica específica, não é tarefa fácil. Estudos em epistemologia são considerados pela abrangência interdisciplinar de discussão que permeiam muitos aspectos, quanto a construção do conhecimento, incluindo os aspectos sociológicos e políticos da definição de campos científicos. Esta proximidade com outras áreas do conhecimento e a forma com que a epistemologia se propõe a resolver, assumindo a **natureza interdisciplinar** da investigação. p.22.

Estrato-Essência 77	**Dissertação**	**CORDEIRO, Pedro Aurelio Cerveira. Análise de discurso e Ciência da Informação: Ensaio Sobre Uma Possibilidade Metodológica,2004.**

Na literatura acadêmica, a AD vem se expandindo para além do discurso políticoideológico, confirmando sua **natureza interdisciplinar**, ligada, mesmo, a sua concepção original, como veremos na seção seguinte. s/p.
Já vão mais de trinta anos de discursos sobre a natureza interdisciplinar da Ciência da Informação; desde Shera (1973), passando por Pinheiro (1996), divulgadora do pensamento de Japiassú neste campo [...].s/p .
Na tentativa de problematizar os espaços entre as disciplinas, ou seus intermeios4, Mostafa se apoia em Orlandi, "a primeira autora brasileira a fugir das filosofias da consciência e do poder regenerador da razão interdisciplinar", e se justifica na apresentação de seu referido projeto na Internet:
citação
"[...] tornou-se quase uma impossibilidade falar em CI sem falar, no mesmo movimento, em Lingüística, Comunicações, Informática, em Psicologia, em Sociologia; agora também Antropologia. [...] É como se a interdisciplinaridade funcionasse apenas para constituí-la (por isso fala-se tanto na **"natureza" interdisciplinar** da CI). [...] Mais sério: a ciência fica sem dialogar consigo mesma, numa identidade disciplinar autoritária fazendo falar alguns autores (os santos fundadores) e calando outros, numa impossibilidade de refundações" (Mostafa 1997). s/p.

Estrato-Essência 78	**Dissertação**	**RODRIGUES, Diogo Duarte. Ciência da Informação e web design: interseções teóricas em busca de melhores práticas, 2016.**

Tefko Saracevic cita três características que constituem a razão de existência e evolução da Ciência da Informação:
Citação
Primeira, a CI é, por **natureza, interdisciplinar**, embora suas relações com outras disciplinas estejam mudando. A evolução interdisciplinar está longe de ser completada. Segunda, a CI está inexoravelmente ligada à tecnologia da informação. O imperativo tecnológico determina a CI, como ocorre também em outros campos. Em sentido amplo, o imperativo tecnológico está impondo a transformação da sociedade moderna em sociedade da informação, era da informação ou sociedade pós-industrial. Terceira, a CI é, juntamente com muitas outras disciplinas, uma participante ativa e deliberada na evolução da sociedade da informação. A CI teve e tem um importante papel a desempenhar por sua forte dimensão social e humana, que ultrapassa a tecnologia. (SARACEVIC, 1996, p. 42). p.20.

Estrato-Essência 79	**Dissertação**	**ALMEIDA, Carlos Cândido. O campo da ciência da informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo do Brasil, 2005.**

Nessa mesma direção, Carvalho (1999) explora o pressuposto de que a ciência da informação tem uma **natureza interdisciplinar** e social, pois faz interface com as ciências sociais, além de dar conta de um fenômeno social, o da informação, que, conseqüentemente, requer várias abordagens. Orientado, substancialmente, pelos autores Santos e Wersig, Carvalho (1999, p. 58-60) conclui que a ciência da informação é **interdisciplinar por natureza**, insere-se plenamente no contexto das ciências sociais, orienta-se por problemas e deve ser considerada como uma ciência nova ou pós-moderna. p.116.

Estrato-Essência 80	**Dissertação**	**LIMA-MARQUES, Mamede. Uma proposta de arquitetura genética da informação, 2013**.

E unanimidade na literatura que teorias, conceitos e métodos de outras disciplinas sejam utilizados para a compreensão dos problemas da Ciência da Informação. Devido à sua natureza interdisciplinar, a Ciência da Informação foi definida sob diversos pontos de vista, influenciados pelo contexto da disciplina de origem de cada autor. Sofreu, portanto, influências na definição de seu objeto de estudo e de sua abrangência temática. Saracevic (1995) observa que seria inviável tentar solucionar os problemas da área por meio de uma única disciplina. p.84.		
Estrato-Essência 81	**Dissertação**	**MACEDO, Flávia Lacerda Oliveira. Arquitetura da informação: aspectos epistemológicos, científicos e práticos, 2005.**
A literatura consultada confirma unanimemente a *natureza interdisciplinar* da Arquitetura da Informação. As divergências aparecem apenas entre os conjuntos de disciplinas e ciências listadas pelos autores como relacionadas à área, ainda que grande parte delas seja coincidente, como será demonstrado a seguir. p.153.		
Estrato-Essência 82	**Dissertação**	**FERNANDES, Gilberto Lourenço Proposta de fundamentação teórica para o Problema do Entendimento Humano, 2014.**
O posicionamento transdisciplinar adotado neste texto, para a análise do problema do entendimento humano, também está de acordo com a defesa da **natureza interdisciplinar** da Ciência da Informação por diversos autores, como Saracevic (1996, p. 42), que destaca o viés cognitivo e o viés social da Ciência da Informação, por Matheus (2005, p. 159)[...]. p.47.		
Estrato-Essência 83	**Dissertação**	**DAL' EVEDOVE, Paula Regina. A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional, 2010.**
Nessa perspectiva, sublinha-se no presente capítulo os pontos comuns que permeiam e fortalecem a relação entre a Ciência da Informação e as Ciências Cognitivas, a fim de compreender a abordagem cognitiva nos traços científicos da Ciência da Informação. Para tanto, inicialmente evidencia-se o movimento interdisciplinar na ciência e o posicionamento da Ciência da Informação nesse cenário contemporâneo, sendo tal reflexão fundamental por confrontar sua **natureza interdisciplinar** e a necessidade de delimitação de suas fronteiras investigativas. p.30. Popper (1972) salienta que a Ciência da Informação não estuda assuntos, mas sim problemas informacionais, os quais, no seu entendimento, devem atravessar os limites de qualquer assunto ou campo científico. Seguindo esta mesma linha de pensamento, Saracevic (1996, p.47) aponta que a Ciência da Informação atua em campos de concentração de problemas altamente complexos "[...] e como todos os problemas complexos são tratados de várias formas em muitos campos [...]". Na visão do referido autor, o imperativo dos problemas assegura ao campo uma **natureza interdisciplinar** e uma posição denominada de "fronteiriça" a outros campos do saber. p 44 Tradicionalmente, a Ciência da Informação é definida pelos problemas que apresenta e pelos métodos que escolhe para resolvê-los. Em síntese, a característica de **natureza interdisciplinar** da Ciência da Informação respalda-se na prerrogativa de que elucidar o problema e, naturalmente chegar a um novo questionamento, "[...] exige conhecimentos compartilhados e a construção de um novo saber" (MORIN, GADOUA, POTVIN, 2007,p.74). p.44. Ademais, percebe-se, por meio da observância dos discursos presentes na Ciência da Informação, a nítida confrontação entre **a natureza interdisciplinar** atuante e a necessidade de delimitação de suas fronteiras enquanto campo científico, uma vez que o uso exorbitante de conceitos importados de outros domínios é frequente e, na maioria das vezes, ao invés de contribuírem para o desenvolvimento do campo científico acabam por realizar o movimento inverso. p.46.		

APÊNDICE C – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO *DELAY*

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - OBSTÁCULO *DELAY*: PARA SEMPRE JOVEM		
Estrato-Essência 84	**Tese**	**SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos, 2015.**
O conceito social de informação tem sido discutido e investigado com muita ênfase na CI, especialmente a partir da década de 1990. Porém, é inegável que a constituição de fundamentos sociais da informação se estabelece desde a **juventude da CI** a partir da importação do conceito de **responsabilidade social** em Wersig e Neveling (1975) e de ideias como a **epistemologia social** de Egan e Shera (1952) e Shera (1977). p. 174.		
Estrato-Essência 85	**Tese**	**NISENBAUM, Moisés André. A transposição científica da Física para a Ciência da Informação, 2017.**
A Ciência da Informação (CI), por outro lado, é uma **ciência jovem** e sua historiografia varia de autor para autor. De acordo com Wersig e Neveling (1975), a CI surgiu na perspectiva de gerir as informações científicas. A CI já nasceu influenciada por outras disciplinas e, apesar da documentação e recuperação da informação terem sido sua motivação inicial, a CI cresceu e hoje estuda a Informação em contextos, categorizados, por exemplo nos EUA, pelos Special Interest Groups (SIGs)40 da Asis&t e no Brasil pelos Grupos de Trabalho da Ancib41. De acordo com a classificação das áreas de conhecimento do CNPq42, a Ciência da Informação é uma Ciência Social Aplicada enquanto a Física é uma Ciência Exata e da Terra. p. 58.		
Estrato-Essência 86	**Tese**	**NISENBAUM, Moisés André. A transposição científica da Física para a Ciência da Informação, 2017.**
A **Física como conhecemos hoje nasceu no século XVII**, com o advento da Revolução Científica e as descobertas de Galileu Galilei. De lá para cá, ao longo de quatro séculos, os físicos vêm aplicando o Método Científico para entender melhor a Natureza. O Método Científico é, de forma bem resumida, a observação dos fenômenos em busca de regularidades que, expressas em forma de Leis, podem ser usadas posteriormente para fazer previsões. Também é preocupação da Física a universalidade de suas leis bem como a unificação destas. A Matemática, linguagem da Física e da Química, que também surgiu no século XVII, foram as grandes "companheiras" da Física ao longo na história. A **Física, anciã das ciências modernas**, **foi construída gradativamente ao longo dos séculos e hoje apoia seu enorme castelo sobre alicerces firmes e seguros**, formados por uma grande comunidade científica, suas sociedades e organizações[...] e o expressivo número de publicações científicas3[...]. A Ciência da Informação (CI), por outro lado, é uma **ciência jovem** e sua historiografia varia de autor para autor. De acordo com Wersig e Neveling (1975), a CI surgiu na perspectiva de gerir as informações científicas. A CI já nasceu influenciada por outras disciplinas e, apesar da documentação e recuperação da informação terem sido sua motivação inicial, **a CI cresceu e hoje estuda a Informação em contextos**, categorizados, por exemplo nos EUA, pelos Special Interest Groups (SIGs)40 da Asis&t e no Brasil pelos Grupos de Trabalho da Ancib41. De acordo com a classificação das áreas de conhecimento do CNPq42, a Ciência da Informação é uma Ciência Social Aplicada enquanto a Física é uma Ciência Exata e da Terra. p.58.		
Estrato-Essência 87	**Tese**	**MARTINS, Gracy Kelli. Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, 2014.**
A Considerando a CI como uma **jovem ciência**, esta se encontra em processo de observação e experiência buscando autonomia enquanto campo científico (BOURDIEU, 20041). Analisando a dinamicidade de seu objeto científico – a informação – é possível também somar às suas características a mutabilidade, dada sua dissociável ligação às TIC. Denominada como interdisciplinar, sua constituição tomou por empréstimo métodos e teorias de outras ciências e consequentemente esse processo exigiu não apenas a adoção de termos oriundos de outras áreas, como a adequação e estruturação para formação de um vocabulário próprio e específico da grande área e de suas subdisciplinas. p.16.		
Estrato-Essência 88	**Tese**	**PANDO, Daniel Abraão. Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro, 2018.**
Como estabelecem Dal'Evedove e Fujita (2009), a Ciência da Informação apresenta-se como uma "**jovem**" ciência que ainda apresenta questões fundamentais a serem resolvidas ou, pelo menos, amenizadas. A justificativa da **jovialidade** da Ciência da Informação é um **argumento** que também foi evocado por Freire e Silva (2012) que apontam esse aspecto como uma das possíveis causas para o pouco entendimento a respeito do campo uma vez que, na visão dos autores, pelo fato de ter **surgido recentemente**, o mesmo ainda se encontra em fase de construção de teorias que possam ser aplicadas acadêmica e metodologicamente. "Este cenário justifica-se pelas divergências existentes entre os pesquisadores da área, sendo alguns dos exemplos dessa **falta**		

de consenso: definição do que é informação, do que é Ciência da Informação [...]" (DAL'EVEDOVE; FUJITA, 2009, p.152, grifo nosso). p.58.		
Estrato-Essência 89	**Dissertação**	**MORAES, Marcos. Antonio. A interdisciplinaridade na Ciência da Informação: investigações bibliométricas, 2014.**
Percebemos ainda um número grande de áreas do conhecimento citadas. Foram encontradas citações a 45 diferentes áreas, ainda que algumas delas apresentassem um número bastante baixo de citações. Esse dado corrobora com afirmações de que parece haver uma dependência, por parte da CI, de teorias de outras ciências (GARCIA, 2002; SIHIRIAL; LOURENÇO, 2002). No entanto, essa dependência se justifica tanto por ser a CI uma **área** relativamente **jovem**, quanto pelo fato de a área ser, de fato, uma ciência interdisciplinar e por esse motivo, receber contribuições de outras disciplinas para a construção de seu arcabouço teórico. p. 89.		
Estrato-Essência 90	**Dissertação**	**RENAULT, Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área,2007.**
A ciência da informação pode ser considerada uma **disciplina jovem**, um campo do conhecimento ainda em estruturação. Em princípio, podemos dizer que a premência pelo desenvolvimento de soluções técnicas impulsionou o crescimento da CI (ciência da informação). O contexto que envolve o seu surgimento, que é de pós-guerra (II Guerra Mundial) explica, em parte, esse desenvolvimento de ferramentas para se lidar com o conhecimento. Sobretudo, porque foi nesse ambiente que surgiu a tão propalada "explosão da informação". Em virtude da ênfase no desenvolvimento de técnicas, a discussão teórica ficou, inicialmente, relegada a segundo plano. Contudo, a retomada dessas questões se fez evidente e necessária, resultando no aumento de trabalhos que abordam o tema. p. 3 **.** A informação, segundo GONZÁLEZ DE GOMÉZ (2005), pode atuar como elemento de religação face à fragmentação do conhecimento, na medida em que fornece insumos para avaliação, controle e gestão da ciência. Apropriadamente, a proposta de discussão da ciência da informação, tendo como cerne o conhecimento produzido pelos seus pesquisadores, é um bom ponto de partida para se entender melhor essa "**jovem**" disciplina científica. Isso porque o seu objeto de pesquisa representa para outros sujeitos (pesquisadores de outras áreas do conhecimento) uma maneira de se entender melhor aquilo que fazem. É claro que esse instrumento (a informação) tem sido mais usado para se moldar, manter, gerir e controlar o andamento da ciência. p. 32. Talvez tenhamos aberto, ao contrário, a possibilidade de se fazer mais perguntas sobre essa **jovem**, **instigante** e **sedutora** ciência da informação. p. 122. Cabe, por fim, o questionamento final sobre a possibilidade de desenvolvimento dessas perspectivas apresentadas no trabalho. Desafio esse, que apresentamos aos sujeitos construtores do conhecimento da área de ciência da informação. Pois, perguntaria um "**jovem**" principiante artífice do conhecimento, estaríamos realmente sendo compreendidos? p. 137.		
Estrato-Essência 91	**Dissertação**	**SALDANHA, Gustavo Silva. Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein, 2008.**
Lenzi & Brambila (2006), partem, de certo modo, do mesmo olhar de Eugênio, França & Perez (1996) e Nehmy et. al. (1996), indicando que, sendo a CI uma **ciência jovem**, há na área uma grande gama de discordâncias, o que inviabiliza a constituição de um paradigma, ou seja, para os autores a disciplina, dentro da ótica kuhniana, também se configura como **imatura**. p. 12. A **pós-modernidade**, manifestada por alguns teóricos da CI como justificativa para a imagem que revela seu caráter de **ciência diferente**, ou **nova ciência**, ou **ciência emergente**, ou **interdisciplinar**, configura-se, dentre outras caracterizações, por uma busca desenfreada por uma imagem ideal – nas palavras de Rolnik (1997, p. 21), uma "toxicomania generalizada" de identidades, um vício por encontrar uma representação fiel – a linguagem ideal - para seus fundamentos. p. 94.		
Estrato-Essência 92	**Dissertação**	**MENEZES, Ivandro Pinto. A ciência da informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas, 2013.**
A Ciência da Informação é uma das **novas ciências** emergentes na segunda metade do século XX, precisamente no período conhecido como Pós- Guerra [...]. Surgida em um momento de profundas transformações culturais, em que se questionava desde a estética a cosmovisão, em que se percebe a emergência de novos saberes, valores e paradigmas, comumente apelidada de pós-modernidade [...]. p.80.		
Estrato-Essência 93	**Dissertação**	**MELO, Maytê Luanna Dias. Programas disciplinares da Ciência da Informação: conformação do campo epistemológico no Brasil, 2017.**
Sob esta mesma ótica, Lenzi e Brambila (2006) indicam que, sendo a Ciência da Informação uma **ciência jovem**, há na área uma grande escala de discordâncias, que inviabiliza a constituição de um paradigma. A disciplina, dentro da ótica kuhniana, também se configuraria como **imatura**. p.33.		
Estrato-Essência 94	**Dissertação**	**CORDEIRO, Pedro Aurelio Cerveira. Análise de discurso e Ciência da Informação: Ensaio Sobre Uma Possibilidade Metodológica, 2004.**

Roberts (1976) comenta a definição de Mikhailov (1966), e também nos ajuda a circunscrever seu campo de atuação: Citação "CI têm como principal preocupação a geração, transmissão e uso da informação dentro de um setor específico da comunidade – o científico. Por definição, estudos de processo de comunicação no âmbito de grupos não-científicos estão excluídos da CI". Os Comitês de Estudo e Pesquisa, vinculados ao VINITI, produziram vários dos relatórios da FID (Federação Internacional de Documentação), repercutindo o interesse e a busca de autonomia a **nova ciência**, nos países socialistas. s/p. No início do artigo, definindo o campo da informação, o editor faz uma bela síntese onde transmite, como uma dança, os movimentos de bibliotecários, informáticos, documentalistas e uma minoria da área de comunicação, recém chegada, em torno da definição de seus respectivos **papéis na nova Ciência da Informação** (Cuadra 1966). (Além de outros profissionais como os físicos, químicos, médicos, engenheiros, etc...).s/p.		
Estrato-Essência 95	**Dissertação**	**SILVA, Welder Antonio. Zonas interdisciplinares entre a Arquivologia e a Ciência da Informação: cartografia das práticas discursivas, 2009.**
Ao falar da **Ciência da Informação**, da sua temática, das suas histórias e dos seus fundamentos, Freire (2006), citando Mattelart2, também destaca a importância de Paul Otlet e La Fontaine, apontando-os como "os visionários da universalidade do conhecimento humano". De acordo com Freire, Mattelart aponta a importância das idéias de Otlet e La Fontaine na História da sociedade da informação, colocando-os como "fundadores de uma **nova ciência** da organização sistemática da documentação". Seguindo com sua abordagem e complementando estas questões levantadas por Mattelart, Freire ressalta que em Figueiredo3, temos o trabalho de Otlet, o "Traité de Documentation" 4, como um fator relevante na construção de uma base teórica para uma ciência emergente, e não somente na criação de tecnologias de informação. p.28.		
Estrato-Essência 96	**Dissertação**	**PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área, 2007.**
Wersig (1993) considera a Ciência da Informação como o protótipo de **uma nova ciência**, que se preocupa com a construção de abordagens específicas. Para ele, essa Ciência enfrenta problemas devido ao seu fracionamento em inúmeras disciplinas, o que obriga o cientista a lidar com dados fragmentados de natureza empírica e teórica. O autor argumenta que o universo do conhecimento está cada vez mais fracionado e isso se dá por inúmeras razões, dentre elas o aumento do volume de conhecimentos existentes, que torna impossível a acumulação de todo o conhecimento disponível por algum indivíduo, o que leva ao surgimento de especialidades em cada área. p. 15. A ciência em estudo ganha um enfoque contemporâneo, quando passa a ser vista como o campo do conhecimento voltado ao estudo das questões científicas e da prática profissional, no que se refere à comunicação dos conhecimentos e de seus registros entre os seres humanos, no contexto social, institucional ou individual de uso e das necessidades de informação, sendo fortemente influenciada pelas modernas tecnologias (SARACEVIC, 1996). Mostafa (1996, p. 306) a reconhece como "**uma nova ciência** que cuidaria das redes cognitivas de pesquisadores, dos canais e fluxo informacionais, procedimentos de busca e indexação impossíveis de serem pensados sem processos automatizados." p.20.		
Estrato-Essência 97	**Dissertação**	**VIEIRA, Keitty Rodrigues. As contribuições da Escola de Chicago para a Ciência da Informação, 2019.**
	Com a chegada da CI na década de 1960, a Biblioteconomia que iniciara um diálogo com a Documentação, até pelo fato da inclusão de disciplinas voltadas à Documentação na própria Graduate Library School, passou a se preocupar com a instauração desta **nova ciência**. Para Fonseca (2007, p. 6), a CI surge a partir de um "acordo tácito entre bibliotecários e documentalistas, tendo estes aceito a nova denominação e aqueles imposto a palavra biblioteca, do que resultou a frase [...] library-and-information science". p. 106.	
Estrato-Essência 98	**Dissertação**	**JUSTINO, Thais da Silva. Análise da Colaboração Científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação Brasileiros, 2019.**
Para tanto, o objeto de estudo desta pesquisa serão os PPG da área de Ciência da Informação, área que é **consideravelmente jovem** e ainda está em processo de consolidação. No Brasil a Ciência da Informação surgiu na década de 1970 por meio de um curso de mestrado ofertado pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), desde então, a área se manteve em nível de Pós-Graduação, onde se concentra a maior parte de pesquisadores e por consequência o desenvolvimento científico da área. p.17.		
Estrato-Essência 99	**Dissertação**	**LANÇA, Tamie Aline. Multi e interdisciplinaridade nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação: estudo bibliométrico com dados da Plataforma Lattes, 2018.**

Percepções de estudiosos sobre a área, baseadas em suas obras, são apresentadas em ordem cronológica, o que ilustra sua evolução. São elas: disciplina científica e social; disciplina empírica; ciência que possui aspectos básicos e aplicados; disciplina científica interdisciplinar; disciplina propósito-orientada; ciência atípica; disciplina emergente; disciplina prática e tecnológica: disciplina empírica; interdisciplina; ciência pura e aplicada; **nova ciência**; e ciência proveniente da ciência das bibliotecas (RICKEN, 2006).		
Estrato-Essência 100	**Dissertação**	**DAL' EVEDOVE, Paula Regina. A perspectiva sóciocognitiva no tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias: aspectos inerentes a percepção profissional, 2010.**
Dentre as várias possibilidades, Popper (1972) ao apresentar a teoria dos três mundos28 propiciou uma abertura necessária e relevante ao campo científico da Ciência da Informação com a adoção das interações entre os mundos do conhecimento subjetivo e do mundo do conhecimento objetivo. Esse estatuto torna-se peculiar ao reunir características que desmistificam e trazem perspectivas positivas, uma vez que a subjetividade enquanto abordagem investigativa assenta-se no processo cognitivo29, enquanto elemento subjacente em várias atividades de processamento e representação da informação na Ciência da Informação. Tal fato trouxe ao campo uma reivindicação única no território das ciências. Sobre isto, Brookes (1980) declara que a junção do elemento subjetivo e do objetivo no processo de conhecimento, considerando-se suas delimitações e especificidades, justifica o estabelecimento de uma **nova ciência** – a Ciência da Informação. p.54.		
Estrato-Essência 101	**Dissertação**	**CASTANHA, Rafael Gutierres.Acoplamento bibliográfico como proposta metodológica para a mensuração da intensidade das ligações em genealogia acadêmica: a influência teórica de Aldo Barreto na ciência da informação,2019.**
Além disso, ainda sob um olhar epistemológico, a Ciência da Informação é vista como uma **área jovem** (SANTA ANNA, 2018), ou seja, ainda em desenvolvimento comparando-se com outras áreas já consolidadas cientificamentes, com objetos de pesquisa e metodologias bem definidos. Dessa maneira, o estudo das relações de orientação impactarão diretamente na continuidade do desenvolvimento da área. p.42.		

APÊNDICE D – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – OBSTÁCULO BUMERANGUE

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - OBSTÁCULO BUMERANGUE: BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		
Estrato-Essência 102	**Tese**	**SOUZA, Edivanio Duarte de. A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar, 2011.**
Embora alguns estudiosos do campo da Ciência da Informação no Brasil procurem diferenciá-la da Biblioteconomia, além de seu vínculo histórico e de sua implantação nas escolas já existentes nas Instituições de Ensino Superior, na própria literatura e em outros espaços como na CAPES (2011), pode-se encontrar a sobreposição de registros dos programas de pós-graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Os Cursos de Mestrado em Biblioteconomia (UFMG, UFPB e UNB) implantados na década de 1970 são considerados como integrantes específicos do quadro da pós-graduação em Ciência da Informação. Nesse sentido, autores como Andrade e Oliveira (2005) e Pinheiro (2000, 2007) apresentam o quadro da pós-graduação em Ciência da Informação incluindo aqueles mestrados em Biblioteconomia, embora façam observações sobre esse processo de transformação.		
Estrato-Essência 103	**Tese**	**OLIVEIRA, Dalgiza Andrade. A influência da Ciência da Informação nos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: formação docente, aspectos teóricos e manifestações temáticas, 2011.**
Há certo consenso entre os pesquisadores e profissionais da **Ciência da Informação e da Biblioteconomia** em buscar soluções para alguns problemas comuns às duas áreas. Conforme Oliveira (2005), a **Biblioteconomia e a Ciência da Informação** trabalham juntas na busca de solução para o mesmo problema que orienta a CI, ou seja, organizar e disponibilizar para **uso informações** pertinentes às necessidades dos usuários. p. 73.		
Estrato-Essência 104	**Tese**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação, 2015.**
Pode-se considerar com base nos resultados que a **tecnologia** como traço identificador da relação entre a **Biblioteconomia e a Ciência da Informação**[...]. p. 189.		
Estrato-Essência 105	**Tese**	**ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica, 2009.**
Segundo Saracevic (1995, 1996), a relação entre a Ciência da Informação e a Biblioteconomia é tão intensa que muitos assumem o termo **Biblioteconomia e Ciência da Informação** para se referir a um mesmo campo de estudo, mas ele desautoriza tal uso. Entretanto, esse autor vê nelas um "compartilhamento do seu papel social e sua preocupação comum com problemas da efetiva utilização dos registros gráficos" (SARACEVIC, 1996, p.49). p. 75.		
Estrato-Essência 106	**Tese**	**RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca O paradigma emergente e a abordagem do ensino com pesquisa: uma proposta de resignificação para o nsino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil, 2008.**
Dias fundamenta essa afirmação explicando que a principal enciclopédia da área, publicada nos Estados Unidos desde 1968, usa o titulo Encyclopedia of library and information science4; que o Dissertation Abstracts5, na classificação de teses adotada apresenta duas categorias com os termos Information Science e Library Science; que encontramos esses termos em inúmeras publicações básicas, como o thesaurus da ASIS6. Essas evidências levam o autor a concluir que "quando alguém usa a designação **biblioteconomia e ciência da informação** devemos entender que existe o propósito de fazer referência ou atuar em todo o espectro desse campo do conhecimento". Desse modo, "as mencionadas escolas que se denominam de biblioteconomia e ciência da informação teriam como objetivo oferecer ensino, pesquisa e extensão em toda a amplitude do campo" (DIAS, 2000, p. 69, 70). Na continuação da discussão Dias pondera que uma vez "aceita a premissa de que há um campo do conhecimento a que se deve dar o nome de **biblioteconomia e ciência da informação**", a etapa seguinte é procurar entender o que significam esses termos separadamente, merecendo análise também o termo documentação pela evidente convergência de objetivos. Quanto a esse aspecto considera que a terminologia inglesa é a mais precisa porque usa dois termos diferentes para expressar a biblioteconomia como profissão (librarianship) e para determinar a **biblioteconomia** como campo do conhecimento (library science) e, portanto, incluindo também as atividades de pesquisa científica. Explica que a "biblioteconomia [profissão] tem uma longa tradição de desenvolvimento de práticas aplicáveis aos problemas de organizar e acessar as informações contidas em documentos". Mas, com o passar do tempo "alguns dos problemas foram se tornando de uma tal		

complexidade que as soluções exigiam mais que uma abordagem intuitiva". No seu entendimento, isso explica o surgimento da biblioteconomia-ciência, library science na terminologia inglesa (DIAS, 2000, p. 72). A reflexão sobre a prática pedagógica exercida pelos professores que atuam nas áreas de biblioteconomia e ciência da informação pode possibilitar um novo olhar sobre o processo de formação nessas áreas que historicamente têm sido observadas como áreas de maior relevância técnica do que teórica. Mostramos no decorrer do presente estudo que, no tocante às áreas de biblioteconomia e ciência da informação, alguns trabalhos apontam o interesse em discutir as questões afetas ao ensino de graduação, bem como a necessidade da articulação ensino-pesquisa ganhar proporções reais e efetivas nas propostas pedagógicas dos cursos. p. 144.

Estrato-Essência 107	**Tese**	**ODDONE, Nanci Elizabeth.Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da documentação (Brasil, 1930-1970), 2004.**
A conseqüência é uma ruptura, uma descontinuidade entre a **Biblioteconomia** que se praticava e a que se praticará a partir de então, progressivamente legitimada pela comunidade profissional. A autoridade e a influência do novo paradigma concorrem para a estabilização de um campo finito de competências e ações que organiza todos os elementos em jogo, dos conceitos aos artefatos: uma **Biblioteconomia** matizada, e agora institucionalizada. Quando, no final da década de 1960, o campo é posto à prova por inovações tecnológicas que introduzem e reivindicam novos sentidos, atualiza-se e, propondo uma nova descontinuidade, concebe seu alinhamento aos postulados e à nomenclatura da emergente **Information Science** americana. Foi portanto no contexto dessa Biblioteconomia associada aos preceitos e aos ideais da Documentação que se definiram o alcance e os contornos da expressão "ciência da in formação", de início empregada apenas para designar uma esfera de ação também absolutamente nova para a área: os estudos pós-graduados stricto sensu – e ainda hoje, quase exclusivamente, a eles restrita. Esboçados os fatores que, no cenário nacional, indicam uma convergência entre a **Biblioteconomia**, a Documentação e a Ciência da Informação, conclui-se assinalando a potencialidade dos estudos históricos para a reflexão epistemológica em torno da Ciência da Informação e sugerindo que sejam abertos espaços para a formulação e o fomento de pesquisas que dêem continuidade a essa linha de investigação.		
Estrato-Essência 108	**Tese**	**GARCIA, Cristiane Luiza Salazar. Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da ciência da informação: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação, 2018.**
A tradicional relação entre **biblioteconomia e Ciência da Informação** é bastante discutida em âmbito **nacional** e **internacional**, e cada caso carrega suas próprias justificações. No caso do Brasil, Souza (2011, p. 191) afirma que a CI ―tende a ser pensada como um contínuo com base no avanço e no amadurecimento da **Biblioteconomia** ou de questões a ela diretamente relacionadas‖. Citação O fato é que houve um processo de acomodação entre as duas áreas, de um lado definindo a **Biblioteconomia** como estudo formativo vinculado a um currículo mínimo, com seus aspectos legais, com o intuito de graduar; do outro, definiu-se como espaço para a **Ciência da Informação** o campo de estudos e pesquisas avançados em cursos e programas de pós-graduação. (SOUZA, 2011, p. 191). Neste sentido, pensar no desenvolvimento da **Ciência da Informação** no Brasil requer pensar nas escolas de biblioteconomia, documentação e Ciência da Informação no país – e mais recentemente incluem-se os cursos de **Arquivologia** e **Museologia** em alguns contextos – com especial destaque aos seus programas de pós-graduação, os quais seriam responsáveis por boa parte da exploração das concepções e acomodações teóricas do campo de estudo. Outros fatos importantes da história do campo da informação no Brasil são mencionados por Barbosa et al. (2000) como: (a) a implantação do curso de mestrado em Ciência da Informação, do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) no início da década de 1970; (b) a criação, em 1972, da revista Ciência da Informação, diretamente associada às atividades acadêmicas do curso de mestrado do IBBD; (c) a mudança de seu nome para Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), órgão vinculado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), em 1976; (d) a criação, em 1980, da ANCIB - Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em **Ciência da Informação & Biblioteconomia**; (e) a promoção dos Encontros Nacionais de Pesquisa em **Ciência da Informação** e **Biblioteconomia** (ENANCIBs) a partir de 1993 pela ANCIB. p. 38 -39.		
Estrato-Essência 109	**Tese**	**OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de. Arquitetura da informação pervasiva: contribuições conceituais, 2014.**
Para os autores, o conteúdo tem uma materialidade capaz substanciar o ambiente de informação digital, o facetamento proposto evidencia a necessidade de representar de forma adequada os conteúdos informacionais para que a recuperação aconteça em função das necessidades de informação dos usuários. Analisando as facetas propostas por Morville e Rosenfeld (2006) percebemos um diálogo dos autores com elementos da representação descritiva e temática, estudadas na **Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Os núcleos conceituais propriedade, formato, estrutura, metadados, volume e dinamismo servem para descrever os conteúdos de forma significativa e facilitar a recuperação dos recursos disponíveis nos ambientes de informação digital.		

Estrato-Essência 110	Tese	SANTOS, Cassia Dias. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional, 2017.

Saracevic (1995; 1996) considera que a **Biblioteconomia** possui interesses em comum com a **Ciência da Informação**, tal como a nítida preocupação com o acesso e uso de registros gráficos. Em contrapartida, há fatores que a distinguem como: a seleção e definição de problemáticas; a teoria e os modelos introduzidos; a natureza e as práticas desenvolvidas no campo empírico; os instrumentos e suas perspectivas de uso; a natureza e as relações interdisciplinares, bem como o contexto de sua evolução. Segundo o autor, essas diferenças demonstram que **Biblioteconomia** e Ciência da Informação não se tratam de um só campo, mas sim de campos com intensas relações interdisciplinares. Nessa perspectiva, a grande problemática explanada por Saracevic é a singularidade pela qual esses dois campos são tratados, porém os problemas, teorias e metodologias que perfazem cada campo vêm conferindo a autonomia de ambos, bem como a evolução contínua advinda de seus processos interdisciplinares.

Estrato-Essência 111	Tese	PANDO, Daniel Abraão. Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro, 2018.

Nesse mesmo sentido, conforme esclarece Lancaster (2004**), na bibliografia** de **Biblioteconomia e Ciência da informação**, às vezes, faz-se uma distinção entre as expressões de indexação de assuntos, catalogação de assuntos e classificação. Segundo sua concepção, esses três termos podem ser assim conceituados:

Estrato-Essência 112	Tese	VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.

Parada (2015) insere a **ciência da informação** e a **biblioteconomia** nos moldes da **modernidade líquida**. O discurso é descrito por várias tendências a uma ciência da **informação líquida** e em constante movimento de atualização e renovação, como uma das premissas defendidas nessa tese. p.41.

Estrato-Essência 113	Tese	VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.

Mas para Shera (1977), a maior barreira para o aprimoramento da **biblioteconomia e ciência da informação** é a falta de conhecimento a respeito de epistemologia. Shera (1977, 1980) e Saracevic (1995, 1996) defendem correntes opostas na biblioteconomia e consequentemente, na ciência da informação. Para Shera, a biblioteconomia era um campo superior à documentação, e quanto a ciência da informação, seriam campos que não deveriam se opor, mas se encontrarem (LÓPEZ YEPEZ, 1995). p. 66.

A esse respeito, e na condição de convivência mútua entre as áreas, ressaltasse a importância da criação da **biblioteconomia e ciência da informação** (Library and information science - LIS) nos EUA. Hjørland (2018a, 2018b) em estudo dedicado a desvendar os princípios da organização do conhecimento, como pertencente a subárea da LIS, frisa que a Library and Information Science é como o nome indica, a combinação da biblioteconomia com a ciência da informação. A documentação se tornou área científica e suas contribuições para a **biblioteconomia e ciência da informação** são notórias, como é comprovado por meio da valiosa publicação do Traité de Documentation: le livre sur le livre: théorie et pratique59 de 1934, o primeiro livro publicado da área da documentação (ROBREDO, 2003). p. 86.

A biblioteconomia e ciência da informação tratam da descrição e organização de artefatos como mensagens, textos, documentos, em que o conhecimento (inclusive sentimentos, emoções, desejos) é representado e compartilhado (HJØRLAND, 2008), como nas premissas de Dahlberg (1993, 1995). Esses artefatos/recursos do conhecimento são denominados por recursos de informação. 92

Os sistemas de organização do conhecimento são utilizados para tratar e organizar documentos, documentar representações, obras e conceitos. A **biblioteconomia e ciência da informação** são os campos do conhecimento de centro da organização do conhecimento, em seu sentido mais restrito (HJØRLAND, 2008). p.101.

Na mesma tessitura, López-Huertas (2008) questiona se a reformulação de temas mais antigos para responder a novas situações externas se apresenta como a esfera em que a **biblioteconomia e ciência da informação** encontraram para avançar e se consolidar até que a organização do conhecimento se torne um domínio estabelecido. Acredita-se que não será possível tratar e organizar tanto a informação quanto o conhecimento, nas condições tradicionais da organização do conhecimento, e indiscutivelmente, apenas na informação ou conhecimentos registrados sobre uma materialidade palpável. Outro detalhe remete a condição de sistemas de organização do conhecimento como os tesauros que ainda carecem de atualização constante e em tempo real, de maneira que novos conceitos e/ou termos possam ser inseridos tão logo sejam uma constante em comunidades sociais e na própria web. p. 107

Á luz da perspectiva da França na ciência da informação nota-se a imprescindibilidade da figura do bibliotecário Gabriel Naudé, para a história da biblioteconomia e ciência da informação. Naudé foi bibliotecário da Richelieu120 e depois da Bibliothèque Mazarine121 e devido as suas ações, impulsionou a criação da Biblioteca Nacional da França (TÁLAMO; SMIT, 2007).

O Departamento de Bibliotecas Britânicas se tornou, em 1955, o Centro Britânico de Bibliotecas e a Comissão de Bibliotecas e Informações, passou a contribuir na agenda de pesquisa e desenvolvimento da área. Na década

de 1990, o montante de **escolas de biblioteconomia e ciência da informação** foram alocadas em universidades, o que representou a formação universitária no país (ROCHESTER; VAKKARI, 2003). p.179.		
Estrato-Essência 114	**Dissertação**	**SANTANA, Gustavo Alpoim. De Multi, Inter e Transdiciplinaridade (MIT) na Ciência da Informação: Análise de Conteúdos das Produções Cientificas do Evento ENANCIB e dos periódicos Qualis A1 Nacionais 2012-2016, 2019.**
No que se refere a ABECIN, Araújo (2015, p. 20) afirma que essa associação Citação [...] sempre se preocupou com a discussão curricular e com as reflexões sobre as bases teóricas e pedagógicas que devem nortear o ensino e a formação na área **de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Em seu o relatório de gestão 2004/2007 (ABECIN, 2007) encontramos registros sobre o uso pedagógico das tecnologias da informação e comunicação (TICs) no processo de ensino-aprendizagem em CI, com as seguintes recomendações: a) planejar a integração das TICs na cultura de cada escola/curso; b) criar uma disciplina inicial inserida na área curricular de **Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação** que explicite o projeto pedagógico e a estrutura curricular, deixando claro como as TICs se articulam na proposta pedagógica do curso. p. 22.		
Estrato-Essência 115	**Dissertação**	**ROSA, Berta Jaqueline. A cultura na ciência da informação: temáticas culturais na pós-graduação do campo informacional brasileiro – 1970-2012, 2013.**
Em 1982 é acrescentada à denominação do curso "Ciência da Informação", permanecendo então como Mestrado em **Biblioteconomia e Ciência da Informação** até o ano de 2002, quando em 2003 sua denominação passa a ser apenas Mestrado em Ciência da Informação. p. 63.		
Estrato-Essência 116	**Dissertação**	**RENAULT , Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área,2007.**
Dias (2000), por exemplo, considera que os argumentos em favor da distinção dos problemas abordados pela **ciência da informação** e **biblioteconomia** sejam fracos. Mostra, ainda, a intrínseca relação entre a biblioteconomia e ciência da informação nas principais universidades do mundo, onde a expressão LIS (Library and Information Science or Studies) é freqüentemente adotada. Essa consideração regressiva da fundação da ciência da informação não se sustentaria pela aparição do termo (ciência da informação) e sim por estudos que envolveram a informação, sobretudo na circunstância da biblioteconomia e das bibliotecas. p.19.		
Estrato-Essência 117	**Dissertação**	**VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.**
Como marco inicial "pode-se dizer que o fenômeno informacional passou a ser considerado um tema central nas discussões em várias áreas do conhecimento, notadamente, naquelas diretamente relacionadas à produção e comunicação científica, como biblioteconomia e ciência da informação." (SOUZA; OLIVEIRA, 2007, p. 75). p. 6.		
Estrato-Essência 118	**Dissertação**	**SANTOS, Joefisson Saldanha. Atuação profissional e participação no desenvolvimento do campo científico em Ciência da Informação: estudo dos egressos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG, 1992-2005, 2006.**
Em relação ao forte entrelaçamento entre a **ciência da informação e a biblioteconomia**, DIAS (2000, p. 79) nos diz que "A ciência da informação, strictu sensu, é caudatária direta de uma longa tradição de tratamento da informação especializada, que começa na biblioteconomia com as bibliotecas especializadas, passa pelos centros de documentação e, hoje em dia, prefere a terminologia ciência da informação.", e ainda que é inegável haver um campo conhecido internacionalmente cuja denominação é de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Em Borko, (1968, p. 3) "Biblioteconomia e Documentação são aspectos aplicados da **ciência da informação**. As técnicas e procedimentos usados pelos **bibliotecários** e documentalistas são, ou deveriam ser, baseados nas constatações teóricas da ciência da informação (...)". Deste modo, depreende-se que "ciência da informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo de fenômenos ligados à produção, organização e difusão e utilização de informações em todos os campos do saber" (OLIVEIRA, 1998,p. 25). p. 48. No que concerne a esta relação da **ciência da informação** com outras áreas, a partir de propostas de junção de nomes, temos que a denominação de **Biblioteconomia** e **Ciência da Informação (B & CI)** não é a única. Encontra-se também outras junções como a Ciência da Informação e Comunicação, o que chega a ser defendido como uma grande área, podendo ser chamada de 'Ciências da Informação e da Comunicação'. Esta defesa pode ser observada no trabalho de Paiva (2002), quando o mesmo coloca que [...]. p. 49. Interessante notar que, se por um lado, os dados colhidos na pesquisa apontam que uma grande parcela dos egressos declara exercer ou mesmo já ter exercido docência em disciplinas na área de **ciência da informação**,		

por outro lado, na opinião dos coordenadores entrevistados, há uma grande dificuldade em encontrar professores para o preenchimento de vagas nas escolas onde há cursos de **biblioteconomia e ciência da informação**. Uma explicação aceitável que os egressos que atuam com docência tenham optado pelo exercício em escolas privadas, em detrimento de escolas públicas federais, onde se concentra a maioria dos cursos citados, acarretando a falta de pessoas qualificadas para o preenchimento dessas vagas, o que é lastimável, já que grande parte das pesquisas desenvolvidas no país concentra-se nas universidades públicas. p.169- 170.		
Estrato-Essência 119	**Dissertação**	**PADILHA NETO, José Domingos. A gestão na composição curricular dos cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil: a contribuição do diálogo interdisciplinar entre a Ciência da Informação e a Ciência da Administração, 2020.**
Consideramos a identificação das disciplinas de gestão como um resultado expressivo dessas abordagens nos currículos dos cursos de **Biblioteconomia** no Brasil e, pode-se inferir que, tal quantidade se expressa a constante evolução do diálogo interdisciplinar entre **Ciência da Informação**, Ciência da Administração e Biblioteconomia. p.86.		
Estrato-Essência 120	**Dissertação**	**SILVA, Zayr Claúdio Gomes. Produção interdisciplinar na ciência da informação: abordagem nos domínios da Arquitetura da Informação, 2016.**
Quanto às relações com **Biblioteconomia**, Documentação e Ciência da Computação, esta última representada na rede 2, pela disciplina Processamento de Dados, alguns autores discutem as peculiaridades que formam as convergências disciplinares. Para Saracevic (1996), quanto à relação entre **Biblioteconomia e Ciência da Informação** – observada na rede número 1, a verdade é que são campos diferentes, tendo em vista os problemas tratados por cada uma, as bases teóricas e experimentais e as forças de relações interdisciplinares. No entanto, há uma espécie de compartilhamento em comum do papel social em torno dos registros bibliográficos e informacionais. p.119.		
Estrato-Essência 121	**Dissertação**	**REVOREDO, Túlio de Morais. A Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi, 2015.**
Um ponto, talvez o mais controverso, se refere ao fato da Documentação se inserir, enquanto campo de estudo, na Ciência da Informação que, por sua vez, tem suas raízes na Biblioteconomia. Esta ideia estava presente em Paul Otlet, ao elaborar o "Tratado de Documentação" tornando-o, de certo modo, um pioneiro da CI. Dias (2000), por exemplo, acredita que os argumentos em favor de uma distinção entre a **Biblioteconomia e Ciência da Informação** são fracos. Ele também mostra a relação interna entre a **Biblioteconomia e a Ciência da Informação** nas principais universidades do mundo, onde LIS (Library and Information Science or Studies) é uma expressão muitas vezes adotada. Esta consideração de pensar a Ciência, observando sua estrutura epistêmica, partindo da ideia do conceito epistêmico fundador e não da reprodução técnica, justifica a construção da CI pelo viés da concepção filosófica. p. 26.		
Estrato-Essência 122	**Dissertação**	**ALMEIDA, Suzane Cavalcanti. Trajetória epistemológica dos estudos de usuários de serviços de informação no Brasil (1972-2020), 2022.**
Os estudos de usuários enquanto especialidade da **Biblioteconomia e Ciência da Informação** no cenário internacional têm produção significativa, conforme pronunciou Wilson (1981, p. 3, tradução nossa) há 30 anos: "além da recuperação de informação, não há praticamente nenhuma outra área da Ciência da Informação que tem ocasionado tanto esforço de pesquisa e escrita quanto 'estudo de usuários'". p.24.		
Estrato-Essência 123	**Dissertação**	**SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil, 2019.**
Abordamos as vertentes que fazem parte da formação em Biblioteconomia relacionadas às problemáticas sociais e consciência ético-política. No âmbito internacional, realizamos a contextualização da Black Librarianship dos Estados Unidos, um dos movimentos criados para a introdução do pensamento africano na Biblioteconomia Americana. Por fim, questionamos: Existe uma Biblioteconomia Negra brasileira? E apresentamos as pesquisas que deram origem ao movimento de introdução das culturas afro na **Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI)** as quais sugerimos ser a semente da Biblioteconomia Negra no Brasil. p. 67.		
Estrato-Essência 124	**Dissertação**	**STUBERT, Daniela.Relações interdisciplinares da ciência da informação refletidas na literatura da área e nos periódicos indexados na base de dados Scopus, 2016**
São 65 (33,7%) periódicos indexados exclusivamente **na área Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Entre as áreas que interagem com maior frequência com a Biblioteconomia e Ciência da Informação está Sistema de Informação com frequência 18 (9,3%), ou seja, 18 periódicos estão indexados somente nas áreas Biblioteconomia e Ciência da Informação e Sistema de Informação. Odell e Gabbard (2008) pesquisaram influência interdisciplinar nos periódicos LIS no JCR entre 1996- 2004 por meio da análise das citações e descobriram que os 67 periódicos listados na área Information Science & Library Science do JCR receberam		

109,775 citações no período da pesquisa, desse total, 29.622 foram de periódicos de outras áreas e 58.318 da própria LIS. p. 110 Quanto às áreas da Scopus com maior frequência interdisciplinar com os periódicos da CI verificamos 65 títulos indexados somente na **área Biblioteconomia e Ciência da Informação**, seguida de Sistema de Informação; Aplicações de Ciência da Computação; Comunicação; Educação; Direito; História; Sistemas de Gerenciamento da Informação; Literatura e Teoria Literária e as demais áreas com frequência inferior a 5 periódicos indexados em cada.p. 116 A indexação desses periódicos em uma área faria com que a Língua e Linguística estivesse entre as 10 áreas que mais indexam periódicos junto à CI, portanto evidencia equívocos na classificação dos periódicos, por exemplo, os títulos Journal of Scholarly Publishing, Journal of the American Society for Information Science and Technology e Information and Management, segundo Jacsó (2013) são revistas nucleares da CI, portanto deveriam estar indexadas **na área Biblioteconomia e Ciência da Informação**, mas não estão indexadas na área BCI como mostram as figuras 8, 9 e 10, a seguir. p.119.		
Estrato-Essência 125	**Dissertação**	**PINHO, Fábio Assis. Aspectos éticos em representação do conhecimento: em busca do diálogo entre Antonio Garcia Gutiérrez, Michèle Hudon e Clare Beghtol, 2006.**
Para Hjørland (2003, p. 87), o conceito de Organização do Conhecimento para a **comunidade** da **Biblioteconomia e Ciência da Informação** "significa especialmente a organização da informação em registros bibliográficos, incluindo índices de citação, texto completo e internet". No mesmo sentido, Smiraglia (2002, p. 331) relata que a Organização do Conhecimento, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação é "o ramo do conhecimento da construção de ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentárias" (grifo nosso). p.18.		
Estrato-Essência 126	**Dissertação**	**MATOS, Alexandra Linda Herbst. Documentação musical: Discussão sobre a representação temática de partituras a partir de um enfoque interdisciplinar, 2007.**
O objetivo específico do trabalho aqui apresentado é promover uma análise crítica, à luz da teoria musicológica e comparando-a com as normativas **preconizadas pela Biblioteconomia e Ciência da Informação**, sobre os itens que formam a representação temática de partituras. p.3.		

APÊNDICE E – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO PÓS-MODERNO

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - AVANÇO PÓS-MODERNO		
Estrato-Essência 127	**Tese**	**NISENBAUM, Moisés André. A transposição científica da Física para a Ciência da Informação,2017.**
A **interdisciplinaridade é característica de ciências pós-modernas** (WERSIG, 1993) mas, no caso da CI, esta característica se potencializa porque seu objeto de estudo é a Informação, qualificado como "obscuro" por Pinheiro (2004) por sua "complexidade e riqueza semântica". p..41.		
Estrato-Essência 128	**Tese**	**AMORIM, Igor Soares. A análise de domínio em questão: um estudo sobre seus fundamentos e aplicações,2021.**
Smiraglia (2015), em livro dedicado à discussão sobre a análise de domínio, a caracteriza como uma abordagem **pós-moderna** da Organização do Conhecimento, sobretudo porque rompe com o ideal universalista que acompanhava as teoria e práticas da área desde o surgimento das classificações bibliográficas **modernas**.		
Estrato-Essência 129	**Tese**	**MARTINS, Gracy Kelli. Institucionalização cognitiva e social da Organização e Representação do Conhecimento na Ciência da Informação no Brasil, 2014.**
A CI surge com um desdobramento de **ciência pós-moderna**, composta, como coloca Rayward (1997, p.3), de pedaços **disciplinares** e embasada na falta de acordo ao que constitui precisamente sua "natureza interdisciplinar comumente aceita". Miranda (2003) atesta o caráter pós-moderno da CI quando afirma que a **ciência pós-moderna** é uma ciência baseada em contradições, já que o progresso da ciência é sempre um esforço dialético "racionalista x empirista", e dessa forma garante sua evolução. Para Siqueira (2012, p. 14), seu surgimento se dá "num momento de emergência do paradigma pós-moderno, de natureza subjetiva, interdisciplinar e voltada a problemas e não às disciplinas". Nesse contexto, Dias (2002, p. 93) reafirma a característica de disciplina emergente da CI, tornando mais difícil a tarefa de classificá-la, e esclarece que: "qualquer área ou campo do conhecimento está em permanente definição, por natureza, de vez que é o conjunto de ideas e pessoas que nela circulam que determina, no final, seu conceito". p.61. A Ciência da Informação, nas postulações de Siqueira (2010), trouxe em seu bojo, problemas recorrentes como a questão de identidade, firmada pela sua estrutura interdisciplinar e a dificuldade de delimitação de seu objeto de estudo, a informação, termo ambíguo e polivalente. Nesse contexto a CI mantém a incessante tentativa de sedimentar seu status científico e social. Sua principal contradição se estabelece no fato de que, mesmo sendo uma **ciência pós-moderna**, e tendo como principal característica a interdisciplinaridade, ainda é "fortemente influenciada pelo modelo de ciência moderna, alicerçada numa visão racionalista, funcionalista e voltada à especialização do saber" (SIQUEIRA, 2012, p.14). p.61. Reconhecidamente, a história desta Ciência é pautada na era das ciências pós-modernas e sua própria constituição nasce na interdisciplinaridade e necessidade de resolver problemas oriundos de uma sociedade crescentemente informacional e informatizada, como sistematicamente mostrou-se no relato de sua trajetória. Sua institucionalização contou com esforços de pesquisadores de várias áreas e, em especial, no Brasil sua institucionalização social tem sido fortemente amparada pelo crescente número de pós-graduações, periódicos especializados e encontros de especialistas. p.71-72.		
Estrato-Essência 130	**Tese**	**SANTOS, Cassia Dias. Ciência da Informação e interdisciplinaridade: interconexões com a cultura informacional, 2017.**
Capurro (2003) menciona que no percurso **da Ciência da Informação Pós-Moderna** há três paradigmas epistemológicos que demarcaram as teorias, metodologias e conceitos deste campo, denominados como: paradigma físico, paradigma cognitivo e paradigma social. Antes da existência desses paradigmas, Capurro (2003, p.1) esclarece que o campo da Ciência da Informação "[...] nasce em meados do século XX com um paradigma físico, questionado por um enfoque cognitivo idealista e individualista, sendo este por sua vez substituído por um paradigma pragmático e social [...]". Essa passagem de um paradigma para outro representa o amadurecimento de um campo como Ciência (KUHN, 2006). p.102.		
Estrato-Essência 131	**Tese**	**PANDO, Daniel Abraão Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro, 2018.**
Mai (1999), Hjørland e Nicolaisen (2011) afirmam que, embora diversificado e eclético, o **pós-modernismo** pode ser reconhecido por dois principais pressupostos: Citação Em primeiro lugar, a suposição de que não existe um denominador comum – na "natureza" ou "verdade" ou "Deus" ou "futuro" - que garante tanto a Unidade do mundo quanto a possibilidade de pensamento neutro ou objetivo. Em segundo lugar, a suposição de que todos os sistemas humanos operam como linguagem, sendo		

autoreflexivos em vez de sistemas referenciais - sistemas de função diferencial que são poderosos, mas finitos, e que constroem e mantêm significado e valor (HJØRLAND; NICOLAISEN, 2011, online)
Assim, mais que um movimento **filosófico**, o pós-modernismo seria um paradigma sociocultural baseado em novas premissas para a vida e a sociedade humana, resultando em um afastamento em relação ao "moderno" no sentido de que a filosofia pós-moderna vai reivindicar uma posição amadurecida frente ao modelo positivista, característico do que se convencionou chamar de "modernidade" (GONÇALVES, 2008). Enquanto a **pós-modernidade** refere-se ao período de reflexão ou mesmo fase histórica em que esta ocorre, o **pós-modernismo** seria este conjunto de ideias que dão conteúdo ideológico, estético, cultural, político a pós-modernidade.
Assim, mais que um movimento filosófico, o pós-modernismo seria um paradigma sociocultural baseado em novas premissas para a vida e a sociedade humana, resultando em um afastamento em relação ao "moderno" no sentido de que a filosofia pós-moderna vai reivindicar uma posição amadurecida frente ao modelo positivista, característico do que se convencionou chamar de "**modernidade**" (GONÇALVES, 2008). Enquanto a **pós-modernidade** refere-se ao período de reflexão ou mesmo fase histórica em que esta ocorre, o pós-modernismo seria este conjunto de ideias que dão conteúdo ideológico, estético, cultural político a pós-modernidade. De acordo com o pensamento pós-moderno, as formas de conhecer e de pensar o conhecimento não podem mais seguir uma lógica mecanicista e determinista. As repercussões da globalização sobre as maneiras de se pensar e sentir, viver e agir no mundo afetam as concepções filosóficas sobre a realidade. Espaços territoriais sem fronteiras, mercados comuns, moedas transnacionais, desenvolvimentos científicos e o advento de novas tecnologias são desafios à mente humana que não podem coexistir com conhecimentos divididos, hierarquizados, sistematizados que, ao longo da modernidade, nortearam o desenvolvimento dos sistemas de classificação e que tiveram uma centralidade nos estudos de organização do conhecimento. p.141.

Estrato-Essência 132	**Tese**	**VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.**

Para Araújo (2004, 2009, 2014, 2018), a perspectiva social da ciência da informação reacende a questão da área como **ciência pós-moderna**, como aquela que se afasta de aportes **positivistas** e enseja sua evolução científica, mas, sobretudo, que enaltece e valoriza o papel do sujeito e seus contextos como parte integrante e fundamental de seus estudos. Talvez o apontamento mais reluzente do paradigma social da ciência da informação seja possibilitar elementos de inclusão social por meio de responsabilidade social (FREIRE, 2006; WERSIG; NEVELING, 1975) e na tangente da informação ao alcance de todos. De toda forma, compreender a ciência da informação como uma ciência social que é, fortalece suas características vitais como área com demandas e contextos sociais. Contudo, a necessidade de pesquisas que fortaleçam seu status social, em específico em estudos aplicados é uma carência da ciência da informação e de afirmação de seu suposto paradigma social.
Com base em Johnson (1997, p. 157), o **pós-modernismo** rejeita a o moderno e a visão modernista, na corrente de pensamento em que "[...] a vida não é uma realidade objetiva [...] o que experimentamos como vida social é, na verdade, apenas a maneira como nela pensamos, e há muitas mutáveis formas de fazer isso." É defendido na corrente **pós-moderna** que não há mais entidades fixas como **famílias** ou **comunidades**, mas somente um fluxo contínuo entre histórias, conversas, representações e modelos abstratos. Na visão **pós-modernista**, o intento do Iluminismo e da Modernidade em criar um mundo melhor a partir de verdades cognoscíveis, não é uma possibilidade, é uma ilusão (JONHSON, 1997), algo que nunca aconteceu. p.336.
Conquanto, o filósofo francês Jean-François Lyotard176, em busca de clarificar a condição pós-moderna, publica sua obra pioneira em 1979 intitulada de La condition postmoderne: rapport sur le savoir (A condição pós-moderna). Também David Harvey, publica em 1989, o livro The condition of postmodernity: an enquily into the origins of cultural change. Dois grandes marcos teóricos para as discussões iniciais do **pós-moderno**, **pós-modernismo** e **pós-modernidade**. A premissa base de Lyotard (1988) é que a sociedade entra na era pós-industrial e a cultura, na **pós-moderna**. Segundo Lyotard (1988), **pós-moderno**, uma condição da cultura, tem seu início nos anos de 1950 na era pós-industrial. Coelho (2011) enfatiza que o termo que mais se aproxima em forma e conteúdo ao pós-moderno é o pós-industrial. O quadro 5 foi inserido à discussão como forma de tornar a inserção do **pós-moderno** mais compreensível no contexto da sociedade e da narrativa. p.339.

Estrato-Essência 133	**Tese**	**NHACUONGUE, Januário Albino. O campo da Ciência da Informação: contribuições, desafios e perspectivas da mineração de dados para o conhecimento pós-moderno, 2015.**

É sobre o **modernismo** influenciado pelo **iluminismo** que se constrói a maioria das oposições pós-modernas. Segundo Harvey (2004, p.35), tal acontece porque
Citação
o iluminismo considerava axiomática a existência de uma única resposta possível a qualquer pergunta [...], o mundo poderia ser controlado e organizado de modo racional se ao menos se pudesse apreendê-lo e representá-lo de maneira correta. Mas isso presumia a existência de um único modo correto de representação que, caso pudesse ser descoberto [...], forneceria os meios para os fins iluministas.

Estrato-Essência 134	Tese	LEMOS, Joana Gusmão. Perspectivas transdisciplinares de aproximação com a ciência sob o olhar da Ciência da Informação: uma metodologia bottom-up para a TV Unesp, 2016.
Assim, para passarmos às reflexões desse novo enredo nos estudos e percepções da Ciência da Informação, citamos uma **breve passagem** em que Mattelart (2001, p.23, grifo nosso), referindo-se aos relatos do filósofo Lyotard7 sobre a condição **pós-moderna**, reflete: "[...] o saber (e as instituições que o produzem) muda de estatuto ao mesmo tempo que as sociedades ingressam na era pós-industrial e as culturas na era dita pós-moderna." p.45.		
Estrato-Essência 135	**Tese**	**MORAES, Sônia Cristina Bocardi. Pragmatismo peirceano e a concepção de informação: contribuições à ciência da informação e a organização da informação, 2020.**
Por isso, este trânsito entre áreas de pesquisa e ciências se torna tão comum naquilo que se convencionou chamar ciências pós-modernas. As disciplinas quando extrapolam a convenção de estratégias e disciplinas, estipuladas cada qual ao seu campo científico que foi institucionalizado desde a caracterização de ciência no Iluminismo, são consideradas pós-modernas por tratarem da interdisciplinaridade como maneira usual de atuação. p.42. Algumas caracterizações da Ciência da Informação parecem ser acordo entre os estudiosos da área, então ela é considerada interdisciplinar (POMBO, 2004), sendo um campo de análise e pesquisa das várias disciplinas, porque é dentro da Ciência da Informação o campo de diálogo entre as várias disciplinas, nos campos ou casos de pesquisas afins, resignificando conceitos. A Ciência da Informação **é pós-moderna:** "Assim, o que definiria um objeto de estudo é, antes, uma forma específica de olhar, de enxergar os fenômenos da realidade [...] maneira específica, mobilizando determinados conceitos e métodos, naquilo que foi progressivamente sendo entendido como o olhar informacional sobre o real." (ARAÚJO, 2014, p. 15). p.61.		
Estrato-Essência 136	**Dissertação**	**MORAES, Marcos. Antonio. A interdisciplinaridade na Ciência da Informação: investigações bibliométricas, 2014.**
Para Santana (2012) a perspectiva da ciência **pós-moderna** encontra êxito, pois se diferencia do modelo moderno no sentido de propiciar **maior liberdade** no **uso de métodos**, **conceitos**, **teorias**, ou seja, no diálogo entre ciências e disciplinas como busca de um **conhecimento mais completo e plural**, que objetiva, em muitos casos, a solução de problemas até então não existentes. Para Harvey (2000), a ciência pós-moderna é mais contemplativa que ativa, aproximando-se para alguns da estética, por reconhecer a satisfação pessoal e a partilha, podendo assim traduzir-se num saber prático. p. 22. Santos (2003) afirma que a **principal diferença entre a ciência moderna e a ciência pós-moderna** está no fato de a pós-moderna considerar o **senso comum** como enriquecedor. Para o autor, a ciência moderna opôs-se ao senso comum, considerando-o superficial, ilusório e falso. Opostamente, a ciência pós-moderna, procura ir ao encontro desse tipo de conhecimento, reconhecendo suas virtudes de enriquecer a relação das pessoas com os fenômenos do mundo. p. 22.		
Estrato-Essência 137	**Dissertação**	**REIS, Vanessa Jamile Santana. A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social, 2019.**
O contexto da **pós-modernidade** e o discurso de uma **ciência alternativa** de Sandra Harding (1983); Nancy Hartsock (1986) refletem os aspectos perceptivos de como pessoas veem o mundo, o que pode **romper com a emancipação da visão cosmopolita da humanidade**, produzida para pensar o mundo de uma única maneira. **Romper com concepções de produção iluminista** que negavam a condição de racionalidade das mulheres, facultada a condição de mero objeto de observação masculina, mas impossibilitadas de atuar como protagonista das reflexões e produções. p. 67. A negativa da **sustentação ontológica dentro do discurso de pós-modernidade** esconde as amarras da discussão do novo paradigma epistemológico na ciência, de modo a estreitar os enfrentamentos ocultos de opressão estabelecidos na ciência cerne da discussão no **feminismo**. De forma também que permita desvincular o olhar atenuante da discussão apenas sob o viés prático e social de interesses, relacionados às questões provisórias de uma luta histórica, sendo preciso fortalecer o discurso para afastar-se do relativismo absoluto que enfraquece as construções coletivas e inviabiliza a formação conceitual dos conhecimentos situados, objeto de rejeição da pós-modernidade e racionalidade. p. 79. A necessidade de **descolonizar** os saberes e a forma de pensar e interpretar o mundo a fim de condicionar estruturas de representatividade da informação que possibilitem reconhecimento e afinidade aos sujeitos é o maior desafio da ciência **pós-moderna**. Sueli Carneiro (2005) denuncia a perspectiva teórica **epistemológica** de domínio baseada na racialidade do poder com fins de supremacia e controle de saberes e práticas educativas. A desconsideração da produção **intelectual negra** situa-se a partir dos **pequenos obstáculos** presente no contexto da **pós-modernidade** na ciência. A autora bell hooks ativista e teórica feminista estadunidense retrata os aspectos da **negritude** no contexto da pós-modernidade e como essa articula as experiências negras sob amparos culturais e estéticos questionáveis. O uso do bell hooks (1996), como prefere ser chamada pela adoção desse pseudônimo, afirma que os discursos pós-modernos apresentam uma excludência característica,		

apropriando-se das experiências de diferença e alteridade com o intuito de atribuição de significado político de oposição, legitimidade e falta de oportunidade. A **pós-modernidade** é dominada pelas vozes masculinas da **branquitude** formada pela elite que falam de um outro estereotipado. A falta de referenciais que mencionem a produção e as **experiências negras** confronta com a legitimidade dessa **teoria pós-moderna**. O discurso de uma **teoria pós-moderna** voltada para políticas da diferença esconde as vozes que deveriam ocupar esses espaços negros, deslocados, marginalizados a classe tida como oprimida. Mas a farsa da pós-modernidade profere discursos de autoridade e domínio, articulados em uma roupagem que direciona formas de escrita, saberes, legitimidade e temática. A crítica à formação de uma identidade política perpetua e aniquila espaços de debate contrapondo a subjetividade negra na formação dessas identidades. p.89.

Estrato-Essência 138	**Dissertação**	**RENAULT, Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área, 2007.**

Outra possibilidade seria considerar a ciência da informação como um advento da **pós-modernidade**, ou **ciência pós-moderna**, tal qual WERSIG (1993) propõe. Nesse caso, o corte com o passado ficaria evidente e a ciência da informação surgiria, então, dentro de um novo paradigma científico. Contudo, até agora não ficou evidente o surgimento de uma nova disciplina oriunda da pósmodernidade; antes, os autores que tratam do tema parecem direcionar a sua crítica a disciplinas mais bem estabelecidas como a física e matemática. p. 19.

Estrato-Essência 139	**Dissertação**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira. Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação, 2009.**

Todavia, a CI é também considerada como oriunda da **pós-modernidade** (WERSIG, 1993; CARDOSO, 1996), na qual a condição de pós-moderno é expressa como legítima condição representativa da atualidade. Nesse sentido, desvinculada do passado (moderno), a Ciência da Informação surge dentro de um novo **paradigma científico** (RENAULT, 2007): uma nova disciplina ou uma nova ciência (WERSIG, 1993; ARAÚJO, 2003; RENAULT, 2007) que, de tão imbricada no contexto da **pós-modernidade**, é quase que impossibilitada de promover o debate sobre seu estatuto científico fora desse contexto (FRANCELIN, 2004). Ou ainda, o **"período de transição"** (moderno para pós-moderno) no qual ocorre o nascimento da CI se dá no mesmo período em que já se observam as primeiras críticas aos limites e fracassos do projeto da modernidade e de seu modelo científico (GONZALEZ DE GOMEZ, 1999, 2000; ARAÚJO, 2003). p. 11- 12.

Na primeira configuração, a **moderna/iluminista**, tem-se uma ciência fechada, normativa, neutra, absoluta, envolta das noções clássicas de verdade, razão, identidade e objetividade, além da ideia de progresso ou emancipação universal, dos sistemas únicos, das grandes narrativas ou dos fundamentos definitivos de explicação da realidade. No **discurso pós-moderno**, por outro lado, tem-se uma ciência aberta, flexível, que contraria essas normas do **iluminismo** e vê o mundo como contingente, gratuito, diverso, instável, imprevisível; isto é, um conjunto de culturas ou interpretações desunificadas que gera um certo grau de ceticismo em relação à objetividade da verdade, da história e das normas. A transição em si já revela sua falta de identidade por oscilar entre uma e outra, permitindo os traços de ambas em sua constituição. p. 12.

A concepção dessas configurações (**modernas**, de **transição** e **pósmodernas**) de base cronológica ou histórica, com a CI tendo um comportamento distinto em cada período (como qualquer outra ciência que também com elas coexistiu), implicaria a necessidade de se assumir que estamos no tempo da **pósmodernidade**, e que é no contexto desse tempo, que a CI se constitui e se desenvolve. Contudo, se assim for e restar à CI somente esse lugar para debater seu estatuto científico, cabe ao menos ressaltar que o discurso pós-moderno e as teorias que o compõem não expressam um corpo conceitual coerente e unificado (MORAES, 1996) e que a ideologia **pós-moderna** é o principal subproduto da ideologia do novo regime de acumulação do capital (CHAUÍ, 2001) que reforça a hegemonia pelo pensamento neoliberal (PINA, 2008), sendo esse o mesmo movimento realizado pela chamada sociedade da informação (BEMFICA,CARDOSO e FARIA, 2003). p. 12-13.

Para sustentar a ideia central da obra, ou mesmo a hipótese radical, a qual o autor lança no ensaio, de jamais termos sidos **modernos**, Latour parte de uma investigação da "constituição" moderna (o que esta permite e proíbe), resgata a construção ideológica que a fundamenta, e traça assim um paralelo entre a sociedade dos **modernos** e dos "**não modernos**". O autor faz considerações sobre os **pré-modernos, modernos, pós-modernos, antimodernos** e então sobre os não **modernos** ou "**amodernos**". Moderno, modernização e modernidade, segundo Latour (1994, p.15) são palavras que quando aparecem, definem, por contraste, "um passado arcaico e estável". Além disso, essas palavras encontram-se sempre colocadas em meio a uma polêmica, "em uma briga onde há ganhadores e **perdedores**, os **Antigos** e os **Modernos**". Assim, **moderno**, portanto, "é duas vezes assimétrico: assinala uma ruptura na passagem regular do tempo; assinala um combate no qual há vencedores e vencidos". p. 36 -37.

Após várias considerações sobre este universo de relações e como ele seria visto pelos seus representantes **antimodernos, modernos e pós-modernos**, Latour apresenta a Constituição não moderna, com garantias como a de não separação "natureza e social", "sujeito e objeto" e mais "quase sujeitos e quase objetos" – híbridos; garantida pelo trabalho de mediação. p.39.

Estrato-Essência 140	Dissertação	DUARTE, Andre Felipe Pinto. Recentes tentativas de consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico no contexto das reflexões sobre a ciência, 2001.

Tal mudança altera os rumos do desenvolvimento das ciências ao romper com a tradição do conhecimento desinteressado, um dos pilares de sustentação da ideologia cientificista. Entre as várias conseqüências que podem advir dessa mudança, interessa-nos, neste momento, aquelas apontadas por LYOTARD (1993) ao analisar os aspectos utilitaristas cada vez mais vinculados ao conhecimento e à informação científica e técnica na **sociedade pós-moderna**. p.54.[Tentaremos apresentar, nesta seção, os aspectos de performatividade e comodificação da informação e do conhecimento científico e técnico, identificados por LYOTARD (1993) na **sociedade pós-moderna**. p. 55.

É difícil tentar compreender o que seja de forma exata o **pós-modernismo**. Cada um teórico parece ter uma idéia bastante própria, além das dificuldades impostas pela impossibilidade de se avaliar e estudar o **pós-modernismo** a partir da perspectiva moderna. O **pós-modernismo**, na sua luta contra os sentidos unívocos e as essências, no seu repúdio à idéia de representacionalidade fiel da realidade, na sua luta contra a racionalidade e a objetividade que caracterizam a modernidade, escapa ele mesmo a qualquer forma de conceituação. Como nos diz KUMAR (1997): "Os pós-modernistas têm horror a definir [...]" (p. 115). Nunca podemos chegar a seu cerne, porque ele simplesmente parece não existir. p..56.

O trabalho de LYOTARD parece-nos interessante posto que ele adota um ponto de partida diferente do seguido pelos outros autores *pós-modernistas* como Gianni Vattimo, Mark Poster e Jean Baudrillard. Estes têm como centro de suas argumentações a ênfase no alucinante crescimento dos signos e partem desse pressuposto (por vias diferentes) para explicar a **morte do sentido e da verdade**. Jean-François LYOTARD parece chegar a algumas das mesmas conclusões. No entanto, ele faz sua análise a partir da preocupação com a mudança dos papéis e das funções da informação e do conhecimento (WEBSTER, 1995, p. 183). p.58.

A **primeira dessas características** parece ser abalada a partir do momento em que LYOTARD explica o que ele entende por princípio de performatividade. Segundo esse princípio, LYOTARD afirma que o conhecimento e a informação têm sido cada vez mais "[...] produzidas somente onde podem ser justificados em termos de eficiência e eficácia [...]" (WEBSTER, 1995, p. 183). Dessa maneira, o ideal da ciência desinteressada e a busca do conhecimento pelo conhecimento são substituídos pela visão utilitarista da ciência, do conhecimento e da informação. Utilidade que se explica através de critérios de eficiência e eficácia que visam à melhoria/otimização do desempenho do sistema. E mais ainda, esse saber, ou esse conhecimento, deve poder ser traduzido em quantidades de informação para que possa ser tornado operacional (LYOTARD, 1993, p. 4). Essa forma de se entender a informação e o conhecimento estão essencialmente ligadas às pesquisas da cibernética nas décadas de 40 e 50, que tinham como componentes tanto a teoria do sistemas quanto a teoria da informação assim como desenvolvida por Shannon. A **segunda grande mudança no conhecimento pós-moderno**, segundo LYOTARD é explicada pelo que ele chama de comodificação. Isso quer dizer que, associado ao princípio utilitário de eficiência e eficácia, o conhecimento e a informação transformam-se mais e mais em commodities, em algo que pode ser objeto de trocas e sujeito aos mecanismos de mercado esse princípio tem um papel fundamental no julgamento da performatividade (WEBSTER,1995, p. 183). p.60.

Estrato-Essência 141	Dissertação	MENEZES, Ivandro Pinto. A ciência da informação: uma reflexão sobre suas bases epistemológicas, 2013.

De ver-se que o novo paradigma, o da **ciência pós-moderna** ou paradigma emergente (SANTOS, 1995; 1989) difere do anterior ao dialogar com o **senso comum** (conhecimento vulgar), visando a sua elevação a conhecimento científico, mediado pela análise hermenêutica e retórica dos objetos, opondo-se ao ambiente hermético da ciência positiva – entendida, no contexto, como ciência moderna. p.14.A **proposta pós-moderna** de ciência é tirar o conhecimento científico do tubo de ensaio, dos laboratórios cinéreos, gelados e desumanos, das mãos de acadêmicos pálidos e esquálidos que, mesmo em um clima quente e tropical estão envoltos em frieza e indiferença, como descritos no Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley (2001), e levá-lo às praças, ruas e avenidas. p.14.Nesse sentido, Wersig (1993) também afirma ser a **ciência da informação pós-moderna**, em virtude da ausência de metodologia própria adere, aderindo ao **anarquismo metodológico** de Feyrabend, que preconiza a inadequação do unitarismo metodológico ao afirmar que o uso de qualquer método, desde **que funcione, se adapte, é adequado** a pesquisa empreendida. p.16.Na **pós-modernidade**, percebemos que **elementos medievais** retornam com novas roupagens, passando a coexistir com elementos da modernidade. Certamente, a necessidade humana de segurança e estabilidade faz conservar como (mal) necessário a permanência de conceitos, tradições, rituais e estruturas, mesmo que reconheça a necessidade de transformá-las. p.25.Para o **pós-moderno**, a inversão do valor do tempo, aqui caracterizado pelo instantâneo, consumível, descartável. Vive-se o hoje, sem as consequências do amanhã. Perdeu-se, como afirmou Bauman (2011), a ideia do projet de la vie substituído pelo (popularesco) carpe diem, ou seja, não se projeta mais o futuro, seguindo um passo-a-passo na concretização das metas estabelecidas para uma vida, substituindo-a pelo efêmero momento, vivendo-o como se último fosse. p.31.Se a **modernidade** ambicionou e estabeleceu uma crítica transformadora e secularizante, a pós-modernidade não fez questão de se opor e de reconciliar os saberes, como

se naturais fossem tais conexões. Esse xamanismo científico ou esoterismo acadêmico, como soa a seus críticos, é avesso a ideia de verdade, enfatizando a de verdades – todas relativas, pois não há verdade absoluta (DINIZ e ALVES, 2005, p. 35), tampouco universal. Se na modernidade se enfatizou a igualdade, **na pós-modernidade** o foco está nas diferenças. Ora, se a modernidade optou por um processo de secularização que a libertasse da submissão aos poderes hegemônicos da religião, a **pós-modernidade** não se acanhou em estender-lhe a mão. p.32.A perspectiva **pós-moderna** opõe-se nitidamente ao **universalismo**, desconfiando da **razão** e buscando construir um novo paradigma a partir da superação do antigo e insatisfatório paradigma positivista. Nesse esforço, Santos (1989) sugere não um rompimento definitivo, mas a incorporação da aproximação da ciência ao senso comum, incorporando-o e construindo um conhecimento científico não hierarquizado, mas em mesmo nível que os demais saberes. O esforço é para se alcançar uma "ciência contextual, contingencial e circunstancial", conferindo "à ciência moderna um estatuto análogo a outras manifestações culturais, como a religião e a arte, tornando-se uma prática mais humana" (AQUINO, 2011, p. 10). p.51.**Epistemologicamente**, **a modernidade e a pós-modernidade guardam semelhanças e diferenças**, aspectos positivos e negativos (CARSON, 2010). Destacou-se anteriormente um elemento característico da epistemologia moderna/positiva, a saber, o universalismo a-histórico. A pós-modernidade como estado de reflexão da modernidade (KUMAR, 1997), em um primeiromomento, tende a negar a modernidade, numa oposição irracional a tudo que é moderno (LYOTARD, 2000), como quem deseja enterrar e esquecer um cadáver em uma cova anônima (GRENZ, 2008, p. 26ss.). p.62.

Carson (2010, p. 129ss.) denomina essa tendência **pós-moderna** ao relativismo de antítese manipulativa, isto é, um relativismo segundo o qual **nenhum indivíduo ou grupo social é capaz de compreender a realidade** em sua totalidade, quer por sua finitude, quer pela ausência de meios aptos a consecução desse fim. p.62.

Estrato-Essência 142	**Dissertação**	**REVOREDO, Túlio de Morais. A Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi, 2015.**

Outra possibilidade seria a de considerar a Ciência da Informação como advinda da **pós-modernidade**, ou a ciência **pós-moderna**. Neste caso, a ruptura com o passado se tornaria aparente e a Ciência da Informação então, se apoiaria em um novo paradigma científico. No entanto, embora não esteja claro o surgimento de uma nova disciplina oriunda do **pós-modernismo**, os autores que lidam com este problema parecem direcionar suas críticas para as disciplinas mais estabelecidas, como física e matemática. Outro aspecto é que a nova disciplina, como Ciência da Informação, que ainda está à procura de seus fundamentos, da sua história e da sua finalidade como proposta de pesquisa, parece reduzir a cientificidade da área a uma questão de fácil resolução, o que não é o caso devido àimensa complexidade em que seu objeto de estudo se relaciona com as raízes de identidade científica. p.26.

Estrato-Essência 143	**Dissertação**	**CORDEIRO, Pedro Aurelio Cerveira. Análise de discurso e Ciência da Informação: Ensaio Sobre Uma Possibilidade Metodológica, 2004.**

Optamos por utilizar, com Santos (1989) e, mais próximo à CI, Wersig (1993), o **termo pós- moderno** em nosso trabalho. Não nos cabe aqui criticar o seu uso, já bastante extensivo em nossa área. s/p.

Estrato-Essência 144	**Dissertação**	**LIMA, Larissa de Mello. A institucionalização cognitiva e social da Ciência da Informação no Brasil: uma análise discursiva com base nos anais do GT1 ENANCIB em sua primeira década, 2017.**

Destacada em laranja temos a terceira formação discursiva formada pela Teoria Geral dos Sistemas, a Teoria dos Sistemas Cognitivos, a Teoria da Ideologia da Tecnoestrutura, a Teoria do Ator rede e a Teoria do Caos. O que faz dessas teorias unidas uma formação discursiva é o fato de as cinco serem reflexo e por consequência terem surgido na **Pós-modernidade** das Ciências com que a Ciência da Informação dialoga. A perspectiva **pós-moderna** é reinvindicada pela Epistemologia da Ciência da Informação pois dá para as discussões da área um maior nível de maturidade. p.90.

Acredita-se que o interesse da ANCIB em **legitimar a Ciência da Informação enquanto Ciência pós-moderna** paute-se na interesse ideológico de fazer com que as outras áreas do Conhecimento enxerguem a Ciência da Informação enquanto uma ciência madura que não apenas se beneficia dos conhecimentos já sedimentados pelas outras áreas mas que realiza uma troca em mesmo nível de maturidade teórica. p.93.

Estrato-Essência 145	**Dissertação**	**TERRA, Marcos Vinícius Santos de Carvalho. Análise do discurso na perspectiva da ciência da informação: dialogicidade epistemológica da organização do conhecimento com Foucault, Pêcheux e a sociolinguística, 2019.**

Galvão e Borges (2000) assinalam que a Ciência da Informação é caracterizada pelo estudo da informação, pelo seu relacionamento com várias ciências, por estar inserida no contexto da sociedade e da **ciência pós-moderna**. Destarte, não se trata de uma ciência clássica, nem de uma ciência básica. É relevante pontuar que, conforme Santos (2008), a **ciência pós-moderna não segue uma linha unidimensional**. Seu estilo, por conseguinte, não é facilmente identificável, pois adota uma configuração de estilos, a partir do critério e da imaginação do pesquisador. p.28.

Estrato-Essência 146	**Dissertação**	**SEMIDÃO, Rafael Aparecido Moron. Dados, informação e conhecimento enquanto elementos de compreensão do universo conceitual da ciência da informação: contribuições teóricas, 2014**
O fundo histórico-social que favorece essa compreensão da ciência pode ser identificado com a "**sociedade pós-moderna**" (SANTOS, 1989); ou "sociedade da informação" (SARACEVIC, 1995); ou nova roupagem do capitalismo (KURZ, 2002); ou "sociedade informatizada" (CAPURRO, 2003); enfim, com mais uma mudança na compreensão da relevância social do conhecimento científico-tecnológico. E independente de essa **sociedade pós-moderna** ser marcada ou não pela fluidez, insegurança e desconexão histórica (BAUMAN, 1998) a despeito do que era socialmente característico da modernidade, fato é que ela tem promovido na autocompreensão da ciência (epistemologia, discurso científico e outros fatores) relevantes modificações. p.42.		
Estrato-Essência 147	**Dissertação**	**MELLO, Mariana Rodrigues Gomes. Inter-relações entre ciência da informação e filosofia da ciência: reflexões histórico-epistemológicas, 2020.**
Dessa maneira, pode-se afirmar que a **Pós-Modernidade é considerada um período em que as certezas instituídas** pelo paradigma cartesiano são postas em xeque. O cientificismo da Idade Moderna que almejava explicar tudo pela via racional, instituindo o absolutismo científico, não consegue mais responder aos questionamentos e fenômenos que envolvem a vida do sujeito pós-moderno. p.50.		

APÊNDICE F – ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO SOCIAL

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - AVANÇO SOCIAL: DA RESPONSABILIDADE SOCIAL AO EPSITEMICIDIO		
A Responsabilidade Social: Consciência e senciência		
Estrato-Essência 148	**Tese**	**BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas, 2021.**
Existe uma imbricada relação entre o indivíduo, a **informação** e os saberes que é atravessada por questões históricas, sociais, de poder, políticas, econômicas e culturais, para a qual a CCI está sempre atenta e, mais que isso, provocando um pensamento crítico a respeito dessas relações na intenção emancipatória do ser, a fim de suscitar uma consciência social(c29) e de humanidade(c30), um senso de coletividade(c31) e uma **responsabilidade social**(c32), que promovam a cidadania(c33) e, consequentemente, a democracia(c34). Para Downey (2016, p. 42), em última instância, a implementação pedagógica deve resultar em atividades de CCI que reconheçam a cumplicidade do individual – e do sujeito como membro da comunidade – em bases informacionais de estruturas de poder e luta.		
Estrato-Essência 149	**Tese**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação, 2015.**
Freire (2004) aborda os desafios do Brasil para a inclusão digital no âmbito da sociedade informacional alertando **os profissionais da informação** quanto a sua **responsabilidade social** nesta tarefa. Mota (2004), por sua vez, aborda questões relativas ao papel das novas mídias para a conquista da cidadania nesta sociedade, apontando alguns dos principais fatores de ordem econômica e cultural que contribuem para agravar a exclusão digital.		
Estrato-Essência 150	**Tese**	**ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica, 2009.**
Para esse autor, a experiência da **transdisciplinaridade** exige a instauração de uma inteligência coletiva, através da cooperação de especialistas de vários campos disciplinares (que continuarão existindo, pois é impossível alguém dominar todo o conhecimento disponível em qualquer área), numa reinvenção das atividades científicas e intelectuais, processo que implica o fim do expert que se basta a si mesmo, produzindo um novo intelectual, o qual agrega uma conversão moral ao conhecimento que produz, conversão essa fundada na ética da **responsabilidade socialmente** compartilhada e na promoção de um novo humanismo (DOMINGUES, 2005c). p. 66.		
Estrato-Essência 151	**Tese**	**SOUZA, Edivanio Duarte de. A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar 2011.**
Esse chamado não tem o sujeito discursivo identificável em nenhum campo específico do conhecimento, mas em um sujeito-forma do discurso do imperativo técnico-científico, que atende a governos, mercados, organizações multilaterais, empresas multinacionais, entre outros. Nesse contexto, "essa nova ciência tem sido caracterizada, desde os primórdios, por uma abordagem interdisciplinar de problemas e uma visão social da informação, o que permite propor como **responsabilidade social** do novo campo: facilitar a comunicação do conhecimento científico" (SD 1.9.1). O projeto disciplinar tecno-informacional ou, mais especificamente da Recuperação da Informação, tem na sua base a organização e o controle de conhecimento, que se encontra, segundo Castells (2000, 2003), fortemente vinculado a modelo de desenvolvimento informacional.		
Estrato-Essência 152	**Tese**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação, 2015.**
Freire (2004) aborda os desafios do Brasil para a inclusão digital no âmbito da sociedade informacional alertando os profissionais da informação quanto a sua **responsabilidade social** nesta tarefa. Mota (2004), por sua vez, aborda questões relativas ao papel das novas mídias para a conquista da cidadania nesta sociedade, apontando alguns dos principais fatores de ordem econômica e cultural que contribuem para agravar a exclusão digital.		
Estrato-Essência 153	**Tese**	**ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica, 2009.**

Já o Modo 2, que emergiu em resposta a novas necessidades da ciência e da sociedade, é criado em um contexto econômico e social mais amplo, com maior **responsabilidade social** e reflexão por parte dos diferentes atores envolvidos, que trabalham de forma colaborativa e negociada na busca da solução para problemas, organizados em torno de uma aplicação particular. p. 40. Para esse autor, a experiência da transdisciplinaridade exige a instauração de uma inteligência coletiva, através da cooperação de especialistas de vários campos disciplinares (que continuarão existindo, pois é impossível alguém dominar todo o conhecimento disponível em qualquer área), numa reinvenção das atividades científicas e intelectuais, processo que implica o fim do expert que se basta a si mesmo, produzindo um novo intelectual, o qual agrega uma conversão moral ao conhecimento que produz, conversão essa fundada na ética da **responsabilidade socialmente** compartilhada e na promoção de um novo humanismo (DOMINGUES, 2005c). p. 66. A produção do conhecimento universitário, que era autônoma (os próprios pesquisadores definiam quais eram os problemas relevantes, as metodologias e os ritmos da pesquisa) e desvinculada de sua aplicação pela sociedade, o que se traduzia em certa '**irresponsabilidade social**', passou a ter como princípio organizador a possibilidade de aplicação, resultando em um conhecimento pluriversitário, contextual e transdisciplinar, pois sua contextualização "obriga a um diálogo ou confronto com outros tipos de conhecimento" (SANTOS, 2004a, p.41). p. 89.

Estrato-Essência 154	**Tese**	**BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S.Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas, 2021.**
Existe uma imbricada relação entre o indivíduo, a informação e os saberes que é atravessada por questões históricas, sociais, de poder, políticas, econômicas e culturais, para a qual a CCI está sempre atenta e, mais que isso, provocando um pensamento crítico a respeito dessas relações na intenção emancipatória do ser, a fim de suscitar uma *consciência social*(c29) e de humanidade(c30), um senso de **coletividade**(c31) e uma **responsabilidade socia**l(c32), que promovam a cidadania(c33) e, consequentemente, a democracia(c34). Para Downey (2016, p. 42), em última instância, a implementação pedagógica deve resultar em atividades de CCI que reconheçam a cumplicidade do individual – e do sujeito como membro da comunidade – em bases informacionais de estruturas de poder e luta. p.132.		
Estrato-Essência 155	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**
Em um estudo realizado por Koehler e Peberton (2000), foram analisados códigos de ética de 37 associações, concluindo que os aspectos expressos nos códigos podem ser sintetizados em cinco valores principais: sempre que possível coloque as necessidades dos **usuários em primeiro lugar**; aja de maneira profissional e competente, de acordo com o que a profissão exige; dê apoio à profissão e a suas associações; caso não haja conflito com as obrigações profissionais, seja sensível a questões de responsabilidade social; esteja ciente dos direitos da **comunidade** usuária e dos colaboradores da unidade de informação. Esses valores podem servir de modelo para a elaboração de novos códigos. p. 29. Segundo o autor, essas questões se expressam principalmente em três momentos: na seleção de novos livros – o julgamento do bibliotecário deve ser pertinente, pois ele está definindo o que pode ou não ser lido pelos usuários, o que pode **ocasionar censura**; na **responsabilidade social** – as bibliotecas devem servir pessoas de **diferentes camadas sociais**, **níveis de instrução** (no caso de bibliotecas públicas) e **pontos de vista**; nesse contexto e considerando que a neutralidade constitui uma utopia, deve-se dedicar especial atenção aos preconceitos inerentes a todos nós para que possam ser reconhecidos de modo que não interfiram no fazer profissional; responsabilidade com o funcionário, usuário e consigo – o bibliotecário deve ser fiel à instituição, tendo em mente seu quadro de funcionários e suas necessidades de modo a permitir que **o usuário receba informação de qualidade no menor tempo possível** e que a profissão, como tal, seja respeitada, mesmo diante de pressões de instituições ou governos [...]. p. 19.		
Estrato-Essência 156	**Tese**	**PANDO, Daniel Abraão. Epistemologia da organização da informação: uma análise de sua cientificidade no contexto brasileiro, 2018.**
"A **epistemologia**, deste modo, estuda estes saberes baseada na vigilância recíproca que ciência e filosofia fazem uma sobre a construção e produção da outra. Quebra-se, aqui, a fórmula da partenogênese, pois em todos os casos há uma crítica externa" (FARIA, 2014, online). Nesse sentido, não se pode perder de vista que, conforme ressalta Japiassu (1979, p.138), a Epistemologia Crítica também tem como "objetivo essencial interrogar-se sobre a **responsabilidade social** dos **cientistas** [...]", uma vez que essa interrogação tornou-se uma das questões cruciais da **cultura contemporânea**. p. 230. Nesse sentido, pode-se dizer que a responsabilidade social do campo da Organização da Informação, a partir de uma desejável perspectiva científica, deve ir além do que simplesmente atuar no sentido de prover a organização		

de itens informacionais, existentes nos mais variados suportes, mas está na garantia de acesso a essas informações, pois como especificam Araújo e Freire (1999, p. 10), a respeito da questão da **responsabilidade social** tanto do **bibliotecário** quanto das **bibliotecas** e centros de informação: "[...] se o conhecimento é como a luz, poderemos iluminar a vida de incontáveis pessoas [...] este é o nosso desafio e esta seria nossa **responsabilidade social**: tornar tangível o intangível, ajudando a escrever um final feliz para a história da humanidade". A partir desse contexto, entende-se que a Organização da Informação deve se preocupar com as particularidades de cada segmento, onde desenvolve suas atividades de forma a atender de forma significativa as **necessidades de informação**. p. 367.

Estrato-Essência 157	**Dissertação**	**MARTINS, Ana Amelia Lage.Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação, 2010.**

O X ENANCIB foi promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) entre os dias 25 e 28 de outubro de 2009, tendo como temática nuclear a "**Responsabilidade Social da Ciência da Informação**". p. 101.

Estrato-Essência 158	**Dissertação**	**SALDANHA, Gustavo Silva. Viagem aos becos e travessas da tradição pragmática da Ciência da Informação: uma leitura em diálogo com Wittgenstein, 2008.**

Em Wersig & Neveling (1975), é pontuada a **responsabilidade social** da área; e o objeto da CI é colocado como elemento envolto em processos sociais; além disso, diferentes ângulos são listados, como fundamentais para o estudo amplo da informação, o que leva Silva (1999b, p. 123) a perceber uma proposta hermenêutica na filosofia da informação dos pesquisadores. p. 18.

Para Shera (1973), com a abordagem da **Epistemologia Social**, devemos menos nos preocuparmos com interrogações como se é uma ciência ou não a área que trata da informação, e "mais" buscar quais contribuições científicas permitem realizar o estudo das relações sociais no âmbito da organização do conhecimento. Esta abordagem lança um olhar sobre o homem total e a sociedade total, ou seja, a velha sociedade humanista, e todas as suas formas de pensamento, conhecimento, sentimentos, ações e comunicação – Shera (1973) propõe uma outra sensibilidade para a CI: a área mais sensível a um conjunto maior de experiências, uma circularidade. Neste aspecto, para o autor, o estudo da **Epistemologia Social** é, antes, a evidência da **responsabilidade social** da área na sociedade em que ela coexiste – e daí,sua cientificidade. Esta responsabilidade social, tema explorado por outra manifestação com fragmentos pragmatistas na paisagem epistemológica contemporânea em Freire (2007), aproximaria-se, pois, de uma deliberação epistemológica sobre a ética do organizador do conhecimento. p. 20.

As leituras filosóficas como aquelas de Rorty (1997, 2000) e Condé (2001) acerca do pragmatismo de Wittgenstein e a missão/**responsabilidade social** da CI, refletida em investigações como aquelas de Freire (1995, 2004): em sua tese de doutorado, Condé (2001) procurou formular propostas para a crise da racionalidade moderna a partir das inúmeras contribuições deixadas pelas Investigações Filosóficas. p. 52

Por sua vez, o termo interdisciplinar é em geral utilizado por teóricos para reivindicar um novo olhar sobre as disciplinas que se especializaram a ponto de negarem a **responsabilidade social** de suas práticas (JAPIASSU, 1975; GUSDORF, 1995); que concentraram-se em laboratórios, afastando-se de um olhar mais amplo - "mais humano" - do contexto científico. Logo, a crítica da interdisciplinaridade é uma crítica à especialização fechada, ao unilateralismo teórico-metodológico de determinados departamentos, não às disciplinas. E a direção da crítica é exatamente a direção tomada pela CI em sua origem e reproduzida até hoje – entre as frases mais propagadas em nossa paisagem social epistemológica temos "o objeto da CI é a informação". Quando propomos o olhar sob uma linha sensível de nossa paisagem social epistemológica chamada tradição pragmática demonstramos como a história da CI não é a história da informação e os autores que afirmam ocontrário terminam por se contradizer. p. 99.

Estrato-Essência 159	**Dissertação**	**SILVA, Ester Ferreira. A exclusão de gênero em ciência e tecnologia na perspectiva da ciência da informação: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará, 2020.**

A CI, ao procurar saber como as pessoas buscam, usam e se relacionam com as informações, conecta-se à tecnologia mantendo o foco no comportamento informacional das pessoas. "O comportamento informacional humano refere-se a uma ampla gama de processos que as pessoas empregam quando se envolvem com informações e com estados e efeitos cognitivos e sociais relacionados" (SARACEVIC, 2009, p. 2577). A exclusão da mulher do conhecimento na criação (ciência) e mediação (tecnologia) informacional impacta os fluxos informacionais, e as suas estruturas de comportamento informacional e cognitivo, indo na contramão da **responsabilidade social** da CI e da sua função social de democratização do conhecimento. p. 39.

O fenômeno de exclusão de gênero em C&T torna-se relevante para a CI, pois revela ser um tema que afeta os fluxos e competências informacionais da metade da humanidade, que são mulheres. Busca entender as desigualdades do acesso à informação relacionada a um marcador sociocultural: o gênero, cujas conotações são diferentes do sexo biológico, ainda que esteja estreitamente relacionado. Os problemas de gênero estão em consonância com a **responsabilidade social** da CI em transmitir conhecimento de forma igualitária, articulando

as mulheres dentro do mundo do conhecimento da informação através de estruturas e mediações tecnológicas que atendam a ambos os gêneros. p. 39.

Estrato-Essência 160	Dissertação	ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.

Outro ponto que salienta a importância deste estudo se refere ao atendimento da **responsabilidade social** da Ciência da Informação por meio da discussão da relação entre mediação da informação e o protagonismo social. Conforme Henriette Gomes (2019), a mediação da informação consiste em um elemento primordial do cumprimento da responsabilidade social da área da informação. p. 31.

A Ciência da Informação enquanto ciência social deve contribuir na elucidação de **demandas sociais**: isso revela a sua **responsabilidade social** enquanto campo do conhecimento. Conforme Joana Garcia, Maria Targino e Esdras Dantas (2012), a Ciência da Informação é aceita como ciência essencialmente social, derivada de um processo evolutivo da Biblioteconomia e da Documentação. A **responsabilidade social**, que antes era restrita a áreas como Administração, Gestão e Marketing, atualmente tende a se expandir para outras áreas, inclusive a Ciência da Informação. Em qualquer instância, a intenção é de uma maior aproximação entre os interesses das áreas e os das coletividades, com vistas a somar esforços para obtenção de objetivos compartilhados. p. 74.

No que tange a **responsabilidade social** da Ciência da Informação, corroboramos com Alba Silva e Mirian Aquino (2011) que consideram que área enquanto ciência social não pode ficar alheia aos interesses dos grupos sociais, especialmente, da população negra. Diante disso, evidencia-se a importância da disseminação de informações étnico-raciais nas produções científicas. p. 75

A Ciência da Informação enquanto ciência social tem como múnus exercer um papel **de responsabilidade social** perante a população, atuando na luta por uma sociedade mais justa e igualitária a partir de projetos de pesquisa, projetos de extensão e produções científicas. p. 80.

Alba Lígia Silva (2009) avança nesse sentido e considera que, para além de **uma responsabilidade social**, a academia tem uma "**responsabilidade ét(n)ica**". Na visão da autora, ambas as responsabilidades não se restringem apenas a parte administrativa das universidades, mas é também dever do corpo docente e discente. O apoio das universidades pode contribuir para a produção de conhecimento acerca de grupos socialmente vulneráveis, desenvolvendo pesquisas interdisciplinares e contribuindo na formação de profissionais atualizados e atentos às mudanças sociais. p. 81.

Informação Étnico-Racial: primeiros passos da Epistemologias do Sul

Estrato-Essência 161	Tese	SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2020.

Na sua vasta produção bibliográfica, com 70 artigos publicados em periódicos, destacamos as produções sobre a produção científica sobre e **por autores e autoras negras e negros**, que representam uma quantidade significativa da sua produção no campo. Dentre elas destacamos: "A construção da identidade profissional de **mulheres negras** na carreira acadêmica de ensino superior" (2015); "A **inclusão étnico-racial na era da informação**" (2013); "Políticas de informação para inclusão de negros afrodescendentes a partir de uma nova compreensão da diversidade cultural" (2010) e "A ciência da informação: novos rumos sociais para um pensar reconstrutivo no mundo contemporâneo" (2007), essas individuais. Algumas em colaboração com suas orientandas e orientandos, ressaltamos: "Imagens de exclusão de negros/as em produção de conhecimento em universidades públicas" (2014) com Jobson Francisco da Silva Júnior e Ronhely Pereira Severo; "Práticas de organização e representação da **informação étnico-racial** em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negro" (2014) com Vanessa Alves Santana; "Fontes de informação na Web: apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba" (2014) com Leyde Klebia Rodrigues da Silva; "**O conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação**" (2012) com Henry Pôncio Cruz de Oliveira; "A (in)visibilidade de negros(as) na produção de conhecimento em programas de pós-graduação da UFPB" (2011) com Alba Lígia Almeida Silva e "A informação que circula sobre a política de cotas no ensino superior" (2010) com Izabel França de Lima. p. 177-178.

No mais, concluímos essa etapa refletindo: por mais dados que possamos acessar/coletar é impossível medir o quão potente foram os impactos de toda uma vida dedicada à luta **étnico-racial** e às questões de **gênero** dessas **mulheres**. No entanto, não nos resta dúvidas do quanto a produção, vida e obra dessas mulheres negras, fundamental para nos inspirarmos e aprendermos a ser, todas nós, protagonistas de nossas próprias histórias. p. 193.

[...] no potencial revelador e transformador desta pesquisa, principalmente, em uma educação libertadora e não opressora. Para alcançá-la, é preciso estar ciente da importância das questões como luta **antirracista** e equidade de **gênero**, sobretudo da presença de mulheres negras em espaços públicos, como a academia. As universidades ainda são um espaço possível para remodelar e pressionar agendas para a construção de conhecimentos **decoloniais**. p. 200-201.

Estrato-Essência 162	Tese	OLIVEIRA, Heloá Cristina Camargo.A natureza fenomenológica da mediação: contribuições para a mediação da informação, 2020.

O frequente problematizador da escola enquanto facilitador de uma cultura intolerante mostra ainda mais a urgência da necessidade dessa reformulação no sistema de educação. É cada dia mais comum encontrar relatos de **livros**, trabalhos, abordagens de educadores, atividades, etc. que expõem crianças e jovens a um ambiente hostil, que naturaliza preconceitos e que, com a proteção da lei, continuam a ser reproduzidos no ambiente escolar mesmo após essas denúncias, numa mensagem clara de que ainda não há medidas realmente corretivas e impactantes desses aspectos de propagação de uma **cultura** intolerante no contexto da **educação** em muitos países. O resultado têm sido uma população que demonstra posturas de **ódio**, **violência**, **intolerância**, entre outros aspectos negativos, gerando também uma grande defasagem de alunos que são então vítimas diretas desse sistema intolerante (como **gays**, **transexuais**, **negros**, **indígenas**, **quilombolas**, **imigrantes**, e demais grupos negligenciados pela educação formal).Garrido-Rodríguez (2019, p. 3) alerta para que, ainda que se reconheça o direito dos alunos em serem educados em condições de igualdade, essas condições só seriam possíveis se partissem de uma "**integração educativa e social real**", englobando medidas nos dois âmbitos. O autor esclarece que "a integração é fundamental na educação" assim como "a educação integral, inclusiva e de qualidade é fundamental na também para a integração" p. 106.

Convém notar, segundo Grupioni, que a educação **escolar indígena** é pauta política relevante, assim deixou de ser uma temática secundária, ganhando importância à medida em que mobiliza diferentes atores, instituições e recursos. Assim, "hoje não mais se discute se os **índios** têm ou não que ter escola, mas sim que tipo de escola." (GRUPIONI, 2016)
A sociedade tem se afastado de suas raízes, sua identidade. A proximidade de outras culturas tem influenciados a nossa forma de vida e nossas aparências. Nessa relação criamos a necessidades de usos de equipamentos de tecnologia de não **indígenas**, sofremos a pressão do capitalismo e do consumo cada vez mais forte. p. 227.
Na natureza temos tudo o que precisamos para viver e não é necessário destruí-la, entretanto temos visto que na sociedade não **indígena**, que o sistema econômico capitalista associado ao uso da tecnologia tem contribuído para que se avance **indiscriminadamente** na exploração dos recursos naturais e o desmatamento, em consequência disso há o desequilíbrio **econômico** e **ambiental** afetando nossas vidas. A **tecnologia** é muito boa se soubermos usá-la muito bem. Assim, a **tecnologia** é boa, mas também traz malefícios. Um exemplo, disso é que ela nos leva ao sedentarismo, o consumo de alimentos industrializados, e nos acometem as doenças advindas dessa forma de vida, entre outros fatores. p. 230.

Estrato-Essência 163	Dissertação	VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.

A influência dos ideais de direitos humanos, conforme apontam Simões e Facchini (2009), propiciou um ambiente adequado ao soerguimento de movimentos, organizações e entidades que lutavam por direitos de **comunidades específicas** como, por exemplo, movimento de **mulheres**, movimento **negro**, dentre outros, cujas reinvindicações guardavam peculiaridades com o segmento **LGBT**.p. 75
Num cenário político desfavorável às liberdades individuais e coletivas, as manifestações sociais contrárias à repressão forneceram as bases para uma organização, ainda que incipiente, que aproximaria diferentes **grupos sociais na luta** por direitos. Dentre esses grupos destacam-se os movimentos **feminista e negro**. p. 76.
As contribuições de Facchini (2002) e Conde (2004) em relação ao surgimento do movimento **LGBT** no Brasil, como afirmado em outra seção, liga-se aos segmentos sociais considerados como vulneráveis, isto é, **negros**, **mulheres, jovens, LGBT**, pessoas com deficiência, crianças e adolescentes. Desse modo, entende-se que esses segmentos passaram a merecer atenção dos gestores públicos por demandas singulares voltadas para a especificidade de cada segmento. Um exemplo foi a criação do Programa Brasil sem Homofobia em 2003, que visava combater a violência e preconceito contra os **LGBT**. p. 81.

Estrato-Essência 164	Dissertação	SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil, 2019.

Temos consciência de que a abordagem bibliográfica não foi realizada de modo exaustivo. O que buscamos foi um panorama que nos permiteiu chegar na centralidade do objeto. Como não encontramos em Biblioteconomia e **Ciência da Informação** brasileiras dissertação ou tese com aprofundamento sobre África, seus povos e que expusesse sobre o processo de escravidão, ressaltamos que a extensão da revisão pretendia ampliar o horizonte sobre o Continente Africano e, por isso, em algumas seções abordamos detalhadamente alguns fatos. Além disso, queremos instigar o leitor a encontrar mais fontes críticas e contextuais sobre **África** a partir da explanação do Continente que aqui fizemos. "Enegrecemos3" ainda, que ao longo do texto, alguns termos serão adotados e possuem conceitos diferentes um do outro, tais como, **africano**, **afro-brasileiro5** e afrodescendente. Até onde temos conhecimento, o capítulo de livro publicado por Silva e Saldanha (2018) intitulado "As Culturas Africanas e Afrodescendentes em **Biblioteconomia & Ciência da Informação** no Brasil: Epistemologia histórica, pensamento crítico e meio social" foi um dos primeiros a abordar a Black Librarianship Americana



no Brasil. Os manuais de história da Biblioteconomia mundial e brasileira disponíveis no Brasil tendem a reduzir toda a construção da Biblioteconomia estadunidense ao discurso tecnicista, sem se atentar para a construção crítico-social de diferentes linhas de pensamento dessa heterogênea tradição, como o caso da questão do **negro** nesse contexto. No referido estudo, os autores ressaltam que um dos motivos para ainda estarmos em construção de uma **Biblioteconomia Negra** Brasileira é o fato de que certas pesquisas sobre as culturas dentro da BCI ainda são discutidas como inaugurais, sem buscar reforçar os autores que já as estudavam, tornando-se, assim, "uma série ininterrupta de desconstruções isoladas". p. 94.		
Estrato-Essência 165	**Tese**	**GRACIOSO, Luciana de Souza. Filosofia da linguagem e ciência da informação: jogos de linguagem e ação comunicativa no contexto das ações de informação em tecnologias virtuais,2008.**
No contexto vigente das ações informacionais, ficou claro para nós a pertinência da inclusão da ciência da informação em um **paradigma social**. A informação tem status transformador da sociedade e sua validação e acionamento é possível a partir de seu uso social pelos intersujeitos participantes dessa sociedade. Ao desamarrarmos a informação de paradigmas físicos e cognitivistas, agregamos a ela uma potência de transformação social. p. 157.		
Estrato-Essência 166	**Tese**	**MARTINS, Ana Amelia Lage. Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da ciência da informação: uma análise a partir da Marcha das Vadias, 2015**.
O que ocorre no contexto dos **movimentos sociais** contemporâneos, entretanto, é o fato de a comunicação e a informação ganharem centralidade em termos de lógica organizativa (BRIGNOL, 2014), constituição das agendas e estratégias de ação. A ideia de "confronto simbólico", apresentada na Ciência da Informação por Marteleto (2001) para apreender os modos como os integrantes de redes de **movimentos sociais i**nvestem recursos informacionais e comunicacionais nas lutas, é ponto de partida para indicar um dos eixos dos conflitos contemporâneos: a produção e reapropriação do significado que se articula e rearticula em informação (MELUCCI, 1996). p. 11.		
Estrato-Essência 167	**Tese**	**SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos, 2015.**
[...] é comumente interpretada e apropriada pela ideia da "transferência de conhecimento ser a real **responsabilidade social** da CI". Todavia, entendemos ser necessário ampliar o discurso dos autores buscando redimensionar algumas compreensões sobre a responsabilidade social e a perspectiva informacional na CI. p.. 179. Todavia, entendemos ser necessário ampliar o discurso dos autores buscando redimensionar algumas compreensões sobre a responsabilidade social e a perspectiva informacional na CI. p. 179 Convergimos na direção de três questões amparadas pelos autores: a primeira é referente à formação epistemológica da CI; a segunda é referente à finalidade da CI que envolve fundamentos de transferência do conhecimento como uma responsabilidade social; e o terceiro está ligado ao **caráter coletivo** de estudos e práticas dos cientistas da informação no fortalecimento da CI. A segunda questão, definicionalmente vinculada à transferência de informação como uma responsabilidade social, parece ser uma questão em aberto no discurso dos autores, uma vez que, por um lado, o conceito de responsabilidade social não é discutido no artigo, mas apenas inserido acriticamente deliberando uma superficialidade da pretensão finalística da CI e, por outro lado, a ideia de transferência de conhecimento indica mais uma perspectiva cognitiva de informação de cunho semilinear e relacionada a uma visão mais isolada dos sujeitos (FROHMANN, 2008) do que um fundamento social da informação na CI. . p. 179. Aliás, a própria percepção de responsabilidade social possui um esvaziamento semântico, já que os autores não exercem uma reflexão sobre o termo em lide, inclusive, desconsiderando a sua origem a prática empresarial contemplando aspectos econômicos, legais, éticos e filantrópicos [...] e normativa (ISO 26000) com uma escassa fundamentação científica.[...]. p. 179. Ocorre ainda que a ideia de responsabilidade social empregada pelos autores como transferência de conhecimento é recorrente a uma fundamentação cognitiva de informação, pois direcionam o papel da CI a uma atividade de pensar sujeito/autor, sujeito/mediador e sujeito/usuário em um contexto mais particularizado e menos dialógico. A ideia de transferência de conhecimento é semelhante à transferência propagada por Belkin e Robertson (1976) de favorecer a inter-comunicação humana. p. 180. Em primeiro lugar, consideramos que o contexto da dominação apraz um dos principais sentidos de fundamentação social e ação da CI, pois este campo do conhecimento tem a finalidade de lidar com as demandas sociais de informação. Não consideramos que o papel da CI resida simplesmente, conforme afirma Wersig e Neveling (1975) na transferência de conhecimento como sendo uma responsabilidade social, pois credita, em vez de uma aproximação dialógica da CI com a sociedade, um espectro de elitismo e "seletivismo reducionista" da CI que atua com uma parcela muito específica da sociedade ou quando atua com comunidades discursivas		

mais carentes de informação o faz não com a propriedade de lidar com os **conflitos humanos** da dominação em sua essência, mas apenas para inserir algumas práticas sociais conveniadas de "cima para baixo". p. 190.		
Estrato-Essência 168	**Tese**	**SILVA, Tiago José da. Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira, 2019.**
De modo similar, Wersig e Nevelling (1975) já apontavam que o fundamento da Ciência da Informação está na sua responsabilidade social, pois sua função é facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam. Isso permite afirmar que a Ciência da Informação seria uma ciência social que se preocupa em esclarecer problemas concretos no campo da informação, voltada para um sujeito social que busca informação. Entende-se informação como um conceito intrínseco à sociedade moderna e que possui um valor científico, político, histórico e socioeconômico. p. 39.		
Estrato-Essência 169	**Tese**	**FREIRE, Isa Maria. A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou o olhar da consciência possível sobre o campo científico, 2001.**
A pensamos que a visão da ciência da informação tendo uma "**responsabilidade social**" amplia o campo de interesse e atuação desse campo à sociedade em geral — expressando a visão de um grupo de cientistas que começavam a olhar o mundo e a sua profissão com outros olhos. p. 40 [...] a ciência da informação tem uma "responsabilidade social" e, por isso mesmo, "não pode correr o risco de ser conduzida por abordagens teóricas que não ajudem a prática profissional da informação"183; e b) as "ciências da informação" não são apenas tecnologicamente orientadas, mas têm, também, uma obrigação crítica. p. 89. Nesse cenário real de desigualdade, cresce a responsabilidade social dos profissionais da informação, tanto como produtores de conhecimento no campo científico quanto como facilitadores na transferência do conhecimento científico para usuários que dele necessitem, independentemente dos espaços sociais onde vivem e dos papéis que desempenham no sistema produtivo. Pois embora a informação sempre tenha sido uma poderosa força de transformação, o capital, a tecnologia, a multiplicação dos meios de comunicação de massa e sua influência na socialização dos indivíduos deram uma nova dimensão a esse potencial. Com isso, crescem as possibilidades de serem criados instrumentos para transferência efetiva da informação e do conhecimento, de modo a apoiar as atividades que fazem parte do próprio núcleo de transformação da sociedade. [...]. p. 104.		
Estrato-Essência 170	**Tese**	**SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2020.**
Lélia Gonzalez (1984) refletiu sobre a ausência de mulheres **negras** e **indígenas** no **feminismo** hegemônico e criticou essa insistência das intelectuais e ativistas em somente reproduzirem um feminismo europeu, sem dar a devida importância sobre a realidade dessas mulheres em países colonizados. P. 162 [...]a **epistemologia social** como uma possibilidade de enfrentamento às práticas de **epistemicídio**. Essas práticas pressupõem uma neutralidade acadêmica, baseada em uma ciência universalizante de supremacia branca e permeada por inúmeras violências, como nos chama atenção a Grada Kilomba (2016). p. 101. Por meio do **epistemicídio** é possível controlar e manter em condições de subalternização um povo: matando simbolicamente sua capacidade de produção e perpetuação de conhecimento. Sueli Carneiro (2005, p. 97) define epistemicídio como um processo contínuo de negação da capacidade intelectual do grupo inferiorizado. p. 106.		
Estrato-Essência 171	**Tese**	**SANTOS, Anne Danielle Soares Clinio dos. Novos cadernos de laboratório e novas culturas epistêmicas: entre a política do experimento e o experimento da política, 2016.**
Segundo a autora, a pesquisa sobre **culturas epistêmicas** torna visível as "**texturas complexas**" das maquinarias de conhecimento para exibir as "marcas (steam) das dimensões técnicas, **sociais** e simbólicas dos sistemas especializados" (KNORR-CETINA, 1999, p. 3). Deve-se explorar, por exemplo, o significado atribuído ao empírico, às relações com objetos construídas na prática e à construção e adaptação de **arranjos sociais**, entre outros temas. p. 23.		
Estrato-Essência 172	**Tese**	**LIMA, Márcia Heloísa Tavares de Figueiredo. Pela reconstrução epistemológica do direito à informação: um estudo metainformacional da "opinis juris" brasileira contemporânea, 2004.**
Habermas, em 1994, no livro '**Direito e Democracia'**[...], afirma a centralidade do Direito racional elaborado segundo processos institucionalizados[...] de comunicação como proposta reconstrutiva da sociedade. Guiada pelo pensamento habermaseano, reflito sobre uma possível centralidade contemporânea do **direito à informação** no rol do sistema dos **direitos humanos**, como condição da sociedade política que torna possível o **Estado Democrático de Direito**, apoio que encontrei, em primeiro lugar, na formulação conceitual de Celso Lafer75. p. 23. Observe-se que essas duas formas documentárias, previstas como forma de controle internacional da tutela dos **direitos humanos**, reafirmam nossa tese de que o **direito à informação** está mal colocado epistemologicamente já que é um dos fatores principais de tutela dos direitos do homem, perpassando relacionalmente a própria		

questão dos direitos [...] para tutelá-los somente a informação relacional pode dar conta do desencadeamento de discussões e sanções. p. 75.
Tomado neste aspecto, o **direito à informação**, assim autonomizado, desvinculado do caráter acessório para atingir outros bens, assume o **caráter de basilar para a democracia**, como um elemento para alcançar a real e efetiva participação cidadã. p. 127.
A garantia do **direito à informação** é uma das condições de possibilidade para se **evitar a ruptura totalitária**, na visão de Hannah Arendt e, por isso adquire uma importância preponderante entre os **direitos humanos** examinados pelo autor brasileiro. p. 130.

Estrato-Essência 173	**Tese**	**SANTOS, Nilton Bahlis Dos.A Ciência da Informação e o paradigma holográfico: a utopia de Vannevar Bush, 2005.**

Mas, antes de tudo a tecnologia interativa redefine as **relações sociais**, o significado do sujeito e obriga à ampliação do conceito de Informação. Não cabe nos marcos dos objetivos desta tese discutir os impactos psicológicos e mesmo biológicos que, como nos indica Kerckhove, o ciberespaço terá sobre a **espécie humana**. Mas cabe discutir as relações e formas de acoplamento social que se estabelecem para possibilitar que possamos refletir sobre as modificações que se realizam na abordagem do problema da informação. Antes de tudo é importante lembrar que as novas práticas emergentes tendem a serem concebidas nos momentos iniciais, como similares às práticas e visão de mundo anterior. A interatividade da Internet, por exemplo, tende a ser identificada como **intersubjetividade**, inclusive com o intuito de defendê-la em oposição às mídias televisivas e correlatas, considerando- a como forma de retorno a práticas de tipo cara a cara, como nos marcos da comunicação verbal. p. 102.

Estrato-Essência 174	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**

Em aspectos linguísticos, os autores perceberam uma forte influência de termos **indígenas** e estrangeiros e identificaram que as figuras de linguagem constituem uma forma de essa **comunidade** construir sua **identidade**, utilizando-se muitas vezes de metáforas, o que é um grande desafio para a ORC (GUIMARÃES; NASCIMENTO; PINHO, 2017).
Alguns problemas identificados pelas autoras centram-se em questões como o uso de qualificadores em listas de cabeçalhos de assunto, como em ―women as…‖; problemas de linguagem, privilegiando idiomas europeus e depreciando linguagens **indígenas**; norte-americanos **aborígenes** separados de norte-americanos como um todo; de cunho racista, em especial relativo à religiões, linguagens e **culturas africanas**, dentre outros aspectos. p. 137.
Furner (2007) traz críticas à **representação racial** nas classificações bibliográficas. O autor utiliza-se da **Teoria Crítica Racial** como abordagem para a análise da CDD, refletindo sobre a legitimação da ideologia dominante por esquemas de classificação que pode justificar o baixo nível de usuários negros em unidades informacionais devido ao fato de eles não se sentirem representados por esses esquemas, ademais a essas unidades não se encontrarem predominantemente em regiões pobres e **suburbanas**. Por essas circunstâncias, a teoria crítica racial seria de grande valia para bibliotecários: pelo comprometimento social dessas instituições e pela potencial aplicabilidade dessa teoria nesses espaços, de maneira a evitar ao máximo o **racismo institucionalizado**. p. 152.
Nas bibliotecas, o racismo institucionalizado pode se manifestar por ações como ignorar sua presença ou negar que seja um problema, pela indiferença quando de **atitudes racistas** no ambiente do trabalho, pela distribuição desigual de **brancos** e **negros** entre a equipe de trabalho da unidade, ou mesmo pela falta de recursos e serviços que apoiem a **diversidade da comunidade** na biblioteca. Assim, ao fazer referência a um serviço justo de biblioteca, Furner (2007) cita alguns objetivos – ou valores éticos – que devem ser perseguidos pela equipe da unidade, tais como: a satisfação do usuário, o amparo aos usuários, a equidade de oportunidades, a divulgação dos serviços oferecidos, a liberdade de escolha, as recomendações de qualidade, a responsabilidade na prestação de contas, a eficiência, a **diversidade**, conformidade com as normas e padrões e a busca pela estabilidade, evitando-se a **opressão**, de tal modo que uma biblioteca justa possa ser aquela em que os recursos são utilizados de maneira ativa, de forma a dar suporte às mudanças sociais e reconhecendo os direitos dos **grupos oprimidos**. p. 152.
A principal crítica do autor no que tange aos sistemas de organização do conhecimento residem na Tabela Auxiliar de **grupos étnicos** e nacionais da CDD, que remete o termo ―raça‖ somente a **grupos étnicos**, sem o valor social desse conceito. Ademais, a previsão de uma subdivisão de assunto denominada ―**raças básicas**‖ como norma e marginalizando outros grupos raciais que nela não se encaixam evidencia **discriminação**, o que se acentua pela subdivisão ―**raças misturadas**‖ (FURNER, 2007). p. 153.
Tendo essa análise em mente, Olson propõe a utilização de modelos alternativos de representação do conhecimento, que não são baseados na lógica Aristotélica. Esses modelos fundamentam-se em uma perspectiva **feminina**, mas podem ser aplicados na representação de outros **grupos marginalizados**, como por exemplo, a

população indígena. A sugestão da autora é incluir a mulher na lógica tradicional, rejeitando a visão aceita até então e adotando um modelo mais ―**feminino**‖ que rejeite qualquer dicotomia meramente racional. p. 153.
No contexto da Organização do Conhecimento, as classificações tradicionalmente marginalizam e ofuscam a literatura sobre **afro-americanos**, disponibilizando trabalhos sobre como os **negros** eram, escritos por **brancos** e com o público alvo de usuários brancos – como fontes de pesquisa e de trabalho, ao invés de dar voz à literatura escrita pela **população negra** e que retratam seu universo a partir de seus pontos de vista. p. 188.
Um exemplo dado pela autora como forma de reparação na organização da informação é o caso da hashtag #BlackLivesMatter, em que são coletados e organizadas as informações que usuários do twitter possuem sobre o **movimento negro**, sob um único termo. A questão libertadora desse movimento surge do fato de que a informação é produzida pelos membros dessa comunidade e circulada entre eles, remontando a um conhecimento em torno de um declaração política e pela demanda de um reconhecimento para vidas que são frequentemente marginalizadas em todos aspectos politicos e **culturais**, inclusive virtualmente, bem como em estantes de bibliotecas.

Estrato-Essência 175	**Dissertação**	**REIS, Vanessa Jamile Santana. A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social, 2019.**

Outros pesquisadores têm demonstrado preocupações com as temáticas **étnico-racial**, as limitações e desafios na representação da informação, haja vista as demandas informacionais e carências terminológicas que representam. Eliane Paiva (2013), voltada para os estudos da representação indígena, relata os percalços que envolvem questões éticas, políticas e operacionais, a dificuldade com as terminologias **indígenas**, a barreira linguística e a ausência de instrumentos de controle voltado para essa população.p. 29.

Estrato-Essência 176	**Dissertação**	**ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.**

Alguns(mas) pesquisadores(as), em especial negros(as), têm produzido sobre a questão étnico-racial, objetivando visibilizar a temática e as desigualdades sociais enfrentadas pela população negra para se inserir como sujeito de direitos na sociedade. Oliveira (2012) avulta sobre a importância disso e define **informação étnico-racial** como:
Citação
[...] todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana (OLIVEIRA, 2012, p. 487).p. 26.
Por meio da produção científica e da disseminação da **informação étnicoracial**, os sujeitos possuem condições para modificar suas ações e mobilizam esforços para ter maior inserção e integração com as instituições sociais de forma mais democrática (SILVA; AQUINO, 2014). p. 75

Estrato-Essência 177	**Dissertação**	**PASSOS, Mariana Faustino. Estudos de gênero na ciência da informação: análises dos anais do ENANCIB, 2019.**

As temáticas de **gênero** não são as preferidas no evento e na área de Ciência da Informação, se compararmos com outros assuntos. No entanto, a partir de 2011, os estudos de gênero se mostraram mais presentes no Enancib. Na Ciência da Informação brasileira, somente no ano de 2018, dois livros com temáticas sociais foram publicados, um intitulado O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação e outro **Bibliotecári@s Negr@s**, ambos lançamentos da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), com organização de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Nathália Lima Romeiro e Graziela dos Santos Lima. p. 78.

Estrato-Essência 178	**Dissertação**	**FEVRIER, Priscila Rufino. Informação e emancipação social: representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro, 2021.**

Para os autores Reis, Silva e Massensini (2011, p. 22), "a informação está presente em nossas vidas como resultado de nossas ações diárias e, portanto, é visualizada como um produto histórico-social, ou seja, fruto das nossas atividades sociais em nossos contextos históricos, em um determinado tempo e espaço". Quando refletimos a respeito da população negra, a informação que mais se adequa ao seu contexto e necessidades informacionais é a informação étnico-racial. Estabelecida a partir da teoria de Dahlberg, a **informação étnico-racial** tem sido estudada no Brasil a partir de 2010 por Henry Pôncio de Oliveira – sob orientação de Miriam Albuquerque de Aquino –, que em sua dissertação definiu esse conceito [...]. p. 40.
A **informação étnico-racial** está ligada a toda documentação, textos, manifestos, bibliografias, materiais audiovisuais e não visuais obtidos a partir de grupos e coletivos **negros**, do Estado, das Instituições de Ensino Superior, Secretarias dos municípios e dos estados, museus, arquivos, igrejas das irmandades negras, centros de informação, entre outros que buscam disseminar e promover o debate e a igualdade étnico-racial, justiça social e direitos para populações marginalizadas, das quais a população negra faz parte (OLIVEIRA; AQUINO, 2012). p. 41.

Mulher		
Estrato-Essência 179	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**

No que tange ao universo feminino, Milani (2010) buscou analisar, nas ferramentas de indexação, como esse grupo é representado. Por meio dos termos **feminilidade, feminina(s), feminino(s), feminismo(s), feminista(s), materna(o), maternal, mulher(es)** e seus respectivos equivalentes em inglês, a autora realizou uma busca nas linguagens do Vocabulário Controlado da Universidade de São Paulo, Vocabulário Controlado Básico do Senado Federal, Terminologia de Assuntos da Fundação Biblioteca Nacional e Classificação Decimal de Direito para analisar como esses termos eram representados. Por meio dessa análise, a autora identificou uma série de biases – tendenciosidades – nessas linguagens, como por exemplo: a **violência conjugal** vista como uma questão apenas de saúde pública, negligenciando os aspectos sociológicos e criminais; a **mulher** enquanto um tipo específico e o homem como geral (mulheres delinquentes, **mulheres casadas, mulheres na ciência** etc.); qualificadores de **gênero** sem a devida necessidade (**educação feminina**); o sufixo –ismo em **lesbianismo**, que caracteriza ser uma doença, ao invés de condição afetiva; entre outras (MILANI, 2010). p. 53.

Quando a perspectiva universal é adotada, os assuntos são vistos de maneira **binária**: a **mulher** é o que o homem não é. A **concepção binária** força a separação de dois lados que de fato, são inseparáveis, compreendendo a homem como norma e a **mulher** como a parte diferente desse tópico. Essa compreensão faz com que a literatura **feminista** seja representada como algo diferente da normalidade e que os autores ou usuários desses materiais sejam concebidos como ―os outros‖ nos modelos universais. p. 132.

A autora identifica como principal oposição **binária** a **mulher** sendo vista em uma relação de oposição ao homem, o que implica em outras oposições como razão/emoção. Descentralizar essa oposição não é colocar a **mulher** em posição dominante, mas a ruptura de relações hierárquicas. Para tanto, faz-se necessário que os aspectos relativos ao limite sejam evidenciados, permitindo que a natureza do outro se manifeste. A partir disso, é possível transcender essas oposições, focando nas marginalizações e não apenas em uma reversão de elementos. p. 136.

Em relação aos tópicos estudados, merece importante destaque o estudo das questões **feministas** nesse universo. Embora em um primeiro momento isso possa ser justificado pelo fato da Biblioteconomia ser uma área em que o número de **mulheres profissionais** é amplo, as autoras vão além, compreendendo como razão desses estudos o fato dos programas universiários reconhecerem esse tópico em suas convocações para bibliotecários, o que leva esses profissionais a se especializarem nessas questões. A forte presença de trabalhos de Sanford Berman, que muito se preocupou com questões de gênero em cabeçalhos de assunto, também pode ser considerada um forte fator para essa ocorrência. p. 137.

Os autores também evidenciam a questionável classe 305.42, que inclui todos os assuntos ligados a discussões feministas. A partir da comparação com o tesauro utilizado para análise, os autores identificaram que 130 termos dispostos na linguagem encontram-se representados nessa única classe, demonstrando falta de especificidade do esquema de classificação. Os autores sugerem que uma nova classe deve ser criada, como subdivisão da classe 140, para separar discussões sobre teorias feministas de discurssões sobre **mulheres** enquanto um grupo **social**. p. 144.

Um exemplo dessas marginalizações que foi ressaltada pela **comunidade** de maneira mais expressiva é a má representação de temáticas **feministas** e outras associadas à **mulheres**. Nos sistemas de classificação analisados, a **mulher** é vista como oposição ao homem, geralmente ligada a questões emocionais e passivas, enquanto o homem é a norma e objetividade. Essa mesma compreensão é visualizada em sistemas de busca na internet, o que pode ser justificado pela interdisciplinariedade desses temas.Uma marginalização também evidenciada pela **comunidade**, embora de maneira mais discreta até o momento, é a representação da **homossexualidade** em sistemas de representação e no acervo, que muitas vezes limita o gênero literário apropriado para esse grupo. p. 145.

Nessa mesma lógica, o objeto do conhecimento é tradicionalmente visto no masculino, apresentado como a ―razão‖, enquanto a **mulher** demonstra ser o binômio oposto, representada como a ―emoção‖. Essa visão de oposição entre homem e **mulher** reforça a **exclusão**, como pode ser verificado em classes como ―**Mulheres no trabalho**‖ ou ―**Mulheres astronautas**‖, sem a devida correspondência para homens, ou seja, a perspectiva masculina é a norma e a **feminina**, a excessão (OLSON, 2007). p. 153.

Estrato-Essência 180	**Dissertação**	**REIS, Vanessa Jamile Santana. A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social, 2019.**

Segundo Katemari Rosa (2015), a autora aborda relatos da pouca representatividade **étnico-racial** na construção da ciência marcada por obstáculos e preconceitos no acesso dessas **mulheres**, desde o processo de formação até a carreira. Outros estudos de Katemari Rosa (2008) também abordam a carência de pesquisas que retratem mulheres e minorias **étnicoraciais** nas ciências, o que reforça a subrepresentatividade da atuação e participação **das mulheres negras**. A autora traz relatos de seis **mulheres negras** de sucesso na carreira da física, mas que

conduziram suas trajetórias marcadas por um isolamento social e, com isso, dedicamse à pesquisa. **Afro-americanas** negras de perspectivas de vidas variadas, algumas de classe média, outras de baixa renda, mas com suas trajetórias marcadas pelo processo de exclusão no ambiente acadêmico e uma cobrança exacerbada quando comparadas aos demais colegas.
No entanto, as **mulheres negras** ainda são minorias nos espaços de produção de conhecimento, na ciência e nas universidades, isso sem falar na área de ciências exatas, na qual a concentração é ainda menor, como aponta a pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): p.71.
A construção de uma **ciência feminina** perpassa desde o debate neopositivista8 à objetividade forte, muito embora o feminismo estabeleça diferentes correntes e linhas de defesa na trajetória do limiar da sua **formação epistemológica**. Falar do debate de subjetividade e objetividade na ciência, e do problema enfrentado pelas mulheres na ciência, é embarcar nos entraves e armadilhas que ocultam e evidenciam as narrativas desse campo de disputa fundamentadas em divergentes perspectivas. p. 72- 73.

O **feminismo**, portanto, deve ser entendido como uma concepção ideológica, política que busca afastar-se das bases de **formações epistemológicas** de alegações científicas da existência de um conhecimento **absolutamente objetivo**, valores contextuais universais e, por tais razões, tido como universalmente válido em condições temporais e históricas estanques. Busca-se uma base teórica conceitual que permita revelar esses efeitos perversos predominante nas relações desiguais de poder e sustentem a ampliação das categorias pelas quais são delimitadas e examinados os fenômenos sociais, desestabilizando a condição de objetividade dos discursos, que é o cerne do estudo feminista. p. 75.

Estrato-Essência 181	**Dissertação**	**SILVA, Ester Ferreira. A exclusão de gênero em ciência e tecnologia na perspectiva da ciência da informação: um estudo de caso na Universidade Federal do Pará, 2020.**

Nos anos 90, com o início da propagação do acesso e uso das tecnologias da informação (TI) no país, surge a oportunidade para aprender as linguagens de programação e aprofundar no conhecimento tecnológico. Sendo uma área de domínio masculino, as **mulheres** foram excluídas por serem consideradas pessoas não capazes para dominar um computador, enquanto as mulheres ocupavam cargos de menor qualificação na área da computação os homens desempenhavam posições mais qualificadas (RAPKIEWICZ, 1998). Com o advento e popularização das novas tecnologias da informação nos anos 2000, a **exclusão digital de gênero** (EDG) ficou evidenciada pelo acesso e uso das TI. p. 15.
O **gênero** se constitui a partir de categorias biológicas imaginadas e reais que terminam definindo as responsabilidades, barreiras e oportunidades de homens e **mulheres**. Além de abranger os chamados papéis masculinos e **femininos** e os seus relacionamentos, influenciando e determinando desejos e expectativas no projeto de vida, dentre eles a escolha de estudo, carreira, emprego, entre outros (CASTAÑO COLLADO, 2012). p. 17.
A contextualização **histórico-social da mulher**, a constituição do feminismo e a representatividade feminina no contexto laboral, tecnológico e científico estabelece uma ponte para o entendimento da desigualdade e da diferença entre os gêneros, diferenças estas que tiveram influência e foram determinantes com relação à presença de homens e **mulheres** no campo da ciência e tecnologia. p. 19.
Como foi descrito no referencial teórico, existe uma falta de **representatividade feminina na C&T**, produto de processos históricos e presentes. Na história, a separação da **mulher** das conquistas sobre a igualdade trazida pela Revolução Francesa, o modernismo e o enciclopedismo; a proletarização feminina durante a Revolução Industrial, combinando o trabalho doméstico e os afazeres no lar, com trabalhos básicos, que pouco acrescentaram a qualificação das operárias, recebendo salários menores do que os dos homens. **Mulheres** que contribuíram para o desenvolvimento científico e tecnológico da Era da Informação, e que foram deixadas em posições secundárias, impedidas de conseguir titulações como cientistas, ou simplesmente expulsas da memória dos desenvolvimentos em C&T, tornando escassas as **figuras femininas** junto à galeria dos gênios científicos da nossa época. p. 65.

Estrato-Essência 182	**Dissertação**	**MATOS, Gislaine Imaculada. Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas, 2018.**

Feminismo radical: Ganha relevância nos anos 1970 e considera que, para libertar as mulheres, é necessário derrotar o patriarcado. Isso só seria possível se as mulheres adquirissem o controle sobre a reprodução (PISCITELLI, 2002). O termo "radical" não remete ao extremismo, mas sim ao fato de que as fundadoras dessa vertente acreditaram ter encontrado a "raíz" da dominação masculina, que seria o patriarcado2. p. 18.
Feminismo negro: A mulher negra sofre dupla opressão (por ser mulher e negra). Assim como o transfeminismo (abaixo), o feminismo surge da ideia de que a mulher negra não é representada pelos outros feminismos, produzindo um debate mais profundo sobre raça e gênero. Inclui pautas como o genocídio da juventude negra, intolerância religiosa e a não valorização das religiões de matriz africana.

Transfeminismo: Voltado especialmente às questões de transgeneridade, o transfeminismo surge do feminismo negro, visto que as mulheres trans não se sentem contempladas pelos outros feminismos, trazendo como um de seus conceitos centrais a interseccionalidade. **Feminismo interseccional (pós-moderno)**: Procuram conciliar as demandas de gênero com as de outras minorias, como classe social, orientação sexual, raça, deficiência física. Esse é o feminismo que mais aceita a participação dos homens no movimento, contrariando as feministas radicais, que consideram os homens opressores por natureza. São exemplos de feminismo interseccional os já citados **transfeminismo**, feminismo negro e também o eminismo **lésbico**. p. 19-20.		
Estrato-Essência 183	**Dissertação**	**ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.**
A presente pesquisa tornou possível evidenciar que apesar de os autores estudados terem utilizado pacotes teóricos diferentes, existem significativos pontos de proximidade conceitual e metodológica, de modo a reforçar os Estudos Retóricos de **Gênero** no rol de abordagens metodológicas para a AD. Desse modo, os aspectos teórico-conceituais e metodológicos compartilhados pelos Estudos Retóricos de Gênero e a Análise de Domínio, afirmam o pertencimento dos primeiros como uma abordagem para realização da segunda. O uso dos ERG como abordagem de AD pela CI também reitera a interdisciplinaridade entre a CI e a ciência Retórica ou Linguística, que são disciplinas igualmente relevantes para os propósitos da organização do conhecimento. Assim, para a CI, o trabalho tem a contribuição de trazer uma nova ótica para a Análise de Domínio instrumental, que corrobora com as aspirações da CI de ser uma ciência social; e proporcionar para a Retórica e a Linguística um diálogo frutífero com a CI, para que a colaboração mútua possa beneficiar o desenvolvimento individual de todas estas ciências. p. 189		
Estrato-Essência 184	**Dissertação**	**MATOS, Gislaine Imaculada. Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas, 2018.**
Feminismo radical: Ganha relevância nos anos 1970 e considera que, para libertar as **mulheres**, é necessário derrotar o patriarcado. Isso só seria possível se as mulheres adquirissem o controle sobre a reprodução (PISCITELLI, 2002). O termo "radical" não remete ao extremismo, mas sim ao fato de que as fundadoras dessa vertente acreditaram ter encontrado a "raíz" da dominação masculina, que seria o patriarcado2. p. 18 **Anarcafeminismo ou feminismo libertário**: Esta vertente do feminismo entende que a emancipação feminina só se dará com a destruição do Estado e do sistema de classes, que consideram responsáveis pela opressão do gênero **feminino**. Busca a transformação da sociedade através do rompimento da dominação do patriarcado sem pretender estabelecer outras formas de domínio em seu lugar. O feminismo libertário luta por melhores condições de trabalho para as **mulheres** e procura atender, contesta as estruturas de poder que é em sua maioria masculina e se identifica também como um feminismo popular, rejeitando os estereótipos de gênero impostos culturalmente. Tratase de um caminho para se vivenciar a anarquia para chegar à sociedade libertária. Emma Goldman (Lituânia), Itô Noe (Japão), Luisa Capetillo (Porto Rico) e Maria Lacerda de Moura (Brasil) e o movimento "Mujeres Libres" que surgiu durante a Guerra Civil Espanhola (1936 a 1939) [...]. **Feminismo marxista**: Surge influenciado pela análise econômica marxista e assume uma dimensão de crítica radical ao capitalismo, que teve um grande desenvolvimento com a Revolução Industrial. Segundo Moraes (2000, p. 89), considerando a mulher como pertencente da classe trabalhadora, onde sequer gozavam dos direitos civis e políticos mais básicos, em "A origem da família, da propriedade privada e do Estado", de Engels, "a **condição social da mulher** ganha um relevo especial, pois a instauração da propriedade privada e a subordinação das mulheres aos homens são dois fatos simultâneos, marco inicial das lutas de classes". **Feminismo liberal:** Durante a Revolução Francesa foi escrito o documento "A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão", onde não havia menção às mulheres. O feminismo liberal surge então com a luta para que a igualdade seja de fato realizada na prática, igualdade essa que foi difundida pelo Iluminismo na Revolução Francesa. Olympe de Gouges reescreve então o documento, mas com o novo título "**Declaração dos Direitos da Mulher** e da Cidadã", onde "[...] proclamava que as **mulheres** também possuíam direitos inalienáveis, tais como a liberdade, a propriedade e o direito à resistência contra a opressão." (NÓBREGA, 2015, on-line). As feministas liberais são muito conhecidas pela luta pelo direito ao voto (sufrágio), pelas famosas suffragettes. Essa luta foi muito importante nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, e permitiu que as mulheres pudessem votar e serem votadas, ingressar nas instituições escolares e participar do mercado de trabalho. Nóbrega (2015, on-line) salienta que a partir disso "[...] lentamente também se observou uma mudança nos códigos civis, que passaram a proclamar a igualdade de direitos entre os cônjuges.". p. 19-20.		
Informação Gênero-Sexualidade: relação de poder entre corpos cis, trans, lésbicos, gays e mais		
Estrato-Essência 185	**Tese**	**BRISOLA, Anna Cristina C. de A. S. Competência crítica em informação como resistência à sociedade da desinformação sob um olhar freiriano: diagnósticos, epistemologia e caminhos ante as distopias informacionais contemporâneas, 2021.**

Etiquetagens são sustentadas histórica e culturalmente também. “**Sexo frágil**”, “homens tem mais aptidão para exatas que mulheres”, “baianos são preguiçosos”, “**gays** são escandalosos” e tantas outras, naturalizadas em nossa linguagem e fazer social. A etiqueta define o assunto sem ter que lidar com detalhes reais que podem levar a uma conclusão diferente da desejada. p. 90.

Registrando a violência contra os **LGBTQI**+, há 40 anos o Grupo Gay da Bahia (GGB) produz o “Relatório Anual de Mortes Violentas de **LGBT** no Brasil”. De acordo com o relatório “Em 2019, 329 **LGBT**+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7[...]. “A cada 26 horas um LGBT+ é assassinado ou se suicida vítima da **LGBTfobia**, o que confirma o Brasil como campeão mundial de crimes contra as **minorias sexuais**”[...]. p. 161.

Estrato-Essência 186	**Tese**	**SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2020.**

De acordo com Carla Akotirene (2018), o projeto feminista negro, desde sua fundação, trabalha o marcador racial para superar estereótipos de gênero, privilégios de classe e **cisheteronormatividades** articuladas em nível global. Essa autora entende que o **feminismo negro** dialoga concomitantemente entre e com as encruzilhadas, ou seja, com as avenidas **identitárias** do racismo, **cisheteropatriarcado** e capitalismo. Assim, o letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por **lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT),** pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé, trabalhadoras e tantas outras, não se encaixam em um padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do **capacitismo**, terrorismo religioso, **cisheteropatriarcado** e imperialismo. O princípio analítico da interseccionalidade, nesse sentido, vem como uma ferramentas importante nas agendas de pesquisa, ações cidadãs e políticas públicas, a fim de proporcionar o fluxo entre teoria, metodologia e prática a essas pessoas “acidentadas”23 durante “a colisão, entre as encruzilhadas, amparando-os intelectualmente na própria avenida do acidente” (AKOTIRENE, 2018, p. 16). p. 157.

Estrato-Essência 187	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**

No mesmo ano, A. C. Foskett publica um artigo semelhante, denominado ―Misogynists all: a study in critical classification‖, em que analisa como as classificações podem se demonstrar preconceituosas e tendenciosas, principalmente no que tange aos **homossexuais** e **mulheres**. Uma das críticas do autor é que, embora as classificações devam refletir uma verdade ―externa e eterna‖, o que realmente ocorre que elas estão longe de ser objetivas, refletindo os preconceitos do período em que são elaboradas e das pessoas que as elaboram. p. 36.

No entanto, ainda que haja certa estabilidade nos assuntos dos documentos, na literatura é comum encontrar conteúdos relativos à **homossexualidade** de maneira não explícita, aparecendo de forma sutil, não declarada. Refletindo sobre axiomas propostos por Sedgwick, em Epistemology of the Closet (1990), Campbell (2001) afirma que questões de categorização são vitais para **comunidades homossexuais**; que todos os assuntos, em alguma extensão, são úteis para **homossexuais** e, portanto, um sistema de classificação elaborado para uma **comunidade gay** poderia abarcar os mais diversos assuntos; os paradigmas não são constantes, eles se alteram de acordo com construtos históricos, locais e culturais, logo categorias e rótulos são provisionais. p. 36.

A preocupação com os sistemas de organização do conhecimento, especificamente as linguagens de indexação, também é reforçada por Olson (2002) no livro intitulado The power to name: locating the limits of subject representation in libraries, em que a autora deixa explícita a importância do nomear inerente à indexação e, como muitas vezes, esse ato demonstra-se preconceituoso e enviesado, principalmente quando representando assuntos relacionados a **mulheres**, **latinos** e **homossexuais**. Para a autora, o ato de nomear é uma necessidade básica da comunicação e, como bibliotecários, nós decidimos o que deve ser representado e o que não deve ser nomeado, afetando o acesso e o uso da informação. p. 42.

Buscando aprofundar-se na temática relacionada às linguagens de indexação no que tange aos grupos marginalizados, Pinho (2010) realizou uma análise da **representação dos homossexuais** masculinos em linguagens brasileiras. O ponto de partida do autor é que as linguagens podem estar carregadas de eufemismos **preconceituosos**, visto que muitas vezes, principalmente no universo da **homossexualidade**, elas representam conceitos-tabus e são consideradas impróprias. Esses eufemismos nem sempre estão claros, o que pode revelar uma tentativa de ―abafar‖ o termo ou atribuir-lhe uma perspectiva de politicamente correto. Como exemplo, o autor cita que a expressão ―garoto sensível e educado‖, dita para referir-se a um **homossexual**, pode, além de mascarar o que a pessoa realmente quer dizer, ser ofensiva ou irônica para a pessoa referenciada. p. 53.

A preocupação de a linguagem refletir sua comunidade usuária, principalmente no que tange aos usuários **homossexuais masculinos**, também é objeto de reflexão de Guimarães, Nascimento e Pinho (2017). Os autores abordaram essa realidade na região do Cariri, no interior do Ceará, que, embora seja conhecida por seus hábitos religiosos, possui minoria que foge à **normativa heterossexual**. De forma a representar essa comunidade até então marginalizada, os termos utilizados por essa população foram categorizados, chegando-se a um total de

815 termos metafóricos, que podem ser divididos em três categorias temáticas: nomes femininos; partes do corpo, geralmente fazendo referência a **órgãos sexuais**; e ações geralmente relativas a **ações sexuais** e traços de personalidade. p. 56.

Esse período inicia-se com Campbell (2004) analisando as classificações facetadas, especialmente no contexto da representação do conhecimento em recursos digitais, e como essas ferramentas podem ser elaboradas de forma a melhor compreender o **universo gay**. Segundo o autor, esses recursos estão cada vez mais comuns e é um desafio elaborar uma plataforma amigável, que compreenda todos os indivíduos, sem cair na falácia da universalização. Da mesma forma, é um risco elaborar ferramentas para comunidades específicas, sem que de fato se esteja inserido nessa comunidade.

Dessa forma, o autor sugere que ao elaborar ferramentas de representação para o universo digital, primeiro seja analisado a forma com que comunidades específicas categorizam elas mesmas e seus domínios de conhecimento em seu cotidiano. Assim, Campbell entrevista um grupo de 20 pessoas – 10 homens e 10 mulheres, que foram questionados sobre a primeira vez que se depararam com o conceito de **homossexualidade** e como gradualmente foram aprendendo mais sobre esse tema; as fontes de informação que utilizaram durante esse processo e quais são seus padrões de informação atuais. p. 146.

Como resultados, Campbell pode identificar que os indivíduos eram sensíveis a ―**espaços gays**‖: lugares onde eles se sentiam confortáveis para buscarem informação sobre **sexualidade** sem que fossem julgados. Esses lugares podem ser compreendidos sob a perspectiva física, como livrarias ou bares, como também sob a perspectiva social, como a casa de um vizinho ou um colega de quarto, lugares que esses indivíduos se sentiam amados e confiantes.

Além disso, o autor identificou que a **temática gay** pode ser assimilada a partir de um sentido mais amplo, em que esses temas não eram elementos conscientes ou objeto de pesquisa inicial, mas em que foi identificada uma relação enquanto outros assuntos eram pesquisados. Como exemplo, Campbell cita que uma das entrevistadas estava lendo um livro que gostou muito e, quando descobriu que a autora era **gay**, isso lhe deu um interesse extra na publicação. p. 147.

A partir dessa análise e tendo por base a classificação facetada, o autor aponta três facetas em que os **conteúdos gays** podem assumir dimensões: tipos, partes e processos. Relativo aos tipos, os participantes frequentemente referiam-se a ―tipos de bar‖, ―tipos de pessoas‖, ―tipos de livros‖, etc., em que é possível perceber que nesse contexto, tipos relaciona-se a encontrar ―tipos‖ de pessoas que possuem os mesmos interesses, demonstrando que não estão sozinhos e reforçando um senso de **comunidade**. p. 147.

Campbell também identificou que o espaço e tempo também são bem definidos para essa **comunidade**, que divide espaços físicos de acordo com a representatividade para o **movimento gay**, como vizinhanças específicas e também tempos no espaço que foram significativos para suas lutas, como a era de Stoneage ou o período pré e pós **Aids**. p. 147.

Estrato-Essência 188	**Dissertação**	**MARTINS, Ana Amelia Lage.Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação, 2010.**

A articulação dos movimentos homossexuais e pela **diversidade sexual**, ou movimento de **Lésbicas**, **Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT),** é empiricamente representativa neste aspecto. Esta ação coletiva tem uma parcela de demandas que se orientam por mudanças no nível simbólico-cultural quando, por exemplo, manifesta-se pela instituição da parceria civil registrada, luta que "demanda mudanças em elementos simbólico-culturais, como os conceitos tradicionais de família e certos preceitos religiosos" (MACHADO; PRADO, 2005, p.37).

Isto significa que, ao questionar as formas **hegemônicas** de concepção de família e casamento, o movimento em questão luta não apenas pela democratização das relações sociais, concretizada sob a forma de garantia dos direitos civis, mas contra uma lógica social pautada pela heteronormatividade, ou seja, sistemas simbólicos e normas socialmente construídas que privilegiam padrões **heterossexuais** (MARTINS; REIS, 2009). Esta evidência do confronto simbólico indica-nos, pois, que um importante eixo dos conflitos contemporâneos reside na produção e reapropriação do sentido que se articula discursivamente em informação. p. 39.

Estrato-Essência 189	**Dissertação**	**ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.**

Melo Filho e Silva Junior (2019) consideram que, apesar de variações por ano, a produção sobre questões raciais tem crescido na Ciência da Informação do Brasil juntamente com estudos sobre mulheres e **Lésbicas**, **Gays**, **Bissexuais**, **Transexuais, Queers, Interseccionais (LGBTQI+)**. Os autores situam essas pesquisas dentro do **paradigma social** da área, pois concebem a informação e osprocessos que a envolvem, bem como suas práticas sociais. p. 112.

Estrato-Essência 190	**Dissertação**	**SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil, 2019.**

No entanto, apesar dos debates sobre as culturas africana e afro-brasileira no NEAB, quando chegava ao meu curso, raramente essas discussões eram trazidas para dentro da sala de aula. Observei que as disciplinas ministradas no curso não faziam relação com as culturas africanas e afro-brasileiras, bem como, com as populações indígenas, **LGBTQIA+** e outras consideradas à margem da sociedade. Populações estas com quem eu teria contato após graduada e que seriam recebedoras de minha prática enquanto profissional da informação. p.23.

Quanto aos docentes que abordam a questão não só em pesquisas, como na docência e em outros aspectos dentro da Biblioteconomia, foram citados no DSC:

Citação

Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação. Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com **LGBTQI**+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz. Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema e Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há. Conheço ainda alguns docentes como a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério, Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino que produzem e/ou abordam a temática em sala. Especificamente, Théo Brandão, no estado do Alagoas, tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado. p.175.

Alguns docentes até conhecem professores que introduzem outras temáticas, como questões **LGBTQI**+, no entanto, não possuem contato com a bibliografia abordada. Sobre os projetos, também há desconhecimento de alguns entrevistados sobre quais docentes e quais as questões discutidas em sala de aula. [...] Como eu disse, na pós-graduação ainda existe, mas na graduação hoje eu não conheço ninguém que esteja trabalhando este tema, viu? [...]. (Entrevistada nº 13).

[...] Mas, assim, fui eu quem respondi, principalmente, direitos humanos e relações étnico-raciais, falei um pouco da questão de gênero também dentro do que eu dou em sala de aula. Mas projetos de pesquisa, eu não conheço. [...]. (Entrevistada nº 24). [...] Olha, que eu tenha conhecimento, a professora Jacqueline Cabral tem trabalhado com o grupo **LGBTQ**+, mas eu não conheço a bibliografia específica do que ela tem introduzido. Outros projetos, eu realmente não conheço. [...]. (Entrevistado nº 2). Outro fato importante se refere àqueles docentes que inserem e discutem a temática ou pesquisaram ela durante algum momento de sua carreira acadêmica já possuírem maior conhecimento sobre os trabalhos e projetos existentes tanto no curso, quanto na universidade do que aqueles que não se interessam pelo tema. p. 177.

Em outras palavras, conforme demonstrado desde o início desta seção secundária nos discursos de pessoas brancas, o fato de entender e se sensibilizar com o racismo e preconceitos não faz com que se tenha as mesmas experiências que grupos de pessoas negras passam nas mãos de pessoas brancas. Mesmo que a pessoa branca que fala faça parte de grupos excluídos na sociedade como os judeus, **LGBTQI**+, entre outros, o lugar desse indivíduo branco na sociedade brasileira ainda é daquele que pratica o racismo e o preconceito. p.191.

Estrato-Essência 191	**Dissertação**	**PASSOS, Mariana Faustino. Estudos de gênero na ciência da informação: análises dos anais do ENANCIB, 2019.**

O pós-modernismo colocou em pauta questionamentos tidos como verdades absolutas em períodos modernos, tal como a neutralidade da língua, que pode ser utilizada como um mecanismo de opressão, enquanto afirma preconceitos e estereótipos que segregam, marginalizando minorias sociais com seus construtos linguísticos, até então irrefutáveis. Ao mesmo tempo, a linguagem pode libertar quando questiona a veracidade dessas construções e compreende a mulher, a **lésbica**, o **gay**, o **transexual** ou **bissexual** como sujeitos fragmentados. Se os manuais que classificam a ciência não são atualizados, a reprodução de informações defasadas e repletas de preconceitos é automática.

Nesse cenário de inclusão e responsabilidade social, Santos, Targino e Freire (2017) trabalham com a temática **LGBT**, apontada como área quase inexistente na literatura brasileira da Ciência da Informação. Os autores reforçam a ideia de **heterossexualidade** como padrão de normalidade, transformando pessoas desviantes em párias. É destacada a importância de Organizações Não-Governamentais (ONGs) no que se refere à informação efetiva dessa comunidade, assim como de políticas públicas. p.28

A aproximação entre minorias sociais torna-se comum visto que sofrem com a invisibilização social, e com a negação de suas necessidades. Logo, uma quantidade de informação escassa é disponibilizada (SANTOS; TARGINO; FREIRE, 2017); tanto em termos de saúde – além da compreensão de saúde como ausência de doença, mas como um direito fundamental de qualquer brasileira ou brasileiro, em especial para a **população LGBT** que se depara com os preconceitos dos mais diversos marcadores sociais, principalmente àquelas que além de homo, bi ou transexuais, são mulheres negras, pobres ou deficientes – quanto para acesso a educação, segurança pública ou mercado de trabalho, dentro de uma sociedade patriarcal pautada pela heterossexualidade compulsória. Adrienne Rich (2010) nos introduz, em seu texto Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica, a heterossexualidade como um sistema político que inviabiliza qualquer outro tipo de comportamento

que não o heterossexual; desqualifica mulheres em relação a homens, visto que estes figuram uma relação assimétrica em que, devido à construção dos homens como grupo social dominante, torna a mulher o complemento frágil e dócil deste, dentro de uma lógica sexista. Destarte, mulheres que se recusam a performar a feminilidade normativa imposta sofrem dentro da lógica masculinista, assim como **lésbicas**, **gays**, **bissexuais**, transexuais e travestis, por não suprirem as expectativas de gênero de uma sociedade desigual e conservadora. p.28-29.

Estrato-Essência 192	**Dissertação**	**FEVRIER, Priscila Rufino. Informação e emancipação social: representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro, 2021.**

O Grupo de trabalho BDEG visa desenvolver algumas ações como a criação de um documento com diretrizes de atendimento que terá como base as leis vigentes nos níveis municipal, estadual e federal; agrupar todas as atividades e experiências realizadas pelas bibliotecas do território brasileiro em um documento para publicação; criar bibliografia básica de **literatura LGBTQIA+** e Vocabulário Controlado especializado; efetuar relatórios anuais para consulta pública para entender a relação da comunidade com a biblioteca, especialmente a biblioteca pública; e promover palestras, cursos e ações voluntárias em conjunto as associações estaduais filiadas à FEBAB, escolas de biblioteconomia e organizações nãogovernamentais (ONGs) (FEDERAÇÃO…, 2019). p.36-37.

A Casa de Mulheres da Maré foi inaugurada em outubro de 2016 e fica localizada na comunidade do Parque União, que faz parte do conjunto de comunidades periféricas do complexo da Maré, Rio de Janeiro. Esse ambiente foi criado com o intuito de fortalecer a autonomia feminina, com projetos que melhorassem a qualidade de vida das mulheres da Maré. São oferecidas atividades que têm como propósito proporcionar a formação profissional dessas mulheres, o que inclui o curso de gastronomia "Maré de Sabores" (Figura 3) e o curso de cabeleireira "Maré de Belezas" que já formou mais de 500 mulheres. Dispõe também de atividades de capacitação, como as aulas para a população LGBTQI+ da Maré, de corte, costura e produção de moda. Conta também com serviços como atendimentos jurídicos, psicológicos e com assistentes sociais gratuitos que já atenderam mais de 400 mulheres. É uma iniciativa do projeto Redes da Maré (REDES..., 2018; 2020a). p.55-56.

Estrato-Essência 193	**Dissertação**	**ARAÚJO, Paula Carina. Epistemologia da organização do conhecimento: um estudo metateórico, 2019.**

O quarto objetivo foi apresentar uma compreensão mais profunda das influências epistemológicas no domínio da OC. Por meio do processo de codificação e memorando foi possível identificar a terceira família de atributos: "posições epistêmicas influenciando o domínio da OC. As posições epistêmicas (atributos) que formam esta família de atributos são: empirismo, racionalismo, historicismo, pragmatismo, realismo construtivista, construtivismo social, holismo, pragmatismo realista, reducionismo, idealismo, relativismo, positivismo lógico, construtivismo, realismo hipotético, realismo, positivismo, pós-modernismo e teorias críticas (pósestruturalismo, desconstrução, epistemologia feminista, pós-colonialismo, teoria crítica racial e **teoria queer**) p.

Epistemicídio

Estrato-Essência 194	**Dissertação**	**ALVES, Felipe Arthur Cordeiro. A mediação da informação como epicentro do protagonismo social negro do epistemicídio à [des] colonialidade nos anais do ENANCIB, 2021.**

As assimetrias referentes à produção científica de temáticas étnico-raciais, com foco na população negra, são evidentes na Ciência da Informação. Essa dissonância dificulta o exercício do protagonismo social negro na área e contribui para o **epistemicídio** da população negra na ciência. p.24.

Os indicadores demonstram que a produção de conhecimento sobre a população negra tem sido silenciada e que, no âmbito da Ciência da Informação, a produção científica sobre a população negra implica no fenômeno de **epistemicídio**.

Corroboramos com Lima, Santiago e Aquino (2010, p. 89), que discorreram que "enquanto sociedade e indivíduos conscientes de nosso dever e ação social, não podemos nos omitir, pois a omissão só acarretaria a ampliação do fosso social em que nos encontramos, em detrimento da população negra". Logo, é importante visibilizar e lutar contra o racismo e o **epistemicídio** na área, visibilizando os(as) pesquisadores(as) negros(as) e os conteúdos mediados em suas pesquisas, favorecendo o protagonismo social dos(as) mesmos(as). p.31.

Para Noguera, Duarte e Ribeiro (2019), o racismo epistêmico é sinônimo de **epistemicídio**. Os autores discorrem acerca da desqualificação dos conhecimentos não-europeus, evidenciando como a ciência se desenvolveu sob a égide de um hegemonismo epistêmico. Mais adiante, destrincharemos o epistemicídio em nível conceitual, bem como as consequências deste para a produção científica e para o campo científico de modo geral. No entanto, consideramos pertinente pontuar o **epistemicídio** enquanto consequência direta do racismo na educação.p.53.

A consciência política dos(as) pesquisadores(as) é imprescindível para a construção do protagonismo social negro no contexto do ENANCIB. Os anais do evento são espaços de disputas de capital científico e a inserção

de temáticas étnico-raciais com foco na população negra requer esforço político por parte dos(as) cientistas da informação, comprometidos(as) com a luta contra o racismo e o **epistemicídio** negro na área. p.63.
Nascimento (2019b) considera que a língua, como todo produto ou subproduto criado pela colonialidade, é um espaço de atuação do **epistemicídio**. Ao serem politizadas, as línguas passam a ter cor, gênero, orientação sexual e classe, visto que elas funcionam como lugares de desenhar o poder. O autor lembra que as populações negras e indígenas foram obrigadas a falar o Português de Portugal como sua primeira língua no Brasil. O combate à língua desses povos gerou, ao mesmo tempo, **epistemicídio** e linguicídio. O linguicídio tem uma relação muito próxima com o epistemicídio, pois figura como um epistemicídio mediado pela linguagem ou pelas políticas linguísticas. p.79.
Citação
"A morte do pensamento, o **epistemicídio**, é utilizado como estratégia de proteção do grupo hegemônico, pertencentes da raça branca, em detrimento daqueles que são deixados para morrer, a raça negra" (PESSANHA, 2019, p. 169). O campo científico e, consequentemente, as produções científicas não têm uma posição de neutralidade ou estão desanexadas desse contexto. Pelo contrário, o campo científico também é um espaço de disputas políticas e relações de poder. p.86
O **epistemicídio** negro tem prosperado na história por meio de um processo contínuo de segregação socioeconômica da população negra. Produzir conhecimento sobre a população negra vai de encontro ao status quo que deseja incessantemente a manutenção dos privilégios dos grupos hegemônicos e o subdesenvolvimento das populações em condição de vulnerabilidade social. p.88
Boaventura de Sousa Santos (1995) considera que o **epistemicídio** foi maior que o genocídio no contexto do expansionismo europeu por meio do processo de colonização. Para o autor, Dessa forma, consideremos que o **epistemicídio** se materializa no sequestro ou no cárcere das subjetividades de outrem, quase sempre mediante a imposição de culturas, costumes e valores de um grupo dominante em agravo a grupos subalternizados. Nesse sentido, Pessanha (2018) destaca que o epistemicídio serve para embrutecer o negro, que, uma vez embrutecido e levado à ignorância, sua ascensão social torna-se cada vez mais difícil, pois a estrutura do sistema em que ele se encontrada foi organizada para que ele se tornasse uma mão de obra barata antes mesmo do serviço remunerado. p.90.
Noguera, Duarte e Ribeiro (2019) discorrem acerca da desqualificação do povo negro em diferentes âmbitos.
Citação
O **epistemicídio** perpetrou uma desqualificação estética, ética, intelectual e espiritual de todos os povos não-europeus. Afinal, além do domínio e colonização dos corpos e das terras, os europeus se esforçaram por efetivar o domínio e a colonização da informação e do conhecimento. Todos esses processos estabeleceram relações assimétricas que favoreceram a discriminação negativa e a desqualificação das produções intelectuais dos povos africanos e de seus descendentes (NOGUERA; DUARTE; RIBEIRO, 2019, p. 440- 441). p.90.
O **epistemicídio**, enquanto mecanismo de censura dos saberes, é resultado de um modus operandi da produção científica global. O sociólogo português, Boaventura de Sousa Santos, e a pesquisadora moçambicana, Maria Paula Meneses, organizaram o livro "**Epistemologias do Sul**", que desnuda a centralidade das construções epistemológicas em países colonizadores e traz a tona uma proposta de descolonialidade dos saberes. p.91.
Quando se reflete sobre os dispositivos de poder e racialidade, a vida de mulheres negras – para além daqueles pontos já elencados –, no período atual, é impactada por quatro elementos de racialidade, a saber: a necropolítica (MBEMBE, 2016), alterocídio (MBEMBE, 2014), **epistemicídio** (CARNEIRO, 2005) e o feminicídio (FERNÁNDEZ, 2012). p.44.
Santos (2009) declara que um epistemicídio maciço tem ocorrido nos últimos cinco séculos, e uma vasta riqueza cognitiva tem sido desperdiçada. Ele destaca, ainda, a existência de um fascismo epistemológico que constitui uma violenta destruição ou supressão de outros saberes. O fascismo epistemológico está no **epistemicídio**, cuja versão mais violenta se materializou na conversão forçada e na supressão de conhecimentos não ocidentais impostas pelo colonialismo europeu que continuam até os nossos dias. p.95.
À vista disso, vale salientar que o epistemicídio na CI não é um problema exclusivamente científico, pois observamos, ao longo deste estudo, suas consequências na sociedade. Corroboramos com Mireile Martins e Júlia Moita (2018) que apontam que a **descolonização** do conhecimento é uma necessidade, pois a academia precisa enxergar diversas epistemologias. Assim sendo, consideramos que a Ciência da Informação brasileira precisa construir epistemologias étnico-raciais, voltadas, sobretudo, à comunidade negra.30 Informação. p.98
Na Ciência da Informação há indícios de um epistemicídio negro, evidenciado por pesquisas que apontam uma ínfima representatividade negra nas produções científicas em revistas científicas, base de dados, dissertações e teses. Alguns desses trabalhos serviram para referenciar este estudo de dissertação e apontar quais caminhos esse estudo deveria seguir. p.145.

Estrato-Essência 195	**Dissertação**	**FEVRIER, Priscila Rufino. Informação e emancipação social: representações sociais das mulheres negras da Casa das Mulheres da Maré no Rio de Janeiro, 2021.**

Quando chegam aos espaços universitários, mulheres negras possuem seu conhecimento e epistemes de origem africana mortos (o que chamamos de **epistemicídio**) pela cultura acadêmica ocidental, que desconsidera saberes que não sejam vindos do norte global, ao mesmo tempo em que impõe uma pseudoneutralidade acadêmica que esconde a invisibilidade da raça dentro da universidade (CARNEIRO, 2005; SILVA, 2020). p. 45.
Esse tipo de apagamento sobre a produção intelectual de um determinado grupo é conhecido como epistemicídio, termo cunhado por Boaventura Sousa Santos, sociólogo português. Sousa Santos (1997 apud CARNEIRO, 2005, p. 97) reflete em seu estudo como o epistemicídio está presente na sociedade,
citação
o **epistemicídio** se constituiu e se constitui numa das ferramentas mais eficazes e longevas da dominação étnica/racial, por negar a legitimidade das formas de conhecimento, do conhecimento gerado pelos grupos dominados, como também, de seus componentes como sujeitos de conhecimento. (SANTOS, 1995 apud CARNEIRO, 2005, p. 97).
O autor completa afirmando que o epistemicídio
citação
[...] ocorreu sempre que se pretendeu subalternizar, subordinar, marginalizar, ou ilegalizar práticas e grupos sociais que podiam ameaçar a expansão capitalista ou, durante boa parte do nosso século, a expansão comunista (neste domínio tão moderno quanto a capitalista); e também porque ocorreu tanto no espaço periférico, extra-europeu e extra-norte-americano do sistema mundial, como no espaço central europeu e norte-americano, contra os trabalhadores, os índios, os negros, as mulheres e as minorias em geral (étnicas, religiosas, sexuais). (SANTOS, 1995 apud CARNEIRO, 2005, p. 96). Sueli Carneiro (2005) argumenta que, para os sujeitos negros, o **epistemicídio** anula e desqualifica os conhecimentos de povos marginalizados. É um processo contínuo de produção do empobrecimento cultural por meio da negação do direito à educação de qualidade, pela inferiorização intelectual, pelo não reconhecimento do negro como portador e produtor de conhecimento e de inferiorização cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos discriminatórios no modelo educativo atual. p. 46-47.

Estrato-Essência 196	**Dissertação**	**DOS REIS, VANESSA JAMILE SANTANA. A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social, 2019.**

As estratégias de negação aos negros de uma capacidade cognitiva e intelectual de produção de conhecimento, deslegitimando seus saberes e práticas sobre o mundo, em moldes de desvalorização, negação e ocultação das contribuições da África na construção de um patrimônio cultural da humanidade é o que Sueli Carneiro (2005) denomina de "**epistemicídio**". Como afirma Sonia Alvarez (2009, p. 744): "A tradução é política e teoricamente indispensável para forjar epistemologias e alianças políticas feministas, antiracistas e pós-coloniais [...]." A condição de formação de uma política feminista da localização envolve temporalidade de luta e não posição fixa, o conhecimento local é situado e quem traduz trai, ressignifica. p. 83.

Estrato-Essência 197	**Dissertação**	**SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil, 2019.**

Enrevista
É um curso que funciona por eixos, tem disciplinas de literatura, de geografia, de sociologia, numa perspectiva de resgatar a História da África também em todas essas e outras disciplinas. Ainda tem aqui na Universidade Federal do Maranhão, tem o grupo de estudos sobre "Feminismos negros Marielle Franco" em uma iniciativa coordenada por mim que tem como objetivo combater o **epistemicídio**, ou seja, o silenciamento. O banimento de autoras e intelectuais negras. Então, nesse grupo de estudos que é uma experiência de dois anos, nós estamos estudando nossas intelectuais negras e as suas contribuições para diferentes áreas e pensar o combate ao racismo, ao machismo e à exploração na sociedade brasileira. 304

Estrato-Essência 198	**Tese**	**SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Feminismo negro e epistemologia social: trajetórias de vida de pesquisadoras negras em Biblioteconomia e Ciência da Informação, 2020.**

Sueli Carneiro, uma pesquisadora negra brasileira, nos ajuda a compreender essa questão ao tratar da categoria "**epistemicídio**" (abordaremos mais essa questão no capítulo 4). Em sua tese de doutorado, defendida em 2005, intitulada "A construção do outro como nãoser como fundamento do ser" ela nos faz refletir, dentre outras problemáticas, sobre o lugar da pessoa negra no campo da produção do discurso legitimador. Ao abordar as formas onde e como o **epistemicídio** se manifesta, essa autora exemplifica o dualismo do discurso "militante" versus "acadêmico", "através do qual o pensamento do ativismo negro é desqualificado como fonte de autoridade do saber sobre o negro, enquanto é legitimado o discurso do branco sobre o negro" (CARNEIRO, 2005, p. 60). p.57.
Por meio do **epistemicídio** é possível controlar e manter em condições de subalternização um povo: matando simbolicamente sua capacidade de produção e perpetuação de conhecimento. Sueli Carneiro (2005, p. 97) define **epistemicídio** como um processo contínuo de negação da capacidade intelectual do grupo inferiorizado.

Citação Sendo, pois, um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o **epistemicídio** nas suas vinculações com as racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade/biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normalizar e matar ou anular. É um elo de ligação que não mais se destina ao corpo individual e coletivo, mas ao controle de mentes e corações. O livro de "Epistemologias Negras: Relações raciais na Biblioteconomia" se configura em um esforço de seus organizadores e suas organizadoras em contar histórias por um outro viés narrativo, de resiliência em terras brasileiras e não de submissão escrava. Escrevem a partir de um lugar de luta contra o **epistemicídio**, fortalecido pelo racismo institucional, que impede a construção do saber. Desta obra destacamos os capítulos: "Resistência é o seu nome: representatividade é para nós, alunas (os) negras (os) da Biblioteconomia e Ciência da Informação!" de Graziela dos Santos Lima; "Informação étnico-racial: o eco de vozes mulheres que não aceitam o lugar de "quarto de despejo" de Dávila Maria Feitosa da Silva; e, A matemática dos penteados trançados: episteme de mulheres negras trançadeiras em cena de Luane Bento dos Santos. p.111. Ao longo da construção deste texto demonstramos em vários momentos a existência de um dispositivo estrutural - raça/racialidade – e que opera na sociedade brasileira como instrumento articulador de uma rede de elementos bem definida pelo contrato racial que define as funções (atividades no sistema produtivo) e papéis sociais, este recorte interpretativo localiza neste cenário o **epistemicídio** como um elemento constitutivo do dispositivo de raça/racialidade. Contudo, ela também nos ajuda a refletir nos porquês levantados pelas nossas protagonistas em suas narrativas. Porquês que vão para além da anulação e desqualificação do conhecimento em seus espaços cotidianos de atuação profissional, mas consistem em um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade, pela produção da inferiorização intelectual, pelos diferentes mecanismos de deslegitimação da pessoa negra como portadora e produtora de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade da pessoa subjugada ou a "sequestra, mutila a capacidade de aprender" (CARNEIRO, 2005, p. 97). p.160. Então, nos parece adequado afirmar o **epistemicídio** como categoria de uma Episfene, pois nos permite questionar esses poderes, desafiar estereótipos, preconceitos e representações negativas, enfrentado violências, desigualdades e discriminações. Pois, esse se apresenta como a destruição e/ou desqualificação da cultura "subalternizada", que retira a legitimidade epistemológica da cultura dominante, justificando a hegemonização cultural da modernidade ocidental. p.161. Entendemos que essa questão perpassa mais uma vez pela discussão sobre **epistemicídio** que apresentamos no capítulo 2, para fundamentar como os trabalhos de pessoas negras ou sobre pessoas negras são deslegitimados em prol de um discurso científico "universalizante" que é tão localizado e específico como qualquer outro, pois em sua essência só privilegia um único saber, o do homem branco eurocentrizado. p.182. Tomando por base essas narrativas, conseguimos identificar os marcadores de raça e gênero, presentes na vida de todas as mulheres negras e outros dois comuns às três: geração e regionalidade. Já na narrativa da protagonista Joselina da Silva, ainda foi possível identificar os marcadores de sexualidade e religiosidade. Com relação à epistemologia social, as categorias identificadas foram: apropriação do conhecimento; **epistemicídio**; (des)legitimação do saber; práticas sociais; socialização do saber e compreensão de redes. p.197

APÊNDICE G –ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – AVANÇO POLI-FENOMENOTÉCNICO

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - AVANÇO POLI-FENOMENOTÉCNICO		
Estrato-Essência 199	**Tese**	**CAJÉ, Bruna Carla Muniz. Condicionantes sociopolíticos das teses e dissertações na contemporaneidade no Brasil: teoria do conhecimento, documento registrado e as políticas orientadas para os documentos epistêmicos, 2020.**
Produção científica (artigos, dissertações e teses)		
As **teses e dissertações** como produto refletem comportamentos que são arraigados em determinadas áreas do conhecimento. Muitos foram os autores que já discutiram as diferenças entre as áreas, por exemplo, Kuhn (2000), refletindo sobre a dinâmica de substituição dos conhecimentos nas ciências exatas – especificamente na física, destaca que existe um longo período de crise entre o paradigma antigo e o novo, período esse destinado		

a formulação de um novo paradigma. A comunicação dos conhecimentos é de vital importância para que os novos paradigmas sejam conhecidos e, dessa forma, sejam confirmados ou contestados pela comunidade científica.
A falta de disseminação das **teses e dissertações**, que são a materialização dos fatos científicos, faz com que a comunicação entre coletivos de pensamento não se efetive, dificultando a comunicação dos fatos entre os coletivos e a inovação nas ciências. Com isso, esses documentos, ao continuarem inéditos, perdem o tempo de descoberta da pesquisa no qual eles se basearam e dos conhecimentos por ela gerados, atrasando, dessa forma, o avanço da ciência. p.121.
Do ponto de vista teórico, recorremos aos trabalhos de Kuhn e Fleck para discutir a condição das **teses e dissertações** no universo acadêmico-científico. Em Kuhn, procuramos identificar os conceitos e bases da evolução da ciência, que na sua concepção não é uma mera acumulação de feitos científicos, mas um conjunto de possibilidades e circunstâncias intelectuais passíveis de mudanças. Em Fleck, encontramos a análise da ciência a partir dapráxis, para Fleck o desenvolvimento científico ocorre de forma lenta e gradual, a partir da mutação. p.122.
A partir do exposto nos capítulos anteriores, podemos concluir que as **teses e dissertações são documentos epistêmicos** por possuírem as seguintes características: são documentos que legitimam e certificam a entrada do futuro pesquisador na comunidade científica; e utilizam métodos científicos para confirmar uma teoria científica já existente ou questionar e destacar pontos nessas teorias que precisam ser revistos, ou ainda, propor uma nova teoria científica, contribuindo, assim, para o contínuo desenvolvimento científico. p.122.

Estrato-Essência 200	**Dissertação**	**SANTOS, Vinicius Ribeiro Soares. A produção sobre ciência aberta na área da Ciência da Informação no Brasil: análise no mapa temático das publicações da BRAPCI – 2015 a 2019, 2022.**

O estudo da interface entre a Ciência da Informação e o movimento da Ciência Aberta não é algo inédito, sendo alvo do desenvolvimento de **dissertações e teses** desde a metade[...] da década passada. Sendo a Ciência Aberta tão diversa quanto às suas expressões, é possível observar o movimento sob as mais variadas óticas[...], conforme os trabalhos desenvolvidos até o presente momento demonstram. p. 81.

Estrato-Essência 201	**Dissertação**	**SOUZA, Luana Quintal. As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico, 2021.**

A origem das **teses e dissertações** está nas Universidades medievais que, desde o século XVII, conferiam graus acadêmicos (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2007). Meadows (1999, p. viii) afirma que "é somente no ambiente universitário que todos os ramos do conhecimento avançam juntos, o que permite que se faça comparações adequadas". Nas Universidades, o cerne da produção científica está nos cursos de Pós-Graduação, que são entendidos como espaços voltados para a formação profissional. Campello, Cendón e Kremer (2007) afirmam que as "teses e dissertações são documentos originados das atividades dos cursos de pós-graduação" (CAMPELLO; CENDÓN; KREMER, 2007, p. 121). Monteiro (1998) revela as diferenças entre um trabalho de conclusão de curso (TCC), que sempre é produzido na graduação, e uma dissertação e uma tese, que têm um grau de exigência e um nível de investigação maior. Do ponto de vista normativo, a dissertação se caracteriza.

Estrato-Essência 202	**Dissertação**	**VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.**

Verificar na universidade que em cinco grandes áreas do conhecimento houve produção de estudos e que estes alcançam 11 programas de pós-graduação que trataram da **temática LGBT**, desde 2000, e que 31 professores/pesquisadores têm orientado **teses e dissertações** sobre o tema, de maneira sistemática é indicativo de uma produção contínua e que a mesma vem se consolidando. Desse modo, a concentração em quatro grandes áreas do conhecimento, as quais estão diretamente ligadas aos aspectos fundamentais da vida humana seja em nível individual ou coletivo, sugere a existência de um diálogo entre o movimento e a comunidade científica. Esta constatação indica que a atuação do movimento **organizado LGBT** propiciou a produção de novos estudos, inclusive com construção de novas semânticas com vistas a estabelecer uma relação entre o segmento **LGBT** e a sociedade.
Na UFMG, o PPG em Psicologia merece destaque por ser o programa com a maior quantidade de pesquisas na **temática LGBT**. Interessante notar que as áreas do conhecimento com produção na temática ligam-se aos principais setores de atuação do **segmento LGBT**, os quais são direcionados à saúde, à educação, ao direito, à comunicação e aqueles vinculados às identidades compreendidas como expressão da orientação sexual e de gênero39. p. 126.

Estrato-Essência 203	**Dissertação**	**SOUZA, Luana Quinta. As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico, 2021.**

As **teses e dissertações** são resultados da experiência vivenciada na Pós-Graduação (PG) e permitem que os pós-graduandos produzam um **produto científico** confiável e de qualidade. A finalidade da Pós-Graduação é "desenvolver uma pesquisa que realize, efetivamente, um ato de criação de conhecimento novo, um processo

que faça **avançar a ciência na área**" (SEVERINO, 2009, p. 15). Nesse contexto, as teses e dissertações expressam um compilado de informações científicas, sendo necessária ao aluno a capacidade de sintetizar e reconhecer as informações técnicas e científicas da temática pesquisada. De acordo com Abbaszadeh, Hosseini e Aghajani (2019) "muito tempo e energia são dedicados nos centros educacionais para ensinar aos alunos de pós-graduação como desenvolver uma tese, portanto, qualquer investigação sobre a escrita de teses é de grande importância" (2019, p. 486, tradução nossa). Para Igami, Funaro e Bressini (2014, p. 686), "as dissertações e teses constituem **matéria-prima** de qualidade para a elaboração de **indicadores** científicos, o que comprova o potencial desse tipo de literatura". p. 15.

Teses e dissertações são pesquisas que disponibilizam dados e informações que podem contribuir para o **avanço da ciência**, sendo os estudos que utilizam esses **produtos científicos** como objeto de análise necessários para contextualizar e exibir um panorama de um determinado campo científico. Hamilton, Johnson e Poudrier (2010) observaram que **as teses e dissertações** podem ser usadas como objeto de análise para aferir a qualidade de Programa de Pós-Graduação, bem como a do aluno, por meio de indicadores. p. 16.

Estrato-Essência 204	**Dissertação**	**LOPES, Hyllane Maria Salgueiro.A natureza da produção acadêmica em Ciência da Informação: um estudo dos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos das dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (2011 a 2013), 2014.**

Destacam-se alguns estudos realizados anteriormente quanto à produção científica no campo da CI. Por exemplo, autores como Blake (1994) e Bufrem (1996) atuaram especificamente no campo de investigação das metodologias adotadas nas pesquisas de **teses e dissertações** em Biblioteconomia e Ciência da Informação. Já autores como Jarvelin e Vakkari (1990), Stevenson (1990) House (1991), Alemna e Badu (l994), McClure e Bishop (1994), propuseram em seus estudos investigações referentes às condições de pesquisa, os obstáculos para a ocorrência e a finalização da pesquisa, além da escolha do tema e metodologias utilizadas. p.114.

Estrato-Essência 205	**Dissertação**	**SOUZA, Luana Quintal. As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico, 2021.**

De acordo com Abbaszadeh, Hosseini e Aghajani (2019) "muito tempo e energia são dedicados nos centros educacionais para ensinar aos alunos de pós-graduação como desenvolver uma **tese**, portanto, qualquer investigação sobre a escrita de teses é de grande importância" (2019, p. 486, tradução nossa). Para Igami, Funaro e Bressini (2014, p. 686), "as **dissertações e teses** constituem matéria-prima de qualidade para a elaboração de indicadores científicos, o que comprova o potencial desse tipo de literatura". p.15.

Além das pesquisas já apresentadas, outros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento desenvolveram pesquisas cujo corpus da análise são as **dissertações e teses**, Andrade (1984) investigou em sua dissertação a literatura citada em dissertações e teses no campo da epidemiologia. Noronha (1998) realizou a análise de citações das **dissertações e teses** na área da Saúde Pública. Kobashi e Santos (2008) exploraram a análise bibliométrica como alternativa metodológica para mapear a temática de determinada área e refletem se os repositórios de dissertações e teses podem ser fontes confiáveis para conhecer a ciência produzida no país. Noronha e Fujino (2009) refletem sobre o perfil da comunidade de pesquisadores em Ciência da Informação na ECA-USP. p.19.

Segundo Leite, Assis e Melo (2015), as **dissertações e teses** passaram a ser mais do que requisitos para a conclusão de cursos de mestrado e/ou doutorado, para os autores, "em razão do desenvolvimento tecnológico dos sistemas de informação que as gerenciam, teses e dissertações passaram a trazer consigo relevante potencial de comunicação primária de resultados de investigação" (LEITE; ASSIS; MELO, 2015, p. 534). p.55.

As **teses e dissertações** refletem anos de pesquisa intensiva combinada com uma rica revisão da literatura. O contexto em que as dissertações e teses são elaboradas permite que elas se tornem "testemunha natural do desempenho de programas de Pós-Graduação, isto é, permite que se resgate, rememore-se e se avalie o conhecimento produzido pela instituição ao longo dos anos de existência" (IGAMI; FUNARO; BRESSIANI, 2014, p. 686). Compreender o papel e o espaço das teses e dissertações no fluxo científico traz um olhar mais atento quanto à importância desses trabalhos para a comunidade científica, uma vez que possuem papel fundamental na vida do pesquisador. É justamente este tipo de comunicação científica que confere o grau de especialista ao pesquisador, tornando-o um produtor científico. Além do mais, as **teses e dissertações** oferecem insumos para outras pesquisas, por meio de suas referências e representam resultados de pesquisas avaliadas que comprovam o cumprimento de exigências legais para a obtenção do grau acadêmico. p.57.

Estrato-Essência 206	**Dissertação**	**REVOREDO, Túlio de Morais. A Filosofia da Informação na Ciência da Informação brasileira: uma análise da repercussão da teoria de Luciano Floridi, 2015.**

A dissertação e a tese do pesquisador Francelin, tem ligação direta com a pesquisa epistêmica da Ciência da Informação, versam para questões que influenciam na construção CI. Seus artigos, em grande maioria, também tem conteúdos voltados para as questões Filosóficas da Informação e da Ciência da Informação. A linha de

pesquisa em que o autor se dedica enquanto pesquisador tem influência direta com a Filosofia da Informação. p.69.		
Estrato-Essência 207	**Dissertação**	**VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.**
Percebe-se um aumento expressivo de **dissertações e teses** sobre LGBT nos diferentes programas de pós-graduação do primeiro para o segundo período, o que pode ser explicado pela implementação de políticas públicas pelo governo federal, a partir de 2003, na lógica de fortalecimento da cidadania e do respeito para com a comunidade LGBT, conforme requisitado por Almeida (2009) e Mott (2006). p.96. Funaro e Noronha (2006) apontam a importância das **dissertações e teses** para o desenvolvimento da ciência, por meio do que as autoras denominaram de literatura científica. Essa literatura é não comercial, porque, entendem as autoras, que esses documentos oferecem contribuições importantes, singularmente, para a área acadêmica ao possibilitarem o desenvolvimento de novas temáticas, a atualização do conhecimento por meio da validação dos pares, além de permitirem a evolução da área do conhecimento. p.110.		
Estrato-Essência 208		**CASTRO, Julio Vitor Rodrigues. Análise da produção científica dos pesquisadores em Ciência da Informação nos periódicos brasileiros, 2009.**
O **periódico científico** é considerado em muitas áreas de conhecimento como o canal de comunicação mais utilizado pelos pesquisadores. Esta parece ser uma tendência também na Ciência da Informação. Por esta razão, procurou-se apresentar, sinteticamente, a gênese, as características e alguma reflexão acerca da passagem do **periódico impresso** para o **eletrônico**, visto que a análise dos últimos nove anos de produção dos pesquisadores da Ciência da Informação constará de consultas dos periódicos nos formatos impresso e eletrônico.. p. 41.. Para Pinheiro (2000), considerando **a importância da comunicação científica** e da disseminação da informação, os **periódicos**, enquanto **canais formais** de comunicação, "são um meio imprescindível para transformação da produção científica da área em 'conhecimento público'. Já quanto à função e à importância do periódico, este pode ser considerado um dos elementos básicos para a comunicação e a pesquisa, uma vez que permite não apenas a divulgação de novos resultados, mas, também, trazer sugestões de temas a serem aprofundados em outras pesquisas. Influenciando talvez indiretamente, o aumento de pesquisas científicas. p.44. Ainda Meadows (1999, p. 85), em se tratando de pesquisadores acadêmicos, "é o número de **artigos** de periódicos que publicam" que lhes conferem visibilidade e reconhecimento. Biojone (2001, p. 16) também afirma que "o periódico científico é, indiscutivelmente, o meio mais utilizado para a publicação dos resultados de pesquisa em todas as áreas do conhecimento. Todavia, para Meadows (1999, p. 69), isto "não significa, porém, que sejam sempre classificados como o tipo mais importante de publicação". p.44. Para Garvey (1979, p. 69), "o **artigo científico** é, e assim permanecerá por algum tempo vital, para a comunidade cientifica. Ele é a unidade básica do periódico científico, o qual abastece o sistema formal, público, e regulamenta a comunicação entre os cientistas".21 O autor acrescenta que citação a regularidade dos periódicos está fundamentada na seleção dos seus artigos, fundamentados nos princípios do mérito científico: pesquisa informada está perfeitamente organizada; seus resultados são relevantes para o progresso científico no sentido de que eles têm nitidamente continuidade em relação ao trabalho e predizer o progresso futuro das investigações da frente de pesquisa22 (GARVEY,1979, Tradução nossa). p.46.		
Estrato-Essência 209	**Dissertação**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação, 2009.**
As primeiras metodologias de análise adotadas (análise de citação e de conteúdo) têm um formato preponderantemente quantitativo-descritivo e consistem basicamente na definição de variáveis e no seu cruzamento com o objetivo de encontrar regularidades e medir o grau (presença ou ausência) de determinados elementos ou atributos: autor, obra, **periódico**, termos, dentre outros. Embora obtemse resultados claros, tendo rápida e útil aplicação prática, tais metodologias avançam pouco em seus esquemas explicativos. p.49.		
Estrato-Essência 210	**Dissertação**	**PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área, 2007.**
Christovão (1979), baseada em Solla Price (1965), afirma que um **artigo** possui um conjunto de referências, das quais metade está ligada a artigos publicados em anos anteriores e a outra metade a artigos publicados recentemente. Estes últimos constituem a frente de pesquisa, que é composta por referências feitas a uma pequena e selecionada parte da mais recente literatura. Urbizagástegui Alvarado (1993, p. 324) refere-se à frente de pesquisa como os "[...] primeiros autores que formularam propostas teóricas e/ou experimentaram empiricamente as propostas formuladas." Por essa importante contribuição é que esses autores são os mais citados na literatura por autores posteriores, que trabalham em determinada linha de pesquisa. p.40. Schwartzman (1984) ressalta que a análise das redes de citações nos artigos científicos permite a identificação das comunidades invisíveis formadas pelos pesquisadores, da estruturação de novas áreas interdisciplinares de pesquisa e, ainda, o estabelecimento de indicadores da atualização, provincianismo, hegemonia ou endogenia dos variados centros ou núcleos do trabalho científico. Mostafá e Máximo (2003, p.97) constataram que, nessa		

análise, “em vez de analisar o artigo citante, escolhe-se analisar os artigos citados, em uma espécie de análise de trás para frente.” Argumentam que, “quando se trata de analisar produção de conhecimento, acredita-se que a ordem dos fatores não altera o resultado, mas ajuda a mapear redes cognitivas.” Na área da Ciência da Informação, a partir das citações, costuma-se analisar o fenômeno das relações interdiscursivas (ALVARENGA, 1998). p.41.
Le Coadic (2004, p. 65) ressalta que, nos estudos das atividades científicas e técnicas, a freqüência das citações recebidas por um artigo é um indicador da importância científica do artigo. E o “estudo das relações entre os artigos muito citados pode permitir representar a estrutura da ciência em termos geográficos, levando à produção de mapas das ciências.” p.42.
Os periódicos e os artigos que publicam também são utilizados como “indicadores do desenvolvimento científico de um país ou região ou do estágio de desenvolvimento de uma área do saber.” (MUELLER, 1999, p. 1). p.48.

Indicadores

Estrato-Essência 211	**Tese**	**GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação: estudo aplicado à base de dados BRAPCI, 2014.**

A produção de **indicadores** tendo como fonte de informação bases brasileiras é importante para a representação da estrutura da ciência nacional, das relações existentes entre periódicos, instituições e pesquisadores, além de explicitar as pesquisas e os cientistas de destaque. **Acompanhar a evolução da área**, o comportamento e o progresso das pesquisas brasileiras em relação a outros países é uma possibilidade que pode ser gerada a partir deste trabalho, tomando-se para isso a ciência aqui produzida como elemento de análise.
Acrescente-se, ainda, que a produção de **indicadores** científicos tem sido incentivada por órgãos internacionais e nacionais de fomento à pesquisa como meio para se obter compreensão mais acurada da orientação e **da dinâmica da ciência**, de forma a subsidiar o planejamento de políticas científicas e avaliar seus resultados (FAPESP, 2005). A **construção de indicadores** tem se mostrado no cenário científico como uma importante fonte de informação no norteamento de **tomadas de decisões** (SPINAK,1998). **Os indicadores podem evidenciar “os pesquisadores, temáticas, as áreas do conhecimento, as redes de colaboração entre cientistas, grupos, instituições ou países e as redes de citação ou cocitação”** (OLIVEIRA e GRACIO, 2009). p 33.

Estrato-Essência 212		**Tese - ALVES, Bruno Henrique Sociologia de Pierre Bourdieu e os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em Ciência da Informação, 2018.**

Considerando os aspectos implíticos do Campo Científico, especificamente, a CI, pode-se compreender a posição dos **agentes e/ou instituições** por meio da Sociologia de Pierre Bourdieu em associação com os **indicadores bibliométricos**, tais como, **indicadores de produção, indicadores de ligação e indicadores de citação**. Estes indicadorestem por objetivo oferecer elementos consistentes, no sentido de apontar, indicar e pontuar dados que permita entender como funciona determinado espaço social. Nesse sentido, a estrutura do Campo é formado por dominantes, dominados e pretendentes que utilizam os efeitos simbólicos do capital para buscar posições mais significativas e também a manutenção da mesma. p. 32.
Os **indicadores de citação** são utilizados para determinar o **reconhecimento** que determinado agente e/ou instituição recebe no interior de determinado Campo Científico. A partir desse indicador em destaque, é possível relacionar **critérios do conceito de Capital Científico** do tipo "puro, específico ou autoridade propriamente científica" propostos pela Sociologia de Pierre Bourdieu e também compreender o **desenvolvimento científico e tecnológico** e a posição que os pesquisadores bolsistas de produtividade em pesquisa do CNPq em CI ocupam no interior do Campo em estudo.p. 46.

Estrato-Essência 213	**Dissertação**	**MORAES, Marcos. Antonio. A interdisciplinaridade na Ciência da Informação: investigações bibliométricas, 2014.**

Desse modo, e diante da importância que as **referências bibliográficas** representam num trabalho científico, a análise dessas referências, que são denominadas no campo da **bibliometria** como análise de citação, vem sendo empregada como um importante instrumento metodológico de mapeamento da produção intelectual de diversas áreas do conhecimento. O emprego da **análise de citação** serve para diversas finalidades, como a indicação de tendências de temáticas de pesquisa, indicadores de citação e mapeamento de áreas do conhecimento mais citadas em determinada produção científica.p. 51.

Estrato-Essência 214	**Dissertação**	**SOUZA, Luana Quintal. As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico, 2021.**

Para a FAPESP (2005, p. 7),
Citação
Os estudos métricos envolvem um amplo conjunto de **indicadores** bibliométricos, agrupados em **indicadores de produção**, **indicadores de citação** e **indicadores de ligação**, destinados a analisar a produtividade

científica, o impacto e a visibilidade da ciência gerada, bem como as interlocuções estabelecidas por meio das colaborações científicas e cocitações realizadas pela comunidade citante, além de subsidiar política científicas. p. 52.

Os **indicadores** possibilitam estimar e acompanhar a atividade científica desenvolvida, permitindo a identificação de falhas e tendências de determinada área do conhecimento. Neste trabalho, optamos pelos **indicadores de Produção Científica e de Ligação**, este em relação às palavras-chave. A fim de exemplificar, destaca-se a definição da FAPESP (2005, p. 7) para os **indicadores de produção** e ligação, a saber,

Citação

Os estudos métricos envolvem um amplo conjunto de indicadores bibliométricos, agrupados em indicadores de produção, indicadores de citação e indicadores de ligação, destinados a analisar a produtividade científica, o impacto e a visibilidade da ciência gerada, bem como as interlocuções estabelecidas por meio das colaborações científicas e cocitações realizadas pela comunidade citante, além de subsidiar políticas científicas.

Estrato-Essência 215	**Dissertação**	**VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.**

Diante das contribuições e das limitações apresentadas tanto por Gomes (2006) quanto por Parker e Meneghini (2006), outros autores oferecem novas perspectivas, como, por exemplo, Vanz e Stumpf (2010), que trazem outro elemento reflexivo para o debate e a discussão acerca dos rumos e perspectivas da pesquisa **bibliométrica** e suas contribuições para a produtividade científica. Assim, as autoras sugerem fortalecimento da pesquisa com base em **indicadores** mais consistentes:

Citação

[...] é fundamental que os pesquisadores brasileiros aprofundem o conhecimento sobre os procedimentos aplicados na pesquisa biliométrica para que a área avance e tenhamos condições de propor indicadores mais adequados para medir a produtividade científica nacional (VANZ; STUMPF, 2010, p. 73). p. 50.

A evidência da afirmação anterior pode ser percebida nos escritos de Vanz e Stumpf (2010, p. 67), ao enunciarem que "processos avaliativos se fundamentam, principalmente, em duas metodologias: a **avaliação qualitativa**, feita pelos pares, fortemente ancorada na reputação adquirida pelo avaliado; e a que se deriva de **critérios quantitativos**, baseados em métodos **bibliométricos** e cientométricos". As autoras apontam ainda a existência de uma preocupação entre os diferentes pesquisadores no que se refere ao acompanhamento da tendência mundial de avaliação de Ciência e Tecnologia, o que propiciou a criação de diversos **indicadores** e bases de dados específicos capazes de mensurar o desenvolvimento dos múltiplos campos investigativos (VANZ; STUMPF, 2010). p.70.

Estrato-Essência 216	**Dissertação**	**JUSTINO, Thais da Silva. Análise da Colaboração Científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação Brasileiros, 2019.**

Os **indicadores** de Ciência e Tecnologia (C&T) partem de medidas **quantitativas**, e são usados para operacionalizar atividades relacionadas à avaliação do desenvolvimento científico e tecnológico. Sendo assim, esses indicadores buscam avaliar a dinâmica do sistema de Ciência Tecnologia e Inovação de um país a fim de contribuir para a tomada de decisão em políticas públicas de pesquisa e desenvolvimento (GREGOLIN et al., 2005; OKUBO, 1997). p. 38.

Estrato-Essência 217	**Tese**	**CUSTÓDIO, Pollyana Ágata Gomes da Rocha As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil: uma análise cientométrica, 2018.**

A identificação das tendências de pesquisa a partir do núcleo de pesquisadores referenciados nas teses defendidas nos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, se voltou, principalmente, para os pesquisadores que cumprem a função de docentes da própria instituição de pesquisa, **considerados pesquisadores locais ou endógenos**, portanto, brasileiros, em sua maioria, cientistas da informação e orientadores de pesquisas. Pode-se considerar que, embora essa **endogenia** possa ser considerada como sintoma reprodutor de conhecimentos e procedimentos para alcança-los, especialmente, quando o pesquisador cita extensivamente as publicações do seu orientador, sem dar destaque aos trabalhos significativos dentre as possibilidades dispostas na literatura internacional, por outro lado, pode ser indicativo da coerência teórica, fundamentada na interlocução ativa com seu orientador ou sua orientadora, além de selecionar um núcleo de publicações na literatura que contribuem ao seu estudo. Destaca-se também a forte influência dos autores internacionais como marcos teóricos fundantes que embasam conceitos para as pesquisas na área.

Estrato-Essência 218	**Dissertação**	**VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento. Informação científica e tecnológica no Brasil: análise da produção periódica da Ciência da Informação, 2020.**

Citação

Avaliar a produção científica nas diversas áreas do conhecimento, significa visualizar o comportamento da ciência, a partir de **indicadores** bibliométricos, por meio de análises **epistemológicas**, históricas e sociais, do contexto onde nasceram. Os números não valem por si só, mas a partir da análise do contexto de origem. Ely

Francina Tannuri de Oliveira Nesta seção apresentam-se os estudos métricos da informação e seu histórico, o surgimento das diversas métricas e um apanhado de suas principais teorias. Entende-se que as formas de estudar a informação estão diretamente ligadas à **comunicação científica** desejo esse que nasceu justamente da necessidade em avaliar a literatura científica produzida. Ao longo dos anos diversas áreas do conhecimento utilizaram-se de métodos provenientes da matemática para quantificar suas produções. Os **estudos métricos** para além da pura quantificação da informação buscam compreender fenômenos e analisar áreas do conhecimento à luz de outros fatores contextuais. Adotou-se nesse trabalho o termo "estudos métricos da informação" para designar a bibliometria e as subáreas que surgiram a partir dela. p. 33.		
Estrato-Essência 219	**Dissertação**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira Apropriações de Bruno Latour pela Ciência da Informação no Brasil: descrição, explicação e interpretação, 2009.**
Bardin (1995) considera a AC um conjunto de técnicas de estudo das comunicações, visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, **indicadores** (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de **produção/recepção** (variáveis inferidas) destas mensagens. p. 63.		
Estrato-Essência 220	**Dissertação**	**NASCIMENTO, Mateus Rebouças. Indicadores de produção intelectual na Ciência da Informação: perspectivas para o Sistema de Avaliação da Capes, 2022.**
Os **indicadores** mencionados abrangem os estudos métricos da informação (EMI), pautado na identificação e avaliação da informação, focada na influência, refletindo sobre o seu impacto (CURTY; DELBIANCO, 2020, p. 2). Com isso, os EMI têm como foco norteador "avaliar a produção científica de forma a verificar seu impacto em cada área, a visibilidade das informações publicadas, e diversos fatores relacionados à produção, disseminação e recuperação de informação" (PINTO; ANDRÉ; ALBUQUERQUE, 2018, p. 400). p. 15. Com isso, para esfera científica da Ciência da Informação, este estudo **impacta** na geração de **indicadores métricos** que concedem em dimensionar o processo criterioso de avaliação considerando as características da área, contribuindo diretamente com os Sistemas de Avaliação como o aplicado pela Capes, considerando que a produção dos docentes são critérios essenciais para medir a qualidade dos PPGs. p. 20. A circulação dessas esferas, salientada na última dimensão (fluxus), são congregadas na cientometria voltada para o fluxo científico, a **bibliometria** e patentometria em seguida, avaliando e mensurando métricas para ciência, pelos quais as autoras reforçam a **infometria** e **webometria** como posição central no eixo, tendo em vista seus tipos de estudo em âmbito científico e social, perpassando nos dois contextos, propiciando então técnicas aplicadas para mensuração do conhecimento científico. Neste sentido, existe a necessidade de construir "múltiplos indicadores para uma visualização mais acurada, ampla e real do desempenho, impacto e evolução científica, tanto em nível micro, como meso ou macro de agregação" (HILÁRIO; DELBIANCO; GRÁCIO, 2019, p. 162). Para isso, os EMI apoiados na bibliometria e cientometria, efetivam investigações que analisam a ciência, contribuindo com o desenvolvimento científico, econômico e social dos países nos quais os estudos são aplicados. p. 32.		
Redes de colaboração científica		
Estrato-Essência 221	**Dissertação**	**MELO, Janyelle Mayara Bento. Rede de colaboração científica: panorama da produção científica dos docentes da ciência da informação no Nordeste no período de 2010-2019, 2021.**
Ao estudar a **rede de colaboração científica** que se forma a partir da comunidade docente da área da Ciência da Informação no Nordeste, esses docentes constituem os primeiros nós (ou nodos) da rede. Esses atores logo serão responsáveis por inserir outros nós na rede, por meio do estabelecimento de coautorias na produção científica, sejam outros docentes, alunos ou profissionais da área. p. 44. Nas ultimas décadas, com o advento e desenvolvimento de tecnologias digitais de informação, observa-se que **os estudos de rede de colaboração científica** tem se tornado cada vez mais presente na Ciência da Informação. Para Balancieri (2004, p. 108) na maior parte dos sistemas complexos há uma rede intrínseca, seja na rede de moléculas e células que compõem o corpo humano, seja na complexa rede de computadores ligada por fios, seja na sociedade com relações estabelecidas entre parentes, amigos e profissionais. Compreender como essas redes se configura significa, portanto, também compreender como os atores envolvidos estabelecem essas relações e, consequentemente, o comportamento deles enquanto responsáveis pelo contínuo desenvolvimento da totalidade. p. 116.		
Estrato-Essência 222	**Dissertação**	**LOPES, Hyllane Maria Salgueiro.A natureza da produção acadêmica em Ciência da Informação: um estudo dos aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos das dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Pernambuco (2011 a 2013), 2014.**
Diante de tais assertivas, é possível observar algumas características quanto à produção da informação científica na área de CI, a partir do estudo de sua produção acadêmica. Esse tipo de investigação permite identificar aspectos, como: a escolha metodológica definida pelos pesquisadores; a coerência epistemológica da aplicação		

da pesquisa com os fenômenos a que se destinam estudar; os autores e **redes de colaboração construídas** em espaços acadêmicos; os principais referenciais teóricos que fundamentam os argumentos dos pesquisadores; dentre outras dimensões que podem sinalizar e chamar a atenção para determinadas características antes desconhecidas. Dessa maneira, pode-se considerar que a relevância do presente estudo se concentra no esforço em possibilitar reflexões dentro do contexto da pós-graduação em CI no Brasil, além de subsidiar futuras pesquisas, segundo uma perspectiva crítica, de sua produção acadêmica. p. 28.		
Estrato-Essência 223	**Dissertação**	**PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área, 2007.**
As redes remetem às idéias de colaboração e interação, que são o alicerce da produção do conhecimento científico, visto que a atividade científica ocorre a partir da interação e colaboração entre os cientistas, seja direta ou indireta. Para González de Gómez (2004, p. 64), "a produção do conhecimento requer um sujeito coletivo e não meramente um sujeito psicológico ou individual." Maltrás Barba (2003) ressalta que, no processo de produção do conhecimento, torna-se difícil indicar um único responsável em cada contribuição. p. 34. Meadows (1999) relatou que, nos primórdios da atividade científica, existiram pesquisadores solitários que, apesar de realizarem a pesquisa em isolamento pessoal, recorriam aos seus pares para discutir idéias e obter sua opinião sobre as descobertas, o que, para o autor, é um indício de que houve **colaboração**, desde o princípio. Essa reestruturação na forma de produção intelectual iniciou-se na primeira metade do século XX, no período monopolista, mas foi somente na segunda metade desse século, com a sociedade pós-industrial, que o seu sentido e forma mais gerais se tornaram aparentes (COUTO, 1999). p. 34. A **noção de colaboração científica** pode ser atrelada à existência das comunidades científicas – um grupo social constituído de indivíduos engajados na pesquisa científica e tecnológica – que surgem atreladas ao mito da 'república das idéias', da Cidade do Saber, onde os cientistas preocupados com a verdade se encontravam, para trocar idéias abstratas (LE COADIC, 2004). São os exploradores da "república da ciência" que se preocupam em explorar o desconhecido, comprometidos com a sua curiosidade e satisfação intelectual, e convivem como num mercado, vendem os seus produtos (publicações e trabalhos científicos) e recebem prestígios e influência acadêmica (POLANYI, 1969). Ainda, segundo Lévy (2001), a comunidade científica foi a primeira comunidade que se organizou numa inteligência coletiva, sobre uma base independente das barreiras nacionais e religiosas. Os grupos de cientistas formados para intercâmbio de informações relativas ao seu trabalho receberam diversas denominações, tais como "colégios invisíveis" (SOLLA PRICE, 1963), "círculos sociais" (CRANE, 1972), **"redes científicas"** (SILVA, 1998, 2002) e, recentemente, com o advento das tecnologias de informação e comunicação, estão sendo denotadas de "colégios eletrônicos" (LE COADIC, 2004) ou de "colégios virtuais" (MOREIRA, 2005). p. 35. Os círculos sociais denominam uma relação circular entre os pesquisadores que trabalham em uma mesma área e trocam informações, apoio, encorajamento e citações (CRANE, 1972). Atualmente, a **idéia de colaboração** e interação entre os pares remete à noção de **organização em rede**, o que, no setor científico, resulta em "co-laboratórios em volta das pesquisas, e colégios eletrônicos em volta das revistas" (LE COADIC, 2004, p. 108). p. 35. As relações estabelecidas entre os autores é um indicador da colaboração na área, que pode ser visualizada a partir da co-autoria (MEADOWS, 1999) entre os autores que publicaram os artigos científicos na área e, também, a partir das citações feitas, principal foco desta pesquisa. p. 61.		
Estrato-Essência 224	**Tese**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação, 2015.**
Estudos cientométricos dedicados a determinadas temáticas podem indicar periódicos científicos com preferência de publicação por pesquisadores e grupos de pesquisa, bem como compreender a natureza do tipo de autoria se individual ou em **colaboração** (PRICE, 1976), e ainda caracterizar o comportamento dos cientistas, se transientes ou permanentes.		
Estrato-Essência 225	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**
Para a visualização dessas análises, optou-se pelas **redes de colaboração científica**. De acordo com Dias et al. (2017), essas redes permitem visualizar o grau de importância de cada região ou indivíduo ao longo do processo de desenvolvimento da ciência. Além disso, a visualização dos dados de maneira gráfica proporciona a análise destes de maneira mais efetiva e rápida. Também nos utilizaremos da análise de coautoria, que de acordo com Oliveira e Grácio (2008), é utilizada como uma das evidências para analisar a **colaboração** científica entre pesquisadores de uma mesma instituição ou colaborações entre pesquisadores de diferentes instituições, sendo possível perceber relações dentro de um mesmo país ou internacionalmente. Para que essas colaborações aconteçam, é necessário senso de divisão de trabalho e interações entre as ideias dos investigadores. Além disso, as redes de coautoria podem refletir colégios invisíveis resultantes de discussões sobre congressos e conversas		

informais. Essa análise será utilizada para que se observem as colaborações intelectuais ocorridas nesse âmbito e as afinidades temáticas entre os pesquisadores. p. 100.		
Estrato-Essência 226	**Tese**	**GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino Geração de indicadores de produção e citação científica em revistas de Ciência da Informação: estudo aplicado à base de dados BRAPCI, 2014.**
A construção de indicadores tem se mostrado no cenário científico como uma importante fonte de informação no norteamento de tomadas de decisões (SPINAK,1998). Os indicadores podem evidenciar "os pesquisadores, temáticas, as áreas do conhecimento, **as redes de colaboração** entre cientistas, grupos, instituições ou países e as redes de citação ou cocitação" (OLIVEIRA e GRACIO, 2009). p. 33. Dentre os indicadores de produção, podem-se extrair alguns indicadores de **colaboração científica** a partir dos dados do número de autores por artigo publicado. Na literatura foram identificadas duas formas de gerar indicadores de **colaboração**: uma pelo fracionamento (fractional counting), na qual é creditada uma fração do artigo para cada autor, sendo que os de autoria única teriam um peso maior; e pela "contagem cheia" (fullcounting), na qual cada coautor recebe o mesmo crédito (SUBRAMANYAM, 1983). p. 37. Produzir indicadores de colaboração científica e coautoria é uma forma de identificar pares, sendo que os pesquisadores científicos não podem trabalhar isolados. Essa frase, para Subramanyam (1983), é senso comum. O autor ainda enfatiza que todos os pesquisadores são membros de uma comunidade interconectada que trabalha para o desenvolvimento e entendimento dos mistérios da natureza e para providenciar as bases teóricas para produção tecnológica. Segundo o mesmo autor, a bibliometria é um método que facilita a investigação entre relações sobre colaboração e as variáveis perenes aos problemas. p. 40. Muitos são os motivos que levam os autores a publicar em coautoria, buscando identificar essas relações. Subramanyam (1983) relaciona sete tipos de colaboração que podem originar trabalhos colaborativos: a relação acadêmica entre professor e aluno; entre colegas de diferentes instituições; de projetos de supervisor e assistentes; de convênios entre pesquisador e consultores; da colaboração com instituições; de pesquisador com instituições internacionais; de grupos de pesquisa com grupos internacionais. A produção de indicadores é uma das maneiras mais eficazes de mensurar a colaboração entre autores, porém o ideal seria identificar o contexto das colaborações, mas esse tipo de análise requer acesso ao conteúdo e identificação do contexto no qual foram produzidas. Em muitos trabalhos essa relação não está explicitada.		
Estrato-Essência 227	**Tese**	**SILVA, Tiago José da. Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira, 2019.**
Mas, nessa estrutura de produção e comunicação científica, há uma luta coletiva pelo domínio do discurso, como abordado por Bourdieu (1983), de modo que existem as relações de poder institucionalizadas na organização de grupos de pesquisa, programas de pós-graduação, corpos editoriais e **redes de colaboração científica**. Entender como essas relações se estabelecem no campo dos estudos da temática da epistemologia e historiografia da Ciência da Informação parece ser uma proposta interessante para um estudo da dinâmica desses estudos. Para compreender essa estrutura, adota-se uma abordagem que indaga acerca da unicidade ou pluralidade das verdades disseminadas dentro da estrutura do campo. p. 25.		
Estrato-Essência 228	**Dissertação**	**NASCIMENTO, Mateus Rebouças. Indicadores de produção intelectual na Ciência da Informação: perspectivas para o Sistema de Avaliação da Capes, 2022.**
Neste sentido, como citado, na comunicação científica, por meio das produções científicas advindas de estudos desenvolvidos por pesquisadores, é possível realizar estudos métricos para definir as temáticas mais tratadas, prospectando assim novos saberes a serem estudados por pesquisadores, além de indicar redes de colaboração entre eles por meio de grafos. p. 29.		
Estrato-Essência 229	**Dissertação**	**SOUSA, Ana Claudia Medeiros. O perfil temático, teórico e metodológico das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba período 2008/2010, 2012.**
A divulgação científica é imprescindível para que haja a disseminação dos resultados dos estudos, até mesmo para que os pesquisadores possam interagir e fazer intercâmbio de informações constituindo uma **rede de colaboração científica**. Para tanto, faz-se necessário a utilização dos canais de comunicação. "As atividades científicas e técnicas são o manancial de onde fluem os conhecimentos científicos e técnicos que se transformarão, depois de registrados, em informações científicas e técnicas" (LE COADIC, 2004, p. 26). Os processos de **comunicação** dessas informações científicas se dão através dos canais formais e informais. p. 36. O estudo das **redes de colaboração científica** é um dos interesses de pesquisa na área da Ciência da Informação. A colaboração científica envolve o compartilhamento de recursos intelectuais e se desdobra em dois tipos: colaboração no conteúdo científico e colaboração na prática (GRACIO, 2018, p.25). Para Bordin,Gonçalves e Todesco (2014), Citação		

uma rede de colaboração científica é um tipo de rede social no qual os atores são os pesquisadores e os relacionamentos podem ser manifestados pelas diversas formas de colaboração existentes no contexto científico. A coautoria, como mencionado anteriormente, é o indicador mais utilizado e, por isso, esse tipo de rede é chamada de rede de coautoria (co-authorship network). 43

Outro importante elemento a ser pressuposto no tocante as redes de colaboração científica são as conexões. Em uma rede de colaboração científica as conexões representam a "constituição de laços por meio da interação social entre os atores" (RECUERO, 2014, p. 30), ou seja, são responsáveis pelo desenho da estrutura da rede de colaboração a partir das variações de interação que os atores/nós realizam. A análise de redes, embora não seja uma teoria, tem implicações teóricas. Ela é um instrumento analítico que vê círculos de parentes e amigos, coligações, grupos e casas comerciais, complexos industriais e, até mesmo, Estados-Nação como uma espécie de espalhamento de pontos conectados por linhas que formam redes. Os pontos são, naturalmente, as unidades de análise, e as linhas as relações sociais. (BOISSEVAIN, 2016). p. 44.

Estrato-Essência 230	**Dissertação**	**SILVA, Zayr Claúdio Gomes. Produção interdisciplinar na ciência da informação: abordagem nos domínios da Arquitetura da Informação, 2016.**

Assim, buscou-se discutir a formação das **redes de colaboração** entre os diferentes pesquisadores da Ciência da Informação que publicaram sobre a arquitetura da informação, buscando expressar as aproximações disciplinares que formam a consequente convergência com disciplinas que possuem interface com a área. Este procedimento se configura como uma completude aos indicadores bibliométricos, objetivando características qualitativas da produção colaborativa em torno da arquitetura da informação. Vale ressaltar, ainda, que, embora se compreenda que uma rede se constitui por infinitos atores elementares – como sujeitos, dispositivos, informações etc. –, foca-se na representatividade das relações por coautoria da produção colaborativa. p. 113.

Estrato-Essência 231	**Dissertação**	**JUSTINO, Thais da Silva. Análise da Colaboração Científica dos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação Brasileiros, 2019.**

Balancieri (2004) realizou um histórico sobre os estudos de redes de colaboração científica e a evolução cronológica das pesquisas realizadas nessa área. Visando embasar esse tema, o histórico desenvolvido pelo autor será discorrido brevemente com o intuito de evidenciar os estudos desenvolvidos referentes às décadas de 60, 70, 80 e 90. p 33.

Os estudos na área de **colaboração científica** tiveram início na década de 60, nesse período foi identificado que os relacionamentos frequentes aconteciam no âmbito de comunidades informais, em comunidades conhecidas como "colégios invisíveis". Pesquisadores trocavam informações e experiências de maneira informal e geravam publicações formais na forma de co-autoria, vale salientar que esse tipo de colaboração iniciou nas relações entre orientador e orientando. Foi um período marcado pela teoria de "seis graus de separação" (que afirma que a distância que separa uma pessoa de qualquer outra no mundo é de no máximo 6 outras pessoas). A partir dessa teoria começou-se a pensar a respeito das distâncias entre pesquisadores nas redes de co-autoria (BALANCIERI, 2004). As pesquisas na década de 70 foram direcionadas para a descoberta de quais áreas do conhecimento mais cooperavam e que fundamentavam a dinâmica dessas relações. Os estudos revelaram que as ciências básicas e naturais cooperavam mais do que as ciências aplicadas e sociais. Vale ressaltar que algumas dessas pesquisas só foram possíveis com o uso de técnicas bibliométricas. Também foi identificado que a comunidade científica costuma referenciar mais artigos com múltiplos autores do que um artigo com um único autor. Nessa fase foi possível identificar que os "colégios invisíveis" tinham alta produtividade dentro das pesquisas científicas, nesse sentido foi fortalecida a ideia de cooperação científica por co-autoria (BALANCIERI, 2004).

Na década de 80 as pesquisas foram marcadas pelo questionamento acerca da definição de **colaboração**, pois havia divergências em estudos de diferentes nacionalidades no que se refere aos critérios para caracterizar alguém como colaborador.Porém, mesmo assim os estudos nessa fase apontaram que pesquisas realizadas por vários autores são mais influentes do que pesquisas realizadas por apenas um autor. Portanto, identificou-se que o maior estímulo para a **colaboração científica era** o aumento da visibilidade e o reconhecimento pelos pares. Nesse sentido, enquanto uns tentavam definir as características de colaboradores, outros tentavam medir o impacto das publicações realizadas em co-autoria (BALANCIERI, 2004).

A partir da década de 90 os estudos passaram a evidenciar a importância das **colaborações científicas** internacionais, pois identificou-se que artigos co-autorados por países diferentes recebem duas vezes mais citações em relação os artigos de um único país. Entretanto, um estudo apontou que as colaborações internacionais decresciam exponencialmente por conta da distância geográfica. Também foi identificado que pesquisas de caráter teórico produzem artigos com menos coautores em relação aos trabalhos experimentais. A **colaboração científica** passou a ser vista sob diferentes níveis de colaboração, entre pesquisadores, grupos, departamentos, instituições e setores, dentro de um mesmo país ou envolvendo diversos países.

Uma outra característica importante desse período é a junção de várias áreas do conhecimento para a compreensão e ou visualização das redes de relacionamentos das colaborações científicas, áreas como Link

Analysis, Teoria de Grafos, Ciência da Informação e Redes Sociais (BALANCIERI, 2004). Diante desse contexto, a colaboração científica tornou-se um tema de estudo de interesse global, e, nesse sentido, em 2000 na Alemanha (Berlin) foi instituída a primeira rede de pesquisa sobre o assunto, chamada Collaboration in Science and in Technology (COLLNET). Um dos objetivos dessa rede é estudar os diversos aspectos da colaboração e como ela acontece nas diferentes áreas do conhecimento. A COLLNET incentiva a participação de membros provenientes de várias nacionalidades prezando pela diversidade intelectual, metodológica e cultural (KRETSCHMER; LIMING; KUNDRA, 2001). p. 34- 35.

Balancieri et al. (2005), realizaram um estudo sobre a análise de redes de colaboração científica considerando a influência das novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e, para o desenvolvimento desse estudo utilizaram como fonte de informação a Plataforma Lattes. p. 36.

Análise temática

Estrato-Essência 232	**Dissertação**	**VIANA, Azilton Ferreira. A produção científica acerca da temática LGBT: um estudo propedêutico nas teses e dissertações na UFMG, 2017.**

Falar em **produção científica**, segundo Packer e Meneghini (2006), significa refletir sobre as formas de divulgação, elemento necessário para tornarem-se públicas as contribuições de determinada investigação numa **temática específica**. Isto significa dizer que, ao mesmo tempo em que garante a guarda e registro das pesquisas ao longo do tempo, permite a publicação de seus resultados, atualiza as revisões realizadas pelos pares e ainda oferece acesso das pesquisas à sociedade. Como se nota, as contribuições são fundamentais para o progresso e desenvolvimento das diferentes áreas do conhecimento. p. 48.

Ao constatar essa mudança, percebe-se que a Ciência necessita de instrumentos e ferramentas capazes de medir e quantificar os dados, que forneçam ao pesquisador elementos e subsídios que estabeleçam relações. Uma dessas técnicas é a Bibliometria. Por esse ângulo, pesquisas sobre a **produção científica** em relação à produção de pesquisadores, principais programas de pós-graduação, **temáticas** e **assuntos mais tratados** em periódicos, teses e dissertações, grau de relevância, canais preferenciais para divulgação dos resultados das pesquisas são alguns dos aspectos investigados, são recursos dos quais se vale com o objetivo de verificar a evolução do conhecimento. p. 71.

Conde (2004), Molina (2011), Mott (2006) e Simões e Facchini (2009) sugerem que a temática LGBT inserida nos direitos humanos passou a merecer atenção de governos, organismos internacionais, incluindo nessa questão acordos bilaterais e multilaterais firmados em diferentes partes do mundo, fruto da articulação e organização do segmento. p. 75.

Estrato-Essência 233	**Dissertação**	**TERRA, Marcos Vinícius Santos de Carvalho. Análise do discurso na perspectiva da ciência da informação: dialogicidade epistemológica da organização do conhecimento com Foucault, Pêcheux e a sociolinguística, 2019.**

A realidade social se apresenta com um elevado grau de complexidade. Logo, são necessários estudos que articulem o conhecimento científico produzido com aspectos econômicos, políticos e legais. Segunda a pesquisadora, apenas a **identificação temática não é suficiente** para a recuperação da informação adequada, no que concerne as questões multidisciplinares, interdisciplinares e complexas. Dessa forma, os estudos arqueológicos do discurso poderiam enriquecer o entendimento de bases de saberes (Souza, 2008). Souza (2008) teve como intenção desenvolver um exercício metodológico capaz de explicitar a possibilidade de se estabelecer uma base de saber em temáticas complexas como os transgênicos por meio da Análise do Discurso. Assim, surge seu conceito de arqueologia da informação. p. 95.

Estrato-Essência 234	**Dissertação**	**PINHEIRO, Liliane Vieira. As redes cognitivas e a produção do conhecimento em ciência da informação no Brasil: um estudo nos periódicos da área, 2007.**

Dessa forma, foi realizada uma **análise temática**, para identificar os assuntos abordados nos artigos científicos levantados (denominados nesta pesquisa de artigos citantes) e os dos documentos mais citados. Essa análise possibilitou verificar que áreas se relacionam com a área de Ciência da informação, no Brasil, e as influências teóricas estão presentes na área. A análise temática contemplou os seguintes procedimentos: p. 55.

Os temas dos artigos citantes também são elementos que permitem desvelar as relações temáticas na área. Para verificá-los, foi realizada uma **análise temática**, utilizando como base para a definição das categorias a Taxonomia para a Ciência da Informação (Anexo A) desenvolvida por Oddone e Gomes (2004), conforme já indicado nos procedimentos metodológicos. p. 68.

Estrato-Essência 235	**Dissertação**	**SOUZA, Luana Quintal. As teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFF: um estudo bibliométrico, 2021.**

É importante compreendermos as temáticas que envolvem a Ciência da Informação, pois possibilitam identificar as relações e interdisciplinaridades acerca das temáticas pesquisadas nas teses e dissertações. p. 47.

Estrato-Essência 236	**Dissertação**	**ROSA, Berta Jaqueline. A cultura na ciência da informação: temáticas culturais na pós-graduação do campo informacional brasileiro – 1970-2012, 2013.**
População; Noronha (2003), ao analisar os rumos da comunidade de pesquisadores em CI, fazem uma **análise temática** das Linhas de Pesquisa daquele momento dos Programas. Segundo as autoras, esses movimentos de fusão, de dispersão e de inclusão de novas Linhas refletem o quadro de docentes dos Programas, já que é através de suas especialidades que as Linhas são criadas. p. 81.		
Estrato-Essência 237	**Tese**	**A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar /SOUZA, Edivanio Duarte de 2011, p. 182.**
Faz-se necessário, contudo, analisar, problematizar e verificar até que ponto se devem alargar as fronteiras, buscar correlacionar conteúdos e **temáticas** em função de um discurso interdisciplinar difuso, quase sempre flutuante e, principalmente, incipiente. É condição necessária à constituição de uma relação interdisciplinar a existência de, no mínimo, duas disciplinas que mantenham uma construção discursiva recíproca. p. 21. A questão crítica apontada por Smith (1992), nesse contexto, diz respeito aos procedimentos adotados nesses estudos, destacando aqueles que têm por base **mapeamentos de temáticas** desenvolvidos a partir de estudos bibliométricos, tais como as análises de cocitação. O fato é que existe uma grande quantidade de trabalhos que se constituem em meras listas das áreas que contribuem com a Ciência da Informação, não evidenciando nenhuma base teórico-conceitual que os sustentem. p. 165. Nesse contexto, três questões devem ser colocadas. A primeira concerne ao estatuto constitutivo do campo científico da Ciência da Informação, estando presente em discussões em diversas esferas acadêmicas. A segunda, por sua vez, refere-se à existência de poucos estudos que abordam a **interdisciplinaridade** nesse campo de conhecimento, principalmente, daqueles que ultrapassem o mapeamento de temáticas e/ou subáreas onde se faz presente a prática interdisciplinar, conforme destacaram Smith (1992) e Pinheiro (1997,1999).		
Estrato-Essência 238	**Dissertação**	**REIS, Vanessa Jamile Santana. A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento: Uma abordagem de representatividade social, 2019.**
Para fundamentar as discussões relativas à conceituação de informação, propõe-se como compreensão Silva e Gomes (2014), que elucubram a compreensão de informação dentro de perspectivas da construção de um espaço de debate e promoção à diversidade. Salienta a construção epistemológica dessa insurgência temática como emergente de uma sociedade com novas demandas de relação cientifica e social. A constituição do espaço de debate fomenta a construção de uma identidade e do papel social, a fim de possibilitar a materialização documental e o estabelecimento do espaço de compartilhamento dos saberes e do conhecimento. p. 31. A proposta desta seção procura estabelecer paralelos entre as áreas da CI e o feminismo, pontuando aspectos de convergências e aproximações entre as teorias, **discussões temáticas**, metodológicas e conceituais. Compreender que o universo de investigação da representação feminista permeia zonas limítrofes de interseções e que pode dialogar contribuindo com o universo da CI, assumindo a assertiva interdisciplinar que o campo admite em sua gênese, é a proposta desta composição. O principal questionamento e linha de defesa da pesquisa presumem a ideia de que representações femininas são estabelecidas a partir do olhar do Outro. Partindo do pressupostoque a representação é sempre uma reapresentação do olhar do Outro sob o objeto informacional, o feminismo não pode, assim, estar situado e representado de forma adequada, se não considerar as experiências e o conhecimento situado da mulher. p. 53.		
Estrato-Essência 239		**CASTRO, Julio Vitor Rodrigues. Análise da produção científica dos pesquisadores em Ciência da Informação nos periódicos brasileiros, 2009.**
A literatura sobre a produção científica mostra um processo intenso de comunicação, que permeia as atividades dos pesquisadores. Este processo foi classificado em duas dimensões, a saber: uma parte informal e outra formal. Garvey (1979), estudioso da temática, realizou pesquisa em diferentes áreas para identificar os canais de comunicação na ciência e identificou peculiaridades e diferenças nas duas dimensões de comunicação do conhecimento. p. 23.		
Estrato-Essência 240	**Tese**	**CUSTÓDIO, Pollyana Ágata Gomes da Rocha. As bases teóricas expressas nas teses dos programas de pós-graduação em ciência da informação no Brasil: uma análise cientométrica, 2018.**
Para Bufrem (2017), os autores considerados seminais são aqueles que repercutem durante a vida de um pesquisador, permanecendo como inspiradores no interior de uma especialidade. Assim, define-se como autor seminal, para a compreensão desta pesquisa, o autor inaugural de uma teoria, ou corrente teórica, o primeiro ou que inspirou uma concepção ou uma escola. Desse modo, consideram-se autores seminais aqueles que por suas obras constituíram as bases da temática ao estabelecer marcos conceituais e terminológicos, enfoques de implementação, assim como uma profunda discussão das diferentes arestas relacionadas com a cultura		

organizacional. Assim, um autor ou obra pode ser seminal e não ser um referente teórico fundante, pois um autor pode ser inspirador para determinada corrente, linha ou ideologia. p. 31. De acordo com Smiraglia (2015, p. 8) as citações "são uma forma de evidência das relações temáticas ou teóricas, e estas podem ser usadas para gerar visualizações de paradigmas temáticas ou teóricos dentro de comunidades específicas". p. 34.

Estrato-Essência 241	**Tese**	**ARAUJO, Ronaldo Ferreira de. Bases tecnológicas da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil: análise da tecnologia como assunto de pesquisa e conteúdo na formação, 2015.**
Estudos cientométricos dedicados a **determinadas temáticas** podem indicar periódicos científicos com preferência de publicação por pesquisadores e grupos de pesquisa, bem como compreender a natureza do tipo de autoria se individual ou em colaboração (PRICE, 1976), e ainda caracterizar o comportamento dos cientistas, se transientes ou permanentes. p. 117.		
Estrato-Essência 242	**Tese**	**EVANGELISTA, Isadora Victorino. Comunidades epistêmicas no campo da ética em organização e representação do conhecimento: uma análise da literatura da área, 2021.**
O conceito de comunidades epistêmicas (HAAS, 1992; MEYER; MOLYNEUXHODGSON, 2010; HÅKANSON, 2010), ainda pouco abordado no campo da Ciência da Informação, pode trazer substancial contribuição nesse contexto, mais especificamente na identificação e sistematização de grupos dominantes em **temáticas** importantes para o campo. No entanto, esse conceito necessita ainda de maior sedimentação na área com vistas às suas aplicações. p. 13.		
Estrato-Essência 243	**Dissertação**	**MATOS, Gislaine Imaculada. Estudos de gênero e feminismos: uma análise bibliométrica da Revista Estudos Feministas, 2018.**
Nesse contexto da Ciência da Informação, a Análise de Domínio surge como um grande suporte para estudar a evolução do discurso representado através de produtos formais (literatura científica) de uma comunidade de pesquisa, por meio da observação da **interação temática** dos pesquisadores, possibilitando o surgimento de novos conhecimentos à comunidade científica (SMIRAGLIA, 2011). Além disso, "constitui marcante abordagem para caracterização e avaliação da ciência, na medida em que permite identificar as condições pelas quais o conhecimento científico se constrói e se socializa" (GUIMARÃES, 2014, p. 15). p. 27.		
Estrato-Essência 244	**Dissertação**	**PASSOS, Mariana Faustino. Estudos de gênero na ciência da informação: análises dos anais do ENANCIB, 2019.**
A Análise de Conteúdo pode ser configurada também como **análise temática**, em que o estudo é direcionado para responder "o quê?", ou seja, direcionada para a análise da mensagem propriamente explícita no texto, os argumentos e ideias ali expressos e seu valor informacional, sistematizando a informação contida no texto com o intuito de impor objetividade analítica ao material. (ROQUE, 199; ROCHA; DEUSDARÁ, 2005). p. 49.		
Estrato-Essência 245	**Tese**	**GARCIA, Cristiane Luiza Salazar. Fragmentos teóricos de domínios de pesquisa da ciência da informação: perspectiva metateórica para gestão do conhecimento e competência em informação, 2018.**
A compreensão da posição ocupada por domínios de pesquisa específicos dentro do quadro teórico da Ciência da Informação é certamente um trabalho de grande envergadura e passível de múltiplas abordagens. A elucidação do processo de consolidação de **certas temáticas** de estudo como domínios de pesquisa no campo da Ciência da Informação permitiria também a compreensão da constituição do campo. Então um dos pontos de partida possíveis é o aprofundamento de questões teóricas nocampo. p. 29.		
Estrato-Essência 246	**Dissertação**	**MELLO, Mariana Rodrigues Gomes. Inter-relações entre ciência da informação e filosofia da ciência: reflexões histórico-epistemológicas, 2020.**
Trabalha-se a ideia de análise discursiva concorrente, isto é, relações de antagonismos e semelhanças. Esta espécie de confronto entre formações discursivas, a respeito de uma **mesma temática**, pode ser feita em qualquer campo do saber, no nosso caso tem sido no domínio do conhecimento científico. Tem-se vislumbrado os pontos de semelhança e diferenças entre o conhecimento clássico e o complexo, a partir da análise discursiva. p. 122.		
Estrato-Essência 247	**Dissertação**	**SOUSA, Ana Claudia Medeiros. O perfil temático, teórico e metodológico das dissertações do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba período 2008/2010, 2012.**
A classificação das temáticas foi realizada a partir do "Tesauro em Ciência da Informação" (TCI); para classificação foram considerados o título, o resumo, as palavras-chave, o sumário e a fundamentação teórica. A utilização do TCI justifica-se por ser esse um meio de representação da informação. Ele possibilita a descrição de um documento a partir de palavras-chave, expondo qual o assunto abordado, com o objetivo de representar		

– com essa expressão – todo o seu conteúdo. Sendo assim, as expressões que foram selecionadas para representar o **conteúdo temático** das dissertações, atribuíram termos aos trabalhos a partir de uma fonte que não é a própria dissertação. Esse processo utiliza-se de uma linguagem artificial, denominada de "vocabulário controlado", que é empregada com fins. Para tanto, o TCI on-line, que é um tipo de vocabulário controlado, foi estabelecido como fonte para classificação das temáticas abordadas pelos discentes do Programa. p. 76.		
Estrato-Essência 248	**Tese**	**ALMEIDA, Tatiana de. Os loci epistêmicos e o método analítico como forma de compreensão do ensino e da pesquisa em organização do conhecimento no Brasil do século XXI, 2019.**
A visualização de **dados temáticos ou mapeamento temático** utiliza-se dos mais diferentes métodos de representação. Dentre eles, o de representação qualitativa, que retrata fenômenos diversos sem que haja relação de tamanho entre eles, e o de representação quantitativa, utilizada para expressar relações de tamanho e proporcionalidade entre os fenômenos. O **mapeamento temático** tem aparecido nos meios acadêmicos, em áreas diversas, como um método de pesquisa qualitativa que pode auxiliar na demonstração e também na análise dos dados de um estudo. p. 88		
Estrato-Essência 249	**Dissertação**	**MELO, Janyelle Mayara Bento. Rede de colaboração científica: panorama da produção científica dos docentes da ciência da informação no Nordeste no período de 2010-2019, 2021.**
Silva (2012, p. 42), compreende "a dinâmica das redes sociais e, em especial, as redes de coautoria, entendendo-as como as relações formais e/ou informais entre pesquisadores **com temáticas e interesses comuns** e com o objetivo de comunicar cientificamente". Oliveira e Grácio (2008, p. 36) destacam que "o estudo sobre redes de colaboração científica vem ganhando importância na medida em que dá visibilidade à produção da ciência, à análise do seu domínio e aos cientistas mais produtivos, entre outros objetivos". Castells (2000) aponta que, "a nova sociedade é constituída de redes" e reconhece que essa ação não é estanque. Uma rede social é formada por um conjunto de atores e suas ligações, portanto o comportamento dos mesmos e a forma com que essas ligações se estabelecem estão passiveis de transformações e implicações diversas.		

APÊNDICE H –ESTRATOS-ESSÊNCIAS DE TESES E DISSERTAÇÕES – DERIVAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO

ESTRATOS-ESSÊNCIAS - A DERIVAÇÃO DO OBJETO CIENTÍFICO		
Informação		
Estrato-Essência 250	**Tese**	**MORAES, Sônia Cristina Bocardi. Pragmatismo peirceano e a concepção de informação: contribuições à ciência da informação e a organização da informação, 2020.**
A Ciência da Informação é pós-moderna: "Assim, o que definiria um **objeto de estudo** é, antes, uma forma específica de olhar, de enxergar os fenômenos da realidade [...] maneira específica, mobilizando determinados conceitos e métodos, naquilo que foi progressivamente sendo entendido como o olhar informacional sobre o real." (ARAÚJO, 2014, p. 15). O **objeto de estudo** sendo a informação estabelece uma forma de enxergar a realidade, ou os fenômenos que podem ser descritos, uma vez que os processos informacionais podem caracterizar o mesmo objeto de maneiras diferentes. Estes fenômenos fazem parte de todas as ciências e ao mesmo tempo de nenhuma específica. A Ciência da Informação é humana e social, portanto o fenômeno estudado mais do que uma relação causal, estabelece uma ligação com o observador e não decorre apenas de determinado fenômeno observado. p.61.		
Estrato-Essência 251	**Tese**	**SOUZA, Edivanio Duarte de. A epistemologia interdisciplinar na Ciência da Informação: dos indícios aos efeitos de sentido na consolidação do campo disciplinar, 2011.**
[...] defende que, na especificação do domínio da Ciência da Informação, torna-se necessária uma reflexão epistemológica que procure diferenciar o **conceito de informação** daqueles adotados em outros campos de conhecimento, bem como em outros contextos, como o **cultural** e o **político**. Para o autor, a multiplicidade de que padece o objeto de estudo informação exige a sua delimitação no contexto contemporâneo, que significa contextualizálo no processo amplo de globalização e, complementarmente, situá-lo no espaço restrito do estudo e da prática profissional. p. 257.		
Estrato-Essência 252	**Tese**	**MARTINS, Ana Amelia Lage. Informação e movimentos sociais sob a perspectiva do campo social da ciência da informação: uma análise a partir da Marcha das Vadias, 2015.**
Para eles, a **diversidade de conceitos** de informação formulada no campo da Ciência da Informação revela tensões entre as abordagens objetiva e subjetiva, sendo o conceito de interpretação uma ponte entre essas duas perspectivas. p. 15. Por estar localizada no âmbito da representação simbólica e dos processos de significação, o conceito de informação sob a ótica da epistemologia social funda-se por meio da consideração de que ela existe, essencialmente, no universo da cultura. p.16.		
Estrato-Essência 253	**Tese**	**ANDALECIO, Aleixina Maria Lopes. Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: mudanças na ciência, na universidade e na comunicação científica, 2009.**
A **informação** é vista por vários autores como um conceito transversal, que perpassa vários campos disciplinares, e ainda como um artefato que possibilita a religação daquilo que foi separado pela fragmentação do conhecimento científico em disciplinas, o que traz para ela um papel fundamental na instauração da prática transdisciplinar, papel este que foi confirmado pelos entrevistados. p. 193.		
Estrato-Essência 254	**Tese**	**SÁ, Rosilene Moreira Coelho de. Práticas de compartilhamento do conhecimento na pós-graduação stricto sensu em Ciência da Informação: uma leitura a partir da Teoria Fundamentada nos Dados e da Abordagem Clínica da Informação, 2021.**
A informação pode ser entendida como elementos objetivos (dados) e subjetivos (valor), de modo que essa interação entre os sujeitos resulta em um olhar intersubjetivo da informação (CAPURRO, 2003; RENDÓN ROJAS, 2005; ARAÚJO, 2014). p.31 Conforme Furner (2004), a **palavra informação é carregada de sentidos em diferentes tipos de uso**. Entre eles, destaca a informação como conhecimento (o que é aprendido por meio da transmissão do conhecimento), como processo (o ato de se tornar informado), e como coisa (algo físico carregado de significado).p. 34.		
Estrato-Essência 255	**Tese**	**SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. Múltiplas interlocuções da informação no campo da Ciência da Informação no âmbito dos fundamentos técnico-pragmáticos, humanos e científicos ,2015.**
Em primeira instância **precisamos rejeitar as ideias de que a informação é um fenômeno interdisciplinar por natureza** ou que **possui natureza interdisciplinar**. A inversão desses fatores altera o resultado na medida em que quando afirmamos que a informação é interdisciplinar por natureza emitimos um juízo a priori que pré-		

determina o valor natural da informação e quando afirmamos a natureza interdisciplinar da informação não estamos buscando a partir da objetividade social pensar e construir pressupostos que caracterizem os fundamentos interdisciplinares da informação e sim buscando prever o que seria a interdisciplinaridade (a natureza interdisciplinar da informação), ou seja, atentamos apenas para o fator intuitivo relegando a um plano inferior o pressuposto sócio-interacionista e perceptivo que caracterizamos no presente estudo. **Embora seja diferente afirmar que a informação é interdisciplinar por natureza e considerar a natureza interdisciplinar da informação, consideramos que as duas formas estão equivocadas por tratarem a informação como axioma associal e antidialógico**. É preciso considerar as possibilidades recíprocas de interação para configuração da informação como fenômeno interdisciplinar. Do contrário, estaremos incorrendo em um "unilaterismo disciplinar" (SILVA, 2013c) que implica em ver a informação como naturalmente interdisciplinar sem a ocorrência de estudos mais aprofundados e sem a proposição de múltiplos olhares dialógicos no âmbito das ciências. Destarte, desconsiderando a natureza interdisciplinar da informação, poderíamos pensar que possui um princípio plurdisciplinar no sentido de que está ligada paralelamente ao olhar de várias ciências, sem relações diretas ainda estabelecidas. p. 388- 389.

Estrato-Essência 256	**Tese**	**CÂMARA, Rafael Silva da. Institucionalização científica da economia política da informação: contributos sociais e cognitivos na produção científica do campo da Ciência da Informação no Brasil, 2020.**
A **informação, enquanto fenômeno social**, de influência cultural e impacto econômico tem como principal característica o seu traço mutante, que vem contribuindo para o macroprocesso de reestruturação econômica, política e cultural do capitalismo mediante, fundamentalmente, o uso intensivo e extensivo das tecnologias de informação e comunicação. **Esta configuração econômica dos processos informacionais emergentes na sociedade faz da informação um objeto de estudo pertinente em variados** domínios ou campos científicos, bem como um recurso de trabalho em determinadas atividades profissionais na contemporaneidade, visando solucionar problemas ligados aos seus modos de organização, produção, distribuição e uso. p. 16.		
Estrato-Essência 257	**Tese**	**SILVA, Tiago José da. Historiografia e epistemologia no campo da Ciência da Informação: um olhar sobre a literatura brasileira, 2019.**
Entende-se **informação** como um conceito intrínseco à sociedade moderna e que possui um valor científico, político, histórico e socioeconômico. p. 39.		
Estrato-Essência 258	**Tese**	**MELO, Willian Lima. O processo de institucionalização científica na Ciência da Informação no Brasil: um campo disciplinar sob a perspectiva transversalista, 2020.**
É na obra de Otlet, de 1934, que germina o entendimento do conceito de "informação", em que **inteligência humana, apreensão do conhecimento**, registro e organização se mostram favoráveis a um intenso debate. p.83.		
Estrato-Essência 259	**Tese**	**SANTOS, Nilton Bahlis Dos. A Ciência da Informação e o paradigma holográfico: a utopia de Vannevar Bush, 2005.**
A **conexão de mentes e máquinas no ciberespaço consiste, em certa medida em uma renuncia à corporeidade**. Kerckhove discorre a este respeito quando expõe os 4 impactos que a tecnologia interativa pode produzir sobre a imagem do corpo e do que ele denomina, o envoltório físico: a telecepção, a expansão, a múltipla personalidade e a propiocepção.Citação A **telecepção** faz referência ao alcance sensorial que nos proporcionam as tecnologias interativas e que acrescenta uma nova dimensão a nossa vida sensorial biológica. A expansão é um fenômeno que se produz ao mesmo tempo e que se baseia em como as tecnologias interativas nos produzem um sentido de perda dos próprios limites corporais concretos. [...] Mas, antes de tudo a tecnologia interativa redefine as **relações sociais**, o significado do sujeito e obriga à ampliação do conceito de **Informação**. Não cabe nos marcos dos objetivos desta tese discutir os impactos **psicológicos** e mesmo **biológicos** que, como nos indica Kerckhove, o ciberespaço terá sobre a espécie humana. Mas cabe discutir as relações e formas de acoplamento social que se estabelecem para possibilitar que possamos refletir sobre as modificações que se realizam na abordagem do problema da informação. Antes de tudo é importante lembrar que as novas práticas emergentes tendem a serem concebidas nos momentos iniciais, como similares às práticas e visão de mundo anterior. A interatividade da Internet, por exemplo, tende a ser identificada como intersubjetividade, inclusive com o intuito de defendê-la em oposição às mídias televisivas e correlatas, considerando- a como forma de retorno a práticas de tipo cara a cara, como nos marcos da comunicação verbal.. p. 102.Ao explorarmos as diferenças entre a fotografia e a holografia, podemos perceber como a abordagem do **Paradigma Holográfico** nos permite visualizar novos diferenciais para o **estudo da informação**, seu estoque e processamento. [...]Na holografia não temos uma representação mas um sistema capaz de múltiplas representações e atualizações diversas no tempo e espaço, dependendo do ponto de vista dos observadores potenciais. Informação do todo, este é o significado de Holografia, composta com os termos de origem grega holo = todo e grama = mensagem, informação. p. 74.		

Estrato-Essência 260	**Tese**	**PIMENTEL SOBRINHO, Alvaro Caetano. A contribuição do conceito do bit quântico(q-bit) para os fundamentos teóricos da ciência da informação, 2013.**
Sob a visão de Braman (2007, p.3), neste novo conceito de sociedade, a **informação é mutante** e se altera ao longo do tempo, dependendo do contexto e da relação com outras informações ou dados que a estimulem. Por essa razão, pode adquirir uma identidade em um determinado momento e mudar de acordo com a perspectiva da entidade que a acessa ou a utiliza, o que vai ao encontro do estudo de Belkin e Robertson (1976) sobre alteração de estrutura por meio de informação. p. 17.**A discussão sobre informação é extensa**, mas é importante observar que Capurro (2007, p.162) "coloca a informação no contexto da epistemologia como um conceito-chave referente à criação do conhecimento científico". p. 18.A questão é saber o quanto de **informação** é perdida ou impossível de ser representada ou recuperada, considerando o **ambiente quântico**, por ser de crucial importância para a Ciência da Informação. p. 21.Na teoria da **informação quântica**, o q-bit – quantum bit ou bit quântico – equivale ao bit18 dos computadores digitais e é utilizado como forma de medida para os **computadores quânticos**. Entretanto, o q-bit, não se apresenta em apenas dois estados (0 ou 1), mas sob uma possibilidade infinita de estados superpostos e que não podem ser observados em objetos macroscópicos ou clássicos. Em outras palavras, significa que essa unidade de **informação quântica** é um vetor de estado em um sistema de MQ de dois níveis, normalmente, equivalente a um vetor de espaço bidimensional sobre os números complexos. p.53.Considerando que um **metabit** é capaz de conter e, ao mesmo tempo, ser a chave, ou índice de identificação, para buscar informações mais detalhadas de um conjunto de bits; ou, ainda, ser portador de uma informação possível de definir outra informação, a propriedade deste **metabit** é insumo para os outros níveis da cadeia do conhecimento, aí incluída, a **metainformação**. p.126.		
Estrato-Essência 261	**Tese**	**ORRICO, Evelyn Goyannes Dill. Binômio Lingüistica – Ciência da Informação: abordagem teórica para elaboração de metafiltro de recuperação da informação,2001.**
Como ponto de partida, para fundamentar as questões, retomaremos o conceito de informação que norteou pesquisa. **Informação**, nesta tese, refere –se a **qualquer conteúdo lingüístico** que provoca alteração nas estruturas cognitivas de um indivíduo, a partir da compreensão de registros ou inscrições — especialmente escritos —, cujo significado é explicitado semânticosintaticamente e satisfaz o interesse daquele que o procura. p. 132.A concepção do **metafiltro** pretende dar conta de uma estrutura que possa ser aplicada a qualquer área de conhecimento, já que objetiva trabalhar no espectro **meta-informacional**, e baseia sua estratégia de recuperação na estrutura semântico-metafórica que representa um campo de saber; no entanto, essa previsível viabilidade foi apoiada em dados levantados em uma área de conhecimento específica. p.124.		
Estrato-Essência 262	**Tese**	**VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.**
A **informação líquida** não se resume a sua desmaterialização, mas é pressuposto que seu tratamento na ciência da informação e organização do conhecimento não devem ser pautados na condição de seu registro para ocorrer. A saber, uma **informação virtual** tratada nas áreas não solapa a **informação** como **líquida**, uma vez que na ciência da informação e organização do conhecimento, mesmo os objetos virtuais têm necessitado de registros materializados, e, ainda, institucionalização para pertencerem ao escopo das áreas. A **informação líquida**, como se verá, está além da materialidade e instrumentalização da organização do conhecimento. p.33. Ramos Chávez (2018) discute a respeito da **pós-verdade** como condição de uma **informação líquida**, como se a falta de verdade indicasse a liquefação da informação. O autor não traz o conceito de **informação líquida** e seu texto tem pouca fundamentação teórica. O texto de Vicente-Saez e Martinez-Fuentes (2018), que aborda publicações e **periódicos líquidos**, é bastante pertinente pois se refere à informação na condição de aberta a modificações (e não adulterações), ou aberta, líquida na concepção dos autores. p.41.É no **desfalecimento dos sólidos**, esses vistos como a **Modernidade** segura, e concreta como uma metáfora que cabe à **ciência da informação** e à organização do conhecimento, que a **pós-modernidade** e a **informação líquida** encontram seu tempo de existência nas áreas. Na pós-modernidade ou modernidade líquida, a informação sempre encontrará alguma dificuldade em se manter no tempo-espaço. p.351.A **informação líquida** é disforme, atemporal e desmaterializada. É híbrida, ubíqua, aberta, rizomática e incomensurável. A informação líquida é de produção e de interesse de todo indivíduo e sujeito da informação, póshumano e líquido. Em sua organização, fechamentos ou restrições classistas, físicos e semânticos são inadmissíveis. A informação líquida visa representar o conhecimento e a informação nos movimentos e fluxos da sociedade em todo espaço, lugar e não lugar que possa ocupar, tem elevada capilaridade e penetração social. Sua condição é temporária, instável, flexível e fugidia. Está essencialmente no polo virtual, é uma entidade sem corpo, maquinicamente hibridizada, desterritorializada e desmaterializada. p.426.		
Estrato-Essência 263	**Tese**	**MORAES, Sônia Cristina Bocardi. Pragmatismo peirceano e a concepção de informação: contribuições à ciência da informação e a organização da informação,2020.**

A avaliação da dimensão informacional se dá dentro de parâmetros objetivos e situacionais para a interpretação de informação e tendem a retirar os aspectos psicológicos subjetivos (CAPURRO; HJØRLAND, 2003, p. 344). Os estudos cibernéticos no século XX de Wiener (1961) implicam na não **materialidade da informação** e dão conta desta inter-relação entre os **elementos materiais e não materiais** presentes no ato de informar, embora o foco seja a quantificação de sinais inteligíveis.CitaçãoAs **concepções de informação** dentro da filosofia da ciência e da filosofia analítica, particularmente desde o final da década de 1970, estão relacionadas a ciências específicas, particularmente a física, a biologia e a linguística. Como resultado desse desenvolvimento, a tendência tem sido a de re-humanizar o conceito de informação; isto é, colocá-lo dentro de um contexto cultural (CAPURRO; HJØRLAND, 2003, p. 360, grifo atual).O conceito de informação nas ciências naturais e nas ciências humanas e sociais de vários autores é visto até chegar ao conceito em Ciência da Informação.
CitaçãoHoje há um renascimento do significado objetivo do **conceito de informação** dentro do contexto das ciências naturais, bem como de uma tecnologia que está sendo chamada precisamente de tecnologia da informação. Isso tem um efeito inverso sobre o uso dessa noção na linguagem cotidiana de hoje, bem como sobre nossa autoavaliação (CAPURRO, 2009, p. 127). p.82.Dentro da Ciência da Informação, o autor acima considera que são determinados **conceitos de informação**, em primeiro lugar, na recuperação da informação e o conceito desta informação que é recuperada; em segundo nos fatos ou opiniões contidas nos documentos que são informação; e finalmente a custódia e divulgação dos documentos são as relações contidas na CI. A **informação** a ser recuperada, em primeiro lugar, não é uma coisa, mas uma relação de conhecimento em que vários elementos culturais são elencados. Em segundo lugar, opiniões e fatos dependem de veracidade para serem considerados científicos, ou então são apenas manifestações de posicionamento político. Em terceiro, a custódia e divulgação de documentos devem ter o caráter científico que promova conhecimento, e não apenas ofereça informação sobre determinadas posições que podem não ser democráticas ou inclusivas, e ao contrário, favoreça o pertencimento do acesso ao conhecimento a grupos já privilegiados tanto economicamente quanto socialmente. p.82.A **verdade** deve estar contida na proposição **verdadeira** comunicada. Aquilo que é tratado deve ser verdadeiro para que a informação aconteça na segunda condição de ocorrência de informação:
CitaçãoPalavras, e as pessoas que pronunciam essas palavras, podem representar coisas que não sejam do modo como são. Deturpação é uma espécie de representação. Mas a informação não é assim. **Desinformação** não é uma **informação** da variedade falsa. Não é **informação** de todo (DRETSKE, 2008, p. 276). p.391.

Estrato-Essência 264	**Dissertação**	**ALVES, José Alexandre da Costa.Ciência da Informação e Ciência da Administração: questões epistemológicas e o fenômeno da informação, 2008.**

Do ponto de vista "Interpretativista", a **informação é** o próprio significado; significado para o sujeito que experimenta a ação de ser, estar, ficar informado. Nesta perspectiva a informação é um fenômeno interpretativo, dependente do sujeito, considerando experiência, historicidade, pressupostos, contextos e envolvimentos nos quais o indivíduo se informa ou é informado, partilhando grande afinidade com a perspectiva Hermenêutica. As posições "Interpretativistas"
"Humanistas", no sentido epistemológico, partilham da noção da "informação como significado", concebendo a informação como fenômeno situado no tempo e no espaço dependente do contexto, mas divergem quanto aos pressupostos ontológicos, onde a abordagem "Interpretativista" pressupõe estabilidade do que existe, das coisas, das relações e significados, e a "Humanista" assume que a natureza das coisas é o conflito, ambigüidade, a oposição estrutural, a contradição.
Do ponto de vista "Humanista", a informação como significado, torna-se uma forma de afirmar, de fazer valer a nossa posição, a nossa interpretação, os significados que nos são mais úteis, mais óbvios ou mais evidentes; informação para acesso à informação, a partilha, a disseminação da informação equivale a forma de afirmar nossa autonomia e emancipação. No paradigma "Humanista", a informação emerge no âmbito da "ação comunicativa". Neste contexto, o indivíduo tem que escolher entre diversas possibilidades, significados, sentidos ou interpretações, argumentando, questionando e tentando mostrar ao grupo ou à comunidade em que está inserido, o tipo de comportamento, de posições ou pontos de vistas de interpretações que ele considera mais apropriados, mais corretos.
Nos paradigmas "Estruturalista" e "Funcionalista", a informação é "objetificada", isto é, entendida como um objeto claro, preciso e definido, porém diferem no que diz respeito à natureza do mundo e da sociedade. O paradigma "Funcionalista" partilha com o paradigma "Interpretativista" a noção de base de estabilidade das coisas, os fenômenos, as condições naturais. Já o paradigma "Estruturalista" partilha com o "Humanista" os pressupostos sobre a natureza conflituosa, competitiva e de mudança do mundo e da sociedade humana.
Do ponto de vista das posições "Estruturalistas" (como, por exemplo, o Marxismo clássico), a informação além de ser entendida como um objeto, é sobretudo considerada como fonte de poder. A informação é algo de objetivo, identificável pelos dois lados dos conflitos, e o seu domínio e acesso têm uma relação direta com a possibilidade de exercer e aumentar poder. A questão que se coloca é como cada grupo pode se informar para manter ou melhorar sua posição de poder ou, até mesmo, como podem os excluídos e explorados alterar esta

situação. Por outro lado, como podem os dominantes obter e controlar a informação que lhes permita manter ou fortalecer sua posição de domínio?
Por fim, o paradigma "Funcionalista" abarca grande parte da investigação acadêmica e científica sobre a qual se alicerçam as sociedades contemporâneas e o desenvolvimento das ciências, bem como atividades empresariais e funcionamento dos estados e dos mercados. Esta posição nasceu com Descartes (penso, logo existo) no modelo sujeito-objeto e, mais tarde, no seu desenvolvimento e detalhe pelo método científico, grandemente utilizado na sociedade científica contemporânea. Este paradigma pressupõe a natureza objetiva do mundo e sociedades, consubstanciando uma lógica de estabilidade e regularidade de relações, comportamentos e padrões, os quais podem, por isso, ser detalhados e conhecidos mediante aplicação de método científico p.40-42

Estrato-Essência 265	**Dissertação**	**SIQUEIRA, André Henrique. A lógica e a linguagem como fundamentos da arquitetura da informação, 2018.**

Stuart Umpleby (2004) apresenta a informação como um das três entidades b básicas do universo, ao lado de matéria e energia, e - seguindo a tradição de distinção feita por Wiener (1999) ao afirmar que a '**informação é informação**' - procura estabelecer relações:
Mat_eria e Energia - expressa pela equação de Einstein: E = mc2 - **Energia e Informação** - expressa por $E = hn$, conhecida como a equação da energia quântica de Max Planck. Sendo h a constante de Planck e na frequência da onda. - Informação e Matéria - expressa pelo limite de Bremermann de que a matéria somente pode processar informações a 10 47 *bits=gram=sec*.p. 39.
No contexto filosófico de que a informação e um '**ente da natureza**' (FLORIDI, 2004), e certo que o trabalho de Stonier (1997) e dos mais importantes. Sua analise das implica c~oes de ser a **informação** uma das entidades fundamentais do Universo merece atenção. Diz ele que as propriedades apresentadas pela **informação** são muito semelhantes as apresentadas pela energia. A seguir um resumo das propriedades apresentadas por ele: 1. A **informação** tem como seu principal atributo a capacidade de organizar coisas, assim como a energia tem como principal atributo a capacidade de realizar trabalho. 2. Como a energia, a **informação** está presente em muitas equações físicas que descrevem propriedades naturais. 3. A **informação** pode ser acrescentada a matéria, dando-lhe organização. 4. A **informação** pode ser acrescentada a energia, dando-lhe organização. 5. Mais **informação** pode ser acrescentada a **informação** , dando-lhe novos níveis de organização. 6. Energia, matéria e **informação** são conversíveis uma na outra. Stonier (1997, p. 18) propõe a formula E = TI, onde E representa a energia e o trabalho dados em joules, I a **informação** dada em unidades de **informação** - 1023 bits e T representa a temperatura,dada em kelvin.
A conversão da energia em matéria e dada pela famosa equação E = mc2. 7. O continuo incremento de **informação** para a matéria resulta em uma transição de fase para um novo patamar de organização, no qual os padrões de organização são refeitos. 8. **informação** pode existir em muitas formas: estrutural, cinética, temporal, espacial, biológica, linguística humana, codificada por maquinas, etc. 9. Como a energia a **informação** manifesta-se em graus. 10. A **informação** contida em um sistema é função das relações simples existentes dentro de outras relações mais complexas, constituídas dentro do sistema. 11. **informação** é conceitualmente diferente de padrões (patterns). 12. Assim como o fóton e a partícula de energia, o infon é a partícula de **informação** .Embora, o matemático Keith Devlin (1991) utilize o mesmo termo \infons" em seu trabalho sobre Logica e **informação** , não faz referencia ao mesmo conceito. Stoiner propõe o termo 'semion' para designar o conceito apresentado por Devlin: objetos semânticos, não sintáticos, dentro de uma mensagem. Entretanto esta linha de conceitos sobre a **informação** não é a única. Bates (2005) considera que um problema crítico em tomar a **informação** como padrão de organização da matéria é que ela não endereça diretamente o problema do significado. 43- 44.

Estrato-Essência 266	**Dissertação**	**MARCIANO, João Luiz Pereira. Segurança da informação: uma abordagem social, 2006.**

O conceito de **informação tem sido discutido e apresentado sob diferentes facetas** por diferentes autores, a depender do contexto em que se realiza a explanação. Desnecessário dizer que cada faceta é complementar às demais. Apenas para citar-se alguns exemplos, Shannon (1948) apresenta-a como um elemento mensurável e dependente do âmbito de seu emissor e receptor, ao passo que Henessy e Babcock (1998), por sua vez, situam a informação como indicadora de variabilidade controlada[...]
Valor: valoriza-se não somente o que se sabe, mas também, e em muitos casos até mais, o que não se sabe. Transações entre indivíduos, empresas e governos são cada vez mais baseadas na troca de informações, que substituem os ativos tangíveis e o papel-moeda. O grau de conhecimento a respeito dos bens de troca e da situação dos prováveis parceiros ou concorrentes, por sua vez, assume papel cada vez mais preponderante. Diversos modelos para a valoração da informação têm sido apresentados, tais como o de Dickhaut et al. (2003) e o de Henessy e Babcock (1998). [...]. Observe-se que a temporalidade está, em muitos casos, instrinsecamente relacionada ao valor e ao usuário em questão.
Abrangência: mede o número de usuários (sejam eles humanos ou sistemas automatizados)com o qual a informação se relaciona, bem como o nível hierárquico em que se encontram. Em muitos casos, quanto maior

o valor da informação tratada, menor sua abrangência, mas há pelo menos um caso em que isto não se verifica: a chamada lei de Metcalfe, segundo a qual o valor de um sistema de comunicação é proporcional ao quadrado do número de seus usuários (ANDERSON, 2001) - observe-se que a informação é parte integrante do sistema de comunicação, como na internet, para citar-se o exemplo mais evidente.
Extensibilidade: mede o grau com que a informação é capaz de originar mais informação, de valor e relevância comparáveis ou superiores à informação original. Apenas para citarse um exemplo, este é um dos pilares da comunidade de software aberto, mas deve-se ressaltar que isto não implica a gratuidade da informação assim disseminada. A gestão do conhecimento, com seu enfoque voltado à formação e à preservação do capital intelectual, é outra área afeita a este conceito. p.44- 45.

Estrato-Essência 267	**Dissertação**	**PEREIRA JÚNIOR, Romualdo Alves. Uma proposta de arquitetura genética da informação, 2013.**

Sterelny e Griffiths (1999) afirmam que o conceito de gene evolucionário é de "unidade de informação pura", onde o DNA é o meio e o gene é **a informação** transcrita e codificada pelamolécula de DNA, i.e., um pacote de informação.
As entidades que exercem um papel importante na evolução são os replicadores e os interagentes:
Os replicadores são genes copiados para a próxima geração (cadeias de replicadores copiados compõem as linhagens). Carregam a receita ou o programa de construção dos organismos. Seus padrões sobrevivem intactos, dando origem a uma sequência potencialmente ilimitada de cópias descendentes. Eles interagem com o meio-ambiente com sucesso diferenciado, construindo entidades com propósito específico, por meio de veículos que transportam **informação**.
Os interagentes são usualmente os organismos, colônias e populações. Reproduzem-se de maneira diferenciada, podendo ser ser simples ou agressivos. Os sistemas de herança compõem-se de elementos da célula que causam variações que serão herdadas nas próximas gerações (epigenética) ou a informação manifesta no ciclo de vida de um organismo é reconstruída por si mesma no desenvolvimento da próxima geração (ontogenia). Gibbs (2003) afirma que os biólogos supunham que apenas as proteínas regulassem os genes dos seres humanos e de outros organismos complexos. [...] 99- 100.

Desinformação

Estrato-Essência 268	**Tese**	**VIGNOLI, Richele Grenge. Informação líquida: contribuições teóricas à ciência da informação e à organização do conhecimento, 2021.**

Buckland (1991) comenta que informação não pode **significar incerteza**, pois se presta a informar, estar informado e a reduzir a ignorância. No entanto, apesar do reducionismo da Teoria, na ciência da informação contemporânea e contextos virtuais, a de considerar que há excessos de informação e que em muitos casos, pode haver mais incertezas ou dúvidas do que sua dissolução. Talvez o momento seja de reavaliar que tipo de informação é transmitida a sujeitos, em especial, no caso de pósverdade[...], desinformação[...] ou fake news.[...]. p.294.
A desinformação ocorre quando a informação possui intenções claras de enganar (FALLIS, 2015). p.294.
Sobre as funções da informação, para Foskett (1970), pouco importa quando começa ou termina, inicia ou finaliza o conhecimento, já que não é salutar saber se a informação é falsa ou verdadeira, mas se é relevante ou pertinente. Na **verdade**, o **falseamento** e a verdade da informação têm importado cada vez mais na ciência da informação e na organização do conhecimento, a partir de fenômenos de **pós-verdade**, desinformação ou **fake news** em evidência na contemporaneidade. Como um construto social, a ciência da informação passou a preocupar-se com a qualidade e credibilidade da informação e do conhecimento divulgados sobretudo, nas mídias socias. p.313
Mas ainda assim, velhos problemas acometem os sujeitos da informação, pois esses indivíduos desconhecem formas e trajetos para recuperar informação de qualidade, em que se destaca os fenômenos da pós-verdade, **desinformação** ou **fakenews** em situações diversas, como a COVID-19. Outrossim, são muitas informações disponibilizadas e ainda mais dificuldade para a filtragem, tanto em quantidade como em qualidade. p.328.
As publicações da população nas **redes sociais** a respeito da pandemia têm demonstrado aos cientistas, entidades de saúde mundiais e aos governos, que o problema da desinformação e **fake news**, principalmente relacionadas à vacinação e movimentos antivacina, demandam esforços contínuos e múltiplos na tentativa de salvar vidas (VIGNOLI; RABELLO; ALMEIDA, 2021). p.515
No que concerne à qualidade da informação, os aspetos derivativos da **desinformação**, **misinformação**, **fake news**, **pós-verdade** e outros fenômenos da informação, sobrepõem-se à realidade da sociedade e da própria ciência da informação. Para Araújo (2020), as noções de verdade da informação nunca foram destaque na ciência da informação. A referência se estabelece no conteúdo da informação e se é verdadeiro ou falso. A questão da verdade da informação propagada está paulatinamente aplicada nos conceitos de desinformação, **misinformação**, **fake news** e **pós-verdade**. p.515.
A respeito dos fenômenos das **fakes news**, **desinformação**, **misinformação**, **pós-verdade** e outros, a ciência da informação tem colocado em sua agenda de pesquisa as discussões de como conter, coibir ou proporcionar

uma informação verídica aos seus sujeitos da informação. Mas não pode, contudo, impedir sua produção e dissipação – não pode controlar sua proliferação. p.518

Nos fenômenos que circunscrevem a verdade e a mentira, ou o falseamento das informações vistas nas **fake news**, desinformação, **misinformação** e **pós-verdade**, o controle desses fenômenos ou manifestações sociais, não é ou pode ser um caminho a ser percorrido na ciência da informação. Mais valerá, nesses casos, atuar sobre como tornar os cidadãos críticos em informação ou em divulgar informação confiável do que creditar suas consequências à informação líquida ou **pós-modernidade**. p.522.

Estrato-Essência 269	**Dissertação**	**SALINO, Deila Batista.Lei de Acesso à Informação no contexto dos Tribunais de Contas: a pragmática da transparência a partir da filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein, 2016.**

Podemos compreender a **informação** como processo que atribui sentido e a construção da informação cabe observar como ocorre o seu uso no contexto sócio-histórico-cultural. Ao se tratar de informação, observamos que a mesma pode ser analisada por diferentes aspectos por ser parte de um processo social e, assim, a informação pode ser também transmitida sem corresponder à verdade, o que pode se caracterizar uma **desinformação**.

Para Matheus (2005, p. 156), a ciencia da informacao deve considerar a **informacao** e a desinformacao como objetos complementares de estudo.Nesta perspectiva, segundo o autor o estudo da desinformacao deveria ser um campo de estudo da Ciencia da Informacao. Segundo Brito e Kerr (2014, p. 3) a **desinformacao** significaria ausencia de cultura ou competencia informacional, impossibilitando que o usuario localize por si mesmo a informacao que necessita, nao chegando, portanto, as suas conclusoes. A construcao de sentido de uma palavra se da tambem em funcao de suas oposicoes. Assim, partindo da concepcao que as coisas nao existem por si proprias, mas somente na medida em que sao pensadas e idealizadas pelo homem, ao falarmos de informacao publica., devemos pensar, tambem, o que seria a **desinformacao** publica.. Na visao do segundo Wittgenstein a linguagem e uma atividade inserida no contexto social das pessoas, atraves de suas necessidades para conviver em sociedade e nao apenas um meio de informar. Para que as palavras possam exprimir exatamente o que elas significam, e aconselhavel ao interprete adiar seu significado observando a palavras suplementares e as de sentido contrario. p. 52.

Desinformacao e o ato ou efeito de desinformar, isto e, deixar de informar ou informar erroneamente; **falta de informacao, informacao desvirtuada**, fazer com que algo perca suas propriedades originais com o proposito de enganar. Assim, as informacoes podem ser classificadas como imprecisas, enganosas, falsas ou erradas, o que de forma negativa pode chamar de desinformacao. Segundo Macorano ([s.d], p.77) • \a falsa **informacao** ou **desinformacao**., da mesma forma que tautologias, sao classificaveis como informacao. e Floridi defende que nao existe informacao sem dados bem formados e significativos.

Para Durandin e Meler (1995, p.22) ocorre a **desinformação** quando há intenção de ―induzir a erro mediante o uso de informações falsas‖. O que podemos perceber é que no processo de análise da informação, principalmente de ordem pública, a relação de poder devemos atentar para a intenção da transmissão da informação devido à possibilidade de existência de manipulação de poder, podendo perpetuar uma cultura do segredo.

Bobbio (1987, p.28) destaca que, na **dicotomia** entre o que pertence à esfera pública e o que é pertencente à esfera privada, ―o segredo de Estado num Estado de direito moderno é previsto apenas como remédio excepcional. (GRACIOSO, 2010, p.286).Podemos dizer que a garantia e a veracidade de informações são umas das formas de evitar a desinformação. Para Grice (1989, p.45) ―**informações falsas** não são um tipo inferior de informações; ele simplesmente não é a informação‖. O autor acredita que a falsa informação é **pseudo-informações** e confusão sobre a natureza de informações falsas parece ser gerada por uma analogia enganosa. Os casos mais comuns de desinformação são proposições falsas e dados incorretos. Agora uma proposição falsa ainda é uma proposição, mesmo se ele está ainda qualificado como não sendo verdadeira. O mesmo vale para dados incorretos. Da mesma forma, podemos pensar que a desinformação é ainda um tipo de **informação**.Quanto às Cortes de Contas, estas devem assegurar que as **informações** coletadas em sua fiscalização sejam fidedignas e reflitam a realidade e sejam acessíveis pela sociedade de forma transparência, com visibilidade na gestão fiscal em detrimento ao sigilo ou mentalidade de que este fato não caracteriza desinformação. Assim, a palavra desinformação carece de maior atenção por ser um tema que aborda a informação por um processo que envolve relações de poder. Sob o olhar interpretativo pragmático da linguagem específica dos Tribunais de Contas Brasileiros emerge uma compreensão do que seria então ―**informação** pública‖, uma vez que a linguagem é influenciada por um conjunto de práticas sociais cotidianas.

Meta-informação

Estrato-Essência 270	**Tese**	**MENEZES, Vinicios Souza de. Rasum tabulae: um limiar metafórico-escritural dos estudos da informação, ou, Le Livre, 2017.**

González de Gómez (1995) trata da passagem do estado de estocagem (**metainformacional**, talvez) para um ser em rede da informação. Enquanto uma ação intermédia, a informação gestaria a relação entre o conhecimento454 e a comunicação455, “as ações sociais que têm como finalidade a definição do que seja o

conhecimento e a comunicação são as que estabelecem, em cada caso, as possibilidades e limites do que seja entendido como ação de informação" (1995); num segundo momento, no texto Caráter seletivo das ações de informação, González de Gómez (1999, p. 25, grifo nosso) avançando a temática da sua fala anterior, manifesta: [...]Essa "dobra" da **informação** – **informação** e **informação** sobre **informações** – surge em meio às ofertas enunciativas do conhecimento e da comunicação[...], não alheia às demandas ético-políticas, mas pelo contrário, na esfera desses interesses que constituem o espaço da vida política: "[...] o inter-esse, aquilo que está entre os homens. Esse espaço-entre (in-between), comum a todos e, portanto, concernente a cada um, é o espaço no qual a vida política ocorre" (ARENDT, 2011, p. 282). Considerando a ação como a condição central de todo o **domínio da política e a informação** enquanto uma figura representativa desse espaço medial onde ocorre a política e a ética, deglutiremos em nosso devir escritural a medialidade implicada na informação e em suas ações socialmente vinculadas pelas suas relações[...]. p.237- 238.

Estrato-Essência 271	**Dissertação**	**MATOS, Maurício Torres. Intersecções entre a ciência da informação e a ciência de dados: contribuições para os sistemas de informação governamentais, 2021.**
O interesse da CI em sistemas de informação justifica-se por estes constituírem:**citação** uma ferramenta indispensável na produção, organização (**metainformação** ou metadados), armazenamento e recuperação da informação, incorporando na área da organização e representação/recuperação da informação as técnicas há muito inventadas, como sublinhou Lancaster, e assumindo estudos infométricos em ambiente digital ou webmétricos: é impossível trabalhar e estudar a informação, sem ter em conta o sofisticado meio ou suporte onde ela hoje e no futuro se encontra registada (SILVA, 2007, p. 42). p.23.		
Informação científica e tecnológica		
Estrato-Essência - 272	**Dissertação**	**VASCONCELOS, Mayara Cintya do Nascimento. Informação científica e tecnológica no Brasil: análise da produção periódica da Ciência da Informação, 2020.**
A **informação científica e tecnológica** (ICT) desempenha um papel significativo no desenvolvimento das nações em diversos momentos históricos da humanidade, podendo ser utilizada tanto para dominação e repressão quanto para promoção da paz. O anseio para se ter o controle desse tipo de informação foi um dos motivos impulsionadores para o surgimento da Ciência da Informação durante o conturbado período da segunda grande guerra mundial. Desde sua concepção a área preocupou-se com questões relacionadas à ICT, como destaques tem-se os estudos sobre os fluxos, a comunicação e o uso dessa informação tanto no meio organizacional como para o desenvolvimento de um país. Informação essa que é "alimento" para a produção da comunidade científica e para o desenvolvimento da ciência e sociedade. É inegável que **a informação científica e tecnológica é imprescindível para o progresso das sociedades e** é por meio das pesquisas que visam a avaliação desse tipo de atividade que as políticas para investimentos são direcionadas.O ponto de partida para a produção da **informação científica e tecnológica** é a comunidade científica que, diferente do que é comumente difuso, é um grupo social assim como tantos outros. p.14.Quanto à importância para a área **de Ciência da Informação** pode-se argumentar que a informação científica e tecnológica sempre esteve em foco nos estudos da área desde sua gênese, sendo um dos pilares de pesquisa estudar o fluxo da informação, a comunicação e o seu uso. p.15.A **Ciência da Informação**, embora não seja a única, é uma das áreas que mais realizam estudos sobre **a informação científica e tecnológica**. Pesquisas essas realizadas desde a gênese da área com foco na produção, comunicação e uso. p.25. p.25 26.		
Estrato-Essência 273	**Dissertação**	**RENAULT, Leonardo Vasconcelos. A ciência da informação e sua configuração epistemológica: análise com base nas linhas de pesquisa da área, 2007.**
Resta-nos então, identificar o modelo com o qual se trabalha nesta linha de pesquisa. Pinheiro (1997) lança mão da idéia de uma **informação tecnológica** que diz respeito à uma racionalização do conhecimento, fazendo inclusive uma aproximação com Wersig e o seu modelo de ciência pós-moderna para a CI. p. 113.		
Estrato-Essência 274	**Dissertação**	**DUARTE, Andre Felipe Pinto. Recentes tentativas de consolidação da Ciência da Informação enquanto campo científico no contexto das reflexões sobre a ciência, 2001.**
Dentre todas as formas de abordagem do conceito chama a atenção, para os propósitos deste trabalho, a perspectiva elaborada por Sokolov e Mankevich, para os quais existiriam **três tipos distintos de informação:** 1) elementar ou física; 2) biológica e; 3) social. Segundo esses autores, a ciência da informação diria respeito ao estudo desta última categoria, ou seja, **a informação enquanto fenômeno social** (PINHEIRO e LOUREIRO, 1995, p. 45). Percebese, a partir da distinção operada por Sokolov e Mankevich, que, embora possa ter se originado enquanto conceito físico (HARTLEY, 1928, e operacionalizado como grandeza física observável e mensurável por Shannon - 1949), o conceito de informação, através de sua contínua e conturbada evolução possibilitou a conformação de fenômenos diferentes. Não é o caso de uma heterodoxia em relação à definição do conceito, como configurado no interior da ciência da informação, por exemplo.. p. 81-80.		